A CAPITAL

3796 — 11.° ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.°; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 1 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Situações diferentes

Embora isso se não tenha afirmado expressamente, o facto é que se pretende estabelecer uma estreita aproximação entre o procedimento do sr. Antonio José de Almeida, na ultima crise politica, e o do sr. Manuel de Arriaga, no episodio de que resultou a ditadura Pimenta de Castro.

E' o que se conclue da insistencia com que se fala d'um golpe de Estado no caso presente, como golpe de Estado foi o constituido pelos sucessos de 1915, que ainda estão na memoria de todos.

Basta uma simples exposição defactos para demonstrar que só por ignorancia ou má fé se podem comparar dois casos que teem caracteristicas essencialmente diferentes.

Em janeiro de 1915 realisou-se efectivamente um golpe de Estado, que só pode ser atenuado pela critica historica atendendo aos intuitos que a ele presidiram e que não eram evidentemente de tirania ou traição á Republica partindo d'um democrata com tão belas tradições como o dr. Manuel de Arriaga, então Presidente da Republica. Mas golpes de Estado são aquelas infracções á constituição que partem dos altos poderes do Estado, e o sr. Manuel de Arriaga, chamando ao poder sem nenhumas indicações constitucionaes, o general Pimenta de Castro, e consentindo-lhe até o encerramento violento das Camaras, praticou evidentemente um golpe de Estado.

Nada que se pareça com isso succedeu agora.

Não foi o Presidente da Republica que desencadeiou os acontecimentos ou praticou qualquer acto contrario á Constituição do Estado. Não demitiu o governo Bernardino Machado, porque foi este que pedia a sua demissão colectiva.

Não entregou o poder a nenhum cidadão seu afeiçoado, porque consultou os presidentes das camaras e os chefes dos partidos, nomeando um governo sabido d'um partido Constitucional, não só dispondo de forças proprias, mas constando tambem com o apoio d'outro grande partido. E se o parlamento fôr encerrado, não o será em virtude de nenhum acto de puro arbitrio, mas sim pela aplicação d'uma faculdade Constitucional.

Como se vê, não houve nem ha nenhuma especie de golpe de Estado. Se se deram factos censuraveis, o sr. Presidente da Republica não tem deles as responsabilidades, e ninguem poderá negar que todos os seus esforços se encaminharam desde o primeiro instante para fazer entrar tudo dentro das perfeitas normas constitucionaes.

Todos os ataques de que o sr. Presidente da Republica seja alvo representam uma injustiça, tanto mais condenavel quanto se baseia numa falsidade.

A caminho da Promissão

O emprestimo e o trigo

O emprestimo se não está feito tem de se fazer. O governo não está habilitado com a reserva de ouro suficiente para a compra dos trigos.

E assim, ou ficamos sem pão ou se aceita aquela operação de credito. Pensa o governo, pensará talvez o sr. ministro das finanças em limar a unica aresta que se supoz poder vir a ser de vantagem duvidoso, aquele que corresponde a ficarmos enfeudados a um só fornecedor. Pretende-se uma clausula em que se determine os preços minimos, pela qual se nos assegura que barateando a vida em toda a parte, nós não fiquemos a comprar mais caro.

Esta é todavia uma exigencia desnecessaria. Como já o provei, a America, emquanto a Alemanha se não refaça, onerada como está com os 50 %, e com a frota mercante tão reduzida, não corre risco de ser batida comercialmente, e portanto os seus fornecimentos virão em boas condições. Não se pode contudo levar se não a bem tudo quanto o governo faça para acautelar os nossos interesses, e neste sentido me pronunciei ainda ha pouco.

Assentando pois que teremos pão, sem o ouro voltar áquela ascenção triunfal que aos cambialistas tanto aprazia e reconfortava vejamos agora o que convirá pôr em pratica para o futuro.

Em Portugal, e foi sempre assim, preferiu-se encher a bolsa do estrangeiro a melhorar a situação dos nacionais.

E' a historia das concessões no ultramar que o atesta. Um extrangeiro que tem uma pretensão, não encontra senão facilidades. A um portuguez que a tal se abalance deparam-se-lhe barreiras invenciveis por todo esse mundo oficial. Todo este estorvo assenta no sentimento predominante da nossa gente: a inveja, a inveja do que está proximo, do que nós vemos todos os dias, do que móra ao pé de nós, do que aparece na nossa sociedade, do que pode cortejar as mulheres que nós cortejamos. Só a inveja explica a corrente contraria com que alguns espiritos emprehendedores se teem de medir esforçadamente para nem sempre vencerem.

Ora é necessario, estudar bem este sentimento, descer ás suas manifestações na vida comum de todos os dias, em que a sua substancialidade damninha nos aparece sobre tão variados aspectos sociaes, para nos convencermos d'esta coisa triste: que á inveja devemos a nossa decadencia. Como sua expressão verbal, a má-lingua aí está, estupida e improductiva, a completar-lhe a obra. A esta ultima pude outro dia referir-me.

Mas vamos ao que importa:—se não fosse a feição estuporada do portuguez que não vê com bons olhos o engrandecimento do seu visinho ou parente, do seu conterraneo ou compatriota, ja ha muito que o «deficit» do trigo estava extincto. Não faltam no paiz e fóra d'elle nas colonias, logar azado á sua cultura.

Para que houvesse trigo suficiente para o nosso consumo, bastaria que os governos tomassem esta medida, aliás simples e necessaria: a venda do trigo nacional, pelo mesmo preço porque nos fica o exotico, e vindo do extrangeiro.

O lavrador e lançaria á terra em abundancia, desde que visse uma cultura assim remuneradora. As proprias obras de irrigações projectadas, para que o Alemtejo se converta em celeiro do paiz, seriam levadas a efeito pela iniciativa particular, se não andassem com tabelas de fixação de preços para os nacionais, importando-o por todo o preço. Deixem o livre concurso dos trigos, que o agricultor portuguez tenha a certeza de que pode acompanhar a alta do trigo importado,—e todos veremos como por muitos caros que os cereaes se paguem, sempre nos resta a vantagem enorme desse dinheiro ficar cá dentro, permanecer entre nós.

Conheço a questão dos cereaes em Inglaterra, onde foi necessaria a sua importação, para acabar a alta de preços de trigo que arruinava as industrias pela alta de salarios que era preciso manter para a alimentação do operariado.

Importou-se trigo, abriram-se os diques ao trigo exotico, e com este fenomeno de ordem economica se desconjuntou o regimen senhorial, passando a hegemonia dos «lords» senhores das terras, para os «lords» de hoje, senhores das fabricas.

Mas o caso era outro; é que os productores de cereaes forneciam-no por preços elevadissimos.

Por cá sucede justamente o contrario. Inventaram-se tabelas; que desanimam os agricultores, fazendo da cultura, que é a mais necessaria ao consumo nacional, a menos lucrativa, talvez. Permitam os governos que os portuguezes vendam o seu trigo ao preço por que nos fica o exotico, e verão, se passamos a te-lo, suficiente para as despezas da casa, e pago em escudos, ou não?

A quem pode não convir esta medida?

Pela certa, só aos que esperam continuar a fornecer o ouro com que ele se vae adquirir lá fóra.

Venha o trigo de fóra; mas deixem que se torne seductora á força de lucrativa a sua cultura cá dentro, e verão como dentro de alguns anos nos veremos livres da maior drenagem de libras com que a nação, assistindo á esterilisação do seu solo, anemisa o seu erario.

D. Thomaz de Noronha.

DIZE TU DIREI EU

DIALOGO

Personagens: *Digo eu, cronista*
Dizes tu, leitor

Eu:—Como estás...

Tu—Bem, deixame em paz...

Eu—Estás arisco, o que tens?

Tu—Nada. Deixa-me só, não estou para te aturar...

Eu—Mas que te fiz eu... que te disse?

Tu—Nada. Tu infelizmente fazes sempre a mesma coisa: Massas-me. Não te tolero, não te leio—Em resumo, sabes?—és insuportavel, não te gramo!

Eu—Mas, porque é isso tudo? Acaso me achas peor, diferente dos outros?

Tu—Ah, mas é que eu tambem detesto os outros! Detesto-os a todos—a todos ouviste? Que ilusões que vocês teem... Eu não os leio, ninguem os lê. Eu aborreço-os—toda a gente os aborrece...

Eu—Mas se não nos lês, como nos detestas?

Tu—Li-os... Foi uma vês, bastou. Vocês repetem-se sempre, insuportavelmente. Ninguem os lê, acreditem...

Eu—Mas se nos não continuas-te a ler, como sabes que nos repetisto?

Tu—Lei-os, uma vês... por outra, ao acaso... quando calha,—a quando não ha positivamente mais nada que fazer. Os cronistas literarios são insuportaveis. O publico está farto deles. O publico quer vida, eles dão-lhe literatura.

O publico quer uma conversa amavel, espirituosa, amena, quer distrair um intervalo de teatro, assentar uma digestão, tomar um café—vocês impingem-lhe a «Sua Arte»—que talvez por ser tanto de vocês não é de mais ninguem.—Ora a «Sua Arte» é massuda, é indigesta, é peganhenta... Porque não conversam como toda a gente? E' essa a sua missão: conversar com todos...

Eu — Ah! mas eu não transijo! A «arte de todos»... Mas isso é a democratisação da arte, a sua falencia — a nossa arte é só «para os olhos que a saibam lêr, para as almas que a possam sentir», lá diz o Pimenta — e, pelo mesmo caminho, vamos nós tambem! Transigir em arte é morrer! — e nós somos novos — Que culpa temos nós que sejas rabujento?

Tu — Não é rabugice. Ora ouve: Que me importa a mim que tu tomes chá e que tenhas sobre a meza uma faiança Delft?

Eu — E' «smart», é distincto...

Tu — Pois sim, mas não me interessa. Podes dizer-me isso por uma vez! Que pode interessar-me que fumes «bout-rouge» ou «bout-doré», que te sentes num «maple» ou numa cadeira de palhinha? O que eu queria é que me falasses da Vida. Sabes? Da Vida com V grande, desta grande vida que se vê na rua, daqui da janela, ás 7 horas, Chiado acima. Pois não ha nesse formigueiro imenso, nada que te impressione mais que o teu chá, o teu «bout-doré» a tua faiança Delft?

Eu — Então. Sou um contemplativo, um intimo... Vivo de mim, para mim...

Tu — Então com que direito te vens mostrar aos outros — pretendendo fingir que queres viver para eles?

Eu — Eu escrevo como quero. Se não queres não leias!

Tu — Escreves mal. Não tenhas a pretensão de ficar. Quem escreve só de si, precisa de escrever muito bem — senão os escritos ainda morrem antes de quem os escreveu. Não tenhas, repito-te, a pretensão de ficar...

Eu — Mas quem te disse que eu queria «ficar». Pelo contrario, eu «passo», pois quem sou eu?

O HOMEM QUE PASSA

Taça Mutilados da Guerra

Os entraves que a Associação tem oposto á realisação d'este torneio de beneficencia organisado por "Os Sports"

A atitude do Imperio-Lisboa

O jornal «Os Sports», *pelo motivo do actual conflito existente nas tipografias de obras, não poude inserir no numero de amanhã o artigo que segue, por isso o publicamos nesta secção, tanto mais que o assumpto do torneio da taça Mutilados da Guerra não é estranho a* Capital *como os nossos leitores muito bem sabem:*

A. de C.

E' simplesmente extraordinario que tantos entraves se tenham levantado á realisação do torneio de foo-ball que «Os Sports» desinteressadamente promove e cujo fim é angariar um donativo para os mutilados de guerra portuguezes! E como devemos dar aos nossos leitores conta do que se tem passado, vamos fazel-o com a maxima clareza, para que se não possam atribuir culpas a quem as não tem.

Tinha sido falado entre um director da Associação e um membro da comissão organisadora do torneio, que este escolheria para disputa da final o domingo 5 de junho ou o domingo 19, ficando assente que no dia 27 do mez passado, esse membro da comissão diria á A. T. L., qual o dia que havia escolhido, para então ficar marcado oficialmente e a Associação poder elaborar o calendario dos jogos da Taça de Honra. Resolve, porém, a direcção da A. T. L. não ceder o dia 5, escolhido pela comissão, alegando que não havia dito que cederia esse dia, pois não teria tomado conhecimento do que, embora não oficialmente um dos seus directores—aliás a cargo de quem está a marcação de desafios—houvera tratado com o membro da comissão. Quer dizer: a direcção da Associação não quiz honrar o compromisso tomado por um dos seus membros, quando é certo que na propria A. T. L., estava assente que seria cedido o dia 5, como se prova com um cartão assignado pelo sr. Santos Barão, que é quem trata do expediente da A. F. L. sob as ordens dos seus directores, cartão esse dirigido ao nosso redactor principal e que diz o seguinte:

«Peço a sua valiosa cooperação nos desafios de domingo cujo reclamo muito pode influenciar no fim humanitario que um deles representa. **Rogo-lhe mande um oficio pedindo á Direcção o 1.° domingo de Junho para a final da Taça Mutilados».**

Ora se não houvesse da parte da Associação a resolução de ceder o domingo 5, não precisava que lh'o pedissem.

Vê se, portanto, que houve má fé na resolução que afinal a A. F. L. tomou não cedendo esse dia. Só se pode atribuir isto a uma vingança da Associação contra o Sporting e o Casa-Pia, por estes clubs se não terem inscripto na Taça de Honra, por entenderem já prolongada a epoca de foot-ball, e quer assim obrigal-os a terem de jogar ainda mais tarde.

Todas as deligencias se empregaram para demover a A. F. L. da sua antipatica resolução, mas nada se conseguiu.

O caso é que «Os Sports» não pede nada para si, mas unicamente para uma obra de beneficencia, ante a qual todos os interesses da Associação deveriam desaparecer. O publico será o melhor juiz para julgar a nada louvavel atitude da A. F. L., que tantos favores vem recebendo de toda a imprensa e talvez muito especialmente de «Os Sports» que *gratuitamente* lhe tem feito o maximo reclame a todos os seus desafios.

Em face do facto da Associação não ceder o domingo 5, a comissão resolveu efectuar a final da «Taça Mutilados» no sabado 4; para compensar a receita deste desafio, que seria certamente diminuida por o jogo ser num dia de semana, propoz um membro da comissão que a A. F. L. destinasse uma percentagem do jogo final de 2.ª categoria realisado no passado domingo, jogo esse que, a pedido da Associação, tinha a valorisal-o a mais importante meia-final da «Taça Mutilados», Casa-Pia—Sporting, desafio que levou ao campo de Bemfica a grande maioria do publico que lá estava.

Pois a Associação, a quem a comissão confiou a fixação da referida percentagem, teve o gesto magnanimo de oferecer 10 %!... Ninguem poderia supor um tal acto da A. F. L., porque o justo, em opinião geral, é que a receita do desafio deveria ser dividida em partes eguaes para a Associação e para o donativo a entregar aos mutilados. Porisso resolve «Os Sports» não aceitar os taes 10 %, considerando a Associação devedora de metade da receita liquida desse desafio ao *Hospital dos Mutilados da Guerra*

Não póde haver ninguem que não pasme ante estes factos.

Houve, tambem, algumas tentativas junto do mais influente director do Imperio Lisboa-Club, para que este acedesse em jogar no sabado 4 a sua eliminatoria da Taça de Honra com o Bemfica, cedendo o domingo para a final da Taça Mutilados. O Bemfica prontamente acedia a este pedido da Comissão, mas o Imperio não procedeu da mesma forma, alegando que os seus homens não podiam jogar ao dia de semana, e que se via prejudicado na parte financeira.

E' isto! a parte financeira é que está sempre acima de tudo e depois, se a gente lhes fala nisso, é porque somos máus. Um club que durante a epoca joga uma longa serie de desafios em que aufere receita, não póde sacrificar em algumas dezenas de escudos uma dessas receitas, beneficiando os mutilados, mas pode aproveitar-se dum importante desafio deste torneio para valorisar um seu match com um team espanhol que aqui esteve.

Isto, meus senhores, não é fazer sport nem ser humanitario; é fazer foot-ball por dinheiro. O publico julgará tambem a atitude do Imperio Lisboa Club.

E que mais haverá ainda?!

«Os Sports» não está trabalhando para si, mas apenas para auxiliar os bravos mutilados portuguezes e apela porisso para a boa-vontade de todos em cooperarem nesta obra.

Por agora ficamos por aqui, porque em qualquer altura terá oportunidade o mais que ha para dizer.

Arranjemos as nossas casas

Um livro de Raul Lino que é um tratado de bom gosto. Eça de Queiroz, Ramalho e os «interiores» Lisboetas de 1880. Comedias de Gervasio e «Rua dos Fanqueiros, 155, 4.° D». Avenidas Novas, brazileiros de mau gosto e a furia do bric-a-brac. Casas de cão e casas de gente

Ao arquitecto Raul Lino, artista de rara compleição, se deve o inicio do desbravamento estético, cuja crise assustadora avassalou, nos ultimos cincoenta anos, de lés a lés, esta sociedade portugueza, que tem sido na Europa a mais macaqueada imitação dos francezismos duvidosos de exportação.

Com efeito, essa admiravel plaquete da «Nossa Casa», despretenciosa, fresca, escrita de um folego com um sorriso nos labios e uma grande ternura no coração, vale por um tratado de estética, volumoso, possante, inabordavel.

Raul Lino é o creador da «Nossa Casa», melhor, da estetica portugueza. Os seus percursores foram Eça, Ramalho e Fialho, quando escalpelisaram implacavelmente os «interiores» burguezes da Lisboa do «Passeio Publico» e dos «bicos de gaz». Aquelas «salas de visitas» fechadas e humidas, com os indispensaveis tronós de mogno, os buzios, as cortinas de renda, a almofada do papagaio e missanga, o tapete felpudo, o espelho dourado e o relogio de redoma, quasi teem permanecido até aos nossos dias invulneraveis como o ritual de certas instituições religiosas.

Ha pouco ainda, quando o pano do Avenida subiu na «Lisboa em camisa», sobre um «interior» burguez de 1880, eu reconheci a fisionomia actual de certas casas portuguezas, a que nem faltará o enevitavel «pendent» de retratos a crayon, com um «ar de familia»...

Essa «nova estetica» que Raul Lino com rara felicidade creou no seu livro é digno de ser popularisado, de ser pregada aos quatro ventos, por todas as formas, em jornaes, em revistas, em livros, em conferencias. E' a estetica da casa, o culto do arranjo das habitações—esse culto da harmonia, do arrumo, da selecção, do aceio, que tanta falta faz nas casas portuguezas. O portuguez não fica em casa, pela razão simples que não teem casas.

E' claro que no chavascal imundo de dois cubiculos, sem ar e sem luz, onde meia duzia de tarecos desilegantes e tortos dão uma nota miseravel, não apetece viver. Mas se a «nossa casa» tiver um «cantos» agradavel, comodo, se um «abat-jour» transparente quebrar a luz doirada do petroleo, se houver sobre a mesa um molho de cravos frescos e se tivermos um livro para ler... apetece ficar em casa. E' essa vontade de vivermos no «nosso buraco» esse amor ao «canto», que Raul Lino, expõe maravilhosamente na sua «plaquet» encantadora da «Nossa Casa».

Não se julgue que é preciso dinheiro para arranjar uma casa «simpatica», que são precisos, doirados, veludos, estofos, moveis de estylo, para uma habitação confortavel. Não. Qualquer operario, qualquer modesto trabalhador pode, e tem o direito de ter uma casa confortavel. Conforto e riqueza são coisas diferentes, e andar quasi sempre desligadas. E' talvez, até, muito dificil juntalas.

O que Raul Lino justamente ensina é a arranjar casas pobres, e dar harmonia aos «interiores» modestos e dar encanto as habitações sem luxo. Que diferença não existe entre a casa de Roque Gameiro na Amadora, onde as velhas chitas portuguezas são os estofos e as cadeiras «fradescas» os «mapples» e as casas ricas e brazileiras das Avenidas Novas.

Raul Lino, ensina-nos ainda—e não esse o ponto de vista menos importante da sua obra interessantissima—a termos uma arte actual, nossa, digna dos nossos dias. E' essa a unica defeza que podemos opôr á furia doentia do «bric-á-brac», a que impunemente assistiam, e que não raramente se confunde com bom gosto, o que afinal não é mais do que uma insuficiencia do gosto.

Quando os nossos arquitectos fizerem justiça a esse homem que sonha procurar nos velhos motivos da arte portugueza toda a sugestão da sua arte, tão pessoal, tão lusitana, e refazer todo o gosto perdido duma raça, talvez deixem de se construir em Portugal mais «casas de cão» e se passem a construir, entre nós, mais «casas de gente»...

Doidos eles!

1921. As "bôas festas".

Nota. *Esta crónica foi escrita para aparecer em publico num dos primeiros dias do ano corrente. O não ter eu podido completar de pronto a série que ela inicia e, posteriormente, a gréve jornalística determinaram a demora da sua publicação.*

Extemporaneos agora os cumprimentos de bôas festas, conservo-os para não ter de modificar a crónica.

31 de Dezembro.

Ainda se sente o ar alegre da festa do Natal—na alma dos que podem ter alegria!—e de aqui a minutos findará o ano de 1920.

Recalcando dôres, façamos tambem por ser alegre, que—lá diz o poeta—*«ser alegre é ser forte»* e demos as bôas festas ao leitor e, evidentemente á leitora.

Com as bôas festas lhes mando tambem,—aos amigos o melhor preito da minha amizade; aos bons, que me teem animado nesta sagráda campanha, o mais enternecido agradecimento do meu coração; aos maus o desejo de que uma luz interior os ilumine e o gêlo da sua alma se desfaça!

Consoadas não as envio, porque os tempos correm maus. Somente, por especial atenção, a uma leitora, que me tem distinguido com as suas amabilidades, hei-de mandar um perú.

*

Quem me dera ser bruxo, para adivinhar o que nos reserva o ano de 1921!

Para a sr.ª D. Maria Adelaide, ele começa com a mesma ansiedade dolorosa do ano passado. Como que a sinto murmurar estes versos de Tomás Ribeiro:

> Um ano lá passa inteiro
> E, após um ano, outro vem;
> E em cada mês de Janeiro
> Os mesmos sustos tambem.

¿Para o desgraçado que crepita na Cadeia da Relação do Porto o seu crime de amor trará 1921 a hora da libertação?

Não sou bruxo, não adivinho, mas presumo que o novo ano ha-de trazer surprezas, com que o nosso coração rogosije:

Fies verão.

Bernardo Lucas.

PELO TELEGRAFO

Desastre de aviação, sem consequencias graves felizmente

RIO DE JANEIRO, 31—O aviador Pacheco Chaves, tendo saído desta cidade para Porto Alegre, caiu em Itajahy, no Estado de St.ª Catarina. O aparelho ficou muito danificado, mas o aviador sofreu apenas algumas contusões ligeiras.—(A).

No Congresso hespanhol

MADRID, 1—No Congresso havia hoje uma anciosa espectativa de acontecimentos decisivos que durou pouco por logo se verificar que o governo dispunha dos votos necessarios para dirigir os trabalhos da sessão tendo o ministro do trabalho lido o projecto de colonisação e repovoamento do interior.

A's votações assistiram os deputados Mauristas mas abstiveram-se de votar alguns liberais abandonando Alba o salão com as minorias republicanas.—(A).

O novo presidente do Supremo Conselho de Guerra

MADRID, 1—A presidencia do Supremo Conselho de guerra, vaga pela morte do marquez de Stella será ocupada, segundo se diz, pelo general Aguilera.

E' indicado o general Miguel Primo de Rivera para o cargo de capitão general de Madrid, sendo n'esse caso substituido em Valencia pelo general Aizzurce.—(A).

Banquete politico

MADRID, 1.—No banquete oferecido ao chefe dos reformistas Melquiades Alvarez, este mostrou-se muito otimista e confiante no resurgimento da patria.

No discurso que pronunciou combateu o terrorismo e comunismo declarando estar sempre disposto a servir a patria onde seja necessário.—(A).

Mais uma bomba que explode

VALENCIA, 1.—Rebentou na praça Castelar uma enorme bomba que não determinou, felizmente, desastres pessoaes.—(A.)

Sarah Bernhardt

BARCELONA, 1.—Partiu para Paris Sarah Bernhardt que foi muito aclamada.—(A.)

Fixação de despezas

PARIS, 1. — A camara e o senado aprovaram o projecto de lei sobre a fixação do orçamentonto especial das despezas recuperaveis pelas contribuições a receber em execução do tratado de paz.—(H.)

A Alemanha e as reparações

O Senado francez aprova a politica do sr. Briand

PARIS, 31.—No senado, durante a discussão das despezas a cobrar da Alemanha, o sr. Héry, radical socialista, defendeu uma moção em que pedia que fossem comunicadas ás comissões de finanças e dos negocios estrangeiros as resoluções que foram tomadas em Londres. Respondendo ao interpelador, o sr. Briand lembra que o tratado de Versailles, declarando a Alemanha responsavel, diz que ela deve pagar, mas, no caso de não poder pagar de uma vez, o pagamento é-lhes facultado em prestações. Eis o que dispõe o tratado. O sr. Briand acrescenta que o governo actual, encarregado da sua aplicação, teve de tirar dele todo o partido possivel. O orador mostra em seguida as consequencias desagradaveis, que resultariam da' politica preconisada pelo interpelador. Por fim o senado rejeitou por 269 votos contra 8 a moção do sr. Héry e aprovou o orçamento das despezas recuperaveis—(H.)

Cumprimentos a "A Capital"

Deu-nos o prazer da sua visita o sr. Roy Fernandes Martins, aluno do 3.° ano da Escola Normal de Coimbra, que em seu nome e no dos seus condiscipulos veiu cumprimentar «A Capital».

Agradecemos reconhecidos a gentileza dos briosos rapazes.

Francisco Barbosa Sottomaior

Na sua casa da Fontinha, Estarreja, faleceu ante-hontem, com 94 anos de edade, o sr. Francisco Barbosa do Couto Cunha Sottomaior.

Fidalgo pelo nascimento e pelo caracter, o extinto gosava da estima geral, pelo que o seu passamento foi muito sentido.

A' familia enlutada, e em especial a seu genro, o sr. dr. Augusto de Castro, ilustre director do «Diario de Noticias», apresenta «A Capital» a expressão do seu sincero pezame.

«A Cidade»

No Porto, iniciou a sua publicação este novo colega da tarde, que se apresenta bem.

Ao nosso colega desejamos longa vida e muitas prosperidades.

A festa da Primavera em Portalegre

O Gremio Planetario de Portalegre, na intenção de se concluir o monumento aos mortos da guerra, organisou a festa da Primavera cujo producto reverte em favor d'esse monumento, que o districto pretende erigir aos seus filhos mortos pela Patria.

O programa é o seguinte:

Dia 5: ás 13 horas, abertura da exposição de artes e industrias regionaes nas salas da escola d'artes e oficios de Fradesso da Silveira, abrilhantando o acto a banda de infantaria 22; ás 18, batalha de flôres na Avenida da Liberdade, abrilhantada pela banda dos bombeiros voluntarios de Portalegre, havendo seis premios constituidos por objectos d'arte; ás 22, concerto musical na mesma avenida e pela mesma banda.

Dia 6: ás 13 horas, reabertura da exposição de artes e industrias regionaes; ás 17, corrida de caçs, com seis premios; ás 19, desafio de foot-ball no campo da Fontedeira, abrilhantado pela banda Euterpe; ás 22, sarau dramatico-musical no teatro Portalegrense, abrilhantado pela banda de infantaria 22.

"Os Sports,,

Será posto á venda ámanhã

Em virtude do actual conflito entre os compositores e as casas d'obras, «Os Sports» só pode ser posto á venda ámanhã de manhã.

Conferencias

Na 4.ª secção da Universidade Popular Portugueza, ao Campo de Santa Clara, associação dos operarios do Arsenal do Exercito, realisa-se hoje, pelas 21 horas, a segunda conferencia do sr. dr. Camara Reys sobre «As questões moraes e sociaes na literatura».

A entrada é publica.

As gréves em Inglaterra

E' levantado o embargo ao transporte de carvão

LONDRES, 31.—Os sindicatos dos operarios dos transportes, os ferroviarios maquinistas das locomotivas resolveram levantar o embargo que tinham oposto ao transporte de carvões, seja qual fôr a sua origem e destino.—(H).

Para os mutilados da guerra

Uma mensagem e o envio d'um cheque

Parte da colonia portugueza no Rio de Janeiro promoveu no dia 8 d'abril um festival no teatro Republica, festival que revestiu grande brilhantismo. Do producto, foi destinada metade para o Instituto de Arroyos, a fim de reverter em favor dos heroicos mutilados da guerra.

A comissão promotora, composta dos srs. Manuel Moledo Ferreira Branco, Augusto Porto, Raul Romano, José da Silva Gonçalves, João Baptista Gonçalves e José Antonio de Castro, enviou uma mensagem, em termos sentidos e cheios de patriotismo, á sr.ª D. Ana de Castro Osorio, mensagem de que foi portadora a sr.ª D. Branca Dionne de Folke Brito.

Como essa senhora, porém, tivesse de partir inesperadamente para Paris, delegou na sua amiga madame Teixeira de Sousa, a incumbencia, de que hoje esta ultima se desempenhou.

A questão da Alta Silesia

Treguas entre alemães e polacos

LONDRES, 31.—Segundo as informações de origem polaca, foram iniciadas negociações entre os alemães e os polacos para se estabelecerem treguas na Alta Silesia.—(H.)

A dissolução das organisações de auto protecção

BERLIM, 31.—Uma nota oficiosa diz que foi entregue ao general Nollet a lista por ele reclamada sobre a dissolução das organisações de auto protecção. A lista compreende as guardas da fronteira da Prussia, as guardas de Yyprei (?) e as organisações de Oscherich,—(H.)

Um habil pretexto para passar uma revista

BERLIM, 1. — Informa o «Montag Post» que o principe Eitel Frederic passou revista a duas companhias da antiga guarda imperial, hoje incorporadas na Reichwer, como motivo de uma homenagem aos soldados da guarda, mortos na guerra.—(H).

Os ferroviarios alemães contrariando as disposições do governo

LONDRES, 1.—Segundo o «Times» os ferroviarios alemaes, contrariando as determinações do governo, persistem na sua oposição em permitir a circulação de comboios de abastecimentos na fronteira germano-silesiana.—(H.)

As dificuldades para o desarmamento na Baviera

BERLIM, 1. — Anuncia o «Montag Post» que reuniu secretamente o conselho de Ministros para apreciar a questão do desarmamento das guardas civicas da Baviera, questão, quer na opinião d'aquele jornal, apresenta novas dificuldades principalmente por causa da oposição do partido populista bavaro. Informa ainda que o chefe do governo bavaro, sr. Kahr, visitou o representante da Inglaterra em Munich, com o fim de obter d'este certas concessões sobre o assunto.—(H).

O abastecimento da Russia

PARIS, Dizem de Londres que os agentes de Krassine, delegado dos soviets, obtiveram a concessão da tonelagem necessaria para transportar á Russia 4.000 toneladas de trigos 2,000 de farinha e 900 de arenques. Brevemente serão realisados outros abastecimentos.—(H.)

Funcionarios do Estado em gréve

ROMA.—Em vista da recusa de aumento dos ordenados aos empregados do Estado á excepção dos ferroviarios e magistrados, aquelles declaram a gréve pacifica.—(H.)

A união da Austria á Alemanha

A ocupação pelos aliados, do territorio austriaco

PARIS, 1—Informam de Viena que no caso de persistir a agitação em favor da união da Austria á Alemanha é quasi certo que os aliados decedirão a ocupação militar de todo o territorio austriaco e deixarão de prestar quaesquer socorros á Austria.—(H).

A expulsão da Suissa do ex-imperador Carlos

PARIS, 1—Comunicam de Genebra que em determinados meios politicos se resolveu a publicação de um documento em que se pede ao conselho Federal a expulsão imediata do ex-imperador Carlos de Habsburgo e sua familia.—(H.)

ULTIMA HORA

Em vesperas de dissolução

A reunião de hoje no Congresso da Republica decorreu muito animada

Falam os «leaders» dos partidos reconstituinte, dissidente, popular e socialista

Animou-se extraordinariamente, muito antes da hora regulamentar, a sala do Congresso.

Cerca das 14 horas encontravam-se presentes quasi todos os deputados que assinaram a, já agora celebre, convocatoria.

De acordo com o anunciado, bancadas de reconstituintes, populares, dissidentes e socialistas, cheias; os logares de democraticos e liberaes vasios.

Ha caras conhecidas e discussões animadas. Tema de conversação, aqui e alem travada com vivacidade excepcional, a convocação extraordinaria do Congresso e as consequencias que desse acto possivelmente advirão.

Preside o sr. dr. Vasco de Vasconcelos, terminando a chamada cerca das 15 horas.

O sr. dr. Vasco de Vasconcelos propõe a sua substituição pelo sr. dr. Augusto Monteiro, vice-presidente do Senado, afirmando o ilustre deputado liberal que o sr. dr. Monteiro, é mais velho do que ele, o que este senador maguadamente reconhece, subindo vagarosamente as escadas da presidencia.

Estão presentes 55 senhores congressistas; vae começar a sessão. O sr. Sá Cardoso anda numa roda viva de um para outro lado, acolitado pelo sr. Prestes Salgueiro, o mais novo dos presentes. Chega o sr. dr. João Gonçalves, retardatario pachorrento, num desmentido oposto aos seus habitos de pontualidade. S. Ex.ª, em bom criterio de independente, analisa os acontecimentos. Nota-se a ausencia do sr. dr. Bernardino Machado.

O sr. Cunha Leal interpela e meza: Mas então o que estamos aqui a fazer? Fez-se a chamada, ha numero, vamos a isto...

As galerias ha pouco desertas começam a animar-se.

O sr. dr. Augusto Monteiro fala. Esta sessão reveste uma excepcional gravidade e é necessario que todos se compenetrem dando-lhe a grandeza e a imponencia que ela deve revestir. Dei a palavra ao primeiro signatario da convocatoria para que ele exponha as rasões que levaram alguns deputados a promover a presente reunião.

Tem pois a palavra o sr. dr. Alvaro de Castro.

O chefe dos reconstituintes é escutado com religiosa atenção. Os factos politicos que precederam esta convocação, afirma, são de tal gravidade, alguns deles mergulhados no silencio da noite, outros perdidos pelos gabinetes dos politicos, que necessario se torna falar bem alto e bem claro ao paiz.

O presidente do Congresso eximiu-se, ao cumprimento do seu dever não convocando, como era seu dever, a presente reunião. O presidente do Congresso esperava que o decreto de dissolução saisse antes de os congressistas reunirem, obrigando estes a lançarem mão dos direitos que pela constituição lhes são concedidos.

Vae reunir o conselho parlamentar para deliberar sobre a dissolução imposta por um movimento sedicioso ocorrido nas ruas de Lisboa.

Querem que o parlamento feche para que se não conheçam as circunstancias ignominiosas em que a dissolução é imposta.

E' necessario conhecer todos os pontos obscuros da crise, para só depois disso deporem na mão do presidente da camara os nossos mandatos. Duas vezes depois do Monsanto a dissolução se impoz aos espiritos mais legalistas. Mas agora, qual o conflito parlamentar que surgiu?

Pretende-se justificar o insignificante movimento revolucionario de ha dias dizendo que, como ministro da guerra, ele orador pretendia dar um golpe acertado.

Quando da proposta de revogação do celebre decreto de dissolução de Sidonio Paes, foi ele ministro da guerra então, uma das pessoas que mais vivamente a combateu quer junto do presidente do ministerio, quer junto do chefe do Estado.

Historia qual foi a sua acção nesse momento.

Pretenderam jugular os seus movimentos, calar a sua voz, sempre sincera, mas isso não o conseguirão.

O partido reconstituinte faz, perante a camara e o paiz, fez a declaração de que na defeza da constituição empenharia todos os seus esforços, vendo acima de tudo a pureza dos principios republicanos.

Mantem em nome do seu partido, a proposta de que os deputados presentes convoquem uma reunião da sua Camara a fim de que o poder legislativo continue funcionando normalmente.

O sr. Cunha Leal, fala em nome do partido popular.

Lê uma moção em que se verbera o procedimento do presidente da Camara dos deputados. Houve quem já afirmasse que os parlamentares presentes não querem a dissolução por recearem não vir á futura camara; esta insinuação devolve-a intacta o seu partido, a quem a mandou fazer.

Ha um partido que inscreve como lema a dissolução parlamentar, declarando que só com ela assumiria as redeas do governo.

A promessa da dissolução é um ato tão espantosamente impolitico que, ele orador, tem o direito de duvidar da imparcialidade da escolha que recaiu sobre o partido liberal.

O chefe do Estado com o seu gesto afirmou á Republica que ela teria de ser necessariamente conservadora.

Ele, orador, reserva-se esta hora para dizer algumas verdades sobre o conflito que se desenrolou.

Até ministros estavam metidos na aralha; a um dos chefes da sedição ouviu ele orador afirmar que ninguem se poderia fiar na palavra de honra dos ministros. Transigiu ele em determinado momento da sua intervenção no conflicto augmentando com a perda da independencia nacional.

Pretendem lançar sobre o parlamento culpas que ele não tem, mas é necessario afirmar bem alto que o parlamento futuro será bem peor do que este agora reunido.

Quizeram-nos dar um pontapé, o sr. dr. Abilio Marçal, associando-se do golpe de Estado, prohibiu o funcionamento parlamentar.

Então qualquer Abilio Marçal (sic) tem o direito de interromper o regular funcionamento do Congresso?

Estamos em plena ditadura, clama vibrantemente o antigo ministro das finanças!

A ditaduras disfarçadas, clama, não ha possibilidades de responder, mas á ditadura da força, responde-se orgulhosamente com a força.

O sr. José Barbosa analisa a convocação do Congresso.

A reunião da Camara é absolutamente legal.

Vamos por muito mau caminho se continuarmos persistindo na ideia de que não é discutivel a personalidade do presidente da Republica.

O chefe do Estado declarou-se coacto, e a coacção é um facto meramente subjectivo.

O orador alonga-se em considerações sobre os prejuizos acarretados pelo encerramento das Camaras, lamentando que, mais uma vez, hajam de votar-se duodecimos.

O sr. dr. Julio Martins afirma que o parlamento deve explicar ao paiz o que se está passando. E' incompreensivel a situação; se o parlamento não reagir, teremos de o considerar como um bando de carneiros (sic) expulso ignominiosamente das casas do Congresso.

Como se entende que o governo, dispondo de uma maioria esmagadora, não queira vir ao Congresso?

A dissolução, pretendem empregala como um acto de favoritismo a favor de determinado partido da Republica.

Venha o governo ao parlamento, afirma. Esclareça-se a situação, diganos o governo o que quer, o que pretende.

Sem os acontecimentos esclarecidos a dissolução é um acto de favoritismo dado a favor de um partido contra todos os outros agrupamentos republicanos.

O sr. dr. Domingos Pereira refere-se demoradamente, criticando, á atitude assumida pelo presidente da Camara dos deputados.

O sr. dr. Abilio Marçal, adiando «sine die» a reunião do parlamento, cometeu um acto sem precedentes na historia agitada da Republica.

A aplicação do principio da dissolução é, mais do que nunca inoportuno e inconveniente.

Os dissidentes entendem que não ha razão para fazer oposição sistematica ao governo liberal, escolhido livremente pelo sr. presidente da Republica; eles aguardaram serenamente os actos do gabinete para depois se pronunciarem.

O sr. dr. Domingos Pereira envia para a meza uma declaração, assinada pelos parlamentares dissidentes, verberando o procedimento do presidente da Camara.

O sr. José de Almeida, em nome do partido socialista, protesta contra a dissolução.

Alonga-se em considerações sobre a intromissão do poder militar na vida politica do paiz.

Os socialistas marcam a sua presença aguardando oportunidade para prestar ao paiz o seu concurso desinteressado.

O sr. dr. Orlando Marçal, diz que se assiste a um espectaculo indecoroso dentro da vida politica do paiz e por isso não pode deixar de lembrar que o governo enveredou um caminho diferente do que devia. Alude aos discursos dos oradores antecedentes dizendo que já falaram sobre a força de que o governo dispunha e se ele tinha ou não maioria para governar. O governo quer viver dentro da ditadura, prosegue e no momento em que a reação levanta o estandarte da revolta que o partido liberal, que se diz conservador, dá um golpe de estes

Foi anti-dissolucionista sempre e se tinha ou não razão a atualidade o demonstra.

O sr. Presidente da Republica pode ser discutido como politico em qualquer parte e aqui sobretudo e portanto diz que ele esfarrapou a constituição.

E' necessario que se esclareça esta situação; o caminho é errado, e prosegue sob um pessimo indicio.

Havia a ideia de dar a dissolução ao partido liberal, precisamente aquele que não dispõe da inteira confiança dos republicanos.

Está no poder o partido liberal, está no poder a reação, portanto.

O partido liberal alcandorando ás cadeiras do poder, fez triunfar o conservantismo reacionario.

O sr. Sá Cardoso, quer como militar levantar algumas das expressões do seu colega socialistas José de Almeida.

O orador refere-se a uma entrevista com o major Geberto Mota publicada no *Seculo*, e afirma que o acto cometido por meia duzia de revoltosos teve a reprovação da maioria do exercito. Do congresso deveria sair uma saudação áquela parte do exercito que, ao lado da instituições e da constituição, se soube manter.

Aprovando um projecto de lei que prohibia ao Chefe do Estado o uso de uniforme militar, termina o sr. Sá Cardoso, o Congresso da Republica esqueceu-se do adagio popular de que o habito não faz o monge.

O sr. Ladislau Batalha, reputa vexatoria a dissolução que ao parlamento pretendem impôr.

O sr. João Gonçalves usa da palavra para definir a sua atitude.

O sr. presidente propõe que desta reunião seja enviado 1 extrato ao chefe de estado, sendo depois a sessão encerrada por entre vivas á Republica.

Conselho Parlamentar

Reuniu hoje o Conselho Parlamentar, n'uma das salas do Congresso.

O sr. dr. Alvaro de Castro propoz uma questão previa, pedindo que se perguntasse ao sr. Presidente da Republica se se tinha ou não comprometido com os revoltosos, a dar a dissolução parlamentar após a Conferencia Interparlamentar de Comercio. Consta que a proposta de dissolução parlamentar obterá no Conselho 6 otos a favor e 4 contra.

NOTICIAS DA CAPITAL

NEM SEMPRE A BRINCAR...—Nem sempre podemos, n'esta secção, encarar as coisas sob um aspecto que nos esforçamos por ser jocoso. Agora, por exemplo. Temos na nossa frente uma carta do sr. Manuel Dias Simões, com estabelecimento de vinhos e azeites na rua do Livramento, 33 e 35, em que nos diz que ficou ha dias sem o melhor de 1.100$00 que tinha guardado para ir fazer negocio, de que esperava auferir alguns lucros, o que não conseguiu, desnecessario é dizer, porque o gatuno, Jorge Martins, da rua do Alvito, «villa» Emilia, porta n.º 7, teve artes de ir dar com esse dinheiro, embora o sr. Dias Simões tivesse escondido essa quantia n'uma prateleira, proximo do tecto.

O gatuno foi preso, é facto, pelo agente Fernandes, da 4.ª secção, mas o dinheiro... foi um ar que lhe deu.

Ora nós associamo-nos ao sr. Simões e d'aqui endereçamos ao agente captor o seguinte pedido: com um bocadinho de geito e boa vontade não seria possivel, se não no todo, pelo menos em parte descobrir alguma da «massa» tão habilmente surripiada?

Vá, agente Fernandes: um esforçosinho e enviar-lhe-hemos o nosso cartão de visita.

ERA UMA VEZ UMA CARTEIRA... E o seu recheio, que não era mau de todo, pois que ainda assim, segundo diz o seu ex-possuidor, somava a bonita quantia de 950 escudos.

Juntamente com o dinheiro foram uma licença de porte de arma e um bilhete de identidade, de que é natural o ilustre desconhecido que passou a chamar sua á carteira se não sirva. Pelo menos é logico.

Foi ao sr. Luiz Henriques de Carvalho morador na calçada Castelo Branco Saraiva, 21, 1.º, quando seguia para o Poço do Bispo, n'um electrico, que sucedeu o percalço, de que não gostou nada, mas mesmo nada, e tanto que se queixou á policia. Ora vá lá saber-se a esta hora quem foi que se abotoou com a massa.

UM «NEGOCIANTE» DE NOVO GENERO.—Antonio Francisco d'Oliveira, apesar de já ter estado em Africa, a cumprir degredo, não toma juizo. Entende que é melhor e mais facil viver sem trabalhar e por isso lembrou-se de se fazer «negociante». E como tem a alcunha de «Pinga Azeite», foi com este genero de primeira necessidade que ele começou a comerciar, vendendo o litro a 4$00.

Já não era mau o preço, como se vê, e dava-lhe margem a bem bons lucros, mas isso não satisfazia ainda o nosso homem, que pensou e tornou a pensar, descobrindo afinal uma coisa que ha muito se sabe: que o azeite é mais leve que a agua e, portanto, deitando um pouco n'uma vasilha cheia d'este ultimo liquido, aquele vem ao de cima. Descobriu isso e pôl-o em pratica, foi obra d'um momento.

E o «Pinga Azeite» esfregava as mãos de contente. O mesmo porém não sucedeu áqueles que compravam a mistela e d'ahi, como isso se chama em linguagem do codigo uma burla, a policia pôz-se em campo e o agente Custodio das Dôres deitou a mão ao novo "negociante", que, diga-se entre parentesis, pouco se rala. Que faz mais uma ou menos uma prisão a quem conta já no seu activo a bonita soma de 25!

A revolta na Irlanda

Vae ser alargada a lei marcial, com a cooperação da esquadra

LONDRES, 1.—Informa o «Daily Mail» que os sinn-feiners resolveram adoptar medidas de extrema severidade na Irlanda. Por outro lado, o mesmo jornal informa que o governo inglez decidiu alargar a lei marcial na Irlanda, adoptando medidas de caracter militar com a cooperação da esquadra, para impedir a importação de armas e munições.—(H).

Conferencia para encontrar uma solução

LONDRES, 1.—O «Daily Chronicle» anuncia que sir James Craig, representantes unionistas irlandezes e De Valera realisarão brevemente uma nova conferencia para tratar da solução da questão irlandeza.—(H).

A constituição do parlamento da Irlanda Sul

PARIS, 1.—Comunicam de Belfast que o Parlamento da Irlanda Sul ficará constituido por 40 unionistas, 6 nacionalistas e 6 sinn-feiners.—(H).

A anexação de Fiume á Italia

PARIS, 1.—Consta que o tratado de Rapallo será modificado de comum acordo com as potencias signatarias. A modificação consistiria na anexação de Fiume á Italia contra a completa cessão do porto de Barros á Yugo-Slavia.—(H.)

Serviço telegrafico da tarde

NEW-YORK, 1.—Madame Curie desistiu de visitar a costa do Pacifico embarcando hoje para Chicago. O lord mayor de Dublin embarcou com destino á Irlanda.—(H).

LONDRES, 1.—Durante a sublevação que se produziu na região de Queenstown, ficaram mortos 199 indegenas e 125 feridos.—(H).

VIDA SPORTIVA

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra

Em desafio de desempate, encontram-se novamente no proximo sabado até resultado definitivo, na ultima meia final da «Taça Mutilados da Guerra», os magnificos «teams» do Casa Pia e do Sporting, tendo o vencedor de se defrontar na final com o team de «Os Belenenses».

O desafio é com entradas pagas e realisa-se no campo do Sporting, pelas 18 horas, revertendo o producto para o fundo dos mutilados da guerra portuguezes.

STADIUM

A inauguração das novas instalações

A direcção do Stadium dirigiu aos representantes da imprensa e de clubs, um convite afim de assistirem á inauguração das novas instalações porque aquele magnifico campo acaba de passar, para amanhã pelas 17 horas.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h.—«Simone».
S. LUIZ—A's 21 h.—«Sybil».
AVENIDA—A's 21,15—«Dama das camelias».
GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 horas—Luta e box.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

AVISO AO PUBLICO

Venda em leilão na estação do Barreiro

Faz-se publico de que, no dia 4 do corrente, pelas 12 horas e na estação do Barreiro, proceder-se-ha á venda em hasta publica de harmonia com os regulamentos em vigôr, de 14 cascos vasios de serviço a azeite, em bom uso, remessa de p. v. n.º 54.953 de Setubal a Serpa Brinches; 31 volumes de cortiça, remessa de p. v. n.º 1.748 de Torre Vã a Portimão e, uma porção de sacaria velha de serviço a carvão, abandonada.

A arrematação será feita a quem maior lanço oferecer sobre as seguintes bases de licitação:

14 cascos	1.500$00
31 v.^m cortiça	80$00
1 porção de sacaria	56$00

Lisboa, 31 de Maio de 1921.

O Chefe do Serviço do Tráfego

J. V. du Bocage Lima

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quinta e sexta feira, 2 e 3 de junho, no armazem de leilões desta casa fiscal, serão vendidas mercadorias demoradas, arrestadas e por conta e risco de quem pertencer, que constam de 125 caixas de cognac, fardos de papel comprimido, 2:500 garrafas de vinho ferreginoso Bravais, maquinismo, tabaco em cigarros e picado, barris vasios, sucata de ferro, roupa usada e outras que serão presentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 21 de maio de 1921.

O escrivão

Alfredo Marcolino de Almeida

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS "Aliança Universal,"

SÉDE—Rua da Cruz dos Poiaes, 33, 1.º

AVISO

E' convocada a reunir a Assembleia Geral para a proxima sexta-feira, 3, pelas 21 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS:

Discussão e votação das bases para a fusão da nossa colectividade com a Associação de Socorros Mutuos Monte-pio Aliança.

Não havendo numero fica esta convocada novamente para dia 11 á mesma hora.

Lisboa, 30 de Maio de 1921.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Manuel dos Reis de Sanches Ferreira.

A CAPITAL

3797 — 11. ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Quinta-feira, 2 de Junho de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A dissolução

Está decretada a dissolução do parlamento, e com este facto politico, que só pode considerar imprevisto quem não atenda á logica e á marcha dos acontecimentos, abre-se porventura uma nova era na Republica.

Tem havido dissoluções de parlamentos, desde a implantação do novo regimen, mas todas elas se teem dado em circunstancias violentas ou anormaes e sem nenhuma legitimidade constitucional, visto que na Constituição não estava expressa essa faculdade.

Agora, a dissolução do parlamento é um acto perfeitamente constitucional, e, além d'isso, vae servir evidentemente de base a um equilibrio politico, que não sucedeu em nenhuma das outras vezes.

Alegou-se na reunião de hontem a que não compareceu nem um terço dos membros das duas camaras que o governo devia apresentar-se primeiro ao parlamento e só pedir a sua dissolução depois de reconhecer uma hostilidade manifesta por parte dos diversos grupos parlamentares.

Este argumento poderia colher se o parlamento não tivesse já ha muito patenteando o seu espirito conflictuoso, resultado inevitavel da pulverisação dos partidos que n'ele flagrantemente se concretisava.

O gabinete Barros Queiroz tinha já a lição da experiencia fornecida pelo que sucedera com muitos governos anteriores, e dava-se ainda a circunstancia de representar um partido que fixara como condição «sine qua non» para a aceitação do poder a promessa formal do chefe de Estado de que lhe seria concedida a dissolução.

O partido liberal, como de todos era sabido, não governaria sem lhe ser concedida a dissolução do parlamento, e este principio resultava da convicção absoluta que os factos lh'a haviam fornecido de que com um parlamento constituido como o que n'este momento acaba de soffrer o golpe da dissolução nenhum partido podia governar. Tanta mais razão tinha em o suppor quanto é certo que nem mesmo os governos de concentração de quasi todos os partidos com elle conseguiria governar.

Para dar remedio a esta situação é que se reclamava a applicação da medida constitucional da dissolução parlamentar.

E' de esperar que se consiga esse remedio acabando-se com a representação ficticiamente exagerada de grupos que não conseguiram tornar-se partidos fortes e bem organisados.

Já acima dissemos que os parlamentares hontem reunidos não constituiam um terço do numero total de deputados e senadores. Na realidade ali se congregaram todas as dissidencias: a reconstituinte, a popular, a democratica, não falando nos independentes, extraviados de todos os partidos. A essas dissidencias é que a dissolução assusta, porque não conseguiram ainda obter a confiança de importantes elementos do eleitorado. Por culpa sua? Pela força das circunstancias? Não o sabemos. Registamos um facto.

Espectaculo semelhante se observara na monarchia, onde nenhuma dissidencia, nem a da esquerda dynastica, nem a constituinte, nem a franquista, nem a alpoinista, conseguiu converter-se n'um partido forte e poderoso, conseguindo hombrear com os partidos constitucionaes.

E' que o momento não é de dispersão, mas de cohesão. O que hontem estava representado em S. Bento foi a dispersão. O que está representado no governo, e no partido que aceita a dissolução, é a cohesão. Fizeram obra de cohesão os antigos unionistas, evolucionistas e centristas, formando o partido liberal. O partido democratico, por seu turno, embora tendo sofrido scisões e haver sido abandonado pelo seu antigo chefe, é ainda um forte partido da Republica, por isso que a sua cohesão não foi grandemente abalada.

Vamos para as urnas em condições de liberdade e esperança para todas as correntes de opinião, e o parlamento que se formar poderá ter defeitos, mas não se prestará a equivocos.

Politica hespanhola

A sessão no Congresso — As mulheres reclamam direitos politicos — Reunião das maiorias

MADRID, 2 — A sessão de hontem do Congresso foi cortada de incidentes. Sairam da sala para não votar os reformistas, republicanos e socialistas e votaram com o governo os mauristas e regionalistas.

A' porta do Congresso chegou uma comissão de mulheres distribuindo um manifesto com reclamações feministas entre as quaes a de egualdade dos direitos politicos. Allendesalazar e Romanones prometeram-lhes envidar esforços para ser concedido o voto ás mulheres.

Realisou-se na presidencia do ministerio uma reunião magna das maiorias parlamentares assitindo 172 deputados e 118 senadores enviando muitos que não puderam comparecer cartas de adesão. O chefe do governo agradeceu á maioria o apoio que lhe tem dado respondendo alguns deputados e senadores com a declaração muito aplaudida de que continuariam firmes ao lado do governo até que elle pudesse completar a sua obra. — (A).

A caminho da Promissão

Os indesejaveis da usura e o carvão

E' tão arduo este caminho, tão eriçado de asperezas e socalcos, que muita gente nem sabe como eu me meti nele. Mostrar ao publico o estado geral do país, os seus recursos, a sua producção, o real valor do seu papel moeda, cuja emissão está muito longe de ter chegado ao seu maximo, é grangear inimisades, odios e sobretudo expôr-me a ser escoicinhado pelo primeiro animal que me mandem ao encontro; é ter de ouvir os latidos da rafeirada que me deitem ás canelas. Mas tudo isto é tão pouco em relação ao beneficio publico que a minha exposição promove, fazendo renascer uma confiança dia a dia abalada pulverisada quasi, pelos especuladores, que não ha remedio senão caminhar.

Não é a corrente interna dos enforcados em cambiaes que é necessario vencer. A nossa fiel aliada não leva em gosto que os portuguezes se aproximem comercialmente dos Estados Unidos. Ambos lucram com o nosso baixismo e ambos o exploram temerariamente.

Emquanto houver o patrão inglez e o patrão cambialista ha-de-nos ser dificil respirar.

Todavia o inglês que se quer pagar logo das primeiras anuidades, que não se conforma com esta guinada para a America, não agride, não irrita, faz o seu jogo, e possivel é que algumas vantagens venha a colher.

Quem agride, quem manda insultar n'um jornal que ninguem lê, são os de cá, aqueles a quem a colera resultante de sentirem o terreno a faltar-lhe debaixo dos pés, fez perder totalmente a linha, toda um verniz de recente data.

Mandaram injuriar, insultar uma casa cheia de respeitabilidade, só porque ela é um dos elementos, cuja influencia actúa no caso do suprimento em dolars, feito pelos americanos.

Ninguem os leu, ninguem deu pelo seu gesto, mas vontade de ofender não lhes faltou.

E' deste estofo e lisura a alma dessa gente que, na mais vil febre de usura e de exploração de todos nós, paga para que em letra redonda possam aparecer atribuidos a pessoas de bem algumas faces das suas consciencias avariadas.

Havia de ser comigo que êles se metessem; desde o chicote até ao processo crime tudo teriam de saborear suas excelencias. Mas o papelinho é tão destituido de publicidade que bem fazem os alvejados em não se prestar ao reclame de tão ignota existencia.

Posto isto vou passar ao carvão que, com o trigo, nos leva o sangue e a vida da nação. Falei-lhes hontem do trigo, vem hoje a proposito tratar da hulha.

Todos os anos, no tempo da monarquia, numa das primeiras sessões da camara dos pares, o sr. Rebelo da Silva fazia o seu discurso, pedindo que se restaurasse a obra pombalina de aproveitamento das quedas d'agua no Tejo. Ninguem o ouvia. Era uma madureza daquele par do reino que entrava no decurso dos trabalhos daquela camara como se fôra a leitura do expediente.

O sr. Rebelo calava-se, a camara a principio sorria da sua ingenuidade e nos ultimos tempos já lhe chamava tremendissima estopada. E' que Mariano de Carvalho entoxicara a galfarrice nacional com o fumo da hulha negra, e a ninguem naquelas alturas convinha que fosse restringida a importação do carvão de pedra.

Considero este exclusivo da hulha negra uma das mais nefastas operações com que se sobrecarregaram o paiz.

Sem este exclusivismo, aproveitando-se a obra pombalina do Tejo e todas as demais quedas d'agua existentes no solo portuguez nós teriamos a força motriz bastante para só importarmos 1 milhão de esterlinas de carvão em vez de 5 milhões, carga com que anualmente nos derrancamos. Mas Mariano de Carvalho arranjou essa vida, com ela se conformaram outros politicos e se enriqueceram varias casas importadoras. Hoje é dificil restaurar a hulha branca; as casas que negoceiam em carvão teem a força dos seus cofres, centros de irradiação de toda a especie de pressões economicas e politicas, e é assim que, não carecendo o pais senão de um telegrama para Montreal, para ter as suas quedas d'agua aproveitadas, ele, o infeliz, o desgraçado, continua a converter todo o seu activo em combustivel de que não precisa.

Chegado a este ponto, só me resta perguntar: quando nos deixarão servir das forças que a natureza nos ofereceu?

Quando permitirão os governos a cultura do trigo, como hontem lembrei, tão lucrativo como o que nos vem de fóra?

Parece-me que nunca; porque, como o Camilo disse, o poder da rua dos Capelistas sobreleva todos os poderes do Estado e com eles joga, como qualquer habil talhador quando tem as cartas na mão.

D. Thomaz de Noronha.

Doidos eles!

Os "meticulosos"

Não quero perder agora o ensejo de desfazer outro queixume com que eles, os fingidos meticulosos, teem pretendido, ainda a propósito do mandato que exerço da sr.ª D. Maria Adelaide, abusar da credulidade de algumas pessoas.

Este queixume surgiu pela primeira vez em Agosto do ano de 1919, numa carta que o sr. João Gaspar Coelho, irmão da minha cliente me dirigiu, a propósito da saida daquela senhora do Hospital do Condé de Ferreira. Essa carta é já conhecida do publico, mas convem reproduzil-a aqui.

Ei-la:

«Porto, 10 de Agosto de 1919... Sr. Acabo de ser surpreendido com a noticia de que minha irmã D. Maria Adelaide saira do hospital de alienadas, onde se achava em tratamento, *em companhia de V...* Como irmão, e unico que ela tem, venho dizer a V... que julgo de absoluta necessidade saber o destino dela e a casa onde se acolhe «parecendo-me que nunca pode nem deve ser a de V...», visto ser V... o advogado do homem que, abusando da traqueza mental dela», não hesitou em a desonrar e á sua familia. Acho, pois, conveniente que V... me mande dizer o mais breve possivel as suas intenções a este respeito, para se providenciar como fôr mais util para a sua saude e bom nome.

Aguardando a sua resposta, subscrevo-me De V... «João Gaspar Coelho».

As palavras em itálico sublinhei-as eu. Respondi da forma seguinte:

Ex.mo Sr. João Gaspar Coelho: Acuso a recepção da carta de V. Ex.ª datada de hoje.

E' certo que a Ex.ma Sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha saiu hontem do Hospital do Conde de Ferreira, na minha companhia. Na minha e na do sr. Governador Civil do Porto, que ali a foi libertar.

Veio para minha casa, afim de poder, á vontade, apresentar-se a uma conferencia médica. Ela quis assim, e eu não lhe tolho de modo algum a liberdade. Nem lhe digo que fique nem lhe digo que saia.

A V. Ex.ª, porem, tenho uma coisa a dizer, com toda a clareza: emquanto eu fôr advogado da sr.ª D. Maria Adelaide, não tenha V. Ex.ª receio algum.

Sei até onde posso ir, até onde preciso ir, e onde devo parar.

V. Ex.a não me conhece, mas eu conheço o respeito que devo a mim proprio, e tanto basta.

De V. Ex.a, At.º Venr. — *Bernardo Lucas.* — Porto, 10 8 1919».

A sonhada incompatibilidade de mandatos, que na carta do sr. João Coelho se esboça, e que de vez em quando serve ao sr. dr. Cunha e seu patrono, para fazerem fogo de vista não passa duma estrategia desleal, com que, por um lado tentam, embora baldadamente desautorisar-me e por outro lado, num acesso de raiva, feri-me; como, porém, o sr. João Coelho se refere sem verdade e de maneira deprimente ao meu constituinte Manuel Claro, que não abusou da fraqueza mental de ninguem, ao olhar e amar, num impulso bem humano, uma senhora que gostou dêle — e como eu sei que este homem, embora de nascimento humilde, tem no caracter perfeições e delicadezas que outros de alta gerarquia, nunca tiveram, não deixarei passar sem uma arrotação o ponto em que na primeira carta transcrita, se lhe faz referencia.

Desculpe-me o leitor este episódio, mas preciso de acertar agora umas contas entre o meu cliente e o sr. João Coelho. Quero vêr de que lado está o «deficit»... moral.

E' pelo meu cliente repito, e não por minha causa que estas contas vão acertar-se. Como se diz no provérbio inglês «Myhome is my castle «a minha casa é o meu castelo». Quem dentro deste se acolhe, não temo o ataque dos anões.

Mas vamos ás contas.

Bernardo Lucas.

PELO TELEGRAFO

As relações argentino-chilenas

BUENOS AIRES, 1. — O presidente Irigoyen ofereceu no palacio da presidencia um almoço intimo a Jorge Matte e aos outros membros da embaixada chilena. Jorge Matte oferecerá um banquete ao palacio da legação do Chile ao presidente Irigoyen e aos membros do governo. — (A).

A chegada do sr. dr. Nilo Peçanha

RIO DE JANEIRO, 1. — Os amigos politicos do dr. Nilo Peçanha preparam-se para o recebar com calorosas manifestações de simpatia. — (A.)

Mais uma victima da aviação

RIO DE JANEIRO, 1. — O aviador João Busso, diplomata pela escola de aviação de S. Paulo, foi victima duma queda horrorosa, morrendo instantaneamente. — (A.)

A dissolução do Parlamento

A convocação dos colegios eleitoraes para o dia 10 de julho

Em suplemento ao «Diario do Governo», com a data de hontem, foi hoje publicado pelo ministerio do interior o seguinte decreto:

Tendo examinado com a mais escrupulosa atenção o que me foi representado pelo Presidente do Ministerio, o qual em nome do Governo me ponderou;

Que a actual situação do País reclama com urgencia a adopção dum complexo conjunto de providencias legislativas, mormente de caracter economico e financeiro, que de há muito, veem sendo insistentemente reclamadas pela opinião publica, a fim de que por meio das mesmas se procure debelar a crise que estamos atravessando;

Que ao actual Parlamento, apesar de reconhecida inteligencia, boa vontade e patriotismo de cada um dos seus membros, faltam as necessarias condições para poder realisar aquela obra legislativa que as circunstancias imperiosamente reclamam, porquanto a composição do mesmo Parlamento, pelo que respeita aos agrupamentos politicos que presentemente o constituem, não é de molde, como os factos se teem encarregado de demonstrar, a poder permitir que a discussão e aprovação das aludidas providencias se façam com a necessaria brevidade; pois

Que, não obstante as diligencias para isso empregadas, o mencionado Parlamento, apesar de funcionar quasi que ininterruptamente, ha perto de dois anos, nunca conseguiu, por motivos decerto estranhos á vontade dos seus membros, dar cumprimento a uma das mais importantes disposições da Constituição Politica da Republica Portuguesa, qual seja a da discussão e votação do Orçamento Geral do Estado;

Que a experiencia dos últimos tempos veio demonstrar que com a actual distribuição das forças politicas representadas no mencionado Parlamento impossivel se torna o decorrer em devidos termos a vida politica e parlamentar do País;

Tendo ouvido o Conselho Parlamentar, o qual, não obstante não estar nele representada uma forte corrente de opinião publica com assento nas duas Casas do Congresso e no Governo, por maioria de votos se pronunciou abertamente pela dissolução do actual parlamento;

Por tudo e porque assim o exigem os altos interêsses da Patria e da Republica;

Usando da faculdade que me confere o n.º 10.º do artigo 1.º da lei constitucional n.º 891, de 22 de Setembro de 1919:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo — 1.º São dissolvidas as actuais Câmaras Legislativas.

Art. 2.º Em harmonia com o preceituado no § 5.º do citado artigo 1.º é designado o dia 10 do próximo mez de Julho para a reunião dos colégios leitorais.

Art. 3.º As comissões de inquérito eleitas ou nomeadas pelo Congresso ou pelas Câmaras que por êste decreto são dissolvidas continuam no exercicio das suas funções até á reunião do novo Congresso.

Art. 4.º Este decreto entra imediatamente em vigor e fica revogada toda a legislação em contrário.

O Presidente do Ministerio e Ministro das Finanças e os Ministros das outras Repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da República, 1 de Junho de 1921. — ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA — *Tomé José de Barros Queiroz — Abel Hipólito — José do Vale Matos Cid — Alberto Carlos da Silveira — Ricardo Pais Gomes — João Carlos de Melo Barreto — Antònio Joaquim Granjo — Celestino Germano Pais de Almeida — Antònio Ginestal Machado — Julio Ernesto de Lima Duque — Manuel de Sousa da Camara.*

Mutilados da guerra

A' mãe de dois mutilados são entregues quatro inscrições

O nosso prezado amigo e ilustre director da Casa Pia, sr. dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, cuja campanha em prol dos mutilados da guerra jámais póde ser esquecida, acabámos de receber o seguinte oficio:

Belem, 1 de Junho de 1921. — *Sr. Director do jornal «A Capital».* — Como tem sido sempre por intermedio desse jornal que a Direcção da Casa Pia tem tornado publico o conhecimento de donativos recebidos a favor dos mutilados da guerra, comunico a V. Ex.ª que me acaba de ser participado pelo Governo Civil de Leiria que foram já entregues a Antonia Pescada, mãe dos mutilados Antonio e Manuel Ferreira Nicolau, de Fanhais, concelho da Nazaré, duas inscrições de 1.000$00, n.º 84904 e 86426, e duas de 100$00, n.º 231.071 e 232.065, que foram adquiridas com parte da importancia de 1.000$00 que a esta Casa entregou a sr.ª Condessa de Nova Gôa, que, por sua vez a recebera do sr. Ministro da França, no desejo de confiar a aplicação d'aquela verba á filha de uma das senhoras que mais interesse e carinho mostrou pelos nossos mutilados da Guerra, por ocasião da sua chegada á Metropole, a falecida e bondosissima sr.ª Condessa de Valenças.

A parte restante dos 1.000$00, na importancia de 43$000 já anteriormente havia sido entregue á mão dos mutilados por ocasião das homenagens aos dois soldados desconhecidos mortos pela Patria.

Saude e Fraternidade. — O Director: — *Antonio Aurelio da Costa Ferreira*

DIZE TU DIREI EU

MENINAS DOENTES

Conversemos os dois, sobre este sofá.
Então de que se queixa? Vamos diga lá.
O que é que você sente?
Sabe que a acho mais palida e mais triste.
Mas é ainda, juro-lhe, uma linda doente.
De que se queixa então?
De certo — não é assim? — de falta de apetite
Uma palpitação
A's vezes faltas d'ar...
Mas na sua idade — ao morrer da infancia —
E' uma coisa vulgar
E na minha opinião sem maior importancia.
Ande, diga lá o que é você tem?
Ande, diga, diga. Então que mal faz?
Não nos ouve ninguem...
Ah! sim. Tem um rapaz.
Todas as raparigas pela sua idade
— A idade doirada em que o coração fréme
Num mixto de desejo, de amor e de loucura —
Têm essa enfermidade.
Como a sua mão treme!
Não desanime. Escute. Julga que não tem cura?
Olhe: eu sei um remédio, — mas não é brincadeira. —
Capaz de a curar...
Quer que lh'o escreva aqui, mesmo neste papel?
Pois bem. Então lá vai: «flôr de laranjeira.»
E á noite, ao deitar,
Colherinhas doiradas — duma luz de mel...

Luiz d'Oliveira Guimarães.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

A dansa das raças

(CONTINUAÇÃO)

Vandalos e vandalismo — O fundo tradicional visigotico — Germanos e arabes — Portuguezes e Hespanhoes

Por onde tinham passado Fenicios, Cartaginzes e Jonios, onde os romanos chegaram com as suas cohortes de ocupação, penetraram depois Suevos e Alanos e tantos outros povos.

Da passagem dos Vandalos pela Peninsula ha bons quatorze seculos, ainda nos resta a memoria das suas ruins façanhas nos termos — vandalismo e vandalico — que continuam a empregar-se já quasi instinctivamente no sentido de acções más, destruidoras.

Sobre as ruinas do Imperio Romano já agonisante fundara-se no ocidente o Imperio Wisigotico que perdurou, trazendo-nos á Peninsula mais um fundo tradicional, cujos vestigios continuam a sobreviver em certos usos, costumes e até instituições, como o dos municipios, por exemplo, que não são de origem romana, como vulgarmente corre, mas sim de adaptação romana.

Atravez de tão variado Cosmorama etnico de que o nosso territorio foi sede, a fixação tradicional fez-se graças á possibilidade de multiplos cruzamentos.

As raças já fusionadas com o Liguros (1) facilmente cruzaram com os Suevos e Wisigodos, dando origem a novos tipos que tornaram possivel a persistencia dos costumes, usos e ditados, alguns até agora subsistentes.

Foi tambem esta composição etnica o que validou a invasão arabe, e lhe assegurou pelo cruzamento a longa duração e ocupação.

A remota passagem dos germanos e dos arabes pelo nosso territorio fez-nos persistir na adopção do seu uso de aldeias, burgos e casaes, fórmas organicas de população onde melhor persistem os vestigios do passado, á espera que os eruditos d'ali tirem toda a luz, antes que as invasões da civisação os obliterem.

Ha, pois, em Portugal, ou melhor, na Peninsula, um fundo tradicional favorecido pelos cruzamentos e muito principalmente pela situação especial de isolamento em que a natureza nos colocou, apartando-nos entre os Oceanos e as cordilheiras pirenaicas.

Tal situação, porém, vae-se modificando a olhos vistos deante das invasões do progresso, pela facilidade de comunicações que actualmente se fazem numa aceleração vertiginosa pelas vias maritima, terrestre e aerea.

O isolamento resultante do atrazo no desenvolvimento de comunicação a impedir o convivio social e tambem os enlaces conjugaes entre elementos de localidades diversas, geram o despeito, a rivalidade, o desdem e o desprezo entre os povos.

Esta hostilidade tanto se manifesta entre raças como entre nacionalidades, e vae desde a emulação entre regiões, cidades e povoações, até á divergencia entre partidos, filarmonicas e classes.

Quando se fala no perigo amarelo, no panslavismo ou no pangermanismo, alude-se inconscientemente ao antagonismo, seja ele de caracter racico, religioso ou politico. Tanto que reciprocamente falam os orientaes no perigo europeu, e os europeus no perigo americano.

E os americanos, quando se referem á Europa, chamam-lhe ironicamente «la vieille dôle».

As fronteiras politicas e as barreiras alfandegarias mais agravaram estas hostilidades entre nações.

Ja vimos como se determinaram estas correntes hostis em relação á França. Pois tambem com Hespanha elas teem subsistido, fomentadas por moveis aliás pouco conhecidos, ou pelo menos em geral erradamente interpretados.

A relação quasi amistosa em que os povos limitrofes ou raianos das duas nações visinhas convivem, cruzando-se pelo casamento e fraternisando nas divergencias ocasionaes que as circunstancias sugerem, facilitando entre eles a permuta pela aceitação reciproca das moedas correntes nos dois paizes; tudo isto exuberantemente demonstra que o antagonismo secular que aparentemente separa Hespanha e Portugal, não é de natureza etnica, como ás vezes se pretende incutir.

A perda de Olivença, terras e povos, como o tratado diz (2), veiu comprovar o acerto pela facilidade de adaptação d'aqueles nossos patricios ao regimen hespanhol, realisada em cento e vinte anos, sendo certo que ao fim de uma dezena já não reclamavam, nem sequer reagiam vigorosamente contra a nova situação creada.

Na Peninsula, a hostilidade, além dos fundamentos genericos a que temos feito referencia, gerou-se tambem na esperiencia de conciliabulos politicos, em que Reis e Principes de ambos os paizes se embrenharam prolongados seculos, ora promovendo guerras, ora celebrando casamentos destinados ao sonho do Quinto Imperio que possivelmente se realisaria por meio de sucessões artificialmente preparadas.

Com a etnografia hespanhola tem importantes relações de similhança com a portugueza, as manifestações de caracter entre os dois povos, acham muitos pontos de contacto.

Por igual de origem ibero-celta-liguria, não deixamos os peninsulares de ter muitas afinidades com os da Escocia e da Irlanda, com os de Galles com os de Italia e com os atuaes representantes dos Gaulezes.

Ladislau Batalha.

(1) Tratámos dos Ligurios no volume «*Negativismo*», 86 a 106 9. v.

(2) 6 de Junho de 1801, art. 3 apud. *Quadro Elementar* do Visconde de Santaram, II-326.

A questão da Alta Silesia

Os alemães entendem que ela lhes deve pertencer

BERLIM, 1. — Na sessão do Reichstag o chanceler declára que o governo alemão cumprirá todos os seus compromissos, enum ra quaes as medidas tomadas para o desarmamento e assegura que a entrega das armas se fará nos prazos estipulados.

Quanto á dissolução das organisações militares diz que ela não cae sob a alçada do tratado sobre o desarmamento.

O chanceler expõe em seguida o programa resultante das clausulas economicas do ultimatum e o programa financeiro.

Anuncia a proxima aplicação de novos impostos e expõe o programa economico do governo e depois, falando da Alta Silesia, insurge-se contra a insurreição polaca e proclama a necessidade da auto protecção alemã e declára que a Alta Silesia devia ficar para a Alemanha.

Termina o seu discurso por fazer um apelo a todos os partidos para ser levado a efeito o pagamento de todas as prestações cujos encargos a Alemanha assumiu. — (H).

Um general alemão que não acede aos pedidos dos aliados

BERLIM, 1. — Dizem de Breslau que o general alemão Hoefer, respondendo ao pedido que lhe foi feito pela comissão inter-aliada para desarmar e dissolver as organisações do seu comando, repeliu o pedido, declarando que ele só podia ser examinado depois dos insurrectos polacos terem sido expulsos da Alta Silesia. — (H).

Conferencias

A convite da comissão de moral do Conselho nacional das mulheres portuguesas, realisa a sr.ª D. Maria O'Neill depois d'amanhã, pelas 21 horas, na rua Antonio Maria Cardoso, 20, 1.º, uma conferencia sob o tema «Prostituição infantil».

A Camara Municipal e a caça á multa

Mas quanto a cuidar das comodidades dos municipes é o que se vê

A Camara Municipal de Lisboa é prodiga em multas e em aumentar as contribuições, lá isso é verdade, mas quanto a cuidar dos interesses dos municipes e das comodidades a que eles teem direito, para isso não olha ela.

Tem um *defecit*, alega-se. Mas ainda se ao menos o aumento de contribuições e o rendimento das multas fosse para cobrir esse *deficit*, vá lá, pagar-se-hia de boa vontade. Mas, isso sim. O *deficit* aumenta, aumenta todos os anos, para nada servindo o dinheiro que a bem ou á força entra nos cofres municipaes.

Queremos luz? Arranjemo-nos como pudermos, porque a Camara quer lá saber d'isso! Só a Baixa é que tem direito a ser iluminada. O resto da cidade pode continuar a jazer imersa em escuridão. Que tem a Camara Municipal com isso?

O serviço de limpesa e regas é o *primor* que toda a gente vê: nuvens de poeira que cegam o pobre transeunte, que lhe entram pela boca e quasi o asfixiam. Caixotes de lixo ás portas, esperando horas interminaveis a archaica carroça, que é uma autentica vergonha para uma cidade que pretende de civilisada, exhalando-se de muitos d'eles um cheiro nauseabundo e sendo remexidos por trapeiros, por gatos e por cães, os quaes todos concorrem para espalhar o conteudo pelos passeios.

Quanto á conservação dos pavimentos das ruas, nem falar n'isso é bom. O dinheiro dos cofres do municipio só chega para as obras do Rocio.

Então, no assunto viação, que faz a Camara Municipal? Emfim, em tudo, absolutamente em tudo que respeite á comodidade, a asseio, a hygiene, a conforto mesmo dos seus contribuintes, a vereação de Lisboa de nada quer saber, em nada pensa.

Mas, porque se não cumpriu imediatamente uma disposição qualquer que ela tomou e de que nem sequer muitas vezes se tomou conhecimento, porque na nossa terra ha o louvavel costume de não dar a publicidade suficiente, vá de multar.

Um jornal está sobrecarregado de impostos e contribuições. Paga á Camara licença de porta aberta, paga licença para poder fazer a sua venda, mas porque não pagou uma qualquer verba que a Camara se lembrou de lhe lançar a mais — uma duplicação do imposto — pois se lhe exige que pague licença de venda na casa da maquina e na séde, como se não fosse o mesmo jornal, a policia que ela tem ao serviço acorda imediatamente e vá de deixar o aviso para se ir pagar no prazo de dez dias, quando não... tribunal das transgressões!

N'isso, sim, n'isso a Camara é expedita. No resto, os municipes que se arranjem como puderem e quizerem.

[illegible] mulheres na aviação

Ha uns tres ou quatros anos que a travessia dos Andes vem tentando os aviadores.

A 12 de dezembro de 1918, o capitão chileno Godoy conseguiu fazer o trajecto entre Santiago e Mendoza sem qualquer acidente e a 5 d'abril de 1919 o capitão tambem chileno Cortinez fez a viagem de ida e volta, o que causou grande entusiasmo no seu paiz.

Tempos depois, o tenente argentino Matienzo teve uma cahida ao atravessar a fronteira e o seu cadaver, gelado, apareceu no verão seguinte entre os penhascos da cordilheira.

Mais tarde, o tenente italiano Locatelli percorreu, sem paragens, 1.200 quilometros, n'um vôo magnifico de Santiago a Buenos Aires, vôo que durou sete horas.

O francez Priour não conseguiu transpôr a temivel cordilheira, tendo o aparelho em que ia sendo despedaçado. Seguiram-se os vôos dos capitães argentinos Zauni e Almonacid, coroados de exito.

Ha dias, o telegrafo anunciou que a franceza mademoiselle Bolland conseguiu levar a cabo a perigosa proeza com a maior audacia.

Conta a aviadora que, depois de subir diversas vezes em Buenos Aires, chegou a Mendoza a 28 de março e tentou elevar-se sobre os Andes no dia 31, mas teve de desistir do seu empreendimento em virtude de lever pezo excessivo.

No dia seguinte, ás 7 horas da manhã, a aviadora subiu no seu aeroplano. O massiço dos Andes compõe-se d'uma serie de montanhas de 180 quilometros de largo com uma altitude que varia entre 4.000 a 8.000 metros.

O vôo foi dificilimo e a aviadora teve de recorrer a toda a sua energia para subir em grandes zig-zagues para evitar o chocar com os rochedos ponteagudos que pareciam vir ao encontro do avião para se oporem á sua passagem.

Apezar da pericia de mademoiselle Bolland, o aparelho esteve em risco de por diversas vezes se despedaçar contra os rochedos.

Quando estava proxima a transpôr a cordilheira e já ante o seu olhar se estendia o vale do Chile, começou a sentir um frio intenso, que lhe paralisava por completo os movimentos.

Ia naufragar á vista do porto! O cerebro da aviadora funcionava normalmente e avaliava bem o perigo, mas as pernas e os braços pareciam adormecidos por efeito d'uma força interior que lhe transformava o sangue das veias em chumbo.

Um esforço, um rasgo de audacia, e o aparelho dirigiu-se para a Escola de Aviação Militar de Santiago, d'onde alguns aparelhos se haviam elevado para escoltarem o da viajante.

Mademoiselle Bolland desceu em vôo planado e foi recebida com grande entusiasmo, aos acordes da Marselheza.

O governo do Chile condecorou a aviadora com a medalha do Merito

Theatros e Cinemas

Nota do dia

A' queixa contra o Trólaró.

Dissemos ha dias alguma coisa sobre uma queixa contra os autores do «Trólaró». Hoje publicamos o documento entregue no Governo Civil pela «Associação dos Autores Dramaticos». E' um documento bem esplicito e bem categorico:

Lisboa, 31 de Maio de 1921.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador Civil do Districto de Lisboa.—O Nucleo dos Autores Dramaticos da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro deliberou, em ordem do trabalhos da sua Assembléa Geral de 25 do corrente, apresentar perante V. Ex.ª a seguinte queixa:

Está-se representando no Teatro Salão Foz de Lisboa, sob a exploração da Sociedade Teatral Limitada, uma revista intitulada *Trólaró* composta descaroavelmente de quadros, cênas, numeros, uma apoteose e varios ditos plagiados de diversas peças de outros autores, nacionaes e estrangeiros.

Nomeadamente o quadro dos *Telefones* é roubado na integra a uma revista franceza, estando este Nucleo encarregado pelo sr. dr. Paul Pompei, ilustre representante dos autores francezes em Portugal, de apresentar queixa e exigir indemnisação; o quadro dos *Chapeus* foi amputado á revista «A Espiga» de Lino Ferreira, Pereira Coelho e Gustavo Sequeira; o quadro do *Natal* é reprodução exacta da revista «Sol e Sombra» de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e Lino Ferreira; o numero das *Pescadoras* é da revista «Pai Paulino»; o *fado das Trez Lagrimas* é da autória de Pedro Bandeira; o *Rocio e capilé de lépes* é plagiato puro e simples do *Arco de Santo André e Cinco Reis* da revista *O 31*; o *fado da Alfazema* é da revista «Aqui d'el-rei»; o fado do *Guarda-freio* é plagiato do fado do «Ganga», sendo apresentado no Porto com campainha tocando fóra de cêna, á imitação das guizeiras, e em Lisboa com apito para dissimular o plagiato; o numero da *«comida vista atravez de uma lente para dar a ilusão da fartura»* é decalcado numa conhecida *charge* caricatural do espirito francês, satirisando a presumida abundancia de que blasonavam os boletins alemães.

Poderiamos seguir com a enumeração, referindo-nos, entre outros, ao numero das *«bocetas de chapeus»* que é de uma opereta estrangeira, mas o que deixamos exposto já dá a V. Ex.ª a nota do escrúpulo e probidade com que os noveis e fecundos autores (soit disant) do «Trolaró» srs. Abreu e Sousa e Ascenção Barbosa iniciam a sua carreira de escritores teatraes.

Apezar de tudo, a Assembleia Geral deste Nucleo, reconhecendo que os autores lesados só muito tardiamente tiveram conhecimento do abuso de que eram victimas e só apresentaram os seus protestos quando a peça já ia adiantada em representações, resolveu proceder com generosidade, para não prejudicar a empreza nem os proprios pseudo-autores.

Limitou-se, pois, este Nucleo a oficiar aquela empreza solicitando-lhe cortezmente (documento n.º 1) que no prazo de trez dias os nomes dos referidos autores fossem eliminados do cartaz para desafronta dos escritores lesados.

A este gesto de indulgencia e contemporisação correspondeu a empreza do Salão Foz publicando nos jornaes, em grandes caractéres e a toda a largura da pagina, reclamos do seguinte teor:

E' tal o sucesso da revista «Trólaró» que todos se julgam seus autores. «Trólaró», a unica revista desejada cuja autoria é disputada.

Como suprema expressão de desplante impudico, de má fé, de cinismo impudente, estes disticos representam um escarneo, uma provocação e um insulto a este Nucleo. Ninguem a dentro dele, pretende ser autor da revista *Trólaró* porque a autoria de plagiatos não honra nem enobrece. O que pretendem os autores honestos deste Nucleo e não ser espoliados por emprezas e compiladores sem escrupulos. Pretendem que as suas obras sejam respeitadas, para que um dia, ao tentarem remonta-las, as não vão deparar truncadas, espersas, saqueadas no que teem de melhor e perdidas, portanto, para uma possivel reconstituição.

Nesta conformidade, o Nucleo dos Autores Dramaticos requer a V. Ex.ª a imediata suspensão dos atentados contra a propriedade literaria que representa a revista *Trólaró*, e uma acção de perdas e danos aos autores lesados, contra a empreza do Salão Foz e contra os indigitados autores da revista em questão.

Desejamos a V. Ex.ª respeitosamente

Saude e Fraternidade
Pelo Nucleo dos Autores Dramaticos da A. C. T. T.
O Presidente da Assembleia Geral
(a) *Felix Bermudes*

Reclames

No Avenida representa-se ainda esta semana em 2.ª recita d'assinatura, a linda comedia *Pipiola*, em que Palmira Bastos tem uma brilhantissima creação, na protagonista.

—Continua sendo numerosissima a das mais selectas a assistencia aos espectaculos do Avenida, em cujo teatro brilha como astro da primeira grandeza a insigne e inegualavel artista Palmira Bastos.

Hoje representa ela, numa das suas recitas de despedida, a uma vez mais, «A Dama das Camelias», em cuja protagonista tem um trabalho admiravel, que lhe conquista, todas as noites, aplausos entusiasticos. «A Dama das Camelias» é o maior exito teatral da actualidade, não só pela apresentação e beleza da peça como pelo seu primoroso desempenho.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Hamlet».
S. LUIZ — A's 21 h. — «A leiteira d'Entre-Arroios».
AVENIDA — A's 21,15 — «Dama das camelias».
GINASIO — A's 21,30 — «Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amór de Apaches».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ — A's 20,30 22,30 — «Trolaró».
GIL VICENTE — A's 21,30 — «A rosa do jardim».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas — Luta e box.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra

Vae realisar-se no sabado a ultima meia final

Vae ser dos melhores desafios da epoca o que se disputa no proximo sabado no Campo Grande ás 18 horas, entre o Casa Pia Atletico Club, campeão, e o Sporting Club de Portugal, que foi finalista.

A receita desta festa destina-se aos mutilados da guerra, sendo por isso certa grande concorrencia porque todos desejam auxiliar os valentes portuguezes que se bateram em França e na Africa.

Ambos os «teams» se apresentam com os seus melhores jogadores, sendo dificil prevêr qual será o vencedor.

Tem sido bastante comentada no meio fotobalista a atitude que a direcção da A. F. L. tomou para com o jornal «Os Sports» sobre a final do torneio da Taça Mutilados da Guerra.

A comissão organisadora resolveu efectuar a final n'um dia de semana no magnifico Campo do Stadium gentilmente posto á disposição do «Os Sports».

A direcção da A. F. L. reune hoje pelas 21 horas.

STADIUM

Realisa-se amanhã a visita da imprensa e direcções de clubs

Da direcção do Stadium recebemos um amavel convite para assistirmos amanhã, pelas 17 horas, á inauguração das novas instalações daquele campo atletico, hoje considerado o melhor entre nós. Os convites foram dirigidos á imprensa, direcções de clubs sportivos e algumas individualidades do nosso meio.

Agradecemos a gentilesa do convite.

Grupo Sport Cruz Quebrada

Um banquete de campeões

Realisa-se hoje na séde d'este Club, Rua da Lucta, 16-A, uma festa intima com o fim de solenisar as importantes obras que n'ela se efectuaram, as quaes são o inicio do desenvolvimento que o Club vae tomar na proxima epoca em varios ramos de sport, especialisando o foot-ball, sports atleticos e ciclismo.

Efectua-se tambem no proximo sabado um banquete organisado pela direcção do Club em honra dos campeões de 1920 que ganharam as Taças Luiz Monteiro e Lisboa sendo oferecidas 6 medalhas oficiaes do Club respectivamente a Pascoal, Pedro, Demonstenes d'Almeida e Salema Mexia (sports atleticos) e Dias Meia e Carlos Branco (ciclismo).

A inscripção para este banquete encontra-se aberta na séde do Club e encerra-se hoje.

Ultima Hora

O QUE SE PASSOU HOJE NO PARLAMENTO

Pelas 14 horas, foi dada ordem á guarda do Parlamento para não ser permitida a entrada no edificio do Congresso a nenhum parlamentar.

O comandante da guarda, destacou vedetas, que não deixavam entrar ninguem. Pretendia-se assim, ao que parece, obstar a que reunisse numero suficiente para poderem funcionar tanto a camera dos deputados como o senado, visto estarem marcadas sessões, o que se conseguiu plenamente, visto que tendo-se retirado alguns dos parlamentares que haviam comparecido, d'ai a pouco era revogada a ordem, porque se sabia já que não haveria numero para qualquer das camaras poder reunir.

Eram muito poucos os senadores e deputados que pelas 14 horas e 30 minutos iam para o Parlamento.

Nas imediações e largo não havia ninguem. Depois de revogada a ordem, que o comando da guarda havia dado, por ter corrido a noticia que se formavam grupo sede parlamentares para darem sessão, uns dez ou doze congressistas estiveram esvasiando as suas carteiras.

Só os que contam voltar deixaram os papeis.

O sr. dr. Bernardino Machado esteve nos Passos Perdidos do Senado tendo, por um continuo, mandado buscar os papeis que ainda se achavam na sua secretaria de ex-presidente do governo.

O sr. dr. Alvaro de Castro e trez dos seus correligionarios estiveram reunidos em conferencia n'uma das salas.

Não houve, depois, nada de anormal. Tudo voltou a um silencio sepulcral: a paz da dissolução.

EM FAVOR DOS POBRES

A batalha de flores

Trabalha-se ativamente na organisação da batalha de flores que, em beneficio das instituições de beneficencia, o Concelho Central das juntas de freguezia promove na Avenida da Liberdade no proximo domingo. Para o lindo festival conta o Concelho Central com valiosos elementos, tendo já contribuido com importantes quantias a casa Tota, Banco do Minho, Companhia Portugueza de Fosforos e Associação Industrial Portugueza.

Começaram hoje os preparativos no recinto da festa que vae da praça dos Restauradores á rua Barata Salgueiro, fazendo-se a colocação dos mastros e coretos.

O Conselho Central oficiou hoje ao Chefe do Estado Maior da G. N. R. pedindo-lhe a cedencia de duas bandas de musica para abrilhantar o festival e uma força daquela guarda para o policiamento.

Furto de 5.000$00 escudos

Prisão do auctor e apreensão do dinheiro

Como os jornaes da manhã noticiam, o sr. Manuel Gouveia, morador na calçada de Agostinho Carvalho, 55, 3.º, queixára-se á policia de que de casa lhe haviam roubado a quantia de 5.000$00.

Pondo-se em campo o agente Moraes, da 1.ª secção de investigação, conseguiu hoje descobrir o autor do furto, Joaquim dos Santos Barradas, morador no mesmo predio, no 2.º andar, que aproveitára uma pequena ausencia do locatario do 3.º para ali entrar e praticar o furto. Foi preso, assim como um amigo, a quem dera o dinheiro a guardar, tendo sido o dinheiro apreendido.

Recaptura d'um fugitivo

Em Faro foi preso o gatuno conhecido pela alcunha de «Olhão», que ha tempos, quando era conduzido ao Limoeiro, teve artes para fugir ao oficial de diligencias que o acompanhava.

Chegou hoje a Lisboa, acompanhado de alguns *socios*, que tambem foram presos n'aquela cidade.

As gréves na Argentina

Prisões e buscas, os ferro-viarios não vão para a gréve

BUENOS AIRES, 1—. A policia surpreendeu de manhã uma reunião clandestina de operários filiados nas Federações que discutiam eventualidade de declararem uma gréve geral. Foram presos 181 e fizeram-se buscas nos domicilios de alguns deles.

Os trabalhadores do porto que se encontram em gréve, procuram a adesão dos ferro-viarios, parecendo porém que não a obterão, porque estes se encontram pouco dispostos a solidarisar-se com os trabalhadores maritimos.—(A.)

Um comunista e numerosissimos agitadores que tentavam proclamar a gréve revolucionaria são presos

BUENOS AIRES, 1. — Os criados dos cafés e restaurants declararam-se em greve. Os proprietarios tratam de os substituir, o que tem dado origem á intervenção da policia. Esta descobriu que é na Venezuela que se encontra o foco principal de comunismo na America do Sul. O comunista Bildon excitava 300 operarios a declarar a gréve geral revolucionaria. A policia prendeu aquele agitador e mais 700 individuos que se encontravam reunidos nos cafés da rua Alsina e da Avenida Alen.

Foram presos ainda outros agitadores da maioria espanhoes e italianos. A população está tranquila e o governo procede com absoluta segurança e com o apoio da opinião que se mantem firmo num alto espirito nacionalista convencida de que nenhum perigo serio ameaça a sociedade. O movimento está destinado a abortar.

Aumenta todos os dias o numero de trabalhadores livres que se apresentam no porto assim como o dos condutores de automoveis que voltam ao trabalho

Remoção de bombas e armamento

Pela direcção da policia de segurança do Estado foram mandadas remover hoje para o Arsenal do Exercito algumas dezenas de bombas de diferentes modelos e várias armas, punhaes e outro material de guérra, que em resultado de apreensões feitas, ali estavam em depósito.

A nota que pela direcção d'essa policia nos foi enviada acrescenta o seguinte:

«Essa remoção foi feita numa viatura para a qual o material foi transportado pelos próprios agentes da corporação, que expontaneamente quizeram tomar tal encargo para assim darem o mais formal desmentido ás noticias tendenciosas publicadas em alguns jornaes de que tinham sido postas forças militares e policiaes de prevenção para o efeito, e provando de tal modo que o mesmo pessoal tem a compreensão nitida dos perigos e inconvenientes da existencia numa Repartição do Estado, sem os precisos resguardos, do material de tal especie.

Egualmente é falsa e tendenciosa a noticia de terem sido impostas quesquer demissões a agentes da P. S. E., sendo apenas certo que, a requerimento do interessado, por ter obtido uma vantajosa colocação particular, segundo declarou, foi concedida a demissão ao agente Borba.

Nenhumas demissões serão dadas pelo atual director, como se propala, salvo se a isso fôr forçado por faltas ou incorrecções graves de qualquer elemento da corporação, que aquelo funcionário pretende transformar num organismo util á defeza da Republica e da Ordem.

Tambem não é certo que, além da demissão citada, fossem apresentados quaesquer outros pedidos de demissão».

Noticias da Capital

UM AGENTE «DESMANCHA-PRAZERES»...—A policia é por vezes muito abelhuda e ha então agentes que são uns verdadeiros desmancha-prazeres. Ora imaginem que a um d'esses agentes, o Custodio das Dóres—V. Ex.as conhecem, não é verdade?—se lhe meteu em cabeça descobrir quem fóra o autor do furto no valor de 2.500 escudos feito ha dias a Maria Amelia Leitão, residente no Alto do Pina. E não se contentou só em descobrir quem fóra o autor, mas ainda quiz encontrar o roubo. Tanto andou, que lá foi encontrar em casa de Maria Delfina, na rua Marcos Portugal, 95, rez do chão, o seguinte: 20 lençoes, 32 toalhas, chales de lã, 26 guardanapos, almofadões, camisas de mulher, saias brancas, 9 travesseiros, colchas e, finalmente, outras roupas, um verdadeiro enxoval.

E' evidente que lá ficou a Maria Delfina sem aquilo a que já chamava seu, embora lhe não tivesse custado senão o susto...

AINDA PRECISAVA UM «PREMIO...».—Não ha duvida de que aqueles que se deixam seduzir com o denominado «conto do vigario» ou são lôrpas de todo, ou então são tão gatunos como os que tentam apanhar-lhes o seu rico dinheiro. Nem de outro modo se compreende que se deixem iludir com a promessa de lucros fabulosos de mãos a mais feita por pessoas que nunca viram, a quem não conhecem nem de vista.

E' isto o que se pensa sempre, mas que não tem havido a coragem de o diser. Pois disemo-lo nós. E o sr. Francisco Gonçalves, hospedado no hotel Peninsular, que ficou sem o melhor dos seus 700$00 pelo processo do «conto do vigario» ainda precisava um «premio» de consolação.

AI MEUS RICOS 200 ESCUDOS!—Tal foi a exclamação que o sr. Luiz Maria Mendes, morador na rua dos Correeiros, 278, loja, soltou ao reconhecer que alguem o *aliviára* d'essa quantia.

Lá foi, caminho do governo civil pedir á policia de investigação que o ajudasse a descobrir o novo possuidor do seu rico dinheirinho.

NOVOS AGENTES DE INVESTIGAÇÃO—Terminaram no governo civil os exames para agentes da policia de investigação criminal. O juri, que era constituido pelos srs. dr. Reis Junior e chefes Martinheira e Sequeira, classificou 17 concorrentes, devendo ser os dez primeiros promovidos ainda hoje.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 2—Disem de Berlim que o chanceller Wirth confiará brevemente a pasta das Finanças a von Strauss, actual director do Deutsch-bank.—(H).

NEW-YORK 2—Segundo uma estatistica oficial o custo da vida na America é agora apenas superior em 66 0/0 ao que era em 1914. Nas subsistencias ha um augmento de 52 0/0 e no vestuario um augmento de 68 0/0.—(H).

LONDRES, 2—Informa o correspondente do «Daily Express» em Constantinopla que a esquadra ingleza se acha em vesperas de cooperar com a esquadra grega em um rigoroso bloqueio ás costas turcas.

Acrescenta que a Inglaterra apoiará quer militar quer financeiramente a Grecia com a qual concluirá brevemente um acordo politico e militar.—(H).

ROMA, 2—Em consequencia da decisão dos empregados do Estado de declararem a greve pacifica, a administração dos correios e telegrafos reduziu os seus serviços.—(H).

GLESSEN, 2—O congresso das Associações de mineiros alemães regeitou a adhesão á Internacional de Moscou.—(H).

WASHINGTON, 2.—O senado votou o projecto de despezas navaes, elevadas a 494 milhões de dollars e a uma Borah pedindo ao presidente Harding para promover uma conferencia entre a America, Japão e Inglaterra tendente ao estudo da questão do desarmamento.—(H)

BEIRUTH, 2.—A esquadra ingleza fez-se ao mar com destino a Chypre, Smirna e Constantinopla, Sir Herbert Spencer partiu para Caiffa.—(H.)

LONDRES, 2.—Acaba de chegar a Londres o sr. Krassine.—(H).

Poeira da Arcada

Cumprimentos ao ministro da instrução

Compareceram ali hoje pelas 16 horas todos os professores do ensino secundario, para saudarem o sr. ministro da instrução, que recebeu os seus colegas com viva simpathia.

Uma festa japoneza

Deve realisar-se nos dias 23 e 24 deste mês, na «Sociedade Nacional de Belas Artes», uma festa promovida pela alta sociedade de Lisboa. A festa, cujo producto reverte a favor dos pobres de S. Martinho do Porto consta de kermesses japonesas, de musica japonesa, de danças japonesas, de mulheres japonesas.

Touradas

CAMPO PEQUENO.—No dia 10, festa da Cidade, ha uma bem organisada corrida, em que tomará parte um jovem «espada», que é considerado, pela variedade, finura e domisio do seu toureio, o mais legitimo continuador de «Gallito»: E' Marcial Lalanda, que o nosso publico já uma vez apreciou e que no dia 10 terá touros d'uma ganaderia que se estreia em Lisboa, a do sr. F. Bonacho (da Galega).

A cavalo tourelam José Casimiro e Rufino da Costa, que reaparece depois da sua colhida no Cartaxo.

ALGES.—No domingo realisa-se como já dissemos, mais um dos populares e animados divertimentos d'esta praça. Cavaleiro é o conhecido amador José Gomes e bandarilheiros serão numerosos e decididos aspirantes a toureiros, dos que não poupam o corpo para aprenderem. Antonio Preto e a sua gente apresentam dois intermedios comicos novos: «Um capitalista na Praça de Sevilha» e «A grande balburdia tauromaquica».

"A casa em chamas"

Ainda que se trate duma verdadeira catastrofe, provocada por um bando de malfeitores, não é caso para maiores inquietações, pois que, nem o pessoal de incendios deu provas da sua abnegação de sempre, nem o panico costumado se manifestou na nossa capital. O fogo, a que aludimos, teve logar em terras, longiquas, com os seus sinistros resultados, devorando por completo o refugio duma encantadora rapariga e dum valoroso rapaz que muito se amavam.

Não foi cá, mas pode ser visto todas as noites no Salão Central, no episodio *A casa em chamas*, da maravilhosa pelicula *Jack, coração de leão*.

Amanhã, uma nova manifestação de arte, de intrepidez e de heroismo: efectua-se na *matinée* do belo cinema a estreia do seguinte episodio *Uma voz de Alem-tumulo*, não menos emocionante e cheio de interesse.

A CAPITAL

3798 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 3 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Dentro da lei

N'uma entrevista publicada no «Mundo», o sr. Bernardino Machado, sendo-lhe perguntado o jornalista que se procurou se era certo ter sido por intimação do «comité» revoltoso que o sr. Presidente da Republica demittira o ministerio do que o sr. Bernardino Machado era chefe, respondeu textualmente:

«—Não. O sr. Presidente, tributando o seu alto apreço á obra do meu governo e verberando vehementemente a campanha repugnante que se movia contra mim, entendeu, contudo—quiz-me parecer desde a primeira hora da nossa conversação no dia 21, ainda antes da sedição militar se pronunciar—que o governo, embora sem oposição no parlamento, nem no paiz, já não possuia condições seguras de acção no seu proprio seio. Tal foi, creio, o mobil da sua decisão. Exonerou, pois, no uso das suas atribuições constitucionaes, não obedecendo a imposições, nem de modo algum se considerando como indicadoras da opinião publica.»

Não queremos n'este momento comentar detidamente as afirmações do sr. Bernardino Machado sobre as condições de solidez e prestigio do seu governo, mantidas até ao dia 21 de maio. Assim não relembraremos que esse governo estava cahindo aos pedaços, havendo-se já demitido um dos seus ministros, o sr. Portugal Durão, reputando-se iminente a demissão de outro, o sr. Antonio Maria da Silva, e havendo os comissões politicas do Grupo Popular reunido para indicar aos seus correligionarios, que d'esse ministerio faziam parte, a conveniencia de abandonarem as suas pastas. Quanto á falta de oposição parlamentar, não é exacto que ela não existisse no parlamento, visto o partido liberal n'ele estar representado, não deixando de discutir, atacando-os, quasi todos os actos politicos do governo em cujo seio as discrepancias iam até ao ponto de um dos seus membros, o «leader» do partido reconstituinte, sr. Alvaro de Castro, ter combatido a malfadada ideia do decreto anulando o que dissolvera o parlamento em 1917. Mas o que nos importa agora salientar é a declaração expontanea do sr. Bernardino Machado de que o sr. Presidente da Republica, demitindo o governo de que ele era chefe, não fez mais do que usar das suas atribuições constitucionaes, não cedendo a imposições de especie alguma.

Por esta forma se desfaz a alegação tendenciosa de que o sr. Presidente da Republica estava coacto quando demitiu o gabinete Bernardino Machado. E desde que o não estava, segue-se que em todo este incidente a acção do Chefe do Estado se exerceu dentro das mais rigorosas praxes constitucionaes demitindo livremente um governo, e livremente nomeando outro, que nenhuma responsabilidade tinha no pronunciamento a que o sr. Bernardino Machado aludiu.

O sr. Antonio José de Almeida não tem feito senão cingir-se aos seus deveres e usar dos seus direitos. Demitiu constitucionalmente o gabinete Bernardino Machado, que já não considerava em seguras condições de acção no seu proprio seio. Constitucionalmente chamou ao poder um grande partido da Republica, o liberal, que ainda não teve as responsabilidades exclusivas de governo. Constitucionalmente consultou o conselho parlamentar, antes de dissolver o parlamento. Constitucionalmente dissolveu esse parlamento. Como pode, pois, haver alguem que ouse afirmar ter o venerando chefe do Estado sahido, uma linha sequer, das funções que lhe atribue a Constituição da Republica?

Aqueles que se lembraram de apontar o sr. Presidente da Republica como um infractor da Constituição já a estas horas devem ter reconhecido que todos os seus esforços para atingir essa grande figura, symbolo e representação fiel da democracia portugueza, serão inteiramente bal dados. Não teem razão, e sem razão nenhum movimento serio se pode desencadeiar neste paiz.

CORONEL ANTONIO MARIA BAPTISTA

Passa depois d'amanhã o primeiro aniversario do falecimento do ilustre republicano e saudoso coronel Antonio Maria Baptista.

O pessoal do seu gabinete, comemorando essa lutuosa data, promove uma sessão de homenagem, que se realisa, pelas 15 horas, na séde da Associação Comercial dos Logistas de Lisboa, avenida da Liberdade, 19, 1.º.

Assistencia Nacional aos Tuberculosos

E' amanhã que, como já noticiamos, se realisa no teatro de S. Carlos a recita dos quintanistas de medicina em favor da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

Os futuros clinicos quizeram, antes de para sempre se despedirem da vida de estudantes, que deixa sempre imorredouras recordações, concorrer para uma obra por todos os motivos digna de protecção e, assim, juntando o util ao agradavel, vão amanhã proporcionar aos que forem [illegible] uma noite deliciosa.

A caminho da Promissão

Os que pregam o agravamento do cambio são os mesmos cambialistas que tudo açambarcaram

Apezar dos energumenos, inimigos da nação e do povo levarem o seu descaro a vir á imprensa lastimar a melhoria do cambio e na cegueira do seu egoismo descerem á mentira; apezar dos refalsados calculos e informações a ver se desnorteiam o publico e se ainda mais uma vez iludem os papalvos a quem eu tenho estado a abrir os olhos á verdade, á realidade das coisas; apesar de tudo isso a vida melhora.

Eles bem se esforçam por refazer o desvendito, a lenda do nenhum valor do dinheiro portuguez, a impossibilidade de levantarmos cabeça, a quasi inutilidade das reparações, mas tudo aparece em vão á luz da publicidade. Já lá vae a hora da mystificação, a crença na nossa ruina, como todos os fenomenos de caracter social passou á historia da ingenuidade deste povo e não é possivel fazel-a entrar novamente no mesmo quadrante. Eu bem sei como isso lhes convinha, aos cambistas, aos banqueiros, transformados em comerciantes açambarcadores.

Se fosse possivel ressuscitar a estupida persuação da nossa aflictiva situação financeira, se a lenda morta do escudo moeda fraca pudesse viver mais algum tempo no espirito publico, como eles continuariam a impingirnos as mercadorias armazenadas pelos preços exorbitantes que os enriqueceram demasiadamente!

A' elegia dos lucros fabulosos que não voltam, acrescentam agora o desespero da agressão a quem os tolhem na ancia de nos decretar a fome.

Comprehendo o seu desanimo; porque de facto o publico já sente exacto, já percebeu todo o jogo ilusionista que lhe esteve depauperando a bolsa, o estomago, os intestinos. Mas isto tinha chegado ao maximo de abuso. Talvez só se possa citar uma ou duas casas de credito, bancos propriamente ditos, só dois, repito, que se não tenham metido a industriais, a comerciantes!

Foi o supra-sumo da patifaria o que para ai se esteve a fazer. O banqueiro deixou de ser o orientador experimentado dos negocios, o fornecedor de dinheiro para negocios ou empresas, para ser o concorrente desleal dos comerciantes, para competir com os emprezarios, com os de iniciativa que o procuravam.

Quantos casos se contam de negocios apresentados a casas bancarias, com planos estudados—exigidos pelos banqueiros,—aos quais era regeitado o apoio financial, para d'ai a pouco serem realisados directamente por essas casas de usura. Recambiava-se o relatorio, honestamente apresentado, de qualquer iniciativa, transação ou empreza; declarava-se que não merecia interesse, mas ficava-se com copia e punha-se em execução por conta propria!

Os capitaes depositados nessas casas para ajudar o comercio, as iniciativas, as empresas industriaes, esses que deviam ter sempre representação exeantevel, passou a ser empregado em açambarcamentos de a quanta mercadoria se poude deitar a mão.

Foi assim que as casas bancarias, passaram a ser verdadeiros celeiros, depositos de açucar, armazens de cabedal, ... e foi assim que no momento em que se desenhou a ameaça de uma corrida a essas casas, o publico chegou a ter a esperança de ver surgir a abundancia, pela necessidade imediata que essas casas teriam de realisar a liquidação dos seus «stocks».

Mas tudo isto é historia longa e que merece ser pormenorisada, com factos e nomes que virão a seu tempo.

Agora preocupa-me mas é o açambarcamento capital, aquele de que todos dependem, aquele sem o qual nenhum outro é possivel—o açambarcamento do ouro.

Contra este se devem unir todas as forças que na nossa terra reagem contra a especulação.

Como já disse só a noticia de que se faria um emprestimo melhorou o cambio, e facilitou a vida, barateando todos os artigos de importação.

As ofertas aumentam e veem mais baixas. A invasão dos oferentes cresce.

Os estabelecimentos veem-se assediados.

Só o não sabe quem não tem a sua porta aberta como retalhista, ou com restaurante. Até o «champagne» já vem por ai abaixo, como avalanche que se despenhasse dos pincaros dos Alpes. Os artigos extrangeiros ocorrem, para evitar a concorrencia dos que venham a ser introduzidos a cambio mais favoravel. E' o presentimento que se estabeleceu na consciencia de todos, e que se não desfaz e isto sómente pela noticia d'um suprimento em dollars. Gesticulam e vociferam os energumenos muito embora, tudo anuncia que vamos a caminho da vida mais facil e mais desafogada.

Mas os conservadores os defensores de existente, aflictivo para todos nós, e só azado para eles, insistem e chegam até a mandar publicar em editorial a quasi nula vantagem do que a Alemanha nos vae pagar; ao mesmo tempo assestam sobre arejadas de torpissimo veneno contra um suprimento que, ainda não feito, só pela simples suposição de ser será levado a efeito, já produziu os efeitos que tenho relatado.

E' um jogar comum para quem, na ultima semana, esteve em contacto com os fornecedores ou seus agentes.

A audacia, porém, chegou ao extremo, havendo até quem venha dizer ao publico o segredo da sua consciencia, que reclama vida cara, agio alto do ouro e, portanto, a precipitação da desorganisação da nossa sociedade. E não são os indesejaveis do anarquismo; são os homens das cambiaes — os patriotas!

D. Thomaz de Noronha.

DIZE TU DIREI EU

Libreto para opera-bufa

1.º ACTO

O Francez: Messieurs. As tarifas combinadas para expedição directa . . . . Tenho dito.

O Hespanhol: O caminho da civilisação, conquistado pelos que entraram na guerra... Nós os mais fortes... O mundo saiu da nossa conquista...

Um congressista sincero: Onde é hoje o jantar?

O Tcheco-slovaco: Proponho que se trate da participação nos lucros... Que lindo era não pensar mos mais em dividas das nações pequenas ás grandes...

O Inglez (em inglez): Livra!

O interprete (traduzindo em francez): Livra!

O japonez: A comissão de camb'os...

Um portuguez (á porta): A quanto está hoje o franco?

Outro portuguez: A 880...

O francez: Demos as mãos n'um trabalho comum, n'uma d'essas apoteoses de beleza universal, o assim obteremos a egualdade monetaria...

O Inglez (em inglez): Livra!

O interprete (traduzindo em francez): Livra!

O francez: E assim todos os povos serão felizes pelo equilibrio dos orçamentos e pela estabilisação simpatica e humanitaria do cambio. Viva a França! Viva Portugal!

Um portuguez: Então o franco a como está?

Outro: Vae bom, obrigado. Fechou a 880.

O belga: A conferencia vae estudar as vias navegaveis, de que sou o relator da tese...

Um congressista sincero: E' preciso não esquecer que o *Garden-party* é ás 5 horas...

O belga: ... para encorajar e secundar todos os iniciativos (aplausos).

Um revolucionario (apoplético): Os sênhores acabam com os discursos ou rebento. Não respondo por mim mais 24 horas... Eu rebento... eu rebento!...

2.º ACTO

No comboio:

1.º Conferente: Não foi mausinho, senhor.

2.º Conferente: Lindos panoramas, ... estradas terriveis. Intransitavel este paiz... E os homens? Encilopedicos, hein?

1.º Conferente: Os caminhos de cabras... Mas, não foi mausinho, não senhor.

3.º Conferente: E' um paiz abundantissimo, come-se bem e... baratissimo. Para o ano onde? em Italia? Optimo, optimo...

A. F.

PELO TELEGRAFO

A atitude dos minoritarios francezes

PARIS, 2.—Em consequencia da proposta dos minoritarios para que houvesse representação proporcional no conselho federal dos ferro-viarios, em harmonia com o prorata dos votos emitidos, aqueles abandonaram a sala do congresso. A cisão é um facto consumado.—(H.)

As gréves em Inglaterra

LONDRES, 2.—A camara dos comuns aprovou por 184 votos contra 55 a prorrogação da aplicação das medidas excepcionaes por causa da gréve do carvão.—(H.)

Diplomata que pede a demissão

CHRISTIANIA, 2.—O ministro da Noruega em Paris, sr. Wedel Jarlsberg, pediu a sua demissão como ministro da Noruega em Madrid e Lisboa.—(H.)

Tribunaes de excepção na Prussia

BERLIM, 2.—A Dieta prussiana aprovou que se mantivessem os tribunaes de excepção.—(H.)

Melhoramentos no porto do Maranhão

RIO DE JANEIRO, 2.—Foi aprovado o credito de 7391 contos para os melhoramentos do porto do Maranhão.

As importações no primeiro trimestre deste ano atingiram 583:755 contos e as exportações 370:430 contos.—(A.)

SEXTAS-FEIRAS

Letras a [illegible]

Adão, Eva e mais familia no paraizo do Ginasio

RESPOSTA A UM INQUERITO

O nosso elegante colega «Diario de Lisboa» acaba de agitar a campanha reclamatoria das discussões sobre a peça combativa e ardente do poeta sr. Jaime Cortezão.

Aquele nosso camarada abriu um inquerito monstro, no qual ameaça depôr toda a Biblioteca Publica, sobre o «paraizo perdido» do teatro do Ginasio, e tudo leva a crer que o publico, os actores e o proprio autor — quem, depois do inquerito concluido, perfeitamente elucidados, este sobre o que fez, aqueles sobre o que viram. Cá por nós, modestos demais para figurar num inquerito entre «homens que ficam» na literatura—e que ficam muito bem — limitar-nos-hemos, como bons camaradas, a completar cá de fóra aquele inquerito que foi, indiscutivelmente, um golpe do jornalismo interessante. E, completamo-lo, como é natural, a um cronista da rua, ouvindo o publico. Aquele publico «que cassa» nos fauteuils, nos camarotes, no promenoir, publico é claro que não «marca» senão os logares porque, emfim, os paga. Esse publico para quem a gloria é um «reflexo de luz», na frase lata do sr. Proença. Tem pois esse publico a palavra.

A geral:

Eu cá gosto da peça. E' um «trabalho importante»... O Alves da Cunha berra, mas é assim mesmo... O que os malandros dos açambarcadores precisavam era forca! Ah, dois ali no Terreiro do Paço a abanarem no vento o acabou-se-lhes com a raça! Exploradores do povo! Vampiros que sugam o sangue ao «oprariado» consciente! Parasitas! Burguezes! Olha como estava gordo o Otelo de Carvalho! Aquilo é o suor dos pobres, é a miseria dos trabalhadores, é a riqueza e a burguezia. O que não percebi foi porque ele falava em «laus» e metia padres. Aquilo se calhar era a mania dos talossas; mas eles não vão na «fita», porque estão com a «moage»...

O promenoir:

E' uma peça... é poesia, do paraiso. O Alves da Cunha é tezo. Tem um papelão. Oh menino, aquela «tirada» contra o Otelo. A de se lhe tirar o chapeu. Sabes, o que não gramei foi o padreca... Oh menino, parece um sermão toda a peça. Livra! E aquela da Berta Bivar entrar pela prisão dentro como se estivesse em casa, em cabelo... Não lembra ao diabo! A mãe, tambem me pareceu muito chorona; e que dizes aquela ideia do estarem toda a noite da janela aberta a ver a revolução como se fosse fogo de artificio no Tejo, e ela a dizerem que ha uma grande batalha ali ao lado, e que ninguem ouve? E o Justino e a Justina a pedirem justiça?

A superior:

E' uma obra de tese.

Com tal tem qualidades e tem defeitos. O principal defeito é estirgar-me ainda mais o pessoal lá da loja que julga que eu ganho rundos e fundos, e que supõe que só ele é que trabalha. A melhor qualidade é mostrar que a Guarda Republicana sempre que cles veem para a rua lhes dá tapona.

O melhor acto é o 2.º. A melhor scena é a volta d'ele, quando diz que está tudo perdido, que esta vida são dois dias e não vale a pena sofrer, porque são todos o mesmo. Ora chuta...

3.º ordem:

O Alves da Cunha ainda é um homem interessante. Gostava que meu marido fosse assim. Aquilo é que é falar, parecia um livro. Ai, aim, para casa impressionadissima. Não gosto de dramas. Já disse ao Chico, que afinal gastamos um dinheirão para nos afligirmos. Antes fossemos ao Colyseu, ao menos os pequenos não adormeciam, nem tinha chorado a Néné, nem talvez o Chico tivesse tido a questão com o bilheteiro por causa dos cinco tostões falsos, que me deu o homem da carne, que costuma a vender á filha da visinha, que casou no sabado com o afilhado do socio do patrão do Chico...

Estava uma casa á cunha e o Chico diz que a peça é muito boa. Eu chorei ...

2.ª ordem:

A Berta Bivar não é nenhuma peste. Chatelam-me «peças de dramas» Com tristezas não me venhas ver. Ora não é muito mais desopilante o Nascimento ou o Anzarantes? Para sofrer basta o fado, o fadinho de cada um... Depois sem uma piada para rir, nem um numero de musical. Oh filhos se aquilo fosse traduzido cá pela «trompe» era um «tiro». Depois aquela historia dos açambarcadores já deu o que tinha a dar em outras revistas. E' um numero muito batido. Será uma peça de «tese» mas não é com certeza uma peça «tesa».

1.ª ordem:

A peça do sr. Jayme Cortesão comoveu-me muito. Nós as mulheres havemos de nos enternecer sempre com obras de ideal. Em um homem nos falando com o calor e o entusiasmo do Alves da Cunha, nós deixamos de ouvir com a inteligencia para o passarmos a ouvir com os sentidos.

Faz-se em nós um deslumbramento. Que me importa que ele fale certo ou errado,—fala bem. Que me importa que diga coisas pueris, que chegue a conclusões a que todos já chegaram, —se as coisas pueris me comovem, se as conclusões, ditas por ele, embora não compreenda, enternecem e me parecem novas.

Não gostei foi da Berta. Era preciso uma artista de instincto para aquele terceiro acto. Não tem alma, nem tem fogo, não tem sequer um incendiosinho. E, depois, repararam o vestido era do ano passado.

Frisas de boca:

Sim, sou conservador. A peça do sr. Jayme Cortesão não adianta nada. E' um libreto de opera italiana, com o quadro da prisão e tudo.

A peça é «fosca» a valer.

Está bem escripta? Dizem que sim. Terá lirismo, terá literatura, terá poesia? Talvez, o que não tem é teatro. Não tem pelo menos teatro daquele que estamos habituados a ver. Depois o que uma peça feita com que fim? Dar mais uma machadada na Sociedade burguesa?

Não, porque reconhece que o que se lhe sucede era igual ou peor. Alimentar a esperança na pureza da revolução (social)? Tambem não porque o protagonista se horrorisa com ela. Então, o quê?

Um desforço contra o tendeiro que lhe leva coiro e cabelo com as subsistencias? Nesse caso o mais eficaz ainda era pôr uma mercearia que podia chamar-se: «A Perola do Trindade» ou «O novo Paraiso dos Paulistas».

Fauteuils da critica:
(de graça)

A peça do ilustre homem de letras é um belo monumento de teatro, admiravel e forte.

A recente produção do autor do «Infante de Sagres» abre novos e largos horizontes ao teatro portuguez. Representação soberba.

Fauteuils da critica:
(pagos)

A peça do director da Biblioteca Publica não tem acção teatral.

E' uma sessão solene em que tomaram a palavra varios oradores.

A interpretação pifia:

Pela compilação, exclusivamente,

O HOMEM QUE PASSA

PORTUGAL E JAPÃO

Entrega de credenciaes

No paço de Belem realisou-se hoje, pelas 16 horas, com o cerimonial do estilo, a entrega das credenciaes do novo ministro do Japão em Portugal, sendo trocados afectuosos discursos.

A guarda de honra foi feita por uma força da guarda republicana com a respectiva banda, tendo sido a carruagem do ministro do Japão acompanhado por um pelotão de cavalaria da mesma guarda.

Asilo d'Espie Miranda

A festa que se devia realisar depois d'amanhã, n'esta benemerita instituição de caridade, á Campolide, em comemoração do seu 21.º aniversario, ficou adiada para quando se anunciar, por motivo da gréve dos electricos.

Homenagem a um professor portuguez

RIO DE JANEIRO, 2.—Por proposta do ilustre professor sr. dr. Rodrigo Octavio, foi nomeado professor honorario da Universidade do Rio de Janeiro o sr. dr. Alvaro Villela, ilustre professor da Universidade de Coimbra.—(A).

TEATRO POPULAR

Um novo genero de teatro: «os trólarós» — E' preciso fazer teatro do povo — Um exemplo simpatico — O poder educativo do teatro — A revista «Boa-Vida» — Capitulo em que se prova que alguns elegantes de Lisboa foram ao teatro :-: Salão dos Anjos á procura de sensações ineditas :-:

Eu julgo que assim como sucessivamente se creou a tragedia, o auto e farça, a comedia, o drama, a opera, a opereta e a revista, modernamente nós creamos outra especie de teatro: os trólarós. Este inverno teem ido a scena varios trólarós em tres actos, não só nacionais mas estrangeiros. E' que nós temos um tão grande poder trólarósista que ao adaptarmos peças estrangeiras elas ficam muito mais trolarós do que no original.

O que caracterisa esse novo genero de teatro é que é permitido fazer nele uma recapitulação interessante dos varios sucessos anteriores. E' um somatorio, uma resultante de graça alheia, uma especie de «puzzle» de talentos varios, duma indiscutivel originalidade technica. Além disso os «trólarós» são teatro para as bôas digestões, há neles graça, leveza, ale gria, despreocupações — a suprema despreocupação mesmo... Os trolarós não são peças de teatro, são numeros de «music hall» cerzidos habilmente, habilmente conduzidos, o tem portanto a alacridade e o encanto dos «cabarets» inglezes.

Era justamente esse genero de representações que eu queria ver realisado no teatro popular portuguez.

Precisamos fazer no povo uma terapeutica de alegria. Este povo anda doente de tristeza. O fado é um virus. Ha que fazer-lhe uma cura de bom humor, é preciso conseguir que os palcos sejam janelas bem abertas ao Sól, a iluminar tudo aquilo de musica cantante, de movimento, de côr, de ritmos saudaveis e novos.

* * *

Quem lê diariamente este jornal viu que ha tempos escrevemos umas linhas sobre o Teatro Salão dos Anjos, uma boceta para as bandas do Intendente, onde se levava á scena deante dum publico de trabalhadores e operarios, varias peças do gosto popular.

Essas linhas eram, na realidade, bem pouco lisongeiras para o autor da peça para os interpretes e até para os emprezarios. Hontem voltámos lá.

Porque o Teatro Salão dos Anjos, escondido numa travessa velha de Lisboa, merece a nossa atenção? Não. Porque o publico, aquele povo que entra ali, é uma materia prima que nos interessa, pelo seu vigor e pela sua mocidade, porque aquela amalgama surda e confusa nos bancos da geral, aquela «pâte» escura dos operarios e das alfurjas, das docas e das vielas, é alma, é vida, é corpo português. Ha que reeducar pelo sentimento, ha que redimir pela ternura essa admiravel e generosa força bruta que é a alma do povo, e o teatro popular é, nesse campo, duma acção intensa.

A nova e inevitavel revista que hontem vimos é mais uma serie de numeros, diluidos numa musica alegre, onde ha ás vezes pedaços duma inspiração sentida, ritmos populares conhecidos, vozes de serenatas nas travessas solitarias em noites de luar...

Usa-se e abusa-se da nota do fado e pouco são os numeros alegres. A representação, embora haja naquela minuscula companhia elementos aproveitaveis, falta alegria e brilho. Com toda aquela despeza do guarda roupa, de scenario e de pernas de coristas, podia talvez conseguir-se alguma coisa de mais vivo, de mais animado. E, é que ha na companhia «actorisinhas» e «actrisinhas» interessantes. Pedacinhos de carne, daquela mesma massa da plateia, atrofiados pelo desregramento das vigilias, mas onde não falta um certo «charme». Uns olhos gaiatos, uns labios sensuaes, todo o ar duma «cigarreira» provocante, em Salamite Silva.

Uma garganteita afinada e uns olhos tristes, longes em Deolinda Gouveia, e uma certa desenvoltura em Adelina Abreu, caracteristica.

Dos homens, Francisco Cruz é um actor de intenções, daqueles autentisos temperamentos de teatro e que se o fisico o ajudasse seria naturalmente alguem. Ha por ahi grandes actores em ... anho que não valem aquele corpo ... de miudo. Os outros, como se dizem os criticos de teatro, fizeram o que cabia nos seus recursos»...

O que eu acho nesse teatro dos Anjos de simpatico são acessorios que presenceei e que achei adoraveis.

A orquestra dâmo a impressão d'uma familia completa. Marido, mulher, os dois filhos e a tia.

Ha em tudo aquilo um grande ar de ternura. O primeiro violino terá 13 ou 14 anos, o segundo é talvez mais novo. Houve ao fim do espectaculo o primeiro violino vae lá dentro, e ali mesmo, na plateia se passa com discreção a «massa» para as mãos d'aquela pianista com ar de mamã. Na ultima cronica eu tratei pessimamente do teatro.

Pois hontem, os emprezarios, os actores, sabendo que fôra eu quem tão mal dissera de tudo aquilo, longe de me tirarem o bilhete como agora é costume em outros teatros, quando os criticos dizem mal, deram-se conheceer, chegaram quasi a agradecer-me, acharam que eu estava no meu direito, e com um sorriso triste comentaram apenas: «Fazemos o que podemos... são ossos do oficio...»

Por tudo isto, o teatro popular do Anjos é simpatico, e quem quizer ter uma sensação inedita do que é o povo, tire-se de seus cuidados e vá lá um dia. Já não será original, porque hontem, imprevistamente — o mais improvisamente possivel! — encontrei nesse teatro alguns dos mais elegantes e artistas rapazes de Lisboa, Armando Rodrigues esse «charmeur» dos salões da nossa alta roda acabado regressado de Paris, fresco e moderno ha um mez, Ayres Pinto da Cunha, O' Neil, etc.

Que estarão ali a fazer, misturados com o povo?

A' procura de sensações, ineditas, e havemos de confessar com certa originalidade.

Quando os vi tive a sensação de encontrar um patriota num paiz estrangeiro.

O Redator X.

Doidos eles!

Deve e Haver

A' conta da responsabilidade de Manuel Claro lançam eles o seguinte:

Primeira parcela:—ter fugido e vivido ilegalmente com uma senhora que eles dizem «(eles)...» que estava louca.

Ha um grande desconto a fazer aqui: a referida senhora estava louca, mas era de amor e foi ela quem se manifestou; e dela partiu o projecto de fuga.

Segunda parcela:— diz-se que Manuel Claro usava de nome suposto. E' o que se lê no processo de interdição daquela senhora e está reproduzido a pag. XX do livro «Infelis»: «... Em 3 de Fevereiro de 1919, ela foi de noite raptada (?) do mesmo hospital por dois individuos, moral e socialmente de infima especie (?!)... Estes individuos são um tal Manuel Lopes Cardoso Claro ou só Manuel Lopes Claro e que tambem tem usado o nome suposto de Manuel Correia... e Alberto Cardoso ou Alberto Matança contra os quaes já o autos e o Ministerio Publico promoveram o devido procedimento criminal».

Desconto a fazer: esta historia do apelido «Correia» provem do seguinte:

No processo-crime contra o Manuel e o Alberto, a dona do «hotel Lisbonense» fez, ao depôr como testemunha esta declaração: «Examinando os livros de entrada dos hospedes, verificou que de 20 para 21 de janeiro, do proximo passado (1919) depois de Zero horas, deram entrada, como hospedes do seu hotel dois, individuos, de um cara rapada e outro usando bigode, representando o primeiro cerca de 30 anos e o segundo cerca de 35 anos e tendo dado aquele o nome de Manuel Correia e êste de Alberto Matança, e sabendo a depoente mais tarde, por pessoas que foram ao seu hotel pedir informações sobre tais hospedes, que ele não tinha dado para registo os seus verdadeiros nomes».

Neste depoimento ha erros importantes. Alberto Matança é realmente o nome ou, melhor, o nome e a alcunha de um dos referidos individuos.

Isto mesmo é reconhecido pelo sr. dr. Cunha, como se vê doma transcrição acima feita. O outro individuo não deu o nome de Manuel Correia; quando no hotel lhe preguntaram como se chamava, escreveu num papel Manuel Cardoso; o porteiro é que ao transcrever o nome para o livro onde se registam as entradas de hospedes, transformou «Cardoso» em «Correia».

Convem explicar aqui (ás vezes tambem preciso de ser «miudinho») que o nome do referido arguido Manuel é Manuel Lopes Cardoso e que o apelido Claro, por que na terra é conhecido, lhe provem do pai que todos ahi conheceram, mas que o não obrigou a perfilhar.

Compreende-se que, se os dois quizessem ocultar a sua identidade, não teria um deles declarado chamar-se.

Alberto Matança (nome por que é conhecido na terra em que reside) e o outro não teria dito que se chamava Manuel.

Terceira parcela:—que na Administração de St.ª Comba Dão declarou ser negociante, quando era «amanuense»,—dizem eles.

Acrescentam aquelas «boas almas» como explicação «verdadeirissima» da ida de Manuel Claro áquela repartição publica «...tão suspeito de vida e costumes, que foi chamado por tal motivo a declarações na Administração do Concelho de St.ª Combo Dão...»

A verdade disto vê-se no depoimento que o secretario da mesma Administração prestou no processo-crime:... «O aparecimento daquele senhor (D. Maria Adelaide) coinci-

Noticias de Hespanha

Temporal — Manifesto feminista — Entrega d'um estandarte

MADRID, 3.—Caiu hontem á noite sobre esta cidade um terrivel temporal com chuvas torrenciais que obrigaram a suspender por algumas horas a circulação dos trens e dos carros electricos.—(A).

MADRID, 3.—Um grupo de senhoras pertencente á cruzada das senhoras espanholas esteve á porta do senado distribuindo a todos um manifesto que já tinham distribuido á porta do congresso, formulando reclamações feministas.

Foram muito bem recebidas por todas as pessoas a quem se dirigiram.—(A).

MADRID, 3.—No acompanhamento de Carabanchel celebrou-se com grande solenidade a entrega do estandarte que a condessa de Romanones ofereceu ao batalhão radio telegrafista em memoria de seu filho José morto em Marrocos. Assistiram o rei e familia real, o presidente do conselho destacamentos de ferroviarios e telegrafistas e alunos da academia de engenheiros.—(A).

Ha com o recebimento, na Administração do Concelho, dum telegrama-circular em que se pedia a vigilancia dum casal de espiões e foi até o ponto que lembrou ao citado Administrador do Concelho Dr. Abilio Castelo Branco, testemunha que já depôs, a conveniencia de chamar á Administração o arguido Manuel Claro. Ali declarou êste chamar-se Manuel Lopes Cardoso Claro...»

«Eles» é que falam com verdade como se vê!

Resta-me ainda dizer que a declaração de negociante feita por Manuel Claro é verdadeira. «Chauffeur» é que êle não era há muito. Desde que deixára a almofada, negociava em portenos de automoveis, como explicou no prefácio do «Doida não»!

Quarta parcela:—Manuel Claro—dizem êles—declarou-se casado, quando era solteiro.

Sim, senhores! foi na Administração de St.a Comba. Sôbre êste ponto esclareço o secretario dessa Administração: «Ali declarou êste chamar-se Manuel Lopes Cardoso Claro, ser casado com a senhora com quem vivia, de nome Maria Romana, natural de Beja, e que vinham viver para aqui, porque sua esposa gostava muito dos ares da Beira».

A sr.a D. Maria Adelaide, mudando de nome e Manuel Claro, dizendo-se casado com ela, tinham assim, ao esconder a sua verdadeira identidade, mais aquates e desculpa do que o sr. dr. Alfredo da Cunha e seu cunhado João Coelho, ao tornarem conhecido e clamoroso o escandalo de que se viam abster-se.

Parcela final:—

As «boas almas» tambem dizem que Manuel Claro não indicou a sua verdadeira naturalidade, porque disse ser de Lamego, quando rigiamente é do Roção, que fica no concelho de Castro Daire.

Deve explicar-se que Manuel Claro estava ausente do Roção havia muitos anos, pois tinha de lá saído em criança, para ir trabalhar em Lisboa, e costumava dizer que era dos lados de Lamego, por ser esta uma terra que todos bem conheciam, proxima do seu lugarejo natal. Assim póde dizer-se que foi impreciso, mas não que quizesse ser falso. E que terrivel coisa, digna de fôrca, se tivesse havido uma falsidade neste ponto!

Nós havemos de vêr o reverso da medalha.

Amanhã farei a conta das responsabilidades do sr. João Coelho.

Bernardo Lucas.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Coisas da Angela

Aquele *Amigo dos diabos* que costuma aparecer muito a proposito surgiu-nos pelo alçapão ao acaso, hontem á tarde.

—Então o que foi aquilo lá no Porto?

—O costume... indisciplina...

—A Angela zangou-se?

—A Angela nunca se zanga. Deu-lhe a bolha e não representou; é uma historia...

—Optimo Os leitores gostam de historias...

—Não vê que para fazer a *Zazá* em Lisboa como ela não tinha *toilettes*, andou-se á procura *de maillots* pelo Pitta, foi-se á Otero, e gastou a empreza uns contitos com a fatiota nova.

—Mas isso é roupa... que não nos interessa... e depois?

—Em Lisboa a *Zazá* foi uma vez. Na 2.a noite a *Angela* adoeceu, só fazendo outra vez a *Zazá* por estar comprometida para a festa de Clementina...

—E no Porto?

—No Porto, para desencravar os contos de reis, tinha-se combinado que o ultimo espectaculo em festa dela seria um tiro: *eu cá arranjo* dizia-nos. Marcou-se o *Zazá*, depois disse que fazia com a *Tosca*, e estava tudo pronto quando na vespera, a Angela, manda tirar tudo do camarim, declara-se doente e abala no comboio...

—Mas porquê?

—Nem ela talvez saiba. E ahi tem o que ha...

—Bôlha?

—Indesciplina, indesciplina... O que me aflige é andar tanta gente a chorar o *Trindade* que se perde. Deviam acabar todos para essa...

—O resto não sabemos, porque nesta altura o diabo fez *pum* e desapareceu, Chiado abaixo a caminho do *Eden*.

A. P.

Noticiario

Entre nós

A proposta que a companhia dos telefones recebeu para aluguer do Teatro, foram, uma de Luiz Galhardo, outra de Amarante. Tambem o sr. Emauz preguntou da direção da companhia se recebia proposta para aluguer.

—No caso de não ter teatro para a epoca de verão, é natural que Amelia Rey Colaço se estrei em «S. Sebastian» na companhia de Barcena e Martinez Sierra, estreando-se Robles Monteiro algum tempo depois.

Oxalá assim não suceda.

—Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes estão «...descançando» nas Caldas da Rainha.

— Os «Sports» não publicam no Domingo «Pagina Teatral», mas sim inaugura a «Pagina Cinematografica».

—No «Sá da Bandeira» do Porto estreou-se a companhia de «Great Carmo„.

—No «Teatro Nacional» do Porto sobe hoje á scena a revista «de Capote e lenço» pela Companhia Nascimento Fernandes.

Recebemos o ultimo numero do «Teatro & Sport» do Rio de Janeiro. Agradecemos.

—Na festa que 3.a feira se realisa no S. Luiz, festa de confraternisação luzo-brasileira, organisada pelo «Jornal da Europa» com grande brilhantismo tomam parte Viana da Mota, Judice da Costa, Armando Sarsiva Cacilda Ortigão, Anteonda d'Oliveira, Ilda Tichirio etc. Amanhã daremos o programa completo.

A ULTIMA ASSEMBLEIA GERAL DO Banco Nacional Ultramarino

demonstra a sua prosperidade e salienta a sabia e inteligente administração dos seus corpos directivos

Está ainda bem nitida na memoria de todos a esboçada campanha que ha mezes se tentou na praça de Lisboa contra as nossas mais importantes casas Bancarias e que só não foi por deante mercê do bom senso e do patriotismo de todos aquêles que põem acima dos interesses individuaes os sagrados interesses do paiz. Exactamente por assim o entendermos é que encaramos como um facto da mais alta importancia a assembleia geral do Banco Nacional Ultramarino realisada no passado dia 28 do mez findo para discussão e votação do relatorio do seu governo e do balanço e contas respeitantes ao exercicio do ano findo.

O Banco Nacional Ultramarino é entre as instituições congeneres, uma das que marcou um logar de mais alto valor já pela sua categoria especial, já pela sua expansão enorme, quer no continente, quer nas nossas possessões, quer ainda na vasta Republica dos Estados Unidos do Brazil, onde o Banco Nacional Ultramarino, na vanguarda dos Bancos de primeira categoria, é incontestavelmente o expoente maximo dos interesses bancarios na nossa vida financeira.

Por isso a sua assembleia geral realisada a 28 do maio ultimo, repleta de accionistas que representavam o que ha de melhor na alta finança, no comercio e na industria do nosso paiz, nos chamou d'uma maneira especial a nossa atenção obrigando-nos a pôr deante dos nossos leitores, n'uma rapida resenha, os factos que ali se passaram.

Perto das quinze horas o sr. Francisco Mantero constituiu a meza, como vice-presidente da assembleia geral, presidindo-a e nomeando para os logares de secretarios os srs. dr. Alfredo Iglezias Mendes da Silva e Nuno Simões Bandeira. Ao lado do presidente senta-se o comissario do governo junto do Banco, sr. dr. Malva do Vale, e á esquerda da mesa tomam logar os srs. dr. João Ulrich, conde de Caria, Henrique José Monteiro de Mendonça e conde de Monte Real, do governo do Banco: e os srs. dr. Pereira de Sousa, João de Sousa Rodrigues e Baltazar Cabral, membros do Conselho Fiscal. Da gerencia faltam os srs. Rola Pereira e Julio Schid, que se encontram ausentes do país, em serviço do Banco.

Iniciados os trabalhos, aprovada a acta da ultima assembléia, é lido o relatorio e contas e são postas a votação as propostas do Conselho Fiscal.

Para se ver o valor desses documentos e a solida prosperidade do Banco Nacional Ultramarino, basta dizer que os onus, encargos, liquidações e prejuizos diversos que ele suportou, tanto na séde como nas dependencias do Ultramar, metropole e estrangeiro, ascenderam á importancia de 22:397.490$68,7. Mau grado este grosso dispendio, restou-lhe ainda um saldo de 8:986.143$00,2, cativo dos seguintes pagamentos: Ao Estado, a renda fixada no contrato de 4 de Agosto de 1919, a verba de 1:357.784$80,8, e as contribuições geraís, na importancia de 1:215.022$45,9. A's obrigações de 4 1|2 % pagam-se os juros respeitantes ao 2.º semestre de 1919 e ao 1.º semestre de 1920, na importancia de 42.662$70. Estes encargos somam 2:615.433$96,7, o que reduz o saldo a 6:370.709$03,5. Para esta disponibilidade propõe a gerencia a aplicação seguinte: Para fundo de *Reserva Permanente* 700.000$00, para *Fundo de Reserva Variavel*, 400.000$00; para os *Titulos de Trabalho*, 55.040$40 para Subsidio á Caixa de Reformas e Aposentações dos Empregados, 51.046$67,5; para dividendo de 20 % ás acções, incluindo os 12 % já distribuidos e ficando de conta do Banco o imposto de rendimento e respectivas avenças de contribuição de registo e imposto de selo, 4:800.000$00. O saldo para conta nova fica, assim, sendo de esc. 354 621$96.

Ainda pelo balanço geral se vê que a Reserva permanente é agora de 20:800.000$00 e a reserva variavel de 4:100.000$00. Em titulos cotados em moeda nacional possui o Banco 3:243.489$25,5 e cotados em moeda estrangeira 2:691.492$66.

Lido o relatorio foi dada a palavra ao sr. dr. João Ulrich, financeiro ilustre, capacidade das mais distintas, organisação da mais solida que, n'uma eloquente analise pôs em relevo o largo periodo de incertezas que foi todo o terrivel ano negro de 1920, em que as dificuldades surgiam e se avolumavam de dia para dia n'uma progressão asfixiante. A tudo o Banco Nacional Ultramarino resistiu provando a amigos e inimigos que as alegações aleivosas que por vezes surgiram no estrebuxar das campanhas de descredito lançadas contra o Banco, eram improcedentes e aleivosas. E assim o B. N. U. desenvolve-se e a acção providencial das suas agencias ultramarinas, valorisando cada vez mais o seu credito, auxiliando o governo com credito especial, alarga tanto quanto possivel a sua acção meritoria e patriotica fomentando importantes Companhias na Guiné, acudindo á dolorosa situação de fome em Cabo Verde, auxiliando o fomento colonial em S. Thomé e Principe, valorisando a agricultura em Cabinda e propulsionando a toda a vida comercial, industrial e agricola de Angola energias d'uma compensadora vitalidade.

Após o discurso do sr. dr. João Ulrich usou da palavra o sr. dr. Francisco Vieira Machado que presta homenagem aos dotes extraordinarios do ilustre director cuja exposição a assembleia acabou de ouvir, homenagem que se generalisou n'uma quente, vibrante e entusiastica manifestação de apreço e de estima, que se repetiu quando após haverem falado ainda varios accionistas a assembleia geral aprovou, com visiveis mostras de agrado, a seguinte proposta apresentada pelo ilustre director do B. N. U., sr. dr. João Ulrich.

«Atendendo á interpretação que, pelas estações fiscaes se vem dando á doutrina da verba 505 da tabela anexa ao decreto 4:899, de 14 de julho de 1918, e á que, para as agencias e sucursaes dos Bancos estrangeiros estabelecidos em Portugal, a essa verba tem de ser atribuida pelo decreto de 23 de setembro de 1918, que os considerou como Bancos com séde no paiz; e atendendo a que não é admissivel que se exerça desigualdade de tratamento entre os Bancos nacionaes e estrangeiros; proponho que, para servir de base a possiveis futuras reclamações sobre as coletas de contribuição industrial lançadas ás filiaes deste Banco, o capital desembolsado da séde para as filiaes seja o seguinte:

Angra do Heroismo, 50:000$00; Aveiro, 100:000$00; Barcelos, 50:000$00; Beja, 100:000$00; Braga, 100:000$00; Bragança, 100:000$00; Castelo Branco, 100:000$00; Chaves, 100:000$00; Coimbra, 100:000$; Covilhã, 100:000$; Evora, 100:000$00; Estremoz, 50:000$; Faro, 100:000$00; Figueira da Foz, 100:000$00; Funchal, 100:000$00; Guarda, 100:000$00; Guimarães, 100:000$00; Lamego, 100:000$00; Leiria, 100:000$; Olhão, 50:000$00; Ovar, 50:000$00; Penafiel, 50:000$00; Ponta Delgada, 100:000$00; Portalegre, 100:000$00; Portimão, 100:000$; Porto, 1:000.000$; Regoa, 50:000$00; Torres Vedras, 50:000$00; Viana do Castelo, 100:000$; Vila Real, 100:000$00; Vizeu, 100:000$; Elvas, 50:000$. Soma, esc. 3:750:000$».

E encerrados os trabalhos, todos os congressistas abraçam o proponente felicitando-o pelo zelo, inteligencia e criterio manifestado na sua gerencia anterior que devaria o Banco Nacional Ultramarino á situação de destaque que continua mantendo e que é um autentico triunfo no nosso meio financeiro e bancário.

Vida Sportiva

Taça Mutilados da Guerra

As explicações d'um dos directores do Imperio-Lisboa

A proposito do artigo que sobre o caso da disputa da Taça Mutilados da Guerra, publicámos ante-hontem, dirige-nos o sr. Virgilio Fonseca a carta que em seguida publicamos. Apela esse senhor para a nossa lealdade, para a sua publicação na integra. Como vê, acedemos ao seu desejo.

Tratava-se dum desafio cujo produto reverte em favor dos nossos heroicos mutilados da guerra, bem dignos de um pequeno sacrificio. Portanto, embora com esse pequeno sacrificio, o Imperio-Lisboa pão devia opôr obstaculos á sua realisação.

Dadas estas explicações, tem a palavra osr. Virgilio Fonseca:

...Sr. director de "A Capital„

O artigo que em duas colunas do numero de quarta feira ultimo, desse jornal, foi encimado com o titulo de «*Taça Mutilados da Guerra*» e o sub-titulo «A atitude do Imperio-Lisboa», obriga-me a importunar V. pedindo-lhe a publicação destas linhas, favor que muito agradeço.

Já que o articulista entendeu dever chamar a atenção do publico para o que ele considerou indevidamente a *atitude do Club* a que me honro de pertencer, justo é que o mesmo publico tenha conhecimento da verdade que não é bem a que nesse artigo foi apresentada.

Em primeiro logar cumpre-me elucidar que o meu *Club* ou sequer a sua Direcção em cousa alguma foram achados neste assunto, e sómente eu fui procurado pelos srs. Pinto d'Almeida e Francisco Stromp, que me perguntaram se não haveria possibilidades do meu Club aceder a jogar no sabado em vez do domingo, ao que respondi me parecer impossivel, visto que uma das condições com que o Imperio-Lisboa se inscreve na Taça de Honra, foi precisamente a de não ter de jogar qualquer desafio em dias de semana, como o podia assegurar o delegado do Sport Lisboa e Benfica, sr. Ribeiro dos Reis, a quem tive a honra de tal comunicar, e quando na respectiva reunião trocámos algumas impressões, e quando tão longe estavamos ainda de que tal caminho tomassem as cousas.

Mais disse aos mesmos senhores que os motivos que a isso nos levavam eram varios, entre os quaes o mais importante o da manifesta impossibilidade em que nos achavamos de fazer jogar em dias de trabalho alguns dos nossos jogadores, entre os quaes João Duarte (cap. do 1.º team), por lhe não dar dispensa a casa onde exerce a sua profissão, e como este, outros.

Mas logo afirmei a minha e nossa vontade de coadjuvarmos a sua louvavel iniciativa, e assim declarei que nenhuma duvida teriamos, por compensação, em fazer os jogos da Taça de Houra em qualquer outro domingo, deste mez ou dos seguintes, porquanto não é habito do nosso Club esquivar-se a disputar as provas em que tenha menos probabilidades, a pretexto de que o adiantado da época o não permite. E' que o saber perder é virtude e nem todos o sabem fazer. Perder hoje, perder amanhã, e sem desanimo voltar ao campo tantas vezes quantas se ensejem, demonstrando uma fé sem limite... talvez não seja atributo de todos!

Não quero com estas minhas palavras censurar os que não querem jogar e que estão no seu justissimo direito; mas o que entendo pouco justo é que por não o desejarem fazer nos queiram obrigar a fazelo quando o entemiam e não quando nós podemos.

De resto, nós bem sabemos que isto tudo não passa dum capricho, pois quem me déra de vitorias para o meu Club como de desafios hão-de jogar ainda esta epoca os teams e os jogadores que a esta prova não concorreram.

Isto porem não passa dum desabafo e como tal deve ser considerado.

A questão que me levou a importunar V. é outra e a ela me vou cingir. Diz mais o articulista que o *nosso Club, que jogou durante a epoca uma longa serie de desafios, em que auferiu receita, não podia sacrificar-se em algumas dezenas de escudos, mas podia aproveitar-se dum importante desafio desse torneio para valorisar um seu match com um team hespanhol!* Ora dignem-se os leitores consultar a lista publicada no Suplemento dos *Sports* com as receitas atribuidas a cada Club e vejam a quantos milhares de escudos montou a deste Club, um dos mais antigos, com campo e despezas inherentes, etc?—a 900$00 Esc.! E não contente com este *tremendo* argumento, ainda nos lança em cara o favor que a Comissão da Taça Mutilados nos fez, marcando para o nosso campo uma das eliminatorias deste torneio! Se foi favor, o meu Club agradeceu-o em oficios que dirigiu a essa Comissão e mesmo á direcção do jornal *Os Sports* e é portanto pouco razoavel que agora, á falta de melhor, e na ancia de ferir o meu modesto mas digno Club nos seja lançado em cara o obsequio prestado! Era preferivel ter logo feito preço a essa concessão! E se assim fosse talvez o meu Club tivesse dispensado tão caro obsequio e contentado com o desafio Imperio-Vigo, que por uma irrisão da sorte foi incontestavelmente muito superior em jogo ao outro da Taça Mutilados! Em suma, quem mal não usa mal não cuida!

E já agora, antes de terminar, será tambem bom dizer que vista a impossibilidade que eu antevia de satisfazermos o desejo dos meus interlocutores, em absoluto, eu desde logo lembrava a possibilidade de ser utilisado o campo do meu Club, cedido sem remuneração alguma, para qualquer desafio que tivessem de fazer jogar em dia de semana e que pela sua menor distancia mais comodo se tornasse; isto alem da utilisação do nosso 1.º team, cujos jogadores muito prazer teriam nisso, em tantos desafios aos domingos quantos desejassem ele jogaria para os nossos Mutilados da Guerra.

E aqui teem, meus senhores, o que foi a *indigna* atitude do Imperio-Lisboa.

Não queremos jogar em dias de semana; desafios de responsabilidade; mas não queremos porque não podemos nesses dias apresentar uma linha competente para representar o Club. E nós reconhecendo a responsabilidade que nos cabem como dirigentes, não desejamos atraiçoar a nossa missão.

E em materia de sacrificio, ainda esperando que nos apontem quem mais do que nós se tenha sacrificado!

Agradecendo a publicação destas linhas e esperando da sua realidade a publicação na integra, subscrevo.me de v. etc.—*Virgilio Fonseca.*

...nho de 1921.

ULTIMA HORA

Lisboa sem electricos

Só são mantidas tres das prisões que de manhã tinham sido efetuadas — A reunião do pessoal grévista

Como se sabe, o pessoal dos electricos declarou a gréve a noite passada, depois de recolherem os carros aos «carr-barns», tendo sido praticados actos de sabotagem tanto na estação de Santo Amaro como na do Arco do Cego, que foram pouco depois ocupadas por forças da guarda republicana assim como a estação geradora de Santos.

Em Santo Amaro foram presos de manhã 90 grévistas, mas duas horas depois eram postos em liberdade. Todos os carros tinham sido sabotados: faltando a uns os manipulos, a outros as molas dos travões. Esteve ali a policia de investigação a passar buscas, acompanhada do pessoal que não adheriu ao movimento. As patrulhas de cavalaria da guarda republicana que rondam o edificio não permitiam a entrada de pessoa alguma estranha ao serviço e, escusado será dizê-lo, aos grevistas.

No Arco do Cego foram tambem sabotados todos os carros, mas numa busca a que se procedeu foram encontradas quasi todas as peças que faltavam e que haviam sido escondidas em diversos pontos. Tambem ali se efectuaram prisões, que não foram mantidas.

Na central geradora, o pessoal apresentou-se á hora habitual para trabalhar, mas, não lhe tendo sido permitida a entrada, retirou na melhor ordem.

Pelas 13,30, na séde do Sydicato Metalurgico, na rua da Esperança reuniu o pessoal em greve, presidindo o sr. Carlos Fortes, que era secretariado pelos srs. Alfredo Roque de Oliveira e José do Nascimento Correia.

Abrindo a sessão, o presidente faz uma larga exposição dos motivos que levaram o pessoal á gréve. Historia o que se tem passado com as reclamações ha sete mezes apresentadas á direcção da Companhia. O pessoal só como ultimo recurso e ao ver perdida em absoluto a esperança de ser atendido se lançou no actual movimento. Todos lhe davam razão: a Companhia, o governo e a camara, mas o certo é que até hoje as reclamações não foram deferidas.

Por ultimo protesta contra o aparato militar e se se mantiverem as prisões de tres companheiros, que diz serem injustas, propõe que os grévistas vão em massa apresentar-se á prisão, porque as responsabilidades são eguaes, são de todos. Atribue ao vereador da camara municipal sr. José dos Santos o agravamento da questão e aconselha os presentes a que aguardem as resoluções do «comité» com confiança.

O sr. Almeida Lopes que se segue no uso da palavra, diz saber que no momento em que fala está reunido na serra de Monsanto o comité, que se conserva vigilante e tratando de dar rapida solução ao movimento. Termina com vivas á gréve, que são entusiasticamente correspondidos pela assistencia, que enche por completo a sala.

O sr. Manuel Rola aconselha os seus companheiros o que se acautelem. A Companhia, diz, não cumpriu o que tratara apóz a gréve de 1919. Manda para a mesa duas moções que são aprovadas.

Nessa altura é recebida na mesa uma nota oficiosa do comité dirigente da gréve, na qual se diz que o unico fim do movimento é conseguir a melhoria da situação economica do pessoal, que todos se devem manter firmes e unidos e que deve ser nomeada uma comissão para tratar da libertação dos tres grevistas que acham presos.

Lida a nota, toma a palavra o sr. Armando Martins membro da comissão de melhoramentos, que historia as démarches feitas por essa comissão, entre as quaes figura a de ter solicitado uma audiencia do sr. presidente da Republica, cuja alta interferencia pediu para se solucionar a questão, sem ser necessario recorrer a gréve.

Tudo foi inutil. Todos mostravam muito boa vontade, mas o facto é que o pessoal não conseguiu vêr realisadas ainda as suas aspirações.

Dá conta do que se passou com o ministro do interior, sr. general Abel Hipolito, o qual disse que devia ficar tudo resolvido na sessão que hontem se realisaria entre membros do governo, alvitro sr. dr. Augusto Soares, delegados da Camera Municipal, os directores da Companhia Carris, e delegados do pessoal. Tendo estes hontem comparecido no ministerio do interior, á hora marcada, começou uma verdadeira romaria d'um lado para outro, sem que se conseguisse chegar a um resultado qualquer, porque ora faltavam uns, ora faltavam outros.

Dirigindo-se a comissão a Santo Amaro, ali encontraram o sr. dr. Augusto Soares, os directores da Companhia srs. Freire de Andrade e Batista Coelho com um comissario do governo, declarando esses senhores já se não efetuava a reunião, visto contentar-se a Camara com que a Companhia lhe oficiasse, pedindo-lhe novo aumento de tarifas.

A comissão não se conformou com isso visto conhecer bem o regulamento da camara e saber estar esta no periodo das sessões extraordinarias e não poder assim como dizia, resolver o assunto.

Afirma que ha mais tempo não foi declarada a gréve, por que não queria o pessoal que se supuzesso que fornecia qualquer movimento politico.

Foi em seguida nomeada uma comissão para solicitar a libertação dos tres presos.

Os presos são José da Costa Andrade, Armando Rodrigues e João Serra, acusados de terem praticado os actos de sabotagem na estação do Arco do Cego.

O chefe do distrito, ouvidos os comissionados, declarou que se ia proceder a investigações e só depois poderia atender o pedido.

* *

Em diversos pontos da cidade, taes como Terreiro do Paço, Rocio, Avenida da Liberdade e Estrela, estacionaram durante o dia numerosos camions, automoveis, side-cars e outros veiculos, para condução de passageiros, tendo tod s feito bum negocio.

* *

Uma comissão de academicos, acompanhada do conselho central das juntas de freguesia, dirigiu-se á Companhia Carris de Ferro e ao pessoal em gréve solicitando que depois d'amanhã, das 12 horas ás 21, fosse restabelecido o serviço, a fim de não prejudicar a batalha das flores, cujo producto, como se sabe, reverte em favor das instituições da beneficencia da capital.

Os ultimos acontecimentos

Pede-nos o alferes da guarda republicana sr. Pimenta para tornar publico que é menos verdadeira a afirmação d'um jornal da manhã de hoje, em que se diz a que ele tinha aliciado elementos para o ultimo movimento. Nunca aliciou, nem convidou quem quer que fosse a entrar n'esse ou n'outros movimentos.

Tambem o sr. Antonio Mario d'Assumção Matos, antigo empregado no fôro e na Agencia Havas, nos pede para declararmos que se desligou da Federação Nacional Republicana, por não concordar com a atitude por ela tomada por ocasião dos ultimos acontecimentos.

Incendio

Cerca das 13 horas, ardeu totalmente um barracão de madeira, na azinhaga da Torrinha, ao Rego, onde morava Maria d'Assumpção Silva. Os bombeiros quando chegaram, sómente puderam fazer os trabalhos de rescaldo.

Noticias da Capital

NEM O CAMPO SAGRADO RESPEITAM—A camara municipal apresentou queixa á policia de investigação de que nos ultimos dias tem sido grande o numero de roubos nos cemiterios, principalmente no do Alto de S. João.

Tendo aparecido arrombados vários jazigos, donde os gatunos levaram chumbo, castiçaes e outros objectos de valor.

Foi encarregado de proceder a investigações o agente Custodio das Dôres.

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

Numero	Premio
5628....	40.000$00
6627....	6.000$00
248....	2.000$00
6682....	1.000$00

Numero	Premio	Numero	Premio
5267...	972$50	2613...	200$00
5269...	972$50	3256...	200$00
2379...	500$00	3708...	200$00
4070...	500$00	3849...	200$00
5339...	500$00	4894...	200$00
6658...	500$00	5250...	200$00
50...	200$00	6729...	200$00
1121...	200$00	6829...	200$00

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. — «Hamlet».
S. LUIZ—A's 21 h.—«Os sinos de Corneville„.
AVENIDA—A's 21,15 — «Dama das camelias».
GINASIO—A's 21.30—«Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troiarás»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas Sarau em beneficio das viuvas e orfãos da guerra.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

A CAPITAL

3799 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escriptorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 4 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

Nas proximas eleições

Estamos apenas a trinta e cinco dias da data das eleições, o que quer dizer que n'um prazo, pouco superior a um mez, se tem de realisar a propaganda indispensavel a um acto de tamanha importancia como é o de consultar, por meio do suffragio, a vontade d'uma nação.

E não é só a propaganda partidaria que se torna necessaria fazer: é tambem preciso estudar bem as condições em que se vae effectuar o acto eleitoral.

Precisamente porque as eleições que se preparam se vão caracterisar por um espirito de absoluta liberdade e legalismo, de que os proprios adversarios do regimen mostram não duvidar, essas eleições tomarão, segundo todas as probabilidades, uma apparencia e uma significação que porventura não derivam das eleições anteriores. Tudo leva a crêr que as varias correntes politicas do paiz se manifestarão nas urnas d'uma maneira effectiva e insophismavel.

Mas os republicanos, aplaudindo o respeito pelos direitos de todos os eleitores, quaesquer que sejam as suas convicções, têm o dever de velar pela segurança e pelo prestigio da Republica, e para isso impõe-se-lhes a necessidade de procurar evitar, por todos os meios licitos, que das eleições surjam resultados que possam colocar a Republica, embora apparentemente, n'uma má posição.

Ninguem ignora que os monarchicos vão ás urnas, até mesmo aquelles que constantemente proclamam ser o systema parlamentar uma ficção perniciosa. Em face d'esta conjunção de esforços monarchicos, é preciso que a pulverisação dos partidos da Republica não proporcione aos seus inimigos faceis triunfos.

A monarchia assim procedia. Quando chegavam as eleições, em todos os circulos em que os republicanos tinham elementos valiosos no eleitorado, os monarchicos uniam-se para não permitir que os republicanos podessem aproveitar a sua fragmentação.

Teriam os monarchicos esse direito? D'uma maneira geral, podia-se reconhecer-lhes esse direito, se não tivessem já como em Lisboa, fraccionado as cidades para esmagar a expressão dos seus sentimentos com o voto das populações ruraes.

A Republica não fez nenhuma lei d'essa especie. A Republica vae para as urnas com lealdade. Mas ninguem pode negar aos republicanos o direito de se juntarem para resistir aos monarchicos que contra eles se juntarão apesar de as suas duas correntes, a que representa os interesses de D. Manuel e a que representa os interesses de D. Duarte, deverem estar separadas por um abysmo, porque a monarchia, de uma, é inteiramente diversa da monarchia que a outra preconisa.

O que é preciso é que, sem violencias de nenhuma especie, mas no uso d'um direito verdadeiramente sagrado, os republicanos não deixem que seja vencida a bandeira que a todos cobre. Para isso levanta-se uma razão superior a todas as divergencias de processos politicos, a todas as differenças de programas, até mesmo de todas as incompatibilidades pessoaes. E' a da defeza da Republica. Para a salvar, como em Monsanto foi salva com as armas empunhadas por cidadãos republicanos de todos os matizes, não valem menos as listas que esses cidadãos n'uma acção comum, forem lançar nas urnas eleitoraes.

Politica hespanhola

Declarações do ministro do interior —Conselho de ministros—A sessão no Congresso

MADRID, 4.—O ministro do interior declarou que o governo se apresentou ás camaras sem nenhum proposito preconcebido de aplicar a «guilhotina» a qualquer projecto de lei, desejando pelo contrario que a discussão decorra ampla e livre de qualquer coisa. Reserva-se entretanto o governo o direito de aplicar a «guilhotina» quando apareça o obstrucionismo.—(A).

MADRID, 4.—Realisou-se o conselho de ministros presidido pelo rei, no qual o presidente do conselho, Allen Dezolacar, o informou da maneira como decorreram os debates parlamentares. O rei congratulou-se pela forma como aqueles decorreram.—(A).

MADRID, 4.—A sessão de hontem do congresso demorou até ás oito horas da noite, correndo favoravelmente para o governo.

No senado o ministro da guerra leu um projecto de lei.—(A).

Imprensa

Após sete anos de forçada suspensão, vae reaparecer a «Revista Infantil», publicação destinada exclusivamente á propaganda educativa e moralisadora entre as creanças, e cuja distribuição continua a ser feita gratuitamente por todos os paes e professores, que a requisitem por escripto para a redacção, Calçada do Poço dos Mouros, J. C., 1.º E., Lisboa, a quantidade de exemplares que desejam receber, e incluindo $20 para gastos de expedição da «Revista» durante um ano.

A caminho da Promissão

A voz das victimas e os que me acompanham

Ora graças que acordaram!

Vae em 15 dias, duas semanas se completam hoje, em que, aqui, n'estas colunas, tenho mostrado á luz da maxima evidencia que nada justificava a vida aflictiva dos portuguezes, nada autorisava o gravame do cambio, nada havia de positivo que produzisse a exagerada elevação dos preços das coisas.

Tudo ficção, tudo especulação estupida, tudo illusionismo barato, certo, como os cerebros dos seus inventores.

A todos deve causar espanto, como tanto se poude prolongar o aparato de ruina, cujos efeitos não são faceis de reparar. Quantas victimas já desfeitas nas valas dos cemiterios, para lá conduzidas pela falta d'alimento, pela carencia de conforto e de agasalho! Quantos estomagos arruinados com a ingestão de substancias toxicas que, por serem menos caras, se era obrigado a adoptar como sustento! Que avanço na dissolvencia dos costumes! Quantas mulheres e crianças prostituidas para fugirem á miseria!

Quantos actos de desesperação no seio das familias, quanta má vida, quanta dôr, para que meia duzia de monos sem outra qualidade perceptivel, senão o amor ao refastelamento de suas banhas em automoveis e banquetes, e com mulheres que, por detraz d'estes scenarios aparatosos, se riram d'eles com os dilectos dos seus apetites, se plutocracisassem.

Bem caro se pagou essa orgia ignobil dos homens de finanças improvisados, e porque se pagou pela rua da amargura é que as minhas recriminações tiveram de aparecer. Não se deve passar uma esponja por cima dos causadores da fome e da miseria de seis anos, da obnoxia obra de escassez artificial, do vil plano de persuassão que levava as victimas, nós todos, a aceitarmos como irremediavel desgraça, os simples resultados da sua ambição; é neste excesso de bondade, é neste constante perdão, tão natural em nós portuguezes, que eu encontro a razão deste perpetuo equivoco de Justiça, como estimulo aos malfeitores perseverarem em seus crimes.

Ainda eles não abateram armas, ainda os seus jornaes injuriam em «en-têtes» os governos e insultam os ministros que emfim se resolvem a tirar-nos do «gachis» das cambiaes, a livrar-nos dos devoradores de carne morta, e já no horizonte se acena com o pendão da misericordia. Assim não ha ensino, assim não ha justiça, assim não póde sequer haver ordem.

Não; aqueles que para saborearem a volupia dos milhões se não importaram de decretar a fome e o envenenamento dos seus irmãos, não podem contar com o silencio para a historia das suas proezas. E' necessario que, quem morreu tuberculisado pela falta de alimento, gripado por não ter roupa de agasalho, cardiaco á força de se afligir com o tenebroso dia de amanhã, tenha tambem uma voz a clamar forte e desempenadamente todos os malefícios que os aniquilaram.

Os portuguezes levados pela sua indole piedosa esquecem facilmente os maiores ultrajes; com isso contam já os malfeitores; mas desta vez e para já, parece-me cedo o arvorar da bandeira branca.

Ha muito a esmiuçar e esclarecer. A politica internacional pode de um momento para o outro interromper o trajecto feliz que os aliados agora recomeçam, e bem me parece de vantagem incontestavel que todo o passado fique lucidamente aclarado para que, se mais alguma vez se entrovisarem os ares, sua habilidade da usura já não seja tão facil a reconstituição da sua obra nefasta.

Para que serviria a Historia se não fosse para nos ensinar a prevenir o futuro?

Esclareçamos pois como prevenção, que a alma do nosso povo, excitada, é toda feita de tendencias para se deixar imbuir tantas vezes quantas convenham aos barlões das praças e dos terreiros.

Hoje porem descançaremos, eu e o leitor á sombra das vantagens obtidas. Consegui dar vida, suscitar o interesse publico nesta malfadada questão dos cambios. Ha mais de um ano que lucto para confundir os incultos que vinham a publico falar de Portugal como de terra morta, de erario falido, e tanto barafustei, tão assisadas pude tornar as minhas razões, com tanta insistencia provei o contrario—a riqueza do nosso paiz, a productividade das nossas colonias, a acumulação do ouro pelo excesso de exportação sobre a importação durante a guerra e o armisticio, que vejo afim o meu esforço compensado.

O sr. Antonio Maria da Silva, recentemente saído da pasta das finanças veiu n'uma entrevista notável por a franca sinceridade dos seus asertos e com a autoridade de quem chegou de gerir os negocios da fazenda, reedita toda a sumula da minha campanha; abro hontem «O Seculo» e vejo o meu amigo Antonio Ozorio, falando-nos da confiança que tem de ser um facto, e como se estas emergencias de valor incontestavel não bastassem, até uma folha antiga, orgão de merceeiros por grosso e a retalho, que demais se obstinou na tarefa ingrata de tentar reconstruir o panico, de amesquinhar as nossas forças como nação viva, me apareceu hontem, apenas preocupada com o que iriam os governos fazer aos 18:740:000 libras que vamos receber. Este meu pesado antagonista, no campo da doutrina—é claro, para quem tudo se converte no «deve» e «hade haver» já hontem confessava que a libra chegará ao preço de 20 escudos; ele, que até ao presente, arcára com a perigosa responsabilidade de luctar pela conservação do existente, o alto agio do ouro, a carestia da vida; ele que muitos e rançosos argumentos e cifras trouxera a publico, no sentido de tomarmos como uma ilusão o desagravamento do cambio!

Pois é verdade até ele, até o velho matreirão, me segue já a caminho da promissão.

Acordaram emfim, e ainda bem, porque eu estava farto de prégar no deserto.

D. Thomaz de Noronha.

Festa de caridade

Uma comissão, composta das sr.as Condessas de Mossamedes, de Estarreja, das Galveias, de Monte Real, de Nova Gôa e de Valença, viscondessas de Mairos e dos Olivaes, D. Adelaide de Souza e Holstein Beck, D. Edith Perestrello de Vasconcellos, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Estrella Jardim Hintze Ribeiro, D. Eugenia d'Almeida e Vasconcellos da Camara, D. Fanny Davidson Perestrello de Vasconcellos, D. Joana de Tavora Folque do Souto, D. Laura Cancella Infante de La Cerda, D. Laura Palha Infante de La Cerda, D. Maria Augusta Castello Branco, D. Margarida Braancamp de Mello Cardoso de Menezes (Margaride), D. Maria Constança Roma Machado de Paiva Raposo, D. Maria Emilia Seabra de Castro, D. Maria Feliciana Ortigão Burnay, D. Maria de Lencastre Van Zeller, D. Maria Magalhães Villas Bôas d'Almeida, D. Maria da Pureza Ruiz e D. Thereza de Mello e Castro Verda (Mairos), promove, em favor da Obra das creanças da freguezia da Lapa, uma festa que promete ter o maior brilho e que se realisa no dia 11 do corrente, ás 22 horas, no parque do palacio Valença, á rua do Pau de Bandeira, gentilmente cedido para esse fim.

Vida politica

No Centro Republicano Radical, reunem amanhã em sessão magna as juntas paroquiaes do partido Popular, assim como os que o acompanham, a fim de se tratar da saida do jornal orgão oficial d'esse partido.

Os desastres da aviação

MADRID, 4.—No aerodromo de Quatro Vientos um aeroplano pilotado pelo tenente Totana com mais dois oficiaes, quando ia a 600 metros de altura precipitou-se vertiginosamente.—(A).

As descobertas maravilhosas

A hora que passa, passa na realidade?

O ilustre Charles Nordmann escreve no *Matin*:

O *Matin* notou com razão que os tiros de canhão disparados na semana passada para celebrar—pezar ou alegria?—o momento em que Napoleão morreu, soaram, na realidade, quasi duas horas mais cedo. Não é a primeira vez que as autoridades constituidas—não se discute se bem ou mal—não teem a noção exacta da hora. Notem que falo de cronometria e não de politica... poderia haver nisso engano.

O mais famoso exemplo desses erros de hora e oficiaes é a celebre frase de Fontanes, ao exclamar um dia, puxando do relogio orgulhosamente: «Neste momento, todos os retoricos da França começam a mesma sessão latina!» Não sabia, o desventurado! que nessa epoca cada cidade da França regulava os seus relogios pelo tempo local e que, por consequencia, os relogios de Nancy estavam adeantados 42 minutos sobre os de Brest.

Mas eis uma outra noticia: ha dias circulou em Paris uma petição solicitando o restabelecimento do tiro de canhão que, no Palais-Royal, anunciava outr'ora o meio dia. Ah! Receio bem que, se a administração restabelecer esse ruido meridiano e guerreiro, pratique uma tolice. Com efeito, ha já seculos que se renunciou a regular os relogios pelo sol. Este tem uma marcha de tal modo caprichosa que seria necessario, para o seguir, ora adeantar, ora atrasar, segundo as estações, os relogios mais perfeitos.

Substituiu-se a esse astro verdadeiramente demasiado versatil um sol ficticio que se chama o *sol medio*. E' este astro, invisivel e administrativo —por consequencia omnipotente—que, ha seculos, regula os nossos relogios, os quaes marcam o *tempo medio*, não o *tempo verdadeiro*.

Já assim sucedia quando Paris dava ainda a sua hora á França. Mesmo então, o canhão do Palais-Royal, disparando ao meio dia verdadeiro, nunca troava, por assim dizer quando os relogios marcavam o meio dia medio. A diferença era muitas vezes demasiada e, em certas estações, excedia a a um quarto de hora.

Essa diferença tornou-se muito maior quando galantemente substituimos, para a determinação da hora, ao meridiano de Paris o de Greenwich abrindo assim a era d'esses amaveis sacrificios á Entente cordeal, que nem sempre foram correspondidos, visto que os inglezes ainda não adoptaram o nosso sistema metrico.

E' muito peor ainda, agora que temos a hora de verão. Por exemplo, nos proximos dias, se o canhão do Palais-Royal funcionasse soaria quando na realidade e oficialmente seriam 12 horas 47 minutos e um certo numero de segundos. Restabeleceu o famoso canhão e acertar por ele o relogio seria, pois, procurar quasi o meio dia ás quatorze horas... ou ás treze.

* * *

E, agora, é preciso confessar que os proprios astronomos—esses senhores da hora—não sabem bem ao certo o que é o tempo, o que é uma hora, um segundo. O fisico Emstein mostrou d'um modo luminoso que aquilo a que se dá esses nomes é alguma coisa de vago, de fluido, de relativo. Ha muito tempo, de resto, que se suspeitava, disso.

Se alguma fada maliciosa se divertisse, uma bela noite, a tornar mil vezes mais vagarosos todos os fenomenos do universo, não teriamos meio algum de dar por isso ao acordar-mos e o mundo não nos pareceria mudado. E, comtudo cada uma das horas marcadas pelos nossos relogios duraria mil vezes mais que uma das horas anteriores. Os homens viveriam mil vezes mais tempo. Não o saberiam porque as suas sensações se teriam retardado mil vezes.

«O' tempo, suspende o teu vôo!» dizia Lamartine. Era encantador, mas era uma futilidade. Se o tempo tivesse obedecido a essa objurgatoria apaixonada, a essa ordem—os poetas de nada duvidam!—nem Lamartine, nem Elvira teriam dado por isso e gozar d'essa paragem.

Mas ha, nas recentes descobertas da fisica, alguma coisa de mais vertiginosa-se ainda ha pouco e ensinava-se que todos os fenomenos se desenrolavam com um movimento continuo e progressivo. Os sabios diziam: «A natureza não dá saltos...» não diziam que ela não faz tolos.

Pois bem! Parece que não é já verdade.

Segundo a recente teoria dos «quanta», á qual se é conduzido quasi que invencivelmente pelas recentes descobertas, todos os objectos sensiveis e o proprio universo so não susceptiveis d'um numero limitado de estados distintos. O universo salta de um a outro sem passar pelos estados intermediarios.

Mas n'esse caso, nos intervalos em que o universo permanece imovel, tudo o que existe, e nós proprios, adormecemos talvez, sem poder suspeitol-o, imobilisados como a Bela do Bosque Adormecido n'uma imobilidade cataleptica, para continuar, ao cabo d'um tempo inconcebivel, a nossa carreira aventurosa para a morte.

Isto não é um sonho estranho, imenso, alucinador. E' a consequencia provavel dos dados mais recentes da fisica. O' sciencia, que poesia vale aquela que freme nas tuas azas metalicas?

Pelo Telegrafo

Banquete em honra de Blasco Ibañez

MADRID, 4—Realisou-se um banquete em honra de Blasco Ibanez que pronunciou um discurso incitando os espanhois a preocuparam-se com a expressão de pensamento e com outras manifestações da vida social da America do Sul. Seguiram-se varios brindes.—(A).

Reforma da policia hespanhola

MADRID, 4—Será na proxima semana promulgada a lei de reforma da policia, a qual será logo posto em vigor.—(A).

Os hespanhoes em Marrocos

MADRID, 4—A comissão das forças vivas da cidade de Melilla procurou o presidente do conselho para lhe pedir a consolidação do regimen da propriedade e o estabelecimento do regimen civil naquela cidade.—(A).

O terrorismo em Hespanha

Operário morto—Prisão de sindicalistas

SARAGOÇA, 4.—Uns desconhecidos mataram a tiro um operário e fugiram.—(A).

BARCELONA, 4.—Deram-se nesta cidade várias agressões em diferentes sitios, registando-se muitas prisões de sindicalistas.—(A).

Indemnisações de guerra

Reuniu hoje no ministerio dos estrangeiros a comissão de reparações convocada pelo titular desta pasta para tratar da questão das indemnisações de guerra garantidas pelo Tratado de Paz.

A comissão ha dias nomeada e que hontem procurou o sr. ministro dos estrangeiros deve novamente ser recebida por aquele ministro num dos primeiros dias da proxima semana para se tratar do assunto.

Conferencias

Na séde da Universidade Popular, rua Particular, á rua Almeida e Sousa, realisa hoje, pelas 21 horas, o sr. dr. João Camoezas a sua terceira conferencia sobre «As instituições populares de medicina social».

A entrada é publica.

A SEMANA DE "A CAPITAL"

Aspectos: Modas: Poetas: Mulheres:

Vae subir a saia — o pano de bocas das mulheres. Lisboa feminina e indiscreta como uma mulher vai, pela minha mão, ter o prazer de lhes mostrar as pernas. Ainda não está provado, minhas senhoras, que mostrar as pernas seja, por emquanto, alguma coisa mais do que mostrar as meias e mostrar as meias não é seguramente um pecado mortal. Mas que o fosse? Uma virtude a menos equivale a um sorriso a mais—e nem por isso e decerto por isso mesmo nós deixamos de cometer todos os dias um pecado mortal. Ao fim de sete dias temos sete pecados — e uma absolvição. Como veem a semana de «A Capital» vae ser a historia dos sete pecados mortaes da cidade— que eu vou procurar transformar nas sete côres do arco-iris.

* * *

Como v. ex.as ignoram precisamente aquilo que toda a gente sabe, vou dizer-lhes — aqui entre nós, que ninguem nos ouve — que os electricos fizeram gréve discretamente. Ha quarenta e oito horas que todos nós suspiramos, não digo já por um «Hudson» ou um «Brazier», mas por uma daquelas séges horriveis do meiado do seculo XIX com o seu boleeiro de espora de latão e lenço de Alcobaça que quando não caía de sôno—caía de bebedo. Mas em resumo o que é a gréve dos electricos? Muito pouco: uma serie de principios postos em movimento (que paradoxo!) para atingir uns fins — que não passam afinal duma questão de «meios».

* * *

Os membros da Conferencia Interparlamentar do Comercio regressaram já aos seus paizes. São conhecidas mais ou menos de todos, pelos jornaes, algumas impressões colhidas em flagrante sobre as suas opiniões quasi sempre decisivas — e sobre as suas toilettes quasi nunca impecaveis. Mas ninguem se referiu, senão por acaso, aos delegados da China e do Japão. Eu que tive a curiosidade de trocar com alguns deles mutuas confidencias — não resisto, meus amigos, á tentação de lhas revelar em dois minutos. Nós temos a impressão de que o Japão e a China são dois bules de chá—em ponto grande; que as casas são feitas de papel pintado e iluminadas a balões; que as mulheres são borboletas azues e os homens bonecos de faiança — e afinal por detraz das ventarolas de seda e dos biombos de xarão, está-se levantando, dia a dia, quasi como uma ameaça, uma civilisação resplandecente. Os delegados orientaes deixaram-me pela sua voz, uma opinião bem diferente daquela que eu tinha antes de os ouvir. Opinião melhor? Não sei. Sei apenas que se fosse japonez não trocaria o meu kimono doirado por uma sobrecasaca preta nem entraria na Europa — de chapeu alto.

* * *

Um dos livros que aqui tenho ao pé de mim chama-se «Ophir» e assina-o um rapaz ainda novo e que, apezar disso, já não é inteiramente desconhecido para o publico: Bruges de Oliveira. Sem pretender fazer critica literaria, não quero entretanto deixar de tirar o chapeu — o meu, é claro — ao moço poeta e de recordar-me duma frase curiosa de Camilo que eu repito sempre, a mim proprio, quando cometo o delicto imperdoavel de fazer versos: — «A poesia não é senão a arte de bem escrever para nada dizer». Bruges de Oliveira que realisa, com talento a arte de escrever bem, não deixa de realisar ainda que com menos talento — a arte de não dizer nada. E' incontestavelmente um poeta, meus senhores — segundo a frase de Camilo.

* * *

O «Diario de Lisboa» — O «Diario do Governo» do Chiado — abriu nas suas colunas um inquerito curioso sobre a peça de Jaime Cortezão: Adão e Eva. Ha tres ou quatro depoimentos já — e, apesar de tudo, nós não podemos tirar ainda deles uma conclusão exacta sobre os tres actos do poeta da «Gloria humilde» e do «Infante de Sagres». Tem-se a impressão, é certo, de que Adão e Eva estão no Paraiso, pelo menos sob o ponto de vista literario. Mas isto não pode deixar de causar certas apreensões á empreza do Ginasio. Pois não é verdade que no paraiso não havia espectadores — só havia Adão e Eva.

* * *

Ha mulheres que nunca trazem a virtude para a rua. E' por isso muitas vezes, que quando nós as vemos — iamos jurar de que a não teem. Ha mulheres, pelo contrario, que só usam a virtude — quando não estão em casa. Entre umas e outras — as primeiras são fundamentalmente mais honestas.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

"Danças de Roda"

O novo livro de versos de D. Fernanda de Castro

Damos hoje aos nossos leitores, em primeira mão, a noticia agradavel de que a gentilissima senhora e ilustre poetisa D. Maria Fernanda de Castro porá á venda na próxima 2.ª feira o seu segundo livro de versos, sobre o titulo sugestivo da «Dança de Roda».

A autora festejada da «Ante-Manhã», essa admirável «plaquet» que se esgotou em semanas, terá certamente com a sua nova producção outro garantido exito, pelo qual daqui a felicitamos antecipadamente.

E' que nos livros de Fernanda de Castro transborda a alegria radiante dessa mocidade fresca, que hoje toda a Lisboa conhece, e esse sucesso não é dificil de prever. O seu livro andará nas mãos das raparigas como um ramalhete florido de giestas e de boninas, e conservar-se-ha nas mãos dos homens, como um relicario de encanto, de simplicidade e de admiravel frescura.

Esse soneto, de tão perfeita technica, que não resistimos a transcrever para aqui, e com que fecha a encantadora «plaquette» das «Danças de Roda», revela tôda a feminilidade perturbante e toda a graça espontanea de Fernanda de Castro.

FIM

Perdôa, amôr. A tua voz, outróra,
Tinha mais som, mais brilho, mais beleza;
Não sei porquê, odeio a singeleza
Com que me acostumei a ouvi-l'a agora.

Em vão tento supôr que me apavora,
Que me irrita e magôa essa frieza;
E afinal o que sinto é só surpresa:
Não dura então o amôr mais que uma hora!

Vamos chegando ao fim... Destino nosso!
Não podia durar o alvoroço,
D'aquelas horas de ciume, crê!...

Cançámo-nos, e vê!—quem o diria!
O sol é o mesmo, a mesma a luz do dia,
Só nós mudámos sem saber porquê.

Resta acrescentar que a capa da edição é do arquitecto Coltinelli Telmo, o que basta para dar a garantia do que será do impecavel bom gosto

A gréve dos mineiros inglezes

O texto das propostas do governo

Na ultima reunião com os delegados dos operarios e os patrões mineiros inglezes, Lloyd George comunicou-lhes o texto das propostas do governo.

O projecto propõe, em primeiro logar um acordo provisorio por um periodo limitado, emquanto se não chega a um acordo definitivo.

Nesse primeiro periodo, os salarios irão diminuindo progressivamente, até chegar a um ponto que será estipulado, tendo em conta a situação economica da industria.

O «deficit» creado pela diferença entre a importancia actual dos salarios e o ponto que se estipular e que a industria poderá pagar será coberto, primeiro, com a subvenção de dez milhões de libras esterlinas oferecidas pelo governo; segundo, pela renuncia, por parte dos patrões, durante o periodo de tres mezes, dos seus beneficios minimos, tal como foram fixados nas conferencias anteriores.

Quanto ao projecto de acordo definitivo, o governo propõe que seja discutido e elaborado por uma comissão nacional de salarios.

Essa comissão resolverá em tres questões principaes: primeira, a taxa dos salarios que hão de ser pagos no fim do periodo provisorio; segunda, a taxa de salarios em cada distrito; terceira, a proporção em que serão divididos os salarios entre proprietarios e operarios.

O primeiro ministro inglez manifestou a intenção em que o governo se encontra de, se as duas partes não chegarem a acordo, impôr a arbitragem obrigatoria.

Ministro do trabalho

Para Coimbra, acompanhado do seu secretario, partiu no rapido de hoje o sr. ministro, que conta regressar depois de amanhã ou na terça-feira.

Lisboa sem electricos

Por ora o conflicto não está solucionado — Conferencias — Tudo decorre na melhor ordem

As estações de Santo Amaro, Arco do Cego e geradora central de Santos continuam ocupadas militarmente, sem que qualquer coisa de anormal se tivesse passado durante o dia.

No Rocio, principalmente, era grande hoje o numero de veiculos de toda a especie que ali compareceram para transporte de passageiros para os pontos mais afastados da cidade. As ruas, como é facil de supôr, tiveram um transito desusado, em virtude da falta dos electricos.

Quando se chegará a um entendimento? Tal era a pergunta que todos se dirigiam não sem certa anciedade, porque a verdadade é que não ha maneira de se poder prescindir dos electricos e que a sua suspensão causa transtornos e prejuizos enormissimos.

De concreto, que saibamos, até á hora a que escrevemos estas linhas, nada ha. Conferencias, parola, mas a respeito de uma resolução que ponha termo a este estado de coisas nada, absolutamente nada.

Muito boas intenções, mas quanto ao mais ainda não se vislumbra sequer a esperança de amanhã, ou dentro de dois ou tres dias, podermos ter electricos.

E isso é o que surge, porque a população de Lisboa está sendo altamente prejudicada.

Na reunião do pessoal continua a afirmar-se a sua solidariedade

Proseguiu hoje, pelas 15,30, a reunião magna do pessoal da Companhia Carris de Ferro, presidindo o sr. Carlos Fortes, secretariado pelos srs. Carlos Ribeiro e José Coelho Alexandre.

Abrindo a sessão, o presidente faz diversas considerações sobre o movimento, que tem decorrido na melhor ordem, incitando os seus companheiros a manter uma atitude correcta, para que se alcance o triunfo, e diz que dois membros da comissão de melhoramentos foram tratar da libertação dos presos, sobre os quaes nada ha ainda resolvido.

A comissão espera de ser chamada á presença de qualquer identidade, camara, governo ou Companhia. Aconselha a que todos estejam vigilantes, não vão ser ludribriados. Ha coisas que agora se não podem dizer, mas que serão tomadas publicas em ocasião oportuna, se assim fôr preciso. Os traidores do movimento de 1919 são os traidores de hoje. Por isso é preciso cautela. O sr. Albano de Jesus diz que vem do governo civil, de falar com os presos, que se mostram na melhor das disposições.

O sr. Antonio da Silva entende que a comissão de melhoramentos e o *comité* bem demonstraram a toda a classe serem bastante ponderados e terem trabalhado com acerto não tendo precipitado o movimento.

Ter-se-hia muito bem podido evitar a greve se não fosse o vereador sr. José dos Santos, que afirmou no seu relatorio que a companhia tenha de saldo 8 mil contos, não sendo isso verdade como se provou num novo exame feito á escrita.

Protesta contra as versões correntes de que o pessoal está ligado á companhia e afirma que o pessoal trabalha unicamente em prol da sua causa.

Não saber se a companhia tem ou não receita, mas pelos exames feitos á sua critica, segundo o que dizem os peritos, não a tem. A Camara espera sempre pela gréve, para depois conceder o aumento como sucedeu em 1919. Afirma ainda que de facto, dentro da companhia, se vêem muitas coisas que mais proveem de estado precario do que se houvesse opulencia, como se quer fazer acreditar.

Acrescenta que só dois mil e tal contos paga a Companhia ao governo do selo, e que a Camara, que recebia 700 contos, hoje quer dois mil.

A Companhia poderia fazer carreiras a determinadas horas do dia para as classes operarias, mais baratas e nas carreiras de luxo então elevar os preços. A Companhia não aceitará a oferta de quaisquer elementos estranhos, porque da outra gréve, em que vieram para a rua carros com esses elementos, a Companhia perdeu 600 contos.

O sr. José Augusto Martins diz que vae tratar de um caso urgente: ser preciso nomear uma comissão para ir a Santo Amaro e Arco do Cego buscar o pessoal que ainda ali se encontra e que tem vontade de aderir ao movimento. Ninguem se atreverá a sair com os carros para a rua, porque, afirma, o primeiro que sair será obrigado a recolher. A assembleia manifesta-se com vivas e apoiados.

Procede-se á nomeação da comissão.

O presidente entende não ser preciso nomear comissões. Se o pessoal que ficou nas estações tivesse vontade de abandonar o serviço, ninguem o poderia impedir. Diz estar ha esses anos na Companhia e conhecer bem os maus e os bons. Faz varias considerações e afirmações sobre diversos elementos do pessoal maior e menor e protesta contra a nomeação das comissões, dizendo que isso só ao comité pertence.

O sr. Almeida Lopes faz um requerimento á mesa para que fique sem efeito a nomeação da comissão.

O sr. José Eduardo Fernandes propõe um aditamento dizendo que esse

assunto fique exclusivamente entregue ao comité, o que é aprovado. Em seguida faz varias considerações sobre o movimento sendo muito apoiado pela assembleia.

O sr. Armando Martins, presidente da comissão de melhoramentos, que tem de tratar das «démarches» junto do chefe do distrito para liberiação dos presos, diz estarem eles presos apenas por terem fugido para cima de um telhado.

Está convencido de que dentro em breve eles serão postos em liberdade, visto não pezar sobre eles outra acusação. No entanto, a comissão está trabalhando para a sua libertação.

Alarga-se em várias considerações, refere-se á camissão de academicos que se lhe dirigiu pedindo para que amanhã houvesse carros durante a batalha das flôres e diz ter a comissão muito gosto em aceder ao pedido mas com a condição da Companhia assinar um acôrdo em que se comprometesse a satisfazer as reclamações do pessoal.

Lamenta que o jornal «A Epoca», diga que o movimento é antipatico e protesta contra os termos insidiosos com que aquele jornal se refere ao movimento e á sua causa.

Afirma que a comissão de melhoramentos já tinha declarado ao sr. dr. Bernardino Machado, ministro da pasta do interior do ministerio transato, e já tambem ao actual, o sr. general Abel Hipolito, que o movimento não se tinha declarado ha mais tempo, devido aos acontecimentos politicos que se deram e não querer a comissão que cahissem sobre ela as suspeitas de servir politicos.

Tambem a comissão fez constar anteriormente ao sr. Presidente da Republica que estando o paiz para receber as comissões de estrangeiros da Conferencia Internacional do Comercio, não queria dar-lhe o desolador aspecto de uma greve.

Ao mesmo tempo pedia a comissão ao sr. presidente da Republica a sua alta influencia para solucionar o caso, evitando-se assim uma greve que para ninguem trasia beneficios. O sr. presidente da Republica concordou e prometeu interessar-se pelo assunto.

Seguidamente voltou a instar pela nomeação de uma comissão para ir a Santo Amaro.

O que diz um vereador

Falando com um vereador da Camara declarou-nos ele que a Camara Municipal recebera hontem um oficio da Companhia Carris participando a declaração da gréve e que a vereação apreciasse de novo a questão do aumento das tarifas, para satisfazer as reclamações do pessoal.

Disse-nos esse vereador que é o primeiro dos oficios enviados pela Companhia á Camara em que se fala em melhoria de situação para o pessoal, pois até agora apenas se queixava da amarga situação em que vivia.

A Camara Municipal, depois de analisar a escrita da Companhia Carris, entendeu que esta poderia, se quizesse, conceder o aumento pedido ao pessoal e, declarada a gréve, a Camara mantem-se estranha ao conflito.

Na reunião de hontem para apreciar a gréve, tomaram-se resoluções de caracter reservado, que hoje uma comissão de vereadores foi confidencialmente transmitir ao sr. presidente do Ministerio.

Depois d'amanhã reune a Camara em sessão publica, onde será largamente tratada a questão da gréve.

O coronel sr. Freire de Andrade e o sr. dr. Augusto Soares conferenciaram hoje tambem com o sr. presidente do ministerio.

Regressando do desterro

Chegaram hoje a Lisboa, vindos de Loanda, 200 gatunos e vadios que para ali foram o ano passado presos nas rusgas geraes.

Entre eles contam-se o Parnilho, o Uli, o Méca, Antonio Martins, o Jaque, o Grillo e outros.

Theatros e Cinemas

Medalhões

Jaime Cortezão

A' parte, arredados da luta e do barulho que envolvem a maior parte das vezes interesses proprios, temos assistido a um debate interessante sobre o *Adão e Eva*.

Depois dos criticos habituais e *idiotas*—na intenção do sr. R. Proença—se terem referido á peça, uma pleiade valiosa de literatos e intelectuais tem vindo afirmar das belezas da peça, e do valor do seu autor. Ainda não acabou a serie mas, desde já afirmemos: nenhum destes factos influe em nada com a modesta secção de teatros deste jornal onde sempre o sr. Jaime Cortezão teve e tem amigos, principalmente desde as horas de luta pela corporação na guerra de que o autor do *Infante de Sagres* foi um humanitario paladino.

Jaime Cortezão espirito altamente poetico, pensador é um dos nomes que o teatro Portuguez detem para o levantamento do seu nivel,—se nos é permitido o chavão de fraze, que vem sendo agitada ha largos anos na imprensa.

O seu teatro historico, continuou nos nossos tempos, tradições das mais brilhantes para a scena portugueza, resurgindo figuras historicas para as quaes a duvida do amor popular é grande.

Enveredado agora para o drama, o drama humano, social, é ainda o mesmo pensador, o mesmo poeta sonhador quem aparece a esperançar o teatro contemporaneo.

Nos *medalhões* tinha o seu incontestavel logar e na nossa admiração pessoal escusado é dizer figura como uma das mais altas figuras da intelectualidade moderna.

A. F.

Noticiario

Entre nós

A proposito do artigo hontem publicado pelo nosso colaborador *O Homem que passa* sobre o *Salão dos Anjos* recebemos a seguinte carta:

... *Sr. Redactor*

Sob o pomposo titulo de *Teatro Popular* publicou "A Capital» de hontem, um artigo na primeira página em que punha nos pincaros da lua o Salão dos Anjos, onde teem subido á scena revistas que teem sido e serão sempre, pela maneira como são escriptas, a vergonha do teatro portuguez, não se lembrando que existe para os lados da Graça o pequeno teatro Gil Vicente, dirigido por uma Empreza de operarios com vontade de acertar, popular a valer, que tem dado ao publico frequentador, peças educativas, onde por preços baratissimos o povo se instrue.

Ainda não ha duas semanas inaugurou a epoca de verão com uma opereta portugueza com musica lindissima, digna de vêr-se de dois noveis autores.

Porque não vai V. Ex.ª, como digno critico que é, assistir a um desses espectaculos e não diz da sua justiça?

Não concorda que a revista deturpa ideias e roja pela lama o já depauperado teatro portuguez?

Sem outro assunto se subscreve:—*Ponto das Neves* leitor assiduo.

Devemos notar que o signatario do artigo não é a pessoa a quem a carta foi dirigida e que se não se foi á 1.ª representação da opereta indicada, como tencionaria, foi por ela conicidir com a da peça *Adão e Eva*. Mas, lá irêmos.

E' na proxima 5.ª feira que está annunciada a representação no Club Estefania da «Princeza dos Dollares».

Os papeis principaes estão a cargo da Manuela Pinto Bastos, Isabel Rego, Alfredo Gambôa e Bizarro, a ensecenação é de Corte Real.

—Em virtude do conflito tipografico com as casas de obras não se publica amanhã a «pagina de Teatros e Cinemas» do jornal *Os Sports*.

Pelo Brazil

O actor Asdrubal Miranda fez a sua festa artistica desempenhando o papel de Lopes Trovão na peça «Adão e Eva».

—Os jornaes do Rio referem-se com desagrado ao facto de Luiz Palmeirim e Ruy Chianca apresentarem-se como autores da opereta fantazia «o Frade de Bralma» quando se sabe que se trata duma tradução hespanhola.

—Encerrou-se já o concurso organisado pelo jornal «Boa Noite» perguntando aos leitores «qual a melhor artista dos teatros brazileiros». Ganhou-o Aligail Maia. Alguns dados sobre esta interessante actriz brazileira:

Abigail Maia, nasceu no dia 16 de Setembro de 18.. e estreou aos 15 anos de idade em Porto Alegre, na companhia do maestro Assis Pacheco e do finado actor Peixoto, na comedia em 3 actos «Maridos na Corda Bamba».

Trabalhou em Portugal, no theatro Sá da Bandeira, no Porto, onde fez todo o reportorio vienense.

Abigail estava em Lisboa por ocasião da Republica Portugueza, quando José Ricardo, convidou-a para fazer parte da sua companhia que veio ao Brasil. Nessa companhia, cantou pela primeira vez em portuguez, no Brasil, a opereta «Conde de Luxemburgo», fazendo o papel de Julieta.

Mais tarde organisou com o maestro Luiz Moreira e o saudoso João Phoca, o celebre trio Abigail-Phoca-Moreira, que percorreu todo o interior de S. Paulo, e rendeu ao cabo de dez mezes de «tornée» a bagatela de 120:000$000.

Foi cognominada merecidamente a «Rainha das canções brasileiras», que foram por ela tornadas populares e conhecidas do publico.

—Foi entregue á direcção do teatro Phenix, a comédia, em 3 actos, «O melhor dos rapazes», adaptação de Luiz Palmeirim, da comédia argentina «El sobriño de Malbran», original de José Léon Pagano.

—Vae entrar em ensaios no Cine Teatro America, a comédia, em 1 acto, original de Alvaro Perdigão, «Quero casar!»...

—Começaram no Palacio-Teatro, pela Companhia Aura-Adelina Abranches, os ensaios da comédia franceza, em 4 actos, original de Armond e Gerbidon, «Le retour», traduzida pela parcearia portugueza Ernesto Rodrigues, João Bastos e Feiix Bermudes, com o titulo «O regresso».

—Ruy Chiança, está terminando uma peca que tem por titulo «Pifi!!!...», não estando ainda a mesma destinada a nenhuma companhia.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ — A's 21 h. — «Os sinos de Corneville».
AVENIDA — A's 21,15 — «Dama das camelias».
GINASIO — A's 21,30 — «Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALAO FOZ — A's 20,30 22,30 — «Trolaró».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Vida Sportiva

FOOT-BALL

O Sevilha Foot-Ball Club em Lisboa na proxima quarta-feira

A direcção do Sporting Club de Portugal recebeu hoje o seguinte telegrama:

Sevilha, 3.—Partem amanhã de manhã para Lisboa os jogadores do Sevilha Foot-Ball Club que vão jogar contra o Sporting na quarta feira 8 do corrente.

Noticias da Capital

UM PAR DE FILHOS «EXEMPLARES».—Que os estranhos nos roubem, vá lá; com seiscentas granadas. Mas que sejam os nossos proprios filhos que o façam, custa um pouco mais a roer, diga-se a verdade.

Ora imaginem que Antonio Alberto, morador na rua Direita de Moscavide, se queixou á policia de que seu filho Vicente Alberto, soldado da companhia de saude, e sua filha Rufina da Conceição, residente na rua Afonso Enes n.º 44, pateo Luciano, lhe entraram em casa e, aproveitando a sua ausencia, lhe furtaram objectos no valor de 200$00.

A policia vae «premiar» tão *exemplares* filhos.

COMO NAO TINHA RELOGIO...—... e queria saber ao certo ás quantas andava, o João Gonçalves, morador no convento das Bernardas, á Esperança, foi-se a um relogio de prata e, sem cerimonias, meteu-o no bolso, embora lhe não pertencesse. Acresce a circunstancia de que não só saberia assim regular-se, mas ainda «botaria» figura, porque a prender o «grilo» ia uma bela corrente de ouro, tudo no valor de 200$00.

O peor é que a policia, não concordando com o processo de que o João Gonçalves se serviu, o levou para o governo civil, a fim de ahi lhe explicar que o que é dos outros não é nosso.

NAO ACALENTES A SERPENTE...—Ha de ser sempre verdadeira a parabola da serpente, que mordeu o seu bemfeitor, depois de ele a ter aquecido no seio. Mas os homens continuam a não se lembrar do que aprenderam em pequeninos e, por isso, de quando em quando lhes sucedem precalços, como o que passamos a narrar:

A' policia foi queixar-se Antonio Rocha Cardoso, morador na Rua Alves Cardoso, 51, 1.º, de que tendo recolhido, por esmola, em sua casa, visto não terem aqui residencia, Antonio da Silva Ferreira Alves e Adelaide da Conceição, estes, aproveitando-se d'uma ocasião em que ele saira de casa, lhe furtaram objectos no valor de 300$00.

Não ha duvida de que foi uma bela maneira de pagar a divida de gratidão que tinham contraido!

FOI NA MALA...—Já nem o que se tem guardado n'uma mala muito bem arrecadado e fechado escapa. Para exemplo sirva o que acaba de acontecer a João Figueira Monteiro Pinto, empregado nos armazens da Compadhia Franco-Portugueza. Guardára ele com todo o cuidado alguns objectos de ouro e dinheiro, tudo no valor de 330$00, mas quando nem tal coisa pela cabeça lhe passava foi dar com a mala arrombada e eram uma vez objectos e dinheiro.

Ao que parece, conseguiu saber que o auctor da proesa fôra um tal Ulenio—que lindo nome!—Fernandes.

O Ulenio é procurado activamente pela policia, que deseja conhecel-o.

NOTICIAS A SERIO—A policia fez remover para a Morgue o cadaver d'um recem-nascido, que foi encontrado n'uma valeta.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Assembleia Geral Ordinária dos srs. Acionistas

Nos termos dos Art.º 31.º e 39.º dos Estatutos d'esta Companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Ordinária dos srs. Acionistas possuidores de 100 ou mais Acções, segundo os preceitos do Art.º 28.º dos mesmos Estatutos, para se reunir em Lisboa, na séde social, no dia 30 de Junho proximo futuro, pelas 12 horas.

ORDEM DO DIA

1.º—Conhecer das contas respectivas ao Exercicio de 1920, do Relator o do Conselho de Administração e do Parecer do Conselho Fiscal e votação sobre essas contas.

2.º—Apreciar quaesquer propostas dos srs. Acionistas, apresentadas segundo a parte final do Art.º 38.º dos Estatutos:

3.º—Eleger dois vogaes do Conselho de Administração, nos termos do Art.º 16.º dos mesmos Estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido Art.º:

4.º—Eleger dois vogaes do Conselho Fiscal, nos termos do Art.º dos ditos Estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido Art.º:

Para os srs. Acionistas poderem tomar parte n'esta Assembleia devem as Acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 30 de Maio corrente, inclusivé, e as Acções ao portador depositadas até ao meio dia do dia 15 do mez de Junho proximo futuro:

Em Lisboa.—Na séde da Companhia, no Banco de Portugal; no Banco Comercial de Lisboa; no Banco Lisboa & Açôres; no Banco Nacional Ultramarino; no Monte-Pio Geral; e no Crédit Franco-Portugais:

No Porto.—No Banco Comercial do Porto:

Em Paris.—Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris; do Crédit Lyonnais; da Société Générale de Crédit Industriel et Commercial; da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France; e da Banque de Paris et des Pays-Bas:

Em Londres.—Nas caixas dos Banqueiros Glyn, Mills, Currie & C.º:

Em Genebra.—Nas caixas da Société de Banque Suisse.

Os documentos legaes estarão patentes na Contabilidade Central da Companhia desde 15 do mez de junho, proximo futuro.

Os bilhetes de admissão á Assembleia Geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depositos das acções ao portador.

A Assembleia constitue-se e poderá validamente deliberar nos termos dos art. 32.º, 33.º, 36.º, 37.º e 39.º dos Estatutos.

Lisboa, 28 de Maio de 1921.

O presidente da meza da Assembleia Geral.

(a) *Francisco J. Fernandes Costa*

MUSICA

No salão do Conservatorio realisa-se amanhã, ás 15 horas, a primeira das audições de almas do considerado professor Marcos Gerin, sendo o programa o seguinte:

1.ª PARTE: — «Barcarola», Kullak, por M.elle Virginia Almeida; «Miniatura», Grieg, M.elle Aida Forjaz; «Andantino», Ross, M.elle Irene Santos Lucas; «Pastorale», Diémer, M.elle Marina Castro; «Lutin», Grieg, M.elle Maria Luisa Coutinho; «Scherzo», Chabrier, M.elle Maria Cornelia Aquino; «Sérénade», Rachmaninoff, M.elle Maria Teresa Alves Pereira; «Prélude», Debussy, M.elle Julieta Gomes da Costa; «Gavota», Sgambati, M.elle Maria Eugenia Meleiro de Sousa; a) «Preludio», Lima Fragoso, b) «Valsa», Chopin, M.elle Rosa Gomes da Costa; a) «Le vent dans la plaine», Debussy, b) «Rondo», Weber; M.elle Maria Heiena Lopes; a) «Masques», Debussy, b) «Polonaise», Chopin, M.elle Florinda Santos.

2.ª PARTE: — «Mallorca» Albeniz, M.ele Maria Julia Bastos; «Bergers et Bergeres» Godard, M.ele Maria Isabel Santos Lucas; «Mazurka» Bordine, M.ele Maria Christina Abecassis; «Cracovienne fantastique», Paderewsky, M.ele Maria Helena Alvares da Silva, «Impromptu» Fauré, M.ele Elvira Gonçalves; «La Chasse» Paganini-Liszt, M.ele Yolanda Damas Móra; «Rondo a capriccio» Beethoven, M.ele Luisa Balmaseda Ayres; «Tarantelle» Rubinstein, M.ele Lucilia França; «Vision» Liszt, M.ele Alice Santos.

Bancos & Companhias

Empreza Caldas Santas. — Do relatorio agora publicado vê-se que os lucros obtidos no ano findo foram na importancia de 37.251$33, sendo o dividendo por acção de 10 %.

Crédit Loynnais. — O relatorio d'esta instituição de credito franceza acusa um saldo, no exercicio de 1920, de 39.219.762,16 francos, cabendo ás acções o dividendo de 70 francos.

Touradas

ALGE'S—Principia ás 18 horas a corrida de amanhã em que serão lidados bichos de todas as castas e sexos, sendo o pessoal composto pelo cavaleiro amador José Gomes, por muitos e decredidos aspirantes de bandarilheiros e por um valente grupo de forcados. Antonio Preto e a sua «troupe» fazer dois esplendidos e novos intermedios comicos: «Um capitalista na Praça de Sevilha e A grande balburdia taurina».

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Almanaque «Sousa Soares»—Recebemos e agradecemos este almanaque para o ano corrente. E' edição da Sociedade Medicinal Sousa Soares Limitada.

Notas bio-bibliograficas de Antonio Cabreira—Os secretarios do Instituto Antonio Cabreira srs. capitão Artur do Nascimento Nunes e Pedro Lapa coligiram e publicaram em volume as notas biobibliograficas do fundador do Instituto. E' um trabalho consciencioso e a que serve para auxiliar os que quiserem escrever a respeito do distincto matematico.

Associação de Socorros Mutuos A Nova Aliança

—*SÉDE* = R. da Cruz dos Poiais, 33 1.º—

AVISO

E' convocada a reunir a Assembleia Geral para a proxima segunda feira 6, pelas 21 horas.

Ordem de Trabalhos

Discussão e votação das bases para a fusão da Associação de Socorros Mutuos «Onze de Dezembro» com a nossa colectividade.

Não havendo numero para esta sessão fica a mesma convocada para o proximo dia 15, á mesma hora.

Lisboa, 3 de Junho de 1921

O Presidente da Mesa Assembleia Geral

(a) *Henrique Afonso Pires*

A CAPITAL

3880 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 6 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE. Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL. Preço, 5 cen

Desça o cambio!

No meio de toda esta complicada questão cambial que tão profundamente interessa á vida da nação, uma certeza se adquiriu já: é que ella não melhora, devido á especulação infrene, criminosa e desvairada que determinados elementos financeiros em torno d'ella desenvolvem.

Chegados a esta convicção o dever do governo, de todas as classes, do paiz inteiro, é gritar aos especuladores: «Basta!»

Basta! porque em perto de sete anos d'uma situação melindrosa, gravissima, em que o futuro do mundo tem estado em jogo, essas creaturas não teem pensado senão em levar a proporções monstruosas uma ganancia delirante!

Basta! porque em virtude d'esse espirito de ganancia nós temos sofrido cem vezes mais do que seria indispensavel sofrer em face das contingencias da guerra!

Basta! porque ha trez anos que findou a guerra, e quando toda a humanidade dava um suspiro de alivio, supondo que os seus males iriam gradualmente acabando, a horda infame dos especuladores fez fracassar todas essas legitimas esperanças, dificultando a vida a um ponto que, caso se agrave, nos conduzirá a todos os tormentos da fome e a todas as convulsões da anarchia!

Basta! porque emquanto lá fóra ha esforço no sentido de fazer sentir uma melhoria consideravel no custo da vida, ella em Portugal ou não se manifesta ou rapidamente se desvanece pela alta dos cambios que os especuladores não deixam que se atenue ou desapareça.

Basta! porque entrámos na guerra, fazendo todos os sacrificios, sujeitando-nos a todos os riscos, e quando, d'esse acto que foi a revelação do genio d'um povo e do ideal d'uma democracia vamos recolher uma compensação que nos pode salvar, a especulação se dispõe a inutilisar o fructo dos nossos esforços, não deixando que este povo respire, que esta nação que só tem uma culpa, a de tolerar os especuladores, se levante do abatimento em que cahiu!

Não! Esta situação, não pode nem ha de continuar. Quando em todo o mundo se sofria pelas consequencias fataes da guerra, nós podiamos resignar-nos a todo o genero de privações. Agora, porem, que em toda a parte se vae regressando ao nivel economico anterior á guerra, quando na America o custo da vida já não é senão superior 50 por cento ao de 1914, quando em todos os outros paizes a existencia se vae tornando mais facil, n'um equilibrio necessario e justo, nós não nos sujeitremos a continuar sofrendo como nos peores dias da crise mundial só para que algumas duzias de creaturas sem alma e sem escrupulos continuem a enriquecer escandalosa, criminosamente.

Os cambios teem de baixar. Desde o momento em que se prova que eles não descem devido á acção d'esses especuladores, sejam elles as mais altas entidades financeiras, é necessario que o governo lhes faça o mesmo que Briand declarou que faria á Alemanha se ella não pagasse: lançar lhes a mão á gola do casaco, e com trangel-os pela força a não continuarem infelicitando uma sociedade inteira.

A Alemanha disia que não podia pagar, — mas pagou. Essa gente diz que os cambios não podem baixar — mas hão-de baixar, quando forem obrigados, como malfeitores vulgares, a não proseguirem nas suas infames especulações.

Se o governo, em breves dias os não meter na ordem, que o povo venha para a rua, que se organisem manifestações publicas, que uma população inteira vá, em frente da Bolsa, em frente dos Bancos, em frente de todos os estabelecimentos onde se especula com os cambios, bradar que não permite a continuação do crime que ha longo tempo se está cometendo, com a esperança da impunidade, contra um povo inteiro.

Arvorem-se, como lá fóra se fez, centenas de cartazes em que se leia: «A libra a 20 escudos!» e esta reclamação popular ha de ser obedecida. Hoje já se sabe onde está o mal, e é preciso acabar com elle.

O cambio tem de baixar. O povo quer que elle baixe, porque não ha rasão nenhuma para a sua elevação, e porque, quando elle baixar ás proporções devidas, imediatamente a vida passará a ser mais facil, mais desafogada, o conflicto social até ahi suavisado, acabarão as gréves e os «lock outs», entraremos n'uma normalidade sem a qual não ha tranquilidade possivel, e, acompanhando as outras nações que estão readquirindo o equilibrio perdido, Portugal caminhará com passo firme para o futuro grandioso que os seus destinos lhe asseguram!

Funcionarios Administrativos

Reune no dia 10, ás 14 horas, na rua da Madalena, 91, 2.º, a comissão de melhoramentos, pedindo-se a comparencia de todos os seus membros.

A comissão pede aos secretarios dos administrações que ainda não remeteram a nota de emolumentos, pelo Ministerio do Interior, o favor de o fazerem com urgencia.

A caminho da Promissão

A GRANDE ROÇA

Não se deve produzir a dissensão nos seus serviçaes

E' sempre deploravel que em questões de tanta magnitude como esta, se intrometam elementos cuja impreparação, já não digo incompetencia, lhes possam vir cercear o alcance. Eu tenho-me esforçado por dar vida ao caso maximo da alta do cambio, mas no que ele interessa ao bem geral, á economia do paiz. Nunca pretendi nem posso pretender fazer o jogo duns contra o jogo doutros; isso seria de tão reduzido e parcial proveito que me envergonharia com as minhas letras. O meu plano, por ora apenas esboçado, mas cujos efeitos praticos já ninguem contesta, é livrar o Estado dos exploradores da Bolsa, sempre prontos a elevar o agio do ouro, quando presentem qualquer solvencia dos seus compromissos. Neste sentido tenho escrito e assim continuarei até que se acabe de uma vez para sempre com o marimgel de manter a libra alta com o fim de enriquecer á custa do empobrecimento da nação. E' isto que vale a pena pôr em pratica: promover por todas as fórmas o desaparecimento das cambiaes, e com este desaparecimento, com o desoprêsso do Estado, lucramos todos, caminha-se a passos acelerados para a normalidade.

Bem me tenho furtado de o demonstrar, bem sem carecer de embrulhar os cerebros dos meus leitores em papeis e algarismos, que quasi sempre surgem sómente, como nos celebres orçamentos do Carrilho, para encobrir o que é exacto ou desviar da verdade.

Comprehende-se a minha campanha. Percebem-se os meus intuitos. O que eu quero é apressar o regresso á normalidade, e como o seu advento só será um facto quando esteja restabelecida a confiança no equilibrio da nossa vida como nação cheia de recursos e de tino para os aproveitar, tudo conjugo para provar os primeiros e para incitar a aparição do segundo.

Isto, porém, só se deve fazer dentro do campo geral dos interesses da nação; nunca de particular para particular.

E falo assim, porque a inadvertencia d'alguem pode invalidar as consequencias do que tem de ser considerado um trabalho profícuo. Não se trata agora de ouvir comerciantes. Cada qual falará a seu geito, fará causa de todo o mal o seu antagonista ou aquele de quem depende o seu comercio. Esse, alvejado pelos queixumes ou acusações do primeiro virá com as rasões das suas exigencias, e assim, detalhando-se o assumpto, repartindo-se os incidentes, os «compte-rendus», chegaremos á confusão, ao alarido, de todos uns contra os outros; confusão com que só lucram a meia duzia de reis do ouro, que a procuram avidamente.

Confundir, baralhar, eis o que aproveita aos cambialistas, áqueles tipos de milhões, em cujas mãos estamos ainda, como um rebanho de carneiros, quando vae á tosquia. Portugal é uma grande roça onde o comercio, a industria, o proprio Estado e a sua maquina burocratica trabalham, tumultuam e puerilmente se revoltam, para encher cada vez mais a burra de meia duzia de monos que terão de vir a ser expropriados por utilidade publica. Sendo assim, tudo quanto seja estabelecer a dissensão entre os escravos, — perdão, os serventuarios da roça — é um erro tão crasso que equivale a recalmar-se o jugo dos tiranos — os reis do ouro.

Tenham pois a cautela os que veem pôr-se a meu lado nesta cruzada santa, porque prepara a facilidade da nossa vida, a normalidade para nossos filhos. Nada de ir ouvir comerciantes para arranjar opiniões. As opiniões em geral dos do metier nunca saem do circuito estreito dos seus interesses pessoaes. Para além das suas ideias fixas tudo é poeira, fabula, inverosimilhança. Ora nós estamos, justamente, a braços com a necessidade de sermos bem abstractos, de encararmos o problema apenas neste pé: o povo portuguez dum lado querendo a vida facilitada, os reis do ouro do outro, pretendendo aguenta-la dificil e cara.

Se nos unirmos todos e nos puzermos em volta do Estado, ainda não será certo que vençamos a usura, quanto mais vindo as arguições para a arena, descendo ás retaliações, entrando-se no systema de guerrilhas.

E depois que significação pode ter a queixa de um vendedor de chapeus de senhoras contra um corretor, porque este pensa de noite em lhe elevar o preço do ouro, segundo as suas necessidades, quando o chapeleiro tambem não deixará de pensar em elevar os preços dos penantes emplumados de noite e de dia? Que seriedade e que força de convicção pode derivar-se da choradeira, porque tal artigo se não pode importar em grande quantidade pelo preço alto a que fica, quando esse mesmo comerciante oculta que, vendendo menos, ganha ainda mais pelo augmento de percentagem de lucros que lhe atribue?

Ainda havemos de os ouvir lastimarem-se, na inversa:

«Isto está uma desgraça! vende-se muito, mas no tempo das libras caras ganhava-se mais num só metro do que hoje numa peça!»

Não tenham duvida; o problema não se mete comerciantes, e se os deixarem entrar na sua discussão, no dise tu direi eu, se propulsionará a desorientação.

Isto não é um caso de comercio de balcão, é um problema de economia mais amplo, e para o qual as importações de artigos de luxo e de similar importancia nada marcam.

A imprensa, na sua função de esclarecer o problema economico-social só se pode interessar com as importações maximas, as que desiquilibram o Estado, as que nos deixam de ligado de fóra — o trigo e o carvão.

Com o resto pode o paiz bem e como não é das invocadas incapacidades de importação de particulares que temos de tratar, melhor é com elas não bulir.

Não desvirtuem pois a questão, nem tragam para a praça publica vozes cuja autoridade pode ser posta em duvida.

Ainda ha dias o dono d'uma casa de chapeus de senhoras pediu 200 escudos por um «tromblon» a uma freguesa, e, como esta saisse sem o comprar, e outra que estava presente extranhasse o exagero do pedido, ele se justificou, encasulando-se em patusca moralidade... O seu pedido era a sanção penal áquele marido adultero. Aquela senhora era sua amante, e o mesmo cavalheiro quando ali ia com a esposa legitima regateava chapeus de 30 escudos. Para aquela compráva-os semanalmente a 200 e a 300.

Para a senhora que isto ouvia o chapeu custava apenas 90 escudos!

Querem-no mais completo?

Para que servirão pois as acusações desta gente a corretores e a de corretores a gente desta?

A resposta é facil.

Para empanar a gravidade do assumpto, para desconjuntar o efeito da minha campanha.

D. Thomaz de Noronha.

PELO TELEGRAFO

Direitos sobre importação de artigos de luxo

STOCKOLMO, 5. — As duas camaras votaram já o projecto de lei que eleva ao dobro ou triplica os direitos de importação sobre os artigos de luxo, principalmente objectos manufacturados e prata, ouro, platina e bijouterias. — (H).

Deposito de 50 milhões de marcos-ouro

BERLIM, 5. — O Reich depositou no banco de reserva federal de Nova York a importancia de 50 milhões de marcos-ouro, oferecidos no dia 31 de maio á comissão das reparações. — (H).

As grandes inundações

PUEBLA (COLORADO), 5. — O numero de pessoas que morreram afogadas em toda a região sudueste do Colorado por motivo das cheias, eleva-se a 500, sendo, portanto, exagerado o numero primeiramente referido. — (H).

PUEBLA (COLORADO), 5. — Até agora já foram encontrados 132 cadaveres de pessoas afogadas pela inundação. — (H).

As gréves na Argentina

BUENOS-AYRES, 6. — A federação dos trabalhadores maritimos resolveu retomar o trabalho.

Robentou uma bomba numa padaria havendo uma morte. — (H).

Universidade Popular Portugueza

A primeira conferencia da série «As causas historicas da Academia nacional» realisa-se hoje, ás 21 horas, na Universidade Popular, rua Particular á rua Almeida e Sousa, sendo acompanhada de uma sessão educativa cinematografica. O conferente, o professor Ladislau Batalha, desenvolverá o seguinte tema:

«Fontes remotas. — As raças e as religiões na Peninsula. — A sobreposição Catolica. — A confusão espiritual modifica a religiosidade e transforma o animismo inicial dos povos.»

Na IV secção, Campo de Santa Clara, Associação dos Arsenalistas, realisa-se a 2.ª conferencia do professor sr. Emilio Costa sobre «Educação do Povo».

A questão da Alta Silesia

Os alemães começam a ofensiva, intervindo a comissão interaliada

OPPENL, 5. — As forças alemãs recusaram-se a entregar a localidade de Leichnik ás forças britanicas que ali deviam acantonar para separar as tropas alemãs das polacas. Os alemãis começaram a ofensiva na direcção de Ujest com o fim de mudarem a linha neutralisada. Por este motivo a comissão interaliada intimou o general alemão Hoefer a mandar retirar as tropas alemãs para a linha que primitivamente ocupavam. — (H).

Á'S 2.AS FEIRAS

A semana literaria

Terras longinquas, por *Antonio Cabral* (Ed. Lumen, Lisboa) — **Folhas**, por *Maria de Carvalho* (Ed. Libanio da Silva, Lisboa) — **Mister esa Graça**, por *Antonio Ferreira Monteiro* (Ed. do autor, Lisboa) — **Vida?!**, por *Mario Gonçalves Viana* (Ed. do autor, Viana do Castelo). — **Da sugestão no animatografo**, por *Mario Gonçalves Viana* (Ed. do autor, Viana do Castelo). — **Portugal en las Fiestas Magallânicas** (Ed. Nascimento, Santiago, Chile)

Impressões de viagem e *Notas da Historia* são os subtitulos que o sr. Antonio Cabral deu ao seu livro *Terras longinquas*. Mas, para logo de entrada o leitor fazer uma ideia das *impressões de viagem* diremos que o livro escrito em 1920-1921 trata de impressões de... viagem realisadas ha dez e vinte anos! O sr. Cabral, como tinha recordações, saudades das suas viajens foi aos biombos onde escrevêra as contas das despezas e outras impressões e folheando a sua colecção de postais ilustrados e brochuras de *Touriste*, começou a lembrar-se do que vira. Dahi o seu livro ser frio, não dar, tal a distancia que separa a impressão recebida da impressão transmitida, nenhuma nota de vida, de movimento, de côr de interesse.

Talvez ainda pela mesma razão, o sr. Cabral não narra, não descreve senão alguns topicos das viagens, e contenta-se em dizer-nos: *«Estive lá... ai meus amigos que lindo que aquilo é!»* Em cada pagina nos diz: «Eu vi! Depois voltei lá dahi a anos, porque eu tenho um sobrinho com 16 anos etc. etc...»

Suponha agora o leitor entremeando com estas impressões tão pessoais e tão... intimas que o leitor do livro fica a saber apenas que o sr. Cabral gostou muito, as notas historicas, forragemento de Historia Universal que de quando em quando nos diz: *«A batalha de Waterwol começou pelos ataques das tropas de Napoleão ao Castelo de Hongoumont»* e *«eram cinco horas e oito minutos da madrugada quando o que fôra reisinho de Roma entregava a alma a Deus. Nesse mesmo dia fazia anos»*... sem contar nas lendas, toda uma coleção, que o leitor pode encontrar menos massadamente descritas em qualquer volume sobre o *Rhéno*.

Literariamente, como nos apresenta o sr. Antonio Cabral o novo trabalho? Com um retrato do autor, um prefacio que começa por uma serie de interrogações como esta: *«Qual é o portuguez legitimo, o portugnez que sente estuar-lhe nas veias o sangue celtico, irrequieto e vivo, de mistura com o sangue quente dos arabes nomadas e errantes, que não aspira a vagamundear, a ir por terras de Deus alem?»* e termina pela viagem por terra, *ao paiz da fantazia*, que é afinal a Avenida florida de olaias, onde o sr. Cabral galopa no corcel da sua imaginação á frente dum *inquieto batalhão de borboletas multicolôres*.

Na sua obra literaria anterior o sr. Antonio Cabral, alem do *Relatorio e propostas de lei sobre as nossas colonias*, tem dois livros sobre Camilo e dois livros sobre Eça de Queiroz, com ineditos sobre a vida destes dois grandes vultos. E' natural pois que sendo o primeiro trabalho sem um vulto de escritor a insuflar-lhe forma, a obra tropece em cada folha em logares comuns que fazem sorrir pela ingenuidade pretenciosa dum literato á nascença. Logo na adjectivação do prefacio, com ouvido literario, se lê *«a lua, em noites divinas, a sorrir maliciosa»*, e a paginas 26 na descrição da batalha de Waterloo a frase: *As patas dos cavalos embebiam-se na lama viscosa dos atoleiros*, mais adeante chama com propriedade geografico-artistica o Etna — *o terrivel rei dos vulcões* — para depois dar colorido a praça de Napoles com os seguintes trechos *«melancias rotundas e obesas... e medas de couves de diferentes castas»* o que faz pouco depois exclamar no proprio autor *Nanca mais posso esquecer o que então vi e a extraordinaria sensação que experimentei*, modelo este de vaso literario presumido do autor. O detalhe é irrisorio quer diga *O Vesuvio é uma aspera montanha de 1200 a 1300 metros d'altura* quer diga quando trata dos madrilenos *hiperbolicos* (sic) ou de Madrid: *A primeira vez que fui a Hespanha, tinha eu 14 anos. Depois dessa, nem já sei quantas por lá tenho andado*, e na linha seguinte: *Muitas.*

Não nos alongamos mais com o *livro de viagens* do sr. Antonio Cabral, que se não nos impressionou sobre o que viu não deixa contudo de nos dizer, ao voltar de cada pagina *«Assim vi o papa»*, e *A minha terceira avó paterna era hespanhola* explicando assim porque é que o sr. Cabral em Hespanha vae sempre aos touros...

Como pensador, e talvez fosso por isso que o sr. Antonio Cabral foi ministro da monarquia, diz o autor com uma firmeza de ideia absoluta que nos dois seculos passados, os dois maiores vultos da humanidade foram... Napoleão e Leão XIII!

Crêmos que o leitor fica bem elucidado com estes pequenos extratos do que é o livro *Terras longinquas* o seu brilhante e viajado autor o sr. Antonio Cabral.

A edição da empreza Lumen é muito cuidada, sendo sem uma nota bem de novidade ou interesse as fotografias bonzinissimas que a ilustram. Se até apresenta o retrato de Napoleão.

O livro de poetisa, Maria de Carvalho destaca-se no olvião. A poetisa das *Sete Palavras* e dos *Sonetos* tem nas *Folhas* uma obra pouco calma, docemente triste, profunda de pensamentos.

E' esta a caracteristica do livro que abrem o volume ideias que postas em verso, sob uma veia poetica dum lirismo rescendente, denotam nela a autora dos *Pensamentos*.

Na 2.ª parte do livro *Quadros*, a maior parte tomada pelos quadros rusticos, as figuras movem-se na bucolica já conhecida dos nossos campos, numa paisagem mil vezes cantada e sempre lindo.

Azul o ceu e a terra, e nos ribeiros
Scintila, reflectido, o mesmo azul.
Arrástam as charrúas no paúl,
Tranquilos bois. Ao soldormem rafeiros

Mas ainda aqui, a mesma sombra nostalgica da autora influe, creando as poesias *Passado nostalgico*, ou *Tarde de inverno*, sombra que bem se expressa nos versos:

...eu que sofro o tormento
Do moderno desalento
Destes dias malfadados...

Ultima o livro uma serie de *Vilanceles* que por vezes na necessidade da rima fraquejam na beleza e na superioridade.

Misteriosa Graça, do sr. Ferreira Monteiro. Tambem não é um volume totalmente desgracioso ou desiquilibrado. Abusa o autor ainda das sincopes, das crases, os apostrofes ornamentam verso a verso todas as poesias, mas em todo o volumesinho destaca-se uma sentimentalidade natural nos mancebos apaixonados. O livro *Misteriosa Graça*, é *Ela*, a *Ela* do costume. E sendo este o tema eterno é ao mesmo tempo a causa da monotonia do livro, que não podendo ter pelo limitado do assunto, grandes voos, cae em ingenuidades enfadonhas:

Eu sou o que padece
Sózinho no deserto
Em al na e coração!
Sê tu a que enternece,
Sê tu o lirio aberto
Da minha tentação!...

E' assim, o poeta é *monte altivo*, é *caverna escura*, o *mar bramindo* numa poesia, para mais adeante perguntar:

Que serei eu para Ela, em seu conceito?

E no final, o maroto já só diz o que *Ela* disse:

Vá, não medites mais! Encosta a cabecita
Neste peitinho amante, fraco, mas leal.

Amor de Portugal, que começa sempre por um livro de versos e acaba num livro... do registo civil.

Numa edição pobresinha, o sr. Mario Gonçalves Viana dá-nos a *Vida?!* (com ponto de interrogação e exclamação.) Contos e cronicas, dizemos nós.

Realmente os cinco pseudo-*contos* são *cronicas*, parece que nunca mais acabam. Vê se que o sr. Viana prolixo, cheio a atafulhar de ideas, palavras em catadupa, ainda não tomou o necessario assento, a calma indispensavel á torrente de fantazia que corre no seu cerebro: o equilibrio ainda não veiu. Filtrando convenientemente, por exemplo, a novela, ou conto, ou cronica, *Primeiro amor!* não fica nada. Começo pelo descritivo de Madalena, *uma destas meninas* (sic) *de beleza exuberante* (mais sic) que o autor namora. Em meados dum mez qualquer despediu-se para ir para Lisboa *«Levava saudades daquela deliciosa petiza* (sic). No mesmo comboio ia sósinho quando *«sentei me ao lado duma menina que parecia bonita. Pouco depois eu sentia o calor da sua perna e o corpo franzino encostado languidamente ao meu.* Estão vendo os leitores? *languidamente encostado...* E ele confessa *«eu sentia o contacto môrno e afrodisiaco daquele corpito delgado e sensual.* E assim o Adelberto se esqueceu logo de Madalena, que casou e foi infeliz, enquanto o autor *teve namoradas ás duzias* (sic) e escrevia filosofia sobre a *Vida no Europa*. A Lêna envelheceu e encontrando-se ao anoitecer *quando a calma sonolenta e sinistra estereotipa a paisagem alvacenta* (sic) com ele revivem a existencia e ele abençoa as desditas passadas que o tirarem da vida desregrada da cidade.

As *Silhuetas* então são fantasticas de salgalhada filosofia barata e couceilos de rebuçados de hortelã pimenta.

Do mesmo autor publicou-se um estudo *social, psicologico e critico*, «*Da sugestão no animatografo* que mais uma vez vem corroborar a opinião feita do sr. Viana. Precisa depurar assentar as suas ideias, para que realmente brilhe a sua erudição que é aparentemente ilimitada.

O folheto *Portugal en las festas Magallánicas* é um belo exemplar de propaganda po's insere os discursos da *Embaixada Portugueza* na Argentina, Cuba, Paraguay e Uruguay. O trechos literarios do sr. Alberto d'Oliveira merecem uma hora de leitura.

Armando Ferreira.

Registo de entradas

A Semana de Lisboa, João Ameal; *Danças de roda*, Fernanda de Castro e Quadros; *Salomé*, Oscar Wilde; *Sentido do Atlantico*, João Barros; *Limiar*, Maria Alves Pereira.

INQUERITO AO TEATRO POPULAR

O teatro Gil Vicente

Um exemplo extraordinario: teatro popular sem pornografia, teatro em que os actores são operarios, teatro onde ha ordem, teatro onde se não representam revistas, teatro onde o producto liquido é para melhorar o proprio teatro

O sr. Almeida Bomba (vão ver os leitores o paradoxo deste nome!) — a creatura mais encantadora deste mundo, serviu-me hontem de cicerone atravez um teatro popular que existe na Graça e que, puritanamente se chama Teatro Gil Vicente.

Muitas coisas tornam notavel aquela inocente e assendinha casa de espectaculos, com o ar fresco das suas paredes estucadas, as suas longas galerias, o seu palco pequeno e proporcionado.

Aquele teatro não tem emprezarios. Já isso é notabilissimo. Funciona por conta e risco da Caixa Economica Operaria, e o seu corpo dirigente são operarios, trabalhadores honestos que mourejam dia a dia o seu pão, e que á noite, em vez de perderem o seu tempo em polemicas inuteis do café, dedicam ao teatrinho o seu esforço e a sua iniciativa. São eles os srs. Francisco Moreira, ensaiador, Alfredo Delgado, Constantino Carvalho, Cloris Afonso, Arthur Cunha e Manuel de Carvalho. Esses homens com o nosso cicerone e secretario dessa especial empreza, sr. Almeida Bomba, teem conseguido levar ali á scena, com uns escrupulos de puritanos, o com uma fé e um entusiasmo dignos de registo, pequenos poemas e comedias como o *Frei Luís de Sousa*, *A morgadinha*, *Fidalgos e Plebeus*, *Tosca*, *João José*, *Voluntarios de Cuba*, *Voz do Sangue*, *etc.*

E' preciso ver o que representa de boa vontade, de sincero amor ao teatro, o facto desse punhado de homens, que despem a blusa do trabalho, irem para o palco, representar na medida das suas forças, mas honestamente, as boas peças classicas, os dramas «terra baixa», as operetas populares.

Pois não merece realmente um elogio, o simples facto desses homens preferirem Garrett e Pinheiro Chagas a qualquer revisteiro adventicio?

Depois uma grande simpatia nos faz olhar para o palco daquele pequeno teatro de Gil Vicente: é a certeza de cada um daqueles actores é um trabalhador, é certeza de que o galã de capa é empregado de escritorio, o centro comico é da Fabrica Lino, o pae nobre é empregado no Liceu Gil Vicente, o velho mordomo é dos Correios e Telegrafos, e há ainda em scena torneiros, operarios da Fabrica d'Armas, operarios da fabrica de Braço de Prata... Pois não é isto encantador? Ter a certeza de que aqueles actores se não levantam ao meio dia que não teem tempo para a lazarenta intriga de bastidores, que gastam as melhores horas do seu dia a trabalhar, e que representam á noite, com o prazer de quem recebe um premio desse mesmo trabalho!

Hontem subia á scena uma opereta em tres actos «A Rosa do Jardim» do poeta sr. Artur Igaez e do sr. Wenceslau d'Oliveira, ambos julgo eu, lipografos, com musica dum novo de merito, o sr. Raul Portela. Não vem para aqui discutir o valor absoluto da opereta como peça de teatro. No seu conjuncto, está posta em scena com certo interesse, e conseguem no meu conceito que nessas scenas de movimento, como o começo do segundo acto, que me pareceu o melhor. Dispõe a pequena companhia do elementos curiosos, a quem falta certamente a escola dos grandes meios teatrais, mas que revelam talento e aptidões. O comico sr. Agripino d'Oliveira, que foi o um fadista, é um actor muito aproveitavel e de recursos scenicos, com uma dicção cheia de côr popular e de graça. A sr.ª Serra e Moura é, tambem, uma actriz de aptidões, com uma voz educada e representando á vontade. Guilhermina Paiva e Clarisse Osorio são elementos interessantes, dispondo a primeira duma bela voz que precisava educar com escola.

Finalmente Ernesto Silva que faz um estudante, é um artista popular já conhecido e que tem uma voz agradavel o forte. Eis, em dois traços, as principais figuras da companhia companhia simpatica sob todos os pontos de vista.

Uma coisa quero pergunto a mim mesmo e aos leitores é a rasão por que em Portugal não ha escritores de teatro popular, no acentuado cunho popular a que me refiro. Tive há tempos ocasião de assistir aos espectaculos populares do velho Madrid, onde pululam ás dezenas os autores das zarzuelas populares, de dramas de «faca e calhau» desse genero tão madrileno e tão caracteristico que são os «sainetes».

Porque se não preocupam com esses pequenos teatros populares os nossos autores capazes de fazer vibrar uma plateia do povo, capazes de educar com meia duzia de scenas esse generoso publico, onde uma larga propaganda de ideal e de beleza tanta necessidade ha de estabelecer-se?

Pois não é muito mais atraente esse honesto publico de trabalhadores, pois não interessa muito mais tentar comover o coração desses plateias sinceras e estruturalmente generosas?

Alguns escritores portuguezes ha que sabem falar maravilhosamente á emoção e á ternura do povo — porque desdenham escrever para um teatro de operarios, porque não pensem na força de convencimento que podem ter as verdades que se digam dum palcosinho popular, como o do teatro Gil Vicente?

Eu julgo que os reputações dos bons escriptores de teatro se não mancharíam em escrever de vez em quando para o povo, julgo mesmo que se escrevessem para teatro de interessar-um mais as palavras e as lagrimas sinceras dos mais rudes da gente do povo, do que certo snobismo facil das frisas e dos «fauteuils».

E esses peças de teatro, popular, tinham e teem uma grande missão a cumprir.

Ha que crea-as, e há que chamar para isso a atenção daqueles que pelo seu talento e atenção que ele, como meio educativo merece.

Era preciso que por toda a cidade houvesse mais desses pequenos teatros, como o de Gil Vicente, tão imprevistamente honestos, que a gente se sente surprehendido, — duma surpresa agradavel e comovida, — ao ascultar a ingenuidade e amôr com que essa companhia de operarios representa, por estas noites quentes de domingo a amorósa e ingenua opereta da «Rosa do Jardim».

E fica-se a gente a ouvil-os e a pensar em toda a ternura deste bom povo, nas paredes frescas estucadas do Teatro Gil Vicente, a tristeza ingenua da «Rosa do Jardim»...

O HOMEM QUE PASSA

«Danças de roda»

E' o titulo dum livro que apareceu hoje numa montra da Baixa. Apareceu o livro e mais o retrato da autora e mais umas jarras com flôres... Que flôres eram?

Não me recordo; de tas de que ninguem se lembra... Vistosas e grandes, pareciam estas saudaveis de gente estupida. Como não há carros e em tinha de longe, parei durante uns bons cinco minutos diante da montra sensacional e foi assim que, emquanto os pés descançavam, os meus olhos começaram a dançar as varias «danças de roda».

A capa do livro não se pode dizer que seja uma «sortie de thêatre» escandalosa de côr, mas é um lindo farto domingueiro de vêr a Deus e a quem, a troco duns tostões, queira entrar na roda e tirá-lo para par, enfiando-o por debaixo do braço. O «leit-motiv» da ilustração da capa é uma mulher que canta ao desafio, á luz fumarenta duma fogueira de arraial, mas adivinha-se por detraz dela a enorme confusão duma balburdia azougada e, sobretudo o respirar fanhoso de um «harmonium» ou duma gaita de foles a ropisar, a repetir a mesma aria quebrada e molenga, sem nervos e sem alma, duma temperatura neutra e igual á das tardes semi-estivais dêste sonolento mês de Santo Antonio. Atraz da visão dum «harmonium» a insistir na mesma aria, lembrei-me que os meus olhos tambem dançavam todas as semanas, com uma canção doce dentro e teimosa, atravancam as montras dos livreiros, podiam tal vez escolher — por uma questão de economia — para «ex-libris» comum, qualquer estilisação ingenua sobre a gaita de foles dos arraiais saloios...

Aliviada num pouco a minha nostalgia dos «Brazil-S. Bento» por esta despretenciosa ironia surda e muda, propunha-me a mandar parar o verde gaio que os meus olhos dançavam e a abandonar o espectaculo da montra sensacional, quando fixei melhor o retrato da autora que está lá no berlinda. Da fotografia passei as jarras de flôres e das flôres, como é natural, ás folhas do livro e, acto continuo, pensei logo na urgente necessidade de fazer na Liga Naval uma conferencia acêrca «da influencia de uma gréve de electricos sobre a memoria dos individuos que tiveram de descer a Avenida a pé»... Acabava de me surpreender comentando com indiferentismo a atitude dum amigo intimo, daquele livro que os vira nascer e que é mais do que um parente espiritual, d'aquelas «Danças de roda» que já me dançaram entre os dedos e ainda não me cançaram a bôca, que são mesmo das unicas danças em cuja roda todos devem entrar porque, como as dos «bailarios ao entioso, elas servem para desentorpecer e atordoar, para fazer vento em volta de qualquer fogueira que queime e possa vir a chamuscar-nos a alma ou a alumiar com as suas labaredas festivas mas indiscretas a noite negra do arraial da vida... Noite negra? negra eram as rampas que ou ainda tinha de galgar sem gosto e sem a musica alegre que tocam os pés tremendos dos empregados da Carris... E foi por isso que, antes de entrar em casa, descancei aqui na «Capital», e, debruçando-me á minha janela mexeriqueira e mangueira de senhôra «de verdadeiro», muito dentro da minha secção «dize tu, direi eu», quiz dizer-te, querida autora das «Danças de roda», que não tornes a vir dançar ao publico no preciso momento em que os de sardinheiras e os de mangerico andar que é até capaz de, descontando que te rís dele, não corresponda teu retrato elegante, do que te representa, com tanta interpretação de flôres com que ninguem se lembra de enfeitar-se umas flôres que recordam de agora — teem o proposito de sacudir e de que se tu se queixas harmonicas de côr, tão diferentes das flôres aristocraticas, como os teus versos são coloridos de calor e se a duma cadencia tão facil de dizer e de ouvir que até conseguem ser diferentes dos versos dos poetas que se interromper a gaita de foles que, todas as semanas, os poetas novos começam a fazer nas montras dos livreiros. Teresa Leitão de Barros

VIDA SPORTIVA

Coisas de box

As organisações do circo e a cooperação dos amadores

*A nossa secção inicia hoje uma série de pequenos artigos da autoria do conhecido colaborador de «Os Sports» **Time** sobre as ultimas organisações dos espectaculos de box no Colyseu dos Recreios.*

*A competencia e a sinceridade de **Time** hão-de por certo concorrer para levar o publico ao convencimento de quão prejudicial são para o desenvolvimento do box os espectaculos em questão.*

*Tem a palavra **Time**:*

Mal parece que amadores auxiliem o descredito d'um sport. Cremos na sua inconsciencia, mas acusamo-los. E' tempo ainda de reflexão.

Nos varios miseraveis espectaculos do circo a que temos assistido, ninguou-nos mais a cooperação ingenua dos amadores do que propriamente a farça em si.

E' necessario que todos nós nos convençamos de que um dos importantes elementos de vida d'aquellas comedias é fornecido pelo auxilio dos amadores que rodeam as cordas.

E por aqui não fica o seu auxilio. Por vezes ainda eles não hesitam em pisar o mesmo corrompido ring o combaterem-se.

Ora com que direito se roga a cooperação dos amadores para espectaculos sem interesse sportivo, organisados sem tecnico, sem sinceridade alguma?

E porque motivo, abdicam estes do seu pundonor de sportmen e deixam o publico tomar a nuvem por juno?

O motivo só póde estar na sua irreflexão. E' tempo de despertar.

Prestem o seu concurso só quando a Empreza lhes dê garantia de correcção. Neguem-no a quem faz mau comercio, despresando por completo o sport.

Deixem esto: entregues aos seus recursos sómente.

Se desde a primeira comedia do Circo os amadores tivessem abandonado os seus postos de cooperadores, as coisas teriam corrido de modo bem diverso.

E' com desgosto, com indignação mesmo, que encaramos aqueles scenarios burlescos dos combates do Circo.

Aquela mesinha rectangular onde tomam assento amadores e funcionarios do Circo é o poiso do jury?

E' urgente que os amadores de box cáiam em si e deixem que a gente da casa sirva os combates.

Aquele homemsicho dos intermedios comicos, o mestre de cerimonias do sopapo dá um competentissimo arbitro.

Para os «segundos» os creados da robona vermelha são esplendidos.

Só assim o espectaculo é coherente!

Time

Coisas de foot-ball

A guerra que a A. F. L. está fazendo ao torneio da "Taça Mutilados da Guerra"

Realisou-se ante-hontem no Campo Grande a ultima meia final do torneio de foot-ball da «Taça Mutilados da Guerra», ganhando o Sporting Club de Portugal por 4 goals a 1, sobre o Casa Pia, ficando por isso aquele apurado finalista com «Os Belenses».

Brevemente, a comissão organisadora do torneio, juntamente com dois delegados dos clubs finalistas, reunirão afim de se fixar o dia da final, que será disputada *n'um dia de semana* no Campo do Stadium, visto que a direcção da A. F. L. entendeu *guerrear* por todas as fórmas a realisação d'este torneio, apesar do seu producto reverter para os bravos mutilados da Guerra portuguezes.

Se dizemos que a A. F. L. guerreia por todas as fórmas o torneio, temos razões de sobra para o afirmar como adiante se verá.

A direcção da A. F. L., depois de um dos membros da sua direcção, (aquele que marca sempre os desafios, as horas e os campos) se ter comprometido com a comissão na cedencia do domingo 5 do junho para a final resolveu não conceder tal dia, unicamente porque o Sporting e Casa Pia não se inscreveram na Taça de Honra.

Resolvido depois pela comissão efectuar no sabado passado o ultimo desafio da meia final com entradas pagas e encontrando-se actualmente a comissão impossibilitada de mandar faser os respectivos bilhetes devido á gréve tipografica, a A. F. L. não cedeu do seu *stock*, que é grande, uma colecção de bilhetes, alegando que aqueles tinham escrito a palavra *desafios da A. F. L.*)

Resolvido o caso dos bilhetes para o desafio ser pago pela cedencia de uma colecção que o Casa Pia Atletico Club possue na séde da A. F. L., estes não foram entregues por dois empregados da A. F. L., na sexta-feira, apezar de a isso instados pelo capitão do team do C. P. A. C., sr. Candido d'Oliveira e dois membros da comissão organisadora do torneio.

A direcção da A. F. L., resolveu na quinta-feira não efectuar hontem os primeiros jogos da «Taça de Honra», o que provou não ter tirado licenças, feito os «placards» e mais detalhes de organisação que é necessario fazer com tres dias de antecedencia pelo menos.

Por aqui já o publico vê como a direcção da A. F. L., tem procedido tudo unicamente por os Clubs Sporting e Casa Pia alegarem ser tarde para disputarem a «Taça de Honra» e terem pedido domingos para jogos internacionaes e deslocamentos, o que fizeram para honrar a sua palavra anteriormente comprometida sem datas fixas, visto que os «teams» estrangeiros é que as podem marcar.

Ainda que tal se não desse, a A. F. L., não tinha o direito de pretender castigar os dois clubs desta forma, prejudicando um torneio em que todos os clubs estão cooperando e que é organisado por um jornal que tem auxiliado a acção da A. F. L.

Ahi tem o publico a razão porque o desafio de sabado foi gratis, quando se podia ter disputado hontem afinal com entradas pagas, porque a ultima meia final se poderia ter jogado na quarta ou quinta-feira passadas.

«OS SPORTS»

Não se poude publicar hontem

O bi-semanario *«Os Sports»* não se poude publicar hontem, devido ao actual comflito tipografico, nas casas Pobras, n'uma das quaes estava sendo composto. A sua direcção conta fazel-o reaparecer na proxima semana.

8.ª e 9.ª OLYMPIADAS

Por telegrama recebido hontem na redacção de *«Os Sports»*, sabe-se já que as 8.ª e 9.ª Olympiadas se realisam respectivamente em Paris e Amsterdam.

NOTICIARIO

Acaba de se organisar uma agremiação sportiva denominada Federação Socialista de Desportos Atleticos, que se propõe desenvolver o sport nos meios operarios. Tem a sua séde no pateo das Galvoias, no Campo Pequeno.

—Terminou hontem o Concurso Nacional de tennis, nas Laranjeiras, organisado pelo Club Internacional, saindo vencedores de «Singles» D. José de Verda sobre Pinto Coelho por 6|4, 6|4, 4|6 e 6|4. Em «Doubles» venceram Villa Franca e Ricciardi sobre Verda e Casanovas por 6|8 7|5 4|6 e 6|4. O Concurso Internacional inicia-se no dia 15 d'este mez, continuando na séde do Internacional, rua do Crucifixo, 86, 1.º aberta a assignatura.

—Os resultados do campeonato de sabre disputado hontem no G. C. P. foram os seguintes: 1.º Francisco Fernandes, 2.º Antonio Santos, 3.º José Simões.

—A Liga dos Clubs de Natação realisou hontem nova festa de natação na piscina da Casa Pia.

—A prova hipica «Ominna» disputada hontem em Palhavã foi ganha por Pedro Bicker no «Scot» com 0 de faltas em 1,58 1|5: 2.º, «Bonaparte», José Alcobia, 0, 1,59; 3.º, «Garoto», Luis Dias, 0, 2, 1; 4.º, «Favorito» Jorge Oom, 1|2, 2, 21, e 5.º, «Hebraico», José Mosinho, 1|2, 2,23 2|5.

Na quarta-feira é o terceiro dia de provas, disputando-se a Grande Prova Militar, apresentação de cavalos nacionaes e «habits rouges», com premios no total de novecentos cincoenta escudos.

—Devem chegar amanhã a Lisboa os jogadores do Sevilha Foot-Ball Club, que efectuarão o primeiro encontro na quarta feira contra o Sporting Club de Portugal.

—No Lisboa Ginasio Club vae grande animação nos treinos para o sarau que se realisará no Coliseu dos Recreios nos fins do corrente mez.

—Deve partir para o Brazil em agosto ou em outubro o cavaleiro Pedro Bicker, que vae ahi tomar parte n'umas importantes provas hipicas.

Congresso Beirão

Eis, em resumo, o programa do Congresso, exposições, festivais e passeios a realizar de 9 a 14 de junho:

Dia 9: — Receção na estação ás 16 horas e acompanhamento até á Camara, inauguração do Congresso; á noite, sarau no Teatro Viriato.

Dia 10: — A's 10, 2.ª sessão do Congresso no Gremio de Vizeu; inauguração das exposições artisticas e industrial e visitas aos monumentos; á tarde, 3.ª sessão do Congresso; á noite, espetaculo no Teatro, iluminações e descantes.

Dia 11: — De manhã, excursão ao Caramulo; ás 16, 4.ª sessão do Congresso; festival noturno.

Dia 12: — De manhã, 5.ª sessão do Congresso; inauguração da exposição pecuaria e agricola; excursão a Lafões ás 13 horas; inauguração da Colonia Agricola, do Belgão, dr. Alvaro Possolo, regresso ás 23 horas; á noite, festival no Campo Viriato e animatografo ao ar livre.

Dia 13: — Encerramento do Congresso, festas sportivas, festival no largo Mousinho de Albuquerque.

Dia 14: — Excurção a Gouveia e á Serra da Estrela.

Festas associativas

Academia Recreativa de Lisboa. — Realisa-se hoje, ás 21 horas prefixas, a segunda recita da festa do aniversario, com a representação do drama *Leonor Teles*, desempenhado pelo grupo dramatico da Academia, seguindo-se baile.

Festival academico no Jardim da Estrela

Um grupo de alunos de todos os estabelecimentos de ensino superior e secundário de Lisboa vae realisar, nos próximos dia 11, 12 e 13 do corrente, no Jardim da Estrela, um grande festival, cujo produto reverterá, em partes eguaes, para os tuberculosos militares e para a fundação de uma grande associação academica de protecção aos estudantes pobres.

Haverá teatro nos tres dias, com especlaculos com programas diferentes, tombola, quermesse, barracas com várias surprezas, alem de outras diversões, que certamente atrairão ao lindo local enorme afluencia. A comissão tem recebido valiosas prendas para a quermesse e toda a correspondencia deve ser dirigida ao presidente, Mario de Gusmão Madeira, para a rua Almirante Barroso, 54, r|c.

A comissão é composta, alem d'aquele senhor, pelos srs. Alberto Correia Rolão, João Arsenio de Gois, Lino Bastos, Luiz dos Santos Fernandes, Vasco Pereira Machado e Valentim Lourenço.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

COLISEU. — *Paris s'amuse, 3 actos e 25 quadros de Eugenio e Edmundo Joullet.*

Amanhã, mais á vontade nos referimos á primeira exibição desta revista...

A. F.

Nota do dia

As vocações para o Teatro

Como o *sol quando nasce é para todos* a *«Ilustração Portugueza»* consola actrizes portuguezas enfileirando-as ao lado das *misses* celebres inglezas, o que é excelente para a vaidade nacional e não faz mal ao cambio. Todas as semanas se esmurram as Cremildas, os Cunhas, os Baptistas e os Santos para figurarem no medalhão central do citado *magazine*, que desta forma, se não contribue para o levantamento da arte de Talma, auxilia no entanto o aumento de exigencias das... distintas belezas teatraes.

No ultimo numero porem, inaugurou uma nova forma de contribuir para a Historia do Teatro Portuguez: ouvir e registar para os onidomos, as impressões dos mais celebres e notaveis personalidades do nosso Teatro. E começou pela distinta e assombrosa actriz Celeste Ruth. Não é póca em manifestar-se a notavel interprete de pano de fundo do *Mont-martre*; diz:

Eu sempre tive uma certa tendencia para a Arte de Talma, resta que a critica declare, mão no peito e verdade nos bicos da pena, se a Arte de Talma tem alguma tendencia para mim.

E depois de declarar que podia ganhar a vida por outros processos, afirma:

«A arte dramatica fazia parte integrante de mim».

Ora aqui está! Quantos artistas menos celebres, a quem a arte de Talma menos deve, podem garantir que a *arte dramatica faz parte integrante do seu eu?!*

E em que parte do corpo esconde a sr.ª D. Celeste Ruth a *tendencia* para a Arte de Talma? E' esse o grave problema que o interessante *magazine* que Forjaz de Sampaio — o malicioso autor das «Palavras Cinicas» — dirige, não explicou aos seus leitores, nem á sua inquerida.

Se Brazão ou Ferreira da Silva, cujas plasticas não são bem as da sr.ª D. Celeste Ruth, tivessem dotes naturaes mais proprios para figurarem ao lado das *misses*, americanas ou inglezas que aos cardumes teem aparecido no interessante *magazine*, seriam eles quem abririam esse inquerito sobre o *«Como entrei para o teatro»*.

Assim não, *Lisbonne s'amuse* como o outro que diz; a mulher é a tecla fraca do publico; é lêr os cartazes: *«Lindas mulheres, lindas mulheres.»*

Como se pode ter **arte, divina arte**; nesta terra em que os maximos são feios como Brazão ou Ferreira da Silva.

Viva pois a *parte integrante da arte da sr.ª Celeste Ruth, e gloria ao protetores da mesma!*

Armando Ferreira

Reclames

Está marcada para amanhã, no Avenida, em 2.ª recita de assinatura, a representação da deliciosa comedia em 3 actos, original dos irmãos quintero, traduzido pela sr. D. Alice Pestana.—PIPIOLA.

A peça, em que Palmira Bastos tem mais uma brilhantissima creação na parte de protagonista, terá, tambem, como interpretes Samuel Diniz, Ester Leão, que reaparece, Elvira Velez, Rosina Rego, Carlota Sande, Rosa Cerca, Casimiro Tristão, Calazans, Francisco Judicibus, Henrique Pereira e Carlos Shore.

Noticiario

Entre nós

—Entrou em ensaios no Avenida a comedia «Coração Manda».

—Depois d'amanhã, no teatro do Ginasio, realisa-se uma recita promovida pela direcção da Escola Academica, subindo á scena a opereta «Giranito», original do inspector d'aquela Escola sr. João Candido de Carvalho e estando a interpretação a cargo dos alunos do mesmo estabelecimento de ensino.

O produto é destinado a soccorrer os pobres da freguezia da Encarnação.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ—A's 21 h.—«P. P. C.».
AVENIDA—A's 21,15 — «Dama das camelias».
GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troleró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«Companhia franceza de revistas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

Continua no mesmo pé — São postos em liberdade os trez grevistas presos na estação do Arco do Cego

Nada ha ainda de positivo quanto á solução do conflicto, apesar das versões que teem corrido e que davam a gréve como terminada.

A camara municipal reune, como já dissemos, hoje á noite, para tomar deliberações. De dia houve conferencias entre os membros da direcção da Companhia e o sr. ministro do interior.

O pessoal reuniu, como de costume, em sessão magna, muito concorrida, tendo falado diversos oradores, afirmando que a solidariedade da classe se mantem e que a classe é absolutamente alheia a quaesquer conluios.

O presidente da comissão de melhoramentos, sr. Armando Martins, entrou na sala acompanhado dos seus camaradas José da Costa Andrade, Armando Rodrigues e João Serra, que haviam sido, como noticiámos, na estação do Arco do Cego, sob a acusação de terem praticado actos de sabotagem, e que foram esta tarde postos em liberdade.

A assembleia faz-lhes uma carinhosa ovação e o sr. Armando Martins confirma a noticia, dada por um jornal da manhã, de estar mais um camarada preso, que é ajudante do expedidor da Estrela, Albergueira, acrescentando que a comissão já está tratando da libertação.

Alguns jornaes noticiaram ter ido a comissão hontem a Bemfica a casa do director da Companhia sr. Freire de Andrade.

Não foi tratar da marcha do movimento: foi apenas perguntar se a Companhia era parte no processo contra os presos. Tendo obtido resposta, retirou, a fim de concluir as *démarches* para a libertação.

A comissão está esperançada em que dentro em breve o conflito esteja solucionado e não sabe com que fundamento um jornal diz contar-se com que já á tarde houvesse carros em circulação.

Afirma que embora a Camara chegasse a acordo com a Companhia não era esse motivo para acabar a gréve, que tem de haver acordo da Companhia com o pessoal e emquanto ela não satisfizer as reclamações não recomeça a trabalhar.

A caminho dos trabalhos forçados

A criminalidade em França

Nada menos de 692 forçados e deportados francezes vão a esta hora a caminho da Guyana, onde desde 1915 faltava a mão d'obra.

Com efeito, foi em 1915 que se efectuou o ultimo transporte de forçados a bordo do «Loira», navio que, utilisado pelas necessidades da guerra, para a marinha mercante, foi torpedeado por um submarino alemão.

Trinta mezes depois do armisticio, um antigo navio de carga alemão, o «Duala», que fôra atribuido á republica tcheco-slovaca, depois cedido á Companhia de navegação de Nantes, acaba de ser transformado em prisão fluctuante de forçados.

A criminalidade em França, como em todos os outros paizes, tem aumentado de ano para ano, de modo que, por falta de poderem ser enviados a tempo e horas para a Guyana, as prisões e os depositos da França e da Argelia estavam literalmente atulhados. Nada menos de cinco mil presidiarios, uns condenados a trabalhos forçados perpetua ou temporáriamente outros que expiaram já a pena celular, mas que teem de cumprir a de degrêdo, esperavam a vez de seguir a seu destino.

«Duala», que foi transformado em prisão fluctuante, é um navio de 115 metros de comprido e 14 de largo, desloca 5300 toneladas e tem uma maquina de triplice expansão de 2300 cavalos, imprimindo-lhe a velocidade de 11 nós. Levará 18 dias para fazer a travessia da ilha de Ré á Guyana e tem uma equipagem de 50 homens.

A entreponte foi arranjada de propósito e de módo a oferecer toda a segurança para o transporte dos criminosos, que serão vigiados por 50 guardas militares.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 6—Faleceu o conhecido auctor dramatico Georges Feydeau.—(H).

VIENNA, 6—As graves inundações na Baixa Austria causaram prejuizos no valor de um bilião de corôas.—(H).

RIO DE JANEIRO, 6—Entrevistado no seu regresso de França, o ex-presidente sr. Nilo Peçanha declarou que a consciencia humana não terá tranquilidade emquanto a Alemanha não tiver pago o que deve. A França foi a maior victima da guerra e apesar dos seus enormes encargos financeiros dá um grande exemplo de coragem civica. As suas exportações augmentam e as importações diminuem de tal modo que o comercio exterior francez atingirá em breve as cifras anteriores á guerra. O sr. Nilo Peçanha acrescentou: «Regresso verdadeiramente maravilhado com a disciplina dos francezes, como brilhantismo da sua civilisação e com a solidez das suas instituições sociaes.—(H).

A CAPITAL

3801 — 11.º ano

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 7 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE
Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

Boatos

O nosso colega o «Diario de Noticias» desmente hoje, na sua secção da «Ultima Hora», boatos que se propalaram acerca do sr. Presidente da Republica, atribuindo a S. Ex.ª o proposito de renunciar ao seu alto cargo.

E' lamentavel que taes boatos sejam postos em circulação, mas ainda mais lamentavel que alguem de boa fé os aceite, obrigando a desmentidos como o que hoje o «Diario de Noticias» formula.

Conhece-se o processo de taes invenções, muitas das quaes são de torna-viagem, fazendo-se com que elas apareçam por vezes fóra de Lisboa para em seguida serem aqui espalhadas, já com uma vida que embora sendo ephemera não deixa de ser malefica.

O que é sobretudo singular é a facilidade com que se dá tanto mais credito a essas invenções quanto elas são, por vezes, mais injustificaveis e absurdas.

Perante uma realidade não falta quem se mostre incredulo. Perante um boato estupido, malevolente e manifestamente inverosimil não falta quem logo se mostre absolutamente convencido.

D'ahi a vantagem do boato para todos os pescadores de aguas turvas que sabem que manobram n'uma sociedade onde o milagre de Fatima, onde houve pessoas educadas e da mais alta sociedade que viram o sol bailar, encontrou uma abundante credulidade.

Agora o boato da renuncia do sr. Antonio José d'Almeida á presidencia da Republica tambem parece ter encontrado quem nele acreditasse. E todavia seria simplesmente absurdo que tal facto se désse, e nenhumas indicações politicas lhe davam visos de verdade.

O sr. Antonio José d'Almeida em que pese ás paixões partidarias ou aos interesses da seita, viu o seu prestigio radicado durante o incidente ultimamente ocorrido, e esse prestigio não diminuiu, antes tem continuado a augmentar.

Viu o seu prestigio radicado durante o incidente a que aludimos, porque, a uma certa altura, todos se voltariam para S. Ex.ª, reconhecendo nele a mais alta garantia da Republica. E tem-o visto aumentar pelos actos que em seguida praticou.

Um foi a entrega do poder ao partido liberal, que o paiz ha muito desejava ver assumir a gerencia dos negocios publicos. O outro foi a dissolução do parlamento, que já ninguem, quer nos partidos, quer fóra deles, podia na realidade tolerar.

Todos os actos do sr. Antonio José de Almeida teem sido sancionados pela opinião, e a sua politica, se se pode chamar assim á função altamente conciliadora e verdadeiramente nacional que S. Ex.ª tem desempenhado, é aquela que o paiz inteiro desejaria que servisse de norma a todos os governos e a todos os partidos da Republica.

Ela liga a Republica, com o seu espirito progressivo, ás tradições nacionaes. Não faz taboa rasa quer dos nossos costumes quer dos nossos sentimentos. Integra-se na consciencia da nação, não lhe cortando raizes que ainda lhe dão vida, nem deixando tambem de a fazer bracejar á luz dos ceus, nas mais formosas aspirações duma civilisação que não se suspende na sua marcha.

Seria n'estas circunstancias que o sr. Antonio José de Almeida renunciaria ao seu cargo? Porque?

Um chefe do Estado pode e deve retirar-se quando se reconheça em conflito com o espirito nacional. Não é como no caso presente, quando, pelo contrario, tem a felicidade de haver bem compreendido e interpretado esse espirito, em que a nacionalidade cristalisa as suas mais belas virtudes.

O FUTURO DA FRANÇA E DA ALEMANHA

A paz uma acalmia entre duas guerras

A *Chicago Tribune*, na sua edição europeia, tratando da politica no velho continente, faz a seguinte profecia:

«Entre a França e a Alemanha, a paz é apenas uma acalmia entre duas guerras. Os alemães são numericamente mais fortes e a sua natabilidade é maior do que em França.

Os francezes perderam a sua grande aliada, a Russia. A politica da Gran-Bretanha com relação á Europa continental póde sofrer uma mudança d'aqui a dez ou vinte anos.

Os francezes recordam-se de que os ingleses estavam com Bismarck contra Napoleão III. Estavam com os francezes contra Guilherme II.

A «entente» póde durar, mas os francezes não pódem contar com ela. Não contam com ela senão como uma probabilidade e encaram-na mesmo como uma certeza eventual: sabem que a Alemanha se levantará e que, então, se tornará de novo um perigo pára a França.

E' por isso que o marechal Foch quer ter uma fronteira estrategica no Rheno, é por isso tambem que os chefes militares e os economistas francezes pensam que a melhor garantia de segurança para a França seria impedir a Alemanha de recuperar toda a sua força industrial»

Na «petite boite» das Portas de Santo Antão

"Paris s'amuse" OU "Lisbonne s'intruge"

9 horas. Contratadôres caros. Muita gente. Farejo de pouca vergonha. Um grupo projecta manifestações de regosijo á empreza que trouxe á rapaziada de Lisboa «Lindas mulheres, lindas mulheres!» Um tipo da geral «mai la» familia explica que é muito bonito, que até faz aparecer um elefante. Os cartazes fazem mal á vista com o brilho dos «riquissimos scenarios», «deslumbrante guarda-roupa»... Dois janotas que bebem do fino, juram que algumas foram já «corridas» do Aliança e a maior parte foi arranjada em Barcelona e outras terras... De Paris veem apenas tres ou quatro figuras... Um fauteuil oito e dez escudos... Mas isto sim, é que é trabalhar pela arte e com competencia.

9 e meia. A «petite boite» das Portas de Santo Antão está apinhada. «Casa cheia 7 contos», lá diz o proverbio de Salomão Antonio Santos. Nas primeiras filas Castelo Branco, Salvador, scenografos e costumiérs varios veem na esperança risonha de aprender como... se vestem e pintam revistas». Alves Coelho procura de binóculo o «maestro da companhia». Mas a companhia é de tal calibre que nem maestro tem.

9 e tres quartos. Sinfonia. Outra sinfonia. O programa em papel manhoso custa um franco..., dos baratos; e lembra-se a gente dos programas artisticos do... Paris! O pano sobe... Um frémito passa. Todos se sentem num «casino» da cidade fatal, e concentram os sentidos no pequeno pano talão com campainhas e repolhos futuristas que apareceu muito estreitinho entre os «tangões» esticados da grande bocarra do Coliseu.

«Paris s'amuse» tem 25 quadros. O 1.º é a «Mulher mais amorosa da França», um côro das provincias francezas, um senhor francez de chapeu alto a quem a empreza recomendou que se deitasse no chão e espinoteasse porque era um numero de muito agrado para Portugal e pelo qual se tem feito muito actor popular.

Cá do fundo da plateia, tal e qual o cavalo branco de Great Carmo, aparece o «compère Redson», com uma bela voz de baritono, boa mascara e bom porte. E' artista do «Casino», quasi o unico que veiu de Paris. Mais musica e cantoria. As 20 «girls» aparecem bastante desencontradas e com falta de ensaios. E lembra-se a gente dos «Sunshine Tiller's Girls» das «Folies Bergéres», ou das «Jackson's» do «Marigny...»

Procuram-se as lindas mulheres... Devem! vir nos outros quadros: estas são de fancaria, e com estas cáras eram reprovadas na inspecção de qualquer casino de Paris. As duas bailarinas em destaque valem mais alguma coisa: dansam o bailado do «Nunca acaba» e ahi temos esse cortejo a um de fundo por uma «passerelle» que a empreza inventou para não se ver a musica a fugir... cada qual para seu lado, e para as «lindas mulheres» de pernas que nem palitos virem ao pé dos accionistas das primeiras filas mostrar os tornozelos.

E acaba o quadro. Mutação. Nova sinfonia.

O lindissimo scenario volta a ser... o pano de fundo de campainhas brancas e cravos futuristas... A comère, M.elle Syner, sem graça nenhuma... parisiense, diz que vão passar as modas. Uma rapariguinha da companhia de «frac» e «clac», sae das primeiras filas e vae ajudar a «comère» na ...canastrice. Passam ao fundo enquanto a musica toca a... 5.ª sinfonia dois figurinos mais irrisorios que belos, sem suptuosidade, nem riqueza e até extraordinariamente deselegantes como aquele que traz um molho de cebolas no... verso inferior; nova sinfonia e as bailarinas voltam, do verde agora e novo bailado. Mutação. Já vamos no 7.º quadro sem que ninguem... desse por isso. A musica toca mais algumas valsas, uma marcha do Taborda, e aparece-nos o mais belo dos scenarios que Lisboa tem visto: um fundo negro. E' lindo: todo preto, muito preto, autenticamente negro sem uma mancha mais clara; é o que se chama um deslumbrante scenario. O sr. Redson faz uma scena mimica, cantada, e acompanhado de bailados por M.lle Philippine uma das mais aproveitáveis das «lindas... mulheres».

O sr. Redson é um bom artista, repetimos ainda.

Mutação e voltamos ao deslumbrante scenario do pano talão com as campainhas e as flôres futuristas; uma magrizela vestida de bohemia dança sem concorrencia ao Foz, uma banalissima coisa que o programa diz ser Dança Bohemia. E muda-se a scena para o «Exercito do amôr»; veem os «cupidos», os «bombeiros», os «archeiros», muitos bailados, uma marcação repetida, e a apoteose do «Venus» a Venus escultural, que não vem nua, como os meninos portuguezinhos queriam, o que é muito melhor para ela, visto ser uma Venus muito em... barro bruto. Espóca-se encostada ao pano de fundo e ahi vem a marcha do amôr, pela «passerelle», mostrar as belezas de pernas...

Acabou-se o primeiro acto. Não ha uma nota de vivacidade, de alegria; o dialogo foi cortado, os quadros de comedia suprimidos, o «Paris s'amuse» de Paris adulterado, mexido com numeros de outras revistas, salgalhando o «Broken Doll, o Hindustan, o Smiles, o Swanee, o Violet's Song» que todos nós já conhecemos das nossas simpaticas revistinhas—honra lhes seja—onde ha ideias, ironia, critica, engenho, maquinaria, guarda-roupa e até... sem virem de Barcelona, «lindas mulheres»!

No 2.º ato, o «Baile Musette» é a dança apache com uma variante de tragédia que se foi beber ao «Le dernier Tango» de «l'amour en folie». O quadro seguinte desapareceu por artes de prestidigitação, e volta-se ao tal scenario deslumbrante... do pano preto. «Pierrot» e «Colombine» presta-se a um bailado mais, cançando as pobres raparigas. No entanto é aplaudivel.

Mutação: volta o deslumbrante scenario do pano talão com as campainhas e as rozas futuristas. Um duoto entre as duas «mascottes» em moda o... ano passado em Paris e Londres. Pelas tradições do Coliseu, «grama» o respeitável publico «Os palhaços» e... muda o scenario. Estamos no Japão, M.me «Crisantême» com vóz de cana rachada canta a sua ópera. Veem as 16 coristas, as 8 bailarinas, a dansa da luta, os officiaes inglezes, os balões, e ahi tem o 2.º ato terminado, pelo infalivel passeio até á 1.ª fila de fauteuils.

Nesta altura o nosso publico já readquiriu o seu bom humôr. Ele canta, ri, aplaude fóra de tempo, desforra o dinheiro! Os timoratos dizem que é feio molestar estrangeiros: o que vão dizer de nós! Sem se lembrarem que era pior sem duvida o que iriam dizer de nós, se depois daquela pepiniére, fizessemos ahi tal qual os nossos provincianos ante uma tournée... dos que os costumam assaltar.

O 3.º acto, lembra-nos tão bem o Circo, era um acto soberbo de côr, de vida, de beleza.

Aqui em «Paris s'amuse... a comer-nos a pinha», adaptação da revista franceza, o circo é um acto massudissimo, mal ensaiado, com as coristas cada qual para seu lado, esperando pela musica, emquanto a musica pára, o maestro sua e o publico ri. Ha um numero de bôa mise-en-scene que sobejou... até Lisboa: o unico tom, do efeito: o «baile dos cavalos».

Mutação. O pano preto.. do costume mas com pedacinhos de folha, onde o brilho dos holofotes se reflete para os olhos dos espectadores. Mais opera. Chama-se o quadro «O Espelho» e termina antes do fim a pedido... do publico. E' um quadro tão deslumbrante... que até faz mal á vista.

Para «truc» final vae agora o publico ver um «Capitão de Cavalaria» no palco, a dar que dar com a barriga, e a «madelon». Canta-se a Maria da Fonte para armar á geral, mas... não pega. O «truc» é grosseiro e o governador civil antes de mais nada devia mandar despir a fardinha ao sr. Redson, que irá daqui julgando que os oficiaes do exercito batem o fado... em scena. O ultimo quadro é continuação do bailado do «Nunca acaba...» A mesma marcação, as mesmas piruetas, e o engodo de nos versos aparecer «fleurs de Lisbonne»... Marcha final até ao pé... das mãos dos meninos atrevidos.

Estava terminada a revista «Paris s'amuse»!!

Na geral ha protestos; «eu queria ver o elefante».

Outro trouxe um oculo de ver ao longe para observar as estrelas... de Paris. Mas, coitado, ficou a ve-las por um canudo, porque os francos estão caros!

Palavra, amigos meus leitores. Eu creio que é impudencia fazer de Lisboa, parvacenta cidade dum povo inculto. Não se dá com tanta facilidade «gato por lebre» á nossa plateia exigente, culta e, vá de franqueza, mais ilustrada do que as emprezas julgam. Trazer tambem carne fresca anunciada pelas paredes «Lindas mulheres, lindas mulheres!» sem outro viso senão excitar apetites desbragados, tambem não está certo. Alem de que o «Coliseu», que para os sôcos e os cavalinhos é optimo, não é casa para aconchegar qualquer iniciativa interessante, e que as ha a fazer; podiamos receber de vez em quando uma falange de «bailes russos», que admirariamos como se admirou a «Palowa», poderiam vir companhias—autenticas—de «revüettes» ligeiras a Lisboa, para um teatrinho quasi apropriado, depurado, com publico moço e apaixonado de qualquer manifestação artistica... Mas como vae longe tudo isso, do que a empreza do «Coliseu» nos deu, ou deram á empreza do Coliseu!

«Paris s'amuse»... Não, não, «Lisbonne s'intruge»!

A. F.

Festas academicas

A dos alunos do liceu Pedro Nunes

Realisa-se na sexta feira a costumada festa dos antigos alunos d'este liceu.

Haverá, como nos demais anos, uma aula para os antigos alunos de letras e outra para os de sciencia, alem de uma aula de canto coral pelo maestro Herminio do Nascimento.

Depois das aulas é a recepção pelo reitor e professores, falando em nome dos antigos alunos o sr. dr. Francisco Assis de Brito.

Segue-se o almoço na cantina do Liceu, depois um desafio de foot-ball entre antigos e modernos.

A comissão convida todos os antigos alunos a reunirem no liceu ás 11 horas do dia 10 e igualmente convida suas familias para o baile que começa ás 14 horas no Gimnasio do mesmo liceu e para o qual ficam igualmente convidados os actuais alunos e suas familias.

A caminho da Promissão

Um conluio que não vinga, mercê do patriotismo d'um corretor — Quatro casas de perdição

Hontem os açambarcadores do ouro tinham preparado mais uma peça de efeito. De manhã, o dr. Antonio Ozorio pontificara n'«O Seculo». Explicara séria e cruamente o martingal a que tanto me tenho referido; explicara-o e aconselhára o combate rijo por parte dos particulares e do Estado aos vampiros do sangue nacional, visto que o ouro é o sangue da nação.

Toda a gente pensou que o dessassombro do intemerato homem de leis, «doublé» de economista, corresponderia a mais uma valente injecção arsenical no corpo sifilitico da nossa papalvice e politranismo que nos põem de cócoras perante galegos d'alem-mar e bretões; que a libra desceria certamente, sem faltar quem em face do crescente interesse desta campanha futurasse grossa novidade para a tarde, emquanto o dia acastelava nuvens ameaçadoras.

Ingenuidade, pura ingenuidade. Os homens uniram-se e prepararam mais uma pirraça.

As quatro casas que terei por fim de denunciar, duas estrangeiras e — brada aos céos! duas portuguezas que se cobrem do mais vil oprobio, fazendo o mesmo jogo de feras para os seus compatriotas,—quatro casas,—dizia eu, conluiaram-se mais uma vez, e sabem qual o golpe que tentaram, que tiveram quasi na mão como certo?

Segundo o seu plano e passos dados nesse sentido, a libra devia aparecer hontem á tarde outra vez a 5 !

Era assim que eles nos respondiam. Diziam com os seus botões, sorrindo desdenhosamente, irritantemente, das nossas investidas sem força:

«Pois sim, ralem-se; não ha duvida; teem toda a razão, mas ela ai está outra vez a 5 !»

As agencias estrangeiras que para ai vieram no tempo da guerra, o escalracho torna-viagem que com elas manobra e um seu logar tenente que já esteve em perialitancia, teceram hontem as suas malhas de ouro para estrangularem mais uma vez, em seu unico proveito, a nação, todos os portuguezes, pondo-nos a libra na casa dos 5.

Só não teve conhecimento da manobra quem não convive com estas miserias dos detentores do ouro.

Eu não acuso casas estrangeiras talvez propulsoras e com certeza socias nestes cambalachos onde se arrisca a vida politica e ordem da nação, visto que ninguem duvida de que, se a libra voltar a cincoenta e tantos mil réis, pouco duraria no nosso paiz a sua organisação estatual; que lhes importa a eles o naufragio duma nacionalidade que não é a sua, para onde vieram somente com o fim de sobre a nossa ruina encherem as suas casas fortes? Mas, portuguezes emparceirados nesta torpeza de cara descoberta, á vista de todos nós, é que faz com que se nos cubra a cara de vergonha.

Pois é assim mesmo, e assim estava combinado, pactuado mesmo entre eles: a libra voltava para a casa dos 5.

A este manejo tredo e de provocação bem clara, se opoz um corretor, que, honra lhe seja, conseguiu parar a arremetida. Bela alma portugueza, conhecedor como poucos dos *dessous* e de toda essa podridão cambial, trabalhou com tal intensidade e valor todo o santo dia que, conseguindo 30.000 libras, obteve que o cambio se mantivesse.

Como não me anima o espirito de ataque pelo ataque, devo confessar que este homem, vivo e cheio de inergia improvista, teve a seu lado casas bancarias portuguezas que, como ele e como nós, todos desejem a melhoria cambial. E é um simples corretor, d'esses taes a quem um negociante de «tromblons» assacava responsabilidade no salto do ouro!

Aqui tem o leitor um quadro simples, uma estafa, umas horas febris do dia de hontem a justificarem o que hontem eu escrevera. Não se trata de mutuas retaliações entre os que pouco veem ou nada para além dos seus interesses pessoaes, das estreitas vantagens do seu comercio; temos de apontar para muito mais alto as baterias d'uma imprensa que pretende salvar o paiz da desavergonhada usura que o corroe, e para isso estudemos cada vez melhor o problema e alvejemos sómente as quatro casas de perdição que ainda não desistiram de abrir falencia a um paiz cheio de recursos.

A lucta como disse, é de vida ou de morte. O triunfo dos receiros do ouro, a vida encarecendo de novo e a nação desorganisada: ou o paiz libertado e eles a ficarem emfim pelos milhões já ganhos que á sua sede e voracidade parecerão talvez indigencia.

Aqui tem o leitor, porque desejo pôr sempre bem em destaque a força, o poder, do inimigo. Hontem ainda aquele homem de bem e homem de dinheiro poude sair-lhes ao caminho com 30:000 libras; terá a mesma «chance» de repetir o gesto com exito, mais algumas vezes; mas a lucta é desigual e os enforcados nas cambiaes não estão dispostos a ceder. Só um poder mais alto, só o Estado, com o ouro das reparações ou qualquer operação de credito os poderá vencer. Até lá as casas estrangeiras e as nacionaes, piores que as estrangeiras, tripudiarão, dentro do seu «truc» conhecido e divulgado, sobre um povo rico, forte e naturalmente bem provido, porque a nossa gente a quem Lord Byron chamou povo de escravos, se habituou a olhar para os seus compatriotas, como para bonzos em que se não pode mexer, ao encontro de cujos interesses se não pode ir, nem mesmo em defeza da nossa existencia.

D. Thomaz de Noronha.

A questão da Alta Silesia

A resposta da Inglaterra á nota franceza

PARIS, 7. — Segundo o «Echo de Paris», em uma nova nota recebida no Quay d'Orsay, o governo inglez confirma a sua intenção de responder a ultima nota franceza, somente depois de ter tomado conhecimento do relatorio que pediu ao delegado inglez na Alta Silesia sir. Harold Stuart.—H.

A luta entre alemães e polacos

OPPELN, 7. — As forças alemãs, proseguindo no seu movimento ofensivo, conseguiram fazer recuar os polacos.

A comissão interaliada decidiu prolongar a barragem das tropas aliadas desde Ujest-Grosstreilitz até a oeste de Gleitzxitz.

A ocupação das localidades designadas pelas tropas anglo-francezas foi completada hontem de manhã.—H.

O desarmamento da Baviera

BERLIM, 7.— Uma proclamação do governo de Munich exige a entrega em 10 do corrente dos canhões e metralhadoras e em 30 das armas portateis e munições em conformidade com as clausulas do desarmamento.—H.

O barateamento do pão em França

PARIS, 7—A comissão de agricultura do Senado ouviu o ministro da agricultura sobre as medidas a tomar para proteger a agricultura nacional e sobre o possivel barateamento do pão.

As condições apresentam-se favoraveis, pois que as disponibilidades de trigo extrangeiro e a precocidade da proxima colheita franceza permitem baixar o preço do trigo.

Parece resultar d'essa troca de vistas que o preço dos trigos extrangeiros baixará nos ultimos mezes do corrente ano descerá a 60 francos em vez dos francos actuaes os 100 kilos o que permitirá vendel-o, com os direitos de 75 a 80 francos. A agricultura nacional poderá assim dar sahida ao seu trigo ao preço equivalente permitindo vender-se o pão a 90 centimos.

O direito de entrada do trigo que era antes da guerra de 7 francos vae ser elevado a 14 francos.—(H).

Origens historicas da decadencia nacional

Realisou-se hontem, como noticiámos, na Universidade Popular, a anunciada conferencia, primeira da série sobre «As origens historicas da decadencia nacional».

O professor sr. Ladislau Batalha, depois de fazer uma saudação ao progresso, mostrou que a decadencia actual da sociedade portugueza acusa uma enfermidade cujo diagnostico é preciso fazer. O mal vem de longe, tem de filiar-se nas primitivas migrações. Descrevendo as varias civilisações que atravessaram a Peninsula desde os tempos proto-historicos, foi mostrando sucessivamente o fundo tradicional que nos foi ficando da passagem dos Iberos, Celtas, Ligurios, Fenicios, Gregos, Romanos, Visigodos, e os cruzamentos Mouros e Mosarabes. Simultaneamente considerou as diversas religiões que passaram pela Lusitania e o que delas foi ficando. Concluiu pela demonstração dos efeitos deste remoto passado sobre a formação do caracter nacional. A resultante foi tornarmo-nos fanaticos no exagero da sentimentalidade que nos fez em excesso zeladores da honra, exagerados na galhardia, e teimosos até á crueldade nas praticas da intolerancia.

Foi largamente aplaudido, devendo a segunda conferencia realisar-se no proximo dia 13, com tema que será oportunamente anunciado.

Vida politica

Reune hoje, pelas 21,30, a comissão municipal da Federação Nacional Republicana, devendo comparecer todos os seus membros.

Pessoal dos telefones

Como se sabe, o pessoal dos telefones pediu melhoria de situação. A direcção da companhia, em Lisboa, aguarda a chegada de alguns membros da direcção em Londres, para serem apreciadas as reclamações que lhe foram apresentadas.

Cruzador «Cassiope»

A oficialidade do cruzador da marinha franceza o «Cassiope», que tencionava ir hoje em passeio a Cintra, adiou a visita em virtude do tempo ameaçar chuva

ANTIQUALHAS HISTORICAS

A dansa das raças

Os antagonismos dos povos
O bom vento — Chamorros, Rabados e Galegos
O Gotico e o Bizantino

Audacia e destreza, valentia e resistencia são caracteristicas nossas com que conseguimos para sempre vincular á Historia a lembrança de grandes façanhas. Aptos á fadiga, dados ao trabalho, cheios de astucia e teimosos por condição (1), com a maior facilidade nos apodamos uns e outros estão separados pelas aventuras da politica, atribuindo a cada qual os defeitos e qualidades que por egual a ambos pertencem.

Esquecidos uns e outros do fervor com que cultivamos a hyperbole, os de lá atribuem-nos o vicio das Portuguezadas, com o mesmo afan com que nós lhes atribuimos o das Espanholadas.

Nos Açores, a um exagero chama-se Africanada, e em França usa-se a palavra—Gasconnade—para significar o mesmo. E bem cremos que isto deve ser tão verdadeiro da Gasconha como o é de Portugal e de Espanha.

«Gascon larron
Ouvergnat son compagnon,

dizem os do Languedoc.

Ha uma certa generalisação n'este antagonismo de povos a povos, de regiões a regiões, baseada provavelmente no egotismo coletivo dos burgos e povoados.

Em Espanha diz-se com grande orgulho:

«Ingles borracho,
«Francés gabacho,
«Holandes mantequero,
«Español gran caballero.

Falando de nós proclamam bem alto:

«Portugueses pocos y esses locos»—alusão gorada talvez na inveja da nossa prosperidade, quando, nos seculos aureos da nossa Historia, sendo poucos em população, nos arrojavamos a emprezas audaciosas pelo risco e pela coragem.

Em compensação, a uma velhacaria nós chamamos—uma alicantina.

Tambem de França nos chega aos ouvidos a velha canção:

«Les portugais sont toujours gais».

A taes farroncas responde o povo portuguez:

«De Espanha, nem *bom vento*,
«Nem bom casamento».

E' nacional, porém, ou pelo menos expontanea esta resposta?

Não o sabemos. Ha expressões comuns a varias nações, frases que encerram conceitos reservados, quasi sempre dificeis, senão impossiveis de apreender.

No anexirismo espanhol encontra-se o seguinte rifão de que o nosso nos parece mera parafrase:

«De Jerez
«Ni *buen viento*
«Ni buen casamento
«Ni mujer que tenga asiento».

Semelhantemente encontramos em França:

«De l'Auvergne
«Ne vient
«Ni *bon vent*
«Ni bon argent
«Ni bonnes gens». (2)

Tambem os holandezes chamam á fanfarronada «Fransche wind» — o vento francez.

Não é para agora a interpretação a dar nestes ditados de fontes tão diversas á palavra vento, que, ainda mesmo quando favonio, tem no povo um sentido pejorativo.

Ainda entre nós perdura a crença popular de que, quando sopra vento do mais, morreu algum tabelião. Algum judeu, dizem no Vimieiro.

Na Beira Alta o vento rijo significa que anda no ar o diabo, personagem mitica á qual oportunamente teremos de nos referir com maior pormenorisação. Tambem os de pouco juizo se chamam—cabeças de vento.

E' provavel que na continuação destas investigações venhamos a identificar o vento dos nossos adagios com a comemoração de alguma divindade malévola trazida ao solo da velha Luzitania pelas extintas raças que por aqui passaram.

Na propria Roma nem todos os ventos eram Zéfiros ou Tavonios. Tambem Eólo ás vezes desencadeava os temiveis Austro e Aquilão, cuja simples presença bastava a pressagiar maus agoiros.

E por aqui fóra iriamos se não nos ocorresse agora que tambem atravez da Historia temos merecimento dos hespanhoes os epitetos de Chamorros e Judios, aos quaes correspondiamos, chamando-lhes Fanfarrões, Rabados, Galegos e outros nomes feios.

Felizmente vae o estreitamento cada vez maior de relações entre os dois povos afins, apagando essas rivalidades, ora natural, ora artificialmente creadas pelos interesses dinasticos já desaparecidos.

O desdem internacional manifestado nos anexins bem merece um estudo mais pormenorisado, para que não dispomos de tempo nem de todos os quasi infinitos conhecimentos indispensaveis. E' certo, porem, que, submetido ao criterio comparativo, trará muita luz a esta ordem d'estudos.

Em Portugal, no intender de um anexirista francez, ainda se diz, ou pelo menos dizia-se:

«Senhoria d'Italia,
«Dom de Hespanha
«Não valem uma castanha, (3)

Os paizes que se dizem latinos, injuriam-se reciprocamente com uma expontaneidade que por si só bastaria se outra ordem de argumentos não existisse, para demonstrar quanto ha de erro nas expressões—raça-latina, ou mesmo neo-latina.

Em França diz-se:

«L'Italien est dans la rue
«L'Espagnol au balcon,
«Le Portugais chez lui
«Comme le turc.»

A's vezes referem-se-nos em termos deveras injuriosos:

«La bête sur l'animal
«La monture de Portugal.»

O erudito etnologo Leite de Vasconcellos informa, porem, a este proposito, que, quando no Conselho de Bragança alguem quer zombar de um cavaleiro, aplica-lhe o ditado:

«Um burro sobre um animal
«A' maneira de Portugal. (4)

Mas sabemos esplicar satisfatoriamente a correspondencia de modos de dizer que se nota em nações diferentes, e muito menos que nós proprios nos amesquinhemos, como sucede com este adagio.

Não é comtudo caso unico. Tambem os inglezes, com todo o seu orgulho de casta, dizem de si mesmos—bebedo a cahir como um Inglez: «Dead drank as an Englishman».

O despeito entre povos criou o habito de invocar as nacionalidades estrangeiras, atribuindo-lhes vicios e defeitos que nem sempre representam verdades observadas, embora na maior parte dos casos achem algumas razões de analogia a justificar.

Assim, a tudo que seja ou pareça antigo e gasto, chamamos — gothico.

E se, alem de antigo, é desusado, ou reveste caracteristicas d'excentricidade, facilmente dizemos que é bizantino.

Esta espressão funda-se na estraneheza dos costumes de Constantinopla—a antiga Byzancio—, e até em razões historicas que lhe justificam a origem e a facil perpetuação até aos tempos modernos.

Os Bizantinos estiveram de facto em Portugal por ordem dos romanos a pedido do rei Godo Athanasio, tendo sido depois espulsos da peninsula por Suinthila.

Byzancio prende-se, pois, entre nós com a historia das luctas do Imperio Visigothico com o Romano na Peninsula.

Da sua passagem por aqui ha vestigios em algumas inscripções cristiano-helenicas achadas em Mertola (5), e a sua memoria teve razão de fixar-se com o sentido pejorativo que ainda subsiste.

Na Comedia «Eufrosina» de Jorge Ferreira, nateiro inesgotavel de velhos anexins, tambem encontramos este, cujo sentido, com certeza pejorativo, dificilmente se descobre:

—Biscainho, pelo si si, pelo não não.

Tambem o anexirista Paiva, entre o numero d'aquelles que no seu intender, não se deviam usar, cita este outro de evidente hostilidade:

—Gaston Veneza!

Ha, pois, em cada povo, por motivos egotistas que nos parecem obvios uma tendencia prejorativa ácerca de todos os outros povos, sejam limitrofes ou afastados, presidindo comtudo e sempre uma causa historica que na maioria dos casos nos escapa.

Ladislau Batalha.

(1) Ethnogénil Gaulois e de Belloguet. III.
(2) Revista d'Estudos Livres, 1884-1885.
(3) Revista d'Estudos Livres, 1884-85.
(4) Sébillot—Blason Populaire de la France.
(5) *Religiões da Lusitania*. III, 578 notas.

No Oriente

A luta entre gregos e kemalistas — A intervenção da Inglaterra

LONDRES, 7.—Informa o «Daily Mail» que nas espheras oficiaes de Londres se entrevê a remessa aos kemalistas de uma nota categorica, ou mesmo um ultimatum a não ser que o governo de Angora ambandone a sua atitude hostil para com a Inglaterra.—(H).

PARIS, 7.—A proposito do conflito grego-turco, o «Matin», é de parecer que a Inglaterra, embaraçada com grandes dificuldades internas, não poderá empenhar-se numa politica de assistencia aos gregos por todos os meios adequados, sem recorrer á cooperação da França. Acrescenta que a França não se sente de modo algum tentada em deixar-se arrastar numa ofensiva grego-britanica.—(H).

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra

Ficam por este meio convidados os membros da commissão organisadora do torneio da «Taça Mutilados da Guerra» e os delegados dos clubs finalistas, Belenenses e Sporting, a reunirem no sabado 11 do corrente, ás 18 horas, na redacção de «Os Sports», para ser marcada a data da realisação da final do referido torneio.

Encontro internacional

O Sevilha joga depois de amanhã contra o Sporting no Campo Grande, ás 18 horas

A convite do Sporting Club de Portugal encontra-se em Lisboa, o primeiro «team» do forte agrupamento hespanhol Sevilha Foot-Ball Club, que fará depois d'amanhã o seu primeiro encontro no Campo Grande, ás 18 horas, com o «team» do Sporting que actualmente está n'uma magnifica forma conseguindo derrotar o Casa Pia, campeão de Lisboa no ultimo sabado, no jogo da meia final do torneio da «Taça Mutilados da Guerra». E' portanto o «team» mais completo que se deve opôr ao Sevilha, que vem com todos os seus melhores elementos para sahir vencedor. A luta de amanhã deve certamente ser rija; os portuguezes com o seu orgulho hão-de opôr seria resistencia, mas os hespanhoes, que foram vencedores do Atletico de Bilbau, actual campeão de Hespanha, procurarão levar para o seu paiz os louros de uma victoria que eles consideram honrosa.

O Sporting instituiu uma taça denominada «Iberia», que será disputada tambem pelos Belenenses, outro «team» com todas as probabilidades de vencer os hespanhoes. Os Belenenses são como se sabe, um dos finalistas do campeonato, visto que vão disputar a final da «Taça Mutilados da Guerra».

Devemos portanto presencear bôas tardes de «Association».

CONCURSO HIPICO

As provas de amanhã

Amanhã, terceiro dia do concurso as provas vão ser rijamente disputadas, principalmente a «Grande Prova Militar». Alem d'esta, ha «Habits Rouges» e apresentação de cavalos nacionaes.

A concorrencia deve ser numerosa e brilhante como nos dias anteriores.

LAWN-TENNIS

O Concurso Internacional começa no dia 15 deste mez

Todos se lembram ainda do exito que o Club Internacional obteve com o Torneio Nacional de Tennis que terminou no domingo passado.

Em todas as tardes de jogo a concorrencia foi boa, havendo encontros que entusiasmaram a assistencia. Os resultados foram os seguintes: D. José de Verda vence Diogo da Silva por 6|4, 7|5 e 6|4; Pinto Coelho vence Orey por 6|4, 4|6, 6|3 e 9|7; Vila Franca e Ricciardi vencem Vasconcelos e Diogo da Silva sor 4|6, 7|5, 2|6, 6|4 e 8|6.

D. José de Verda vence Pinto Coelho por 6|4, 6|4, 4|6 e 4|6, ganhando assim o titulo de campeão nacional.

Em «Doubles», Vilza Franca e Ricciardi vencem D. José de Verda e Canovas por 6|3, 7|5, 4|6 e 6|4.

O Concurso da Frimavera deve iniciar-se no dia 15 do corrente, continuando aberta a inscripção para jogadores e tambem para a assignatura de bilhetes, na sede do Internacional, rua do Cruxifixo, 86, 1.º.

NAUTICA

O passeio da Associação Naval

A Associação Naval de Lisboa vae realisar na proxima 6.ª feira o seu primeiro passeio a bordo do vapor Alcochete» ao Seixal, para os socios e suas familias. O embarque faz-se ás 10 1|2 na ponte do Terreiro do Paço.

A gysocana realisa-se na quinta do sr. dr. Bernardino d'Almeida, gentilmente cedida para esse fim. A bordo do vapor vae um sexteto. Previamente daremos o programa completo desta festa. Ha premios para as senhoras vencedoras das provas da gysocana.

Os bilhetes encontram-se deste já á disposição dos socios todos os dias das 3 ás 4 da tarde ou das 9 ás 11 da noite na sede d'Associação.

Touradas

CAMPO PEQUENO—A empresa organisou para os dias 10 e 12 duas corridas, dando-nos na primeira o joven e notavel espada Marcial Lalanda, que é considerado como sucessor de *Gallito*, e no dia 12 os pequenos novilheiros Antonio Posada e José Belmonte, irmãos respetivamente dos matadores de touros Francisco Posada e Juan Belmonte. O pequeno Belmonte tem 12 anos.

Na primeira corrida lidam-se touros de F. Borracho, pela primeira vez em Lisboa. Os cavaleiros são J. Casimiro e Rufino da Costa, que reaparece depois da colhida no Cartaxo. Os bandarilheiros são Teodoro, Alfredo, Custodio e Agostinho.

No dia 12 os touros são da empresa. A cavalo toureiam o amador sr. Hoberto de Vasconcelos e o artista A. Teixeira, e a pé, Cadete, T. Rocha, Luciano, J. Frás e A. Carvalho.

Comboios da linha de Louzã

O comboio que parte de Coimbra-B para Louzã ás 12-20 e o que sai de Louzã para Coimbra-B ás 14-50 e que presentemente fazem serviço de passageiros apenas em 3.ª classe, passam a fazer serviço das três classes a partir de 10 do corrente.

MUSICA

Na proxima sexta-feira, no salão do Conservatorio, ás 15 horas, realisa-se uma audição de alunos do professor Teofilo Sagner, sendo executados trechos dos compositores Sagner, Beethoven, Kubiau, Clementi, Scharwenka, Haydn, Heller, Grieg, Mozart e Chopin.

Ecos & Noticias

DOENTES

Está doente o nosso presado amigo e colaborador Armando Ferreira, distinto engenheiro e professor.

Fazemos votos pelo seu rapido restabelecimento.

Theatros e Cinemas

Reclames

NACIONAL.—Hoje é deveras sensacional o espectaculo do Nacional, visto ir á scena o *Hamlet*, que não voltará a repetir-se. Nessa famosa peça, tem Brazão uma das suas mais brilhantes corôas, entrando tambem, na interpretação Joaquim Costa, Maria Pia, Stichini, Luiz Pinto, Henrique de Albuquerque, Rafael Marques, Erico Braga e mais artistas, formando um conjucto esplendido. Amanhã em «recita da moda», vae á scena a *Simone*.

AVENIDA.—Hoje, em 2.ª recita d'assinatura vae á scena, no Avenida, a delicada comedia *Pipiola*, em que a ilustre artista Palmira Bastos tem uma das suas mais brilhantes creações. No desempenho da interessantissima peça, que é original dos irmãos Quintero, e traduzida pela sr.ª D. Alice Pestana, tomam, tambem parte Ester Leão, que reaparece ao publico de Lisboa, Samwel Diniz, que interpreta o principal papel masculino da peça, Elvira Velez, Rosalina Rego, Carlota Sande, Rosa Cerca, Judicibus Casimiro, Sristão, Calazans, Henrique Pereira e Orrios Shore. Para esta recita estão tomados muitos bilhetes pelas principaes familias da nossa sociedade.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h.—«Hamlet».
S. LUIZ—A's 21 h.—«O Reisinho».—Recita de homenagem ao Brazil.
AVENIDA—A's 21,15—«Pipiola».
GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tais».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troiarós».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«Companhia franceza de revista».
GIL VICENTE—Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Comboios rápidos de luxo entre Lisboa e Paris

Para facilitar as viagens entre Lisboa e Paris enquanto não é restabelecido o antigo comboio de luxo «Sud-Express» resolveram as Companhias de Caminho de Ferro estabelecer um serviço de comboios rápidos de luxo que, ligando-se em Medina e em Hendaya, permitem fazer a viagem entre Lisboa e Paris em cêrca de 40 horas.

Este novo serviço, como já anunciamos, começa em 9 do corrente, devendo desde essa data partir de Lisboa nas terças, quintas e domingos, ás 20 horas um comboio rápido, composto apenas de carruagens de luxo que seguirá directamente a Medina onde chegará ás 12,35. Em Medina este comboio enlaça com o rápido, de luxo da Companhia do Norte de Espanha que, partindo de Madrid, passa em Medina ás 13,04 e chega a Hendaya ás 20,56. Em Hendaya será estabelecida a ligação pelo comboio expresso de luxo que, partindo de Hendaya ás 22,30, chegará a Paris ás 12,10.

No sentido descendente far-se-ha a viagem em condições identicas por meio de ligações de comboios rápidos do luxo em Irun e em Medina, partindo-se de Paris nos domingos, terças e quintas feiras ás 17,15 horas, para chegar a Irun ás 7,43; de Irun parte-se ás 8,40 e chega-se ás 16,52 a Medina, donde, ás 17,05, partirá o comboio rapido que segue directamente a Lisboa onde chega as 9,50 das terças, quintas e sabados

Ultima Hora

A gréve dos electricos

Ha cinco dias a pé e... continuar-se-ha... Tudo na mesma como é já velho habito

E' já costume velho. Quando há gréve de electricos, o publico é sempre quem sofre. *Démarches*, conferencias, reuniões plenarias, emfim todas as mil alcavalas e todos os mil rodeios burocraticos, mas—cá vamos andando a pé e... aguentando-nos.

E' já hoje e quinto dia em que Lisboa se vê privada d'um meio de locomoção indispensavel. Lá para baixo, para o Rocio, fervilham os automoveis, os side-cars, os veiculos de toda a especie e feitio que surgem sempre n'estas ocasiões, sem falar nos camios, que mais parecem carroções, sem comodidade de especie alguma, e levando o preço que muito bem lhe apraz, isso não substitue de forma alguma o electrico.

Esta é que é a verdade, que tem de se dizer, custe a quem custar, dôa a quem doer.

O governo foi hoje informado oficialmente das resoluções hontem á noite tomadas pela camara municipal.

Como quer que procurassemos saber se alguma coisa haveria que nos fizesse vislumbrar a esperança de uma solução, o chefe de gabinete do sr. Barros Queiroz, com a maior amabilidade respondeu-nos que nada mais podia acrescentar ao que já se sabia.

Ora, o que sabe. é... que continuaremos a andar a pé por estes tempos mais chegados.

* * *

A' sessão do pessoal da Carris, que abriu ás 15 horas, presidiu o sr. Antonio da Silva, secretáriado pelos srs. Pascoal Reis e José da Fonseca.

Depois de ter falado o presidente, o sr. Manuel Lopes, da comissão de melhoramentos, insurge-se contra a Camara Municipal por ter na sua sessão de hontem feito afirmações que classifica de pouco correctas, dizendo que o pessoal estava mancomunado com a companhia.

Afirma que sem lhe ser concedido o aumento pedido, o pessoal não voltará ao trabalho.

Refere-se depois ao vereador sr. José dos Santos, não compreendendo porque, declarando ele no seu relatorio que a Companhia Carris tinha de lucros mais de 2:000 contos, podendo assim satisfazer as reclamações do seu pessoal sem que tivesse de recorrer ao aumento de tarifas, a Camara não fez as devidas «démarches» junto da Companhia para evitar a declaração da gréve, que tão graves prejuizos vem causando ao publico.

Segue-se o sr. Claudio dos Santos, tambem membro da comissão de melhoramentos, que põe a assembleia ao facto de algumas «démarches» realizadas antes de rebentar o movimento, entre elas uma conferencia que teve com alguns vereadores e em que estes lhes disseram ter a companhia os lucros suficientes para satisfazer as reclamações do pessoal.

Dá conta tambem da conferencia que a comissão tivera com o sr. general Abel Hipolito, o qual disse estar empregando todos os esforços para evitar a gréve e apreciou o que hontem se passou na reunião da Camara Municipal e ao alvitre aí apresentado por um vereador da gréve ser surda, não se cobrando o preço das passagens. A ser assim, a gréve teria o apoio da camara, situação deveras anormal e até mesmo paradoxal. O delelado do governo diz o orador, ainda não apresentou o seu relatorio acêrca do exame feito á escrita da companhia, não podendo, portanto assegurar-se se a companhia tem-ou não tem lucros.

Protesta contra as afirmações feitas por um grevista de que se usaria de violencia no caso de sairem carros para a rua, afirmando que a atitude de todo o pessoal será ordeiro, embora saiam carros para a rua, porque isso em nada os prejudicará desde que se mantenham todos unidos. Sendo assim, serão atendidas integralmente todas as reclamações feitas.

O sr. Armando Martins, presidente da comissão de melhoramentos, começa por ler uma nota oficiosa do comité central, que afirma estar reunido em sitio seguro, vigiando os detalhes do movimento e saudando todo o pessoal.

Conta á assembleia quaes as tenções do vereador sr. José dos Santos, o qual queria que a comissão de melhoramentos, para serem atendidas as suas reclamações, fizesse um requerimento á Camara pedindo que concedesse á companhia o aumento de tarifas.

Sendo por esta forma que se a Camara votasse o aumento, o publico diria que o pessoal era culpado e que estava mocumunado com a Companhia.

Na mesa foi recebido um telegrama do pessoal da Carris do Porto saudando os seus colegas de Lisboa.

Festa de confraternisação luso-brazileira

O concerto que hoje devia realisar-se no teatro São Luiz, na festa de confraternisação luso-brazileira, não se efectua, em virtude de a ele não poder assistir o sr. embaixador do Brazil, cujo oniversario natalicio passa hoje e que por tal motivo tem um jantar na embaixada, e ainda por o maestro Viana da Mota e a cantora sr.ª D. Cacilda Ortigão não poderem n'ele tomar parte, como tinha sido anunciado.

Ao que nos consta, o concerto realisar-se-ha em brevo com um magnifico programa, de que oportunamente daremos noticia.

Embaixada do Brazil

Passando hoje o aniversario natalicio do sr. dr. Fontana Xavier, ilustre embaixador do Brazil, foi grande o numero de pessoas que ali foram deixar cartões de visita entre elas os srs. ministros da Belgica e de Cuba, marquez de Castelo Melhor, dr. Domingos Pereira, dr. Antonio da Costa Cabral conde do Paço do Lumiar, etc. etc.

A' noite realisa-se um baile.

Poeira da Arcada

CONFERENCIAS

Com o chefe do governo conferenciaram hoje: o conselho administrativo da Federação dos Sindicatos Agricolas e os srs. engenheiro Vasconcelos Correia, dr. Caeiro da Mata, tenente coronel Helder Ribeiro, Victor Hugo de Azevedo Coutinho, o coronel Roberto Batista, Alvaro de Sousa, J. Assunção, diretor do Credito Agricola, governador civil de Aveiro, dr. Santana Leite, capitão Lourenço, vice-almirante Machado Santos, o sr. Meira e Sousa, dr. José de Abreu e a Camara Municipal de Cintra.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 7. — Vae-se intensificando na Alemanha a campanha de boycotage ás mercadorias dos aliados. O movimento parece ter sido iniciado em Hamburgo. As mercadorias francezas são, no entanto as especialmente alvejadas. Faz-se excepção para as mercadorias da Italia em vistude de ser um bom cliente da Alemanha. A Inglaterra consegue vender tambem muitas mercadorias. Os artigos de luxo e vinhos francezes são principalmente atingidos. A imprensa franceza pede ao governo providencias contra tal campanha.—(H).

BERLIM, 7. — A conferencia dos embaixadores dirigiu em 4 do corrente á embaixada alemã em Paris, uma carta assinada pelo sr. Briand concedendo em reconhecimento da boa vontade do governo alemão o adiamento até 30 de setembro da adaptação dos motores Diesel para submarinos á industria particular.—(H).

BARCELONA, 7. — Efectuaram-se novas prisões de sindicalistas, julgados implicados pela policia nos ultimos acontecimentos.—(A).

CADIZ, 7—Chegou de automovel o infante D. Carlos, capitão general de Sevilha com os seus ajudantes e chefe de estado maior,

Era aguardado pelas auctoridades e delegações de todos os corpos.

Amanhã visitará todos os quarteis, seguindo depois para Algeciras e outras povoações.—(A).

SARAGOÇA, 7.—Partiu para Madrid o ministro do fomento que teve uma brilhante despedida. Causaram muito bom efeito as declarações sobre os projectos das vias ferreas, obras publicas e protecção ás industrias maritimas, das quaes fia a regeneração economica da patria.—(A).

MADRID, 7.—Foram hontem designados os nomes dos candidatos a deputados provinciaes em toda a Hespanha. Em Cadiz e outras capitaes foram desde logo proclamados deputados pelo artigo 29.º os candidatos apresentados por não haver oposição.—(A).

Noticias da Capital

REGULAMENTO DAS SERVIÇAES.—O sr. governador civil determinou á repartição respectiva o integral cumprimento do regulamento sobre serviçaes de 2 de março do corrente ano. Nesse sentido vão ser dadas á policia as necessárias instrucções para proceder contra os transgressores, decorrido que seja o prazo para a inscrição estabelecido pelo mesmo regulamento.

UM SENHORIO QUE ARROMBA PORTAS.—Albertino Ferreira, morador na estrada do Calhariz de Bemfica, 83, teve qualquer contenda com o seu senhorio, Antonio Ferreira, residente na rua do Vale de Santo Antonio, 156, 3.º. O certo é que o senhorio lhe não quiz receber a renda, pelo que o Albertino a foi depositar na Caixa Geral de Depositos.

O senhorio não gostou e, para se vingar, foi-se á casa, que é sua, mas que está no usufruto do inquilino, e arrombou a porta do quintal, onde ha creação, alem de outros objectos que, segundo diz o Albertino, valem 200$00. E' claro que, por sua vez, o inquilino não gostou e foi apresentar queixa á policia, que agora está tratando de desembrulhar a meada.

FIO DE OURO QUE SE VOLATILISA.—Com o tempo de trovoada que está, o ouro volatilisa-se com facilidade. Basta para isso que o lamba uma faisca electrica, aquilo a que se chama o raio. E foi um raio o que caiu em casa de Maria da Purificação, na rua da Industria, 26, rez-do-chão, pois que lhe volatilisaram um fio de ouro que valia 50$00.

A policia é que, ignorante dos fenomenos scientificos, teima em dizer que o «raio» devia ter a fórma humana e lá anda em procura do gatuno ou gatuna que teve a habilidade de volatilisar o rico fio da Purificação.

EM PROCURA D'UM «PASSARO BISNAU».—E d'alto lá com ele, como se costuma dizer, é o que a policia da 2.ª secção de investigação está fazendo, tratando de vêr se consegue deitar a mão a Antonio da Silva, o «Papagaio», que no dia 24 do mez findo se evadiu da cadeia de Cintra, onde esperava a vez de ser removido para a cadeia nacional, a fim de cumprir a pena a que fôra condenado no tribunal d'aquela comarca.

Esse «Papagaio», que se diz creado de meza, só pára nas casas o tempo suficiente para lhe conhecer os cantos e inventariar os moveis, tratando depois de fazer a «mudança» do que lhe comvem com a maior limpeza.

E' tambem eximio em quebrar a corrente—perdão, não nos lembravamos que não é uma ave—quer dizer em se evadir das prisões. E' natural da cidade do Nabao e conta apenas 32 anos, tendo 1.m 60 de altura e cabelos castanhos escuros.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

REVISTA DE EDUCAÇÃO FISICA.—Está publicado o n.º 3 desta interessante revista cuja direcção e propriedade pertencem ao sr. José Luiz Ribeiro.

O sumario é o seguinte: A base de todo o progresso intelectual ou social é a saude, a capacidade fisica da nação, Dr. Pacheco de Miranda.—Gimnastica,—Escola de moral e de civismo, Dr. Aurelio da Costa Ferreira.—O 1.º team do Sporting Club de Portugal.—Algumas ligeiras impressões sobre os «sports» nos Estados-Unidos, Professor Laertes de Figueiredo.—A influencia da educação fisica no caracter da mulher, D. Helena de Aragão.—Educação fisica das raparigas.—O II Congresso Nacional d'Educação Fisica.—O magisterio da educação fisica, Dr. Franklin Nunes.—Festa Nacional de Gimnastica, intervista com o sr. Dr. J. Lobão de Carvalho.—Nomenclatura desportiva, J. Luis Ribeiro—Liga de Estudo e Propaganda de Educação Fisica, Professor Anibal Pinheiro.—Um romance em pról da cultura fisica «Sirena» de auctoria do sr. Dr. Gonzaga Filho.—Actualidades desportivas—Uma bibliografia de trabalhos portuguezes (continuação), Dr. Henrique de Vilhena.

CAMARA DE CORMECIO PORTUGUEZA EM FRANÇA:—Recebemos o numero 10 do Boletim d'esta Camara, trazendo informações varias e o projecto de convenção comercial entre a França e Portugal, assim como os discursos trocados por ocasião do banquete oferecido ao ministro de Portugal em França no dia 4 do mes findo.

Companhia União Metalurgica

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Séde—Rua Luiz de Camões, 124-Lisboa

Em harmonia com o disposto no § 2.º do artigo 12.º e artigos 14.º, 23.º e 30.º dos Estatutos é convocada a reunião da Assembleia Geral ordinaria para o dia 28 de Junho corrente, pelas 16 horas, na séde desta Companhia, sendo a seguinte a ordem dos trabalhos:

Discussão e votação do Relatorio e Contas da Administração e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercicio de 1920, e eleição dos corpos gerentes e Meza da Assembleia Geral.

Lisboa, 8 de Junho de 1921.

O Secretario

a) *João Filipe do Nascimento*

A CAPITAL

3802 — 11.° ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.°; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 8 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.° 2298—Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

Nas vesperas das eleições

A excessiva fragmentação dos partidos e grupos republicanos continua a ser um perigo.

Ela deu já em resultado a esterilidade do parlamento ha pouco dissolvido. Pode favorecer dentro em pouco os monarquicos na lucta eleitoral que se prepára. E, mais ainda, pode ainda levar á constituição d'um parlamento cuja esterilidade seja identica á do que *foi dissolvido* por persistirem n'elle representações extremamente diversas da mesma fragmentação partidaria.

E' para este mal que os politicos devem olhar, fazendo, para remedial-o, todo o possivel.

A fragmentação a que aludimos continua, e como se não fôsse bastante aparecem-nos liberaes, democraticos, dissidentes democraticos, reconstituintes, populares, presidencialistas, socialistas intervencionistas e não intervencionistas, ainda se procura levar ao espirito publico a convicção de que novas dissidencias abalam o partido democratico e de que o partido liberal está, na realidade, ainda dividido em unionistas, evolucionistas e centristas.

A Republica não pode com tamanha dispersão.

A verdade é que estas divisões se fazem mais em torno de ambições pessoaes e rancores mesquinhos do que em volta de principios bem definidos e bem distinctos.

Se quizermos reduzir a principios e reivindicações de caracter politico geral todos estes fraccionamentos chegariamos á conclusão de que só tres ou quatro teriam razão de ser visto que assim se diferenciariam de correntes em que se encontram englobados.

Ha, na politica constitucional da Republica, logar para dois partidos, que representam duas correntes: a moderada, conservadora; a radical ou avançada. Na primeira, liberaes e reconstituintes teriam o seu logar. Na segunda, democraticos, dissidentes e populares teriam egualmente o seu. Evidentemente, os socialistas formariam outro partido, em que a tactica intervencionista ou anti-intervencionista não deveria procurar soluções irreductiveis, e os presidencialistas, precisamente porque não se conformam com a constituição parlamentarista da Republica, poderiam, como tentam, pela propaganda do sistema, embora bem pouco adaptavel a Portugal, formar uma corrente que os apoiasse.

Por esta divisão está-se vendo que os dois primeiros partidos teriam necessariamente a grande força politica e, dos segundos, um procuraria crear em Portugal as raizes que ha tanto tempo lhe falecem, e o outro, segundo todas as probabilidades, não tardaria a reconhecer o seu erro politico, como o sr. Sidonio Paes o teria reconhecido se não houvesse sido victima d'ele.

O que não pode, o que não deve ser, é formar um partido só porque este ou aquele marechal d'um partido entendeu abandonar esse partido. E' por isso que se observa a dispersão funesta das forças republicanas a que aludimos no principio d'este artigo.

Vamos n'estas condições para a lucta eleitoral, em face dos monarchicos, que procuram apenas aproveitar esta divisão?

Ha dois perigos: o primeiro é o triumpho dos monarchicos. Esse perigo pode conjurar-se com a conjuncção dos elementos republicanos de differentes matizes. O segundo vem d'essa conjuncção, porque se se estabelecer em muitos circulos do paiz produzirá um parlamento tão dividido como aquele que o antecedeu.

Não teremos um parlamento com forte representação monarchica. Teremos um parlamento com uma restricta côr republicana, como, de resto, sucedia ao que foi dissolvido. Mas não teremos um parlamento que defina uma corrente republicana e por isso mesmo possa dar garantias a qualquer governo, como o extinto parlamento as não deu.

Como evitar estes precalços?

Por uma obra de desinteressada fé republicana, realisando-se, de facto, sem nenhum pensamento reservado de vantagens partidarias, uma conjunção de esforços republicanos no sentido de afirmar a vitalidade e a intangibilidade da Republica, e não um acordo ou combinação de partidos ou seitas, em que cada um talhe a parte da presa politica que ambiciona.

Vae haver uma lucta entre a causa monarchica e a Republicana? Ninguem pode representar melhor nem mais poderosamente a Republica do que o seu governo. E' pois nas listas do governo que todos os republicanos devem votar, nos circulos onde seja para receiar a victoria monarchica se os votos republicanos se dividirem.

Mas nada de cambalachos, de combinações, de acordos de que resulte um novo «gâchis» parlamentar.

O governo que faça quanto antes conhecer os seus candidatos, que esses candidatos sejam todos bons republicanos e verdadeiramente aptos para as funções governativas, e as suas listas, nos casos apontados, serão as listas de toda a opinião republicana em Portugal.

A caminho da Promissão

Ainda não estão fartos de ouro?—Os acionistas inglezes que respondem

Não tem rasão o pessoal de exploração da companhia, porque já viveu com os actuais salarios durante o periodo da vida mais cara. Hoje baixou o preço dos legumes, baixou o assucar, a batata, o arroz, a lenha, o carvão, a carne... e ninguem pode pretender sustentar que isto não seja a base da nossa alimentação.

Não tem rasão a companhia de não dar qualquer aumento, mesmo injustificado que ele seja, porque vê reduzidas as suas despezas. O carvão desceu de preço e não pouco, e todos os materiaes empregados na conservação e reparações, bem como oleos e outros productos empregados na laboração das oficinas, tudo vem por aí abaixo. Além disso a afluencia do publico é cada vez maior. Cresce, portanto a receita e diminue a despesa; nestas condições porque se recusa qualquer melhoria ao pessoal?

Não teem rasão os acionistas inglezes, os previligiados, os que cobram dividendo, os felizes que se podem rir de nós, engargados em acções mortas, acções sem valor e sem juros, porque se até aqui se contentaram com os lucros dos seus capitaes, lucros mingoados pela conversão em ouro do dinheiro portuguez desvalorisado; muito mais satisfeitos o devem estar agora por essa conversão se achar de dia para dia mais favoravel.

Assim no dia 6 tivemos a libra a 6; no dia 7 a libra a 7, 3|8, no dia 8 a 8, havendo já quem suponha que de tal modo o cambio continuará a acompanhar o dia do mez, que no dia 10 a teremos a 10. Com esta vantagem a favor do dinheiro que vai para Londres, já não reduzido, já não convertido em libras a 52 escudos, mas sim a 30, a 20 e dentro em pouco a menos, para que hão-de os dirigentes da Carris servir ainda mais opiparo banquete aos inglezes, quando os acionistas portuguezes continuam morrendo de fome?

Vê pois o leitor que nenhuma das partes componentes de grande gesto que pretende extorquir-nos mais dinheiro, o dobro do dinheiro, tem a minima razão de ser. Isto sem entrar em detalhes, isto no campo geral da vida económica dessa companhia, madrasta dos nossos acionistas e mãe com tumidos e fortes têtas para o inglez.

No fundo, é triste dizê-lo, mas é assim, mesmo; ao topo de todas as nossas questões económicas, dos nossos embaraços financeiros vamos encontrar elementos da nossa fiel aliada. Senão vejam, ainda hontem por causa da alta do ouro eu tive de me referir a duas casas extrangeiras que nesse martingal denunciado pelo dr. Antonio Ozorio tiveram um papel predominante. Aqui mesmo nas colunas d'«A Capital», me tenho eu farto de exprobar a pechinchice de antigos fogueiros e embarcadiços inglezes, que com suas familias se metiam a fazer de «Lords» em Portugal, á razão da libra a 50 escudos. Era a invasão, era a alta boda; para cá vinham viver de graça de toda a parte do Reino Unido, tal era a fama da nossa fartura e tal o descrédito feito sobre o nosso papel. As próprias sucursaes de certos bancos inglezes podiam fazer lá constar em que maná isto se convertera.

Para todos os lados para onde olho e vejo a iniciativa portugueza estacar, adormecer, se reparo melhor, se observo e prescruto, é quasi certo que encontro um unico tapume impenetravel: os interesses de certos inglezes. Na Africa como na India os factos comprovativos do que estou escrevendo vêem aos molhos.

A historia então é flagrantemente elucidativa. Quanto custou ás industrias do norte do paiz, o apoio armado que de Inglaterra nos veiu contra inimigos comuns?

Pois é para servir gorda usaria ao mesmo patrão inglez que a Carris nos aparece agora em tão desasado momento, em hora tão impropria, a elevar o preço das suas tarifas! Ninguem admira e considera mais do que eu a Inglaterra, como nação; ninguem se extasia mais do que eu perante o seu espirito de tolerancia e de legalidade, conhecendo a sua lingua e os seus grandes homens, a linha inalteravel no poder d'uma orientação uma vez adaptada; mas uma coisa é a Inglaterra, os seus soberanos, os seus governos, os seus homens de pensamento, sciencias, letras e artes; uma coisa é a Inglaterra do seculo XIX, no seu campionato de progresso mundial, outra é certa gente que de lá vem, impregnada do piór espirito d'outras raças com quem houve cruzamento, e que em nucleos de especulação vária não podem deixar de cavar bem fundo em nós uma antipathia justa e duradoura.

Os fornecedores inglezes, os mesmos das sucursaes dos bancos que para aqui vieram com a guerra, não gostam da conta corrente dos 50 mil dolars, embora ela nos beneficie o mercado, e nos ponha independentes da usura da nossa praça; os acionistas inglezes da Carris põem uma cidade como Lisboa, a andar a pé, levados na ambição de um maior lucro, na hora em que esse augmento já se dá apenas pela melhoria do cambio.

E já que falei do estorvo que grupos britanicos teem sido para o nosso desenvolvimento economico, sempre lhes quero citar uns episodios ao acaso: caminhos de ferro e porto de Mormugão; monopolio do sal na India; leva de serviçaes portuguezes da provincia de Moçambique para o Rand...

A historia de qualquer d'estes casos basta para a justificação do meu ponto de vista. Mas isto é velho como a humanidade; é da fabula mesmo. E' o eterno resultado da associação do fraco com o forte, com o poderoso; o que quer dizer que mais uma vez, que a sem rasão da gréve feita pelo pessoal da Carris, a sem rasão da companhia, e a sem rasão dos acionistas inglezes, todas somadas e postas bem a claro darão em resultado vir o publico um dia proximo ou remate a, pagar o dobro.

E' que Portugal tem de considerar a Inglaterra como uma amante cara, que lhe leva até o cotão dos bolsos!

D. Thomaz de Noronha.

DIZE TU DIREI EU

Calicida "Herculano" Sardinha em latas "Jeronimos" Queijo fresco "Camões"

Ultimamente apareceu, nos frisos annunciativos dos electricos de saudosa memoria, um annuncio illustrado com uma caricatura de Valença, tendente a chamar a atenção sobre um producto que se destina á cura de calos sem dôr.

O pobre Herculano é apresentado sobre o classico cesto vindimo de Vale de Lobos—desastrada pose que o fixou para a imortalidade — com a expressão ridicula e ingenuamente caricatural dos desenhos do citado artista Valença.

Vi hoje numa tenda as «Sardinhas «Jeronimos», e dizem-me que um fabricante de queijo fresco e manteiga registou para os seus productos lacticinios a marca «Camões».

Occorre perguntar se ha o direito de tocar um nome, ao qual se deve respeito, a proposito dos mais disparatados e distantes «apropositos». Deve-se mesmo investigar se seria admissivel processar por «perdas e danos» os autores da propaganda negativa e talvez bem intencionada, de certos respeitaveis nomes. Eu não sou retrogrado ao ponto de não admitir as exigencias e o interesse da publicidade moderna, nem sou «acacio» até não compreender que ha certos nomes consagrados que iriam a matar numa marca de queijo fresco...

O que porem me choca—confesso-o —(embora eu conheça a agua purgativa «Gioconda» e o Pear's Soap do Brithish Museum) é ver essa honesta e burgueza figura de Herculano, na rude sobriedade da sua barba á «passa piolho», a annunciar a cura de calos, e o proprio Camões, que não teve culpa nenhuma de ser «o grande epico», apresentado em queijo, e fresco...

Depois, nem ha a atenuante de se poder dizer que esta homenagem do «queijo» seja para lhe «dar manteiga...»

E, embora não haja o perigo de tratando-se de queijo, Camões ir «á serra», havemos de concordar alem de tudo que é ilogico aquele nome—o queijo «Camões», quando existe, tinha o direito pela sua edade de ser «rabaçal».

E, assim, com o queijo branco, ficou uma homenagem de todo o ponto... fresco.

O HOMEM QUE PASSA

MORTOS DA GRANDE GUERRA

As festas da Primavera em Portalegre

PORTALEGRE, 7.—As Festas da Primavera, promovidas pelo Gremio Planetario, em beneficio do monumento, nesta cidade, dos mortos da grande guerra, decorreram brilhantemente.

A Exposição na Escola de Artes e Oficios foi muito visitada. Na tarde de domingo realisou-se no Passeio Publico a batalha de flôres, sendo a concorrencia e o entusiasmo enormes.

Hontem realisou-se a prova hipica, efectuando-se nesta cidade pela primeira vez a corrida de caça, em que tomaram parte diversos cavaleiros. As provas do concurso foram coroadas de aplausos.

O «clou» das festas foi o desafio de foot-ball entre os grupos da Cidade e Bombeiros Voluntarios. Milhares de pessoas assistiram ao desafio, seguindo com o maior entusiasmo as diversas fases do jogo. Ambos os grupos marcaram um «goal».

Os festivaes no Passeio Publico decorreram animadissimos, executando as bandas de Infanteria 22, Bombeiros Voluntarios e Euterpe, magnificos concertos.

O sarau no teatro Portalegrense decorreu tambem brilhantemente, ouvindo bastantes aplausos todos os interpretes. Num dos intervalos foram distribuidos os premios conferidos na batalha de flores, concurso hipico e desafio de foot-ball.

O Gremio Planetario, constituido por uma pleiade de rapazes, á frente dos quaes se encontra o capitão sr. Aurelio Silva, que a esta cidade tem prestado os melhores serviços, viu coroado do melhor exito mais esta sua iniciativa. O Gremio, que conta inaugurar o monumento dos mortos da grande guerra no proximo mez de Setembro, tenciona nessa ocasião realisar as importantes festas da Cidade, que certamente atrahirão enorme concorrencia.

A questão da Alta Silesia

Uma visita ao quartel general dos insurrectos polacos em Schopienitz

Como já noticiámos, a comissão inter-aliada interveiu para fazer cessar o avanço dos alemães. A Agencia Havas dá-nos ainda esta amanhã o seguinte telegrama:

BERLIM, 7.—Os embaixadores da França e da Inglaterra fizeram «démarches» junto do governo alemão para que o general Hoefer se conforme com os pedidos que lhe foram feitos pela comissão inter-aliada.

E é curioso ler o que o correspondente especial do «Matin», Henry de Korab, enviou ao seu jornal, em 29 do mez findo, de Schopienitz. Vê-se que, como sempre, os alemães não cumprem o que prometem. Diz essa correspondencia:

«O sr. Zoltowski, que é por assim dizer o ministro dos negocios estrangeiros do governo Korfanty, chegou hoje de manhã a Oppeln. Teve uma demorada conferencia com os comissarios aliados, os quaes lhe asseguraram que o general Hoefer, comandante em chefe dos freikorps alemães, prometera suspender as hostilidades a partir d'amanhã. Posso, pois, dar-lhes de fonte autorisada esta importante noticia: o armisticio está concluido; amanhã, os alemães não atacarão já os insurrectos da Alta Silesia.

Não receio chegar tarde enviando-lhes esta informação por carta: continuará a ser uma noticia da ultima hora. Estou, com efeito, convencido de que, prometendo não disparar já amanhã contra os polacos, o general Hoefer procedeu como o celebre barbeiro que faz a barba no dia seguinte de graça.

Encontrei Zoltowski á saida d'essa conferencia. Disse-me:

—Parto imediatamente ao encontro de Korfanty, para que ele possa dar o mais cedo possivel ás tropas as convenientes ordens. Venha comigo.

Disse sim, como era natural, porque tinha pressa de sair d'esta atmosfera de agitação febril que se respira logo que se chega a Oppeln.

❖ ❖ ❖

Quando o nosso auto, depois de ter rodado durante alguns minutos nos arrabaldes da cidade, chegou finalmente á campina rasa, tive a impressão de sair do quarto de um doente, impregnado de cheiro e remedios.

E, comtudo, estamos, ao que parece, na zona de guerra. O «chauffeur» tirou da frente da capota o guião polaco que aí se encontrava, porque essa pequena aguia branca sobre fundo de amaranto valer-nos-hia com certeza algumas balas dos homens da stosstrupp que, dos dois lados da estrada, vagueiam por detraz dos grandes macissos de pinheiros.

E' uma planicie batida do sol, verde, radiosa; não se poderia suspeitar que se está n'uma região carbonifera, e por consequencia, n'uma região de guerra. Todavia, uma detonação, depois outra, fazem-nos voltar a cabeça. Ao longe, á direita, uma mancha negra turva ligeiramente a linha do horisonte: é Annaberg, posição estrategica importante—tudo é relativo—onde os alemães conseguiram instalar-se com alguns 105.

Aproximamo-nos de Gross-Strelitz e da linha Korfanty. Cá estamos. De longe, um homem, balouçando a espingarda na ponta do braço, faz movimentos de semaforo. Uma paragem e mostramos os nossos papeis a essa primeira vedeta dos insurrectos. E' um homem já edoso, de rosto grave, de vestuario pobre. Faz pensar, com as suas cartucheiras formando cinto em redor da velha jaqueta de trabalho, nos homens da grande revolução, nos primeiros cantores da «Marselheza».

De dez em dez quilometros, a mesma silhueta sombria, silenciosa nos impede o caminho, recordando-nos que a insurreição está senhora do paiz e que vigia sobre ele. De quando em quando atravessamos uma ilhota de horizonte azul: são as cidades: Gross-Strelitz, Tost, Peiskretcham, Beuthen, que estão ocupadas pelos nossos caçadores.

❖ ❖ ❖

O guião polaco fez a sua reaparição no nosso veiculo e ha então á nossa passagem como que um longo rumor, um ininterrumpto canto harmonioso.

Na nossa rapida carreira, temos a visão fugitiva de homens que correm para nós, agitando os chapeus, de mulheres que gritam o que quer que seja e fazendo das mãos porta-voz, depois, á saida duma aldeia, é um grupo de rapariguitas, tão exquisitas com as suas compridas saias com flôres, os seus «kaftanrik» de côr apertados no cinto, os seus «fichus» de pano branco que lhes dão um aspecto de grandes camponezas anãs. Bradam em coro, num clamor alegre, um «Viva a Polonia»! agudo, infantil.

Esse grito radioso, que se adivinha mais do que se ouve, repetido e tornado a repetir por outras vozes, mistura-se com o vento que acompanha a nossa caucica, sibilando nas arvores; transforma-se, torna-se uma melodia, um hino: o nosso! E' o dia de gloria que chegou para este paiz, apoz seis seculos de opressão.

O meu sentimento torna-se nitido quando, chegado a Schopienitz — quartel general de Korfanty, na proximidade da fronteira polaca—vejo insurretos exercitando-se. São mineiros, na maioria descalços, com camisas enrugadas, esfarrapadas, talhadas ao que parece de sacos. Teem o olhar duro, um aspecto de ferocidade quasi bela. Falo-lhes e as suas respostas laconicas fazem-me dizer que não é apenas uma insurreição que aqui rebentou. E' tambem uma revolução, uma revolução á franceza.

O 1.° de maio é proximo do 3 de maio, festa nacional polaca, e para os alto-silesianos, que são todos pobres parias, essas duas datas quasi se confundem. Os alto-silesianos revoltaram-se no mesmo dia contra a dupla pressão nacional e social e isso dá a este movimento, partido de baixo, um singular vigor. Basta vir aqui para o verificar e ver com um sentimento que incomoda, quanto se era absurdo e injusto ao comparar essa poderosa revolta do homem (mais talvez ainda do que do polaco) com as abracadabrantes aventuras dos Annunsio e dos Zeligowski.

O primeiro dia acabou e vou jantar á «mesa» dos oficiaes, no grande quartel general do exercito insurrecto, uma «mesa» organisada numa especie de subterraneo betumado, de paredes caiadas, com, em volta de grandes mezas de madeira branca, «oficiaes» á paisana, pouco melhor vestidos que os seus homens. Quando sabem que sahi ha apenas alguns dias de Paris, ha um sussurro de comoção. Toda a gente se levanta, rodeiam-me. As perguntas chovem. Apenas se ouve: «A França!... Os francezes!... Felizmente, ha francezes!...» Fazem-me repetir dez vezes a frase que o sr. Briand nos disse: «Defenderei até ao fim a tese franceza».

❖ ❖ ❖

E é então que, de subito, erguendo a cabeça, avisto por sobre o circulo de olhares apaixonados que se formou em minha volta, as côres francezas... Ha em volta desse triste subterraneo bandeiras, miseraveis bandeirinhas francezas e polacas que se alternam, pequenas bandeiras de papel para filhos de pobres.

Esse gesto ingenuo, neste tugurio, no fundo da Silesia, pareceu-me mais convencedor de que as mais belas manifestações franco-polacas na Sorbonne. Nesse momento, compreendi porque havia uma tese franceza sobre a Alta Silesia e porque a França a defenderia até ao fim. Não é porque ha carvão nesse paiz ou porque ha uma grande importancia economica e militar; é por causa doutra coisa ainda, alguma coisa que se não diz porque se tem um ar de tolo ao dizel-o e porque isso se não faz em conferencias diplomaticas serias.

E' que a França é, mais uma vez, impelida por esse amor do ideal que dictou todos os grandes actos da sua historia, por essa imperiosa vontade de despedaçar cadeias.

Porque, diga o que disser o sr. Lloyd George, as 12.000 baionetas que aqui temos não se fizeram para trespassar peitos polacos, são antes antenas que transmitem todos os dias para França o mais pungente dos apelos á liberdade. Esse apelo foi ouvido e, creiam-me, foi aqui bem compreendido.»

A catastrofe de hontem

O sr. presidente da Republica visitou hoje os feridos

Como os jornaes da manhã largamente noticiaram, deu-se hontem um choque de comboios entre os Olivaes e Cabo Ruivo, resultando uma senhora morta e vinte feridos, que recolheram a diversas enfermarias do hospital de S. José.

Entre esses feridos figurava a professora sr.ª D. Epifania da Silveira, que se dizia ter factura do craneo com saida da massa encefalica. Felizmente assim não é, estando essa senhora ferida com gravidade, sim, mas não em estado desesperado e tendo sido transferida da sala das observações para a enfermaria Lourenço da Luz.

Pelas 15,30 de hoje, acompanhado do seu secretario sr. Almeida e Sousa, chegou ao hospital o sr. presidente da Republica, que era aguardado pelos srs. ministro do trabalho e seu secretário, sr. dr. Rafael Neves Duque, dr. Hermano de Medeiros, director geral dos hospitaes, secretário da direcção sr. Arnaldo Farinha e pessoal superior hospitalar.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida, depois de ter descançado alguns momentos no gabinete do director, dirigiu-se para as enfermarias, visitando todos os feridos, a todos dirigindo palavras de carinho e de todos inquirindo como se dera o desastre, que tão funda consternação causou.

N'essa visita, demorou o sr presidente da Republica uma hora, retirando depois, sendo acompanhado até á porta por todos os que o tinham recebido.

Recordando...

O nosso colega «Correio da Manhã» na sua secção «Actualidades», dizia hontem, n'um eco intitulado «Cincoenta anos depois»:

O nosso ilustre colega *Diario de Noticias* comemorou hontem o 50.° aniversario da celebre prohibição das conferencias do Casino. Fundou-se a portaria do governo, presidido pelo Marquez d'Avila e Bolama, em que essas conferencias «alem de constituirem um abuso do direito de reunião, ofendiam as leis do reino e o codigo fundamental da Monarchia».

Estava-se então num periodo de efervescencia revolucionaria em diversos paizes da Europa. Apenas poucos dias antes da publicação da portaria a que nos referimos, tinha sido esmagada a comuna de Paris, nas condições que se sabem e apos as vandalicas atrocidades cometidas por esse poder revolucionario. Os conferencistas do Casino eram quasi todos propugnadores de ideias avançadas para a epoca, e as suas conferencias tinham vindo perturbar a pacatez habitual —quem a tivera hoje!...—da vida lisboeta desse tempo.

Tudo isto poderia justificar, pelo menos até certo ponto a deliberação que o governo tomou de prohibir as conferencias anunciadas. No entanto, essa medida do governo apressou a sua queda.

O sr. Jayme Batalha Reis, que é um dos sobreviventes do grupo, historiava hontem os factos num curioso artigo do *Diario de Noticias*; artigo onde não ha acrimonia, mas onde transluz ainda o resentimento contra o governo monarchico de 1871.

Quem déra ao sr. Jayme Batalha Reis regressar ao tempo, já longinquo, em que lhe impediam as conferencias!

E todavia, ahi está uma coisa que lhe não ha de ser muito dificil...

Experimente s. ex.ª, sob este regimen *democratico*, refolegante de *liberdade* e de *tolerancia*, fazer ahi umas conferencias publicas, já não diremos de materia revolucionaria, mas, por exemplo, de caracter monarquico.

Não sabemos se o governo chegará a prohibir-lhas. Mas o que com certeza acontece é cahir-lhe em cima uma alcateia de *democratas*, que lhe fazem saborear até o osso as delicias da *liberdade* e sentir de uma maneira contundente a diferença que existe entre a Monarquia ominosa de 1871 e a luminosa Republica dos nossos dias.

E s. ex.ª perde toda a probabilidade de poder vir, d'aqui a cincoenta anos, comemorar o facto no *Diario de Noticias*.

Esqueceu-se o «Correio da Manhã» de citar, para então o comentario ficar completo, o que se passou em 1918, quando os monarquicos apoiavam a situação, com as conferencias realisadas no Centro Evolucionista e no Centro Unionista, respectivamente pelos srs. drs. Leonardo Coimbra e Ludgero das Neves.

Na primeira hove tiros, pranchadas e espadeiradas, resultando a morte de um homem em pleno vigor da vida e até creanças e senhoras serem agredidas. Na segunda, ali ao Calhariz houve tambem pancadaria em barda tendo o conferente, um dos professores mais distintos que teem aparecido nas nossas universidades e ainda hoje saudosamente lembrado, sido espancado.

Assim é que fica completo o comentario feito pelo nosso ilustre colega e... para relembrar ás gerações vindouras.

No parlamento francez

O tratado do Trianon foi votado por 470 votos contra 74

PARIS, 7.—A camara dos deputados discutiu hoje o tratado do Trianon. Respondendo ao grande numero de oradores, que fizeram a critica do tratado, o sr. Briand disse reconhecer que este, como todas as obras humanas, de resto, não é perfeito. O principio das nacionalidades não poude ser resolvido de uma maneira absoluta, mas a França envidou sempre os seus esforços para realisar esse principio, o qual encontra sempre grandes dificuldades quando se trata dos povos do centro da Europa. O sr. Briand declara que os interesses desses povos estão tão fortemente confundidos que eles não podem encontrar meio de viverem e de corrigir os erros de fronteiras senão vivendo numa estreita união economica. E' por esta via que a França se esforçará por conduzir os seus aliados na conferencia que em breve se deve reunir; acrescenta que a França não exercerá a mais pequena pressão para se modificarem as condições politicas da Hungria, as quais só do povo hungaro dependem.

De resto a França continuará a ser o paiz da liberdade e da justiça social; é esse todo o seu programa, que toda a gente na Europa conhece.

Em seguida o sr. Briand diz que é muito dificil no momento actual conseguir que os diversos povos façam os sacrificios necessarios para aceitarem uma nação resultante de uma associação de povos. A França e o seu governo empregarão todos os esforços para aproximarem os povos, mas a melhor garantia para o estabelecimento da paz geral é que a França não se deixe enfraquecer, pois o renunciar á sua força não seria de certo favoravel á paz. A Hungria pode desempenhar o seu papel na paz, contanto que não conserve nenhum pensamento reservado de represalias e que não procure voltar a ser a antiga Hungria. Nestas condições encontrará junto da França todo o concurso desejavel.

O tratado do Trianon foi votado por 470 votos contra 74 e os tratados relativos ás minorias por 490 votos contra 75.—(H).

Tribunal Militar do C. E. P.

Reuniu hoje, pelas 12 horas, este tribunal, presidido pelo coronel Eugenio Carlos Mardel Ferreira, para julgar José Maria Rodrigues Azenha, soldado do regimento de infanteria 28, acusado de deserção. Foi defensor oficioso o tenente-coronel sr. Osorio de Castro, promotor o capitão sr. Olimpio de Melo e juiz auditor o sr. dr. Lopes Vieira.

A sentença foi proferida pelas 14 horas, sendo o réu condenado disciplinarmente, mas anistiado, pelo que foi posto imediatamente em liberdade.

Na proxima segunda-feira serão julgados os réus: Antonio Abana, soldado do regimento de cavalaria n.° 1; Mario Augusto da Silva, soldado de infantaria n.° 31, e José Filipe Raposo, 2.° cabo clarim do regimento de artilharia n.° 3. Os dois primeiros são acusados dos crimes de deserção e furto o ultimo de deserção e extravio de artigos militares.

A Alemanha e as indemnisações

PARIS, 8.—A comissão das reparações comunicou que a Alemanha depositou 40 biliões de marcos-oiro além do bilião fixado até ao prazo de 1 de junho; o excedente servirá para a amortisação de parte dos «bons» que constituem o pagamento com as divisas estrangeiras.—(A).

As vitimas do automobilismo

Na rua da Palma foi esta tarde colhido por um camion um homem cuja identidade é, até á hora a que escrevemos, desconhecida, parecendo ter tido morte instantanea.

Conduzido ao hospital de S. José e verificado o obito pelo medico de serviço, foi o cadaver removido para a Morgue.

Pupilos do Exercito

Realisa-se depois d'amanhã, pelas 14 horas, no Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito, estrada de Bemfica, 374, uma festa comemorativa do 10.° aniversario da fundação d'esse estabelecimento, uma das mais importantes obras da Republica.

Ivo Ferreira

Para o Lobito, Angola, parte na proxima terça-feira o nosso presado amigo e colaborador coronel sr. Ivo Ferreira, um colonial distintissimo e que tem exercido diversas comissões de serviço em quasi todas as nossas colonias.

D'esta vez, o coronel Ivo Ferreira vae como particular exercer alli a sua actividade.

Desejamos-lhe uma feliz viagem e as maiores prosperidades.

Vida politica

Centro Reformista de Almada. — A Comissão organisadora deste Centro trabalha para que a sua inauguração definitiva se realise ainda este mez, para o que mandou já considerar o seu chefe politico, vice-almirante sr. Machado Santos, general Gomes da Costa, capitão de fragata Freitas Ribeiro, da Paula Nogueira, etc.

Vae ser profusamente distribuido ao povo de Almada um manifesto com o programa do Partido Reformista.

A gréve mineira em Inglaterra

LONDRES, 8.—A comissão executiva dos mineiros resolveu convocar para o dia 10 do corrente uma conferencia dos delegados dos mineiros e aconselha os seus membros a votarem as propostas dos proprietarios das minas. Os liders dos mineiros declararam esta noite que os proprietarios das minas fizeram concessões muito importantes e que os mineiros poderão voltar ao trabalho sem receio de redução de salarios abaixo do custo da vida.—(H.)

A Alemanha na Sociedade das Nações

GENEBRA, 7.—O congresso internacional das associações para a Sociedade das nações aprovou um voto para a Alemanha ser admitida na Sociedade, mas esse voto especifica que a admissão só se torne efectiva quando ela der as garantias previstas no artigo 1.° do pacto.—(H).

PARIS, 8—Comunicam de Londres que o Conselho da Sociedade das Nações aprovou uma moção em que se estipula com respeito á Alemanha a possibilidade da sua admissão áquela Sociedade na proxima reunião da Assembleia Geral.—(H).

A politica do Vaticano

ROMA, 8—Desmente-se de fonte auctorisada a noticia de que o cardeal Gaspari tenha intenção de resignar o cargo de secretario de Estado e de ser substituido pelo nuncio em Madrid Mgr. Tedeschini.

Egualmente se não confirma a noticia de que o novo nuncio em Paris Mgr. Cerretti se escuse a ir ocupar o seu posto antes de ser aprovado no Senado francez o projecto de restabelecimento das relações diplomaticas entre a França e o Vaticano.—(H).

Presidencia da Republica Brazileira

RIO DE JANEIRO, 8—A Convenção Nacional reune hoje para designar os candidatos á presidencia e vice presidencia da Republica.—(H).

VIDA SPORTIVA

Coisas de box

O valor dos programas pugilistas do circo

Houve uma decidida infelicidade em que a Empresa do Circo ou homens que actualmente d'ela fazem parte, tivessem tido a ideia de se meterem organisadores.

Desconhecendo por completo o sport que resolveram explorar como industria, habituados aos reclamos processos de arrastar campeonatos de lucta, necessariamente a sua obra de enjoadores devia ser o que tem sido.

Os programas do Circo, pondo mesmo de parte os previos arranjos, tem sido da mais escandaloza magreza.

Não ha positivamente direito de chamar programa ao anuncio de 2 encontros apenas, feitos ambos de interesse e pedir 5$00 por meia hora d'um espectaculo que não vale sequer o esforço da caminhada até ao Circo.

Tomemos para typo a ultima noite de box.

«Mario» contra «Oscar da Silva», o enonmental combate de «sciencia» contra a «força»!

Este o ponto «forte» da noite!

Para completar um encontro de ingenuos amadores, que salvaram a Europa d'uma maior vergonha.

E se não fossem eles cojitados, o que teria sido a noite?

E' então admissivel semelhante negocio?

Ha direito de atirar para a Imprensa chochos reclames, povoados de bafices, anunciando noites de box.

Traz-se um homem de reputação como Mario e trata-se de lhe opôr todo o pobre diabo disposto por necessidade a ganhar umas centenas de escudos!

A Empresa tem dinheiro, ganha-o sufficientemente, para elaborar programas dignos d'esse nome.

Para cumulo de «arrojo» manda-se vir um pobre Max Henry, um meioleve de 2.ª ordem e quer fazer-se d'ele um rival de Mario.

E' um abuso contra o qual todo o sportmen tem o dever de se indignar.

O publico na sua maioria não conhece os homens, mas a Empresa tem responsabilidades para com ele e não é licito que abusando d'essa ignorancia force o reclamo ao termo do escandalo.

O que tem salvo dificilmente a Empresa de ficar sem cadeiras, o sport de ficar sem adeptos tem sido, como já disse, os amadores que com a sua presença à volta das cordas como oficiaes, ou dentro d'elas como atletas.

Tirem-se uns e outros e verão como muda a atmosfera.

E francamente que obrigações tem os amadores, para com o Circo, para se prestarem a salvar a sua reputação de organisadores, periganda a sua dignidade de amadores com o seu sempre crescente da fraqueza dos programas!

Mande o seu bom senso, um caminho exactamente inverso.

O que merece a Empresa do Circo com as suas espertezas é guerra em vez de auxilio.

Não se pode fazer por boas palavras a sua deficil moralisação, mas póde conseguir-se por mais energicos meios. A barragem dos amadores impõe-se como processo moralisador.

E' tambem necessario elucidar o publico, que os programas que lhe fornecem não tem o minimo valor sportivo, e não são dignos portanto da compensação material que lhe exigem na bilheteira.

JIME

Desafios de foot-ball

Amanhã realisa-se o primeiro jogo entre o Sporting e o Sevilha

Realisa-se amanhã, pelas 18 horas, no campo atletico do Campo Grande, o primeiro encontro internacional do torneio que o Sporting preparou para disputa da «Taça Iberia» entre o Sevilha e Sporting.

O desafio de amanhã deve ser dos melhores da epoca, principalmente porque o «team» do Sevilha é o agrupamento estrangeiro mais forte que tem vindo visitado; a forma actual dos «Leões», a sua fé na victoria são uma garantia para os amadores de foot-ball que por certo não deixarão de assistir, apesar de não haver eliminatorios.

A direcção do Sporting Club de Portugal conseguiu carreiras consecutivas de camions automoveis, etc., que partirão do Rocio e da Rotunda.

Do producto liquido do grande encontro de amanhã, será retirada a percentagem de 10% para instituições de caridade que a sr.ª ministra de Hespanha protege.

Fazendo parte do torneio da «Taça Iberia» devem jogar na sexta-feira no campo do Stadium, o segundo encontro «Os Belenenses» contra o «Sevilha». Não deve ser menos interessante este jogo, dada a rivalidade dos dois «teams» portuguezes. Belenenses e Sporting desde a victoria destes nos meses finaes do campeonato, em que o Sporting sahiu vencedor por 1 goal a zero.

NOTICIARIO

Noticia «O Seculo» que o amador Silvestro Alves da Silva, desejando concorrer ao Campeonato de Portugal de box, lança-se repto actual vencedor da categoria dos meios pesados no campeonato ultimamente disputado no G. C. S.

—Em virtude do conflito tipografico que existe entre os compositores e proprietarios das casas d'obras, Os Sports não se publicará amanhã.

Theatros e Cinemas

Festas

Conforme estava anunciado realisou-se hontem no S. Luiz com brilhantismo, a recita de homenagem a Paulo Barreto organisada pelo «Jornal da Europa».

O programa teve de sofrer algumas alterações em virtude do sr. Viana da Mota, Manuela Pinto Basto, Cecilda Ortigão e Sales Ribeiro terem á ultima hora negado a colaboração prometida.

A conferencia do sr. Carneiro de Moura foi brilhantissima, sendo tambem apreciadissima Auzenda d'Oliveira numa explendida poesia de Acacio de Paiva, José Ricardo cheio de vontade, Henrique Alves, e um numero de canto Fernando Pereira.

O ultimo numero foi preenchido pelo «Geraldos» infatigavel que fez rir com a sua mocidade a plateia.

Foi uma explendida recita que não esquecerá nas relações luso-brazileiras.

Noticiario

Entre nós

Amanhã ás 9 1/2 da manhã parte para «Viseu» Luiz Pinto e os elementos da sua tournée que ali vão dar uma serie de recitas durante o Congresso Beirão.

—No dia 16 parte para o Porto, a companhia do Teatro S. Luiz que se estreará no Sá da Bandeira.

—Depois duma recita em Braga regressou a Lisboa o actor Antonio Gomes que reaparecerá na «Mulher Artificial» no S. Luiz.

—Já chegaram a Lisboa os elementos da companhia da Trindade que haviam ido ao Porto. Em Coimbra deram-se 4 recitas, com o Pai, Emigrado, Severa e Bocca Misteriosa.

—Teodoro Santos vae fazer a epoca de verão na revista fantasia do Eden.

—Está definitivamente assente que o «Teatro da Trindade» não volta a funcionar.

—No Nacional vae, em breve, efectuar-se a «Reprise» d'A Virgem Louca, para recita de Augusta Cordeiro, o tambem, a de Dante Corvia, no mesmo teatro, e para recita d'assinatura, na «premiere» proseguem os ensaios do original de Lourenço Cayolla, A Derrocada.

—Por doença subita, da actriz Ester Leão, não se efectuou ontem, no Avenida, a 2.ª recita d'assinatura com a Pipiola, devendo realisar-se amanhã, visto já estar consideravelmente melhor a gentil artista.

—Pede-nos a sr.ª D. Laura Galhardo, promotora da recita que se efectuou a 2 do corrente no Teatro Nacional, em beneficio dos Cegos do Asylo Escola A. F. de Castilho e Instituto Branco Rodrigues para tornar publico o seu profundo reconhecimento para com todos os que tão generosamente a auxiliaram naquela obra de humanidade.

Fizeram entrega dos seus valiosos honorarios, concorrendo assim para aumentar o piedoso obulo, os distintos e benemeritos artistas Lucinda Simões, Eduardo Brazão, Ilda Stichini, Rafael Marques, Eduardo Freitas e Antonio Nascimento.

Tambem desistiram dos seus vencimentos o secretario do Teatro Nacional, Antonio Macedo e Brito, o costumier Castello Branco e os fornecedores de [illegible] Macedo e Cascaes. [illegible]

Mario Duarte, Eduardo Montino, 20$00; do dr. Esteves da Fonseca, 10$00; da Empresa do Olimpia, 30$00; do sr. Carlos Mendes e sua mulher, 10$00; de A. Ferreira d'Albuquerque, organisador das orquestras teatraes, 10$00; do actor Luiz Pinto, 10$00; dum anonymo sufragando a alma de sua filha, 7$50; de Jorge Gravo e sua mulher, 10$00.

Pagaram os seus bilhetes por preços superiores aos da tabela: Mme. Lino Ferreira, D. Carolina Galhardo, D. Eugenia e Deolinda Sant'Anna e João Soller. A venda dos versos «Lenda Magnifica», escritos e oferecidos pelo escritor Avelino de Sousa, e que foram recitados pela actriz Hilda Stichini, produziu a importancia de esc. 132$80.

A receita bruta do espectaculo, incluidas as dadivas acima descritas foi de esc. 2.835$60. A promotora do espectaculo tomou a seu cargo todo o saldo das despezas, excepto a de esc. 179$20, devida por Lei ao Cofre de Subsidios e Reformas do Teatro Nacional, de que, em vista de haver precedentes, se requereu dispensa ao sr. Ministro da Instrucção, esperando-se o deferimento para ser feita a entrega do producto da recita ás Instituições beneficiadas.

Club Estefania

A recita marcada para o dia 9 só tem logar no dia 11, em virtude de se estarem ultimando os ensaios para a opereta «A Princesa dos Dollars».

As memorias de Lucinda Simões

Lucinda Simões já vendeu a um jornal da noite por 2 contos as suas «memorias» que iniciará a sua publicação em breve.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. —«Simone».
S. LUIZ—A's 21 h. —«Os sinos de Corneville».
AVENIDA — A's 21,15 — «A dama das camelias».
GINASIO—A's 21,30 —«Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. —«Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h. —«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troiaréis».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30 —«Companhia franceza de revistas».
GIL VICENTE — Aos domingos, seguidas e quintas feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

A provincia n'«A Capital»

MORTAGUA, 6—Faleceu nessa cidade, onde se encontrava de visita á familia, a sr.ª D. Maria Marques do Canto e Castro, mãe do abastado proprietario e capitalista de Vila Moinha, deste concelho, sr. José Feliciano de Brito.

—A Camara Municipal faz-se representar no Congresso Beirão pelo sr. Dr. José Ferreira Santos.

—Foi nomeado administrador d'este concelho o sr. Manuel dos Santos Conduto.

—Por ter sido permitida a exportação de madeiras estão sendo expedidas diariamente para Hespanha dezenas de vagons d'aquela mercadoria.

—Apezar da grande abundancia de vinho existente em varios pontos do paiz, aqui ainda se vende por 70 e 80 centavos cada litro.

—Chegou um wagon de milho Colonial que a Camara vende a 5$80 cada 15 litros.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

Nem sequer se vislumbra a possibilidade d'uma solução

Tudo como d'antes; quartel general em Abrantes. Lá vão já, com o de hoje, sete dias, sete longos dias, em que a população citadina tem de calcurrear essas ruas, se não se quizer sujeitar a andar de camion, baloucando d'um lado para outro como um fardo, e ainda por cima, explorado por esses senhores, que aproveitando a ocasião e vendo que ninguem, nem a policia, nem a camara municipal, lhes vae á mão, levam o que muito bem querem e entendem.

A prova do que deixamos dito é que hontem, por exemplo, os proprietarios de camions, que levavam por passageiro da Estefania para o Rocio e vice-versa a «modica» quantia de $50 entenderam que deviam alterar esse preço, elevando-o para $75.

E por muito felizes se devem dar os habitantes de Lisboa em não lhes pedirem mais. Pois se não se tomam as providencias que n'outro paiz já estariam de ha muito tomadas!

* *
*

O pessoal em gréve voltou a reunir em sessão magna ás 15 horas. Aberta a sessão, o presidente, sr. Francisco Santos, pede á assembléa que se conserve em silencio durante cinco minutos, em sinal de sentimento pelo desastre sucedido hontem no caminho de ferro.

Reoberta a sessão, refere-se ao que diz o vereador sr. Manuel Martins numa entrevista publicada n'um jornal da manhã, perguntando porque é que esse senhor não disse antes da declaração da gréve o que diz agora.

O orador que se segue, sr. José Martins, faz várias considerações, acabando por pedir a todos que se conservem unidos como até agora dando todo apoio, e confiança ao «comité» central, que está trabalhando activamente na solução do movimento terminando por levantar vivas a que a assembléa corresponde.

Falam os srs. José Roque Mendes, Antonio Custeiro e Antonio da Silva que propõe á assembléa o alvitre sobre a forma, no seu entender, mais viavel de solucionar a questão: nomear-se uma comissão que durante um ano examinaria todas as receitas e despezas da Companhia. Essa comissão poderia ser composta pelos srs. Alberto Tola e Braga de Carvalho pela Camara (maioria) e o vereador socialista Petronilo pela menoria, Inocencio Camacho, pelo governo, e Armando Martins, pelo pessoal.

Passado esse tempo, os delegados apresentariam respectivamente os seus relatorios á Camara, o governo e á C. G. T., verificando se então se era ou não necessario aumentar as tarifas, já assim, o publico ficaria sabendo que se tinha que pagar mais era porque realmente era preciso, para não ter que andar a pé.

Diz tambem que se a Camara concedesse á Companhia a devida licença para fazer o fornecimento de luz já isso seria uma receita importante em que a Camara muito economisava porque as propostas feitas pela Companhia Carris são mais avantajadas do que as feitas pela do Gaz e Electricidade.

Protesta contra o boato de que o pessoal está mancomonado com a companhia, dizendo que, se assim fosse, não teria havido actos de sabotagem, nem seriam precisas forças militares.

Poeira da Arcada

Ministro do Comercio

O sr. ministro do comercio recebeu hoje uma comissão de ferro-viarios do Minho e Douro, que o procurou para tratar da remodelação e organisação dos serviços e das nomeações feitas de algum pessoal menos habilitado em detrimento do pessoal apto para esse serviço.

O sr. ministro do comercio tambem recebeu hoje uma comissão delegada dos festejos a realisar em Braga, que o foi convidar a assistir a esses festejos, convite que o ministro aceitou e agradeceu.

Marconi na costa portuguesa

O yacht «Eletra», propriedade do inventor Marconi, navega nas proximidades da costa do Algarve a fim de fazer experiencias de telegrafia sem fios, tendo a bordo o seu proprietario.

E' provavel que venha ao Tejo, não se sabendo ainda quando.

Quatro milhões de sem trabalho

LONDRES, 8—O numero de operarios sem trabalho eleva-se a quatro milhões.—(H).

Congresso Beirão

Partiram hoje em direcção a Coimbra, no comboio das 8,30, os membros do Conselho Central do Congresso Beirão, acompanhados de representantes de toda a imprensa de Lisboa.

Concertos populares

Na explanada do quartel dos marinheiros, em Alcantara, a banda do corpo de marinheiros executará amanhã, ás 16 horas, o seguinte programa:

Cadetes do Roinhe, marcha; Coriolan, Beethoven; Sinfonia postuma 1.º andamento, Schubert; Aubade printaniére, Lacombe; Eva, seleção, Frans Lheer; Marcha Militar, Schebert.

A entrada é publica.

Noticias da Capital

UMA QUE FOGE PARA NAO PAGAR.—Ha por vezes noticias que despertam a hilaridade de quem tem de as comentar. Olhem que esta não lembra ao demo! Imaginem os senhores: uma creada que fogia de casa do patrão... para não pagar a louça que quebrou!

A' Ressurreição da Cruz, nem parece que se trata duma ressurreição, visto ser tão desastrada, deus cabo de toda a louça do patrão, o sr. João Oastre, morador na rua Luiz de Camões, 124. Nada menos de 90$00, ao que ele diz, a Ressurreição lhe destruiu. Como a quiz obrigar a pagar—não que 90$00 ainda é uma soma redonda—a rapariga não esteve com meias medidas: fugiu sem dar parte a ninguem. E vae d'ai, o patrão queixan-se á policia, para vêr se descobre a desastrada serviçal, a fim de lhe ensinar que para a outra vez tem de ter mais cuidado com a louça do patrão!

O GUARDAR E NÃO RESTITUIR... — E' um principio de ha muito assente que quando se dá a guardar qualquer coisa a alguem esse alguem tem de a restituir quando o legitimo possuidor lha pede.

Mas não o entende assim Rita de Seita — que nome tão esquisito! — moradora na rua de Paraizo, 18, 2.º, que não á muito deu Pedro que restituir os objectos, no valor de 400$00, que Joana Rosa, residente na rua Sociedade Farmaceutica, 56, lhe deu a guardar.

A policia vae tratar de lhe explicar que não procede bem, porque ainda não estamos no regimen de o que é teu é meu.

POIS SE AINDA ESTÁ FRIO... — A' busca, não tinha com que se abrigar, foi-se a um chale no valor de 80$00, pertence legitima e inconcestada de Maria da Conceição, da rua de Marques de Alegrete, 89, 2.º, e sem lhe pedir licença fê-lo seu.

A. Ema de Menezes, que assim se chama aquela que tão peregrinas teorias professa, abrigou-se, é facto, mas por pouco tempo, porque a esta hora já está no governo civil a carpir-se do frio que passa no calabouço.

A luta no Oriente

Um ultimatum ao general francês Gourand

LONDRES, 8.—O «Daily Telegraph» publica uma informação de origem grega segundo a qual os kemalistas teriam enviado um «ultimatum» ao general Gourand intimando-o a aceitar as contrapropostas do governo de Angora e ameaçando-o, em caso contrario, de ruptura do armisticio na Cilicia.—(H).

O exercito grego não é suficientemente forte para repelir uma ofensiva

PARIS, 8.—O «Echo de Paris», ocupando-se da questão do Oriente, prevê grandes dificuldades, provenientes principalmente da atitude de intransigencia em que se colocam os kemalistas e tambem do facto do exercito grego não ser suficientemente forte para repelir por si só uma nova ofensiva das tropas turcas.—(H).

Serviço telegrafico da tarde

RIO DE JANEIRO, 7. — Em virtude da irredutibilidade dos partidarios das candidaturas á vice presidencia da republica dos srs. José Joaquim Seabra e José Bezerra, respectivamente governadores dos Estados da Bahia e de Pernambuco, chegou-se a um acordo em fazer recair a totalidade dos sufragios no sr. Urbano dos Santos, governador do Estado de Maranhão.—A.

BUENOS AIRES, 7. — A federação maritima votou por unanimidade o regresso ao trabalho que recomeço com febril actividade.

Renasce na sociedade argentina a tranquilidade que foi bastante abalada pelas ultimas tentativas de importantes movimentos grevistas que felizmente abortaram, muito embora nunca tivesse faltado a confiança no triunfo final da ordem e da legalidade.—A.

MEXICO, 7.—No palacio do arcebispo de Guadalajara, capital do Estado de Jalisco, rebentou uma bomba que felizmente não causou prejuizos materiaes nem desastres pessoaes.

Rebentou uma rebelião em Covacas tendo os rebeldes matado Sanchez Suarez, neto do famoso ex-presidente da republica do mesmo apelido. As tropas restabeleceram a ordem prendendo treze dos mais importantes cabecilhas.—A.

SANTIAGO, 7.—O Banco Espanhol emprestou ao governo 16 milhões de pesos.—A.

ASSUNCION, 7—A camara reconheceu o Estado da Finlandia.—A.

SANTOS, 7.— Café typo 4, 13$300; vendidas 23,000 sacas, ficando em stock 2.851:979.—A.

S. TIAGO-CHILE, 7—Um incendio destruiu em Iquiqui uns depositos onde estavam armazenados 600,000 quintaes de salitre.—(H).

PARIS, 8—A imprensa faz constar que o exito obtido pelo voto de confiança do Reichstag consolida felizmente a posição do governo presidido pelo Dr. Wirth, ainda que alguns jornaes tenham o receio de que se trate sómente de uma maioria provisoria na esperança de que a França renuncie a sustentar os legitimos interesses da Polonia na Alta Silesia.—(H).

Agua da Foz da Certã

A Agua mineromedicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitario;—nas perversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostrou a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogenas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios sepresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel que bebida pura quer misturada com vinho.

Interesses de classes

Os toureiros vão associar-se

O cavaleiro José Casimiro convocou todos os seus colegas para uma reunião, que se efectuou hontem no antigo palacio do Regaleiro. Aquele artista expoz as bases em que deve assentar a futura Associação dos Toureiros cujo principal fim consiste em socorrer os colegas invalidos. A iniciativa foi muito bem recebida por todos os presentes ficando aprovado que organise esta epoca uma corrida no Campo Pequeno em beneficio do cofre da colectividade em projecto.

Varios oradores manifestaram o seu desgosto pelo facto de actualmente se estarem organisando muitas corridas de amadores com manifesto prejuizo dos profissionaes.

A assembléa, entre outras resoluções, deliberou que em qualquer corrida de amadores não devam entrar menos de um cavaleiro e quatro peões, nas praças de provincia e nas de Lisboa um cavaleiro e seis bandarilheiros, todos artistas de alternativa.

Agentes de passagens e passaportes

No rapido do Porto de hoje, chegam a Lisboa, todos os Agentes de passagens e passaportes, d'aquela cidade, que vem á capital, para juntamente, com os seus colegas d'aqui, iniciarem junto do Governo, um movimento de protesto contra as recentes portarias ultimamente publicadas, e que atingem a dignidade pessoal dos mesmos agentes.

Os agentes do Porto, em signal de protesto encerraram os seus escriptorios, e egual manifestação vai ser seguida pelos seus colegas da Capital e da provincia.

Movimento associativo

A Social.—Esta cooperativa de produção dos operarios chapeleiros teve na gerencia de 1920 um saldo de 29.330$70, sendo destinado para dividendo 1$20 por acção, para fundo de beneficencia 5.966$14,5 e para gratificação ao pessoal 7.041$20.

Companhia de Linificios Portugueza

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Para os devidos efeitos se faz publico que por escritura outorgada hoje perante o notario abaixo assinado foi dissolvida esta sociedade, entrando desde já em liquidação, tendo sido nomeados seus liquidatarios os Ex.mos Srs. Bensaude Antunes Barbaças e Carlos Ferreira d'Almeida.

Lisboa, 6 de Junho, de 1921.

O notario,
M. Facco Viana.

A CAPITAL

3803 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 9 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

TABOLETAS

A par da profusão das candidaturas com carimbo partidario, e que podem ocasionar a disperasão dos sufragios republicanos, aparecem agora já, ao que dizem as gazetas, outras que se abrigam sob a denominação vaga de locaes, regionalistas, representantes das forças vivas, e não sabemos que mais.

E' preciso estar alerta com estas taboletas. Em geral, a mercadoria que encobrem será tudo, menos genuinamente republicana!

Ainda não se pensou neste paiz, quer no tempo da monarquia, quer no tempo da Republica, em representação de classes ou de interesses de certas provincias ou districtos, sem que semelhante pensamento não surgisse inquinado duma intenção reacionaria ou liberticida.

Não queremos dizer que não seja justa uma representação dessa ordem. Queremos apenas assinalar que ela nunca se expunge da politica.

No tempo da monarquia, João Franco pensou nessa representação, e via nela um alicerce seguro da sua abominavel obra de tirania.

No tempo da Republica, nela pensou Sidonio Paes, e todos viram que, salva uma ou outra excepção, regiões, classes dominantes, forças vivas não enviaram ao parlamento dezembrista senão elementos retrogrados.

Pretende-se agora fazer o mesmo, supondo que o governo actual, pelo facto de representar uma corrente moderada, renega do espirito da democracia pura?

E', sem duvida, um erro, sendo tambem, egualmente sem duvida alguma, um pensamento afrontoso para os homens que se sentam nas cadeiras do poder e que teem dado sobejas provas do seu republicanismo indefectivel.

Candidaturas apresentadas em obediencia á mesma orientação revelada nos tempos de João Franco, durante a realeza e de Sidonio Paes, durante a Republica, são uma expressão da mentalidade monarquica que até em nossos republicanos, sobretudo os chamados adesivos, manifestamente transparece, tanto pelas suas palavras, como pelos seus actos.

A opinião republicana tem de estar de sobreaviso em relação a essas candidaturas, na aparencia independentes, mas que não deixam de constituir um serio perigo para o regimen.

O governo tem egualmente de estar alerta com elas não para as tolher, mas para as combater na lucta legal das urnas. Todos os republicanos sentirão sempre a inspiração do mesmo dever.

Nós vamos para uma lucta eleitoral como ainda não se travou apos a implantação da Republica. Agradavel o interesse que se está patenteando pelo acto eleitoral. Satisfaz-nos o facto de todas as correntes politicas quererem participar nesse acto. São sintomas animadores da vida civica das nações. Mas não podemos deixar de recomendar a todos os republicanos que, acima de tudo vejam a Republica, não se esquecendo de que ha um inimigo comum, com o qual não pode haver transigencias nem hesitações. Esse inimigo comum é o partido monarquico.

Afigura-se-nos que em vez de combinações hybridas, reproduzindo no acto eleitoral o que já se fez nas espheras do poder, isto é, o processo das concentrações, todos os republicanos, nos circulos em que os monarchicos apareçam de forma a poderem lograr um triumpho total pela dispersão dos nossos votos, deverão votar em chapa na lista do governo, evitando assim dois perigos: o da victoria monarchica e o da formação d'um «gachis» parlamentar como o que forçou o sr. Presidente da Republica a usar da faculdade constitucional da dissolução.

O choque entre Marvilla e Olivaes

Não está ainda apurado a quanto montam os prejuizos causados pelo choque de comboios ocorrido entre Marvila e Olivaes.

Os chefes de fiscalisação, material e obras estão procedendo ao apuramento d'esses prejuizos.

O serviço de comboios tranways já se encontra regularisado.

Na estação do Rocio, no gabinete do chefe, encontram-se alguns objectos que foram perdidos por ocasião do desastre e que serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

Os feridos continuam sem alteração sensivel no seu estado, tendo sido hoje grande o numero de pessoas que os foram visitar.

O emprestimo ao Douro

Reuniram hoje, pelas 16 horas, no Banco de Portugal, os representantes de quasi todos os Bancos de Lisboa para tratar do emprestimo a fazer aos viticultores do Douro, conforme as bases que hontem ao Banco de Portugal, organisador do Consorcio Bancario, foram apresentadas pela Comissão de Defesa do Douro.

Apreciou-se e estudou-se a questão não se tomando, porem, deliberações, o que só se fará n'uma outra reunião que se efectuará, talvez na proxima segunda feira.

A caminho da Promissão

Uma margem de 14 escudos entre a compra e a venda da libra -- O pandemonio da Rua dos Capelistas -- O dinheiro portuguez segue ás centenas de contos de Hespanha para Londres

Nunca é de mais insistir, porque este é o ponto capital: ainda o suprimento em dolars não chegou, embora ahi venha a caminho, ainda o dinheiro alemão das reparações não entrou e já é tal a baixa do preço do ouro, que a hora tormentosa para certos banqueiros está sendo tangida na catedral da rua dos Capelistas. Bastou o aproveitamento destas duas emergencias por quem escreve sobre o assunto, vindas em reforço da grande verdade de estar o paiz riquissimo, atafulhados os bancos estrangeiros com depositos portuguezes em ouro, resultante das grandes exportações durante a guerra e armisticio, para que se desencadeasse a borrasca.

E' bem interessante o espectaculo da rua dos Capelistas, hoje como sempre o maior mal do paiz. A febre da jogatina, que os governos de vista curta suposeram estar fechando os «clubs», entrou, depois na sua crise maxima, e desde então foi-se alojar ali. Joga-se agora na baixa tão desenfreadamente como há pouco se jogava na alta, e triste será a sorte daquele que no fim da partida se não tenha sabido descartar.

Como no jogo do diabrête que o leitor provavelmente conhece, visto que quem me lê, por si terá começado as suas relações com o azar, as cambiaes teem andado de mão para mão, e, emquanto a jogatina durou se foram rindo com elas nas mãos; mas o fim do jogo aproxima-se, e o diabrete, — perdão, o ouro, estará a esta hora em poder de um só dos parceiros, embora este se componha de um grupo de bons amigos ou de amigos dos diabos. Hora tremenda me parece ésta para esse alguem, para qualquer casa que não tenha acreditado no levantar da feira.

O panico aumenta, e ainda, em Lisboa se não sabe tudo. Hontem a rua dos Capelistas parecia um manicómio. O espirito refolhado dos batoteiros, perdera a sua aparencia de arteirice fria, calma de raposa tranquila, e já não se sabia disfarçar as preocupações. E' que um fenomeno calvo de mais para cobrir a retirada já não deixava logar para duvidas.

As cotações oficiaes publicavam a compra da libra por parte dos banqueiros a 30 escudos, ao passo que eles as vendiam a 40! Mas nem a 30 lhe pegavam os infelizes, tendo havido transações isoladas a 26,66 mas sem importancia.

O medo chegou ao ponto de parecer que as libras estão em brasa, que escaldam; ninguem lhes péga, com receio do escaldão.

A inconstancia das coisas da vida! Ainda ha pouco de quanta sedução invencivel não era ela o mais forte objectivo!...

—Eu bem o dissera: aqueles que mais as segurarem, que mais as retiverem serão os mais sacrificados.

Os factos ai estão patentes, a encarregarem-se de me dar razão.

Pois é verdade, venderam a 40 e simularam que comprariam a 30.

O «truc» deve ter produzido um certo efeito.

Quem fosse com libras ao mercado e sabendo que só por 40 as poderiam obter o que pelo rico ouro da sua alma só lhe davam a 26,66, — se lho dessem, porque podiam não comprar e mandar-lhe oferecer a 25, por fóra, —voltava com certeza com elas para casa.

«O quê larga-las a 26, estando elas a vendê-las a 40!»

Assim conseguiram os homensinhos ontem livrar-se da inundação; mas amigo e detentor particular do ouro, escuta o meu conselho, que é de pessoa que, como vês, tem acertado: vende-as a 26, vende-as a 25; visto que 26 e 25 é melhor do que 20. Quanto mais as conservares em teu poder mais elas aquecem, e chegando ao rubro, maior será o escaldão.

Retendo-as, beneficias os banqueiros, não haja duvida, a baixa virá mais lentamente; mas nem por isso deixarás no fim de ter de as largar a um preço arrastadissimo. E' que se isto vai assim de cambolhada, ainda com suprimento dos dolars apenas assignado, sem as reparações ainda cá estarem, o que será depois...?

Aceita os 26, aceita mesmo os 25 escudos, para não teres em breve de as largar por menos.

Os espanhoes continuam na azáfama de comprar dinheiro português. Adquirem-no ás dezenas, ás centenas de contos e, deixem-me ter esta vaidade, como eu previ esse dinheiro não fica em Hespanha; segue todo para Londres!

Só os portuguezes, mystificados por meia duzia de ilusionistas tanto se obstinaram na estupida suposição de que o dinheiro portuguez não valia nada; o dinheiro dum povo que na sua economia, que foi a mais nojenta avareza, tudo ez em ouro, o seu vinho, o seu cacau, a sua cortiça, o seu pescado, as ortaliças, as fructas, as madeiras, a carne dos seus gados, os ovos das suas galinhas... passando cinco anos de fome, comendo toda a especie de imundice panificada em vez de trigo, importado em menor quantidade, e servindo-se das suas lenhas como combustivel; porque não havia transporte para o carvão de pedra.

Nem, ao menos, esta drenagem de escudos, comprados pelos hespanhoes, e mandados por eles para Londres lhes abrirá os olhos?

Ainda não entrará d'esta, que os grandes «stocks» de ouro que os portuguezes têem em bancos extrangeiros,—reganha a confiança no nosso equilibrio financeiro, confiança que tem de ser um facto em face do suprimento em dolars e das reparações, —nos vêem pôr em verdadeiro estado e terra de Promissão?

Ainda não? Safa, que já é cegueira,

Tudo isto, sem entrar em linha de conta com a cessação imediata da obra damnada da agencia financial do Rio de Janeiro, cessaçãoque é hoje um facto consumado. Este factor o mais importante, que vem acabar com o escandalo das remessas ouro do Brazil para Londres, pora de lá nos vir a exploração em que temos andado de cabeça baixa, ainda apressa mais a «debacle». Bem vinda seja ela, ó deusses justiceiros!

D. Thomaz de Noronha.

DIZE TU DIREI EU

Maridos felizes

Uma pequenina sala, estilo inglês, de seda verde. Aguarelas. Bibelots. Flôres. Cinco horas. Tarde de sol

Ele—Sempre vais hoje ao tennis?
Ela—Não sei.
Ele—Eu não vou.
Ela—Então vou com certeza.
Ele—E's muito amavel.
Ela—Muito mais do que tu julgas
Ele—Muito menos do que te parece.
Ela—Chacun sa vie.
Ele—Chacun sa vie.
Ela—Os maridos nunca devem andar com as mulheres.
Ele—Porquê.
Ela—Porque as mulheres devem andar sempre sem os maridos.
Ele—O que tu dizes, minha filha.
Ela—E tu pensas o mesmo embora o não digas.
Ele—Não sabia.
Ela—Pois fica sabendo. As mulheres devem ser como os homens.
Ele—Em tudo, meu Deus? Não será demais?
Ela—Devem usar cuecas e jogar o foot-ball.
Ele—Está bem.
Ela—E remar.
Ele—Dá certo.
Ela—E andar a cavalo.
Ele—Evidentemente.
Ela—E esgrimir.
Ele—Dizes bem.
Ela—E jogar o sôco.
Ele—E' indubitavel.
Ela—E frequentar os clubs.
Ele—Pois é claro.
Ela—E fazer muitas asneiras.
Ele—Teus razão.
Ela—E ter muitos amantes.
Ele—Estamos de acôrdo.
Ela—Porque as mulheres devem enganar os maridos.
Ele—Pois devem.
Ela—Bom. Adeus. Vou á minha partida de tennis.
Ele—Até logo.
Ela—Não venho jantar a casa.
Ele—Ah! não?
Ela—Nem venho dormir a casa.
Ele—Ah! sim?
Ela (compondo o chapeu ao espelho)—Até amanhã, meu amôr.
Ele (beijando-a num sorriso)—Até amanhã, meu amôr.
Ela—Não fiques em cuidado, não?
Ele—Não.
Ela—Adeus.
Ele—*(vendo-a sair e acendendo um cigarro egipcio)* Afinal são estas as unicas mulheres capazes de fazer a pelicidade dos maridos!

Luiz d'Oliveira Guimarães.

Congresso Regional Socialista do Sul

A comissão organisadora d'este Congresso reuniu novamente com a Comissão Executiva de F. M. S, hontem, ás 21 horas, tomando conhecimento de mais algumas credenciaes de delegados ao referido Congresso.

As organisações que até aquela hora remeteram credenciaes são as seguintes:

Federação Municipal Socialista, José Luis Caetano, Joaquim da Costa Cabral e Antonio Luiz Horta; Centro Socialista de Lisboa, Julio da Silva, Reinaldo Vilas e Bento da Cruz; Centro Socialista do Barreiro, João Ferreira, Miguel Antonio Lopes e Manuel Ryder da Costa; Centro Socialista de Monte Pedral, Agostinho de Carvalho, Antonio Tavares Pecegueiro e Eugenio Pereira Clemente; Centro Socialista de Benfica, Nunes da Silva Nunes, Eduardo Franco e Beldemiro Camarate; C. P. S. da Chamusca, José Antonio, Manuel Ferreira e Cecilio José Dias; Nucleo Socialista de Santa Izabel, Mario Silva, Armando Sampaio Sena e Edmundo Tavares; Centro Socialista Era Nova, José Augusto Machado, Albano Lopes e Adriano Duarte Figueiredo; Centro Socialista da Covilhã, João Borges Perenas, Clemente Ferreira da Silva e Antonio Borges Perenas; Centro Socialista de Cascaes, Antonio Francisco Pereira e Mario Henrique Chavier Nogueira; Centro Socialista de Coimbra, Ramos da Cunha, João Ferreira dos Santos e José Tomaz; C. P. S. do Santo Estevam e S. Miguel, João Antonio Graça e José Augusto d'Oliveira; Centro Socialista de Faro, Augusto Cesar dos Santos, Alfredo Canelas e Manuel d'Almeida; Centro Socialista de Belem, Alfredo Costa, Victor Hugo Catalema e João Domingos Nunes; C. P. Socialista de Arroios, Antonio Ferreira, Manuel Barbosa e Aureliano das Neves; C. P. Socialista da Penha de França, João Gonçalves, Alberto Dias da Silva e Antonio Madeira; Centro Socialista Avante, Adriano dos Reis e João Carlos Cardona; C. P. Socialista Camões, José Augusto dos Santos Silva, José Candido dos Santos, Victor Hugo dos Santos Silva e Manuel Eugenio Petronila; Jornal «O Trabalho», Miguel Luiz Vieira, Cesar Nogueira e Albano Martins; C. P. Socialista Terrugem, Cardoso e Antonio Vicente Paraiso; C. P. Socialista de Montelavar, Francisco Martins, Manuel Batista Cavalheiro, José Inacio e Ernestino Batalha; Grémio Socialista de Lisboa, José Rodrigues Martins Santareno e Dr. Ramada Curto, Centro Operario das Lameiras, Domingos Sergio, Eduardo Costa Santos Cardoso e Ladislau Batalha; C. P. Socialista de S. José, Henrique Inacio de Carvalho, Mario Jesus Marques e João José da Cruz; Centro Socialista de Sacavem, Tomé Vieira, Carlos Santos e Manuel da Silva.

Este Congresso, que se realisa na vila do Barreiro amanhã e no dia 12, promete ser importantissimo pelos trabalhos que n'ele devem ser apresentados principalmente as teses do Dr. Ramada Curto, Antonio Francisco Pereira e Alfredo Franco.

A vereação da Camara Municipal do Barreiro promove uma bela recepção aos Congressistas, e o Centro Socialista com a cooperação dos melhores elementos do desporte d'aquela vila promovem uma parte sportiva dedicada aos mesmos congressistas, que será abrilhantada por uma banda de musica.

A tragedia irlandeza

Mais um incendio e uma execução capital

Na sexta-feira passada, á noite, foi incendiado um depósito de camions automóveis nas cercanias de Phœnix Park, em Dublin. Ficaram destruidos por completo numerosos camions, assim como enormes quantidades de mercadorias, peças soltas e caixas de gazolina.

Só as oficinas de reparação puderam ser salvas pelos bombeiros, que trabalharam durante parte da noite protegidos pelas tropas e por auto-metralhadoras.

Em Limerick, foi executado no sabado de manhã Thomas Keane, condenado á morte pelo conselho de guerra por lhe terem sido encontradas armas após um ataque feito a um automovel da policia. Um pedido de perdas, que fôra assinado pelo bispo Hallinan e notabilidades de Limerick, não obteve deferimento.

Na Russia dos soviets

Uma inovação no Congresso de Moscou

No dizer do «Stockholm Tidningen», fazem-se em Moscou grandes preparativos para o Congresso da 3.ª Internacional. Esses preparativos compreendem a publicação d'um jornal com artigos em todas as linguas europeias, assim como nas dos principaes paizes do resto do mundo.

Representações teatraes serão dadas em francez, inglez e alemão.

Além d'isso, coisa que nunca se viu em qualquer outro congresso do mundo, foi nomeada uma comissão especial para medir scientificamente os craneos de todos os que tomarem parte no congresso, a fim de se certificar da sua capacidade intelectual.

As relações americano-niponicas

No dia 18 do mez findo, foi assinado, nos escritorios da Shipbuilding Corporation, em Nova York, um contrato curioso e raro: trata-se d'um navio da armada imperial japoneza cuja construção foi confiada a um estaleiro americano.

O navio de que se trata destina-se ao abastecimento de combustivel da marinha niponica. Deve deslocar 20$000 toneladas, ser munido de turbinas, deitar 15 nós e custar 3.250:000 dollars. As maquinas poderão ser acionadas pelo carvão e pela nafta.

O capitão Yokura, que assinou o contrato em nome da marinha japoneza, entendeu por conveniente juntar á sua assinatura alguns comentarios interessantes, dizendo que «no pensar do governo japonez essa encomenda era um testemunho do desejo de amizade d'esse governo e da elevada estima em que tinha o comercio e os construtores americanos.

Convem por em destaque que é a primeira vez, ha muitos anos, que a marinha japoneza confia uma das suas encomendas a um estaleiro americano. Até agora, os estaleiros britanicos haviam tido o monopolio exclusivo das encomendas navaes niponicas».

Ateneu Comercial de Lisboa

Passa amanhã o 41.º aniversario da fundação d'esta benemerita instituição, que tantos e tão assignalados serviços tem prestado á classe comercial.

Solenisando essa data, realisa-se, pelas 21 horas, uma festa na sua séde, festa que, a exemplo dos anos anteriores, deve revestir o maior brilhantismo.

O QUE SE PASSA NO ORIENTE

Tentando libertar-se do jugo de Hussein

O rei do Hedjaz perdeu todo o prestigio — A chama da revolução em volta do santuario de Meca

Tudo quanto se passa n'este momento no Oriente atrae as atenções da Europa. A agitação vae alastrando, estando em perspectiva uma nova guerra. A imprensa franceza ocupa-se largamente do assunto. Assim o «Excelsior» do dia 5 dedica o seu artigo de fundo á agitação mensulmana, dizendo:

«Os acontecimentos do Egypto, que para grande numero de europeus não teem importancia de maior, chamam a atenção dos iniciados sobre a peregrinação de Meca, que se está preparando...

Ainda ha poucos anos, essa peregrinação fazia-se segundo a tradição, sem se ligar importancia ás perturbações politicas.

Mas eis que, em consequencia do cataclismo que está a ponto de fazer mudar a superficie do globo, tambem ali se prepara um vasto movimento.

Para os servidores do Profeta, o rei do Hedjaz nada conserva já do musulmano d'outr'ora, não é para eles mais do que uma creatura paga e mandada pelo estrangeiro.

Ninguem na Europa póde calcular os efeitos do impulso que arrasta todo o islamismo para o soltão de Constantinopla.

O soberano de Stambril continua a ser para os crentes o verdadeiro representante de Mabrouret sobre a terra. Conserva, nas suas mãos, atravez das edades, a onipotencia do kalifado. O rei do Hedjaz, ligado um pouco embora contra vontade aos interesses da Inglaterra, perdeu todo o prestigio. Póde ainda exercer sobre as suas tribus uma ficção de dominio, porque as suas tribus desconhecem tudo do mundo e da politica, mas os musulmanos, que, dia a dia, se instruem um pouco mais e raciocinam melhor do que se julga, estão cançados de vêr o seu chefe tutelado. Desejam que o sultão tome a alta direcção da peregrinação.

❖ ❖ ❖

Um simples facto dará uma idéa do que póde ser no seu longinquo reino a autoridade do cherife. A fim de salvaguardar a segurança dos peregrinos, uma velha usança ordena que diversos refens sejam escolhidos por ele e retidos até ao fim da peregrinação. Apezar d'essa precaução, sucede muitas vezes que as caravanas são atacadas e roubadas. Então, os refens são decapitados. Mas, como se teve o cuidado de os escolher entre os que teem mais meios de fortuna, os herdeiros ficam satisfeitos, como toda a gente, com excepção dos peregrinos.

A viagem a Meca faz parte dos ritos impostos a todo o musulmano que respeita a sua fé. Todo o homem que segue a lei de Mahomet deve fazer essa peregrinação pelo menos uma vez na sua vida. Os mais pobres privam-se do necessario, mendigam por vezes, com o unico fim de reunirem a quantia necessaria para a piedosa viagem. Volta-se d'ali, engrandecido e fortalecido. A sua porta é marcada com sinaes fatidicos e acrescenta-se ao seu nome o apelido de Hag, que conserva até morrer e com que se enobrece.

Em Meca encontram-se os musulmanos de todas as raças, de todos os paizes e de todas as seitas. A peregrinação reune em volta do recinto sagrado os seres mais diversos e as escolas mais dissemelhantes, provando assim que o islamismo é não só uma religião, mas uma verdadeira franco-maçonaria que, em dado momento e sob a direcção d'uma unica vontade, se pode tornar temivel.

Durante muito tempo, os musulmanos fieis ficaram afastados do mundo moderno. Cada um na sua esfera proseguia o seu caminho com esse suave desprezo que todo o crente convicto tem para com o infiel. Que lhes importavam as vãs agitações da Europa?... Pacificamente restrictos ao seu dominio, quer chegassem de Marrocos, da India ou do Egyto, os devotos atravessavam as gares, transpunham os mares sem ver mais que o caminho abençoado que deviam seguir, os olhos erguidos para o sol ou para as estrelas, perdidos no mesmo sonho que tinha embalado os seus antepassados da Edade Media.

❖ ❖ ❖

Um acontecimento capital se deu, porém. Essa Meca longiqua, de que os cristão apenás sabiam o nome, tornou-se de subito o ponto de mira das nações. A Arabia, que encerra a força do irlamismo, é disputada como uma preza.

No paiz dos Pharaós havia ao principiar a guerra um inglez chamado Lawrence. Conhecia maravilhosamente não só o Egyto, mas a Palestina, a Mesopotamia e todo o deserto desde as margens do mar Vermelho até ao interior mais afastado. Pertencia á policia. Fizeram d'ele um arqueologo... mandatario sonhado pela Inglaterra, sempre habil em escolher os seus homens e, deve-se reconhecel-o, infalivelmente pronto a recompensal-os segundo os seus meritos.

Lawrence foi promovido a alferes, e encarregado de fazer pesquizas no centro mesmo da Arabia, o que o punha em boa situação. Encarregado de se entender com o filho do rei do Hedjaz, pouco tardou que não captasse a confiança do emir Fayçal e da sua tribu.

Rapidamente, o arqueologo subiu a coronel do exercito egypcio e major do exercito britanico. E' escusado dizer que estava provido de ouro de modo a satisfazer as necessidades dos mais dificeis entre os chefes de tribu que aceitavam a apoiar a politica do governo inglez.

❖ ❖ ❖

Devido a esse homem, que se manifestou um habil diplomata, devido principalmente aos reluzentes guinéus distribuidos com a habitual prodigalidade, o emir, até então em segundo plano, conseguiu conquistar o poder que tantos outros disputavam em redor d'ele com maior propriedade. Tanto pelo nascimento como pela força, os concorrentes de Fayçal pareciam mais dignos do que ele de ter o papel que só a sua habilidade acabava de lhe fazer obter. E' preciso saber que o beduino, de que Fayçal representa uma das mais vivas imagens, nada tem da nobreza arabe de que os historiadores fantas vezes nos teem gabado a grandeza. Todos os outros musulmanos estarão de acordo n'este ponto. As tribus do Hedjaz de malrometano só teem o nome. Tirando das suas origens o gosto das superstições mais baixas, da religião só conhecem os gestos do culto externo.

Nada de sentimento nacional, palavra nenhuma, nenhuma sinceridade. Em compensação, desde o primeiro ao ultimo, o nomada conserva o culto da sua tribu e dos seus interesses. Viram-no durante a guerra vender aos turcos a farinha que os inglezes lhe davam e entregar-se a todas as especies de pequeno comercio, tão pouco recomendaveis umas como outras.

O emir só tem em volta de si como servidores, bandidos, desertores ou criminosos de outras regiões, guiados unicamente pelo engodo do ganho: bandidos, mentirosos e deploraveis soldados. Os destacamentos francezes, cujo papel se esquece demasiadamente, tiveram ocasião de avaliar essas hordas na ocasião da tomada de Maan, no caminho de ferro do Hedjaz. Sabe-se que as tropas francezas contribuiram tambem para a tomada de Damasco por leste, antes da chegada das de Allenby.

Em 1919, o emio tinha contrahido com os inglezes uma divida consideravel. Recebia então 25.000 libras em ouro no fim de cada mez. O paiz nada produz. Apenas se sustenta com a peregrinação. No dia em que a Inglaterra o quizer esfomear, cessando bruscamente de o abastecer por intermedio do Egyto ou das Indias, os seus habitantes estarão infalivelmente condenados á morte.

Desde que Fayçal, cujo jogo duplo hoje ninguem desconhece, se viu privado do seu poder momentaneo, seu pae, o emir, Hussein, voltou a ocupar-se da coisas de Meca. O filho mais velho, Abdullah, aquele cujo logar Fayçal usurpou, desinteressa-se da politica. Tendo uma educação moderna, falando o francez correctamente, Abdullah tomou em Constantinopla, onde cresceu, gostos europeus que seus irmãos não admitem.

De uma saude delicada, prefere passar longe da sua tribu tranquila vida do filosofo.

Comtudo, talvez a sua intervenção tivesse evitado muitas questões.

O Hedjaz, propriedade do actual cherife, não inspira já confiança e d'esse recanto sagrado, d'onde só deviam subir os fumos do incenso e o murmurio das orações, parece elevar-se já a chama ardente das revoluções.

A questão da Alta Silesia

O avanço das tropas alemãs sustido

BERLIM, 9.—Em consequencia dos protestos apresentados pelos representantes da França e Inglaterra, o general Hoeffer assegurou terminantemente que não continuaria o avanço das tropas alemãs na Alta Silesia contra os insurrectos polacos. Os contingentes aliados que marcham sobre Gleiwitz ocuparam Rosenberg sem resistencia.—(H).

A administração de Fiume

PARIS, 9.—Informa o «Journal» que em 3 do corrente foi assignado em Belgrado o acôrdo projectado pelo ministro dos extrangeiros italiano, de Sforza, atribuindo a administração de Fiume a um «consortium» italo-fiumez-yugo-Slavo.—(H).

Parlamentares do partido socialista

Reuniram hoje, pelas 15 horas no escritorio do sr. dr. Ramada Curto, os parlamentares do partido socialista.

Tratou-se de assuntos eleitoraes e das candidaturas a apresentar em alguns circulos onde se preparam para disputar as minorias e nalguns mesmo as maiorias.

Novidades da Europa

A Inglaterra oferece uma aliança á França

Traduzimos do «Matin», hoje chegado a Lisboa:

«Ha dias que se fala novamente na conclusão duma aliança franco-britanica e o que dá maior valor ao boato é que ele vem da Inglaterra. Alguns membros do gabinete inglez julgam chegado o momento de assentar as bases dessa aliança e grandes jornaes inglezes entendem chegado o momento de aproveitar a oportunidade.

Desnecessario é dizer que toda a proposta de aliança militar e politica ingleza, concebida num pé de absoluta egualdade, encontrará deste lado da Mancha um caloroso acolhimento, cordeal e satisfeito, principalmente se a proposta fôr a base dum acordo ainda mais amplo e se não se limitar apenas ás amisades da Europa.

Nem a França, nem a Inglaterra venceram por si sós: foi a America que decidiu da sua victoria. No dia seguinte ao da guerra, os olhos de todo o mundo estavam, por isso, voltados para as tres nações e esperavam da união das trez o restabelecimento da paz do mundo. Foi nesse sentido que se concluiu o famoso pacto de garantia anglo-franco-americana.

Por motivos que não ha necessidade de recordar, o pacto nunca passou de projecto. Espiritos malevolos insinuaram até que dois dos seus principaes autores, os srs. Clemenceau e Lloyd George, apenas o tinham concebido porque sabiam que elle nao teria execução. Em todo o caso, a França, que aceitara os maiores sacrificios, não tirou sequer o beneficio moral que podia esperar do abandono por ela feito generosamente dos seus beneficios materiaes.»

Uma aliança entre duas nações não podia substituir um pacto entre tres. A aliança não poderá ter para nós todo o valor que deve ter, a não ser que nos permita esperar, n'um futuro muito proximo, a entrada do terceiro comparticipe, ou, pelo menos, que seja concluida com o firme apoio e incitamento caloroso do terceiro comparticipe, e não possa dar a ninguem motivo para supôr que se arrisca a separar a causa da França da causa dos Estados Unidos e levar um dia a campos opostos as duas maiores democracias do universo.

A Europa nada pode sem o entendimento da França e da Inglaterra, mas o mundo nada pode sem a colaboração da America. Disse-se que uma aliança franco-ingleza seria a trave sobre que assentaria a Europa: é verdade. Mas uma trave, por mais forte que seja, só tem solidez se se apoia em caibros de confiança. E os caibros do mundo estão do outro lado do Atlantico, nas profundidades d'essa nação de 120 milhões de almas, que é a nação mais desinteressada, mais generosa e mais poderosa do universo.

O principe Irochito

O principe herdeiro do Japão está actualmente em Paris. A sua estada na capital da França tem despertado as atenções demoradas não só dos elementos oficiaes—mas de quasi toda a gente. Não é apenas, como á primeira vista poderia supôr-se um vago sentimento de curiosidade que todos nós cultivamos como uma flôr—é mais do que isso é a percepção mais instintiva de que o joven principe que hoje viaja como um simples touriste pela Europa, ainda ha de vir a ter um papel preponderante na vida politica do ocidente. Esta previsão de resto feita ha muito—começou a ter os seus efeitos com a grande guerra—efeitos que se mantiveram e até, com a maior preponderancia nas conferencias da Paz.

O' nós nos enganamos muito ou a Europa e até a America—aqui entre nós que ninguem nos ouve—hão de saber mais tarde ou mais cedo o que a sensaboria... do riso amarelo.

Uma questão complicada

Ao colocar-se no centro do jardim dos Tulherias a estatua de Bartholomé, *Paris pendant la guerre*—os protestos começaram a surgir, de toda a parte. Porquê?

Vão vêr. A estatua não podia ficar ali. De forma alguma se voltasse a frente para o arco do triumfo—virava as costas ao inimigo; se a virasse para o Louvre—virava as costas não já ao inimigo mas ao soldado desconhecido; se se voltasse para o norte tinha o ar de quem quer dar uma lição a Gambetta; se se voltasse para o Sena tomava o aspecto de quem acabou de sair da Comedia Franceza —não, não podia ser. Mas como ninguem resolvesse o caso; foi a propria estatua que o resolveu com a maior naturalidade d'este mundo: partiu-se.

PELO TELEGRAFO

O mercado do carvão americano

NEW-YORK, 9.—O mercado de fretes de carvão mostra-se indeciso por se considerar proxima a solução do conflicto mineiro na Inglaterra.—(H).

Exportação livre de trigos e carnes

RABAT, 9.—O Conselho Geral resolveu considerar livre novamente o comercio de trigos da proxima colheita e restabelecer a livre exportação de carnes para qualquer paiz.—(H).

Chauffeur agredido a tiro

Num barracão da rua Vinte e Quatro de Julho, pertencente á Companhia Previdente, o carroceiro Joaquim dos Santos, apoz uma acalorada disputa com o *chauffeur* da mesma companhia Matias Rodrigues, morador na rua da Barroca, 51, 3.º, puxou de um revolver e disparou um tiro contra o Rodrigues, atingindo-o no ventre.

Conduzido o ferido ao hospital de S. José, verificou-se que o seu estado não era grave, tendo-lhe sido extraida a bala e seguindo ele para sua casa.

VIDA SPORTIVA

Coisas de box

«Que noções erradas o publico tem colhido com as organisações do circo»

Em peor altura não podiam ter vindo as organisações do Coliseu dos Recreios.

No inicio, justamente na epoca de educação do publico, inexperiente em espectaculos de box. De entrada iniciou-se-lhe logo a desconfiança.

Faz-se-lhe crêr que é forçoso antecipadamente arranjar o resultado e que evidentemente resulta dos desiguaes combates que é necessário fazer durar. Se em cada noite não se dão mais de dois, como evitar o resultado fulminante, que em box é normal? Não alongando os programas! «Combinando» é bastante mais em conta!

Com a ganancia de tirar o maior proveito do homem mais caro, opõe-se-lhe tudo o que aparece, tacendo de lá cada victima em rival.

Em peso não se pensa! E assim o publico é privado do equilibrio dos combates, um dos grandes elementos de triumpho do sport de combate.

O atractivo da beleza vae-se com desproporção.

O publico que paga para um misero espectaculo o seu bilhete, tem em qualquer prova de amadores—por fracos que eles sejam—uma exibição bem mais precisa do que é a nobre arte.

Mario, um homem de mérito, ninguem o viu ainda n'um trabalho digno d'ele.

Os «arranjos» e a fraqueza dos antagonistas tem-no impedido.

E' perder porém as esperanças de se emendarem os directores do Circo.

Já não tem saido para modificar em os processos em que teem vivido.

O melhor conselho que lhe podemos dar é que se deixem d'isso.

Teem tanto em que ganhar dinheiro!

Que necessidade de teimarem em destruir um sport, que bem conduzido apaixonaria rapidamente o nosso publico?

Se não param, depois será tarde, o mais sincero encontro será para o publico ensaiado nos bastidores.

TIME

A direcção da Associação demite-se

A direcção da Associação de Foot-Ball de Lisboa, na sua reunião de 6 do corrente, resolveu endereçar ao sr. presidente da Assembleia Geral um extenso documento em que declara suspender a realisação da «Taça de Honra», terminando por apresentar a sua demissão colectiva.

Encontros internacionaes

Amanhã Sevilha contra Belenenses no Stadium

Realisa-se amanhã no Stadium pelas 18 horas o segundo desafio internacional entre o Sevilha Foot-Ball Club e Belenenses.

O sport portuguez deve ter um representante no parlamento

O jornal «Os Sports» referiu-se o ano passado ao facto de no parlamento francez ter sido constituido um grupo sportivo, entre deputados de diferentes facções politicas, cujo fim era defender ali tudo que se relacionasse com a educação fisica, tão necessária como toda a outra educação.

Agora, que estão anunciadas as eleições para 10 de Junho proximo para constituição do parlamento portuguez, seria interessante que nas listas de cada partido figurasse o nome dum homem que no Parlamento defendesse a causa por que vimos lutando e todos os sportmen, certamente, não deixáram de concorrer às urnas para que a sua vitoria se possa conseguir.

A Capital lembrará, amanhã os nomes de algumas figuras de destaque e de comprovada competencia do nosso meio sportivo para o logar de deputado e promoverá uma serie de conferencias publicas de propaganda eleitoral, nos quaes os oradores serão egualmente distinctos sportmen.

Amanhã trataremos desenvolvidamente deste assunto, que deve merecer o bom acolhimento de todos os que desejem o bem do sport nacional.

Theatros e Cinemas

Noticias teatraes

A recita do secretario do Teatro Nacional, Macedo e Brito, realisa-se a 15 do corrente com um sensacionalissimo programa, reaparecendo nessa noite ao publico de Lisboa a insigne actriz Lucinda Simões.

—Noite de entusiasmo vae ser a de hoje, no Avenida, aonde em 2.ª recita d'assinatura, sobe á scena a delicada comedia PIPIOLA, uma das mais belas e interessantes da autoria dos Irmão Quintero.

Na PIPIOLA tem Palmira Bastos uma das suas mais brilhantes e delicadas creações, que lhe tem valido unanimes e entusiasticos elogios.

Na PIPIOLA reaparece, já restabelecida, a gentil actiz Ester Leão, sendo a seguinte a distribuição da peça:

Pipiola, Palmira Bastos; *Alexandre Olmeda*, Samwel Diniz; *Nina Valdelara*, Ester Leão; *Margarida Maria*, Elvira Velez; *Mercêdes*, Rosina Rego; *Olimpia*, Carlota Sande; *Francisca*, creada, Rosa Cerca; *Alvaro Martinez*, Francisco Rodrigues; *O tio Basilio*, Casimiro Tristão; *Fernando*, Henrique Pereira; *Antoninho Aldaz*, João Calazans; *Um creado*, Carlos Shore.

Para esta recita estão tomados muitos logares pela nossa élite.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ—A's 21 h.—«A loiteira d'Entre-Arroios».
AVENIDA—A's 21,15 — «Pipiola».
GINASIO—A's 21,30—«Festa promovida pela Escola Academica».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tais».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troiaróe.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«Companhia francesa de revistas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quartas-feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Touradas

CAMPO PEQUENO.—Principia ás 18 horas a corrida de amanhã, em que toma parte o joven e notavel espada Marcial Lalanda, artistico lidador e considerado herdeiro das glorias de Joselito.

Correm-se, pela primeira vez em Lisboa, touros de F. Bonacho, da Golegã, tourejam a cavalo José Casimiro e Eduardo da Costa, o a pé Teodoro, T. Rocha, Alfredo, Custodio e Agostinho. Com o espada vem seu irmão, o bandarilheiro Eduardo Lalanda. O grupo de forcados tem por cabo Ventura da Costa.

ULTIMA HORA

Afronta ao Brazil!

A campanha nativista e a sua violencia.—Um manifesto elucidativo

No Brazil a campanha nativista prossegue. Não ha já agora possibilidades do impedir o livre expansão de um fermento de odio e revindicta posta ao serviço de inconfessaveis interesses.

Ninguem de boa fé contestará a existencia de uma tremenda, de uma formidavel lucta em que se encontram empenhados muitos espiritos maus e ambiciosos.

Homens ilustres de outra banda do Atlantico se encontram empenhados na defesa da causa lusiada, pondo ao seu serviço o melhor do nobres inteligencias e fundas actividades.

E' sobretudo o jornal «Gil Blas» da direcção de Abibiades Delamere, que mais empenhado está n'uma demonstração constante de animadversão a portuguezes, irmãos de raça e de lingua, descobridores e colonisadores da quem a terra brasileira tudo deve.

Almas ingenuas ha para ahi ainda empenhadas em afirmar que o conflicto não existe. Reservamos para esses que com frases de um platonismo que toca as raias da inconsciencia pretendem firmar uma aliança luso-brazileira não querendo vêr a realidade dos factos, cegos pelo intenso luz da verdade de um documento bastante significativo.

Na cidade do Rio de Janeiro foi ultimamente distribuido um manifesto, que entre outras coisas, diz o seguinte em grossa paragona:

Af onta ao Brazil. Novamente colunia! O perigo portuguez existe!

Consentirão o Povo, o Exercito, a Marinha e as Reservas Militares a prostituição da nossa Patria! Brazileiros! Ergamos as forças para castigar os patricios bandidos que em troca do dinheiro e condecorações portuguezas vão patrocinar essa ignomia.

Leiam em todos os jornaes falsamente brazileiros, do dia 8 e 10 de Fevereiro, a noticia de um inacreditavel projecto. Como mais preciso e melhor revelador, leiam o telegrama de Lisboa, publicado no «Jornal» de 18-2-1921. Por esse telegrama se transmitte a noticia de ter sido publicado em Lisboa, no «Diario Oficial Portuguez» o decreto sobre a Confederação Luzo-Brazileira, que vae ser submettido á aprovação do nosso Congresso. Negociará com o governo brazileiro uma comissão dirigida pelo Presidente e Ministro dos Estrangeiros de Portugal. Somente querem isto!: Submissão absoluta de nossa lingua ás regras da Academia de Lisboa; protecção para a propriedade literaria deles; equivalencia dos cursos superiores e especiaes; livre direito dos portuguezes exercerem o magisterio aqui sem nenhuma formalidade; livre exercicio das profissões correspondentes dos dois paizes; protecção especial á emigração portugueza; protecção da navegação comercial portugueza; estabelecimento de um porto franco em Lisboa a que deve pagar tributo toda a nossa exportação; e mais apenasmente isto: que os portuguezes teahnm no Brazil todos os direitos civis e politicos dos nacionaes, inclusive os dos cargos administrativos e o de elegibilidade até mesmo para Presidente da Republica é o cumulo!! Já é traição de mais!! Só o imprensa o sabia mistura vê perigos por toda a parte, quando só ha um perigo: é o portuguez viva a nacionalisação de comercio! Brazilidade ou morte!

E' um grito de raiva de exterminio aquele por que a proclamação terminal Brazilidade ou morte!

Só o perigo portuguez existe para os brazileiros neste momento. Só elo se lhes antolha pavoroso e formidavel impedindo o desenvolvimento de um povo, constrangendo a marcha de uma civilisação!

E' espantoso, mas é verdadeiro. Não ha disfarces possiveis para factos de tanto gravidade.

Bauuidos são todos os amigos desinteressados de Portugal que em defeza da nossa terra e da nossa gente manifestaram opiniões falando e escrevendo.

A nossa amizade pelo Brazil tem sido manifestada em todas as ocasiões e atravez as contrariedades, mas ela não pode de forma alguma apresentar saliencias onde elementos que promovem a campanha formidavel do descredito, da injuria e da mentira.

Governador civil de Lisboa

Foi nomeado governador civil substituto de Lisboa o major sr. Raul de Cormo Pereira Simões, secretário do sr. Lelo Portelo.

Ao que nos consta o sr. Lelo Portela vae gosar uma licença de 15 dias ficando no seu logar o sr. Pereira Simões.

TRIBUNAES

Condenação do «Filho do Ganga»

Respondeu hoje no tribunal militar de Santa Clara o celebre gatuno de golpe o vigarista, Alfredo Bento Lourenço «O Filho do Ganga» com 20 processos por furto. Era acusado de deserção, sendo condenado em 3 anos e quatro mezes de presidio militar.

A gréve dos electricos

Nada de novo, continuamos e continuaremos a pé!

Nada de novo por emquanto. E é a unica noticia a dar. Boas vontades, ao que se diz, mas soluções praticas, não se veem.

Voltou a reunir em sessão magna o pessoal da Carris, sob a presidencia do sr. Carlos Fortes, secretariado pelos srs. José Batista Ribeiro e José Rodrigues.

O presidente disse á assembleia que a gerência de Santos está a trabalhar, porque são os proprios engenheiros que ahi estão, para terem luz.

O sr. Antonio da Silva, entre outras cousas, refere-se ao vereador sr. José dos Santos, dizendo que não vem ali defender a companhia mas lastimar que o relatorio d'esse vereador não estejá completo.

Depois fala o sr. Francisco dos Santos, que relata á assembleia as vantagens da caixa de Reformas e Pensões, instando porque todos trabalha por ela.

Falam ainda os srs. Manuel Rola e Manuel Carvalhaes, que julga indispensavel a formação de dues cooperativas de consumo para o pessoal; uma em Santo Amaro e outra no Arco do Gego.

A comissão de melhoramentos, á hora a que saimos da reunião, andava em diversas démarches para a solução da gréve.

Noticias da Capital

QUERENDO IMPINGIR GATO POR LEBRE.—Não se trata, n'este caso, da aplicação do velho aforismo, mas sim da realidade, viva, palpitante. Na rua Fernão Lopes, o guarda civico 1466 desconfiou de Jaime Gomes, morador na quinta do Carmo, ao Poto d'Agua, que andava tentando vender uma «lebre» nas tabernas do sitio.

Mas como apresentava a mercadoria já esfolada e pronta a ser guizada, os taberneiros não a queriam.

O guarda deitou a mão ao vendedor e levando-o para a 10.ª esquadra foi ali apalpado, encontrando-se-lhe escondidos nos bolsos a cabeça e a pele da suposta lebre, que era afinal um desgraçado «bichano» que o Gomes matára.

Vae ter o premio condigno da sua «façanha».

QUERIA CONSTRUIR UM PREDIO...—E como não tinha o dinheiro suficiente para realisar a sua aspiração, o bom do João Augusto, morador na rua da Arrabida, 70, 1.º, lembrou-se de deitar a unha a diversos materiaes, no valor de 9$00. Era pouco, mas sempre era um começo de vida, porque Roma e Pavia não se fizeram num dia. O proprietario, o sr. Francisco Paulino, residente na Praça do Brazil, 17, é que não se conformou com a resolução do João Augusto e vae dahi queixou-se á policia, que por seu turno deitou a mão ao futuro proprietario, para lhe ensinar que o que é teu não é meu...

OA' ESTA' OUTRO...—E', como veem, vicio que se pega. E este de mais a mais com grande, pois foram nada menos de 17 quilos d'elo, no valor de 70$00, que um tal Ignacio, cujos sinaes o sr. José Antonio, da rua de S. Mamede, 64, deu á policia, que ele levou, naturalmente para a empregar na construção ou reconstrução d'alguma moveis seus que estavam avariados. E iá vae a policia vêr se consegue deitar-lhe uma escora para o levar ao bom caminho.

RELOGIO E OBJECTOS DE OURO QUE «VOAM».—Todo o cuidado é pouco quando se trata de objectos de valor. Fica-se de um momento a outro sem eles, e maior parte das vezes sem se saber como. Não teem azas, mas parece que as teem.

Querem exemplos? Nada menos de dois lhes podemos hoje dar.

O sr. Antonio de Menezes, da rua dos Remedios, 168, desapareceram um relogio de prata e corrente de ouro, no valor de 120$00; ao sr. Joaquim Ferreira, da rua Conde Redondo, desapareceram um cordão, tres berloques e uma peça de 10$00, tudo no valor de 1.000$00.

Cuidado, muito cuidado, porque tanto um como outro não sabem nem quem foram os «santos» que operam o milagre, nem onde páram os seus ricos objectos.

UMA HOSPEDA «RECOMENDAVEL».—A Maria da Piedade aproveitando a ausencia do dono da casa onde estava hospedada, na rua de Moscavide, pateo do Cananão, deixando de fazer pelo dinheiro—sempre o maldito dinheiro!—foi-se aos haveres do seu hospedeiro, o sr. Antonio Filipe, e «bifou-lhe» a quantia de 100$00. Agora, vae sofrer-lhe as consequencias.

OS SUICIDAS.—Sae amanhã da Morgue o funeral do Antonio João Ferreira, que se suicidou com um tiro no ventre, ao que parece por motivo de amores mal correspondidos.

A provincia n'«A Capital»

ALMADA, 9.—Lavra certa agitação entre os republicanos do concelho d'Almada por motivo da nomeação de novo administrador.

Alguns liberaes da Cova da Piedade reuniram no passado domingo, resolvendo pedir a nomeação de um individuo estranho ao concelho. Em Caparica, alguns outros liberaes reuniram tambem e resolveram solicitar a nomeação de um individuo dali.

Os liberaes da vila de Almada, juntamente com os de outras localidades, com o aplauso unanime do partido democratico local e de uma grande parte da população, interessam-se pela nomeação do vice-presidente da comissão executiva da Camara Municipal e escrivão da Misericordia, velho republicano, que antes da proclamação da Republica exerceu a bandeira Republicana no forte de Almada e correspondente do jornal «Republica», pessoa que pela sua honestidade se impõe á consideração de todos.

Venceram, porém, os liberaes da Cova da Piedade. Temos informações seguras de que para Almada irá alguem de Lisboa. Podemos asseverar, sem receio de desmentido, que semelhante acquiescencia aos desejos dos liberaes piedosenses veiu irritar os animos, pois que a população do concelho, onde predomina o operariado, vê com antipatia a nomeação de autoridades de fóra. Dizem até que a deliberação hontem tomada na sessão da Camara Municipal, acerca da transferencia do telefone que se encontra na administração do concelho, não são alheios os factos que se estão desenrolando.

O presidente da comissão executiva da Camara, chefe do partido democratico local, e que como administrador do concelho tanto se evidenciou no caso da prisão do Caolinhas, como prova de consideração pelo seu colega da vereação concelhia resolveu licenciar-se, entregando-lhe a administração até á posse do novo administrador.

Parece que o numero de abstenções no proximo acto eleitoral será elevado, em consequencia do que se está passando.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 18 horas, do dia 25 do corrente mez de Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Mamede ao Caldas, 63, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1, 50 a 3, 50, largura minima de 0, 25 e espessura de 0, 10 a 0, 16.

O preço a indicar será por cada uma tonelada de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro ou dentro de barcos acostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em envelope fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmo».

O concorrente ao qual o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido quando se dê por concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatario possa fazer qualquer reclamação ou ainda o de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.

O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes

(a) *Pelo Terenas*

A CAPITAL

3804 — 11.º anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escriptorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 10 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Emquanto é tempo

O publico não tem decerto deixado de observar os esforços desesperados para manter a alta da libra, é claro que da libra-ouro que é hoje mais um objecto do que uma moeda, visto que pela taxa do cambio é que se fixa mathematicamente o valor da libra-cheque, necessaria para todo o genero de transacções. Mas o que se pretende é inspirar a convicção de que a libra não tem baixado de valor, ou pelo menos essa baixa obedece a constantes fluctuações, não havendo portanto uma verdadeira melhoria do cambio. E' um artificio sofrivelmente grosseiro, mas não tem sido á custa de toda a casta de artificios que a especulação cambial se tem mantido?

A verdade é que a libra-cheque tem baixado constantemente n'estes ultimos dias, porque a melhoria do cambio é um facto. Comprova-se pelo exame das suas taxas sucessivas, e a libra não podia esquivar-se a esta melhoria.

Não é, comtudo, inoffensivo o «truc» que consiste em fazer passar a libra-ouro, que de resto se não compra, de 35 para 40 escudos, e depois de 40 para 38, para naturalmente se lhe dar no dia seguinte outro valor ficticio. Não é inoffensivo, porque gera em varias classes de comerciantes a esperança de que podem manter a alta de certos generos e productos. E d'ahi observar-se, nos preços d'esses generos e d'esses productos, os mesmos vaivens que se observam na valorisação da libra-ouro.

E' esta a faina dos pequenos especuladores contra os quaes se torna necessaria uma defesa tão persistente e tão energica como a que se está evidenciando contra os grandes especuladores.

Pois se até varia o preço da batata, nas mercearias, para acompanhar as manigancias feitas com o cambio relativamente á libra! E' assim que vimos o seu preço descer de 36 centavos até 22, depois alterar-se até 30, e agora estão descendo para 28 e 26.

Não ha duvida. Estavamos illaqueados na rede d'uma especulação geral que nos tolhia todos os movimentos, e foi preciso que lá fóra se desenhasse um movimento, irresistivel como a acção das proprias forças da natureza, no sentido de se voltar ao equilibrio economico perturbado pela guerra, para que nós vissemos emfim romperem-se algumas malhas d'essa terrivel rêde.

Tinha de ser assim. Tão impossivel era que emquanto o mundo inteiro gemia n'uma crise espantosa, de caracter economico, financeiro e social, resultante da guerra, nós vivessemos aqui n'uma tranquilidade e n'uma abundancia paradisiacas, como impossivel seria que continuassemos asfixiados por uma situação em que o custo da vida aumentara em mais de 1.000 por cento, quando lá fóra as circunstancias se tivessem modificado a ponto de se nutrirem esperanças de voltarmos á situação anterior ao conflicto mundial.

E' isto que os especuladores não levam á paciencia; mas hão de resignar-se á evidencia dos factos. A baixa dos cambios é o aviso que as circunstancias lhes formulam no sentido de pôrem termo á sua ganancia. Se não, pouco tardará o momento em que os detentores das cambiaes não possam escapar a um descalabro definitivo, como os possuidores de «stocks» de mercadorias se verão obrigados a desfazer-se d'eles, de choire, com perdas importantissimas.

Tudo por não quererem comprehender a situação que, hoje, ainda lhes dá tempo para se irem gradualmente adaptando ao novo estado de cousas emquanto que, amanhã, não serão já senhores de determinarem a baixa dos seus preços.

D'uma cousa podem estar certos: isto, por mil e uma razões, já não volta para traz.

As relações franco-americanas

O que diz um grande financeiro norte-americano

PARIS, 9.—O «Matin» publica hoje um artigo do grande financeiro americano Otto Kahn, no qual este afirma que o povo americano está profundamente desejoso de ajudar financeira e economicamente a Europa e especialmente a França. O sr. Otto Kahn é de parecer que a colaboração da America será interessante sobretudo para o desenvolvimento do vasto e rico imperio colonial da França.

Declára tambem que o sr. Briand, pelos seus recentes discursos, ganhou a opinião americana toda e contribuiu largamente com os seus actos para vencer na propaganda aquelles que apresentam a França como tendo grandes ambições militaristas e conseguiu demonstrar que a França, ao mesmo tempo que trabalha pela sua segurança, entende que deve viver na ordem, na tranquilidade e na paz.

O sr. Kahn conclue por dizer que os laços de afeição da America pela França são tão profundos que nada os pode romper e que esta pode estar certa de que nas questões litigiosas actuaes a opinião da America será a de uma amiga calorosa e leal que não tem outro fim senão servir os interesses permanentes da França e o seu bom estar no mundo.—(H).

A caminho da Promissão

Responsabilidades dos profissionais das finanças e da economia — Nenhum, elucidando o publico, opôs resistencia ao descalabro

Não me venham dizer que todo esse grande edificio de usura dentro do qual se ia estiolando uma nação cheia de recursos e de riqueza foi obra apenas dos argentarios. Estes puzeram na sua construção todo o espirito malefico da sua ambição insaciavel, ao seu serviço convocaram todos os elementos de sugestão e de propaganda; fundaram jornaes, adquiriram outros, subornaram opiniões e assim chegaram a fazer a atmosfera de convicção geral, de que tarde ou nunca se levantaria cabeça. Não faltava publico ingénuo a cruzar os braços, a conformar-se com aquilo a que é costume chamar-se fatalidade.

Ainda momentos antes de começar a campanha eu disse a alguem:

«Todas estas dificuldades desaparecem (aumentos de subvenções, aumentos de salarios), e tudo barateia e melhora de condições, desde que o cambio venha para baixo.»

«Mas isso»...; acrescentou esse alguem, com um encolher de hombros, de que se faz acompanhar a certeza na inverosimilhança, no que reputamos impossivel.

Persuadida de que estavamos em liquidação, andava toda a gente, e por esses longos mezes de provação uma vez ou outra tive de aparecer a deitar agua na fervura do nosso descredito,—tão assustadoramente se falava na grande imprensa, ácerca do descalabro que, segundo a mesma, nos pregava no fundo do abismo.

Então só eu escrevia, só eu me ria da falta de comprehensão do nosso estado economico que admitia tais suposições.

Que de teorias, que praga de calculos, quanta informação de estatisticas para nos convencerem de que eramos uma nação liquidada! E oh! assombro para a minha razão! quanto mais eles tornavam inabalaveis as suas deduções, donde se concluia que estavamos em «articulo mortis,» maiores eram os signais de vida que a realidade teimava em me pôr diante dos olhos.

Mas tudo isto não podia ser obra só dos argentarios; se a sua cupidez não encontrava resistencia de especie alguma, era porque em Portugal não havia quem soubesse ou quizesse ver e dizer a verdade.

Eu não me convenço de que todos estivessem peitados ou interessados na alta dos cambios. Não; os meus compatriotas não são todos de natureza mercadejavel. Ainda ha quem se não venda entre nós, e entre nós mais do que em nenhum outro povo.

Como então explicar, que,—num paiz onde ha tantos economistas de carreira, tantos professores de finanças, tantos profissionais da questão social,—ninguem apparecesse a meu lado, a gritar comigo, a grande verdade da nossa riqueza ?!...

Contudo ninguem se riu, quando ha mais de um ano eu afirmei pela primeira vez no «Portugal» que a nação estava riquissima. Graves se mantiveram os homens, quando de ha mezes para cá o tenho vindo a repetir nestas colunas. Todavia a «scie» do desoredito voltava a avolumar-se. No dia seguinte á minha investida sempre aparecia na imprensa de grande tiragem uma «amende honorable»,—dizia-se; «na verdade o paiz tem grandes recursos, mas é necessario aproveita-los, quando não, a continuarmos assim, estamos perdidos!»

E perdidos, perdidos de cabeça, estavam apenas os technicos da finança, os teoristas que tal proclamavam; porque a essa hora se mostravam divorciados absolutamente do que ia pelo paiz fóra. A producção do nosso solo, a producção de S. Thomé, laborada ou por laborar, esfa para os mercados estrangeiros, e os portuguezes depositavam ouro á farta lá fóra nos bancos, mercê da desconfiança fabricada cá dentro, e a que ninguem opunha resistencia.

Dizia um: «Isto é um paiz perdido; pois dois terços dos portuguezes não trabalham».

E o personagem, que largava esta sandice por toda a parte, não ponderava, que Lisboa, onde de facto se vadia, não é o paiz, e que um povo detentor de tanta riqueza deve ser pela natureza das coisas um organismo menos dado ao esforço do que qualquer outro, aquem a muita necessidade esporeia. Os povos são como as crianças, não teem vicios. Movem-se segundo as necessidades e, se um sonho de gloria, um impulso religioso nos levou á India, o que é verdade, é que para havermos o necessario nos basta estender a mão.

Mas vá-se lá vencer o pessimismo da raça, a indole submissa, perante o que se nos afirma como irrefragavel? Foi assim que os portuguezes se deixaram convencer de que estavam pobres na phase maxima da sua riqueza.

Eram muitos os que lhe demonstravam com numeros, com estatisticas, com inducções indiscutiveis, que iamos em liquidação, porque isso lhes interessava; eram os altistas e seus apaniguados, e ninguem, absolutamente ninguem, aparecia a falar-lhes de que um povo muito rico é como qualquer outro ricaço,—não carece de grandes esforços como o que nada tem, como o que tudo hade angariar. Ninguem vinha dizer-lhe que as privações durante 5 anos de guerra e de armisticio se tinham convertido em ouro, depositado nos bancos extrangeiros por uma exportação, que se não contentava com o excedente da producção, que ia mesmo de encontro aos nossos estomagos. Ninguem lhe contava a historia do avarento, do Harpagão, do «Mr. Grandet» de Balsac, passando fome, privando a familia de tudo, para contemplar feliz e malvadamente os seus milhões acumulados. E este quadro de avareza era bem o da familia portugueza nesses dias amargos.

Falharam pois os homens da finança, os didaticos e os professores, como falharam os economistas. Nem todos estavam comprados, faço-lhes essa justiça; mas estavam vendidos perante o desconcerto das suas teorias e a errada informação que tiravam dos factos.

Portugal está rico, como nunca esteve depois dos tempos da India. Na America e em Londres, compram-se centenas de contos de papel portuguez. Os homens do cacau, os dos vinhos, os da cortiça, os das madeiras, os da lataria vária de conservas, contemplam desvanecidos os seus depositos em ouro, ainda lá fóra, e entretanto o cambio melhora, com desusada velocidade. E deixaram os profissionaes, os da finança, os da sciencia economica, que se fizesse o desoredito, a tremenda blague do nosso desoredito!

Já é incompetencia!

E' que em Portugal o saber é quasi todo a fingir. Na sciencia como no teatro, é sempre necessaria a marcação dos mestres francezes. Ora como isto não se póde arranjar a respeito das emergencias economicas, porque nestas cada povo tem a sua feição, os nossos financeiros de carreira deram uma tremenda «bota». E digam-nos depois disto se o numero dos Pachecos, não é incomensuravel.

D. Thomaz de Noronha.

PELO TELEGRAFO

A comunidade de esforços entre Portugal e a Inglaterra

LONDRES, 10. — A comissão da exposição internacional da borracha e dos productos tropicaes deu um banquete, a que assistiu o dr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal.

No seu discurso, o presidente, sr. Philip Lloyd Cream, referiu-se elogiosamente á comunidade de esforços entre a Inglaterra e Portugal e ao aperfeiçoamento que atingiu a industria da borracha.—(H).

A gréve dos empregados publicos italianos

ROMA, 10.—O movimento grévista dos empregados publicos está decrescendo, achando-se agora limitado a algumas provincias. 4.000 funcionarios foram suspensos, 495 licenciados e 13 demitidos.—(H).

Demissão que se não confirma

BUENOS AIRES, 9.—Encontra-se em estado gravissimo o internacionalista Luis Maria Drago.

O jornal «A Epoca» desmente a noticia dada por «La Nacion» da demissão do ministro da fazenda.—(A).

Marinha mercante do Equador

QUITO, 9.—Estão sendo estudadas as modificações a introduzir nas tarifas aduaneiras. As associações comerciais e camaras de comercio vão promover uma grande reunião em Guayaquil para a discussão das medidas a adoptar para dar um grande impulso á marinha mercante.—(A).

O candidato á Presidencia da Republica do Brazil

RIO DE JANEIRO, 9—A Convenção ratificou as candidaturas do sr. Artur Bernardes, governador do Estado de Minas Geraes, para a presidencia da Republica e do sr. Urbano dos Santos, governador de Estado do Maranhão, para a vice-presidencia.—(A).

Experiencias de artilharia

RIO DE JANEIRO, 9—O general Camelin, chefe da missão militar franceza, vae experimentar os canhões modernos ultimamente adquiridos em presença d'um grande numero de oficiaes de artilharia brazileira.—(A).

Entrega de credenciaes

RIO DE JANEIRO, 9 — Diogo Carbonell, novo ministro da Venezuela no Brazil, apresentou as suas credenciaes ao presidente da Republica com o cerimonial do estilo.—(A).

A PROPOSITO DA ALTA SILESIA

A VONTADE D'UM POVO

Sobre a palpitante questão da Alta Silesia, publica no «Matin» o ex-presidente da Republica franceza sr. Raymond Poincaré o seguinte interessante artigo:

E' necessario voltar a falar da Alta Silesia, visto que a sua sorte está em suspenso e que o Reich continua a reivindicar as regiões industriaes e mineiras em que o plebiscito pôz a Alemanha em minoria. Razoavel e moderado n'outros pontos, o chanceler Wirth encontra a sofistica sinuosa d'um doutor Simons e o mau humor d'um Fehrenbach quando pronuncia o nome da Polonia.

Não hesita em dizer no Reichstag que a Alta Silesia é uma velha terra alemã e que a Germania tem sobre ela, pela historia e pelo trabalho, direitos imprescriptiveis.

O que lhe dá a coragem de elevar tão alto a voz é a certeza em que julga estar de ter, n'uma questão que se relaciona comtudo com as condições permanentes do equilibrio europeu, o apoio do gabinete britanico, não só contra a Polonia, mas contra a França.

Segundo toda a evidencia, o governo alemão não se curvou deante do ultimatum de Londres senão porque tirou d'ahi duas vantagens inapreciaveis: a primeira, a formidavel amputação que sofria o nosso credito e o abandono definitivo que a França fazia, sem nenhuma compensação, dos sessenta biliões que já adeantou por conta da Alemanha; a segunda, a promessa secreta que a Alemanha sem duvida obtivera de lord d'Abernon de ser auxiliada pelo gabinete inglez no seu conflito com a Polonia.

Mas essa promessa não obriga o governo francez, que a ela ficou extranho e que tem até o direito de se admirar de que ela tenha sido feita sem o saber. Por isso, o proprio sr. Wirth tem o cuidado de a não invocar. Publicamente, prefere apoiar-se no que chama os direitos hereditarios da Alemanha.

✦ ✦ ✦

«Quem te dá a audacia de turbar a agua que estou bebendo?—brada ele a Horfanty.—A agua pura do Oder pertence á Alemanha e é necessario que a Polonia tenha o castigo da sua temeridade.»

Já na nota que comunicou, a 29 de maio de 1919, á conferencia de Versailles, o conde Brockdorff—Rantzau escrevera: «A Alta Silesia está, desde 1163, fóra de toda a união politica com a Polonia. «E o nosso excelente amigo inglez sr. Heynes não hesitará em repetir essa enormidade para sustentar o seu paradoxo pro-alemão: «Nunca, pretendia el, a Alta Silesia fez parte da Polonia.»

Em 1919, quando se realisaram as eleições municipaes, entraram nos conselhos comunaes 6:882 polacos contra 4.373 alemães. Para favorecer o plebiscito, creou-se seguidamente uma multidão de organisações secretas, taes como a Sprée, que fizeram na Alta Silesia, uma propaganda desavergonhada. Apezar de todas as manobras, apezar do voto dos alemães emigrados, viu-se que nas regiões industriaes e mineiras de leste e do sul 673 comunas se pronunciaram pela Polonia, contra 230, onde a pluralidade dos sufragios se exprimiu em favor da Alemanha. E seria no dia seguinte áquele em que a Europa proclamou em toda a parte a liberdade dos povos que os aliados sufocariam propositadamente o brado duma nacionalidade cuja amisade lhes é preciosa, no singular designio de agradar a uma Alemanha que, ainda hontem, imaginava novos pretextos para não desarmar.

E em proveito de quem é que nos convidam a consumar essa espoliação? Em proveito d'um punhado de grandes proprietarios ruraes e de ricos capitães de industria.

Só de por si, com efeito, sete proprietarios alemães, entre os quaes — o proprio Estado prussiano — possuem na Alta Silesia 286.697 hectares de terreno, isto é, mais d'um quarto — 27 % — da superficie total do paiz. Querem os seus nomes? Primeiro, o Estado, com 96.919 hectares, e depois d'ele o principe d'Ujest, o principe de Pless, o principe de Ratibor o principe Stolberg Wernigerode, o principe de Hohenlohe Ingelfingen e, finalmente, o conde Henckel von Donnersmark. E' a estes grandes democratas que nos propõem sacrificar centenas de milhares de operarios polacos.

❖ ❖ ❖

A maior parte das minas de carvão, zinco, chumbo e ferro, ou, por outros termos, todas as riquezas naturaes da Alta Silesia, são egualmente monopolio de alguns potentados da finança alemã. Se nos reportarmos do «compte rendu» do decimo segundo congresso mineiro alemã, reunido em 1913 em Breslau, ficamos elucidados acêrca do numero d'essas poderosas personagens. Eram então vinte e duas, inclusivé o Estado, e ainda, n'esses vinte e dois, havia quatorze cujas minas forneciam 92 % da producção total.

Em face deste pequeno sindicato de capitalistas, a classe operaria, quasi completamente polaca, esteve sempre sujeita a um regimen social de desfavor, em relação aos trabalhadores das outras partes do imperio: salarios inferiores, dia de trabalho maior, emprego sistematico da mão d'obra feminina e da dos menores. Por isso a Alemanha não conseguia fazer progresso algum no coração dos habitantes e hoje a luta não se declarou apenas entre estrangeiros e autochtones, mas se desenvolve entre oprimidos e opressores.

Podemos imaginar a França tomando partido, n'este conflito, pelos ventres dourados do Koenigsberg ou de Berlim contra os mineiros silesianos? A propria Inglaterra, para falar a verdade, repudiaria todas todas as suas tradições liberaes se persistisse na tese que até agora o seu gabinete sustentou o que é não só contraria ao texto e ao espirito do tratado de Versailles, mas aos principios, que como nós professa, de soberania popular e de justiça social.

Decididamente, Frederico II tinha mais que razão quando dizia, com o espirito de Voltaire: «Começo por tomar. Encontrarei em seguida pedantes que mortos e vivos! Soou a hora para todos de demonstrar que as comunas que se pronunciaram pela Polonia na recente consulta popular devem ser entregues á Alemanha.

Mas Fredico, louvado Deus, traiu-se a si proprio. Tinha, como sabem, pretenções literarias, e compôz as «Manhãs d'um rei». Confessa ahi cinicamente as suas ambições de conquistas: «Quatro pontos principaes, escreveu ele, se ofereciam a meus olhos (saboreiem o enfemismo: se ofereciam) a Silesia, a Prussia polaca, a Gueldre holandeza e a Pomerania sueca. Resolvi «tomar» primeiro (desta vez a palavra saiu) a Silesia e esperar ocasião favoravel para me apoderar das outras provincias».

❖ ❖ ❖

A Alemanha diz-nos: «Não posso prescindir da Alta Silesia. E' para mim um orgão vital. Se m'a arrancam, morro». Não, não, formosa senhora, não morrerá. Perdera apenas um meio de prejudicar, que os amigos da paz não desejam deixar ao seu dispor. Reconheceu muitas vezes, durante a guerra, que sem a industria da Alta Silesia teria sido forçada a depôr as armas muito mais cedo. Eis porque considera a Alta Silesia como um orgão vital. Está bem, compreendemol-a.

Seria facil, de resto, mostrar que, ha muitos anos, os laços economicos pelos quaes a Alemanha se esforçára por prender a Alta Silesia tendiam a afrouxar e que, pelo contrario, a força das coisas tornava já, todos os dias mais intimas as relações d'essa provincia com a Polonia. Carvão, coke, ferro, zinco, adubos artificiaes, acido sulfurico da Alta Silesia espalhavam-se, antes da guerra, pelos mercados polacos, ao passo que, por outro lado, os territorios polacos forneciam já á industria silesiana quantidades importantes de materias primas.

«Deixem-me proceder, dizia Frederico a Maria-Thereza d'Austria, e eu saberei açamar bem o gado polaco, Maria Thereza «chorava sempre», mas, tambem sempre, «continuava a tomar». Deixou proceder. As populações polacas foram tratadas como um rebanho e a Alta Silesia passou para o dominio prussiano.

❖ ❖ ❖

Até então, nunca ela fora alemã. Seguira os destinos principescos dos Piasts e dos Jagellons. Estivera, durante momentos, ligada á Bohemia, isto é, a um outro paiz slavo, mas ficara sempre polaco na propriedade rustica. Na vespera da guerra, as estatisticas oficiaes do imperio da Alemanha, quer as estabelecidas sobre o recenseamento geral de 1910, quer sobre o inquerito escolar de 1911, acusavam uma grande maioria de habitantes polacos.

Este movimento, determinado pelas leis etnicas e geograficas, não poderá deixar de se acentuar, agora que a Polonia é independente. E' o que a Alemanha teme, mas talvez que não tenhamos razões para considerar perigosas as perspectivas que a inquietam... Sem nos opôrmos sempre ao que ela deseja e sem cegamente confiarmos em tudo o que ela receia, seriamos um pouco ingenuos em nos deixar n'este ponto enternecer pelas suas lamentações.

Tudo nos impõe que sustentemos a Polonia: o tratado, o plebiscito, a lealdade, o interesse presente e futuro da França, o interesse permanente da paz. Nem hoje, nem amanhã, é possivel cedermos.

Luiz de Camões

O Trinca-Fortes, cuja estatua aqui temos em frente, o portuguez vivo e impulsivo cuja ação se estendeu a trez partes do globo terrestre, o poeta em cujo typo e obra se consubstancia a alma portugueza, tem hoje o dia da sua celebração.

Mas que celebração, santo Deus!

Estamos certos de que ninguem, absolutamente ninguem, se lembrou hoje da sua vida, foi reler a sua obra.

Almas positivas e chatas, o que seria Luiz de Camões para um açambarcador dos nossos tempos. E' facil de prever.

O grande Luiz seria um desordeiro, um elemento perturbador que apareceria aos burguezes conservadores uma ameaça d'assaltos.

Aos literatos um ginja que se não pintava nem falava de si como notabilidade. Um pobre diabo, um zaragateiro, cujos versos, nada valem ao pé de suas producções estupendas.

Ora para ser isto e para ser lembrado por trambolhos d'esta força— melhor é o esquecimento.

Que o olvido! que suave remanso! Do grande Luiz, do maior portuguez, resta-nos uma coisa bem caracteristica no seu dia—o feriado.

SEXTAS-FEIRAS

Letras a praso

Escola de «atitudes criticas»

Na impossibilidade de conseguirmos que o sr. Raul Proença (sem embargo o grande critico dos criticos) venha dirigir uma nova escola dos orientadores oficiais da opinião publica acerca das variadas manifestações do nosso genio—e do nosso mau genio—literario, artistico e musical, resta-nos apenas, na medida das nossas forças, ir cumprindo o seu vehemente apelo, feito no «Diario de Lisboa», para que haja mais homens...

E, tendo o sr. Proença decidido, como uma barata loura de biblioteca, roer e mastigar, reduzir a pó e a lixo, trucidar e engulir, toda a produção literaria contemporania (a qual bem pouco substancial acha para o seu devorador apetite), nós daqui lhe prometemos solenemente não só não escrever nenhum livro indigesto para o seu exigentissimo estomago, como assistir impassiveis a essa luota tremenda que se vae travar entre o sr. Proença e a sua geração.

De resto já tinhamos a certeza de que na sua furia iconoclasta (com todo o pesado armamento de 40.000 volumes de erredição) e que o S. Proença atiça encarniçadamente contra os «Eratóstenes juvenis», nos não podia incluir, felizmente a nós, debil grão de areia desta literatura inofensiva e passageira de jornal—tão passageira quasi como o próprio e respeitavel sarampo destruidor do feriosissimo e zeloso funcionario da Biblioteca Publica.

De resto nós estaremos sempre com S. Ex.ª na «Acacia» girandola final do seu artigo d'ante-hontem: «Oh a bela palavra triunfante, a afirmação, a promessa, o desafio aos deuses e ao destino, a estatua maravilhosa de que todos nós devemos ser os estatuarios!»

«—Oh! Sim!» Estaremos com o sr. Proença, muito á vontade, contra a «liroe dos impotentes» e contra o «Azilo dos Invalidos falhados das letras», contra os escriptores dos «bofes e dos punhos de renda» (trema Sr. Dr. Julio Dantas!) e contra a «Cruzada Invalidos Pereira!»

A é que finalmente surge o sr. Raul Proença, a pôr tudo devidamente no seu logar, a arrumar os homens na vida com a mesma simplicidade com que pode arrumar livros na estante.

E, é caso para nos felicitar-mos—o sr. Raul Proença vale por si toda uma epoca e toda uma literatura.

E' o que se chama um homem de vistas largas—nem admira, porque sempre é o escriptor que dispõe da maior biblioteca...

De todo o artigo sensacional do sr. Raul Proença, publicado ante-hontem no Diario de Lisboa, só, porem, uma passagem me desnorteou: é a questão das «atitudes criticas».

Oh, mas caro senhor, isso é que se chama não querer ver! Se eles estão ahi a cada passo,—desde o governo cuja «atitude» é, coitado, sempre bem «critica» até... a qualquer pessôa... que sofre dos intestinos, pois não é verdade?!

Festas de estudantes: Alunos de direito. Alunos de medicina

Neste paiz onde tudo se exagera e caricaturisa desde as leitarias chics ás portas de ministros, não nos admira o aspeoto que tem tomado, de exagero e repetição.

As chamadas festas de estudantes. Ha muito que dizer sobre uma festa de escolares. Eu sou—confesso-o,—das pessoas que supoem que uma coisa, mesmo de estudantes, se não deve fazer contando só com pernas abeludas de bailarinos e com a classica «alegria da mocidade», que não raramente é a maior sensaboria de que ha memoria. Eu sou mesmo daqueles que criticam asperamente a desorientação, a falta de espirito e de inventiva, e sobretudo a falta dessa mesma alegria, nas festas dos estudantes. Eu não assisti ás festas de Coimbra, Ao «Auto da Sebenta», e ás revistas a que presidiram espiritos de «elite» como Afonso Lopes Vieira.

Guardo apenas da feira franca da Polytechnica uma bela recordação de alegria e de movimento.

O que me parece porem—e muita gente está ahi a atesta-lo todos os dias—é que nessas festas havia realmente «espirito».

Hoje o que são as revistas levadas á scena pelos alunos das nossas escolas superiores? Devemos confessa-lo, enormissimas massadas em intermináveis actos, que só mediocremente podem interessar os papás que lá teem os filhos «á moda do minho»—as mamãs que emprestam a pele velha e o «quico» para figurar na festa.

Mas isso não basta. Aqueles que não percebem uma piada gabril ao lente A, nem o remo que dado ao empregado B, ficam perfeitamente desapontados.

Depois, ainda as revistas podiam ter aspecto de criticas que mesmo sem se poder apreender a sua razão tivessem espirito, mas isso sim... A ausencia de graça é absoluta.

Ultimamente assisti á recita dos alunos de direito. Subscreviam a revista dois rapazes mais que regularmente inteligentes.

Um deles Tomaz Colaço é mesmo já alguem nas letras e no jornalismo —Pois senhores, nem mesmo com esses belos elementos se conseguiu uma noite alegre e espirituosa. Em compensação a recita do alunos de medicina, constituiu, quasi unanimemente, uma manifestação de graça de movimento e de alegria.

Quer portanto dizer que a falada pobreza de intelectualidade da geração das escolas superiores não é um facto, como pelas indicadas festas escolares se podia deduzir. E apenas uma questão de esforço, de cuidado e de orientação.

Veem os rapazes do liceu, onde as festas escolares são uma coisa ignobil — desde os «salsifrés Pires» até ás pretenciosissimas e ridiculas representações teatraes de grandes peças — e entrava na universidade com essa furiosidade dramatica que desabrocha anualmente nas revistas massudas... Ainda se ao menos o exemplo das festas de educação fisica pegasse, e em vez de revistas fizessem festas de «sport», como as toiradas da Médica, e como os antigos torneios inter-escolares tão brilhantemente começados em Palhavã em 1910, mas isso sim — havemos de gramar as revistas tremendas da «alegre mocidade», e as representações dramaticas dos meninos do liceu.

....

Se eu me lembro dessa representação no velho liceu da Lapa em que no «Frei Luiz de Sousa», o D. João de Portugal vinha «á marinheira» e a D. Madalena de Vilhena «perna á vela e peugas escocesas...»

O HOMEM QUE PASSA

A ALEMANHA E OS ALIADOS

O exercito de ocupação permanente

BRUXELAS, 9.—No mez de agosto proximo deve ficar constituido o exercito de ocupação permanente.—(H).

Protestando contra o incidente de Gross Itrelitz

PARIS, 10.—E' muito provavel que o embaixador francês em Berlim, sr. Charles Laurent, proteste oficialmente junto do governo por causa do incidente de Gross Strelitz e que o sr. Briand peça ao gabinete de Londres para se associar a essa «démarche».—(H).

Desculpas do embaixador alemão

PARIS, 10.—O dr. Mayer, embaixador da Alemanha em Paris, procurou mr. Briand para lhe apresentar, em nome do governo alemão, desculpas pelo incidente ocorrido perto de Gross Strelitz, onde um posto francez composto de 15 caçadores a cavalo foi atacado, ficando alguns feridos e todos prisioneiros.

O dr. Mayer explica o lamentavel incidente dizendo que a força alemã julgou haver-se com um posto de polacos. Logo, porém, que se reconheceu o erro, foi pessoalmente o general Kosfor apresentar as suas desculpas á comissão interaliada de Oppoln. Mr. Briand respondeu que tomava nota das desculpas apresentadas pelo governo alemão e aproveitava o ensejo para recordar que o tratado entregou á comissão interaliada o encargo de manter a ordem em que o territorio plebiscitario da Alta Silesia e que porisso devem desaparecer dali quaisquer forças alemãs, pois só assim a ordem se restabelecerá.—(A.)

Os portuguezes no Brazil

continuam a ser considerados como irmãos

Uma distinta poetiza e artista brazileira, n'uma carta que dirige á nossa prezada colaboradora e ilustre artista sr.ª D. Maria Judice da Costa, referindo-se ás relações entre portuguezes e brazileiros, diz, textualmente:

«Não creia em que sejam mal tratados os portuguezes no Brazil. Portuguezes e brazileiros continuam a formar uma só e mesma familia.

Uma meia duzia de pessôas sem importancia, exploráram uma lei contra a pesca, decretada por um governo que não da dinheiro a dois «jornalecos», que fazem essa campanha difamatória e enviam as noticias para ahi... E' tudo mentira»!

O congresso beirão

LAMEGO, 10. — Partiram para Vizeu grande numero de pessoas que vão d'aqui assistir ao congresso beirão, que ali se realisa e que está despertando grande interesse na região.

As tropas americanas na Alemanha

LONDRES, 9.—Os jornaes publicam um telegrama de Washington noticiando que o senado rejeitou a proposta para que as tropas americanas sahiam da Allemanha dentro de tres mezes.

Cruzador «Cassiopé»

Saiu hoje do Tejo o cruzador francez «Cassiopé», que ha dias se encontrava entre nós.

VIDA SPORTIVA

LAWN-TENNIS

Os portuguezes perante os campeões do mundo

Até hoje em Portugal tem servido de bitola para o tennis os encontros com os nossos vesinhos—os hespanhoes. E' forçoso confessar que na quasi maioria das vezes, embora com muitas honras temos sido derrotados. Mas se por um lado o aspecto d'essa questão não nos seja favoravel, tão pouco deve ser esquecida a evolução imensamente rapida que os nossos jogadores sofreram n'estes ultimos anos, que as classificações anteriores comparadas com as d'agora demonstram exuberantemente.

Eu não digo que passamos amanhã pretender ganhar o campeonato do mundo, mas o que afirmo é que o campeão do mundo tem de trabalhar para vencer a nossa «élite».

Os hespanhoes que o nosso publico, pela força do habito, começou a confundir com as superioridades relativas, tem afirmado em encontros consecutivos internacionaes, uma superioridade definida.

Hoje os hespanhoes são fav ritos, em campeonatos em que concorrem os melhores homens da Africa, Asia, Europa, America e Oceania.

Quer dizer é contra adversarios d'estes que temos perdido, como é contra jogadores d'estes que temos ganho. Verda, Vila Franca, Ryder tem visto o seu nome figurar bem alto. No ultimo campeonato de Madrid Antonio Casanovas consegue contra Lorentz (campeão do mundo), o bonito score de sete jogos contra cinco e segunda partida quatro contra seis. Perde mas perde bem. No entretanto não é o nosso melhor jogador. Não existem as diferenças tão cantadas por aqueles que pretendiam espantar o nosso burguez.

Já tivemos ocasiões de vêr isso quando movidos pela curiosidade os nossos jogadores quizeram conferir por seus proprios olhos os exageros citados.

Hoje trabalha-se no tennis.

Já vao longe o tempo dos suspensorios e da calça branca de passeio.

Hoje Portugal possue uma elite de jogadores que podem sem vergonha, fazer frente aos grandes campeões.

Nos primeiros anos os estrangeiros seguindo o adagio latino do veni, vidi, vinci, não lograram desmanchar a nossa vontade de vencer, de ser alguem dentro d'esse sport, e para que negal-o, conseguiram.

Ninguem conhece isto que aqui dizemos vem na aldeia de Paio Pires, nem em Lisboa.

A nossa ignorancia é tépica, e é sobretudo criminosa por ser anti-patriotica.

Ninguem sabe por exemplo que ha já dois anos consecutivos, os portuguezes concorrem aos campeonatos internacionaes de S. Sabastian.

No primeiro ano é Casanovas que representa a nossa bandeira e perante cento e dezasete inscrições consegue classificar-se em segundo logar no Han-Cap. de primeiras categorias. No segundo ano perante as equipes internacionaes da Inglaterra, França, Italia, Chili, Hespanha, Belgica etc., quando a maioria d'essas equipes não conseguem premios, a equipe portugueza constituida por D. José Verda, Antonio Casanovas, Ernesto Ryder, Antonio Pinto. Coelho, conseguem trazer para Portugal tres copas.

Quem sabe isto? o nosso publico? Não. Não houve uma referencia lisongeira, não houve uma homenagem, nem um simples agradecimento, pelo sacrificio desses homens em prol do seu paiz. O gosto passou desapercebido, e no entanto essa pleiade de rapaziada verdadeiramente sportiva, sem se importar com a indiferença daquelles que tinham como obrigação incitar uma propaganda que tanto nos tem honrado, continuaram a trabalhar e chegaram a esse resultado verdadeiramente curioso, é que os jogadores portuguezes começam a ser conhecidos no estrangeiro, emquanto no seu paiz continuam a ser confundidos na grande massa anonima.

Não pode ser assim. Vamos apresentar-nos ao campeonato da Primavera, que se realisa no proximo dia 15 do corrente, os nossos homens, os seus adversarios, os possibilidades de exito, e reservaremos tambem uma grande esperança, para alguma surpreza que encha de orgulho o nosso espirito patriotico.

FOOT-BALL

Depois d'amanhã, no Stadium o Sevilha joga contra uma seleção portugueza

Realisa-se depois d'amanhã o terceiro encontro de foot-ball entre o Sevilha e uma seleção constituida por jogadores dos Belenenses e Sporting.

O desafio efectua-se no magnifico campo do Stadium, pelas 17 horas e meia.

Federação Socialista de Desportos

Uma nova agremiação sportiva

Com o titulo de Federação Socialista de Desportos Atleticos acaba de se organisar esta agremiação sportiva, que a exemplo das suas similares do estrangeiro, se destina a orientar na pratica dos sports as juventudes operarias.

No palacio das Galveias, ao Campo Pequeno, onde tem a sua séde, serão inaugurados em breve salas de Box, Ginastica e Jogo de Pau, preparando desde já tambem a sua direcção um grande festival de sports atleticos, que se realisará possivelmente em meados de Setembro. A titulo de ensaio e para preparação dos seus concorrentes, a F. S. D. A. organisará pequenas provas, especialmente na provincia, a primeira destas provas realisa-se hoje no Barreiro e conta com a adesão de todos os clubs do Barreiro e ainda de Cintra Foot-Ball Club.

Uma homenagem

Realisa-se no domingo a Manoel da Silveira

Os amadores e profissionaes em pesos e alteres, desejando manifestar seu muito apreço e admiração pelo glorioso atleta Manoel da Silveira, campeão de Portugal e «recordeman» do mundo, resolveram levar a efeito no proximo domingo, nas salas do Ginasio Club, pelas 24 horas e meia, uma festa em sua homenagem.

Para esta sessão aflue para lhe ser entregue uma medalha de ouro, seguida de um seguida lugar uma sessão de pesos e alteres, em que tomará parte grande numero de atletas.

Esta festa é patrocinada pela direcção do Club, a qual organiza um baile nessa tarde. A entrada faz-se mediante a apresentação do quota do mez de maio.

A comissão organizadora, composta dos srs. Mario Costa, Antonio Pereira e Humberto Caldas, convida por este meio a tomarem parte na festa todos os atletas que não tenham recebido convite directo, por lhe ser desconhecida a morada de alguns.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Na egreja da Encarnação, realisou-se hontem o casamento do estimado comerciante da nossa praça e nosso amigo sr. Jaime Prieto Esteves com a sr.ª D. Maria de Jesus Barroso, uma gentil senhora dotada das melhores qualidades de caracter.

A cerimonia revestiu um caracter intimo, tendo os noivos, após o copo d'agua oferecido em casa do pae do noivo, seguido para Cintra, onde vão passar a lua de mel.

Aos noivos os nossos desejos de mil prosperidades e venturas.

Festas associativas

Club Moderno.—Amanhã e domingo, pelas 19 30, realisam-se n'este Club festas familiares, com um programa interessantissimo.

Touradas

Campo Pequeno.—Antonio Rossda e José Belmont, novels diestros, são os espadas de domingo, descendem de familias famosas de toureiros, e manteem as bradições artisticas. Possdo o toureio fino e adorando de seus irmãos, Belmont tem audacia emulando do grande Juan. O cartaz é completado da seguinte forma: cavaleiros, o excelente amador sr. Roberto de Vasconcelos e o valente artista E. Teixeira! bandarilheiros, Cadete, Luciano, J. Frois, R. Largo e A. Carvalho e os hespanhois A. Marroco e R. Valera *Torerito*; forcados tendo por cabo Casimiro Doniel, touros de empreza.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. —«Simone».
S. LUIZ—A's 21 h. —«Os sinos de Corneville».
AVENIDA—A's 21,15—«Pipiola».
GINASIO—A's 21 h.—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo». «Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolarós.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«Companhia francesa de revistas».
GIL VICENTE — A's 21,15—«A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

A CAPTAÇÃO DA ELECTRICIDADE DO AR PARA OS USOS INDUSTRIAES.—Foi publicada, em opusculo, a memoria apresentada pela Academia das Sciencias de Portugal ao Congresso Scientifico do Porto e em que o distincto homem de sciencias sr. A. Ramos da Costa versa um problema sob todos os pontos de vista importantissimo.

ULTIMA HORA

Dr. Costa Santos

No Grande Hotel Duas Nações realisou-se hoje, como estava anunciado, o banquete em homenagem ao distincto medico ophtalmologista, dr. Costa Santos, que ha dias regressou do estrangeiro, onde fora convalecer d'uma gravissima enfermidade.

Foi uma festa, promovida por amigos intimos, onde reinou sempre, como a propria essencia do afecto que a inspirou, uma profunda expressão de regosijo pelo facto que se celebrava, sendo o dr. Costa Santos alvo das mais significativas provas de admiração e do simpathia.

Ao «toast» ergueram-se calorosos brindes, em que não foram esquecidos os distinctos medicos que trataram o dr. Costa Santos, e que são os drs. Anibal de Castro e Leite Lage.

D'essa festa ficou em todos aqueles que a ela assistiram uma perduravel recordação, porque é sempre grato vêr consagrar-se o mérito e a bondade na admiração intemecida dos que os reconhecem na plena evidencia dos factos que os autenticam.

Um furto de 2.400 escudos

E' preso o gatuno e apreendido o dinheiro

O sr. Luiz Patricio, lavrador residente em Coruche, apresentou queixa á policia de que no hotel Avenida Palace, onde estava hospedado, lhe haviam furtado quantia superior a mil escudos, tendo sido já roubado de outras vezes que vem a Lisboa e que ali se vae hospedar.

O chefe Murtinheira, da 1.ª secção da policia de investigação, encarregou o agente Anacleto da diligencia, e este tão bem se houve que conseguiu descobrir e prender o larapio, a quem apreendeu o dinheiro furtado e que se eleva a mais de 2.400$00.

O gatuno chama-se Antonio da Costa Gomes, morador na Costa do Castelo, 152, 3.º, e prestava alguns serviços ao roubado, aproveitando-se das suas distracções para apanhar o dinheiro.

O mesmo agente tambem averiguou que ele tinha furtado do Instituto Pasteur, onde estava empregado, diversos objectos, que já foram apreendidos.

NOTICIAS DA CAPITAL

BRINDES E CALENDARIOS.—Da casa Jaime da Costa, Limitada da rua dos Correeiros, 16 a 26, com deposito de maquinas para todas as industrias, recebemos e agradecemos dois calendarios para escriptorio.

SAFA COM TAL CUNHADO!—Nem a propria familia o José Bento—que por nome não perca!—poupa. E assim foi que, ao tendo ventado para se apresentar com uma certa decencia, mas sabendo que seu cunhado João Tomaz de Carvalho, morador na rua dos Cavaleiros, 17, 4.º, o tinha não esteve com meias medidas.

Foi-se a casa do cunhado e levou, sem consentimento do dono, é desnecessario dizel-o, peças no valor de 187$00.

Que belo exemplo de amor de familia não deu este José Bento! Tambem dosnecessario é dizer que a policia o procura, para lhe ensinar aquele preceito do Evangelho que diz: «Não furtarás».

EM PLENA FALPERRA!—Olhem que os jornaes não exageram e que os jornalistas não mentem quando dizem que Lisboa deixou de ser o jardim á beira-mar plantado, como afirmava o poeta, para se transformar numa autentica serra da Falperra ou no pinhal da Azambuja dos outros tempos.

Imaginem os senhores que na rua dos Poiaes de S. Bento—um deserto, como veem, em pleno coração da cidade—um grupo de desconhecidos assaltou um pacato viandante, o sr. Eduardo Augusto Freitas, morador na rua Maria Pia, 46, rez-do-chão, e, como quer que ele levasse um relogio e corrente no valor de 11$00, entenderam que não lhe deviam deixar esses objectos.

Para que precisava d'eles o sr. Freitas. Sempre ha cada egoista n'este mundo! Estão agora ao senhores mais alliviado. Mas não o entendo ele assim e a prova é que se foi queixar á policia.

AS CARTEIRAS QUE «VOAM».—Não ha maneira de convencer certas pessoas de que não devem ter dinheiro, ou, se o teem, não devem trazer nas carteiras, objectos que estão sujeitos a muitos e variados acidentes, entre os quais o de se sumirem importancia e de desaparecerem d'um a outro momento, sem saber como. Verdade seja que resta a consolação de se exclamar: Foi um ar que lhe deu!

O sr. Joaquim Matta, residente na rua do Beato, no pateo do Monteiro, 9, foi uma d'essas pessoas que nem á mão de Deus Padre se convence do que acima deixamos dito. Qual foi o resultado? Nada mais, nada menos do que ficar sem a sua rica carteira e sem o seu ainda mais rico recheio, a bagatela d'uns 200$00.

Foi um ar que lhes deu!

O DINHEIRO E TAO TENTADOR!—O sr. José Maria de Carvalho, residente na rua Andrade, 57 S., tem o seu pecúlio mas em vez de o guardar no Monte-pio Geral ou n'outra qualquer casa de credito, entendeu que estava melhor no fundo d'uma mala. Pelo menos, julgava-o ao abrigo de olhares indiscretos.

Foi-se a esse estabelecimento e requisição um nome d'aquels senhor diversos geneficios na importancia de 45$00, tratando depois de se evadir.

Mas como se esquecesse de o pagar a referida firma, sucedeu-lhe o que de pior lhe podia acontecer: é a policia interveiu no caso e lhe deitou a mão, apezar dos protestos da sua honradez e de que fora apenas um esquecimento da sua parte. Ela vae o Burgo para o tribunal do burgo, a que o vulgo dá o nome de Boa Hora, um verdadeiro contrasenso, não é do concordar, pois que se devia chamar é para tantos e tantos a Peor Hora, visto que ali é a hora de ajustar contas.

Enganou-se, porque um tal Eduardo Costa, morador na rua da Bemposta, 104, 2.º, aproveitando a ausencia do Carvalho, entrou-lhe em casa, foi-se-lhe á mala e levou-lhe uns 57$00 que ali estavam! O roubado não quiz saber de mais e, apresentou-se n'uma esquadra, contou o seu procedimento.

Pois se o homem precisava, que diacho! E por que é que a policia anda em procura d'ele, porque entende que não foi correcto o seu procedimento.

UM COMERCIANTE DE NOVA ESPECIE.—O comercio tenta muita gente, não ha duvida, de mais a mais sabendo se que no momento actual deixa lucros mais que rasoaveis. A dificuldade, a grande dificuldade, é a falta de dinheiro para poder comprar e vender.

Carlos Pedro Burgo sentia-se com coragem e grande vocação para o negocio, mas lutava com a tal dificuldade e talher-lhes os vãos: a falta de dinheiro. Como, porém, tem uma imaginação fertil e sabendo que o sr. D. Inez de Bragança tinha credito aberto na casa Jeronimo Martins, da rua Garrett, ocorreu-lhe uma luminosa idéia, que tratou de pôr imediatamente em pratica.

Instituto dos Pupilos do Exercito

A festa do 10.º aniversario

Revestiu grande brilhantismo e imponencia a solenisação do 10.º aniversario da fundação do Instituto dos Pupilos do Exercito, realizada hoje, pelas 14 horas. A banda de sapadores dos Caminhos de Ferro executou varios trechos de musica á chegada dos ministros que foram assistir a essa comemoração, fazendo a guarda de honra um grupo de alunos.

Presidiu á sessão solemne o sr. ministro da guerra, que em nome do sr. presidente do ministerio, que não poudo comparecer, sauda o director e o pessoal do Instituto, dizendo ser-lhe agradavel vir ali exprimir a sua satisfação por esta obra tutelar da Republica pelos filhos dos oficiaes do exercito.

O professor sr. João Soares, em nome do corpo docente e dos alunos do Instituto, sauda e agradece a presença dos ministros ali presentes; refere se á obra da Republica nos 11 anos decorridos, lembra as qualidades da nossa raça e põe em confronto o nosso passado glorioso com o presente. Fala sobre a nossa intervenção na guerra e a situação economica e financeira, dirigindo por ultimo o preito da sua homenagem ao general sr. Correia Barreto, fundador do Instituto.

O sr. ministro da guerra procedeu ao descerramento do retrato do sr. Correia Barreto, que recebe uma calorosa ovação bem como descerra os dos srs. capitão Figueiredo, tenente Moura Mendes e major Ortigão Peres.

Pela orchestra do Instituto, sob a regencia do maestro Braz, fizeram-se ouvir lindos trechos de musica, sendo muito aplaudido tambem o orfeon do Instituto.

Seguiu-se a visita ás dependencias do Instituto e um lunch de confraternisação com os antigos alunos.

O sr. ministro da guerra seguidamente fez a imposição das medalhas de valor militar ao tenente sr. Baltazar Ferreira e Henrique Perestrelo.

Depois dos jogos desportivos, procedeu-se á distribuição de premios aos alunos.

Estavam presentes os srs. ministros da guerra, interior, trabalho, estrangeiros, instrucção e comercio.

Representava o sr. ministro da agricultura o alferes sr. Calixto Morgado, chefe do gabinete do ministro ali presentes, os generaes srs. Correia Barreto, Garcia Rosado, Bernardo Faria e Garcia Guerreiro, coroneis srs. Almeida e Ferrugento Gonçalves, tenentes-coroneis, srs. Simos, Nascimento Dias e Pires de Almeida.

Fez-se representar também a Camara Municipal, vendo-se bastantes senhoras, alunos do Colegio Militar, todos os professores do Instituto, justificando a sua não comparencia por oficio o sr. comandante da Guarda Fiscal. A' noite continuam as festas, havendo espectaculo.

Poeira da Arcada

Gabinetes ministeriaes

Pelo sr. ministro do comercio foi autorisado a fazer serviço no gabinete do seu colega do trabalho o sr. Dias Monteiro, chefe do armazem geral industrial do Olhão.

Serviço telegrafico da tarde

SAN-SALVADOR, 9. — Um violento temporal devastou a região de San-Miguel de Guatemala; as torrentes invadiram doze aldeias e 54 habitações em El Transito de Coobagua foram arrasadas.

Não houve perdas de vidas mas as colheitas acham-se prejudicadas.—H.

PARIS, 10. — O Jornal «Paris-Midi» publica um telegrama de Athenas segundo o qual o paquete grego «Bambonlina» proveniente de Smirna teria chocado com uma mina, afundando-se.

De 240 passageiros sómente se salvaram dois.—H.

GENEBRA, 10.—O congresso internacional das Associações pela Sociedade das Nações terminou por adoptar a adhesão dos Estados Unidos á Sociedade, sob propostas dos delegados japonezes e polacos. O congresso pronunciou-se pela supressão dos passaportes. O sr. Ador anunciou a creação da comissão de propaganda constituida por homens eminentes de todos os paizes. O proximo congresso terá logar em Praga em 1922 e ahi examinará a constituição das forças militares internacionaes que devem apoiar as decisões da Sociedade das Nações.—(H).

Visita a Queluz

No comboio das 10,40 foram de passeio a Queluz 92 socios da Sociedade de Arqueologia.

Vinicultores ao Douro

No rapido da manhã, partiram para o Douro uma comissão de vinicultores que vão áquela região tratar de assuntos relativos á agricultura e vinicultura.

Regressam d'ali na proxima semana.

Gremio Liberal de Campo d'Ourique

Iniciaram-se hoje os festejos comemorativos do 11.º aniversario da sua fundação.

A's 11 horas realisou-se a visita dos alunos ao Albergue dos Invalidos do Trabalho, sendo acompanhados pela banda da Sociedade alunos de Apolo.

A's 13 horas, houve distribuição de um lunche aos alunos e ás 15 a sessão solene em que tomaram parte diversos oradores.

A's 18 abriu a kermesse com um concerto pela banda Alunos de Apolo.

A gréve dos electricos

E continuar-se-ha... Para que noticiar mesmo? Pera dizermos ao publico que não ha electricos, que tem de continuar a andar a pé e ser explorado por todas essas especies de veiculos que para ahi apareceram aproveitando a oportunidade?

A verdade é que emquanto a Companhia tiver deficit e a exploração der prejuizo, os carros não andarão. Assim o determinou a direcção ingleza e disto não ha que fugir. Dóa a quem doer, custe o quem custar, a verdade é esta.

E o publico terá de se aguentar, terá de continuar a calcurrear as ruas da cidade.

Como de costume, o pessoal voltou a reunir em sessão magna, para falarem diversos oradores, que nada de novo disseram, limitando-se a aconselhar solidariedade e firmeza.

E está dito tudo quanto se póde dizer.

No Liceu Pedro Nunes

Festa de confraternisação

Realisou-se hoje no liceu Pedro Nunes a festa promovida em honra dos antigos alunos.

A's 11 horas houve aula de lição do professor sr. Adolfo Seno, versando-se o tema «A menina dos cincos olhos», sendo grande a hilariedade, e aula de canto coral pelo mestre Herminio do Nascimento, em que foi cantado «O lagarto e a cobra», de Wagner.

Em seguida, recebeu o reitor, sr. dr. Gonçalves Braga, os alunos na sala da reitoria. O antigo aluno, que concluiu o curso em 1907, sr. dr. Assis do Brito, usou da palavra em nome dos antigos alunos, tendo palavras de saudade para os condiscipulos mortos e em espec al para os que morreram pela Patria na grande guerra.

Refere-se ao antigo sector sr. dr. Sá e Oliveira, dizendo deverem-se-lhe todos os conhecimentos recebidos naquele liceu pelos antigos alunos, e ao conforto com que o liceu está instalado.

O reitor respondeu num eloquente discurso, saudando os antigos alunos e prestando culto aos mortos. Prezese de ser o continuado da obra do dr. Sá e Oliveira.

Seguiu-se um almoço de 60 talheres e depois um desafio de *foot-ball* entre os antigos e os atuaes alunos.

A festa terminou com um baile, que esteve decorrido animadamente.

Congresso Cooperativista

A sessão inaugural do congresso das cooperativas, que se está realisando na Sociedade de Geografia, foi aberta pelo sr. dr. Antonio Luiz Gomes.

O presidente cumprimenta todos os cooperativistas e diz qual deve ser a obra a levar a efeito, falando largamente.

A provincia n'«A Capital»

SILVES, 9.—Estiveram em Silves o sr. Velhinho Correia ex-deputado, o sr. dr. Coelho de Lagos e muitos outros membros do partido democratico de Portimão, Lagos, Lagoa, Monchique Albufeira, Loulé, etc., que juntos aos de Silves constituiram uma numerosa reunião politica do Algarve.—(H).

Industria nacional

O sr. João Sampaio, um activo e inteligente industrial, com fabrica de saboaria na rua de Campolide, 62 a 68, acaba de lançar no mercado uma marca denominada «Sabão Nacional», de sua fabrico especial.

Apresenta-se o novo produto em condições superiores ás marcas até agora existentes e com a vantagem, num preço inferior ao seu preço inferior em 30 %.

Felicitamos o sr. João Sampaio e desejamos que veja coroados de pleno exito os seus esforços.

A CAPITAL

3805 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escriptorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 11 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

Os candidatos de Olivença

Aproxima-se a data das eleições geraes, e se ainda não ha a certeza de arrancar, por um momento, dos seus lares os eleitores, a fim de lançarem uma lista na urna, o que já se sabe é que talvez nunca tenha sido maior o numero dos cidadãos que se julgam nas circunstancias de ser eleitos, e não renunciam á esperança de o ser.

Se assim continuamos, podemos chegar á conclusão de que em parte alguma do mundo se encontra mais desenvolvida a bossa da legislação, porque já ha circulos, ao que nos informam, em que aparecem dezenas de pessoas a querer disputar quatro ou cinco logares no futuro parlamento.

Os partidos estão verdadeiramente infestados d'uma praga de candidatos, todos reclamando, com as mais diversas razões, o direito de serem preferidos para os efeitos da chancela partidaria. Não ha ninguem que se não julgue nos casos de desempenhar as funcções parlamentares, que todavia ainda não ha muito faziam esmorecer as ambições politicas de algumas creaturas inteligentes e sabedoras.

Agora, não! O parlamento é considerado como uma assembleia geral ou mais modesta associação de classe ou do mais obscuro «Club» recreativo. Já se faz taboa rasa dos dotes de eloquencia, que era apanagio da tribuna politica, como o era da tribuna sagrada ou da tribuna academica. Na acusação merecida ao «paleio» dos mediocres, viu-se a condenação da propria palavra, sem a qual a razão não encontra expressões nem o saber realidade.

Para o baixo nivel da mediocridade triumphante e da ignorancia atrevida, formou-se a convicção de que já não ha necessidade de Josés Estevão para o parlamento portuguez, sem se reparar que quando havia nucleos notaveis de oradores nas camaras como Garrett, Pinheiro Chagas, Fontes, Antonio Candido, José de Alpoim, Eduardo Abreu, Latino Coelho e competencias de estudiosos, servidas por uma expressão facil e correcta, como as de Augusto Fuschini, Mariano de Carvalho, Rodrigues de Freitas, Consiglieri Pedroso, e tantos outros, não querendo nós citar senão os mortos, é que o parlamento do nosso paiz não só refulgio do mais brilhante prestigio como prestou mais assignalados serviços á liberdade e á patria.

Então havia receio de entrar nas camaras. Do sr. João Franco se conta que com dificuldade se resolveu a apresentar a sua candidatura, porque tinha a impressão de que não saberia desempenhar condignamente as suas funcções. Agora não ha ninguem, quasi analphabeto que seja, que se não considere apto a fazer parte do poder legislativo.

Nos partidos referve a intriga. O mesmo sucede em torno do governo. Estamos certos de que o partido democratico, nem que tivesse tresentas cadeiras no parlamento a distribuir, contentaria os seus correligionarios avidos de triumpharem nas urnas. E é um partido que d'esta vez não terá naturalmente mais de um terço da representação anterior. Quanto ao governo, ou ao partido liberal, que ele representa no poder, afirmam-nos que tambem se vê doido com toda a especie de solicitações em tal sentido. Não são as dos correligionarios,—são até as de individuos que ao partido não pertencem, mas que querem que o governo lhes apoie as candidaturas com os rotulos de regionalistas ou independentes.

A esta especie de candidatos chama-se já os candidatos de Olivença porque estão fóra do territorio politico onde pretendem grangear direitos de cidade identicos aos dos cidadãos que d'esses partidos fazem realmente parte integrante.

Afinal de contas não serão só estes os candidatos de Olivença, porque candidatos de Olivença devem egualmente ser considerados todos aquelles que estão fóra dos dominios da competencia parlamentar, e, ai de nós! Se eles triumpham nas suas pretenções o parlamento que vae constituir-se será ele todo de Olivença tambem.

Politica franceza

E' aprovado o contrato naval francez

PARIS, 10. — Na camara dos deputados, o ministro da marinha, sr. Guist'hau, disse que o artigo 190 do tratado de Versailles permite que a Alemanha, no prazo de um ano, substitua por cruzadores de 6.000 toneladas as unidades que foi autorisada a conservar. Por motivos de segurança assim como por uma questão de dignidade, a França deve construir novos navios. Em seguida a camara aprovou por 468 votos contra 128 o programa naval, o qual comporta a construção de 6 cruzadores ligeiros, 12 contratorpedeiros, 12 torpedeiros, 36 submarinos e 1 navio de transporte de aviões.—H.

A caminho da Promissão

Aos simplistas da economia

A SORTE DOS IMPORTADORES E PRODUCTORES

A propaganda excessiva, estabelecendo o panico, póde criar nova especulação

Não é este assunto daqueles que se possa tratar d'animo leve. Estamos em face dum problema gravissimo para o paiz, cuja complexidade nem todos poderão acompanhar. Não se trata de sciencia dos livros. Tem de se olhar sim para todos os variados aspectos e atilamente os ponderar, não venha a inexperiencia, a impreparação ou qualquer feitio simplista ser tão prejudicial com a sua intervenção, como o foram os tratadistas de carreira com o seu silencio.

Muito ao contrario do que ontem li, os efeitos d'uma subida rapida do cambio, produziria efeitos desastrosos; aparição subita da libra a 12 escudos, ou coisa parecida, daria pior resultado do que a libra a 52 escudos. E' necessario não sairmos d'um «gachis» para entrar n'outro. Tanto se pode especular com a alta como com a baixa: E os jogadores da rua dos Capelistas depressa o perceberão. Creio mesmo que já se começou com esta especulação. Atingindo a libra rapidamente um preço baixo, é a ruina de todos os importadores.

Ora como Portugal importa quasi tudo e só passou a importar menos, desde que se viu apertado pela carestia do dinheiro extrangeiro, acontece que o numero dos importadores e a sua importancia, na balança da economia nacional é enorme. Posso mesmo assegurar serem os importadores ao lado dos productores as duas unicas forças vivas da nação, se o conselheiro Acacio dére licença!

Citei ambas estas classes, propositadamente, porque serão elas, serão as forças vivas da nação que vão ao fundo, se o cambio trepar a passo de gigante.

Não ha duvida que existem grandes «stocks» de mercadorias em Portugal. O Porto está a abarrotar de generos. Os seus armazens atulhados de mercadoria. E' sabido que toda ela foi adquirida por elevados preços, com a libra proxima da casa dos 5; o que acontecerá se amanhã viér para doze, escudos? se a doze ou dez se fixar?

Os importadores verão as suas importações desvalorisadas em tal escala que se poderão considerar prejudicadissimos, empobrecidos — é o termo.

A vida barateará, não ha duvida; mas barateará demasiado rapido — eclosão que eu tenho sempre acautelado nos meus escritos.

A desvalorisação brusca do existente vem a converter-se numa autentica perda de riqueza para a nação, visto que a riqueza dum Estado — outra vez com licença do conselheiro — está na razão directa, não é outra coisa mais do que a riqueza dos seus subditos ou cidadãos.

Amanhã aparece a libra a doze e, os importadores tendo de liquidar os «stocks» pela quarta parte do seu custo a que ficarão reduzidos? E o que vae suceder á nação de que eles são um valioso activo? Onde encontrará o Estado materia colectavel, desde que essas forças vivas a quem se foi pedir, e com razão, maiores contribuições, se tenham tornado em forças semi-mortas?

Isto parecerá intuitivo a toda a gente, mas como não faltará quem, levado na ancia da popularidade venha, no fim da campanha vencida, não digo já estragar o assunto, mas apertar demasiado a hipotese, — é necessario que eu aqui o proclame bem alto com todas as responsabilidades da minha afirmação, — que a vinda da libra para o preço de 10 ou 12 escudos é um desastre para todos nós.

Em oposição ao que ahi deixo exarado, já se afirmou que tal fenomeno em nada prejudicaria o importador armazenista, por mais atulhados que estivessem os seus armazens. E a razão apresentada é de que eles não importariam mais, emquanto não liquidassem o existente, podendo assim manter a alta ou pelo menos uma descida de preços que os não arruinasse!

Que me diz o leitor a esta?

Está-se a ver toda a gente á espera de que os importadores actuaes liquidem os seus stocks, não é verdade?

Eu, o leitor, todos os que desejam ganhar dinheiro, e que não estão onerados com «stocks», adquiridos com a libra a 5, por uma d'essas humanidades tão proprias no comercio, nada importariamos com a libra a 10 escudos, emquanto os nossos preclaros compatriotas não estivessem a salvo.

Em vez de se formar logo uma aluvião de novos importadores, que tudo poriam arrastadissimo, cá dentro e que enriqueceriam com a baixa dos preços, criava-se mas era uma liga de defesa dos importadores em perigo. Oh! os eternos teoristas!

Não me faltava mais nada senão vêr o principio da concorrencia comercial sustado pela vara magica de qualquer publicista, só para que uma grande descida do preço da libra possa parecer uma coisa admiravel.

Tudo tem os seus justos limites e eu que concorri com os meus argumentos e as minhas razões, apenas ajudado por trez factos (cessação da obra damnada da agencia financial, suprimento em dolars, e dinheiro das reparações) — para a melhoria do cambio, por achar necessaria, corrigir o abuso da libra a 52 escudos, eu que fui o primeiro e durante largo tempo o unico a tratar do assumpto, olharia com sincero arrependimento para a minha obra, se os que me acompanham n'esta magna questão nacional, persistissem em promover o que provarei ser ainda pior para o paiz do que a libra a 50 escudos; isto é,—a brusca e excessiva baixa do preço da libra.

Eis-me chegado á altura das outras victimas dos simplistas da economia.

Arruinados os velhos importadores, que são agora os detentores do existente caro, felizes e a caminho de fazerem fortuna os novos da importação barata, formada uma nova pleiade de negociantes milionarios, a fornecerem os retalhistas, qual seria a sorte do que actualmente enche os armazens?

Tudo ficaria alli a apodrecer?

Capacita-se alguem de que os do «metier», de que os experimentados, se deixassem assim permanecer?

E' pois irremediavel. Os seus existentes teem de acompanhar a alta do cambio, a desvalorisação das suas importações.

E aos produtores, áquelles que teem pago a mão d'obra, as sementes, as explorações, na alta dos preços — o que lhes aconteceria, se como os importadores ficassem com as mercadorias em casa, a ver entrar pela barra dentro as importações feitas pela quinta parte do preço actual?

Deviam ficar felicissimos tambem, sobretudo o pequeno productor, aquele que não tinha pé de meia, para salvar a familia da fome.

As novas importações, feitas a um cambio, com grande diferença de divisa, será a ruina das forças vivas actuaes e um desastre para a nacionalidade, porque é enorme o existente que se desvalorisa.

A isto ha a acrescentar o resultado pernicioso para o progresso da nação, que a brusca elevação do cambio acarretaria.

Promovi por todas as formas ao meu alcance a melhoria do cambio, mas uma melhoria que deve ser lentamente progressiva para que, sendo util a todos, o seja tambem ao paiz.

Não me deixando levar na busca cega de popularidade, alcançada por meio da lisonja dos sentimentos dos que pouco vêem,— processo infelizmente tão usado na politica — tratei de guerrear o açambarcamento do ouro que levou a pouca vergonha a pôr a libra a 52 escudos, mas uma coisa é não consentir a torpe exploração dos açambarcadores do ouro, outra é embarcar na aventura de preparar outra nova e não menos refinada exploração.

A «degringolade» para a vida barata todos a querem, mas nunca pelo preço caro da estagnação da vida portugueza; nunca pelo regresso á primitiva vida rural, improgressiva, á continuação dum Portugal—China da Europa, a China do Ocidente; nunca á custa do desaproveitamento de todos os progressos alcançados.

Que trabalhão me dará o córte das azas dos que se meterem a acompanhar-me nesta questão; mas é preciso não deixar avançar a desorientação, porque por detraz dos precalços dos particulares estão os do Estado que eu não desejo ver em maus lençóes.

Sou portuguez, amigo do meu paiz e como tal não me sinto ainda bastante bolchevikado para apetecer a subversão já, para amanhã.

A sugestão, a propaganda demasiado forte neste caso não calha como na politica ou no fôro, cujas consequencias ficam geralmente na esfera da patacoada; aqui, o assunto é outro; acha-se talvez mais estreitamente ligado do que se possa supôr com a nossa existencia autonoma pela força das suas consequencias, e por isso entendo não o dever largar de mão. Portanto, até amanhã.

D. Thomaz de Noronha.

"Os Sports,,

Por motivo da gréve tipografica nas casas de obras, não pode ainda amanhã publicar-se o bi-semanario «Os Sports».

No Equador

Nove predios destruidos por um incendio

GUAYADUIL, 10—Um violento incendio devorou ante-ontem na praça do Centenario, nove predios. Os socorros foram prontos e os bombeiros trabalharam com denodo auxiliados por parte da população, mas a violencia do fogo era de tal ordem que impossivel foi evitar os prejuizos consideraveis registados.—(A).

Na Alta Silesia insurrecta

Uma viagem com Korfanty, o chefe dos insurrectos, n'um automovel do kaiser

Tudo quanto se prende com a questão da Alta Silesia desperta n'este momento a atenção geral. Já ha dias demos uma correspondencia do redactor que o «Matin» enviou para seguir de perto os acontecimentos. Hoje volta a falar esse redactor, Henry de Korab, em carta datada de Schopienitz:

Graças a um poderoso 100 H-P, que outr'ora pertenceu ao kaiser, percorri em todos os sentidos a Alta Silesia insurreccionada, este novo Estado pequeno e riquissimo governado por operários e camponezes que acaba de surgir na Europa deslocada entre o Oder e a fronteira polaca.

Segui o ditador Korfanty na sua «tournée» de inspecção.

Korfanty é um homem alto, louro, tendo ainda o cabelo todo e todos os dentes e olhos azues que parecem rir, mesmo quando ele está encolerisado. E' homem de grande simplicidade e d'uma franqueza energica quasi brutal. Recebeu-me vestido com um pyjama e o seu primeiro gesto foi partilhar comigo o seu primeiro almoço.

Não mastiga as palavras; chama a um gato um gato e ao sr. Lloyd George um velhaco. Entra-se em sua casa como n'um moinho e pode lêr-se sobre a sua meza documentos e telegramas que em toda a parte passariam por estrictamente confidenciaes.

Nunca traz luvas, mas nunca se separa d'um grosso chicote de que se sabe servir quando é preciso, porque é um partidario da acção directa. E' um verdadeiro alto silesiano: tem horror a estar sem fazer o que quer que seja e fala o menos possivel.

Aqui, ninguem pergunta d'onde é que lhe veiu o poder; para toda a gente é o patrão e obedecem-lhe sem murmurar. E' tambem o grande «comingman» para toda a Polonia; onde o seu prestigio aumenta dia a dia.

Os seus gestos são d'uma rapidez cinematografica. Mal o Korfanty de pyjama desapareceu por uma porta quando está já substituido por um outro Korfanty em traje de viagem. Grita-me, descendo quatro a quatro a escada:

—O' lá, senhor do «Matin», venha depressa, vae comigo!... Mandei estar aqui o outro ás 9 horas.

Ainda um relogio proximo não acabára de dar as nove badaladas quando o auto chegou. Julgar-nos-hiamos na «gare» de Friedrichstrasse.

Nem sequer tenho tempo de dizer obrigado. Eis-me amigavelmente empurrado, assentado, e o veiculo põe-se em marcha...

—Vamos, vamos, deixemo-nos de agradecimentos... Vem da parte do «Matin». Trata-o pois como amigo; é muito natural...

✦ ✦ ✦

E eis como, em vez d'uma entrevista falada, Korfanty me mostrou durante tres dias o que ele fazia; não me contou demoradamente o que ia fazer, agiu na minha presença.

De Schopienitz a Benthen, rodamos, segundo a expressão consagrada, entre uma floresta de chaminés de fabricas. As torres de ferro que encimam os poços das minas estão ornamentadas com bandeiras polacas.

—Eis ali os verdadeiros eleitores,—diz-me Korfanty, apontando para as chaminés.—Para o grande capital anglo-alemão, são as unicas vozes que valem. Os homens, esses não teem importancia.

Atravessamos, com efeito, um paiz assombroso: no horizonte, em Chirow, a maior fabrica de ozote do mundo; á nossa direita, em Sredudtza, a unica fabrica na Alemanha que produz prata tirada do minerio de chumbo silesiano; minas de ferro, uma imensa fabrica de dinamite.

—Estas fabricas trabalham?—perguntei a Korfanty.

—Umas trabalham, outras hão de trabalhar, porque eu o quero.

Alto! Eis Zawadzki, grande manufactura de armas e de material ferroviario.

—Trabalha-se aqui?—pergunta Korfanty, em voz que se deve ouvir a um quilometro, aos operarios que acorrem de todos os lados para junto do auto.

Não...

—E por que motivo?

—Não sabemos, sr. Korfanty, o director pretende que não é possivel...

Mas Korfanty já não escuta, saltou do auto e entra, a correr, na casa do director. E' seguido por Moritz, um terrivel pastor que, apezar de alemão, é o terror dos boches.

—Então, sr. director,—pergunta-lhe Korfanty sem preambulos,—a fabrica não trabalha, e porquê?

—Não posso,—responde o alemão, lacrimejando,—arrisco-me a ser mais tarde preso pelos alemães.

—Ah, sim!—replica Korfanty.—Pois bem, diga-me que é o que prefere: ser preso mais tarde, ou fuzilado imediatamente?

O alemão parece não ficar nada aterrado.

—Está bem,—diz ele,—mas não póde fazer-me saber isso por escrito?

—Perfeitamente, perfeitamente,—replica Korfanty,—amanhã terá a ordem por escrito: recomeçar o trabalho ou doze balas no corpo. Isso é comsigo...

—Compreendido. O trabalho recomeçará amanhã.

E não imaginem que Korfanty exagera e que procede um pouco brutalmente. O que é é que conhece os seus alemães a fundo e sabe como lhes ha de falar. Não fuzilará ninguem e os operarios polacos não serão obrigados a uma paralisação forçada.

—Quem sabe?—diz-me ele, retomando o seu logar com rapidez no auto.—Talvez o filho deste «condenado á morte» seja um explendido polaco.

✦ ✦ ✦

E vamo-nos embora. Eis-nos em Miscloviko, um pequena cidade onde predominam os polacos.

Vêo á escola?—pergunta Korfanty a um bando de petizes que rodeiam o nosso vehiculo parado, tentando subir para o volante.

—Nem por isso,—respondem as raparigas.

—Não vamos,—confessam os rapazes.

Korfanty dá um pulo e eis-nos em casa do brugomestre, o sr. Badkowski, um digno ancião de barbas brancas: em dois segundos o negocio ficou terminado. No dia seguinte a escola funcionará e os paes pagarão uma pezada multa se não mandarem ahi os seus filhos.

—E. vocês, seus petizes,—diz Korfanty no momento do auto se pôr em movimento e ameaçando paternalmente as creanças com o seu chicote,—se não fôrem á escola travarão conhecimento com este.

Estes pequenas scenas, que se reproduzem a cada mamento nas aldeias, nas fabricas, servem para me orientar. Sei o que Korfanty quer quando desde manhã até á noite percorre o paiz, ralhando a uns, dando palmadas amigaveis nas costas de outros. Quer, custe o que custar, apesar do duplo bloqueio alemão—bloqueio dos caminhos de ferro e do dinheiro—fazer viver este paiz, economia e agricolamente até ao dia em que venha a decisão.

Os resultados d'esta actividade fazem-se já sentir. O esforço administrativo aparece, ainda que não seja senão n'este pequeno pormenor: em toda a parte, ao longo das estradas, vêem-se agora cartazes com inscripções em polaco.

Mas, de subito, á entrada d'uma aldeia, Korfanty franze as sobrancelhas.

—Pare!—ordena ele ao *chauffeur*.

E a um dos camponezes:

—Vá chamar imediatamente o burgomestre.

Decorrido um momento, chega o burgomestre, sorridente.

—Sr. burhomestre,—diz-lhe Korfanty,—passarei aqui amanhã, ás 4 horas. Se esta inscrição alemão não tiver já desaparecido, sabe o que farei?

—Não, sr. Korfanty...

—Mandal-o-hei estender aqui, na selva, e aplicar-lhe-hei cincoenta bastonados...

Mas isto é dito com uma tal bonhomia, com um não sei que de afectuoso na voz que o burgomestre não pensa sequer em se zangar. Continua a sorrir e jura pelos seus deuses que fará o que lhe recomendam.

O «chauffeur» prepara-se para substituir um pneumatico, o que nos dá um bom quarto de hora de descanço. Korfanty apeia-se e vae estender-se na erva, á sombra dos grandes olmeiros que marginam a estrada. De todos os lados chegam camponezes, que souberam que Korfanty estava ali. Dão-lhe os bons dias com a maior simplicidade.

Estão—isso vê-se—muito altivos em o terem na sua aldeia, mas não sentem na sua presença, nenhum embaraço, nenhuma timidez. Veem sentar-se ou estender-se em roda d'ele e falam-lhe nos seus pequenos negocios.

Korfanty dá a todas as questões soluções imediatas.

—Precisamos de quatro vagons de batatas,—diz o burgomestre.

—A repartição insurrecional de reabastecimento mandar-lhes-ha já amanhã dois... O que é que preferem: apertar um pouco a barriga ou voltarem a ser alemães?

Um murmurio de aprovação se ergue em volta de nós.

Na nossa frente estende-se uma campina batida do sol e esmaltada de flôres. Está muito calor. Moritz vae cumprimentar um cavalo preto que parece estar a dormir em pé e diz-lhe o que quer que seja nas narinas.

Uma toalha branca de grandes patos bravos passa lentamente, balouçando-se. Ha no ar um demorado zumbido. As conversações param, mas tem-se a certeza, olhando para toda essa boa gente, de que todos pensam na mesma coisa e que todos sentem um indizivel sentimento de bem estar.

A semana da "Capital"

ASPECTOS: — O dia da cidade—A politica e os politicos. A crise do prestigio—O Rocio. Hontem e hoje. O Rocio de ámanhã.

FIGURAS LITERARIAS: —A literatura alfacinha—Os velhos: Alfredo de Mesquita e Eduardo de Noronha—Os novos: João Ameal e o seu ultimo livro—Lisboa vista da «Garrett».

MULHERES: — Maria Fernanda e os seus versos. Uma frase de Nisztche. Um livro que nos obriga a dançar.

O dia da cidade passou indiferente quasi. Afinal para nós, portuguezes, quasi tudo passa indiferente—a não ser as mulheres que passam. Quem se lembrou hontem de Luiz de Camões—ele que cantou a raça, a bravura, o sacrificio, a epopêa portugueza? Quasi ninguem. E porquê? Temos de confessar que Camões nunca foi, como Bocage ou como Nicolau Tolentino, um poeta popular. A sua gloria enche a imortalidade e não cabe no espirito ingenuo e ignorante dum homem do povo. A vida tem destas incoerencias. Quem leu os Luziadas? Muita gente. Quem os compreendeu? Muito pouca. Pois se ele ha até quem sabe que Camões viveu—só porque é feriado o dia dez de junho... Como nós somos portuguezes, Santo Deus!

As democracias exigem—tenho-o escrito mais do que uma vez—figuras de prestigio que orientem a alma incoerente e tantas vezes inexplicavel das multidões. Quando a não encontram a sua dissolução surge inevitavel, perturbadora, inquietante. Não ha cola-tudo politico que lhe resista. Entre nós não existe presentemente uma crise de homens publicos; mas existe incontestávelmente uma crise de homens de prestigio. E' a eterna doença dos paizes como o nosso, em que a maior parte da gente passa a vida em volta duma chicara de café, a dizer mal dos outros... Nós não temos neste momento um homem de verdadeiro prestigio—nem sequer já temos um idolo. Todos nos agradam que é uma maneira amavel de dizer—que detestemos todos. Portugal está precisamente agora, sem uma figura suprema capaz de o arrastar, de olhos fechados, para a tragedia—ou para o triunfo.

O Rocio! Quem o viu e quem o vê! A educação pouca archeologica da nossa edilidade está a acabar de trespassal-o, com os ultimos quiosques e as ultimas arvores—para historia da cidade. O velho Rocio, já não digo o Rocio do seculo XVIII, coalhado de mendigos, de negros, de cegos, de frades, de anões, mas o Rocio do fim seculo XIX, com as suas sombras viçosas, os seus tipos populares, as suas carruagens de praça,—mesmo desse, já nem sequer existe senão essa saudade com que nós vemos desaparecer a tradição. O que será o Rocio de amanhã? Impossivel prevê-lo. Tenho alguns argumentos para afirmar que não deve ser nada. E' verdade. Porque não vae pensando o sr. Gustavo de Matos Sequeira em escrever um livro que podia intitular-se, por exemplo: *Lisboa depois do Terramoto—municipal?*

* * *

As cidades emprestaram sempre farto assunto a todos nós que, mais ou menos homens de letras, nos démos um dia—ou uma noite—á curiosidade de as observar. Lisboa então, cidade eterna—como lhe chama o meu amigo e delicioso jornalista Norberto d'Araujo—tem já a sua bibliografia extensa. Recordo-me até neste momento de dois livros que voltei a lêr ha pouco o que são incontestavelmente dois livros interessantes: *As alfacinhas* de Alfredo de Mesquita e *A' porta da Havaneza* de Eduardo de Noronha. Mas—deixem-me dizer-lhes — ambos eles reflectem um pouco ainda aquela Lisboa grotesca e curiosa sem duvida, que surge nos primeiros fasciculos das *Farpas* e em algumas paginas dos *Gatos*. Lisboa modificou-se. Lisboa foi—a Paris. Lisboa exigia portanto um livro que fosse a sua ultima toillette. Pois bem: esse livro apareceu e apareceu como não podia deixar de sêr—com as pernas á mostra. Tenho-o aqui junto de mim, muito alegre, muito fresco, muito vivo a fazer, numa dedicatoria gentilissima, uma pequenina declaração d'amor á minha «arte de futilidades perfumadas». O que é o livro? Uma coleção de chronicas, daquelas chronicas sempre admiraveis que João Ameal manda para o «Janeiro» do Porto e que o seu auctor intitulou, em conjunto, como tinha intitulado afinal cada uma delas: *A Semana de Lisboa*. São as suas memorias e os seus tipos, as suas impressões e as suas «blagues» vistas—duma mesa da «Garrett». E' por isso que ao lêr o seu livro, meu caro João Ameal, tive a impressão de que a cidade se tinha transformado em bôlos d'ovos e em chicaras de chá preto para poder ser saboreada com mais facilidade—pelos «gulozos» de Lisboa...

* * *

Fernanda de Castro, uma versão de Maria Fernanda de Quadros, o delicioso calendario perpetuo do *Correio da Manhã* enviou-me gentilmente os seus ultimos versos: *Danças de roda*. Palpita em todos eles e principalmente nos que constituem a primeira parte do seu livro esse *sentiment de liberté joyeuse, comme si l'homme par une poie interieure, etait absolument obligé de danser*. Eu que tive ocasião de saudar Maria Fernanda pelo seu *Ante-manhã*, posso dizer-lhe agora que a sua arte amanheceu, por completo. Já faz sol. O seu livro encantou-me. Fez-me passar pelos olhos cravos vermelhos e lenços de ramagens, tardes de arraial e noites de S. Antonio—poeira, balões, guitarras, mulheres, povo vivo e ardente que baila, que canta, que resa e que ama. Sabe Maria Fernanda: desde que coloquei o seu livro na minha estante giratoria—tenho a impressão de que ela anda numa roda viva.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

Choque com uma mina

Paquete que se afunda, 238 mortos

PARIS, 10.— Um telegrama expedido de Atenas diz que um paquete que vinha de Smirna chocou com uma mina submarina e afundou-se.

Dos passageiros, que eram em numero de 240, parece que só 2 conseguiram salvar-se.—H.

Noticias da Argentina

Melhorando a legislação operaria

BUENOS AIRES, 10—A camara está discutindo o projecto do codigo do trabalho, melhorando a legislação operaria —(A).

Os electricos

Torna-se urgente solucionar o conflito

Lisboa continua sem carros! Ha oito dias que os jornaes dizem que a gréve se encontra no mesmo pé... e nós andamos a pé! Os prejuizos causados pela falta de electricos são já enormes, o publico sofre nos seus justos interesses. Ha oito dias que carripanas de todos os feitios, por um preço que não está ao alcance das bolsas pobres, transportam, empilhado, como sardinha em canastra, o pobre lisboeta sofredor, bem digno de melhor sorte. Entretanto passa-se o tempo em «démarches», em amenas cavaqueiras e a respeito de electricos... nada. E por quanto tempo se eternisará a gréve? Não sabemos e julgamos que ninguem o sabe. O que sabemos, e isso sabe toda a gente, é que a situação, tal como se encontra, fere profundamente a cidade, tornando-se intoleravel. E' necessario chegar-se com urgencia, a uma solução. Intolerancias n'uma questão d'esta natureza não se podem permitir.

Ainda ha poucos dias a Companhia se defendia d'uma acusação gratuita que lhe fôra feita e era, nem mais nem menos, do que guardar 200 contos por ano sem os escripturar. Provou com um certificado assinado pelo sr. Alberto Xavier, director geral da Fazenda Publica, que tal não era verdade e que entrára nos cofres publicos com a quantia em questão.

Ora são estas e outras acusações feitas de animo leve que, servindo apenas para irritar a questão, não devem continuar, tratando-se antes com boa vontade, de pôr os carros na rua e quanto mais depressa melhor.

CANTORAS PORTUGUEZAS

Tagide Tavares triunfa

Chegam até nós échos bem consoladores, e que nos enchem de orgulho, os triunfos alcançados em Italia, dia a dia, pela nossa compatriota, já considerada ali, como uma das mais notaveis artistas.

Tagide Tavares, desde que iniciou a sua carreira, a 6 de Novembro ultimo, no Grande Theatro «La Fenice» de Veneza, não descansou um só momento!

Os triunfos sucedem-se, passa d'um Theatro ao outro sem interrupção, procurada, com insistencia, pelos Emprezarios e Maestros Celebres. Veneza, Piacenza, Guastala, Faenza, Cesena, Rabenna, Forli, já tiveram ocasião de a aclamar delirantemente.

Ao que achamos graça, é, que nenhuma das criticas que temos sobre a nossa meza de trabalho, a trata como principiante!

Atualmente Tagide realiza uma «tournée» pela Italia cantando o Trovador.

Para que os leitores comprehendam e apreciem a importancia artistica das cidades que citamos, basta dizer que em Ravenna, ao mesmo tempo que ela cantava o Trovador, dava o maestro Toscanini concertos com a sua soberba orchestra. Toscanini, que infelizmente em Portugal não é conhecido ainda, é hoje, indiscutivelmente, o mais notavel, o Grande, o Deus dos regentes italianos.

Dos inumeraveis jornaes que falam da nossa compatriota, destacaremos apenas, devido á falta de espaço, alguns fragmentos!

«Il Corriere» de «Cesena» diz:

«A soprano Tagide Tavares interpreta com muita Arte e verdade a parte de Leonor; dispõe de voz forte, que ela sabe modular com graça, destacando-se o seu trabalho em todo o 4.º acto, não só pelos belos recursos vocaes, mas pelo talento e interpretação scenica. Foi como merecia aplaudidissima.»

«O Progresso» jornal de Bologna, cidade das mais exigentes de Italia, diz:

«A soprano Tagide Tavares, foi notavelmente apreciada, em Arte, é uma Leonor deliciosa, e idea; admiramos lhe uma voz harmoniosa e acção scenica sentida e correcta.»

«Il Corriere» di «Ravenna» diz:

«A soprano Tagide Tavares obteve o maior e mais merecido tributo de aplausos, pelo timbre lindo e doce da sua voz, que sabe modular magnificamente, conseguindo grandes e eficazes efeitos, e mostrando possuir um otimo temperamento artistico».

A «tournée» que está realizando devia durar tres semanas, mas devido ao enorme exito, prolonga-se, tendo-lhe a empreza já oferecido novo contrato e mais vantajosas condições.

Alem do que acima dizemos, é-nos grato anunciar uma nova escritura que honra a nossa patricia. De 22 de Setembro proximo, a 22 de Outubro cantará 7 recitas de Aida no Teatro «Reggio-Emilia», sob a regencia do celebre maestro Guarnieri, o mesmo com quem debutou em Veneza e que tem verdadeira admiração pela sua soberba voz, que classificou de voz á antiga.

Das colunas d'este jornal enviamos á simpatica portugueza, que nos honra no estrangeiro, os nossos mais sinceros parabens.

No Uruguay

Emprestimo que não é sancionado

MONTEVIDEU, 10—O conselho nacional recusou-se a sancionar a operação do emprestimo de 50 milhões de pesos realisada nos Estados Unidos por achar excessivamente onerosas para o paiz as condições impostas pelos norte americanos.

VIDA SPORTIVA

Coisas de box

A organisação de box—O que é que se deve fazer—A educação do publico

Que o temperamento do nosso publico se harmonise com o belo sport de combate, é uma questão para mim indiscutivel.

Mostram-no, sobejamente as provas do bom humor com que ele tem suportado as detestáveis organisações; o entusiasmo com que tem acolhido todas as manifestações de box, sinceras.

Nem o contrário faria sentido, dadas as reconhecidas qualidades impulsivas e combativas da nossa raça.

Nenhum outro «sport» oferece um maior numero de atractivos, para um povo como o nosso, como o box.

A ideia de que um combate de box constitue uma prova de maior ou menor brutalidade, é uma lenda para, como tantas outras, hoje posta mais ou menos de lado. Infelizes d'aquêles que ainda assim pensam.

Um encontro equilibrado, entre homens conhecedores de «metier» é a mais perfeita exibição de destreza.

Reune o box todos os requisitos d'um sport.

Sobre todos, ele merece ser designado pela «Nobre Arte».

São condições para um perfeito boxeur antes de tudo a faculdade de discorrer, a inteligencia, depois a coragem, a «souplesse,» um desenvolvimento fisico o mais completo, a lealdade.

E que outros desejam para considerar perfeito um sport?

Sem favor pudemos chamar-lhe ainda—o mais util.

E que duvida?

Se ele é o aperfeiçoamento da defesa natural.

Assim o teem comprehendido todas as grandes nações.

Assim o entende a imensa America, a Inglaterra, a França e tantas outros, que dia a dia se esforçam por salientar os seus homens, de propaganda os encantos e beneficios da arte do murro.

Os fenomenaes homens do ring tornam-se justamente uns verdadeiros idolos, embora dôa essa fama aos raquiticos ou pretensos intelectuaes.

Digo pretensos porque aqueles que aliam ás faculdades intelectuaes uma forte noção d'arte, são os espectadores de primeira fila nos grandes combates de box.

Em Portugal as organisações profissionaes tem tido uma desgraçada orientação.

Cahiram do inicio em más mãos.

E' necessario sentir-se, para pôr n'essas organisações um pouco de interesse pessoal.

Só assim são possiveis sacrificios para bem servir o publico, educando-o gradualmente, mostrando-lhe sempre melhor.

De começo, evidentemente, é impossivel fornecer programas sensacionaes.

Mas ha possibilidade de fornecer n'uma reunião quatro combates, dos quaes um tenha probabilidades de ser bom.

Digo probabilidades porque em breve é impossivel garantir um combate, que mil imprevistos podem inutilisar.

Justamente por isso, programas de 1 ou 2 combates e mesmos estes maus, é uma propaganda contraproducente.

Para fazer um programa, tendo em atenção a dessiminação dum sport, é indispensavel cuidar a duração do espectaculo, a graduação de interesse, o equilibrio dos encontros, e tantos outros principios de ordem tecnica.

Ora tudo isto se consegue com boa vontade, trabalho e conhecimentos especiaes.

Tudo isto tem faltado ás organisações que temos visto.

Time.

Carpentier—Dempsey

Aproxima-se o desejado dia!

2 de Julho vem proximo.

A lucta dos prognosticos anima-se, emquanto Richard vigia, incessantemente, a construcção da vasta arena que rodeará o ring que ficará celebre; e os homens cuidam afincadamente da sua preparação.

Disputam os jornaes desvendar pormenores curiosos, de interesse, pequenos nadas que reduzem um publico avido de detalhes.

Decamps rodea o seu George de todos os indispensaveis elementos de treino e veda ao publico a sua preparação.

Dempsey trabalha por seu lado, hoje com os melhores leves tendendo á velocidade apregoada do francez, amanhã com os bons pesados que esquecem rivalidades para verem no seu Jack o representante da formidavel America.

Brevemente parte para alem do Atlantico o barco que conduz o compatriotas de Carpentier.

Levar-lhe-hão o conforto moral e o fenomeno francez sentirá, consoladoramente, que por si torcem, fortemente, algumas centenas de Europeus anciosos de colher o titulo famoso do para um dos seus.

O combate far-se-ha em 12 rounds sem decisão!

Caso virgem na historia do pugilismo, um campeonato do mundo sem decisão.

Parece que Richard imaginou a fantasia d'um jury composto por Lord Lonsdale, Jim Carbelt e Jim Jeffries, sem querer saber de qualquer Federação!

E' de crêr que o jury não tenha necessidade de deliberar sobre a superioridade, que por si proprio se evidenciará antes do limite.

J. Basham o campeão inglez pesos meios-medios é-o tambem dos medios

O combate entre Gus Platt campeão pesos medios e Basham, campeão dos meios-medios, feito em 20 rounds, foi ria de este ultimo.

O encontro foi magnifico. Platt continuadamente teve a iniciativa do ataque, porem Basham inteligentemente o surpreendeu, dominando na resposta.

Será portanto Basham o adversario do Balzac para o titulo europeu.

FOOT-BALL

O desafio de amanhã, Sevilha contra Sporting

O «team» do Sporting manifestou desejos de voltar a encontrar-se com o Sevilha, sendo provavel que este desafio se realise amanhã, no campo do Sporting, ao Campo Grande.

Deve ser um desafio renhido, pois o Sporting, que foi derrotado na sexta-feira pelo Sevilha, vae procurar tirar a «revanche».

NOTICIARIO

Continua amanhã na piscina da Casa Pia o torneio de water-polo da «Taça Carlos de Moura», jogando o «team» do Sporting contra Algés e Dafundo pelas 11,30 horas.

—Realisa-se amanhã como já noticiamos, no Gynasio Club, a festa de homenagem ao atleta Manoel da Silveira na qual tomam parte grande numero de atletas.

—Reune hoje, pelas 21 horas, na redacção de «Os Sports» a comissão organisadora do torneio da «Taça Mutilados da Guerra», juntamente com os delegados dos clubs finalistas, Sporting e Belenenses.

Albergaria de Lisboa

Reuniu a Direcção ocupando-se do expediente de que fazia parte grande numero de propostas de novos subscritores que assim teem respondido ao apelo feito, afim de evitar o encerramento desta casa de caridade e consequentemente a miseria de cerca de 800 indigentes, tal é a sua população.

Entre outros assuntos de importancia, tratou-se do desenvolvimento das oficinas, não descurando do ensino profissional dos menores d'ambos os sexos.

Foram ha pouco visitados os edificios da Luz e Carnide, onde se acha instalada esta casa de caridade, pelo sr. Alberto Danid e das impressões que colheu acerca da ordem e asseio como encontrou um e outro estabelecimento, foram de molde a entregar o donativo de 100$00 e inscrever-se como subscritor, devendo-se tambem á sua iniciativa a entrada de novos socios.

Touradas

CAMPO PEQUENO—Na corrida de amanhã, que principia ás 18 horas, os espadas são A. Posada e J. Belmonte. A cavalo toureiam o distinto amador sr. Roberto Vasconcelos e o profissional R. Teixeira, a pé, A. Marroxo e *Torerito*, das *quadrillas*, e Cadete, Luciano, J. Frás, R. Largo e A. Carvalho. O cabo dos forcados é Casimiro Daniel.

Festas associativas

ACADEMIA RECREIO ARTISTICO—Amanhã, ás 22 horas, ha baile abrilhantado por um quarteto.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h.—«Simone».
S. LUIZ—A's 21 h.—«Eva»
AVENIDA—A's 21,15—«Pipiola».
GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tela».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«Companhia franceza de revistas».
GIL VICENTE—Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Um caso unico um actor cheio de consciencia

A um jornal da tarde foi enviada a seguinte carta:

Ex.mo Senhor.

«Peço a V. Ex.ª a subida fineza da publicação desta carta, na qual, para evitar malentendidos, explico o caso havido entre mim e o empresario do Ginasio.

No dia 25 p. p. sahiu a peça «O Palhaço» foi-me distribuida a personagem «Jorge Strappa», rapaz milionario possuidor de uma doença estranha que o impele a vêr o lado caricatural a tudo, até mesmo em questões de amor, rebentando-lhe a gargalhada fatidica no fundo da garganta, como diz uma das rubricas.

Achando eu responsabilidade enorme ir desempenhar esse papel bem superior á minha categoria sem o estudo aturado de alguns mezes, prejudicando assim o trabalho dos meus colegas e não satisfazendo a minha consciencia e a opinião do publico—resolvi recusa-lo por não me sentir com forças de o bem interpretar.

A esta minha atitude respondeu a Empreza, mandando a «direcção scenica» multar-me em cincoenta por cento do meu ordenado.

Sublinhei a direcção scenica por esta tambem demonstrar conhecer o artigo do regulamento que a seguir transcrevo e pelo qual se regem todos os teatros: «Representar quaisquer papeis que lhe forem distribuidos, em harmonia com a sua indole e categoria artistica, etc, etc.

Tanto é este o espirito do regulamento que a serem aplicadas multas aos artistas que se negassem a desempenhar papeis superiores ou inferiores á sua categoria, seria essa a forma da empreza explorar os artistas e subsequentemente fazer a economia de cincoenta por cento nos seus ordenados mensais, distribuindo-lhes sempre papeis que eles seriam forçados a recusar!...

Se amanhã Alves da Cunha, contratado por qualquer empreza (Deus queira que não) se visse com papel de «galã de bandeja», julgar-se-hia ofendido e recusa-lo-hia com justiça, assim como eu me julgo no direito de recusar a personagem do «Hamlet...» do Kean... e do «Otelo» para as quais não tenho categoria!

Felizmente que o caso está solucionado com honra para a minha consciencia e para a Arte que professo.

Neste mundo teatral estão-se passando coisas estraordinarias... Constantes deslocações no globo pelas quais nos podemos facilmente acreditar que em breve no «paraiso» fiquem apenas o Adão e Eva! Com toda a consideração sou de V., etc.

(a) JOAQUIM OLIVEIRA

Já conheciamos o facto, e conheciamos a carta. Mas nunca é de mais, neste tempo de vaidozos e ridiculos, de incompetentes julgando-se sumidades, de nulos empavonados de celebres, de exigencias, de indisciplina e de inconscientes, patentear como sã as proprias emprezas que levam a uma corrupção de processos quando são elas que porfiam elementos das companhias que contratam estão em erro, e em liquidação ante a opinião publica.

Sem má vontade para ninguem, escusado será é dizer que estamos inteiramente ao lado de Joaquim d'Oliveira que, na sua simpatica modestia acaba de dar um exemplo.

E os exemplos são tão raros...

NOTICIAS DA CAPITAL

AGENTES DE INVESTIGAÇÃO.—Conforme oportunamente noticiámos, terminaram ha dias os exames para agentes da policia de investigação, tendo sido a classificação a seguinte:

Guardas 488 João Ribeiro, 1395 Mario dos Santos Monteiro, 981 Luiz Moreira, 823 Manuel Vicente Junior, 1842 José Antonio [illegible] Reis e Sousa.

Foram já promovidos os doze primeiro classificados.

ATÉ O FERRO LHES SERVE!—Irra, que nada lhes escapa! Nem o proprio ferro, apesar do pezo que tem. Vejam que trabalho não tiveram José Fernandes, morador na calçada de S. João da Praça, 52, 1.º, e o seu socio Armando da Silva, da travessa do Meio, 1, loja, para *mudarem* uma caixa com ferro, no valor de 100$00, pertencente á firma Luiz Russ, Limitada, com armazem na rua de S. João da Praça. E afinal, para quê? Para a estas horas estarem chorando e gemendo nos calabouços do governo civil. Com franqueza, por tão pouco não valia a pena uma *cura* á sombra!

Serviço telegrafico da tarde

Politica hungara

VIENA, 10.—Em consequencia do voto dos cristãos sociais e da moção que aprova a acção do governo a respeito do plano financeiro da Sociedade das nações, supõe-se que o dr. Mayer organisará novo gabinete. —H.

Principe japonez na Belgica

BRUXELAS, 10.—Procedente de Paris chegou aqui o principe Hironito.—H.

O dia de Camões comemorado no Brazil

RIO DE JANEIRO, 11.—Foi ontem muitissimo festejado o aniversario da morte de Luis de Camões principalmente nos centros e associações da colonia portugueza. A' festa associaram-se portuguezes e brazileiros num belo gesto de confraternisação que muito deve dar que pensar áqueles que tanto empenho teem manifestado em malquistar os dois povos com a infeliz campanha nativista.

O ex-deputado perambucano Afonso Costa realisou no Gabinete Portuguez de Leitura uma brilhante e vibrante conferencia alusiva á comemoração—A.

Delegado dos Transportes Maritimos

S. PAULO, 10.—O capitão de fragata Judice Biker que veio ao Brazil em missão dos Transportes Maritimos do Estado para montar nos portos as agencias daquela instituição veio de visita a esta cidade onde foi admiravelmente recebido. Deve seguir brevemente para o Rio Grande do Sul.—A.

ULTIMA HORA

Congresso cooperativista

Na sessão de hoje discutiram-se duas teses

Abriu pelas 18 horas e 15 minutos a 3.ª sessão do Congresso Nacional Cooperativista, sob a presidencia do sr. Antonio Luiz Gomes, continuando em discussão a tese do sr. Polibio Garcia: «O cooperativismo sob o aspeto economico».

O sr. João Cubecinha, pela classe dos empregados de escritorio, ocupa-se das horas de trabalho dos empregados nas cooperativas e da carestia das habitações.

O sr. Rosendo José Vieira, da cooperativa Xabreguense, trata da questão da participação dos lucros das cooperativas e envia para a mesa uma moção estabelecendo a abolição da participação de lucros.

O sr. Antonio Rodrigues Graça, da 2.ª comuna, ocupa-se do mesmo assunto e perfilha a opinião do orador transcrito.

O sr. Bernardino dos Santos, tambem da 2.ª Comuna, é contrario á tese, que reputa uma afronta para o operariado. O presidente declarou não haver nela afronta para ninguem.

O sr. Coutinho, da Cooperativa Esperança, tambem se manifesta contra a tese.

O sr. Manuel do Silva, da União do Professorado Primario, faz vários reparos relativamente á 7.ª conclusão da tese.

O sr. Teles, da Cooperativa do Poço do Bispo, não concorda egualmente com diversos pontos da tese em discussão e manifesta-se pela abolição de lucros.

Terminados os 40 minutos para a discussão de cada tese, varios congressistas querem que aquela continue em discussão, estabelecendo-se grande controversia.

Por proposta do sr. Fernandes Alves cada tese poderá ser discutida durante uma hora, sendo concedidos 5 minutos a cada orador.

O sr. Canhão faz algumas observações a que responde o sr. Veloso Araujo.

O sr. Figueiredo, da Cooperativa dos empregados municipais de Setubal, não concorda com a tese.

O sr. Batista declara concordar com os bonus.

O sr. Fernandes Alves volta a discutir a tese.

O sr. Polibio Garcia, relator, defende brilhantemente a doutrina que expendeu e esclarece certos pontos atacados durante a discussão.

O sr. presidente elucida a assembleia sobre certos pontos e fala largamente sobre o cooperativismo.

Entra, depois, em discussão a 3.ª tese «O cooperativismo sob o aspecto tecnico», do academico sr. Manuel Lucas de Sousa.

O sr. dr. Baltazar Lindo não concorda com as conclusões e apresenta em sua substituição as seguintes:

1.º Creação duma cooperativa onde se observem as leis fundamentaes e historicas que presidem ao seu funcionamento, tendo em vista o fim a que se propõe.

2.º Adaptação da cooperativa tipo ás nossas condições especiaes de modo que possa reviver á engrenagem economica social da nossa sociedade.

3.º Desenvolvimento paralelo dos fins moral e economico do cooperativismo conservando porém cada um uma pronunciada autonomia.

4.º Aproveitamento dos processos capitalisticos como meio de combater a organisação economica actual.

5.º Conferir a gerencia a um tecnico nomeado pela direcção e para com ela responsavel.

6.º Creação da caixa economica privativa de cada cooperativa e em relação estreita com uma caixa central funcionando junto da Federação e como meio de desenvolver as transacções gerais e principalmente de afastar da organisação capitalista o numerario das cooperativas que esta organisação utilisar em seu prejuizo.

7.º Creação, tomando por base o «trop perçu» individual de instituição de providencia e solidariedade coletivas.

O sr. Rodrigues Graça propõe que se crie um tipo unico e lê uma exposição.

O sr. Fernandes Alves faz varias considerações sobre a tese, á qual se manifestam favoraveis os srs. Raimundo Ribeiro e Domingos Godinho.

O relator agradece e sustentando a sua tese faz varias considerações.

O sr. dr. Reis dos Santos, presidente da Federação Nacional das Cooperativas, fez um caloroso elogio dos srs. Polibio Garcia e Manuel Lucas Sousa, que diz serem dois academicos ilustres que do congresso quizeram tambem participar.

A discussão continua á hora a que d'ali saimos.

Juramento de bandeiras

No grupo de baterias a cavalo, em Queluz, realisa-se amanhã, com toda a solenidade, a cerimonia da satisfação do juramento.

Assistirão ao acto o general comandante da divisão e oficialidade da guarnição, sendo o acto abrilhantado pela banda dos sapadores de caminhos de ferro.

POEIRA da ARCADA

Viagens ministeriaes

No rapido das 8,30 partia hoje para Vizeu o sr. ministro da Agricultura, acompanhado dos seus secretarios srs. Melo e Sado e alferes Calisto Morgado.

Regressa d'ali na proxima 2.ª feira á noite.

Tambem no mesmo comboio se guiu para Coimbra o sr. ministro do Trabalho, que foi acompanhado do seu secretario sr. dr. Mario Duque

Governador de Cabo Verde

No vapor «Bolama», que hoje saiu do Tejo com destino á Guiné, seguiu o sr. tenente coronel Velez Caroço, novo governador de Cabo Verde.

Foi grande o numero de amigos politicos e pessoaes que lhe foi apresentar os cumprimentos de despedida.

A gréve dos electricos

Reuniu hoje novamente em sessão magna, pelas 15 horas, o pessoal da Carris de Ferro, sob a presidencia do sr. Carlos Fortes, secretariado pelos srs. Joaquim dos Santos Barbosa e Manuel Maria Lopes, para apreciar a marcha da gréve.

Depois de falar o presidente, o sr. Armando Martins, presidente da Comissão de Melhoramentos, informou a assembleia das «démarches» até hoje feitas, declarando ter-se hoje avistado com o sr. Freire de Andrade, director da Companhia o qual reconheceu a justiça das reclamações do pessoal, mas disse que, atualmente, as não poderia atender, acrescentando que se a melhoria do cambio se acentuasse e estabilisasse, a companhia poderia satisfazer as pretenções do pessoal.

Continuando a falar, o orador, referindo-se á criação dum falado tribunal arbitral para a solução do conflicto, declarou que o pessoal somente aceita essa solução desde que o pessoal nesse tribunal tivesse representação.

Congresso nacional de educação popular

Vae realisar-se em novembro, por iniciativa da Universidade Livre

A benemerita instituição Universidade Livre promove um Congresso nacional de educação popular, que se efectuará em novembro proximo, contando já com o apoio de alguns dos mais altos espiritos da nossa terra.

Tudo quanto se fizer em prol da educação merece incondicional elogio e não regatearemos o nosso á Universidade Livre. Tratar-se-ha nesse Congresso, da educação fisica, intelectual, tecnica e profissional, estetica, etnica e civica.

As teses serão as seguintes:

Educação fisica.—1.ª—Quaes as causas determinantes do enfraquecimento da gente portugueza? Como aniquilar os seus efeitos? 2.ª—Os desportos. Sua importancia e como empregá-los no sentido do fortalecimento da gente portugueza? —3.ª Os jogos nacionaes. Convirá toma-los para base duma organisação scientifica dos desportos? —4.ª Como defender a creança no periodo da gestação e na primeira infancia?—5.ª A creança portugueza actual. Suas caracteristicas fisicas: *a)* Nos campos; *b)* nas cidades; *c)* nas classes ricas; *d)* nas classes remediadas; *e)* nas classes pobres?—6.ª A higiene privada. Como evangelisá-la de fórma que se converta em necessidade imprescidivel?—7.ª A higiene publica: *a)* Nos campos e centros ruraes; *b)* Nas cidades. Como estabelece-la em condições de defeza eficaz de resistencia organica? —8.ª Qual a acção do Estado no problema de educação fisica? Até onde poderá alargar-se?—9.ª Qual a acção particular, sob o aspecto indivual ou colectivo, na educação fisica? Como desperta-la, orienta-la e torna-la eficaz?—10.ª Quaes as vantagens da educação fisica: *a)* De ordem moral; *b)* de ordem economica; *c)* para o individuo; *d)* para a colectividade?

Educação intelectual.—1.ª—Qual o objecto primacial da educação intelectual? Tipos principais desta educação e qual o que mais convirá adotar-se entre nós? 2.ª—Topologia da educação intelectual; a familia, a paroquia, o municipio, o districto e o estado. Qual a função e a esfera de cada um destes? 3.ª—Organismos da educação intelectual; escola primaria, o liceu, a Universidade. Estado actual de cada um deles. Convirá modifica-los? E como? 4.ª—As universidades populares. Função que lhes deva caber na educação intelectual? Devem as Universidades populares cingir-se só a esta, ou alargar a sua acção a todas as modalidades do problema educativo? 5.ª—Qual a acção que devem exercer no problema educativo em geral e, especialmente, na modalidade intelectual? 6.ª—Como se deve fazer o professor: *a)* o primario; *b)* o licial; *c)* o universitario? 7.ª—Como resolver a questão dos edificios escolares, cuja deficiencia em numero e qualidade é manifesta?

Educação técnica e proficional.—1.ª—Como deve organizar-se o ensino técnico e profissional entre nós? Satisfaz o actual? 2.ª—E educação tecnica e profissional nos diversos graus: *a)* elementar; *b)* média; *c)* superior. 3.ª—A acção do Estado e das corporações administrativas nos diversos graus do ensino técnico e profissional. Até onde deverá ir a acção dum e doutras? 4.ª—A preparação dos professores do ensino técnico e profissional para os diversos graus desse ensino. 5.ª—A que objectivos principais deve obedecer o ensino técnico e profissional. A que condições deverão obedecer?

Educação Estética.—1.ª—A acção estética: *a)* no individuo; *b)* nos agrupamentos sociais.—2.ª—Como difundir a educação estética? Meios praticos para a difundir: *a)* leituras publicas; *b)* concertos publicos e gratuitos; *c)* teatro popular; *d)* exposições publicas e gratuitas de escultura, pintura, desenho; *e)* visitas aos monumentos arquitectónicos; *f)* ensino d'arte, sua organisação, orientação e utilisação publica. 3.ª—As escolas d'educação estética; escolas de belas-artes, escolas de música; escolas de teatro. 4.ª—Como aproveitar e fortalecer o fundo estético nacional? Deverão as fontes estéticas nacionaes constituir a base da nossa educação estética? E como? 5.ª—A poesia, a música, o teatro, a pintura, a arquitectura e a escultura nacionais. Teremos todas estas manifestações estéticas com caracteristicas proprias, ou apenas elementos que convenha aperfeiçoar e desenvolver?

Educação E'tica e Civica.—1.—A educação ética e fisica como cúpula do edificio da educação nacional. A que objectivos deve obedecer? 2.ª—A ética individual, familiar e social. Direitos e deveres em cada uma destas modalidades? 3.ª—A acção do Estado, das cooperações administrativas, da familia e do individuo na educação ética? 4.ª—O direito ao trabalho como base das sociedades. Como tornar insofismavel esse direito? 5.ª—A criminalidade. Suas causas de ordem diversa. Como combatê-las, corrigi-las e até, para algumas, elimina-las. 6.—As avarioses sociaes. Como debelá-las? 7.ª—A neutralidade em materia religiosa. Como consegui-la? 8.ª—A tolerancia e o respeito em matéria politica. Como obtê-los? 9.ª—Os factores dinâmicos da educação em todos os seus aspectos e, especialmente, no ético: *a)* escola; *b)* imprensa; *c)* teatros e cinemas; *d)* festas civicas. Como aproveita-las e orienta-las?

A CAPITAL

3896 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 13 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A melhoria do cambio

A melhoria do cambio mantem-se e tudo leva a crêr que continuará mantendo-se, porque, ao contrário do que pretendem fazer acreditar alguns dos interessados em que desapareça essa melhoria, voltando-se á triste situação do cambio a 5 e a 4, ela se produz em virtude de factos que já não podem ser contestados.

Como foi que começou a melhoria do cambio?

Póde afoitamente dizer-se que ele começou pelos protestos latentes da opinião de que uma parte da imprensa se acabou por se tornar clamorôso eco. O agravamento cambial não representava já sómente uma extorsão á nossa bolsa, tornava-se intoleravel como uma afronta á nossa consciencia. Foram talvez mesmo as razões sentimentaes que primeiramente provocaram a reacção contra o agravamento cambial que esfomeáva um povo inteiro em beneficio de meia duzia de especuladores.

Temos o direito de o salientar, porque na «Capital» se travou forte campanha n'esse sentido, e a essa campanha tem presidido sempre o mais acendrado espirito patriotico, o mais vivo sentimento humanitário. O que estava não podia continuar, e como felizmente circunstancias propicias facilitam o levantamento da nossa moeda, já não experimentamos duvida de que essa campanha será coroada pelo mais absoluto exito.

O anuncio do emprestimo de 50 milhões de dollars, a subida ao poder do gabinete liberal, com os meios precisos para obter o equilibrio constitucional que a organisação do extinto parlamento não consentia, coadjuvaram, felizmente, o impulso dado. Até agora esse impulso bastou para reduzir a importancia da libra-cheque a metade da importancia que ainda ha um mes apenas, mantinha.

Mas ás razões moraes breve se acrescentarão as razões materiaes, e assim se demonstra que a melhoria do cambio se estriba em bases que lhe garantem um solido e logico desenvolvimento. Logo que se sintam as consequencias do emprestimo dos 50 milhões de dollars, já assinado no estrangeiro, não necessitando o governo recorrer á compra de cambiaes, em que o Estado era monstruosamente explorado, sofrendo todo o paiz, na sua economia, a repercussão de tal facto, o cambio deverá melhorar mais ainda e essa melhoria ir-se-ha acentuando progressivamente quando começarmos a reconhecer uma enorme baixa de preços nas mercadorias adquiridas já com a moeda valorisada; quando da Agencia Financial do Rio de Janeiro o governo começar a receber as cambiaes, sem onus de varia especie; quando, finalmente, a importancia consideravel das reparações da guerra vier definitivamente desafogar a nossa situação economica e financeira.

Como se vê, o movimento iniciado está a coberto de surprezas, que já se teriam dado, conhecido como é o desespero dos especuladores, se não fossem que tudo quanto procurassem pôr em pratica, para travar a melhoria cambial, só pode prejudica-los nos seus interesses.

Desenganem-se. Uma nova era está raiando em que, de resto, não fazemos mais do que acompanhar as nações lá de fóra que se estão reconstituindo apoz as duras provações constituidas pelas consequencias da guerra.

Origens historicas da decadencia nacional

Hoje, ás 21 horas, realisa o professor sr. Ladislau Batalha, na Universidade Popular, na rua Particular á rua Almeida e Sousa, a sua segunda conferencia, em que tratará do seguinte:

«As navegações, suas determinantes, meios, objectivos e consequencias. A escravaria. O comercio e o banditismo.»

A entrada é livre.

Conservatorio Nacional de Musica

Realisa-se na quinta feira, pela 16 horas, no Salão do Conservatorio, o segundo concerto de professores, o primeiro nesta epoca, em que se faz ouvir Vianna da Mota. A entrada é gratuita sendo os bilhetes e programas distribuidos na secretaria todos os dias 11 ás 16.

O programa é o seguinte:

1 - *Serenade* para Banto, violino e violeta, op. 25, Beethoven; Intrata: Alegro. Tempo ordinario d'un mennetto. Alegro molto. Andante con variazioni. Alegro scherzando e vivace. Adagio e Alegro vivace e disinvolto, pelos professores srs. José Henrique dos Santos, Tomás de Lima e Pavia de Magalhães.

2 - *Chaconne* para violino solo, Bach, pelo professor sr. Tomás de Lima.

3 - *Quarteto* em sol menor, op. 25, para piano, violino, violeta e violoncelo, Brahms: Alegro. Intermezzo: Alegro ma non tropo. Andante con moto; Rondo alla zingarese, pelos professores srs. Vianna da Mota, Tomás de Lima, Pavia de Magalhães e José Henrique dos Santos.

No proximo dia 22 realisa-se um concerto pago em beneficio do cofre de subsidios a estudantes pobres. Nesse concerto executará Vianna da Mota a *Sonata em si menor*, de Chopin, que é uma das suas mais soberbas interpretações.

A caminho da Promissão

Já que não souberam defender-nos da fome, saibam livrar-nos da indigestão

A libra irá até á casa dos 12 e ahi se fixará por largo tempo; para isso é necessario regular com fino e energia a transferencia para cá do grande existente em ouro que os portuguezes teem lá fóra

Provei no ultimo numero d'A Capital», na sua edição do sabado, que a rapida descida do preço do dinheiro estrangeiro nos pode ser tão prejudicial ou mais ainda do que a desavergonhada divisa que, energica e largamente combati. E provei-o á sociedade.

Tinha-se de facto caído no abuso maximo da desvalorisação do papel moeda portuguez.

Os especuladores tripudiaram quanto quizeram sobre a ingenuidade governamental que, aqui e além, pode não ter sido só ingenuidade, mas tambem compadrio. Portugal estava de facto na mão de meia duzia de espertalhões que entre si concertavam a forma de nos liquidar.

Chegára-se ao maximo do desafôro, e o publico erradamente orientado, apesar do estado maior dos seus technicos da finança e da economia, supunha o paiz reduzido á ultima miseria. Como isto foi possivel já eu expliquei.

Apareceu então o filho duma velha este vosso criado e amigo, e com tanta naturalidade, com tão grande simplicidade expoz que a situação tida por precaria o era muito ao contrario de grande prosperidade, — que os desalentados desataram a cobrar forças, a ganhar vida.

Como por encanto deixou de se ouvir chamar moeda fraca ao escudo portuguez e seus respeitaveis trôcos; como por encanto cessou tambem a pêcha maldita de se andar sempre a repetir que o dinheiro portuguez não valia nada.

Em que basiaram os simplistas da economia e os especuladores de má fé a concepção que viera na pratica a produzir aquele dito?

Na desproporção existente no Banco de Portugal entre o papel moeda emitido e o seu fundo metalico.

A circulação fiduciaria crescera muito e a reserva metalica que a autorisára, permanecera a mesma. E como desta relação não sahissem, para si se ficavam de orelha murcha os portuguezes, pobres tontos, absolutamente convencidos de que a sua situação era aterradora.

Foi então que eu lhes expliquei que se no Thesouro Publico não existia a justa equivalencia metalica, na proporção devida ao papel moeda posto em circulação, não fôra porque os portuguezes empobrecessem, mas sim porque os governos não haviam sabido cobrar para o Estado a sua quota parte nos lucros enormes da exportação. E assim os exportadores tinham acumulado nos bancos extrangeiros somas fabulosas, resultantes das exportações (vinho, cacau, cortiça, conservas de peixe, legumes e frutas, azeite, madeiras, carnes e ovos), sem que os governos tivessem sabido apropriar-se, para o Estado, duma quota parte desses depositos.

Numas chronicas intituladas: «A questão economica», publicadas no «Portugal», ha mais de um ano, tive eu ocasião de explicar este fenomeno sob a epigrafe assaz elucidativa — «Casa farta e patrão com fome».

O patrão era o Estado que via todos os grandes productores e exportadores a abarrotar de ouro, depositado nos bancos extrangeiros, e que não sabia achar a sua formula coercitiva para chamar á sua caixa forte a parte que por direito lhe competia.

O pobre chronista porém pregava no deserto; tudo o que dizia era demasiado transcendente para as possibilidades intelectuaes duns, para as inergias de vontade de outros. E todavia fácil fôra ter regularisado logo n'essa altura a nossa balança financial.

Mas em Portugal não é uso descer-se ao fundo das questões. E' se mero servidor dos acontecimentos. O proprio regimen tributario tem andado á matroca, e ninguem pode dizer, senão por escarneo, que os homens que nos tem governado hajam sabido acautelar os interesses do Estado. Visão restricta, inexperiencia...? Não sei; talvez ambas as coisas; mas o certo é que os grandes productores tiraram o pé do lodo, que os exportadores se encheram, e que o Estado ficou, como diz o povinho, a olhar para o signal.

Perguntar-me-hão: ainda estaremos a tempo de redimir a incuria?

E' bem possivel, mas muito mais dificil será agora a intervenção do Estado, quando regressar o ouro feito com as exportações, que até pode reduzir em crise de abundancia.

Quando as mercadorias sahiam, quando pela furor de fazer ouro se chegava a deixar-nos sem viveres nem lãs, nem couros... n'essa hora propicia, é que qualquer governo pudera preencher no erario a lacuna existente entre o papel posto em circulação e o seu proporcional fundo de reserva metalica.

Hoje é preciso muito mais atilado critério para o fazer. Caminhamos para o periodo das «vacas gordas», e as consequencias da conta corrente com a America, e dinheiro das reparações a sanção da obra danada da agencia financial do Rio, e outros factores favoraveis ao nosso equilibrio financeiro se avisinham, se só a noticia delas nos comunica tal alivio economico, o que será de nós ao quando nos dirigir, não vir que tanto se morre de fome como de fartura, tanto se pode ser um anémico como um pletórico.

Não nos souberam livrar da anemia dos sete anos, durante a guerra, armisticio e os dois que se lhe seguiram; a vêr vamos se nos salvam da congestão que já alguem pensa em nos preparar.

Cheguei a apatocer a entrada dos depositos feitos pelos portuguezes no bancos extrangeiros. Mas nestes assuntos nada ha de imitável. As coisas vão tomando um aspecto de promessa, demasiadamente risonha, para que se possa desde já dizer se convirá facilitar ou dificultar o regresso á patria do ouro ingrato da exportação, que tanta fome nos custou. Só em face do estado de equilibrio financeiro do dia de amanhã, se poderá regular restabelecer o regimen desse regresso.

Tem o governo de ser o regulador desse regimen, e quanto menos precisar das migalhas dos depositantes sem patriotismo, que lá fôra reteem o seu ouro, mais caro lhes deve fazer custar a sua volta aos pátrios lares.

Não! que o seu regresso, sem peias nos póde vir prejudicar ainda mais do que a sua ausencia criminosa.

E sabem como?

Dando o ultimo golpe na alta do cambio, trazendo depressa demais o Eldorado, pondo-nos a libra ao par, o que seria a nossa desgraça.

Se sómente pela operação de credito com a America e o golpe na agencia financial do Rio, todo o edificio da baixa cambial, da libra na divisa 5, se abalou e fendeu; sem ainda nada de concreto haver sobre as reparações; o que não seria com as reparações em caixa, as operações sobre a conta corrente americana em marcha e os depositarios, readquirida a confiança, a introduzirem no paiz o seu ouro?...

Estavamos servidos, não haja duvida; lá se nos iria por agua abaixo toda a esperança fagueira de um Portugal progredido, para voltarmos a ser a China da Europa.

Desta nos teem de livrar os governos, doseando a entrada do ouro conforme as necessidades do Estado, e fazendo obra tão conciente, que não seja possivel á libra saltar para além da casa dos 12, — durante uma longa temporada.

Com a libra a 20 escudos, talvez isto caminhe; talvez seja impossivel o regresso ao estado rural, primitivo; á inatividade, á ociosa ruminação da nossa fortuna, emquanto os povos avançam, e então estaremos salvos. Se a deixarem chegar ao par estaremos irremediavelmente perdidos.

Ora é sob este ponto de vista que todos temos de nos colocar, para que se evite a nova especulação que ahi vem já, de unhas aduncas, preparando-se para nos fazer na baixa do preço do dinheiro extrangeiro ainda maior mal do que nos fizeram com a libra a 62 escudos.

Para bem de Portugal a libra não deve passar da casa dos 12 e amanhã o provarei a todos. Que os detentores do poder o entendam e saibam exercer sua acção em beneficio de nós todos.

D. Thomaz de Noronha.

Funcionarios coloniaes

Pedindo a equiparação de vencimentos

Ao sr. ministro das colonias foi dirigido o seguinte telegrama:

NOVA GOA, 6.—Os funcionarios da India, reunidos em sessão permanente perante v. ex.ª contra o obstrucionismo da parte electiva do conselho legislativo conforme o seu telegrama dirigido a esse ministerio.

Pedem o cumprimento do decreto 7415, que atendeu os legitimos interesses dos funcionarios coloniaes atingidos pela grave crise economica mundial. A maioria dos funcionarios da India percebem ainda os vencimentos anteriores á guerra, o que torna insustentavel a sua situação.

O decreto 7415 determinou a equiparação, que já foi estudada nesta colonia pelo conselho executivo e pela comissão de finanças, mas que encontrariada pela parte electiva do conselho legislativo, sob o pretexto de que as finanças da provincia são más, mas não se diz que é indispensavel o desenvolvimento das receitas da colonia, estacionarias ha 20 anos.

Rogam a imediata execução do decreto, dentro do prazo nele indicado.

DIZE TU DIREI EU

Digo eu a Santo Antonio...

Santo Antonio não é de ceremonias e a sua principal vantagem sobre os outros santos milagreiros consiste precisamente em ser uma bôa creatura divina com quem todos se sentem á vontade. Ha um certo numero de insignificantes favores que só a êle nos atrevemos a pedir, não só para não gastar mais altas proteções, como tambem porque entre a asfixiante maré larga de virtudes do «Flos Sanctorum» a sua vida toma o aspecto imprevisto dum barco maneirinho e «com prôa» que aparece ao longe, com uma bandeira conhecida nos seus mastros pintados de claro.

Todos nós o designamos pelo «taumaturgo», isto é, pelo que «faz maravilhas», mas nem por isso nos assustamos com a sua aureola de sobrenatural poder nem com uma sensacionalissima entrevista entre o Santo e o Diabo que, certamente para «épater» os lisboetas vindouros, os frades de Alcobaça se lembraram de incluir nas suas cronicas coseiras. Sabemos apenas que o bento Antonio não é «beato», no sentido ridiculo e deprimente do nome que, antes de ser Antonio, se chamou Fernando de Bulhões — como qualquer galã de «comedia fina» — e, apezar de educado pelos monges de S. Vicente e de ser contemporaneo, de Afonso o Gordo, não foi amarelo como um monge nem gordo como um rei. Brincou com as Margaridas que iam á fonte e foi grande especialista em fazer ouvir os surdos, talvez porque já no seu tempo houvesse lindas quadras de Santo Antonio destinadas a encantar os ouvidos que as ouviam.

Uma vez, quando pregava em Padua, vieram dizer-lhe que seu pai, morador em Lisboa, rua da tal, numero tantos, estava condenado a morrer na fôrca por um crime que não cometera. Apenas tal ouviu, o Santinho, muito bom filho e homem muito pratico, veiu a correr salvar o seu pai da fôrca, mas em logar de tomar bilhete no «expresso» das costas do Adriatico, ajoelhou no pulpito

«E rezando um padre-nosso,
Logo a Lisboa chegou.»

Milagre aparente transmitido por uns versos cujo autor não se arriscou a descrever viagens, mas conseguiu fazer-nos crescer agua na bôca! Milagre que o taumaturgo Antonio bem podia repetir—mesmo em pequena escala—em favor dos lisboetas de hoje, dos seus crentes de sempre, das vitimas de amanhã que, por muitos padre-nossos que rezem, só conseguirão erguer-se da Baixa para a Alta por meio da intervenção duns «camions» inquisitoriais que só lhes poupam as pernas a troco de impertinentes estragos na cabeça, estomago e algibeira.

Tenho a impressão de que assim como os outros santos podem vir a pedir-nos contas de pecados e maldades, Santo Antonio apenas tem direito a perguntar-nos pela saude e a inquirir do preço dos balões venezianos. E' provavel que á minha mocidade somente ainda se lembre de jogar alguns remoques a proposito das festas que ela lhe não fez, dos versos que não lhe cantou, mas como já tenho uma defeza preparada, julgo que me preocupo com isso... Terá que me levar em conta a diferença dos tempos e dos costumes... Hei-de perguntar-lhe se já no seu tempo as bilhas de barro que êle partia por graça e concertava por milagre, custariam dez tostões em notas sujas e se as raparigas que iam á fonte enchê-las e, para o festejar, se punham a cantar á sua volta, morriam já em casas com quintais e com visinhos, visinhos que possuem gramofones, gramofones que tocam árias de operas e operas tristissimas que só nos retalham a alma porque são compradas no Grandella, na liquidação de discos, ás quintas feiras, a retalho...

Thereza Leitão de Barros

O conflicto greco-turco

Qual a atitude da Inglaterra? — Os preparativos da nova ofensiva grega. — Inquietação em Constantinopla

LONDRES, 13.—O estado de saude do sr. Lloyd George não tem permitido esclarecer a politica do gabinete em face do conflicto greco-turco. Parece que, de momento, o governo resolveu observar a neutralidade, ainda que a marcha dos acontecimentos possa de um momento para o outro, trazer uma mudança radical a essa atitude.—(H).

LONDRES, 13.—O «Daily Express» continua a sua viva campanha contra a intervenção da Inglaterra no conflicto greco-turco, não se conformando com os desmentidos oficiosos de conferencias entre o ministro da guerra grego e o representante da Inglaterra em Athenas.

Pergunta tambem o que significam as constantes cruzeiros de navios de guerra inglezes nas proximidades de Constantinopla.—(H).

CONSTANTINOPLA, 13.—Activam-se os preparativos da nova ofensiva grega contra os turcos. Os gregos dispõem de gazes asfixiantes e lança-minas. Os seus navios de guerra receberam autorisação para fazerem demonstrações contra os navios turcos nos portos no mar Negro. Os kemalistas colocam ali minas maritimas, que lhes tem sido fornecidas pelos bolchevistas. Retiraram tambem de Eski Choir a artilharia pesada, que ali tinham instalado. Nesta cidade reina inquietação em face dos artigos da imprensa ingleza e franceza contra a intransigencia dos kemalistas, receiando-se medidas de coerção contra a Turquia por parte dos aliados e auxilio aos gregos principalmente por parte da Inglaterra.—(H).

A'S 2.AS FEIRAS

A semana literaria

Sentido do Atlantico, por *João de Barros* (Ed. Liv. Aillaud e Bertrand, Lisboa-Paris) — **Danças de roda**, por *Fernanda de Castro* (Ed. autora) — **Felisberto Caldeira**, por *Rodrigues Octavio* (Ed. Liv. Aillaud e Bertrand, Lisboa-Paris) — **Liminar**, por *Mario Alves Pereira* (Ed. Liv. Classica Editora, Lisboa) — **Incoerencias**, por *Eduardo Miranda* (Ed. França Armenio, Coimbra)

«Em cada pagina deste livro modesto, afirma-se mais uma vez, com insistencia e convicção, a necessidade e as vantagens da aproximação luso brasileira. E pretende-se prestar, desta maneira, um serviço ao paiz».

E' assim que João de Barros apresenta «Sentido do Atlantico». Na sua vasta obra de aproximação é mais uma grande e bela pedra para esse edificio que algumas lisas e energicas vontades estão construindo, enquanto outros se esforçam por derrui-lo.

Na melindrosissima hora que passa, em que os patriotas de cá e lá, os mutuos amigos, os artistas das duas nações procuram num côro vehemente abafar o ruido crescente duma multidão, sem outro fito senão hostilisar tradições e promover discordias, o livro de João de Barros, escrito com aquela clareza e inteligencia que lhe é peculiar, é um estimulo, uma campanha, um abraço. João de Barros ultimo paladino do nome de Portugal em terras de St.ª Cruz, nesta cruzada que se vae tornando heroica, no «Sentido do Atlantico», é ainda o sonhador — ele o diz «porque este livro sincero tradus esse sonho grande»—sonhador que dia a dia vae vendo afastar-se a realidade das santas e gloriosas idealisações do seu espirito poetico.

Quanto á parte literaria do livro escusado é dizer. O poeta do «Anteu» põe toda a sua vibratilidade, o seu meridionalismo, consagra toda a sua alma a esta causa, e escreve embora em prosa de conferencia ou de artigo do jornal com a poesia e a elevação dum nome notavel nas letras nacionaes.

Ha em Lisboa uma pequena Sociedade de Elogio Mutuo muito simpatica e dotada de boas intenções, inofensiva para o publico e riolmente reconfortante para os seus socios. Varios rapazes que escrevem, jovens poetas, jornalistas amaveis, que num dize tu, direi eu, arranjam adjectivos elogiosos uns para os outros e nos fazem lembrar aquela eterna historia dos compadres—«Só conheço dois homens inteligentes cá na terra; um és tu, e o outro tu dirás quem é».

Mas isto não vem nada a proposito. *Danças de roda* é um pequenino livro de Fernanda de Castro e Quadros, que várias pessoas mesmo sem o terem lido, já acharam digno duma rapariga encantadora, ilustrada, poetica etc. Eu creio que Fernanda de Castro, companheira de jornalismo, camarada alegre nesta vida ingrata dos jornaes sabe bem que o seu novo volume é muito fraco, singelo, sorriado apenas numa ingenuidade que não é nada e desaparece sem deixar na literatura sequer um nome que perdure. *Danças de roda* a primeira parte do livro rescende nalgumas dos poucas poesias que o compõem, aquelas costumes da gente do campo, com romarias, dansas, folguêdos,—uma das predilecções da poetisa,—e que remata com esta quadra que confessêmos-lo, não é de grande talento:

Toda a gente sabe amar,
Nas terras de Portugal,
Toda a gente namorou,
Na volta d'um arraial.

Depois um sonêto cujo ultimo verso Virginia Vitorina verificará se é suficientemente ritmico:

O fidalgo da casa de Monforte,
Prometera voltar... e ela esperava.

Moleira tem colorido, pêna é que por vezes a rima desvirtue as ideias ou obrigue a falsidades que deformam a sã poesia; por exemplo:

Sem notar que o sol nascente
Alegre e condescendente,
Lhe vae doirando o caminho.

Rimances tem uma toada interessante é bem aproveitado nos moldes que Maria Fernanda foi buscar. Nas quadras do *Arraial*, destacam-se algumas com cunho popular, sensiveis, faceis de fixar, onde a alma poetica da autora se revela emfim

A boca do meu amor,
E' misterio que me enleia;
Se diz que sim é de mel
Se diz que não é de fel...

Dizem «que sim» os teus olhos,
Diz tua boca «que não»
Quem me dera a mim saber,
O que diz teu coração.

Na poesia *S. João*, é ainda o ar do campo que perpassa, com o seu serão de mangericos, alcachofas, saias de chita. Mas, que pena não é, topar-se um verso que nos desagrada como:

Toda a gente botou um fato novo,
E todos dançam mesmo as creancinhas.

Entretanto um rapazito
Por sinal muito bonito, etc.

Os sonêtos *Amanhecer* e *Poente* são do melhor que o livrinho encerra. Ahi fica a testemunha-lo o terceto final do primeiro;

E na ressurreição da luz pagã,
O sol e a lua—olimpicos rosaceas—
Sangravam como bagos de romã.

A 2.ª parte intitula-se *Amor*, e ao lê-lo não resistimos á volta aos *Namorados* de Virginia Vitorino. Foi, lá, sem duvida, nas suas duas edições, no sucesso tão natural dum lirismo entorpecedor, nuns versos que correm limpidamente como agua cristalina que nada estorva, poesia dôce do amôr, que Fernanda de Castro foi descobrir os motivos para os seus sonetos de amôr. Folheiam-se e encontra-se em todos eles aqueles *amor, meu amor, meu bem*, que dulcificam o verso e deram o caracteristico de meiguice aos *Namorados*. Repare-se no topo das paginas 54 e 56; os versos.

Não te queixes, meu bem, desta loucura,
Não te queixes, meu bem... Sou como a hera

e o inicio dos sonetos *Imagens* e *Fim*.

«Não vês, amor? A curva do horisonte»
«Perdôa, amor. A tua vós outrora,

marcando uma tecla que sôa falso talvez porque nos acostumámos á lira rustica de Fernanda de Castro, a das *danças de roda* e das *romarias* e não á do sofrimento, do amôr...

Parece-nos, aos nossos cabelos brancos, para os quaes estes livros da gente nóva muita frescura trazem, que a esforçada poetisa não deve vacilar na sua diretriz poetica; não se influencia pelos sucessos alheios e trabalhar vagarosa e cuidadamente, para que o seu terceiro livro, venha completo, definitivo. Um livro, qualquer coisa para as letras que Fernanda de Castro cultiva com tanto amôr, embora desperdiçando-se nela, e não um livrinho como este, para a roda dos amigos, dos conhecidos, dos que não sendo sinceros são mais seus inimigos do que os outros...

Felisberto Caldeira aparece em 2.ª edição. Romance dos tempos coloniaes escrito por Rodrigo Octavio, academico brazileiro, exhala de cada pagina a seiva rica da nação irmã, no seu periodo colonial, cheio de tradições, de luta, de figuras de aventureiros como este Caldeira que o ilustre academico foi buscar ás cronicas e manuscritos perdidos pelos archivos para o fazer reviver em pleno seculo XX.

As cronicas pela parte que tocam a Portugal nas suas relações com as teras de St.ª Cruz, são duplamente interessantes o merecem nas bibliotecas o logar que lhe está reservado.

Liminar é uma *plaquette* moderna de Mario Alves Pereira, onde com encontamento se podem ler alguns trechos de fogosa poesia. Assim:

«Teus dedos longos, magros, perturbantes
Seios de neve... Se eu pudesse te-los

e um ou outro trecho de prosa-poetica. Na ancia de originalidade a apresentação do *Liminar* constitue novidade, já nos seus acessorios de moda escolas, na propria composição tipografica do livro quando intervala as frases para rebuscar efeitos ou escrever:

Mu—...
da—...
mente—...
Mansamente...
Pouco a pouco...
Surge a Lua, pouco a pouco...
Mistica, fluida, iucessente!

Parece um acrostico mas não é. O proprio autor que reputamos cheio do valor atravez os periodos de lucidez apreciaveis do livrinho—nos explica o *Liminar* num folheto á parte que damos aos leitores para se habilitarem... e nos derem razão:

Proclamo, Inicio da Libertação!
Origem, Liminar da Fantasia Plena!
Livre Ascenção do Espirito ao Espaço!
Fim das velhas modas das escolas.
Fim dos assexuados pessimismos; dos fatalismos impotentes.
Fim de convencionados preconceitos.
Iniciação em Novas Religiões e Novos Credos.

E o Poeta disse:

«Erga-se a Alma até onde possamente sopra o vendaval vitalisante da Arte Livre que voa do Infinito e passa e cruza o Espaço e morre no Infinito!

«Inédita surja A Pompa Triunfal da Forma Aérea e Alada, da Forma Anarquica, da Forma Andaz que o Poeta vislumbrou!»

Que o Poeta vislumbrou...

Que se A não dos inteiramente não possais em lastima-lo.

Ele sabe as forças com que conta e sabe a distancia que vai da terra á meta que antevia.

E sabe até onde chegou!

Sabe que não conseguiu elegir nos braços toda a Originalidade ambicionada.

Mas sabe que da Altura que atingia Algo de Novo descobriu e pegou.

Livro de ressonancias, gradações e de acintosas dissonancias, as opiniões quaesquer que um dia o bordem perder-se-hão na fotosfera de Anarquia a que ele aspira.
Maio de 1921.

Mais um volume de versos, que ingenuamente o autor nos diz serem dos 20 anos, e mais sinceramente Raul Brandão apresenta como «simples, ingenuos...» mal balbuciados. Que pena tivemos de Raul Brandão, fugindo com inteligencia ao elogio das *Incoerencias* e do seu autor Eduardo Miranda, e bem poder esquivar-se no prefacio do livro... Que diz então?

Por sabemos que depara um *novo poeta fica deslumbrado* quer seja um Junqueiro, quer um que *depara que não sabe ou não póde exprimir-se.*

O livrinho é um primeiro livrinho rialmente, é nosnea alma sentimentalmente, só os mesmos temas poeticos, uma frouxidão de rima ainda natural.

Sae-se do livro sem grandes emoções, mas tambem, o que é proveitoso para todos, sem irritações. Um exemplo do bom e do mau, da deficiencia do ideias e da alma de poeta.

Patria das rosas novadas,
Dos doirados milharais,
Com regatos presurosos
Como sonhos nupciais!

E todas eles acabam por louvar a Deus!

Armando Ferreira

Os electricos

Alvitres apresentados pela companhia e afirmações que convem registar

Lemos no *Seculo* de hontem afirmações feitas pelo sr. Freire de Andrade um dos directores da Companhia Carris de Ferro, afirmações que merecem ficar registadas, dada a sua gravidade e para se saber a quem pedir responsabilidades, quando chegar o momento oportuno.

O sr. Freire de Andrade repetiu o que já tinha dito ao pessoal da Carris: que, desde que a dita cambial se acentuasse, não tinha a Companhia inconveniente em melhorar os salarios, sem necessidade do aumento de tarifas. A Companhia não se encontra em atitude de oposição sistematica ou de negativa formal, estando disposta a sua direcção a trabalhar dentro do que é possivel, mas não podendo contribuir voluntariamente para a ruina d'uma empreza cujos destinos lhe foram confiados.

Atribue o sr. Freire de Andrade o estado de acuidade do conflito á Camara Municipal que, diz, tem posto todos os entraves e objecções e que as negociações marchem regularmente. Refere, em apoio da sua afirmação, o facto do vereador sr. José dos Santos apresentar ha tempos um parecer no qual a Companhia era perfeitamente justificada, e o parecer ultimamente publicado, pareceres que se contradizem, que são ilteralmente opostos. Como explicar semelhante atitude? O sr. José dos Santos, diz o sr. Freire de Andrade, no seu ultimo parecer, amontoa um aceno de falsidades, para as quaes a Companhia o vae chamar aos tribunaes.

A Companhia apresentou lá dois alvitres ao governo. O primeiro, é de por na rua o numero de carros que pelo seu contrato é obrigada a fazer sair, sujeitando-se esses carros ás tarifas impostas pela camara, andando os outros de acordo com as tarifas agora estabelecidas pela Companhia. O segundo alvitre é o das tarifas moveis e concordes com a variação dos cambios. Tendo em artigos *stocks* de carvão comprados a preços carissimos á medida que as materias primas fossem sendo compradas por um melhor preço.

Como se vê, a Companhia está animada dos melhores desejos de solucionar o conflito.

Porque não intervem o governo para bem de toda a população de Lisboa?

Os açambarcadores do cambio

Tudo lhes serve e a tudo recorrem

Sem comentarios, pois a noticia de per si os encerra para quem saiba ler, traduzimos literalmente do «Matin»:

«Ninguem ignora que o mercado dos cambios está de ha tempos para cá dum nervosismo a que se não está habituado. Mas o que o publico não sabe é que só são fluctuações muito bruscas e muito importantes, de minuto a minuto, fóra das horas da Bolsa.

Todos podem fazer a experiencia, perguntando a cotação duma divisa estrangeira com alguns minutos de intervalo, quer a um banqueiro, quer a um desses correctores de cambios que tem a floração tão espontanea e tão abundante ha algum tempo nas principaes cidades europeias deve causar justificada inquietação.

Porque motivo as cotações dos cambios não as mesmas, ao mesmo tempo, em Londres, Paris, Genebra, Mayence, Bâle?

E' porque ha entre Paris e todas essas cidades vedações meio estranhas que resultantes do dificuldades das comunicações telefonicas interurbanas.

Sendo as comunicações telefonicas precarias e dificeis de conseguir, não só por causa da penuria dos grandes linhas, alguns que conseguem ter a extensidade do fio telefonico e se conservem conseguindo n'um mercado financeiro estrangeiro aproveita-se desse largamente.

Ora, como sempre, são sempre os mesmos que d'isso se aproveitam; é um proverbio bem conhecido que o mundo pertence aos que se levantam cedo e os correctores de cambio sabem-no bem. Desde que se levantam, inscrevem-se no inter-urbano para o maior numero possivel de comunicações. De maneira que se verifica este estranho fenomeno: desde as 8 horas da manhã, ha mais inscripções de pedidos de chamadas telefonicas para Londres, Genebra, Bruxelas, Bale, Mayence, Amsterdam, etc, do que as linhas existentes entre Paris, e essas diferentes cidades podem fornecer durante um dia inteiro. As linhas telefonicas são assim bloqueadas em proveito de alguns banqueiros ou correctores de cambio e as cotações dos cambios são, assim, o que muito bem apraz a esses senhores».

BOAS NOVAS

De bord' do «Moçambique»

Foi hoje recebido em Lisboa o seguinte radiograma:

TENERIFE, 11.—Os passageiros do paquete «Moçambique» saudam os seus parentes e amigos e esperam chegar no dia 16 de manhã.

Registo de entradas

Ophir, José Bruges d'Oliveira.—*Poemas heroicos*, do Simão Vaz de Camões, Mario Saa.—*O Drama Litoral*, Rocha Martins.—*Azulejos*, Conde d'Arnoso.

VIDA SPORTIVA

Coisas de box

E' de pasmar! — A interferencia dos homens do circo no «match» Silvestre Alves da Silva-Cesar Ribeiro

Pouco duras teem sido ainda as nossas palavras contra as «famosas» organisações do Colyseu dos Recreios e mais manigancias.

A sua ultima proeza é unica!

Ouçam a historia:

Alves da Silva, um distincto amador conhecido, não podendo comparecer ao campeonato do Sul, repetiu o detentor do titulo da categoria a que pertence, por entender dever caber-lhe o posto de finalista no campeonato nacional.

O detentor em questão é Cesar Ribeiro, um amador que no campeonato do Sul se mostrou respeitavel «boxeur».

Conhecemos de perto a historia e pudemos por isso detalha-lo.

O primeiro gesto de Cesar Ribeiro, foi o mais sportivo possivel. Sem uma hesitação, altivamente, sem sequer lhe passar pela mente fugir ao encontro, declarou-se imediatamente disposto ao combate.

Ora é n'esta altura que a troupe do circo, com a sua «seriedade» conhecida, entra em scena.

Cesar Ribeiro é uma pessoa nova, inexperiente portanto, à mercê de poucos escrupulosos arranjos em que não mede a má fé.

E foi assim que conduzido pelos rapazes organizadores do circo, se expôz, inconscientemente de certo, a assignar a carta que o «Seculo» de manhã tornou publica.

Em resumo diz essa carta: «que está disposto ao encontro, desde que seja em 10 «rounds» de 2 minutos, feito no Colyseu dos Recreios. Sendo assim, Mario Gall oferecerá 2 medalhas!!!

E' de pasmar!

Com que direito se mete a gente do circo nas provas dos amadores, abusando da inocencia de terceiros?

Desta vez os calculos saem-lhes furados.

A unica entidade reguladora das provas de amadores é a F. P. de B. Só ela tem o direito de regular as condições dos encontros de amadores.

A' frente desse organismo estão pessoas que não transigem com os arranjinhos do circo, que muito acima das manigancias as repelem.

Escolham as gorras! E' mais perigosa a brincadeira com os amadores que com a boa fé dum publico pronto à exploração.

Nem Alves da Silva se presta a combater fóra dos regulamentos e disposições da Federação e Cesar Ribeiro reflectirá e arrepender-se-ha da sua ingenuidade.

Tímo.

Está marcado o dia 17 de Julho para o Campeonato Nacional de amadores

A F. P. de B. acaba de designar o dia da grande prova de amadores, que terá este ano um brilho extraordinario. O seu essencial atractivo reside no choque dos amadores do Norte com os do Sul. Selecionados separadamente, no dia 17 de Julho ver-se-hão pela primeira vez em frente uns dos outros.

Consta-nos que a F. P. de B. empregará todos os seus esforços para facultar o publico o excelente espectaculo que será o campeonato nacional de box.

Assim, espera obter para a sua realisação um bom teatro. Na verdade seria para lastimar fazer a prova à porta fechada, privando o numeroso publico do box da melhor prova do ano.

Ela mostrará aos espectadores do circo o que póde tornar belo um encontro: a correcção e a sinceridade.

Os amadores do Sul, detentores dos titulos, todos representantes do Ginasio Club Portuguez, desde já vão cuidar a sua preparação.

D'eles fazem parte nomes de destaque, taes como Xavier d'Araujo, Abel Cunha, etc. etc.

Mas se os homens do Sul se recomendam pelas suas qualidades, pela sua forma, as do Norte saberão valê-los.

Tambem entre os amadores do Porto ha «boxeurs» excelentes, taes como: Tavares Crespo, Ruy de Magalhães, Oliveira e Silva, Ferreira, etc. que darão aos seus antagonistas do Sul uma dura replica.

Como o campeonato do Norte se efectuou já ha mezes, e por isso se torna indispensavel uma revisão de pesos, a Federação Portugueza de Box colou ao Velo Club do Porto esta tarefa, que um dos seus membros o sr. Ventura Junior dirigirá.

Não ha portanto perigo de exagerar, garantindo que o campeonato nacional d'este ano será uma das provas de box mais interessantes que em Lisboa se teem feito.

FOOT-BALL

O Sevilha joga na quarta-feira contra o «team» bancario

No campo do Stadium realisa-se depois d'amanhã um encontro de football entre o «Sevilha», que ainda se encontra entre nós, e o «team» bancario.

Deve ser um bello desafio, porque o «team» bancario é constituido por bons elementos dos nossos clubs.

NOTICIARIO

Realisou-se hontem o terceiro desafio de Water-polo de 1.ª categorias entre as equipes do Sporting e Algés e Dafundo, vencendo este por 3 goals a 3.

—O desafio de foot-ball realisado hontem no Campo Grande entre o Sevilha e o Sporting foi ganho por este club por 4 goals a 3.

—A equipe militar de foot-ball que foi a Madrid perdeu no seu unico jogo por 4 goals a 1.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

S. LUIZ—*Eva, opereta em 3 actos de Franz de Lehar.*

E' sem duvida a «Eva» uma das operetas mais bonitas das denominadas vioennenses e, como já é bastante conhecida, desde que foi cantada em Lisboa pela primeira vez, pela Companhia Caramba, não nos deteremos a fazer a sua apreciação mas apenas a do desempenho que lhe deu a Companhia do S. Luiz, na sua reposição de sexta-feira.

Em geral agradou-nos e, se não foi uma Eva impecavel, o que seria impossivel suceder a uma «Eva», foi comtudo muito aceitavel e ouve-se com agrado, como dissémos.

Ausenda d'Oliveira, encarregou-se da parte da protagonista a que deu o relevo que o seu talento de comediante permite, sendo para lastimar que não tenha voz com o volume necessario para dar o realce indispensavel á musica de Lehar; conseguiu porem vencer esta deficiencia com a arte de que dispõe, a compôr uma Eva muito apreciavel, a quem não faltaram «toilettes» de gosto, principalmente no 3.º acto.

Beatriz Gouveia, comquanto não désse ao papel de Gypsi a desenvoltura que a endiabrada «Csilag» da Companhia Caramba lhe imprimia, foi todavia uma Gypsi bastante irrequieta. Alfredo de Sousa acompanhou-a no «Dagoberto» e n'isto está o seu elogio.

O papel de «Octavio Flaubert» encontrou em Salles Ribeiro um magnifico interprete, não só cantando com a sua bem timbrada voz de tenor mas representando com propriedade a personagem de que se encarregou. Armando Saraiva principia a fazer progressos na arte de Thalma, pelo que o felicitamos. Na Eva, sobretudo no 1.º acto, já representou; continue a estudar, e como é novo, poderá vir a ser um artista de opereta completo.

A peça está bem marcada, movimenta-se, e pena é que o guarda-roupa não corresponda; aquelas damas que, no 3.º acto, vão assistir a uma festa n'um rico palacio dos Campos Elyseos, oferecida pela amante de um Duque, mais parece irem para o ensaio, tão pobremente vestidas se apresentam, estando 9 ou 10 de luto, coitadinhas, pois vestem de preto...

O homenageado, maestro Luiz Gomes, recebeu muitos e merecidos aplausos pela fórma como ensaiou e regeu a partitura imprimindo-lhe as «nuances» necessarias para fazer sobresahir as suas belezas e melodias.

T. M.

Noticias teatraes

Não será para surpreender se o teatro Nacional tiver, depois de amanhã, uma enchente á cunha. E' a festa de Macedo e Brito, o estimado secretario da empreza, um dos que conta com as maiores e as mais justificadas simpatias, e que teve o bom gosto e a felicidade de organisar um programa verdadeiramente sensacional. Coincide o espectaculo com a *Recita da Moda* e nelo reaparece, apoz o seu regresso do Brazil, Lucinda Simões, que representará com Brazão, Stichini e Erico Braga a *Manhã de Sol*, o delicado idilio dos irmãos Quintero. Vão tambem a scena, *D. Ramon de Capichuela*, em que Joaquim Costa é impagavel e a *Ceia dos Cardeaes*, por Brazão, Henrique de Albuquerque e Rafael Marques. Além desses tres «caprichos», da mais alta sensação, haverá mais um «trahentissimo» acto de variedades por varios artistas, notando-se entre eles Maria Pia, que interpretará *A Lenda das Rosas Vermelhas*, de Afonso Lopes Vieira, e Henrique Alves, que convidado a tomar parte no intermedio acedeu da melhor vontade.

Os bilhetes para esta recita excepcional continuam sendo procuradissimos, estando muitos tomados pela nossa élite.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. —«Simone».
S. LUIZ—A's 21 h.—«Eva».
AVENIDA—A's 21,15—«Pipiola».
GINASIO—A's 21,30.—«D. Paco Manzanilla».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabos».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troiarós».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30 —«Companhia franceza de revistas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa dojardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

Como de costume, reuniu hoje em sessão magna o pessoal da Companhia Carris de Ferro.

O presidente da comissão de melhoramentos, sr. Armando Martins, propôz que fosse nomeado um delegado para assistir á reunião convocada por alguns comerciantes e industriaes e que se realisa esta noite para tratar da fórma de restabelecer a circulação dos electricos.

A assembleia aprovou e escolheu por unanimidade o proponente.

Continuando no uso da palavra, o sr. Armando Martins espraiou-se em varias considerações e verberou o facto da camara municipal não ter aceitado a formação dum tribunal arbitral, quando no seu contracto figura, numa das clausulas, a instituição dum tribunal dessa natureza.

Seguiram-se no uso da palavra diversos oradores, continuando a sessão á hora que dali sahimos.

Vida diplomatica

O sr. ministro da Belgica e sua esposa, deram hoje, na legação, um almoço aos srs. ministro da Romenia e esposa e dr. Oliveira Soares.

O almoço era em honra do embaixador belga no Brazil, o qual não poude comparecer em virtude de ainda não ter chegado ao Tejo o navio que o conduz.

—A sr.ª ministra da Belgica oferece depois d'amanhã, no palacio da legação, um chá a diferentes pessoas das suas relações.

Tambem lady Carnegie, esposa do sr. ministro de Inglaterra, oferece amanhã um jantar seguido de soirée.

POEIRA DA ARCADA

Ministro do comercio

No rapido das 10 horas e 55 minutos partiu para o Norte, acompanhado do seu secretario, o sr. ministro do comercio, que conta regressar a Lisboa depois d'amanhã.

Asylo-Oficina de Santo Antonio

N'esta instituição de caridade foi comemorado o dia de hoje com missa solene, sermão e outras cerimonias religiosas, estando o edificio patente ao publico das 15 ás 18 horas, sendo grande a afluencia de visitantes.

A exposição dos trabalhos das alunas, em desenhos, bordados, modelações, etc., foram muito apreciados.

O jantar foi melhorado, tendo a ele assistido grande numero de senhoras da nossa primeira sociedade.

CLASSES QUE RECLAMAM

Pessoal dos telefones

Uma comissão delegada do pessoal dos telefones procurou o sr. ministro do comercio, a quem expoz a sua atual situação e as reclamações que ha muito vem fazendo junto da Direção da Companhia, o ministro respondeu-lhe que apoz o seu regresso do norte trataria do assunto.

Tribunal Militar do C. E. P.

Reuniu de novo hoje esta tribunal de guerra para julgar os reus Antonio Abena, soldado do regimento de cavalaria n.º 1; Mario Augusto da Silva, soldado de infanteria n.º 31, e José Filipe Raposo, 2.º cabo clarim do regimento de artilharia n.º 3, os dois primeiros reos acusados dos crimes de deserção e furto e o ultimo de deserção e extravio de artigos militares.

Os dois soldados foram condenados em 8 mezes de incorporação num deposito disciplinar, sendo-lhes levado em conta a prisão já sofrida e o 2.º cabo condenado em trez anos de deportação militar, sofrendo tambem baixa de posto.

Serviço telegrafico da tarde

Protestando contra o morticinio de Graels

MUNICH, 12.—A gréve geral de protesto contra o morticinio de Graels é completa. A policia proibiu as manifestações com receio de se reproduzirem os acontecimentos de 1918. Este repudio daquela resolução suscita a indignação da imprensa da esquerda.—(H).

Uma resolução dos banqueiros internacionaes

WASHINGTON, 12.—Consta que como consequencia da recente conferencia na Casa Branca, a que assistiram diversos financeiros, os grupos de banqueiros internacionais asseguraram ao governo que dóra avante todas as operações financeiras que afectem a situação mundial serão submetidas á aprovação previa das autoridades americanas.—(H).

O restabelecimento da ordem na Alta Silesia

OPPELN, 12.—E' completo o acordo entre os membros da comissão interaliada sobre as medidas tendentes ao restabelecimento da ordem na Alta Silesia, segundo o plano da conferencia dos embaixadores, que estabelece na zona intermedia o desarmamento progressivo dos dois adversarios. Tendo os insurrectos polacos renovado o compromisso de obedecerem ás indicações da comissão interaliada, espera-se que se entre agora numa era de pacificação. A preparação tecnica das medidas mencionadas começou já.—(H).

O sr. Tittoni presidente do Senado italiano

ROMA, 13.—Por 256 votos contra 231 o Senado resolveu propôr ao chefe de estado nomeação do sr. Tittoni para presidente daquela camara.—(H).

A entrevista entre o delegado francez e o alemão acêrca da situação economica da Alemanha

PARIS, 13.—Os jornaes de Wiesbáden referem que no inicio da sua conversação com o sr. Loucheur, o sr. Rathenau tentou abordar o problema da Alta Silesia, mas o sr. Loucheur declarou peremptoriamente que não o acompanharia nesse campo politico.

O sr. Rathenau expôz em seguida o quadro da situação economica da Europa, criticou a taxa de 26 % sôbre as exportações alemãs á qual preferiria um sistema de anuidade fixas embora mais elevadas do que as previstas no acôrdo de Paris. Preconisou a possibilidade de a Alemanha satisfazer melhor os seus compromissos por fornecimento de materias e mão d'obra para as reparações.

O sr. Loucheur depois de ter demonstrado a impossibilidade que a Alemanha obtenha garantias dos aliados para os seus emprestimos eventuaes preconisou certo numero de dificuldades práticas que encontraria o sistema de prestações em materias e mão d'obra. Sublinhou a indispensabilidade de organisar para esses fornecimentos pagamentos escalonados em uma maior numero de anos possivel. Chamou ainda a atenção do sr. Rathenau para o elevado preço de certos fornecimentos alemães.

No fim da conversação, o sr. Loucheur entrevistado declarou que se tratava de uma simples troca de vistas e que o sr. Rathenau lhe pareceu animado das melhores disposições.

Terminou por dizer que estava convencido de que as conversações actuaes permitirião dar as melhores directivas ao trabalho dos peritos.—(H).

Touradas

CAMPO PEQUENO.—Pela primeira vez se estabelecerá no domingo competencia entre amadores e artistas. Com touros da ganaderia do sr. dr. Posser de Andrade, realisa-se uma corrida promovida pelo amador sr. João de Azevedo Coutinho, que na qual será o cabo d'um grupo de forcados amadores que competirá com o grupo profissional de Manuel Burrico.

A competencia de cavaleiros será travada entre D. Alexandre de Mascarenhas e Ricardo Teixeira. A pé, D. Carlos de Mascarenhas alternará com o ex-bandarilheiro Manuel dos Santos; D. Pedro de Bragança com Alfredo dos Santos e Artur Alves Ribeiro com Custodio Domingos.

A provincia n'A Capital

COVILHA, 12. — Saiu para Vila Velha de Rodam, onde foi tomar posse do cargo de administrador do concelho, o sr. Nicolau Alberto Ferreira d'Almeida, amigo pessoal e patricio do governador civil deste districto, sr. José Craveiro Junior.

—Faleceu no Sabugal o sr. dr. José Nepomuceno Fernandes Braz, juiz de direito substituto e director do Banco da Covilhã.

—Tomou posse do cargo de administrador deste concelho o tenente sr. Fernando Pais da Cunha Mamede, natural de Castelo Branco.

—Para o sr. José Esteves Fiadoiro, desta cidade, foi pedida em casamento a sr.ª D. Natercia Fernandes Calado, do Tortosendo.

A produção do trigo e do centeio

São as seguintes as previsões para as colheitas mundiaes de inverno, no que respeita a trigo e centeio.

A do trigo de inverno nos Estados Unidos está avaliada em 171.189 milhares de quintaes, ou sejam 9 0|0 mais que a do ano passado e 10 0|0 superior á media dos cinco anos precedentes.

Na India ingleza, a colheita do trigo é de 68.808 milhares de quintaes, isto é, 31 0|0 inferior e á do ano passado e 27 0|0 inferior á media dos cinco anos precedentes.

Num grupo de paizes produtores de trigo representando 16 0|0 da colheita media mundial, a superficie semeada até este ano é de 19.831 milhares de hectares, isto é, 103 0|0 em relação ao ano passado, ao passo que a superficie destinada á cultura do centeio é de 6156 milhares de hectares, isto é, 98 0|0 da de 1920.

O estado das culturas de cereaes na generalidade é bom.

José Luiz Ricardo

Seguiu no rapido de hoje para S. Pedro do Sul o sr. João Luiz Ricardo, ex-ministro do trabalho.

NOTICIAS DA CAPITAL

QUEM O ALHEIO VESTE...—Na praça o despe, diz o proverbio. Mas no caso presente não foi na praça publica, mas sim no 2.º juiso de investigação criminal, onde o respectivo juiz vae perguntar a Rosalina Augusta da Silva e ao seu amante Jorge Alves Lopes porque é que furtaram joias e roupas no valor de 3.000$00 á sr.ª D. Maria de Carvalho Ferreira de Castro, residente na rua do Alecrim, 86, 2.º. E' natural que lhe respondam que eram pobres, que os pobres casa, mas que elle assim... Lopes, segundo diz a policia—sempre ha cada calumniador!—é useiro e vezeiro na arte de furtar, o juiz encolherá os hombros e fará uma separação, de modo a que tenham tempo de meditar e se arrepender, mandando-a a ela para o Aljube e a ele para o Limoeiro.

E vá que a roubada ainda se deve dar por muito feliz, visto que a policia teve artes de aprender todo o furto.

DMPREGADO PUBLICO RENITENTE.—O sr. Vasco de Almeida Ribeiro, empregado publico, morador na rua dos Sapadores, 113, 1.º, foi preso, acusado pela policia de ter censurado o serviço da mesma e ainda por ter sido encontrado em um cabo, que não quiz deixá-lo falar ao telefone.

Isto, o que diz a parte policial. Mas terá havido então carregado? O poder judicial o dirá.

E' UM NUNCA ACABAR... — Não ha maneira do noticiarista poder comentar todos os dias as queixas que aparecem no governo civil sobre os procesos dos amigos do alheio. Parece que o calor concorre em grande parte para a recrudescencia do crime, naturalmente porque esses «cavalheiros» se sentem extenuados e, não tendo vontade de trabalhar, precisam de angariar recursos para viver.

Hoje vae ao calor. Queixaram-se: João Sebastião, morador na rua dos Mastros, 6, 4.º, de que Guilhermina Folgueira lhe furtou diversos objectos no valor de 665$00; Guilherme Torres, da rua de S. Bento, 278, de que o seu empregado, Adão Marques Dias, morador na travessa da Tarrinha, 6, 4.º, se ausentou com a quantia de 118$00, importancia de uma conta que lhe tinha mandado receber; Pantaleão Augusto da Costa, do largo de S. Julião, 86, loja, de que tendo pernoitado na hospedaria da rua Silva e Albuquerque, 6, 1.º, pertencente a Brito Vasques Esteves, quando acordou deu por falta de todo o vestuario, no valor de 80$00, e finalmente José Francisco Morris da Alameda das Linhas de Torres, 93, de que Antonio Fortes Gonçalves, com ele morador, lhe furtou objectos no valor de 120$00.

Valores para o Ultramar

A Casa da Moeda e Valores Selados expede para Angola no paquete *Quelimane*, a sahir em 16 do corrente, o seguinte: 1.721.917$50 em valores selados e postaes e 170.000$00 em moedas de bronze e de cupro-niquel.

Nos ultimos vapores sahidos em maio expediu tambem em valores selados e postaes o seguinte:

Para S. Tomé e Principe, 39.480$00; para Moçambique, 47.675$00; para Cabo Verde, 58 6 5$00; e para a Guiné, 51.555$00.

A totalidade de todos estes valores é representada por 2.091.252$50.

No primeiro paquete a sahir para Moçambique, tambem deve seguir uma importantissima remessa de valores selados e postaes.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu hoje o sr. Bernardino Silva, com a idade de 86 anos, pae do sr. Julio Silva, guarda-livros da Companhia da Roça de Vista Alegre, realisando-se o funeral amanhã, ás 16 horas, da rua de Santa Marinha, 5, 2.º, para o cemiterio Oriental.

A CAPITAL

3807 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 14 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Para o equilibrio

Ha quem extranhe que ainda não tenha o governo actual declarado oficialmente estar ultimado o emprestimo dos 50 milhões de dollars para o qual o anterior gabinete deixou estabelecidas as bases essenciaes.

E' evidente que se o governo ainda não o fez, é porque aguarda uma oportunidade de que nós, que não somos governo, não podemos naturalmente ser juizes.

Essa oportunidade surgirá hoje, amanhã, d'aqui a alguns dias?

E' possivel, mas isso em nada influe sobre a realidade do contrato porque o governo, se essa realidade não existisse, teria muitas maneiras de não aceitar a responsabilidade que uma falsidade d'essa ordem não deixaria de acarretar-lhe.

O contrato dos 50 milhões de dollars é uma coisa segura, e, diremos mais, contratos da mesma natureza poderia o governo portuguez, se isso lhe fosse necessario, fechar quantos quizesse.

Como o contrato americano, ou em identicas condições, estava já para ser negociado um contrato com banqueiros inglezes, e de fonte absolutamente segura sabemos que ainda não ha muito veiu da Argentina uma proposta semelhante, relativa ao fornecimento de trigos.

E' preciso não esquecer que a operação de que se trata é uma operação de caracter puramente comercial; por isso mesmo, ela só depende de circunstancias que á politica são alheias e que conforme o aspecto que apresentam são mais ou menos propicias.

O que é certo, como já hontem acentuámos, é que o governo cada vez terá menos necessidade de adquirir cambiaes em condições leoninas como teem sido as ultimamente observadas na nossa praça. Hoje com a America do Norte, amanhã em qualquer outro paiz, as suas negociações estão destinadas a exito seguro. O Eldorado dos especuladores acabou.

E' o inicio do renascimento nacional, contra o qual nada podem as machinações destinadas a uma existencia ephemera não de dias, mas de horas, ou até somente de minutos.

A verdade é que a situação geral da Europa melhorou. A pouco e pouco vae reentrando nos seus limites naturaes a vida economica e financeira das nações. O problema politico resolveu-se com a victoria dos aliados sobre a Alemanha. O problema economico está-se resolvendo com o regresso ao trabalho de milhões e milhões de homens. O problema financeiro resolve-se com a submissão da Alemanha, começando a pagar a sua divida de guerra, para as reparações indispensaveis dos prejuizos que a procela por ela desencadeada ocasionou.

Quem se puzer diante deste movimento para reconquistar o equilibrio perdido será esmagado como um verme.

Origens historicas da decadencia nacional

Hontem, na Universidade Popular, o professor sr. Ladislau Batalha realisou a sua segunda conferencia d'esta serie, em que tratou das navegações da Peninsula, e razão d'este fenómeno se ter dado aqui e não n'outro qualquer paiz.

Mostrou o que foi este grande movimento em que Portugal salvou a civilisação ocidental á custa do seu proprio sacrificio, traduzido no despovoamento do paiz, abandono da agricultura, excesso de lutas, e sobretudo não intregração no movimento industrial e culto do livre-exame que despontara na Europa com os movimentos da Renascença e da Reforma.

Referiu-se em termos dolorosos ao desenvolvimento da escravaria, pirataria e bandismo comercial iniciado com o descobrimento e consequencia da influencia etnica dos velhos Liguorios, Fenicios e outros factores etnicos.

O orador foi muito aplaudido.

Vida diplomatica

Almoço na legação da Alemanha

O ministro da Alemanha e sua esposa ofereceram hoje um almoço em honra do sr. ministro de Hespanha e esposa.

Assistiram, além dos homenageados, o 1.º secretario da legação da Argentina e esposa, dr. Macedo Soares e esposa, Freire Egas Moniz, Caetano de Abreu, Ramiro dos Reis, sr.ª D. Maria Antas d'Oliveira Reis e 1.º e 2.º secretarios da legação da Alemanha.

Funcionarios do Registo Civil

Por falta de numero, não se realisou hoje a anunciada reunião dos funcionarios do Registo Civil para tratar da sua situação economica. E' intenção d'esses funcionarios pedir que sejam elevadas ao triplo as verbas consignadas na tabela.

O sr. dr. Miranda e Sousa é o incumbido de elaborar uma exposição para ser entregue ao sr. ministro da Justiça, que, para esse fim, deve ser procurado amanhã, no seu ministerio, por uma comissão daquelles funcionarios.

A caminho da Promissão

Nem tudo são rosas na baixa cambial
O perigo do regresso
O governo não deve inundar de ouro o mercado, porque é pôr a arma na mão do inimigo

Não falta quem suponha que a chegada do cambio ao par seja a maior fortuna para Portugal. Os que assim pensam, são os mesmos que ainda ha pouco julgaram o paiz falido. Tambem ha quem o queira ao par para solver encargos em ouro e ir flanar para o extrangeiro. Com esses nada tenho que vêr; andam nisto de má fé, prefazem um pequeno numero, deixa-los portanto tentar mais essa obra de encobertos e refolhados intuitos, e vemos a elucidar os incautos.

Como o leitor sabe Portugal é um paiz enormemente atrazado. Produtor de varias materias primas (vinho, cortiça, cacau, pescado, fructa...) armára, mercê da sua riqueza e concomitante facilidade de vida, e um nababo mandrião, para quem os outros povos trabalhavam.

Tinha cacau e vendia uma arroba pelo preço duma caixa de meio quilo de «bonbons»; e colocou-o assim, emquanto Cadbury e os judeus de Francfort, com a sua cohorte de difamadores contra o nosso sistema de mão de obra, não voltarem a promover a ruina de S. Tomé com a sua hipocrita piedade a cobrir o seu fim unico — a depreciação do nosso producto.

Tinha vinho e mandava-o para Bordeus, Anvers, Southampton, no seu tipo natural, em autentico carrascão; lá lhe davam «bouquet», lá o filtraram lá o fizeram coisa fina ou o estragam desdobrando-o, conforme o sistema comercial de cada povo e sua habilitação para o apreciar. A França enriquece com os nossos vinhos. Na Inglaterra ganha-se rios de dinheiro com o nosso Oporto.

Tinha cortiça e a unica industrialisação que lhe sabiam dar, era a das rolhas! O grosso da producção ai. ia, barra fóra, fazer a fortuna dos industriais estrangeiros.

Paiz costeiro, n'uma zona em que a fauna maritima abunda enormemente, mercê da previlegiada linha climaterica em que nos achamos no globo, tinha pescado á farta, a mais deliciosa sardinha e comeu sabor... nhas de Nantes!

Fructa da mais saborosa e o mercado era invadido pela acusatoria melada das compotas inglezas.

Dotado de productos naturais excelentes de materias primas riquissimas, em vez de se desenvolverem e aperfeiçoarem certas industrias, havia-se criado umas industrias parasitarias, que em logar de nos facilitar a vida nela estrangulavam impiedosamente, importando, pagando fretes a navios estrangeiros e, comprando caro lá fóra, as materias primas que não possuimos. E nós que aos productos indigenas não sabiamos oferecer mão d'obra triunfadora, metiamo-nos a manufacturar os mesmos artigos, em que lá fora se fazem prodigios sob o ponto de vista de aperfeiçoamento.

O resultado era de prever. O povo portuguez adquirindo caro e mal feito, o que por cá se fabricava, não podia chegar ao artigo extrangeiro, em concorrencia com o nosso, pela protenção das pautas alfandegarias.

Assim se vivia em Portugal antes da guerra, porque povo rico, os portuguezes, 6 milhões de almas com grande talhada no globo terrestre e solo productivo de plantas ricas, com a sua moeda valorisada, não carecia da actividade dos seus musculos, nem sobretudo, do exercicio do seu cérebro.

Se tudo lhe caia em casa com esforço minimo, para quê empregar maior esforço? E' uma lei da natureza; para o que se pode conseguir com menos, não se vae empregar o mais, isto faz parte, é a base de toda a economia animal. Ela e a lucta pela vida regula toda a vil existencia dos seres que povoam este esferoide, nobilitado com o nosso advento.

Veiu a guerra e tudo mudou. Rarearam os transportes, tornou-se perigosa a travessia dos mares, encareceram portanto os fretes. Além disso a concentração de gente nos campos da Flandres atraía para lá a producção mundial. Começou a haver menos producção pelo mundo e os braços a faltarem tambem. A vida a dificultar-se, a producção a valorisar-se, e como consequencia necessaria, esse simbolo representativo do material e esforço havido, cunhado em papel ou em metal a perder valor.

Começou para os portuguezes a sua hora dificil; mas como só a necessidade leva o organismo ao esforço, e como este é sempre proporcional áquela, aconteceu o que era natural, os bravos lusitanos que tinham criado certos habitos pela introducção no seu *habitat* dos progressos alheios, tiveram de sair do seu bucolismo retrogado, das suas industrias parasitarias improgressivas, incapazes de competir com a concorrencia externa, e de se lançar no aproveitamento do que o seu solo, as suas aguas lhes oferece. Mas ao mesmo tempo os mesmos lusos valorosos, viram pela inepcia dos dirigentes os seus *stocks* ouro e prata sumirem-se como por alçapão de mágica, sentiram o estomago a ter, sucessivamente, de reduzir a sua cubagem, alguns deles, muitos deles não se puzeram qual Budha a contemplar o umbigo que se encolhia com fome, e desataram mas foi a servir a feroz necessidade. Estes foram os da iniciativa, os das emprezas, os das industrias indigenas.

Estes espiritos activos, emprehendedores e tenazes servidos pela mão d'obra cá da terrinha nos foram da lei da morte libertando; e emquanto os descendentes dos Albuquerques e dos Nun'Alvares se batiam na Flandres, um novo tipo, de formato moderno, actual, que aparecera por ai segundo as indicações duma lei biologica, fazia com que esta velha maquina, o nosso Portugal em decadencia, caminhasse, andasse para diante: Despe-se a anachronica armadura medieval; souberam servir-se de barcos já sem velame, e apresentaremse de cara lavada e barba feita, a levar lá fóra o seu rico peixe, o seu azeite, as suas madeiras, o seu vinho, as suas fructas... Pena foi que esse mesmo Portugal actual tambem adquirisse depressa o espirito moderno do egoismo feroz á americana á ingleza, e que a ingenuidade e impreparação dos que nos governaram, se deixassem ficar a olhar para o que partia, qual boi para palacio, como ontem tive ocasião de explicar, pela centessima vez.

Mas emfim, eis-me chegado ao ponto capital: não foi com inteira sinceridade que eu amaldiçoei essa incuria, esse «talent de rienfaire» da governação, porque tambem teve as suas vantagens. E eu me explico.

Como tenho dito essa formação dos «stocks» em ouro lá fóra, foi uma bela infamia. Obrigando os governos a successivas emissões, depreciando a moeda, poude erradamente manter aos olhos dos sem grandes vistas a aparencia da nossa ruina. Deixou vincar nos espiritos a ideia parva d'uma possibilidade de proxima falencia, e como tudo deminuia cada vez mais o valor do dinheiro, cada vez se tornou maior a necessidade de luctar pela vida, de pôr aparte o tal principio de menor esforço de que os portuguezes são propensos, por causa do seu clima, e das copiosas infiltrações de sangue africano, mouro e oriental.

Foi por isso que eu sorri sempre intimamente, quando assistia ao «fervet opus» da fundação de emprezas, da construção de fabricas, da intensificação das culturas, durante os 7 anos que acabam de passar, quando ouvia praquejar alguem contra a desvalorisação do escudo. E' que eu contemplava com desvanecimento, porque sou portuguez, o despertar para a vida de um povo que dormia e escabeceava ha quasi dois seculos, por não precisar de estar disperto.

Se se trabalhou e se produziu n'estes anos, dizem-no as somas fabulosas dos depositos em ouro existentes lá fóra; se o regimen cambial extincto, agravando-se dia a dia, nos prejudicou, dir-me-ha o leitor, depois de meditar sobre este quadro traçado á pressa.

Por isso eu só inaugurei o tratamento intensivo, quando o que fôra um fenomeno natural, entrou entre nós no cyclo da ignobil exploração: quando se estava abertamente no *gachis* das quatro casas, que açambarcavam o ouro por processos de balcão pondo-nos a libre, intundadamente, artificialmente, na casa dos 5.

Mas uma coisa, é corrigir este abuso ignobil, outra será ter aversão a uma baixa justificada do cambio. Nessa não caio eu, porque dela tudo tem a esperar o Portugal maior, o Portugal em progresso, o Portugal não China do Ocidente. Aqui tem o leitor ao correr da pena porque não nos convem o cambio ao par, alem de todas as outras razões de desiquilibrio de momento, a que já aludi e que são de grande pezo para a vida economica da nação.

Pintei as vantagens do altismo; tambem não deixarei de mostrar os inconvenientes e a anormalidade do regresso ao par, enquanto Portugal não estiver tambem ao par nos progressos alcançados pelos outros povos. Sou portuguez e como tal ambiciono para a minha gente um papel mais nobre do que o de *beast of burden*, animal de carga e de tracção dos mais civilisados.

E para que caminhemos é necessario que a alta do cambio venha devogar e que por largo tempo se fixe a 12 pelo menos, com a libra a 20 escudos.

Inundando de ouro o nosso mercado corremos dois riscos, o desastre de nos pôrem o cambio ao par; ou por uma habil apropriação deste ouro por parte dos fortes açambarcadores o regresso á falsa e exagerada baixa que eu primeiro combati.

D. Thomaz de Noronha.

NA BAVIERA

A policia dispersa o cortejo que acompanhava o feretro do deputado Garcis

MUNICH, 13. — Continua a gréve geral. — (H).

NUREMBERG, 13. — Em Coburgo a [illegible] gréve é quasi geral na grande industria e nos carros electricos. A policia proibiu a reunião unica das organisações operarias, a fim de assistirem ao enterro de Garcis. — (H)

MUNICH, 13. — Realisou-se esta tarde o enterro do deputado socialista Garcis, sendo grande a afluencia de trabalhadores. Lefedour fez o elogio do apostolado socialista desde Jaurés até Garcis, Unberleitrer apresentou os pezames dos socialistas francezes e austriacos. A policia guardava as pontes sobre o Ysar e as barragens que se estabeleceram obrigaram o cortejo a dispersar. Os comunistas distribuiram manifestos contra o governo de Von Kahr. — (H).

Japão e Estados Unidos

LONDRES, 14. — Telegrafam de Washington ao «Morning Post» que o Japão desejoso de arranjar directamente com os Estados Unidos os assuntos da ilha de Yap, ofereceu-lhe o previlegio da amarração dos cabos telegraficos na mesma ilha. — (H.)

POLITICA INTERNACIONAL

A Inglaterra arbitro no continente europeu

Num discurso proferido na Camara de Comercio de Manchester, Wintson Churchill exortou vivamente a Inglaterra a retomar o papel de pacificadora na Europa, declarando que a unica garantia duma paz duradoura viria duma cooperação efectiva entre a Gran-Bretanha, a França e a Alemanha:

—E' preciso ser justo para com a França—continuou o ministro—e não esquecer a sua terrivel situação, muitas vezes ignorada, nem os seus quarenta milhões de habitantes em face dos setenta milhões de alemães. A França, que fôra induzida a crêr que poderia contar com o socorro da America e da Gran-Bretanha no caso em que se repetissem as circunstancias de 1914, não recebeu garantia alguma dessa especie. Resulta d'ahi uma grande anciedade em todos os corações francezes.

«Este facto provocou por vezes divergencias entre a nossa politica e a do nobre, fiel e heroico povo francez.

«Devemos compreender o ponto de vista francez porque deve haver, ocultas no mais intimo do coração de certa categoria de alemães, ideias que podem ser perigosas para a paz da Europa.

«Se querem colher o fruto da victoria que a Inglaterra e a França alcançaram juntas, devem fazer acordos assegurando, não uma cooperação entre a França e a Gran-Bretanha, mas entre a França, a Gran-Bretanha e a Alemanha e visando um trabalho de reconstituição em comum.

«Pertence á Gran-Bretanha, que não corre os mesmos perigos que a França, que não vê chocar contra ela nenhum dos resentimentos que fermentam no coração da Alemanha; pertence á Gran-Bretanha dar á França um sentimento de segurança que tranquilise os seus receios e dar tambem á Alemamanha o sentimento de que é tratada dum modo equitativo, o que lhe permitirá conter a violencia das forças que fermentam no seu seio.

«Eis o papel que a Gran-Bretanha se deve esforçar por desempenhar com paciencia, com franqueza, com coragem, com lealdade, com convicçã durante os anos que vão decorrer; eis o papel que deve desempenhar a Gran-Bretanha para trazer um certo apaziguamento ás perigosas coleras que referverm ainda na Europa; eis o papel que ela deve desempenhar para estabelecer o universo nos solidos fundamentos da victoria alcançada por nossos filhos.

A questão de Vilna

Emquanto se debate a questão da Alta Silesia, a Sociedade das Nações ocupa-se de outro problema na outra extremidade da Polonia: a questão de Vilna, que não é nada facil, antes ao contrario.

A Lituania e a Polonia querem ao mesmo tempo dominar na região de Vilna, que está ocupada desde outubro passado pelo general polaco Zeligowski.

As negociações para se encontrar uma solução satisfatoria iniciaram-se em abril findo, sob o egide da Sociedade das Nações e presidindo á comissão para tal fim nomeada o sr. Hymans.

O presidente tem empregado todos os esforços para satisfazer os desejos dás partes litigantes. Como a Lituania considera Vilna como a sua actual capital e a Polonia deseja entrar com a Lituania numa aliança intima, o sr. Hymans elaborou um projecto de transação destinado a servir de base á discussão a tal respeito travada.

Segundo esse projecto, Vilna seria para a Lituania, mas ficaria formando um cantão autonomo unido ao de Kowno, com uma organisação semelhante á dos cantões suissos; o polaco e o lituanio seriam linguas oficiaes nos dois cantões.

Por outro lado, os desejos da Polonia ficariam satisfeitos com uma aliança politica, militar e economica entre os dois Estados.

Constituir-se-hia um conselho comum para os negocios extrangeiros, com seis membros, tres de cada nação, que asseguraria a unidade de acção na politica externa.

Uma convenção militar uniria os dois exercitos sob um comando unico e no terreno economico não haveria fronteiras alfandegarias entre os dois paizes.

Assim, era respeitada a independencia da Lituania e, ao mesmo tempo a Polonia nada teria a recear de flanco até ao mar Baltico.

Os lituanos pareciam estar na disposição de entrar em negociações sobre estas bases, mas os polacos querem que os habitantes de Vilna estejam representados na conferencia.

E' essa uma nova condição, dificil de realisar, visto a região de Vilna estar nas mãos dum general polaco e os enviados a tomar parte nas negociações não poderem ser nomeados com toda a imparcialidade.

Por esse motivo, as negociações em Bruxelas foram interrompidas e o assunto será resolvido pelo conselho da Sociedade das Nações.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Apodos, apupos e alcunhas

Rezão de ser dos antagonismos populares — O Miguel alemão, o João Toiro e o Tio Sam — As personificações da França — O Zé Povinho

O antagonismo observado na dansa das raças, perpetua-se indefinidamente entre povos, entre nacionalidades, entre profissões e agrupamentos partidários e manifesta-se muitas vezes sob a forma de apodos.

Fazer exame minucioso a cada uma d'estas categorias de antagonismo e arquiva-las todas seria a obra de muitos volumes, e demandaria a paciencia de longuissimos anos em trabalho de pesquiza, copilação e confronto.

O que nos resta de vida já para tanto não chega.

Limitar-nos-emos a observar e exemplificar o fenómeno, como elemento para a sua logica interpretação.

Já aludimos ao egoismo que nos leva a desvendar defeitos e erros em tudo que não seja nós ou que este já fóra de nós.

Provável sobrevivencia do velho e de ha muito condenado antropocentismo, em verdade por si só não bastaria para esplicar a persistencia d'estes despeitos e odios que até á actualidade continuam dispersos por toda a parte.

Ha que respigar causas historicas, e entre estas uma das principaes reporta-nos á Edade-Média, á distribuição das terras em comunas, cada qual ciosa dos seus foraes e regalias, ora mais ora menos vantajosas umas do que outras.

Vinham ainda sobrepôr-se certos privilegios desigualmente distribuidos, conforme a Constituição de cada Bispado, tudo sujeito á fiscalisação e modificações do «veto» da Santa Só.

Assim se tornava cada localidade ciosa das suas prerogativas e invejosa das suas rivaes, a gerar apodos que cada qual jogava insolentes ás suas visinhas.

Mais intensificava os despeitos creados, o espirito das rivalidades genealogicas fomentadas pelos livros ée Sinhagens, onde cada qual pretendia fazer honrar as suas terras como berço de façanhas inauditas, honrando-se implicitamente com a pretensa ascendencia á nobreza mais remota.

Para a constituição da Europa moderna, téve de dar-se, porém, a formação de nacionalidades politicas e a unificação dos seus territorios componentes, o que veiu reduzir a um pé de maior egualdade de direitos e deveres todas as regalias, privilegios e prerogativas até então diversamente distribuidas pelos povos.

Se ao conjunto nacional, porém, a unificação fortaleceu, cada povoação isoladamente, sentiu-se lesada e preterida. Por isto os apodos e maus dizeres continuaram e mantiveram-se, prolongando-se muitos até hoje, alguns deles já sem sentido conhecido.

As proprias nacionalidades, por extensão dos principios espostos, referem-se umas ás outras em sentido deprimente e pejorativo.

Assim a Alemanha é habitualmente simbolisada na figura conjectural do Miguel Germanico—«der Deutsche Michel».

Falando-se d'Inglaterra, logo todos e por toda a parte espontaneamente fantasiam um John Bull—o João Toiro—, gordonchudo, de casaca, colete e calções de veludo em côres diferentes com botões amarelos, botas de cano com esporas, azafamado, de chicote em riste, como quem trata simultaneamente de negocios e cavalos.

A America do Norte representa-se universalmente por um velho Yankee, magrizela, comprido, gigante e muito esguia, com chapeu alto de feltro em duas côres e casaca grotesca de abas exageradamente longas, tudo marchetado de estrelas a similhar uma fantasia de chita estampada.

E' o tio Samuel—«Oncle Sam»—, conhecido em todo o mundo pela cara escarninha e olhos penetrantes. De braços muito compridos a segurar uns dedos afilados que em tudo tocam e nos mais reconditos esconderijos penetram, o Tio Sam é servido por umas pernas esguias, sempre prontas á maior velocidade de marcha, que lhe permita tão depressa estar na sua Sepublica estrelada como nos antipodas e pescar dolars no estrangeiro para os esquisitos partidarios de Monroe.

Dentro e fóra da America, todos se riem dele pela estranheza do aspecto que recorda as excentricidades do seu paiz. Mas tambem todos o respeitam, porque, sob a lhaneza e frescura das suas maneiras, transpira a austeridade de principios, a firmeza de vontade e a rijeza de opiniões.

Pejorativo mas grande, o Tio Sam é a fiel representação dos Estados Unidos da America.

Tambem a França, para os francezes continúa a ser Jacques Bonhomme, como Portugal, para nós e para os estranhos, não mais deixará de ser o Zé Povinho, imagem acabada do Mujik russo, que, depois de se arristar á mais formidavel das revoluções com que pôs termo ao despotismo dos Grão-Duques, submeteu-se e aceitou resignado as imposições despoticas de Lenine e d'outros inteligentes representantes da moderna aristocracia... proletaria.

Pode bem dizer-se que o Mujic é o Zé Povinho da Russia, como o nosso Zé Povinho nacional recorda o Mujik russo, ambos irmanados no alcoolismo, no analfabetismo, e na bonacheirice que ás vezes leva a chamarem-nos Zé Palerma e Zé Pacovio.

Mas a França que tem exercido uma certa hegemonia intelectual e recolhido consequentemente muito importantes e nosso inconfessaveis interesses, mereceu dos estranhos outras personificações e apodos.

Para nós, como já vimos, o proprio nome de francez comporta um sentido de ironia misturada de desprezo.

A vizinha Espanha, tão magoada como nós das invasões dos francezes nos principios do seculo passado, chama-lhes Gavachos, Franchutos, ou o que é muito mais injurioso—Gavachos puercos (porcos).

Os Americanos reduziram o nome de Bonaparte á simplicidade do Bony nome em que fazem referencia ironica ao paiz de Lafayete, o seu libertador.

Nos inglezes, a mágua contra a França é muito maior, a despeito da confraternisação artificial ditada pelos interesses materiaes durante a ultima Guerra mundial. Por isso tratam os da velha Galia por alcunhas bem ridiculas e ironicas.

Em Inglaterra, quando os francezes não merecem o epiteto de Thiago Rã — «Jacques Frog», — ou Comilões de rãs — «Frog Eaters», — proveniente da crença popular de que fazem das rãs a principal base da sua alimentação, sujeitam-nos a ser tratados pelo nome infamante de sapor — Johnny Crapaud, — devido á lenda popular ingleza de terem figurado tres sapos nas armas dá França antes das tres flores de Lis. (1)

Tambem no Seculo XVI, falando de nós, diziam os francezes — porco como um portuguez:

—«Sabe comme un Portugais.»

E ao lado da nossa porquidade tornada então proverbial no estrangeiro, tambem lá chegava a fama das riquezas que estorquiamos ao Ultramar.

Tantas elas eram, que em França, no tempo dos nossos descobrimentos maritimos, se dizia em proverbio que a historia arquivou:

«Riche comme un Portugais» (2)

Ladislau Batalha

(1) Sébillot — Blason populaire de la France 27—28.

(2) Gomes de Trier — *Jardim de Récréation.*

A luta na Irlanda

O corte das linhas telegraficas e telefonicas, os combates nas ruas de Dublin

Os sinn-feiners, como já o telegrafo anunciou, na noite de 7 para 8 do corrente fizeram tudo quanto puderam para isolar a capital ingleza do resto do paiz, cortando grande numero de linhas telefonicas e telegraficas que ligam Londres ás outras cidades.

Foi nos suburbios da capital ingleza que os bandos irlandezes praticavam mais delapidações: em Hounsbow, em Mobúdg, em Harlington, em Barnet, em Hayes, em Southall, em Northwood, em Sidcup, em Sevenvaks e em Coulsdon, mais de 300 linhas foram cortadas por meio de pinças e um certo numero de postes telegraficos serrados pela base. A linha que liga Londres ao continente ficou seriamente avariada.

Em Sidcup, as linhas que faziam funcionar os sinaes do Great Western Railway foram arrancadas.

Em Scotland Yard declararam que só um bando organisado podia praticar tantas avarias no espaço de algumas horas e que se devia tratar com certeza d'uma conjura sinn-feiner.

Deu essa repartição de policia, por tal motivo, ordens para que apertada vigilancia seja exercida, de dia e de noite, percorrendo os campos patrulhas de policia, armadas.

Tambem nos arredores de Liverpool foram cortadas numerosas linhas telegraficas, tendo sido efectuadas seis prisões.

Pouco depois da meia noite de 7, travou-se em Great Brunswich Street, uma das mais amplas ruas de Dublin, um encarniçado combate, que durou mais de vinte minutos, entre rebeldes e uma patrulha, sendo numerosos os feridos.

Em Westland Road, na mesma cidade, quatro policias e muitos civis foram feridos pelos estilhaços de duas bombas arremessadas contra um camion que transportava agentes de policia.

Nas linhas ferreas francezas

Atentados criminosos.—Comboios descarrilados.—Um morto e alguns feridos

No dia 3 do mez corrente, ás 22 horas, em virtude duma agulha ter sido avariada perto da gare de Pierrefitte, na rêde do Norte, o rapido 330, que ia de Tourcoing, meteu por uma via lateral que não tinha continuação. Mercê do sangue frio do maquinista, que percebeu que o comboio não seguia a via habitual, poude evitar-se uma catastrofe. O inquerito aberto pelas autoridades judiciaes do Sena não conseguiu ainda apurar quem foi o autor ou autores do acto criminoso.

Ainda não está acalmada a emoção causada por esse incidente e já um outro atentado, de muito maior gravidade, se deu na rêde ferro-viaria do Oeste, em seguida ao descarrilamento de dois comboios de mercadorias.

*

Na quarta feira á noite, ás 23, 25, o comboio de mercadorias 9019, que havia saido da gare de Austerlitz ás 23, 6; seguia a via numero 1. Descarrilou entre Choisy-le-Roi e Villeneuve-le-Roi, ao quilometro 11700, no local denominado ponte de Orly.

A maior parte dos vagons tombaram, obstruindo as vias proximas.

Quasi no mesmo momento, um outro comboio de mercadorias, o 4023, que saira da gare de Paris-Ivry ás 23, 5, seguindo pela via 1 «bis», chegou á altura do comboio descarrilado. Veiu chocar com os vagons tombados e despedaçados.

Com o formidavel choche, o 4023 descarrilou por sua vez. O chefe do comboio 9019, que ainda se encontrava no seu fourgon, Luiz Colas, teve morte instantanea; o conductor, Chaudiére, ficou com as pernas fracturadas.

Tres outros empregados ficaram feridos, embora sem gravidade.

Os primeiros socorros chegaram idos das gares de Choisy-le-Roi e Villeneuve-le-Roi. Partidas de operarios conduzidos em comboio especial do deposito de Chevaleret tentaram durante a noite de desobstruir as linhas.

A circulação só poude ser restabelecida n'uma linha, a via numero 4, no dia 9 da manhã e todos os comboios de passageiros n'esta parte da rede de Orleans tiveram de sofrer grandes atrazos.

Os engenheiros da companhia descobriram com facilidade as causas do primeiro descarrilamento: um rail de comprimento de dezesseis metros da via numero 1 tinha sido arrancado por completo, tendo-lhe sido tiradas as eclises.

O rail fôra erguido e colocado atravessado na via. As eclises apareceram juntas na banqueta.

O sr. Philippon, substituto geral do tribunal do Sena, e um juiz de instrucção dirigiram-se á ponte de Orly para procederem a investigações.

Inspectores da brigada denominada dos anarquistas, da policia judiciaria, dirigiram-se tambem ao local. Até agora ainda não poude ser encontrado qualquer indicio que puzesse a justiça na pista dos criminosos.

Já se provou, porém, que o arrancamento do rail foi efectuado entre as 22.38' e as 23.23'. O ultimo comboio de viajantes que passou na ponte de Orly foi o expresso Paris-Toulouse que atravessou a gare de Villeneuve-le-Roi ás 22.38' em ponto.

Ha motivos para crer que os malfeitores sabiam que tinham uma hora na sua frente, hora durante a qual não passaria comboio algum, para poderem arrancar o «raid» de dezeseis metros.

◆ ◆ ◆

Na linha ferrea de Vaux-sur-Seine foi cometida na noite de 8 para 9 uma tentativa de sabotagem, com o fim de ocasionar um choque.

Alguns malfeitores ataram o sinal de avançar do posto n.º 3 por meio de um fio de cobre, o qual, apezar de se ter partido, impediu que esse sinal funcionasse.

Felizmente, a circulação não foi interrompida e não se deu qualquer acidente.

PELO TELEGRAFO

A conferencia entre os delegados francez e alemão

MOGUNCIA, 13. — Na ultima conferencia entre os srs. Loucheur e Rathenau, que se realisou esta tarde, fixaram-se as condições em que devem continuar em Paris as conversações entre os peritos franceses e alemãis. Estes ultimos supõe-se que sejam os srs. Bergmann e Wolf. — (H).

Mais um dirigivel entregue á França

PARIS, 13 — O dirigivel «Nordstern», que foi entregue pela Alemanha á França, saiu esta manhã de Friedrichshafen e chegou de tarde a Saint Cyr. — (H).

O rei Constantino á frente das tropas

SMIRNA, 13 — Chegou hontem o rei Constantino. Este iminente a sua partida para a frente de batalha. (H)

Cessação do estado de guerra

WASHINGTON, 14. — A camara aprovou a resolução Porter, que põe termo ao estado de guerra com a Alemanha e a Austria. — (H).

VIDA SPORTIVA

O Sport portuguez deve ter um representante no parlamento

Iniciamos hoje uma série de artigos sobre a ideia que a Capital ha dias lançou, afim do sport portuguez ter um representante no parlamento.

Sr. redactor:

Pede-me v., amavelmente, a minha opinião sobre a possibilidade de incluir no numero dos futuros deputados um representante do sport.

Convictamente, modesto, o meu parecer, vou dizer-lhe:

A sua ideia acho-a boa, excelente mesmo.

Conseguir no parlamento um enviado nosso — de todos os homens de sport —, é, indiscutivelmente, uma lembrança feliz.

Entendo absolutamente viavel enviarmos um homem á camara. Como?

Desconheço inteiramente a structura da actual lei eleitoral. Partindo porém do principio que era possivel recencear todos os sportsmen — isto obtido por meio dum entendimento prévio entre os nossos clubs de sport — cada um cumpriria o seu dever incluindo na lista politica da sua predilecção o votado por nós, com prejuizo apenas dum seu candidato de partido. Tratando-se de indiferentes, apenas votariam o candidato sportivo.

Supondo, sem exagero, a existencia de alguns milhares de sportmen eleitores, facilmente se conseguiria uma eleição por maioria.

Que vantagens adviriam, que beneficios, para o sport, dessa sua representação no parlamento?

Muitos evidentemente. O Estado está ainda pelo alheamento dos seus governantes fóra das questões de educação fisica. E' necessario que luctemos, tenazmente, em todos os campos, por interessá-lo num dos problemas vitaes da nação.

A educação fisica, de que o sport é um precioso auxiliar, tem sido até hoje mais ou menos descuidada pelo Estado.

Sem querer abordar questões especiaes que competem aos tecnicos, aos fisiologistas, é um facto mais que provado que a nossa raça, eivada das taras fisicas proprias das velhas raças, se definha dia a dia.

O seu resurgimento fisico só é possivel com uma intensa propaganda do sport.

Um povo sem saude é impotente ao só dos esforços fisicos, como dos intellectuaes. Enraizar este principio não é tão facil como pode parecer á primeira vista.

A educação da nossa mocidade peca por pouco cuidado com o seu desenvolvimento fisico.

As nossas creanças abandonam o arco e a péla pelos versos ou pelos clubs de batota. Assim na generalidade os mancebos da nossa terra passam de meninos a precoces poetas ou estroinas.

Perdem aqueles o vigor em exageradas... abstracções, estes nas orgias.

E' necessario que os paes se convençam que é duma imensa utilidade prolongar-lhes os brinquedos e fazê-los depois enveredar pelos campos e salas de sport.

A noção de que nesses locaes lhes esmurram as creanças é tudo quanto ha de mais erroneo. Na pratica do sport, encontram nas perigosas edades de transição de garotos para homens, os rapazes, encartos uteis, estimulando-lhes o sonho de proezas atleticas que os fazem esquecer a predisposição natural para os desregramentos.

A educação racional, equilibrada do individuo compreende uma cultura paralela do fisico e do intelecto.

Se tratando-se apenas o corpo se esquece o desenvolvimento intelectual, forma-se do individuo o bruto; se ao contrario se atende apenas á gymnastica intelectual, forma-se o raquitico. Em ambos os casos se faz um inutil.

E' ainda indispensavel vêr clara a função do sport. O seu papel não consiste apenas em robustecer.

Bem comprehendido, ele constitue uma escola moral de primeira categoria. A sua pratica inteligentemente comandada, imprime superiores qualidades ao individuo. Ensina-lhe a coragem, a lealdade, a confiança em si proprio, a decisão etc.

Que soberbos exemplos a guerra ultima forneceu n'este sentido!

Chamar o Estado á realidade d'estas verdades é nosso dever, como o de incutir-lhe um pouco da nossa fé, tornando-o, como será futuramente, o nosso mais poderoso auxiliar. Um Estado moderno assim ambicionamos o nosso.

Assim são todos os Estados que consideramos na vanguarda civilisadora.

Vagas são as nossas ideas sobre um programa minimo que terá o nosso paladino o nosso representante.

Oportuno não é abordá-las. A representação parlamentar do sport seria uma conquista valiosa. Não só o cumprimento d'esse programa a que me refiro, conjuncto de realisaveis aspirações de todos nós, seria o fim do nosso representante, mas tambem lhe competiria a fiscalisação do funcionamento das poucas engrenagens oficiaes existentes. Quem deve ser o representante sportivo?

Antes de tudo um desligado de compromissos politicos.

Depois, naturalmente, uma pessoa culta, que reuna o maior numero possivel de qualidades parlamentares: Bom senso, um pouco o dom de convencimento, decisão.

Esta não falta nunca a um homem de sport...

Francisco Guedes
(engenheiro)

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO DO GINASIO — D. Paco de Manzanilla, *peça em 3 actos de Não Se Sabe Quem adaptação livre de Fernando Machado* : : : :

Nota: *O nosso fauteuil custou 3$00 num contratador, mais barato do que na casa...*

Finalmente resgatou-se o «Ginasio» dalguns erros passados da direcção artistica, dando-nos em fim uma peça onde se patenteia claramente que o trilho a seguir é o da verdadeira e sublime arte teatral.

Pondo em scena o intenso drama que o sr. Fernando Machado adaptou do dinamarquez, e recheou duma prosa absolutamente literaria, dando-lhe a interpretação superior a cargo de artistas como «lá fóra» não se vê melhor, a empreza do Ginasio conseguiu dar a mais duma de felizes creaturas que hontem ali foram, um delicioso e comovente espectaculo.

Os actos são curtos mas cheios daquela beleza que reside nas obras dos dramaturgos do norte, tendo alguns individuos da plateia quebrado a emoção dos habitantes das primeiras filas, batendo com as mãos a pedir bis, quando o actor Palma, numa explosão artistica sabiamente ensaiado por Araujo Pereira, clamou ante o atonito terror da plateia: «bólas... bólas... bólas!...»

A distinta «diyette» Berta d'Albuquerque, reapareceu ao publico, sendo lamentavel que não tivesse sido acolhida com a vibrante salva de palmas usada nos reaparecimentos felizes.

O 2.º acto, talvez o mais profundo, porque passa alguns minutos de tragédia num gabinete de ministro, ministro «Doublé» de vendedor de elixires para o cabelo, prendeu de tal forma a atenção da plateia e provocou uma tal distensão de nervos que houve espectadores que chegaram quasi a rir, tal a intensidade dramatica da peça. Muito bem, muito bem.

Cumpre-nos destacar no meio do punhado de valiosos artistas que se conjugaram para levar á scena uma tão brilhante peça, o «grande» actor Otelo de Carvalho, o novo «Chaby Pinheiro» da geração moderna a quem o nosso teatro declamado já deve tão extraordinarias criações, tem um tipo do melhor que temos visto em teatro tragico; a sua personagem é estudada com uma minucia de grande actor; depois, não abusa do seu elegante fizico, não espiroteia, não exagéra nada,... é duma extraordinaria elevação artistica e dum «rafinement» superior: a forma como baila, como trauteia, na grande scena da loucura, impo-lo-hiam á admiração da Patria, se outras creações o não tivessem já colocado em grande altura; (1m,25).

O 3.º acto, meus caros leitores, é sem duvida ainda superior aos dois primeiros; mas não podémos resistir e viemo-nos embora, no intervalo, com a voz embargada pela comoção.

Os scenarios bem aproveitados e feliamente, não houve desastres pessoais a lamentar.

Armando Ferreira.

NOTA:—Em virtude de termos dito muito bem da peça, esperamos que amanhã já tenhamos logar captivo, neste teatso, tanto mais que tão belos espectaculos só de graça merecem ser devidamente vistos.

Nota do dia

Estrelos e estrelas

O publico é por vezes um colaborador interessante e curioso dos jornaes. Dos jornaes e dos espectaculos quando jocosamente contribue para entreter os mais meazombos em face dum espectaculo que não vale a decima parte do dinheiro gosto.

Lembra-nos a mocidade, o bom humôr da plateia do «Cerco ao Rei», no «Paris S'amuse» espectaculos muito mais jocosos de que os que a empreza nos estava dando.

Nos jornaes o «leitor assiduo», o «constante leitor», deixam transmitir de quando em quando opiniões sensatas, que vem pelo menos negar a afirmação erronea dos artistas quando dizem que o publico «o que quer é divertir-se».

Fora o entroito vamos á carta que hontem recebemos: Diz ela:

Sr. Redator.

Sou um dos leitores assiduos das suas cronicas de teatro, pelas verdades que encerram e pelo desassombro com que são feitas.

E, justamente por isso, é que me atrevo a perguntar-lhe se foi ver a reprise da EVA ao S. Luiz? Poderá, por acaso, o meu amigo esplicar aos leitores do seu jornal, se acaso ha explicação para o facto, porque motivo a protagonista da peça é feita pela sr.ª Ausenda de Oliveira que, entre nós e muito bem, creou na primitiva o papel de GIPS, o unico que pode desempenhar a contento geral do publico?

Julgará aquela artista que basta vestir bem uma peça, para se fazer aplaudir? Dentro da companhia do sr. Armando de Vasconcellos, não estaria a sr. Aldina de Sousa que, tão brilhantemente tem firmado os seus creditos de cantora, indigitada para fazer a EVA?

Com franqueza, dar um dinheirão por uma cadeira para ouvir, quando, por acaso, chega até nós, a vozita da sr.ª Ausenda, estragando uma das mais lindas partituras, acho forte, pois nem sequer a Empreza poderá argumentar ao publico que, «onde não ha...»

Desculpe, o desabafo de

Um espectador que pagou e não gostou

Leitor amigo, que «pagou e não gostou», fixa mais uma vez o facto unico na historia do nosso teatro, da predominancia irrisoria dos «estrelos» e «estrelas»:

Meia duzia de artistas, algumas nulidades guindadas, por falta de concorrencia, a primeiros artistas, impõem ordenados fabulosos ás emprezas milicianas, não admitem que as peças tenham a distribuição que essas emprezas ou os autores indicam pela observação das exigencias da arte, e assim resulta que os «noveis actores genesicos», sem condições para o ser, pôem em fuga do seu lado os que, tendo aptidões, se vêem sempre na subalternidade; «conjuntos» agradaveis é impossivel de se obter; disciplina é coisa a fugir cada dia mais; e assim, o publico comenta, porque não é tolo nenhum, o estado lastimoso em que o teatro vem a cair novamente.

Um rapido olhar no momento presente nos indica a situação: O «Eden» jaz desacreditado, estoirou de todo. No «ginasio» estavam na «premiére» de hontem umas 80 pessôas. No «Avenida» sucedem-se as «reprises» para aguentar a falta de reportorio e a ausencia de publico; no «Nacional» procura-se de novo o passo, a rebuscar no «Cardeal», na «Morgadinha» no «Amor de Perdição»; no «S. Luiz» são precisos os beneficios para as casas terem algum publico, e em todas a desorientação é manifesta, vivendo sem reportorio fixo, sem ideias definidas, sem... Mas, passemos adeante.

Armando Ferreira

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ — A's 21 h. — «Os sinos de Corneville».
AVENIDA — A's 21,15 — «Morgadinha Val-flôr».
GINASIO — A's 21,30 — «D. Paco Manzanilla».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Miss Diabo».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ — A's 20,30 22,30 — «Troiarós».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21,30 — «Companhia franceza de revistas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa dojardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Ministro das finanças da Entente

Politica italiana

ROMA, 13.—O sr. Honomi, ministro do tesouro, partirá para Londres amanhã, e ahi assistirá á reunião dos ministros das finanças da Entente.

O sr. Denicola antigo presidente da camara foi reeleito para a nova por 548 votos em 479 votantes.

Apreensão de cartazes

A direcção da revista «A B C», no intuito de reclamar a publicação que de ha algum tempo a esta parte vem fazendo nas suas colunas das memorias de Sidonio Paes, da autoria do escriptor e jornalista sr. Rocha Martins, mandou fazer uns cartazes, em que se via o retrato do falecido presidente e se recomendava a leitura d'essa revista.

A policia, porém, ligando a esses cartazes uma significação politica, em que, estamos certos, a empreza do «A B C» não pensou, tendo apenas por fim um intuito meramente industrial, mandou-os arrancar.

Serviço telegrafico da tarde

Os pagamentos da Alemanha—Como devem ser efectuados

PARIS, 14—O «Petit Journal» julga saber que o ponto central do debate entre os srs. Loucheur e Rethenau foi a proporção em que os pagamentos em generos e productos ou em dinheiro se devem efectuar. O sr. Loucheur não calcula que hoja mais dez ou quinze biliões de marcos ouro, como valor das prestações a prever para a reconstrução total das regiões libertadas.

Durante cinco ou seis anos que durará essa reconstrução, a França poderá absorver anualmente uns dois biliões aproximadamente.

Depois a sua capacidade de absorção será quasi nubla e é preciso não esquecer que a Alemanha deverá pagar 80 biliões consignados ao serviço de pensões e entregas em especie.— Pelo que diz respeito á reconstrução italiana, que está quasi concluida, ela não pode ser recompensada senão em ouro. Pelo resto da divida aliada, particularmente a franceza nós podemos pensar no pagamento em carvão até 800 milhões de marcos ouro e mercadorias com a condição de que a Alemanha seja capaz de concorrer com as industrias das outras nações que se partilhavam antes da guerra o total das importações em França.—H.

Uma nova carreira do Havre

HAVRE, 13.—As festas dadas com motivo da inauguração do serviço do paquete *Paris* terminaram esta noite em presença do sr. Le rocquer, ministro das obras publicas, e Rio, subsecretario de estado da marinha de comercio. O *Paris* deve ficar pronto para a sua primeira viagem transatlantica na terça feira á tarde.—*(H)*.

Salão Central

Despede-se esta noite do publico a magnifica pelicula «Jack, coração de leão» que tão grandioso sucesso tem obtido naquele elegante cinema.

Serão exibidos os seus sete ultimos episodios, em que se desenrolam as mais extraordinarias aventuras, dando-nos o ultimo a doce alegria de, mais uma vez, assistirmos ao castigo dos maus e ao premio concedido aos bons.

Amanhã, 4.ª feira outra novidade de sensação. Será exibido na «matinée» o primeiro episodio da fita «O touro bravo», colossal trabalho do famoso actor-atleta Bruto Castellani.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

A' reunião de hoje do pessoal da Carris presidiu o sr. Francisco dos Santos, secretariado pelos srs. Amadeu Carvalho e José Rodrigues Mata.

O sr. Armando Martins, presidente da comissão de melhoramentos, relatou minuciosamente o que se passou na reunião de hontem dos comerciantes e industriaes e qual fôra a sua intervenção na questão ali debatida.

Protestou contra uma moção que foi apresentada naquela reunião e em que o proponente pretendia que se obrigasse pela violencia o pessoal a trabalhar.

Declarou depois que ao pessoal não importa trabalhar por conta de qualquer patrão, mas como tal não aceitará a Camara Municipal da Lisboa, por no seu entender, a não julgar competente.

Por ultimo diz que para responder ao que elementos estranhos á classe veem afirmando, que se a maioria do pessoal não trabalha é devido a uma imposição do *comité* central e comissão de melhoramentos, convida todo o pessoal a retomar a sua liberdade de ação nesse sentido, para assim claramente se desmentir a coação que se quer fazer acreditar que é exercida por aquela comissão em todo o pessoal.

N'esta altura a assembleia manifestou-se com palmas e vivas, declarando dar todo o seu apoio ao *comité* central e á comissão de melhoramentos.

A' hora a que de lá saímos estava falando o sr. Claudio dos Santos.

NOTICIAS DA CAPITAL

MESMO PEZADOS LHE SERVIAM.—Não devem ter tão pouco pezo como isso lingotes de estanho no valor de 462$00. Mas isso não impediu que Francisco Xavier, morador na rua dos Correiros, 260, «carregasse» com eles para os transportar para onde muito bem entendeu e quiz.

Quem não gostou do caso foi a firma Valadares Correia Ribeiro, com escritorio na rua do Arsenal, 60, 1.º, a quem o estanho pertencia e que não contratára de modo algum a «mudança».

O resultado foi o Xavier ter tido o trabalho de carregar os lingotes e ainda por cima ser proso.

MAIS UM «BRONCO»...—E' como chamam os gatunos aos que se fiam nas pêtas que eles lhes pregam.

Broncos, broncos é que são, quando não são coisa peor.

Pois não querem vêr que um tal Aires Gomes de Carvalho, hospedado na estalagem dos Camilos, se deixou ir no conto do vigario, ficando sem o melhor de 600$00! Que diabo quereria ele mais? Naturalmente, aspirava a ter mundos e fundos e ai tem o resultado da sua ambição e de se fiar em quem nunca viu mais gordo.

COM MAUS FIGADOS.—A policia pôz á sombra Manuel Ventura Nobre, morador na rua Saraiva de Carvalho, pateo «vila» Campos, por ter agredido com duas facadas n'um braço o menor Raul da Silva e com uma facada no ventre Ilda Gonçalves, moradores na mesma rua, pateo «vila» Pereira.

Os feridos foram receber curativo no posto da Cruz Branca.

UMA QUE FOGE.—Isabel Tomé precisava de dinheiro e não sabendo como o arranjar foi-se a casa de José Antonio de Moraes, na rua Barão de Sabrosa, pateo das Aguias, 35, e apropriou-se de objectos no valor de 150$00. Mas, como a salteassem os remorsos, ou porque tivesse medo, o que é mais natural, o certo é que fugiu para parte incerta, andando agora a policia em sua procura.

A CAPITAL

3808 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 15 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL · Preço, 5 centavos

Os electricos

Continua sem solução a questão dos electricos, e, o que é mais, não só não se lhe tem ainda encontrado solução, como parece que, de dia para dia, ela se torna mais complicada.

Esta questão dos electricos possue caracteristicas que outras questões, que deveriamos considerar de natureza identica, não possuem. Dahi a confusão que nela inalteravelmente se manifesta.

Julga-se, com efeito, quando os carros deixam de circular, que nos encontramos em presença duma gréve. Porquê? Por uma reclamação de aumento de salario. Breve, porém se verifica que não é disso somente que se trata.

A certa altura reconhece-se que ha dois conflictos: um do pessoal da Carris com a Companhia; outro da Companhia com a Camara Municipal de Lisboa.

Numa gréve vulgar depressa se distiguem as posições tomadas.

Ha quem queira ganhar mais, e ha quem resista a essa pretensão. Por poder ou não querer? Por um destes motivos, ou até por ambos. Mas a questão é clara, não dá margem a confusão, e, em geral, o conflicto decidi-se, capitulando ou transigindo qualquer das partes.

Neste caso, não. Quando o publico imagina que só duma questão de salario se trata, questão simples, e que por isso não poderá protelar-se, surge outra questão imediatamente, e essa complicada, dificil, complexa, embrulhadissima: a do contrato entre a Companhia e a Camara.

Assiste-se então a um estendal de alegações divergentes; esmiuça-se o teor e o sentido de certos artigos; estabelece-se, numa palavra, uma tal chicana que dentro em pouco já ninguem percebe quem tem rasão ou quem a não tem.

Enxertar a questão do contracto na questão da gréve, é complicar ambas, e não resolver nenhuma.

O que se afigura logico é que, em tempos socegados e normaes, quando os carros circulam e a questão do salário não se encontra em estado agudo, se tivesse discutido esse malfadado contracto, de maneira a que sobre ele não existissem duvidas, quando surgisse uma gréve que da sua apreciação não deve dessender.

Dir-se-hia que se deixa chegar tudo a este ponto, sobrepondo as questões irritando-as e complicando-as, só para que o publico sofra, esse publico que não tem culpa nem do que o pessoal dos electricos ganha pouco nem de que a Companhia e a Camara se não entendam.

Em todo o caso o que é certo é que a gréve se eterniza, e a maioria da população de Lisboa anda a pé, porque os vehiculos que para ahi fazem carreiras publicas fazem percursos em geral pequenos e caros, e para muitos pontos da cidade não prestam os seus serviços.

Se o que se pretende é cançar-nos fisica e moralmente, devemos confessar que já o estamos.

Vida politica

A reunião de hoje

E'-nos solicitada a publicação do seguinte convite:

«A comissão delegada dos revolucionarios civis de 5 de Outubro de 1910, reconhecidos pelo Congresso da Republica, convida todos os revolucionarios, militantes dos partidos politicos republicanos e socialista, reconhecidos ou não pelo Parlamento, a reunirem juntamente com os directorios dos respectivos partidos, a junta geral do Districto, a camara municipal e as juntas de freguesia de Lisboa, hoje, 15 do corrente, pelas 21 1|2 horas, na rua do Mundo, 81, 2.º, a fim de tomarem conhecimento dum acôrdo eleitoral de defesa da Republica, indo, em parte, ao encontro das patrioticas indicações do velho e indefetivel revolucionario e republicano de sempre sr. dr. Magalhães Lima as quais, conjugadas com o esforço desta comissão, trazem á causa Republicana um maior prestigio.

Desmentido formal a uma atoarda

Sr. director d'A Capital. — Tendo chegado até nós certos remores de que alguem estranho á corporação da Policia Maritima do Porto de Lisboa conta com o auxilio da mesma para uma nova aventura sediciosa e prejudicial á Patria e á Republica, remores esses que já chegaram ao conhecimento dos nossos superiores e do Ex.mo Sr. Ministro da Marinha, o que já deram em resultado o ser esta corporação desarmada e como esses remores não passam de uma calúnia lançada a esta corporação, mas que convem a certo elemento que já fez parte da mesma para os seus fins ambiciosos, pedimos a V. que faça publicar no seu conceituado jornal o mais formal desmentido a semelhante calunia «visto que esta policia só se destina para os fins para que foi criada», o que desde já antecipadamente agradece. — *O pessoal da Policia Maritima do Porto de Lisboa.*

Musica nos quarteis

No quartel do corpo de marinheiros da armada, realisa amanhã, ás 16 horas, a banda desse corpo um concerto com o seguinte programa:

«La alegre trompeteria», marcha, Leo; «Guarany», abertura, Gomes; «Alegria del batallon», Serrano; «Le Cid», bailados da opera, Massenet; «Tanhauser» abertura, Wagner; «Portugueza» com vozes, Keil.

A entrada é publica.

A caminho da Promissão

DA OPORTUNIDADE DESTA CAMPANHA

A' fuga do ouro segue-se a fuga dos escudos

Mostrei ontem como o barateamento rapido do dinheiro extrangeiro não convem ao desenvolvimento economico do paiz. E' a construção de fabricas que se está vendo aparecer por toda a parte, é a laboração das que existem, são os nossos productos agricolas, é o nosso comercio de exportação que se vão atrofiar e estacar por fim se viermos dum salto a ter a nossa moeda ao par. Dei hontem as razões disto. Então á produção agricola nem se pode calcular que desastre lhe prepara a volta repentina ao «statu-quo» cambial de antes da guerra.

Felizmente, as oscilações dos ultimos dias encarregaram-se de me justificar, parecendo até que seguiram a minha sugestão. Na verdade a propaganda, com ou sem intenções reservadas, pode produzir o efeito duma mudança rapida, mas passadas as horas em que o panico domina, a volta á normalidade das leis, porque se regem estes fenomenos, é um facto que se não pode contrariar.

Assim fui eu escrevendo e produzindo a melhoria do cambio, atacando a excessiva especulação, os exageros e refalsidades das nossas divisas que de facto não correspondiam á realidade; produzi obra util; alguem sobreveiu espalhafatosamente, aumentou a propaganda, e forçando de mais a nota, originou a reação que temos visto nos ultimos dias.

Eu, ao contrario, apercebendo-me da marcha das coisas, comecei a travar na descida e os fenomenos cambiaes vieram interpretar os meus pensamentos. E' que as leis economicas, como as sociaes não se deixam vencer pela vontade isolada de quem quer que seja.

Tudo quanto tenho escrito, se tenho consegnido actuar, tem afinal um valor unico—é haver a minha cronica denunciado, na verdadeira altura, a depressão americana que foi a causa de todo este fenomeno mundial. Por toda a parte se fez sentir, todos os paizes d'ela se resentiram.

Era todavia possivel que os interessados portuguezes, que nos estavam estrangulando, conseguissem aqui a ignorancia do facto e, nesse caso, nós nada aproveitassemos com ele. Assim como as modas chegam cá 6 mezes em atrazo, podia muito bem acontecer que o conhecimento da depressão só cá existisse, quando estabelecido no mundo financeiro o reequilibrio, já dele nada aproveitassemos. Foi pois a oportunidade o unico valor do meu primeiro gesto.

Já não acontece o mesmo com o segundo: o trabalho consciente em que estou empenhado, e que vem a ser o travar das forças dissolventes que pretendem pelo panico, produzir o fenomeno artificial da baixa repentina do cambio, que provei ser danosa para toda a vida economica da nação. E pára se ver como estou na razão, basta reparar no efeito contraproducente da propaganda excessiva.

Até pode parecer que esta veiu estragar o que eu ia conseguindo. Mas não; tudo são as naturais ondas e ressacas da vasante que escusado é pretender modificar.

De verdadeira utilidade foi a demonstração cabal por mim feita, de que o estado economico do paiz não podia justificar a depreciação a que chegára o papel e moeda portuguez.

Dessa tão boa obra posso orgulhar-me, porque ela foi exclusivamente minha, como exclusivamente minha é tambem a explicação sumaria, feita nas ultimas cronicas, das vantagens que ha para o desenvolvimento economico do paiz, de não estarmos por enquanto com o cambio ao par, ou na sua aproximação.

Mas esta maldita questão é tão intrincada, são tão multiplas as manifestações de actividade dos que andam envolvidos na têia de Mercurio, que mal o chronista começou a deslindar um facto e a preparar os espiritos que teem de acautelar qualquer sucesso infeliz, logo houve novas hipotheses...

E' o que se dá agora; é por isso que eu não posso por ora dar troco aos que me vêem ao encontro com seus ditos e observações. Urge dizer tudo, urge tudo prever e incitar á defeza dos nossos interesses nacionais.

Ahi pelo meio da minha campanha, afirmei eu varias vezes que o jogo certo era em escudos; isto quando almas descriteriosas se lançavam na jogatina tola das coroas austriacas. Mais tarde vim, voltei a este «leitmotiv» para, justificando esta minha opinião, mostrar ao publico portuguez, como eu acertava, pois que lá fóra em Hespanha se compravam centenas de contos de dinheiro portuguez, sendo estas compras logo remetidas para Londres.

A' justificação servia para uma segunda denuncia, de tão grande importancia como a que primeiro fizera a proposito da depressão de fundos americanos.

Infelizmente ninguem reparou na denuncia; ignoro mesmo, se o governo dela tomou conta. Mas é de tal gravidade o seu significado que não tenho remedio senão volver ao assunto.

E' pois um facto que os espanhois compram escudos ás dezenas, ás centenas de milhares, e que esse dinheiro é enviado para Londres.

E porque ninguem vi ainda aparecer a explicar qual o intuito com que se realisam estas transferencias, cá venho eu, ingenuamente, fazer alguma luz sobre o caso.

O nosso governo é natural que nada saiba. O corpo consular portuguez como aliás os das outras nações pouco mais faz do que visar passaportes. Os inglezes, só os inglezes começam a saber servir-se conscientemente das informações consulares, que não dispensam, para tudo terem presente relativo aos mercados mundiaes.

Ora se o governo ignorar o significado da aquisição em grande escala de dinheiro portuguez por parte dos extrangeiros, necessario se torna que eu ao menos, o ponha ao facto dos inconvenientes dessa operação.

Ha duas hipotheses a formular.

Pretendem os mercados, que estão fazendo grossos «stocks» de escudos, habilitar-se para compras feitas ou a fazer em Portugal; numa palavra, estão-se munindo de moeda portugueza para cobrirem com ela as importações que de cá lhes vão? Nesse caso parabens a nós todos, porque os escudos que saiem, voltarão, e voltarão valorisados na troca pelo que para fóra vendemos.

Tenho porem razões muito nitidas para não acreditar nesta fortuna. Será o habito de nos ver sempre lesados, eludidos e escarnecidos por fim; será o conhecimento daquilo de que são capazes os homens da finança de todo o mundo; será ainda a ideia que faço da brutal torquez em que os nossos amigos da extranja nos teem pretendido apertar; mas a verdade é que este exodo dos escudos não me cheira nada bem.

Para mim, porque não dizê-lo—não passa duma campanha defectista, que contra nós se está tramando lá fóra. Compram-se-nos os escudos, levam-se e guardam-se, e como isto não pára, a moeda hade ir faltando por cá. Em a sua falta se tornando sensivel, o governo ver-se-ha obrigado a emitir mais notas, e assim conseguirão os interessados a desvalorisação outra vez do nosso dinheiro. E' uma trama diabolica; mas eles todos são levados do diabo.

Se esta compra correspondesse a um provável aumento da nossa exportação, compreendia-se porque havia nela a ideia de pagarem em moeda portugueza, mas infelizmente, não se caminha para isso. A hora da maxima exportação terminou para os portuguezes.

Estamos pois em face dum caso grave, denunciado por mim ha dias já, e ao qual não vi ninguem ligar os seus espiritos luminosos.

Quando supunhamos a nossa vida a caminho da arrumação eis que surge mais esta burburinha. Com que plano nos levam os escudos?

Se fôr para provocar novas emissões e para, sobre este fenomeno, se formar um efeito moral que nos venha a custar novo mal estar, forçando assim o governo a nova operação de crédito, serei eu o primeiro a pedir mais uma vez ao Estado que se acautele, que se sirva de qualquer formula, mas que evite o esvasiamento do seu erario.

Mas este caso é só por si bastante complexo. O sinal de alarme aí fica.

Depois o estudarei com mais ponderação.

D. Thomaz de Noronha.

Os acontecimentos da Baviera

Uma interpelação no Reichstag

BERLIM, 14.—Hoje na sessão do Reichstag o socialista independente Crispien mandou para a mesa uma nota de interpelação pelas consequencias resultantes do assassinato do deputado Gareis, acrescentando que o crime foi planeado pelos monarquistas e militaristas em favor e junto de von Kanh. A interpretação ficou inscrita na ordem do dia e o governo deve responder durante esta semana.—(H.)

Exposições escolares

No liceu Pedro Nunes

Inaugura-se no proximo domingo, ás 12 horas, encerrando-se ás 16, a decima exposição escolar dos trabalhos dos alunos do liceu de Pedro Nunes. E' feita nas salas de aula, sendo os visitantes recebidos pelos alunos.

Terá o aspecto de uma festa escolar. Os alunos transformarão a sala da aula, a seu gôsto, numa sala de festa, e exporão os seus cadernos, trabalhos de desenho, colecções de historia natural, etc., prestando-se a fornecer aos visitantes todas as indicações que eles lhes pedirem.

Nenhum trabalho é feito propositadamente para a exposição: todos os trabalhos expostos tem sido realizados para os respectivas aulas.

Governador de S. Tomé

O sr. presidente da Republica recebeu hoje o sr. Antonio José Pereira, governador de S. Tomé, que foi apresentar os seus cumprimentos de despedida ao chefe do Estado.

O novo governador segue amanhã.

DIZE TU DIREI EU

Receita para fazer cronicas

Pega-se em tres linguados, frescos (se a cronica é «fresca») e estendem-se ao comprido (ha casos em que o autor tambem se estende) sobre papél mata borrão.

Antes disso o autor deve ir á dispensa, isto é, debruçar-se sobre o «saguão da vida»—as coleções dos jornais, que se acham instaladas, sobre uma mesa ao centro da redação.

Aqui, de duas uma.

Ou o autor encontra assunto, quer dizer comida, ou não. Se encontra, está o caso resolvido e é questão de ter pimenta e uma pontinha de sal ali á mão—mais «blaque», menos «blaque», que é como quem diz o «hors-d'oeuvre» literario, (como disia o Ferro, «as azeitonas da prosa») e o publico grama, engole, mastiga.

Se, pelo contrario a dispensa está vazia, se o limão espirituoso da vida está esprimido e não dá nada, ha então um recurso supremo, de reconhecido efeito e infalivel na maioria dos casos (a menos que o cronista seja uma cavalgadura, e que tambem pode suceder).

E' «creação» do correspondente anonimo—isto é, a suposição de que o cronista recebeu numa carta. As cronicas deste genero começam assim:

«Trouxe-nos hoje o correio, na misteriosa anilina roxa duma letra «sacré-coeur» (o Julio Dantas diz patte de mouche) uma deliciosa carta de mulher perturbante e perfumada.

A nossa encantadora e misteriosa correspondente... etc.»

Estas cronicas têm sobre outras várias vantagens, porque embora sejam «comidas triviaes», traz para o cronista a fama de amoroso com a reposição lisongeira de que recebe muitas cartas.

Depois este «môcho» de amor mesmo servido a frio ha-de pesar sempre, com mais ou menos sal, com mais ou menos pimenta... é uma questão de tempero e uma questão de apetite.

O tempero é comnosco, «cosinheiros» d'este «prato-do-meio» literário, o apetite com vs. «gourmets» dos jornaes.

A prosa de cada um de nós distingue-se, no emtanto, em sabôr, como os «menus» «pratos» feitos em «restaurants» diferentes.

Assim como a pena de Ferro pode ser a «mayonaise» da literatura, a de Julio Dantas a «galantine» e a de Aquilino Ribeiro o «cosido á portugueza», ha para ahi artigos picantes como pimenta, cronicas leves como saladas, versos que são «bombons-fondants», criticas indigestas como «bifes córneos». No «menu» do «Diario de Lisboa» encontra-se de tudo, com mesa redonda da «Cidade», e como neste retiro pacato de petiscos literários que é «A Capital» se fornece tambem, aos domicilios, com economia e asseio literaturas de substancia.

Daqui resulta, por esta abundancia, de prosa, que tudo subiu, sabe Deus! menos a literatura.

O HOMEM QUE PASSA
(a pé)

Direitos alfandegarios

Dificultando as artes e industrias artisticas

Podem-nos alguns artistas para que levemos empenhadamente o conhecimento do ilustre critico d'arte sr. Matos Sequeira um facto que se dá no respeitante á importação artigos de primeira necessidade para a arte e as industrias artisticas e que segundo a nossa informação resulta duma má aplicação de taxas alfandegarias.

A questão é a seguinte:

A casa Vdinson & Newton de Inglaterra, exporta para Portugal, tintas pinceis e outros artigos de pintura, como por exemplo blocos de papel para desenhar.

Na capa desses blocos vem um letreiro impresso, com as dimensões dos varios formatos que se fabricam.

Pois sabe o sr. Matos Sequeira como é aplicada a taxa?

Da seguinte forma: como se tratasse de «Impressos» e não de artigos de pintura, que é do que na realidade se trata. Assim o que devia pagar 14 centavos por quilo paga 1 escudo, o que é exorbitante e ainda mais vem sobrecarregar os preços excessivos das varias materias necessarias, á produção de arte.

E, já que estamos com a mão na massa, pedimos tambem ao sr. Matos Sequeira,—mais ao critico de arte e arqueologo iminente do que ao funcionario superior das alfandegas,—para ver se defende um pouco dos direitos as tintas e os pinceis. Dizem-nos pessoas embrenhadas no assumpto que lhes estão por um preço tão extraordinario que muitos artistas não trabalham por falta de material, ficando apenas a pintura para as meninas amadoras e ricas...

Dizem-nos ainda que artigos ha que não pagam direitos alfandegarios, e que os de pintura e de arte—oh! sr. Matos Sequeira, isto é forte—São considerados de luxo!

E' então a arte um luxo? Para muito poderá isso parecer admissivel, porem para V. Ex.ª que tem á Arte, dedicado o melhor da sua actividade e inteligencia, de forma alguma ou, serão estes «artigos de pintura»... para a toilete de certas pessoas?!...

AO SR. MINISTRO DE INSTRUCÇÃO E AO DIRECTOR DE BELAS ARTES

Deve crear-se na Escola de Belas Artes uma cadeira de Aguarela

Do novo e interessante livro do ilustre escriptor sr. João Ameal transcrevemos, como autorisada opinião de quem as subscreveu, as seguintes palavras, que constituem mais um sentido apelo feito ao Ministerio da Instrucção e á direcção de Belas Artes no sentido de ser creada em Lisboa, na Escola Nacional de Belas Artes uma cadeira de pintura de aguarela, essa especialidade, tão popularisada em Inglaterra e que é, indiscutivelmente uma fórma de arte, já hoje iminentemente nacional:

«N'uma das minhas primeiras «Semanas de Lisboa»—recordo-me de ter lembrado, devotadamente, convictamente, que o nosso paiz é uma das mais consideraveis patrias de aguarela. Leio hoje, com prazer e desvanecimento, n'um jornal da noite, o lançamento d'uma ideia, que incondicionalmente aprovo: a creação d'uma cadeira de aguarela na nossa Escola de Belas Artes. Temos hoje, desgraçadamente, tão poucas supremacias sobre os estrangeiros—que essas poucas devemos aproveita-l'as e valorisa-l'as o mais possivel.

A aguarela é, como poucas, uma expressão de Arte simpatica ao nosso temperamento exuberante e emotivo de latinos. No impre sionismo humido, luminoso, que ela nos concede—colhe-se bem, privilegiadamente, o penetrante extasiamento hialinado dos nossos panoramas, a tapeçaria mistica e azulada dos ceus extaticos, a elegria nostalgica e perturbadora das vegetações meditativas, o «alegro vivace» adolescente, opulentissimo, das eglogas floridas, infinita beleza revolta o magestatica dos oceanos estrelados de espumas e reverberos... A sensibilidade portugueza — é uma enternecida aguarela de contemplações ardentes e quimeras ascencionais. Por isso, com um raro poder de transfiguração e encantamento, os nossos artistas interpretam, na fluida opulencia gritante das aguarelas, os idilios do sol e da agua, os carismos das messes e dos comoros, as «rêveries» placidas e sonambulas dos outomnos morbidos sobre as paisagens elegiacas.

Aguarelar é quasi tão expontaneo como sentir — á nossa vibratilidade extatica e expansiva. E, da nossa epopeia das ondas e dos heroismos — ficou-nos ainda, como legado intenso, a epopeia das côres.

E' imperdoavel que não haja entre nós uma escola de aguarela. Nomes ilustres para a reger — só podem ser demasiado abundantes. Cita-los — seria duvidar da sua fama. Teem a sua celebridade, em altares de votos, dentro dos nossos espiritos. «Il ne s'agit plus de fixer ce qui demeure, mais de saisir ce qui passe»—a sentença de Roger Marx é uma exortação benefica e profunda. Procuremos alcançar o fremito que vibra, o clarão que tremula, o som que se evola — toda a flutuação subtil dos «frissons» e das tonalidades, que a aguarela, milagrosamente, creadoramente, marca d'uma vida lucida e eterna de maravilha!

✦ ✦ ✦

Nada melhor que a prosa ritmica e admiravelmente colorida de João Ameal para impressionar o briluantissimo espirito do grande poeta que é Augusto Gil.

Se á frente da Direcção de Belas Artes estivesse um burocrata vulgar, as palavras de João Ameal seriam perfeitamente inuteis.

Ousamos crer que, para a alta personalidade artistica que é o poeta inconfundivel do «Craveiro da janela», essas mesmas palavras terão o condão de o fazer vibrar, como portuguez e como artistica. Temos em nosso puder um «dossier» completo de opiniões dos mais categorisados criticos de arte e escriptores sobre o momentoso assumpto da creação d'uma cadeira de aguarela na nossa Escola de Belas Artes. E' facil verificar a identidade absoluta de opinião com respeito ao valor da creação d'essa cadeira.

José Francis, o eminente critico hespanhol, director artistico de «La Esfera» e auctor consagrado dos «Rusumos Artisticos», disse ao referir-se aos aguarelistas portuguezes contemporaneos.

«Se nós possuissemos um Columbano e um Roque Gameiro, eles seriam conhecidos de todo o mundo, e chamariamos á Hespanha a patria da Aguarela.»

Pois em Portugal onde podem enfileirar com estes, nomes como o de Alves de Sá, de Alberto Sousa, D. Helena Gameiro, Martinho, Leitão de Barros, Martins Barata, Montez, Rey Colaço etc., em Portugal que é o unico paiz que faz amavelmente um certamen d'esta especialidade de pintura, não se ensina oficialmente esta arte.

Em Inglaterra, a «Old Society of Water-Colour Painters», e a New Society lançou, cada vez mais modernos pintores deste genero que trazem para aquele paiz a gloria da sua supremacia.

Russel Fliat e outros grandes mestres vendem em Paris aguarelas e goaches a 18 e 20 contos; pois os nossos organismos oficiais negam-se a reconhecer entre nós a existencia da «pintura de agua».

✦ ✦ ✦

Estamos daqui a ver o sorriso de contrariedade do sr. dr. Augusto Gil, escudando-se em que a organisação da Escola de Belas Artes não autorisa a creação duma tal cadeira, e que alem disso—não ha verba!

Em primeiro lugar o sr. dr. Gil não desconhece que existe naquela escola uma cadeira de gravura, á qual hoje e desde ha muitos anos não tem alunos, e que só por excepção tem alguem solismaucamente matriculado, para fins de subsidios, etc.

Uma aula de gravura, com os progressos modernos das Artes Graficas, e não se lesando a gravura em madeira—a unica hoje admissivel—á expressão d'arte e que se lesa lá fóra—é inadmissivel.

A aula de gravura podia e devia pois transformar-se numa aula de aguarela.

Por outro lado o sr. dr. Augusto Gil, não ignora por certo que a aguarela é um completo subsidio e precioso auxiliar da arquitectura, e que hoje, uma das coisas de que se resentem os nossos arquitectos, é da pessima apresentação artistica dos projectos de arquitectura portugueza. Mas no estudo da paysagem e da marinha, a «forma» da aguarela está naturalmente indicada.

E' uma forma d'arte portuguesa, em que, melhor do que noutra qualquer se pode pôr toda a delicadeza, todo o sentimentalismo, toda a bôa ternura desta raça, de que Augusto Gil é hoje, fina gloria nossa, um dos grandes, dos maiores poetas.

E' claro que será muito dificil a S. Ex.ª vencer aqueles dolorosos obstaculos que são as vias burocraticas, em que a cada passo lhe surgiria pela frente o «direito adequirido», a «indiscutivel autoridade», a «autonomia pedagogica».

Mas, o sr. dr. Gil é um poeta, é um artista, tem o dever, tem a restricta obrigação de não transigir, de não atraiçoar a sua consciencia artistica, de deixar o seu nome ligado a um dos mais inteligentes e sentidos orienteções d'arte moderna em Portugal.

Brevemente transcreveremos aqui as opiniões dos melhores espiritos portuguezos sobre este interessantissimo assunto:

A aguarela em Portugal

PELO TELEGRAFO

Vapores portuguezes no Brazil

RIO DE JANEIRO, 14—O vapor «S. Jorge» dos Transportes Maritimos do Estado aportou a Belem. O vapor «Cabo Verde» ao Recife.—(A).

SANTOS, 14—Largou para Hamburgo o vapor «Traz-os-Montes», dos Transportes Maritimos do Estado, que ia carregadissimo.—(A).

O escudo portuguez retoma o seu valor

RIO DE JANEIRO, 14—Continuam a fazer-se sentir aqui os efeitos da alta cambial na praça de Lisboa, ficando o escudo a 1250 réis com tendencia a subir e a fixar-se em 1500 réis.—(A).

Compensação de cheques

RIO DE JANEIRO, 14—O Banco do Brazil começou o serviço de compensação de cheques entre Bancos.—(A).

Seguindo o exemplo do lord-mayor de Cork

S. PAULO, 14.—Varios anarquistas que foram presos nesta cidade iniciaram a gréve da fome.—(A).

Chaufeurs processados como anti-patriotas

BUENOS AIRES, 14.—O juiz Racedo ordenou a prisão dos chaufeurs Tomas Murilo, Emilio Esplugas e Sotto Rubio, como autores do manifesto anti patriotico lançado a publico pelo sindicato dos chaufeurs em 25 de maio.—(A).

Os desastres da aviação—Tres mortos

BUENOS AIRES, 14.—Na povoação do Matheu, durante as festas desportivas, caiu um aeroplano que era pilotado por Pergrowood e levava dois passageiros, ficando todos mortos.—(A).

Encerramento de teatros na capital da Argentina

BUENOS AIRES, 14.—O conflito que ha tempos se vem derimindo, sem esperanças de solução satisfatoria, entre o pessoal dos teatros e a sociedade de autores dramaticos, terá como consequencia o encerramento dos teatros.—(A).

O sistema financeiro do Equador

QUITO, 14.—A comissão economica e financeira está estudando a reforma do sistema financeiro.—(A).

As gréves em Inglaterra

Um milhão de operarios sem trabalho

LONDRES, 14.—Romperam-se as negociações entre os patrões e os operarios metalurgicos. As reduções anunciadas terão aplicação a começar em 16 do corrente mez. Espera-se que da cessação do trabalho nesse dia resulte 1 a 1|2 milhões de habitantes sem terem que fazer.—(H.)

A questão da Alta Silesia

Novas complicações

OPPELN, 14.—O «comité» politico alemão recusou-se a aceder a evacuação das forças alemãs, não obstante a insistencia da comissão interaliada.—(H.)

UM CONTRASTE FRIZANTE

A produção do ouro diminue

Ao passo que tudo tem subido de preço, as minas de ouro não dão rendimento, o que parece um paradoxo

A industria aurifera é, de todos os ramos da produção humana, a que mais sofreu com a alta geral dos preços, porque, ao passo que as outras industrias recuperavam o que gastavam a mais por um aumento de preço na venda dos seus productos, ela continuava o seu pela mesma quantidade de dinheiro que recebia antes do aumento do seu custo de producção.

A' primeira vista, parece isto um paradoxo, mas, dando-se ao trabalho de reflectir, vê-se que não podia ser d'outro modo. O ouro é, com efeito, a unica mercadoria cujo preço não pode variar, porque é o elemento constitutivo da unidade monetária, o eixo sobre que giram todos os cambios, o valor fixo em função do qual os outros variam; troca-se ouro por ouro e a operação da venda outra coisa não é mais do que a transformação em ouro amoedado do metal em barras. O mineiro que o produz continua, pois, a receber em 1921 o mesmo valor que recebia em 1914: nos Estados Unidos, por exemplo, 20 dollars e 67 contos por uma onça de ouro fino.

Mas o preço do producto d'essa onça de ouro fino sofreu a lei comum á epoca em que vivemos: elevou-se na medida em que se elevaram os salarios e o custo do carvão, das maquinas, etc. Em muitos casos, esse preço elevou-se em proporções tão consideraveis que excedeu o preço de venda de 20 dollars 67 por conto. Os produtores de ouro encontravam-se, portanto, em frente d'este dilema: ou trabalhar, perdendo, ou encerrar as minas. Haverá necessidade de dizer que preferiram a segunda solução?

Resultado: nos Estados Unidos, a produção do ouro passou de 101.035.000 dollars, em 1915, a 49.509.000 dollars em 1920. E' a ruina no paiz do Eldorado.

✦ ✦ ✦

«Um estranho flagelo, a vida cara—escrevia ha pouco um celebre mineralogista americano—caiu sobre a California e fez devastações nas industrias auriferas da região. Em face d'ele, pesquizadores e universos fugiram, abandonando, talvez sem esperança de regresso, filões d'uma riqueza inaudita. As minas abandonadas são invadidas pela agua e as fabricas são deixadas á mercê dos elementos.

Em março de 1914, só no distrito de Calaveras estavam em exploração cerca de quinhentos jazigos; hoje ha apenas quarenta. Em abril de 1914, trezentos moinhos trituravam o quartzo aurifero no distrito de Tuolumne; no momento presente, ha apenas um em actividade.»

A situação não é bem melhor nos outros Estados da União. Até 1916, o Arégon produzia anualmente uma quantidade de ouro que podia ser avaliada em dois milhões de dollars. No decorrer dos ultimos quatro anos, a produção do ouro diminuiu constantemente e, segundo todas as probabilidades, não excederá no ano corrente, um quarto do que era em 1916.

Antes da guerra, o South Dakota era percorrido em todos os sentidos por inumeros pesquisadores. Doze companhias, em 1916, extrahiam o precioso metal na região dos Black Hills. Em 1921, apenas duas explorações sobreviveram e, ainda assim, trabalha-se nelas irregularmente. Assim, a população dos dois principaes centros mineiros dessa região desceu de 12.045 habitantes em 1910, a 7.41[illegible] em 1920.

No Colorado, o valor do ouro extrahido em 1920 não atingiu 7.000.000 de dollars, quando foi superior a 35.000.000 em 1912 e 1913. Finalmente, a produção do Alaska desceu de dezesete milhões de dollars, em 1915, a nove milhões em 1919.

✦ ✦ ✦

A questão de saber que medidas poderiam obviar a este estado de coisas e fazer com que a produção se mantivesse no seu nivel anterior está actualmente posta. Preocupa até vivamente os circulos financeiros dos dois hemi-ferios, porque o encerramento de outras minas provocaria um novo retraimento de creditos.

Nos Estados Unidos, a American Gold Conference, presidida por Eugène Davis, fez desde 1918 algumas «demarches» urgentes junto do governo. Preconisava a instituição dum sistema de indemenisações a pagar aos produtores, para os auxiliar a cobrir as despezas suplementares resultantes da alta de preços, sem que o preço do ouro tivesse sido modificado. Fazia ver que o aumento do preço da mão d'obra ia de 33 a 50 0|0, apezar do rendimento ter diminuido, e o dos materiaes empregados, a alta variava entre 100 e 300 0|0.

Outros pediam a instituição de premios para a produção.

A questão foi entregue ao estudo duma comissão nomeada em novembro de 1918 pelo governo dos Estados Unidos e presidida por Albert Strauss, vice-governador do conselho da reserva federal. Essa comissão [illegible]

feu que, fapoz o armisticio, não era já necessario estimular a producção por meios artificiaes e recusar-se a adoptar qualquer das medidas propostas.

Alem desse auxilio indirecto dado ás minas, alguns economistas pensaram noutro, que consistiria em modificar o preço da compra do ouro pelo governo.

Mas é absolutamente impraticavel. Proceder dessa maneira seria, com efeito, destruir os proprios alicerces da organisação monetaria e consagrar do modo definitivo a depreciação passageira que certas notas tiveram.

E' pois, provavel, em taes condições
E' pois, possivel, em taes condições, que esteja proxima uma volta á actividade, tanto mais que a situação economica é ainda demasiado instavel para permitir que se conte com uma seria baixa de preços, a qual daria um impulso novo á exportação das minas americanas.

VIDA SPORTIVA

BOX

Sobre Silva Ruivo — O seu trabalho e os seus projectos

De entre os nossos boxeurs profissionaes, um se destaca, quer pela sua presistencia, quer pelo seu merito.

Silva Ruivo foi o primeiro amador que abraçou o profissionalismo, resolução que tomou com uma fé pouco vulgar no seu futuro.

N'um meio pequeno como o nosso a sua vinda para o profissionalismo, representa um grande amor pela profissão.

Assim o publico sempre se tem interessado pelos seus combates, no qual ele põe sempre todo o seu imenso desejo de subir.

Nem sempre porem tem sido comprehendida a sua intenção, o ultimamente vimo-lo envolvido em organisações falidas, que sem escrupulo, sem interesse pela reputação d'um boxeur nosso, o opuzeram umas vezes a adversarios insignificantes, outras a homens para quem Silva Ruivo necessita, antes de os combater uma experiencia que lhe falta.

Felizmente Silva Ruivo comprehendeu a tempo que era mau o caminho trilhado e se explorava demasiado a sua boa fé.

Recolheu ao convivio dos seus discipulos, voltou ao seu trabalho presistente e metodico.

Significa esse recolhimento abandono?

Não. Silva Ruivo é novo e tem condições para fazer falar de si.

O seu nome é ainda a garantia d'um combate renhido, cheio de interesse.

Prepara-se o campeão nacional para encontros que lhe ofereçam garantias de seriedade.

Ruivo que faz actualmente os pesos meios-leves, quer na sua categoria combater adversarios dignos de si.

Aos combates desegueas recusa-se porem, com o bom senso preciso.

Que necessidade tem de dár ao publico falsas aparencias de inferioridade?

Folgamos imensamente com a orientação acertada de Silva Ruivo.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral-Farmacia Luso Brazileira-Praça de S. Paulo, 20 a 22-Telef. 1676.

Theatros e Cinemas

Reclames

A festa de Macedo e Brito

A noite d'hoje vae ser de animação e entusiasmo, no Nacional aonde se realisa a festa de Macedo e Brito, o estimado secretario da empreza. E', tambem, a «recita da moda» e o programa do espectaculo não pode ser mais atreente: contem a reaparição de Lucinda Simões, que, com Brazão, Stichini e Erico Braga desempenham «A manhã de sol», havendo mais duas «reprises», a de «D. Ramon de Cafichuela», com Maria Pia e Joaquim Costa, que é verdadeiramente impagavel desempenhando, obsequiosamente, o protagonista, e «A ceia dos Cardeaes», por Brazão, Henrique de Albuquerque e Rafael Marques. Alem de tudo isto, haverá um sensacional acto de variedades por varios artistas, dos mais notaveis, entre eles Henrique Alves, que entra na Recite por especial deferencia. A recita de Macedo e Brito no Nacional, deve ser concorridissima: bem o merece o excelente rapaz, não só pelo atraente programa, que conseguiu organisar, como pelas suas belas qualidades que o tornam digno do maior apreço.

—Está marcada para sabado no Nacional, a 1.ª representação, nesta temporada, da peça ingleza «O Cardeal», traduzida livremente pelo distincto escritor João Soller. Eduardo Brazão tem na interpretação de «João de Madicis» uma das suas notaveis corôas artisticas. Todas as dificuldades do papel, que são enormes, vence-as o ilustre artista, tendo-as estudado com minucioso cuidado dando-nos a maior impressão da realidade.

A reaparição d'«O Cardeal», no tablado do Nacional, está sendo aguardada com o mais palpitante interesse. Na peça entram muitos dos principaes artistas da companhia, sendo apresentado com magnificos scenarios de Marguilhão, que causam um efeito verdadeiramente deslumbrante.

—Estreia-se no proximo sabado no elegante Teatro de S. Carlos a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, cujo sucesso está assegurado em virtude dos brilhantes elementos que a compõem. Sobe á scena a *Zilda* do sr. dr. Alfredo Cortez, que constituem um verdadeiro sucesso que se repetirá agora, atraindo a S. Carlos, tudo quanto de distincto conta a sociedade de Lisboa para aplaudir Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro nos principais papeis.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Recita do secretario da empreza».
S. LUIZ—A's 21 h.—«Recita por amadores».
AVENIDA — A's 21,15 — «Morgadinha Val-flôr».
GINASIO—A's 21,30—«D. Paco Manzanillas».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30 —«Companhia francesa de revista».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa dojardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu a sr.ª D. Zulmira Mendes Leal, esposa do 1.º sargento sr. Adelino Mendes Leal, director do nosso colega *O Exercito*. A extinta era uma senhora dotada de excelentes qualidades, pelo que o seu passamento foi muito sentido.

O funeral realisa-se amanhã, ás 13 horas, da rua de Santa Cruz, ao Castelo, 62, para o cemiterio oriental.

A' familia enlutada, e em especial ao sr. Mendes Leal, que foi nosso antigo correspondente em Caxias, apresentamos a expressão do nosso sincero pezame.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste
Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 18 horas, do dia 25 do corrente mez de Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Maméde ao Caldas, 63, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1,50 a 3, 50, largura minima de 0, 25 e espessura de 0, 10 a 0, 16.

O preço a indicar será por cada uma tonelada de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro ou dentro de barco acostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em envelope fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmo».

O concorrente ao qual o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido quando se dê por concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatario possa fazer qualquer reclamação ou ainda o de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.

O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes

(a) *Feio Terenas.*

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

O encerramento dos estabelecimentos

'E' amanhã, pelas 17 horas, que deve ser lida a representação dirigida ao presidente da Camara Municipal de Lisboa e ao Governo, conforme a deliberação tomada na reunião ha dias efectuada dos comerciantes e industriaes, pedindo a intervenção da Camara e do Governo para se solucionar a gréve dos electricos.

A representação, em que serão postos em relevo os prejuizos que a demora da solução do conflicto vem trazendo para o comercio e para o publico, deve ser lida de uma das varandas da Camara Municipal, tendo sido convidados a encerrar a essa hora todos os estabelecimentos comerciaes e industriaes.

* * *

A' reunião de hoje do pessoal da carris, que se realisou pelas 15 horas, presidiu o sr. Francisco dos Santos, secretariado pelos srs. Antonio Ferreira e Joaquim Calçadas.

Depois de terem falado o presidente e o sr. José Augusto Martins, o presidente da comissão de melhoramentos, sr. Armando Martins, expoz á assembleia o que hontem se passou na reunião da federação Municipal socialista dando conta em seguida do resultado das «démarches» efectuadas hoje pela comissão de melhoramentos junto do sr. Freire de Andrade, a quem declarou que a Camara continuava a afirmar que a Companhia tinha lucros, ao passo que esta diz precisamente o contrario.

Esperava essa comissão que o sr. Freire de Andrade lhes exposesse o seu modo de ver sobre a situação presente, mas o sr. Freire de Andrade respondeu ter a Companhia transigido já muito.

Primeiramente a Companhia pediu á Camara Municipal o aumento de 100 % sobre as tarifas atuaes e a Camara recusou; transigiu depois com 50 % de aumento e a Camara negou, como negou egualmente o aumento de 10 centavos em cada percurso, como ainda se recusou á constituição do tribunal arbitral.

Não quiz tambem a camara disse o sr. Freire de Andrade, aceder ao alvitre das tarifas moveis. De modo que sistematicamente, a Camara se recusa a entrar em negociações.

A Companhia oficiou ao sr. presidente do ministerio, declarando que aceitava qualquer plataforma de conciliação, desde, porem, que ela não represente a sua ruina.

Eis o que tem a comunicar á assembléa.

A reunião continua á hora a que d'ali saimos.

Fuga d'«O Filho do Ganga»

Alfredo Bento Lourenço, soldado n.º 861, da 2.ª companhia de infantaria 5, celebre gatuno conhecido pelo sobriquet d'«O Filho do Ganga», que ha dias foi condenado pelo tribunal militar por desertor e gatuno, e aguardava a sua remoção no Deposito de Adidos da Guarnição de Lisboa. Conseguiu fugir d'ali levando comsigo o soldado Joaquim Carlos, n.º 906 do 2.º esquadrão de cavalaria n.º 5, que ali estava de guarda.

Pelo ensino superior

Corre por ahi o boato de se ter declarado a gréve na Faculdade de Sciencias.

Ora a verdade, ao que nos informa pessoa fidedigna, é que de 370 alunos que tantos são os que frequentam essa faculdade, apenas 35 votaram a tal gréve e que as aulas continuam com a frequencia habitual.

Onde está, pois, a gréve?

Amanhã, pelas 16 horas, reune no edificio da Faculdade de Direito a assembleia geral da Associação Academia d'essa faculdade, para eleição de delegados á Federação e dos corpos gerentes da mesma associação.

Noticias da Capital

JA' QUE A CAMARA NAO DA' LUZ. —Ha quem entenda que a deve dar por sua conta e risco. Nem doutro modo se explica que do armazem de lampadas electricas da rua da Prata, 8, tenha desaparecido um lote delas em valor superior a 2.000 escudos.

O processo de que se serviram os «benemeritos», que assim quizeram remediar uma situação contra a qual a imprensa tanto tem reclamado, é que, diga-se a verdade, não foi lá muito correcto: arrombamento. De modo que o encarregado do armazem, sr. Alvaro Lobato Faria, entende que foram gatunos e em tal sentido apresentou queixa á policia.

MAIS UM PARA A CONTA. — São tantos que já quasi não vale a pena menciona-los. Desta vez foi victima a sr.ª Maria da Piedade, beco das Cruzes, 28, 1.º, que ficou sem objectos no valor de 180$00.

Lá vae a policia ver se descobre quem foi que se «alambasou» com os objectos da pobre mulher.

ACHADO MACABRO. — O guarda civico n.º 1765 encontrou na quintia da Marinha ao caminho do Forno do Tijolo, uma caveira umana, que por ordem do sub-delegado de saude sr. dr. Eduardo Lemos, foi removida para a Morgue.

OS TOLOS SAO TANTOS...—Não ha modo de convencer certa gente de que mais vale um passaro na mão do que dois a voar. Ora vejam o que sucedeu a Joaquim Correia, de Porto de Moz, que vindo a Lisboa, não sabemos, nem queremos saber para que, se deixou embair, no Terreiro do Paço, por dois d'esses *amigos do diabo*, que lhe apanharam a bonita quantia de 614$00.

Agora chore-lhe no quente e aprenda a não se fiar, para a outra vez, em quem não conhece.

NEM OS ESCRIVAES ESCAPAM—E' tal a furia dos gatunos que nem os cartorios dos proprios escrivães poupam a sua *razzia*. E, d'ai, quem sabe? Talvez fosse para se vingarem.

O certo é que, por meio de arrombamento, alguem, que se não sabe ainda quem é, entrou no cartorio do escrivão da 5.ª vara de Lisboa, instalado na rua da Conceição, 149, 1.º, levando a quantia de 62$00, diversos objectos no valor de 150$00 e alguns documentos forenses importantes.

Ministro do comercio

E' esperado amanhã em Lisboa o sr. ministo do comercio, que foi assistir ao Congresso Beirão e que visitou antes do seu regresso á capital, Porto, Aveiro e Gouveia.

Vida diplomatica

A sr.ª condessa de Sichtervelde esposa do sr. ministro da Belgica ofereceu hoje na legação, um chá ao corpo diplomatico e a varias pessoas das nossa melhor sociedade.

Eleições

VILA NOVA DE OUREM, 13.—Estão assentes como candidatos a deputados pelo circulo de Tomar pelo Partido Liberal os nomes dos srs. Francisco Cruz e José Maria Freire, faltando um nome para a lista da maioria, por haver divergencias na escolha.

Como senadores apresenta o mesmo partido as candidaturas dos srs. Manuel Antonio das Neves e Sousa Varéla.

Os catolicos disputam a minoria, falando-se tambem na candidatura de um monarchico.

Os liberaes devem vencer aqui a eleição por mais de 200 votos sobre os catholicos, tendo os democraticos uma reduzida votação; contudo fala-se que se fôr proposta por estes a candidatura do sr. Antonio Dias a vitoria lhe pertencerá, pelas inumeras simpatias e prestigio politico que aqui goza e neste caso os liberaes ficarão em segundo plano e os catolicos em terceiro.

Reconstituintes e populares não tem aqui adeptos, nem tão pouco os dissidentes democraticos.

Fala-se tambem na candidatura de um regionalista, que não terá aqui votação.

Os eleitores tem pois bem por onde escolher neste verdadeiro jogo de xadres politico.

Serviço telegrafico da tarde

ATHENAS, 15.—A viagem do rei Constantino a Smyrna e á frente de batalha da Asia Menor provocou pouco enthusiasmo, nesta capital. A imprensa recorda que no mesmo dia da partida foi tomada Constantinopla pelos cruzados e tambem na mesma data o rei Constantino se viu obrigado a abandonar a Grecia.—(H).

PARIS, 15.— Comunicam de Roma que o embaixador da França junto do Vaticano se instalará, no seu regresso a Roma, no palacio Broghese, onde se preperam para o sr. Jonnart e seu sequijo sumptuosos aposentos.—H.

LONDRES, 15. — A delegação comercial russa n'esta capital desmente a noticia da assignatura de um tratado secreto entre a republica dos Soviets e os nacionalistas irlandezes. H.

ATHENAS, Acompanharam o rei Constantino na visita á frente de batalha da Asia Menor o principio herdeiro, o chefe do governo sr. Gounaris e o ministro da guerr sr. Theotokis.—(H)

ROMA, 15.—A pedido de todos os partidos politicos de Fiume, o governo italiano nomeou o comandante Foschini Alto Comissario em Fiume, com a missão de restabelecer a vida normal sobre a base da constituição. —(H).

LONDRES, 15.—O delegado russo Krassine, interrogado por um jornalista, declarou que perante o fracasso completo da politica dos Soviets, que trouxe comsigo o desmoronamento economico da Russia, Lenine se mostra decidido a construir um novo governo com a cooperação das oposições.

Krassine deu a entender que o governo dos Soviets estavava disposto a discutir o assunto da divida russa, subscrita por capitães francezes.—(H).

WASHINGTON, 15.—A comissão de imigração da camara dos representantes resolveu autorisar o desembarque de todos os emigrantes embarcados com destino aos Estados Unidos antes de 8 de junho, não os abrangendo nas restrições da nova lei de emigração.—(H).

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

COMO OS NOSSOS "FIEIS ALIADOS,, NOS TRATAM

Com vista ao sr. ministro dos estrangeiras

Alguem, com certeza e acima de tudo patriota, acaba de nos enviar pelo correio a seguinte nota:

«Com o compendio de Geografia Comercial, publicado por Neiklejohn & Sons, II, Paternoster Row, Londres, se ensina ás creanças de Inglaterra que das raças humanas os portuguezes são «indolentes, faltos de palavra, traiçoeiros e pessoas em que não se pode confiar».

Não haverá em Inglaterra um ministerio de instrucção ou inspectores deficiaes de ensino para fazer expungir semelhante infamia d'um livro destinado a creanças?

Ao menos, por decoro proprio, que intervenham junto do governo inglez os nossos representantes eplomáticos, para que se não diga que deixamos correr em julgado, sem ao menos um protesto energico da nossa parte, tamanha aleivosia como a que encerra esse compendio.

Muitos e variados comentarios poderiamos fazer. Ficamo-nos hoje por aqui, esperando que o ministerio dos estrangeiros se apresse a dizer de sua justiça.

A CAPITAL

3809 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 16 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Nas vesperas do sufragio

D'aqui a dois ou tres dias vae o governo publicar o seu programa, documento tanto mais importante quanto sobre ele se deve decidir o resultado eleitoral.

Não se tendo apresentado ás Camaras, que o sr. Presidente da Republica, no pleno uso das suas atribuições constitucionaes dissolveu, o governo vae perante o paiz definir quaes os processos do que pretende lançar mão para resolver os graves problemas que impendem sobre a sociedade portuguesa. E' absolutamente louvavel este proposito.

Ao mesmo tempo, o programa governamental constituirá um compromisso para os deputados que com a chancela do partido liberal se apresentarem ao sufragio. E, assim, o eleitorado pronunciar-se-ha, não apenas em relação ás qualidades dos homens, mas ás virtudes dos principios.

Nós estavamos acostumados, na monarchia, a não saber senão que o governo propunha determinados candidatos, e, triste é dizel-o, na vigencia da Republica já a espectaculo semelhante temos assistido. Nas eleições feitas pelos democraticos no poder, como depois no periodo sidonista, o eleitorado não sabia senão que os candidatos que lhes apresentavam os governos tinham a marca ministerial, e mais nada.

Agora, as circunstancias mudaram, e assim como as eleições se anunciam tão livres que todos os partidos, afectos ou adversos ao regimen, a elas concorrem, assim tambem elas, se vão realisar em torno de idéas definidas e precisas.

Este facto honra a Republica, e por isso mesmo com ele nos devemos congratular, vendo que o gabinete liberal tanto se exime á marcha da intolerancia como rejeita pensamentos de autocracia.

O nosso mal tem vindo d'essa intolerancia, que nos provoca o desdem da Europa, e que atravez da nossa historia constitue a unica mancha que embacia as suas glorias. E o velho costume de reclamar um amo, um senhor, uma especie de tirano, que porventura se visiona bemfazejo, mas que bem depressa se revela duro e brutal, não menos nos tem prejudicado na nossa longa vida nacional. Ainda hoje se fala de certos homens publicos como se fôra de idolos; ainda hoje se dá a impressão de que a sociedade portugueza está na situação das rãs da fabula que nela pediam um rei. E' bom que se faça obra de democracia pura, para definitivamente acabar com todos os atavismos da servidão.

O paiz não precisa de super-homens. Só lhe tem vindo males da acção das criaturas que assim teem sido consideradas pela ignorancia ou o fanatismo. As suas aventuras liquidam no sangue das revoluções ou dos atentados.

Vae-se para as eleições com a plataforma que o programa do governo constituirá. E' assim que nas Republicas se deve proceder. E se os eleitores da nossa terra votassem todos mais por ideias do que por homens, teremos razão para assignalar um excelente progresso na nossa mentalidade e no nosso civismo.

"Os Sports,,

Reaparece no proximo domingo, sendo n'este dia posto á venda, o bi-semanario «Os Sports», que tem estado suspenso desde o dia 2 do corrente mez, em virtude da gréve tipografica nas casas de obras.

A Alemanha e as reparações

PARIS, 15—A comissão das reparações chegou a um acordo com os alemães, cujos termos constituem uma obrigação global de 12 biliões de marcos-oiro, satisfazendo assim ao artigo 2 do estado de pagamento obrigação que ulteriormente será substituida por coupons a pedido da comissão.

Fixou as prestações dos artigos 6 e 7 do protocolo relativo á aplicação do artigo 238 do tratado, que visa as restituições em generos e valores dos objectos de todas as qualidades, taes como gado, material industrial, agricola e de caminhos de ferro.

Notificou á Alemanha os prazos prescritos para as entregas mensaes á França, Belgica e Italia de 240 metros cubicos de madeira com a casca durante 4 mezes, prazos que devem ser estrictamente observados.

Concedeu o prazo suplementar de 3 mezes a todos os Estados saidos do desmembramento da monarquia austro-hungara a fim de lhes permitir que conclua a estampilhagem dos titulos da antiga divida publica austriaca, na conformidade do tratado de Sain Germain.—(H).

CRUZ DE GUERRA

PORTALEGRE, 15.—Vem na proxima segunda-feira a esta cidade fazer a imposição da Cruz de Guerra, de 1.ª classe a Bandeira do Regimento de artilharia de Montanha, o sr. ministro da guerra, a quem se está preparando uma brilhante recepção.

Carta aberta a uma mulher vulgar

Eu li a tua carta a rir e a pensar.
O que me pedes tu? O meu maior ardento
Confesso te, mulher, religiosamente,
Que quasi tenho pena de não t'o poder dar

Dar-te o meu amor seria um caso estranho
E' certo que podia dizer: «Enlouqueci...».
Mas nem eu posso dar-te aquilo que não tenho
Nem tu deves pedir-me o meu amor por ti.

Bem sabes, minha filha, tu que adoras Zola.
Que é quasi sempre falso o que a gente presume
Não se dá o amor assim como quem dá
Um saco de bombons ou um frasco de perfume.

O meu amor por ti! Mas—ó santa ironia—
Que me davas em troca? Vamos responde então:
Ah! Os teus nervos lassos e a tua pele macia...
Não vendo por tão pouco uma desilusão.

Depois o nosso amor seria uma loucura
Não te zangues comigo e ouve—Deus do ceu—
O amor violento é o que menos dura
E o nosso, tu bem sabes, nem sequer nasceu.

Adeus. Segue mulher o destino doirado.
Sinto na minha mão tremer a tua mão.
Julgavas certamente que tinhas conquistado
Mais um boneco futil—para a tua colecção?

Luiz d'Oliveira Guimarães.

A caminho da Promissão

Os nossos estranguladores, os judeus inglezes, montam a maquina

Não lhes agrada que levantemos cabeça

Terminei no dia 8 o meu artigo a respeito da gréve dos electricos, dizendo que a Inglaterra é uma amante que nos leva até o cotão dos bolsos. Mal calculava eu então que novos sucessos viessem em tão curto praso reforçar a rasão do meu dito.

Elementos desta nossa aliada secular, que nos teem custado os olhos da cara, estão agora empregando os seus melhores esforços para que não possamos consolidar e acrescer o alivio que nos veiu da simples noticia de certas operações de credito.

Bancos inglezes com agencias entre nós, portuguezes alugados aos interesses inglezes, com eles mancomunados, trabalham com tanta actividade e sugestão contra a descompressão que se ia definindo, graças á possibilidade de se introduzir entre nós o principio de concorrencia nos grandes fornecimentos, que de novo começo a recear pela nossa sorte.

Conheço-os bem; foram sempre assim os nossos fieis amigos bretões.

Na India tinham os portuguezes o melhor sal da peninsula. Vendia-se por optimo preço e era procurado em todo a Industão como iguaria do mais fino quilate. Amigo bretão, cioso e ciumento desta nossa pequenina vantagem comercial num artigo que tão insignificante lucro nos proporcionava, não descançou, sem vir ao nosso encontro para nol-o levar.

Forçou um contrato por 10 anos; comprou o sal de Goa durante esse periodo, misturou-o com o seu, lotou o seu sal de fórma a que o publico perdesse a noção, esquecesse as qualidade do sal da India portuguesa, e quando ao cabo dos 10 anos viu que os mercados estavam perdidos para o nosso producto, nunca mais no-lo comprou. Os seus productores atravessaram d'ai em diante a crise que o leitor pode calcular, vendo as suas producções acumuladas e os mercados perdidos.

Falei-lhes tambem do porto de Mormugão.

Este é um porto natural de abrigo, com uma excelente bahia e ali termina a rede das linhas ferreas que servem toda a India. De Bombaim a Ceilão em toda a costa do Malabar não ha outro porto que se preste á grande navegação. Estava pois este porto naturalmente indicado para servir todo o sul da India, visto que por Bombaim se introduzem as mercadorias para o Norte e para a India central. Pois amigo leitor, é com o coração confrangido que um portuguez observa Mormugão. Passam os anos, passam os seculos e aquilo dorme o sono eterno da invalidez. Naquele deserto só existe a casa do agente da Shepherd e a estação terminus dos caminhos de ferro. Para que aquele optimo porto, com uma situação priviligiada, em ligação com toda a peninsula pela via ferrea, se não faça, os nossos amigos inglezes arranjaram um sistema de tarifas, que a qualquer importador do sul fica mais em conta o transporte das mercadorias, chegadas á India por via maritima, desembarcadas em Bombaim, ao norte do que desembarcadas em Mormugão, ao sul. Chega mesmo a dar-se o fenomeno curioso de irem por Bombaim, fazendo larga viagem em comboio, mercadorias destinadas a logares visinhos de Mormugão.

E o velho caso dos serviçaes para o Rand? A nossa provincia de Moçambique com falta de braços para as suas empresas agricolas; as companhias a marcar passo, a marcharem lentamente por falta de mão d'obra, e os judeus inglezes do Transvaal forçando o exodo dos desgraçados que para lá vão deixar a pele!

Emquanto o Nyassa e Ressano Garcia se despovoam, nas minas do Rand nunca falta carne humana para a extração do precioso metal!

Em toda a parte onde pretendemos respirar, surge o inglez em concurso de interesses a asfixiar-nos. Mas muitas vezes não é já o concurso de interesses que entra em jogo, ás vezes é a ciumeira. Parece que lhes causa engulhos que levantemos cabeça...

A nossa historia está cheia de factos comprovativos de que a sua amizade nos tem sido mais pesada do que os efeitos das hostilidades temporarias doutros povos.

O nosso Pombal poude bem pensa-lo, senti-lo e dizê-lo.

Pois são estes amigos que agora nos aparecem com maiores olhos do que barrigas a tudo quererem, sem a tudo poderem prover.

E o mais curioso é que são eles que tão impertinentemente nos tomam contas das nossas agitações, e nos criticam por causa das nossas dissenções internas,—são eles, que se preparam agora mais uma vez para nos lançar na desordem, tentando dificultar-nos a vida. Impedindo que outros façam o que eles não querem ou não podem fazer-nos, lá veem eles mais uma vez precipitar os acontecimentos sociaes, que o alivio de que falei podia protelar. Agarraram-se-nos ao calcanhar e estou em que nos não largam, emquanto tivermos uma pinga de sangue. Decididamente muito se parecem com certos tipos nossos que não fazem as coisas nem as deixam fazer, os nossos amigos de Peniche. Em troca do muito que teem enriquecido com o nosso vinho do Porto (fazendo de cada pipa 5) e com o nosso cacau, sistemáticamente difamado para o comprarem barato, projectam lançar-nos na desesperação; pois a vêr vamos até onde irá o audacioso gesto, se quem manda em nossa casa somos nós ou se são eles. A vêr vamos se um povo, que diz ter entrado na grande lucta pela Justiça e pelos Direitos dos pequenos povos, põe de parte estes principios, tolerando que alguns dos seus nos não deixem tratar da vida, procurar o que mais nos convem.

D. Thomaz de Noronha.

A exportação de madeiras portuguesas

LONDRES, 15. — Na camara dos comuns um deputado chamou a atenção para o facto de que Portugal impõe o direito de exportação de uma libra esterlina por tonelada á madeira para estivação de minas destinada á Grã Bretanha e pede que sobre o assunto se represente a Portugal principalmente porque a Grã Bretanha concede a Portugal o privilegio de nação mais favorecida. O secretario do comercio para o ultramar responde que a quantidade desta madeira importada pela Grã Bretanha é, por assim dizer, desprezivel, acarreta, portanto pouco prejuizo, não havendo motivo para qualquer representação.—(H).

Conferencias

Realisa-se hoje, quinta-feira 16, pelas 21 1/2 horas, a sessão ordinaria semanal da Corporação dos Assistentes do Hospital Escolar. Ordem da noite: Três casos de aneurisma intra-cardiaco da aorta. Apresentação de peças. Conferente Dr. Geraldino Brites.

A' MARGEM DAS CRITICAS

Estética teatral

Fala-se de Augusto Rosa e de Lucien Guitry—A recita de hontem no Teatro Nacional. A proposito de recitações: lêr, dizer e representar. Um pensamento de Benavente que vale um tratado—O Ambiente sénico e uma triste ideia de Erico Braga—O capitão Henrique Alves do J. P. C. e um bilhete a Ilda Stichini.

A arte de entrar num palco, avançar até ao prosceneo, descalçar umas luvas e recitar uns versos, é uma arte complicada. E' preciso ter uma noção completa e intima de «auto-critica», essa faculdade de «ver-se de fóra» de analisar-se e corrigir-se que Edmond Sée, o critico dramatico da «Presse» considera a condição primeira de todo o artista dramatico. Apesar disso, porém, criticos e autores ha, como Mauricio Pottcher, o admiravel director do teatro da Natureza de Bussang, de que Augusto Rosa, salvo erro, nos fala nas suas memorias que são ainda pelo «instinto sénico», não dando ás faculdades de dedução e de inteligencia, em questões de exteriorisação dramatica, um valor positivo. Parece que realmente os melhores talentos histrionicos, os mais claramente dotados do «poder de convencimento» não são os reflexos mas sim os naturalistas ou imediatos segundo a catedratica classificação do patriarca da critica franceza o sr. Léo Claretie.

O que porém, de forma alguma os criticos negam, quer sejam Duvernois o autor espirituoso—«Il était un petit home»—ou Pierce Waldagne esse velho que conserva a frescura e a graça dos vinte anos, é que a arte de entrar em sena, descalçar umas luvas e ler uns versos, é uma arte complicada...

❖ ❖ ❖

Vem isto a proposito—nestes apropositos que todos nós arranjamos—para dizer alguma coisa sobre a noite de hontem no Nacional.

Alem da «pochade» de Julio Dantas, arrancada dum esquiço colorido de Rivera—«D. Ramon de Caprichuela», da «Manhã de Sol», o tranquilo e admiravel entre acto, em que durante vinte minutos dois velhos conseguem em toda a plateia um sorriso de bondade e da encantada ternura,—e alem, ainda da «Ceia dos Cardeais»—havia no palco, recitações: os nossos actores vinham ao proscenio descalçar as luvas como podiam, e reciar como sabiam versos de varias pessoas...

De todas as recitações que temos ouvido, comovida e contritramente n'essa vida, duas nos ficaram gravada perduravelmente gravadas, nesse «ecran», recondito de sensibilidade que é a memoria artistica:

«Naufragé» por Lucien Guitry e o «Tambor» por Augusta Rosa.

Na dicção dessas pequenas peças monologais os dois artistas eram superiores.

Tinha-se ao ouvil-os aquele lampejo que perpassa em nós como um arrepio, e me faz presentir o brilho claro e fugitivo do genio.

Guitry, senta-se numa cadeira, com o casaco amarrotado do terceiro acto de «La Griffe», e, a meia voz, no seu francez cerrado de «boulevardier», conta, moendo e remoendo as reticencias, a historia simples do «Naufragé».

Augusto Rosa, sumptuoso, elegante, perfumado, um peitilho espelhante de casaca branca e uma luneta de tartaruga, avançava, com o seu ar inglez «fashionable», sentava-se a uma meza de laca branca e na meia luz dum «abat-jour» vermelho, com a sala na penumbra, lia pausada e timbradamente o «Tambor». E nós, acompanhavamo-l'o, atravez a descrição crescente da batalha, na poeira da refrega, na epopeia humilde daquela morte gloriosa...

Augusto Rosa, acaba num grito, levantando-se, de rompão, perturbando a sua linha grave, e conseguindo pelo contraste entre a sua ultima posição e a sua habitual compostura toda a valorisação necessaria para esse frase final. Era um pouco esse tambem o admiravel «truc» sénico de Guitry (de resto até citado já pelo velho Veron no seu capitulo de estetica de teatro) ao recitar os versos vulgares da Marselhesa:

Conservar-se com o corpo dominado e abatido durante toda a dicção, para depois, no final, abrindo os braços, poder dar mais valor, pela relação das posições, ao gesto maximo do amplexo aberto.

❖ ❖ ❖

Ora hontem os actores que no Palco do Nacional recitaram, nem o fizeram por uma forma impecavel, nem o fizeram por uma forma moderna.

Pode-se em scena ler, recitar e representar, e tudo isto é, em toda a parte declamação.

Agora, fazer o que fez o ilustre e inteligente actor sr. Henrique Alves, não é nada. O sr. Henrique Alves veiu para a sena vestido com uma farda de capitão, que lhe dáva um irresistivel ar de galã de operêta, muitissimo J. P. C., e nada, mesmo nada, C. E. P.

Tenha paciencia, sr. Alves.

Ninguem mais do que nós se habituou a dar ao senhor o valôr que tem e que é muito. Mas, aquilo hontem foi uma coisa insuportável. Imaginem que o sr. Henrique Alves, entra em sena e sauda o publico militarmente (?!) com meia volta á direita e continencia!? Depois o sr. Henrique Alves começa a lêr uma massada enorme, puxavante ao patriotico para uma plateia de creadas de servir, (visto que certamente para uma plateia culta não haverá a infantilidade de supôr que o patriotismo deva suplantar a arte) e a certa altura—isto é inacreditável!—dentro, o sextêto começa a acompanhar pianinho o sr. Alves com os compassos da Portugueza, tocados com ar de melodia...

Aquilo não foi lêr maus versos, não foi recitar uma má poesia — Aquilo foi um numero de operêta, mau, muito inferior para um palco oficial de comédia, mesmo de comédia miliciana como é o Nacional.

Um dos outros actores que recitou foi o sr. Erico Braga. Erico Braga é hoje talvez o mais elegante homem que pisa os palcos portuguezes. Passa mesmo por ser um homem bonito, o que lhe garante pelo menos o publico feminino. Além disso o sr. Erico Braga é um actor interessante e cheio de qualidades de trabalho e de inteligencia.

Hontem, porém, foi infelicissimo. Escolheu para recitar um tirada da «Aljubarrota» de Rui Chianca. E' um contra-senso e uma orientação muito pouco defensavel. Não ha o direito de fazer perder o ambiente teatral a um pedaço duma peça.

Dir-me-ha o sr. Erico Braga que isso é vulgar. Perfeitamente de acordo. Mas o ser vulgar não quer dizer que não seja pessimo.

Aquele pedaço da peça historica de Rui Chianca vive do scenario e do ambiente. Não é impune de ridiculo que um homem de casaca, embora elegantissimo como o sr. Erigo Braga, chega a meio do palco e começa, de repente, sem ninguem esperar, a espinotear e a descrever a batalha de Aljubarrota que ninguem sabe a que proposito vem.

Chama-se a isto quebrar a estetica teatral.

Benavente diz: «La escena és la vida com tres paredes». A quarta é o publico. Isto quer dizer que é essa a proporção de vida que entra num palco: 3 para 4. Daqui, conclue-se que um sugeito de casaca, a declamar com realismo, como se estivesse em frente do mestre d'Aviz, cae, no ridiculo, sem querer, sem remedio.

Das senhoras: Maria Pia foi deliciosa nas Rosas Vermelhas do iminente poeta Lopes Vieira, gloria da nossa geração, e Ilda Stichini merece este pequeno bilhete:

Minha Senhora

Vi-a e ouvi-a. Deixou-me uma deliciosa impressão que dificilmente se apagará. A sua voz e a sua figura foram hontem graciosissimas e admiraveis. Foi, para mim, completa. Tive orgulho em ser portuguez e em ter a sua edade. Gostaria que pudesse desdobrar-se, e vir para a plateia ver-se e ouvir-se. Sabe? Ficava apaixonada por si mesma.

O HOMEM QUE PASSA

PELO TELEGRAFO

A missão França-America

HAVRE, 15.—O novo paquete *Paris*, o maior da marinha mercante franceza, fez com o maior exito esta tarde a sua partida para Nova York, conduzindo a missão França-America sob a direcção do marechal Fayolle, a qual se dirige ao Canada.—(H.)

Tribunal de justiça internacional

GENEBRA, 15.—A secretaria da Sociedade das Nações recebeu do governo italiano a ratificaçao do Protocolo do tribunal permanente de justiça internacional.—(H.)

Finanças francezas

PARIS, 15.—O sr. Doumer expoz perante a comissão de finanças da Camara dos Deputados, os meios de assegurar o equilibrio do orçamento para 1.922 por meio de novas compressões nas despezas e declarou-se abertamente contrario ao aumento da circulação fiduciaria e a novos emprestimos feitos por conta do estado. Anunciou tambem a proxima supressão das contas especiais que oneram os orçamentos.—(H).

O sr. dr. Nilo Peçanha propõe-se á presidencia da Republica

RIO DE JANEIRO, 15.—Não houve unanimidade na designação da candidatura á presidencia da republica do sr. Artur Bernardes. Os que discordaram desta candidatura agruparam-se em torno do sr. dr. Nilo Peçanha, que aceitou propôr-se ao sufragio para a presidencia da republica.—(A.)

Cotações cambiaes, valor do escudo portuguez

RIO DE JANEIRO, 15—Cotação do café, 17$400; cambio s/Londres, 7 3/4 e 7 13/16; valor do escudo portuguez, 1$160, 1$500 réis.—(A).

Uma demissão, importação de gado bovino

RIO DE JANEIRO, 15.—Raul Alves, primeiro secretario da camara dos deputados, apresentou a demissão do seu cargo.

A camara discutiu a interdição de gado bovino da India.—(A.)

Manejos de banqueiro norte-americanos

BUENOS AIRES, 15.—«El Diario» diz que os banqueiros norte-americanos se esforçam por conservar alto o valor do dollar com o fim de impressionar o congresso argentino e leva-lo á resolução favoravel ao encerramento de caixa de conversão argentina.—(A.)

O orçamento chileno prevê um «deficit»

SANTIAGO, 15—O orçamento para 1922 inscreve a verba de 320 milhões de pesos para as despezas e de 200 milhões para as receitas calculadas, havendo portanto um deficit de 120 milhões.—(A).

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Apodos, apupos e alcunhas

A luota dos apodos e das injurias—Os caçadores de melharucos, os fabricantes de cruzes e os fedorentos—Cabeças de burro e cabeças de cão—Ilheus, Galegos e Ratinhos

Vê-se que as nacionalidades mais ou menos se amesquinham reciprocamente pelo emprego de simbolos, ou pelo uso de apodos e alcunhas pejorativas.

Mas dentro de cada nacionalidade tambem ha desdem, despeito e ironia, quando não desprezo, entre os naturaes de diversas proveniencias.

Os francezes, falando dos seus compatriotas do norte, tratam-nos por Franchinands, emquanto estes, em represalia, chamam aos do sul—Fraucihots.

Na Belgica, os Flamengos referem-se aos Wallons por pungente ironia com o nome de—Fransquillons.

Tanto em Inglaterra como na Alemanha, nas regiões balcanicas, e caucasicas, em todos os paizes, emfim, formados por elementos etnicos dos mais heterogeneos, a profusão d'estes apodos é inumeravel.

Ocorre-nos citar mais alguns casos como exemplo de comparação.

Já nos velhos tempos, segundo refere Herann Nunes de Gusman (1), falando de um logarejo proximo de Salamanca, os hespanhoes usavam d'este apodo:

«Los de Doninos
«Pocos y mal avenid s.»

De Salamanca tambem o nosso Delicado registrou este proverbio pejorativo:—Salamanca, a uns sara e a outros manos.

Aos habitantes de Strasburgo chamam os alemães—Meiselocker — caçadores de melharucos, por ser esta caça um divertimento predilecto do Baixo—Rheno. Outros ha que atribuem a alcunha a um grande canhão que tiveram no seculo XVI e ao qual davam o nome de—Meise.

Vê se que o célebre canhão—Bertha—que na ultima Grande Guerra bombardeou Paris, tinha antepassados, e era apenas a persistencia de uma antiga aspiração renana.

Os da Alsacia tratam os ciganos por pagãos—Heide,— os catolicos por fabricantes de cruzes—Kritzmacher,— e os judeus por fedorentos—Stinker!

N'estes apodos encontram-se ás vezes, de nação á nação, similhanças de imagens a demonstrar a conformidade geral do pensamento humano nos seus processos de dedução e comparação.

Apelidam-se os mesmos Alsacianos a si proprios cabeças quadradas—têtes carrées. Entre nós usa-se—cabeçudos e cabeças de burro.

Os de Calais tratam-se ás vezes por cabeças de areia — têtes sableuses d'Calais.

Parelelamente, falando de alguem cujo cerebro não funciona regularmente, tambem nós dizemos que tem... areia! e chamamos-lhes cabeças de alho chôcho.

Os mesmos de Calais praguejam:

«Calaisien
«Tête de chien (cabeça de cães)

Da mesma imagem usam os francezes com os naturaes de Artés:

«Les Artésiens, têtes de chiens».

Na sua altura nos ocuparemos da função dos cães, burros e muitos outros animaes, a proposito da mytologia zoologica nos adagios.

Por agora, porem, convém registrar que tambem nós, como francezes e outras nacionalidades, usamos e abusamos da comparação canina.

Já nas velhas luctas contra os judeus, durante as perseguições, os tratavamos por marranos e... cães!

Quantas vezes se grita inconscientemente a proposito de um esforço necessario:

«Ah! cães de Niza
«Cadelas do Lumiar!

Ou no Alemtejo:

«Ah! cães de Niza
«Que mataram o teu Dês!
«Não fomos nós
«Foram os de Arez.

Repete-se o mesmo apodo na Beira Alta: — Chavães, terra de cães!

Ou tambem:

«João Garanhão, focinho de cão,
«Vae com a ceira ao camarão».

Ainda hoje, muitas vezes falando de alguem em mau sentido, com desprezo, ouve-se frequentemente na voz do povo:—aquele grande cão!

E dos maus diz o mesmo povo:

—São uns cães.

Portugal mesmo, região de área tão reduzida, não se subtrae a este regimen de apodos e alcunhas entre povoações a mostrar uma evidente conformidade de concepções de pensamento a distancia, á espera que alguem lhe descubra e anuncie a lei que a a rege e domina.

Entre nós diz se com certo ar de ironia—os Ilheus,—os das Ilhas (Açores e Madeira).

Os povos do Ribatejo continuam a chamar-se uns aos outros—Galegos—por mais que, esquecidos completamente da razão etnica do epiteto com que tanto se deviam honrar, visto que a acção e influencia da Galiza em tempos idos se estendeu até á margem do Tejo da alem, chegam pelo contrário a indignar-se, repugnando-lhes por exemplo o nome dado á sua importante vila de Aldeia Galega.

Esta injustificada indignação tem gerado varias tentativas inconscientes para substituir o nome de Aldeia Galega por outro qualquer.

Por 1881 distribuiu-se no Ribatejo uma proclamação cuja simples leitura entristece, inventando-se como etimologia o nome conjectural de uma certa Alda, suposta vendedeira á margem do rio, como se lê n'um triste documento dirigido em 13 de Junho do mesmo ano á respectiva Camara, firmado por 205 grandes assinaturas! (1)

Encontrou a vila de Aldeia Galega por felicidade um Presidente da Camara que conseguiu evitar que se consumasse o nefando atentado de substituir um nome de significado historico que muito nobilita, pelo de uma taverneira hypotetica de que não se encontram vestigios fidedignos, e nada significaria.

Os rusticos da Beira Alta são conhecidos em toda a Extremadura e Alemtejo pela designação de Ratinhos, com sentido desdenhoso, — os de Rates, — embora se aguarde sempre com interesse a sua chegada para fazerem as colheitas do trigo e outras.

O apodo é muito antigo. Já por 1527, quando em Coimbra se representou pela primeira vez a tragicomedia pastoril da Serra da Estrela, da autoria do nosso Gil Vicente, em acção de graças pelo nascimento da Infanta D. Maria, mais tarde princeza de Castela, um dos personagens, — Lopo — diz:

«Muitos ratinhos vão lá (ao Sardoal)
«Do cá da serra a ganhar,
«E lá os vemos cantar,
«E bailar bem como cá. (2)

Não eram tidos n'esse tempo como boa gente no dizer popular. Por isso na farça do Almocreve dizia o mesmo Vicente pela boca do seu personagem — o Fidalgo:

«Rati...h s são obantesmas
«E quem por pagens os tem»,

Mas então como hoje, beirões auctenticos, gosavam ou sofriam com as venturas ou infortunios de Portugal.

E já então como hoje, tambem vivemos ao Deus dará da casualidade das especiarias da India, da escravaria da Guiné, das minas do Paraguay ou das indemnisações da Alemanha, sem que pensassemos em buscar consolidação de meios e estabilidades de recursos no trabalho e nas industrias que, por toda a parte da Europa menos em Portugal e Espanha, a esse tempo surgiam sob a influencia benefica dos movimentos da Renascença e da Reforma.

Reconhece a verdade de tudo isto no prologo da belo farça do Triumfo do Inverno, o fundador do nosso teatro, quando em engraçadas redondilhas diz:

«Em Portugal vi eu já
«Em cada casa pandeiro,
«E gaita em cada palheiro.
«E de vinte anos a cá
«Não ha higaita nem gaiteiro,
«A cada porta um terreiro,
«Cada aldeia dez folias,
«Cada casa atabaqueiro;
«*E agora Jeremias*
«*He nosso tamborileiro*.

«Só em Barcarena havia
«Tambor em cada moinho,
«*E no mais triste ratinho,*
«*S'enxergava hua alegria*
«*Que agora não tem caminho.* (3)

Ladislau Batalha.

(1) Breves Noticias da Vila de Aldeia Galega do Ribatejo por J. S. Remo—[illegible]
(2) *Refranes y Proverbios* en Roman (1555)
(3) Gil Vicente, *Obras* 1907—I—288.
(4) Ibid. II—189

O CONFLITO GREGO-TURCO

Russos e turcos contra gregos

CONSTANTINOPLA, 15. — Izet Pacha foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros e Salih Pacha ministro da marinha.—H.

ROMA, 15.—Dizem os jornaes que as tropas sovieticas entraram na Anatolia depois de um acordo com o governo de Angora e que as tropas russo-turcas avançam em direcção a Smirna e Constantinopla, emquanto os gregos activam os seus preparativos para a ofensiva.—H.

A questão da Alta Silesia

BERLIM, 15.—O embaixador de França, sr. Charles Laurent, apoiou junto da Wilhelmstrass o pedido da comissão interaliada para que se evacuada a posição estrategica de Anaberg pelas tropas alemãs de autoprotecção.—(H.)

As gréves em Inglaterra

LONDRES, 15. — Devido á intervenção do ministro do trabalho está afastada a gréve dos operarios da industria metalurgica, tendo os patrões adiado para o fim de junho a aplicação dos novos salarios.—H

Os atentados nos caminhos de ferro francezes

Ainda não foram descobertos os seus autores, mas está já comprovado que se trata d'um «trabalho» de profissionaes

O atentado criminoso que teve como consequencia o duplo descarrilamento no local denominado Ponte de Orly, descarrilamento de que demos anteontem desenvolvida noticia, provocou viva emoção não só no publico, mas ainda entre o pessoal dos caminhos de ferro que avalia a sua impotencia para impedir novos atentados, dada a facilidade de acesso á via ferrea o a impossibilidade das companhias poderem assegurar durante a noite a vigilancia das linhas.

No que respeita em especial á via Paris-Orléans, no local proximo ao do acidente, deve-se reconhecer que se pode penetrar sem dificuldade nuns dez ou doze pontos, no espaço que vae de cerca de 1300 metros, do pequeno viaducto da linha estrategica á gare de Villeneuve-le-Roi.

A via ferrea está estabelecida sobre um aterro cuja altura na parte mais elevada é de 6 ou 7 metros. E' resguardada do lado de Villeneuve-triage por uma triplice vedação de arame farpado que póde afastar-se facilmente, e do lado de Orly e de Villeneuve-le-Roi por um regato que se transpõe dum salto.

Quanto ás medidas de vigilancia durante a noite, tanto ali, como noutras partes das diferentes rêdes, limitam-se a uma ronda passada por um assentador-vigia.

* * *

Foi o maximo um quarto de hora apoz a passagem do vigia da linha, chamado Delvert, de Ablon, que a catastrofe se deu Delvert declarou aos magistrados encarregados do inquerito:

—Tenho a meu cargo a vigilancia das linhas Paris-Orléans n'uma distancia d'uns vinte quilometros, desde a gare de Ablon até Paris-Orsay.

«Todas as noites faço uma ronda d'uns dez quilometros, n'uma parte do meu sector.

«No dia 8, munido da minha lanterna e da bengala que me serve para caminhar sobre os rails—como os meus camaradas não sigo pela parte balastrada—saí de Ablon e entre as 22,55 e 23 horas estava eu nas alturas da ponte de Orly, exactamente no local onde um quarto de hora depois se dava um acidente. Seguia pelo rail exterior da via n.º 2, olhando para a direita e para a esquerda. Tudo se me afigurou sem novidade. Ruido algum me atraiu a atenção.

* * *

Os malfeitores que deslocaram o rail da via numero 1 tinham concluido a sua criminosa tarefa do momento da passagem de Delvert ou esconderam-se ao vê-lo aproximar, entre a erva do talude, muito alta? E' esse um ponto que o inquerito ainda não poude restabelecer. Os engenheiros do Paris-Orleans limitam-se a declarar que para a deslocação do rail, tal como foi efectuada, eram precisos pelo menos dois homens e o minimo de tres quatros de hora de trabalho para profissionaes. Os autores do atentado tiveram de tirar, um a um, servindo-se duma chave especial, os 61 parafusos que prendem o rail ás travessas.

Vinte e tres desses parafusos foram encontrados no talude. Tiveram tambem de tirar as eclises colocadas na extremidade do rail. Ora tal operação não se fez sem dificuldade. Os malfeitores não levavam chave especial, tendo-se servido de um martelo e de qualquer outro instrumento.

Contudo, tanto Delvert como os locatarios dos dois pequenos pavilhões situados a uns cincoenta metros da ponte de Orly são unanimes em declarar que não ouviram ruido algum.

«A noite estava um tanto escura. As nossas lanternas dão uma pequena claridade, nada vi de anormal, nem homens, nem coisas. Um quarto de hora depois estava a 250 metros da ponte—não andamos mais d'um quilometro em 50 minutos—passei pelo comboio de mercadorias e pelo que foi chocar com ele. Decorreram alguns segundos, depois por um ruido ainda mais formidavel. Ao mesmo tempo, ouvi á minha direita a queda dos fios telefonicos arrancados dos postos que os sustinham. Compreendi que se dera um grave acidente. Dei meia volta e dirigi-me para o local do choque, onde estive a trabalhar durante toda a noite».

Ora o ruido do martel ao bater no cinzel ou n'outro qualquer instrumento, embora amortecido por um pedaço de madeira ou de pano, devia ser ouvido pelas pessoas que residiam proximo.

A locataria d'um dos pavilhões, a sr.ª Ramon, esposa d'um operario do P. O., fez aos inspectores da policia judiciaria uma declaração que tem certa importancia.

Na noite do atentado, quando estava n'um campo proximo da orla da linha, avistou dois homens caminhando pela via.

Por um pequeno cão que os acompanhava, julgou reconhecer dois operarios que tinham chegado pouco tempo antes a Vileneuse-le-Roi. Os dois homens seguiam em direcção á ponte de Orly. Deviam ser umas vinte horas e meia, ou talvez um pouco mais tarde.

Ou porque não fossem com esso fim, ou porque os incomodasse a presença da sr.ª Ramon, os dois homens pararam a uns cincoenta metros da ponte, desceram para o talude e começaram a arrancar erva. Fizeram alguns molhos e levaram-nos aos braçados, porque não tinham tido a precaução de levar sacos, como é costume.

De volta a casa, a sr.ª Ramon preparava-se para se deitar quando os seus cães se puzeram a ladrar. Ladraram durante uma meia hora, como costumam fazer quando alguem passa nas cercanias ou na via. Tendo vindo com seu marido, ao limiar da porta, não ouviu ruido algum nos arredores de casa. Quanto a ver qualquer coisa na linha ferrea, a noite estava muito escura.

Mais dois atentados

Um novo atentado se deu no dia 10 á noite, na linha ferrea de Orléans, a poucos quilometros de distancia de Paris.

O condutor e o agente do serviço dos correios do comboio n.º 431, que saiu da gare de Austerlitz, ás 19.35, declararam que no momento em que o comboio estava a duzentos metros da gare de Perray-Vancluse, alguns tiros foram disparados do alto da ponte superior que fica entre Juvisy e Brétigny.

Muitas balas de revolver, que, felizmente, não feriram ninguem, foram achatar-se nas paredes da ambulancia postal n.º 283.

De Armentières comunicam que no dia 10 de manhã foi descoberta na linha ferrea uma tentativa criminosa.

O rondista Gilbert viu que tinham sido desaparafusadas duas eclises na altura do quilometro 15.903, entre Lille e Armentières.

O rondista fez signal ao comboio 2210 para afrouxar a marcha e depois da sua passagem procedeu á reparação da via.

O gendarmeiro procede a um inquerito.

VIDA SPORTIVA

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra

Comunicado oficial. —A comissão organisadora do torneio da «Taça Mutilados da Guerra», comunica que se realisa no domingo 19 ás 17 horas e meia no «Stadium» o desafio final deste torneio entre o Sporting e Belenenses.

Touradas

CAMPO PEQUENO — Os aficionados deverão ao domingo a João Coutinho, o promotor da tourada, a mais interessante lide desta epoca, porque verão pela primeira vez, alternar artistas com amadores, visto que por gentileza de uns e outros D. Carlos de Mascarenhas bandarilhará com Manuel dos Santos, D. Pedro de Bragança com Alfredo Santos e Artur Ribeiro com Custodio Domingos. D. Alexandre de Mascarenhas farpeará um touro com Ricardo Teixeira. Na lide tomam ainda parte F. Oliveira e Gama Lobo, dois bons bandarilheiros-amadores, executando o segundo o «cambio» com os pés em cima do lenço, e os artistas J. Froes, R. Raposo e «Malagueño».

Ha um grupo de forcados de profissão, chefiados pelo valente Manuel Barrico, e outro de amadores que João Coutinho capitaneará e que organisou com o antigo amador Carlos de Avelar e com os amadores do grupo de Santarem, A. Abreu, Serra e Moura, B. Jardim, J. Aguiar, J. Estevam e M. Cabedo. Ambos os grupos farão a «cada da guarda». A lide será dirigida pelo antigo amador e aficionado sr. Luiz Pimentel.

Do Rocio haverá um comboio ás 17,30. Para regresso, ha comboios ás 20,22 e 21.

Oficina de cortiça destruida por um incendio

Pelas 13 horas de hoje rebentou incendio, com enorme violencia, numa oficina de fabrico de artigos de cortiça, na rua do Embaixador, 106, em Belem, pertencente a Jeneso Rey, a qual estava segura na Companhia Nacional.

O edificio compunha-se de um só pavimento, havendo ao fundo uma casa que servia de armazem de cortiça em prancha, estando na parte da frente a oficina onde começou o incendio, o qual consumiu não só quanto estava no edificio, mas ainda o madeiramento do telhado.

Como a oficina estivesse fechada, ignora-se a origem do incendio.

A propriedade pertencia a Manuel Alves do Rio.

O incendio foi combatido com o emprego de 5 agulhetas, convergindo ao local do sinistro bastante material do serviço de incendios.

Os trabalhos foram dirigidos pelo ajudante interino sr. Batista Ribeiro, auxiliado pelo chefe de secção sr. Marcelino.

Os prejuizos são quasi totaes.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ—A's 21 h.—«Os sinos de Corneville».
AVENIDA — A's 21,15 — «Morgadinha Val-flôr».
GINASIO—A's 21.30—«D. Paco Manzanillas».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22.30—«Troiaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«Companhia franceza de revistas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

A manifestação de hoje

Pelas 17 horas fecharam todos os estabelecimentos comerciaes e industriaes da Baixa, começando a afluir ao Terreiro do Paço numerosas pessoas, afim de acompanharem a comissão que em nome do comercio e da industria da capital ia entregar ao governo e á camara municipal a representação com tal objectivo elaborada.

Numerosas forças de cavalaria da guarda republicana impediram a principio o acesso áquela praça, mas, pouco depois, por ordem superior, era permitido o livre transito, aglomerando-se ali muita gente.

O sr. presidente do ministerio mandou, porem, prevenir os manifestantes de que não permitia manifestações de qualquer especie e que só receberia a comissão, o que se fez, subindo ela a entregar a representação.

No Terreiro do Paço foi distribuido profusamente um manifesto em que se dizia que nas outras gréves nunca haviam intervido o comercio e a industria e que na dos electricos predominava a politica, acrescentando que só ao governo competia resolver o assunto. Esse manifesto era assignado pelo «Gremio Altruista do Campo de Ourique».

Ministro da instrução

Regressou hoje de Santarem o sr. General Machado, ministro da instrução.

Conselho externo de comercio

Reune amanhã, ás 16 horas, no ministerio dos negocios estrangeiros, o conselho externo do comercio.

O crime de Alpiarça

Partiu hoje de manhã para Alpiarça o director da policia de investigação, sr. dr. Reis Junior, acompanhado de quatro agentes, que ali vão proceder a deligencias para descoberta do assassino do tenente Fonseca.

O sr. dr. Reis Junior vae conferenciar com o governador civil de Santarem.

«Exposição Lyster Franco»

Foi hoje aberta ao publico, no salão nobre do Teatro Nacional, a exposição de paizagem (au fussin) do sr. Lyster Franco.

A exposição, que foi muito visitada, continua aberta amanhã e nos dias seguintes, das 12 ás 18 horas.

A loteria de Santo Antonio

Realizou-se hoje a loteria denominada de Santo Antonio, a mais importante depois da do Natal.

O primeiro premio, 150.000$00, coube ao numero 4821, que foi vendido em quadragesimos e cautelas na casa Gouveia & Silva, da rua da Assunção.

O segundo premio, 50.000$00, saiu no numero 6769, vendido em vigesimos na casa Campeão & C.ª, da rua do Amparo.

Como se vê, foram muitos os contemplados com os dois premios mais importantes.

NOTICIAS DA CAPITAL

LIQUIDANDO UMA SCENA DE TIROS.—Foram hoje enviados ao 4.º juizo de investigação criminal Delfino Gonçalves Cruz e Joaquim de Amorim, acusados de terem agredido, na rua Vinte e Quatro de Julho, o «chauffeur» Matias Rodrigues com um tiro no ventre.

OS SUICIDAS. — Tentou suicidar-se, por meio do envenenamento, Francelina Augusta, da travessa de Cima dos Quarteis, 62. Foi lhe feita a lavagem do estomago no posto da Cruz Branca.

E' UM NUNCA ACABAR, LOUVADO DEUS!—Bem temos nós pregado! Não vale a pena a gente estar se a ralar para fazer entrar na cabeça dos parvos que se não devem fiar no primeiro que lhe conta umas lampadas, que lhe prometo mundos e fundos.

Já que assim o querem assim o tenham. A' vontade.

E ainda os que chegam da provincia poderão ter certa desculpa, mas os que residem em Lisboa e que todos os dias estão a ler, ou quando não leem, pelo menos a ouvir dizer que ha «vigaristas», deixarem-se cair! Arre, que são muitos estupidos.

A' policia queixo-se José da Silva, morador na rua de S. Sebastião das Taipas, 41, 3.º, de que tinha *caido* com a linda quantia de 700$00, que dois vigaristas lhe apanharam.

Pois declaramos que, se fossemos agente de policia, não dariamos um passo para descobrir quem foi que deu uma tão bela lição ao sr. José da Silva.

NÃO VALIA A PENA POR TÃO POUCO...—Ser preso por ter roubado objectos apenas no valor de 80$00, que nos tempos que correm é uma quantia verdadeiramente insignificante, é tolice rematada. Assim o pensa Antonio Melo de Oliveira, que prometeu que para outra vez fará mais larga colheita do que aquela de que foi vitima Mariano Monteiro, morador em Venda do Pinheiro, em Loures.

A policia disse-lhe que sim e que mais que não tambem, mas foi-o pondo á sombra, por causa do calor estival que se está sentindo.

UM COMPANHEIRO DE CASA «MODELAR» — Já nem nos companheiros de casa nos podemos fiar, visto que são os primeiros a «aliviar-nos» do que temos.

Um exemplo do que dizemos: Joaquim Rodrigues, morador na rua da Sociedade Farmaceutica, 3, apresentou queixa no governo civil contra Manuel Marques, com ele morador, acusando-o de que, apanhando-o a dormir, lhe furtou de uma mala uma carteira com 5 5$00 e uma corrente de ouro e relogio de aço, tudo no valor de 700$00.

Ahi está uma soneca que saiu cara!

Serviço telegrafico da tarde

LONDRES, 16. — Telegrafam da cidade do cabo que o funeral do sr. Roque de Arriaga consul geral de Portugal n'aquela colonia e que faleceu ali repentinamente se realisou hontem de tarde, assestindo o corpo consular, o governador geral e os representantes do governo.—H.

EVORA, 15. — Prepara-se nesta cidade um grande festival de caridade que terá logar na jardim publico, em principios de julho.

Para Lisboa seguiram os drs. Camerate de Campos e Maximo Homem afim de obterem auctorisação para que a banda do comando geral da Guarda Republicana, venha abrilhantar a festa.

Já estão armados muitos barracas para a feira de S. João.

Só Circos, estão já dois e esperam-se outros dois, entre eles um que se encontrava trabalhando em Coimbra ha dois anos.

Ao que consta estão assentes por este circulo as candidaturas seguintes: dr. Alberto Jordão, dr. Garcia da Costa, pelos reconstituintes; dr. Copinha e Manuel Fragozo, pelos democraticos dr. Cardozo de Lemos e dr. Paulo Lobo, pelos liberaes e dr. Alfredo Cunhal, pelos monarquicos.

Toma hoje posse do lugar de administrador do conselho o sr. Francisco Homem de Campos Rodrigues.—H.

AVIZ, 16.— Aos julgamentos a que nos referimos ontem presidio o meretissimo juiz desta comarca sr. dr. Antonio da Silva Tavares representando o ministerio publico o digno delegado sr. dr. Juiz Marques de Careno e sendo defensor oficioso o sr. Francisco Ferreira Pimenta que soube aproveitar todas as circunstancias atenuantes que militavam a favor dos reus.—H.

LONDRES, 16. — Espera-se que os mineiros voltem ao trabalho no dia 20 do corrente, em virtude das ultimas negociações com os proprietarios das minas.

Terminado o conflito mineiro, renovar-se-ha a actividade politica, acentuando-se já os ataques da oposição ao governo.—H.

ROMA, 16.—O sr. De Nicola, antigo presidente da camara dos deputados foi reeleito por 348 em 479 votantes. Os socialistas aceitaram participação na meza da camara, correspondendo assim ao apêlo do Rei no discurso da corôa, para cooperárem na obra de reconstituição nacional.

Ser-lhes-hão atribuidos um logar de vice-presidente e dois de secretarios.—(H).

QUITO, 15 — Um representante do «Equador» irá a Paris tratar duma convenção comercial com os ministerios interessados. Em Inglaterra e na Alemanha serão criados 70 consulados comerciais particulares para se fazer um esforço comercial donde possam obter-se resultados identicos aos da Argentina.—(A).

LA PAZ, 15—A convenção ofereceu a José Maria Escalier a delegação da Bolivia na Liga das Nações.—(A).

WASINGTON, 16.—Apesar da camara dos Representantes ter aprovado por 305 votos contra 61 a moção Parter, declarando terminado o estado de guerra com a Allemanha e a Austria a solução definitiva do assumpto pelas camaras em sessão conjuncta exigirá ainda um praso relativamente largo.—(H.)

TOKIO, 16 —Tanto a imprensa como o publico japonez patenteiam o seu reconhecimento para com a nação o governo francezes pelo afectuoso acolhimento com que receberam o principe imperial Hirohito na sua viagem a França.—(H).

PARIS, 16,—Comunicam de Londres, que Trotsky deu ordem a varios corpos do exercito vermelho para emprehenderem uma ofensiva sobre Vladivostock, repelindo da Siberia Oriental os japonezes e os elementos russos anti-bolchevistas que são auxiliados pelos japonezes.—(H.)

LONDRES, 16. — Comunicam de Washington que o ministerio da marinha publicou um telegrama do almirante Sims em que declara que o resumo do seu recente discurso publicado pela imprensa, em que figuram frases de censura aos americanos que não simpatisem com os sinn-feiners, é completamente inexacto.—(H).

ROMA, 16.—O incidente ocorrido na Camara com o deputado comunista Miciano provocou uma vivissima discussão na sessão seguinte. Os «faisciti» insistiram em que não tome assento na camara o desertor Miciano, afirmando que nada os fará mudar de atitude. Os socialistas e comunistas protestaram violentamente e os deputados dos outros partidos mostram-se contrarios ao ponto de vista dos faisciti, reclamando o respeito pela Lei.—(H).

SEIRNA, 16. — Foi escolhida a aldeia de Cordelo proximo desta cidade para quartel general do rei Constantino.—(H).

PARIS, 16.—Volta a falar se na reunião proxima do conselho Supremo, sendo provavel que seja convocado para a semana que vem. As duas condições para que essa reunião se efectue são: que a pacificação completa da Alta Silesia e que os acontecimentos do Oriente estejam suficientemente esclarecidos de modo a que a França, a Inglaterra e a Austria possam adoptar em presença dos factos ocorridos uma politica comum.

Quanto a primeira condição, declara-se nos meios inglezes que os insurrectos polacos devem ter efectivado a sua submissão total dentro de 10 dias e que por outro lado a comissão inter-aliada fará retirar os alemães á medida que os polacos se forem submetendo.—(H).

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pelo sr. Vilar Coelho, comerciante da nossa Praça e por sua esposa a sr.ª D. Maria Dolores Teixeira de Vilar Coelho, foi no p. passado domingo 12 pedida para o sr. Alfredo Pires Mendes, a mão da sr.ª D. Maria da Piedade Catum, gentil filha do sr. Domingos Marques Catum e da sr.ª D. Cristina, da Piedade Catum, proprietarios e comerciantes em Alcochete.

O enlace matrimonial realisar-se-ha ainda este ano.

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

4821....	150.000$00
6769....	50.000$00
2025....	5.000$00
1614....	1.000$00

4820...	1.330$00	3685...	500$00
4822...	1.330$00	5499...	500$00
1050...	500$00	5579...	500$00
1795...	500$00	6605...	500$00
2470...	500$00	6781...	500$00
2827...	500$00	7926...	500$00

A provincia n'«A Capital»

PORTALEGRE, 15.—Reuniu hoje n'esta cidade a Federação Municipal do Partido Republicano Portuguez, juntamente com representantes das comissões do districto, resolvendo dizentar as maiorias no circulo norte, propondo a sansão do Directorio a lista com os seguintes candidatos.

Senadores tenente coronel Jorge Caraço e dr. Antonio Teixeira Guerra, deputados dr. Baltazar Teixeira e dr. João Camoezas.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 13 horas, do dia 25 do corrente mez de Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Mamêde ao Caldas, 68, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1,50 a 3,50, largura minima de 0,25 e espessura de 0,10 a 0,16.

O preço a indicar será por cada uma tonelada de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro ou dentro de barco acostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em envelope fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmo».

O concorrente ao qual o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido quando se dê por concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatario possa fazer qualquer reclamação ou ainda o de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.

O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes

(a) *Feio Terenas.*

A CAPITAL

3810

— 11.º ano

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 17 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE
Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

Enigmas

Porque é que se observam tantas flutuações que não incidem só nas opiniões como nos factos? A rasão não está só na versatilidade do vulgo: está sobretudo nos equivocos, nas contradições, nas falsidades até que se fazem correr como verdades, e que desnorteariam uma sociedade mais equilibrada do que a nossa.

E' isso que não deixa formar nenhum juizo seguro sobre situações que haveria a maior vantagem em esclarecer devidamente para que se regressasse á normalidade do credito e da segurança espiritual d'um povo inteiro.

Agora mesmo nós andamos em volta d'um dos muitos enigmas em que são ferteis a politica e a administração do nosso paiz. Essa charada é a da operação, emprestimo, contracto ou como lhe queiram chamar, dos 50 milhões de dollars.

Vae quasi fazer um mez que um belo dia a imprensa noticiou, em vistosos normandos, que o governo fechára as negociações para um emprestimo. Como era de esperar, uma noticia desta ordem influiu imediatamente na situação cambial. Mas ainda não tinham passado quarenta e oito horas e já se afirmava que taes negociações não tinham sido fechadas. Estabeleceu-se logo a confusão.

Porque a não desfez o governo com uma palavra?

Bastar-lhe-ia dizer se o facto era ou não verdadeiro, o que não significaria que taes negociações não estivessem entaboladas.

O silencio, porém, foi absoluto. Motiva-lo-ia o criterio de que os governos teem mais credito conservando-se calados do que falando? Verdade seja que, na vigencia deste governo, um ministro houve que, em plena sessão do parlamento, anunciou ser concluido um emprestimo, e afinal de contas, tal emprestimo não existia.

Fosse como fosse, o governo calou-se, e as flutuações cambiaes continuaram, até que um dia circulou a noticia de que o emprestimo fôra assignado em Paris.

Seria certo? Parece que não era certo, mas o governo conservou-se no mesmo inalteravel mutismo.

Estes são os factos, e em presença d'eles nós perguntamos se ha o direito de exigir confiança a um publico que já se vae deixando vencer pela convicção de que é victima de mystificação permanente.

A verdade é que nada se decide, nada se resolve. Rolamos de esperanças em desilusões. Não sabemos já em que podemos acreditar.

De vez em quando segredam-nos ao ouvido que quem anda a tratar de tudo é o sr. Afonso Costa. Ele fez, ele aconteceu, ele partiu para Londres, ele voltou a Paris... Mas tambem a ele o envolve um impenetravel mysterio. Tratará do emprestimo? Mas o emprestimo existe? Por um pouco mais, um amargo scepticismo levará o publico a suspeitar que nem o proprio sr. Afonso Costa existe.

Em resumo, será esta a melhor maneira de fazer politica e administração? Se os resultados fossem optimos, pode ser que nós nos inclinassemos perante eles. Mas são absolutamente estereis, se não nocivos, e n'esse caso nem mesmo estamos dispostos a considerar pitorescos os enygmas com que constantemente esbarramos.

DR. ANTONIO GRANJO

O sr. ministro do Comercio, acompanhado do seu secretario, deve regressar hoje á noite do Porto.

VIDA PARTIDARIA

Partido Republicano Popular

Toda a correspondencia, que diga respeito ao proximo acto eleitoral, deve ser enviada para o secretario do Directorio deste partido, sr. dr. Vasco de Vasconcelos, na Praça da Alegria, 72, 3.º, Lisboa.

Deu a sua adesão a este partido o capitão-tenente, sr. Carvalho Crato, candidato a deputado pelas colonias.

NO BRAZIL

Em volta da candidatura á presidencia

RIO DE JANEIRO, 16.—Os representantes dos 4 Estados que se abstiveram de tomar parte na convocação do dia 8 do corrente ofereceram ao Dr. Nilo Peçanha que apresentou a sua candidatura á prisidencia da republica. O Dr. Nilo Peçanha sem regeitar em principio o oferecimento que lhe foi feito, sugeriu a nomeação de uma comissão encarregada de propôr ao dr. Bernardes um acordo para a escolha de uma candidatura de conciliação. Se esta diligencia junto do Dr. Bernardes, não der resultado, então o Dr. Nilo Peçanha aceitaria a candidatura.—(H).

A gréve dos mineiros inglezes

LONDRES, 16.—Os resultados até agora conhecidos do «referendum» dos mineiros é o seguinte: 61747 votos aceitam as propostas dos patrões e o regresso ao trabalho e 456.638 votos regeitam essas propostas.

E' sabido que a maioria do dois terços importa a regeição, mas os resultados conhecidos são ainda incompletos.—(H).

A caminho da Promissão

A EXPLICAÇÃO DO GRANDE "TRUC"

Tomando-nos o ouro, levando-nos o escudo, os judeus inglezes prepararam o estrangulamento.
No dia 14 eu disse:

«O governo não deve inundar de ouro o mercado».

O governo poz, depois, no mercado 20:000 libras, aproximadamente, e... ficou sem elas.
Se mais puzesse mais perdia.
A capacidade da absorpção dos bancos estrangeiros é infinita, nunca mais se enche, porque tem despejo para outro lado.

Tenho mantido até hoje uma certa imprecisão nas minhas afirmações, no que diz respeito á obra perigosa para nós dos bancos extrangeiros com domicilio em Portugal.

Mas porque esta imprecisão pode vir a ganhar a aparencia de que tenho querido dizer amor sem me chegar á lingua, não tenho remedio senão pôr tudo em pratos limpos.

Portugal, os portuguezes têem a boa sorte de não ser os primeiros a cahirem varados na emboscada que lhes prepara a usura anglo-hebraica.

E digo que teem sorte porque, compulsando o infortunio das outras victimas recentes talvez se possa descobrir meio profiquo de lhe parar os golpes. Já não digo todos. O inimigo é arteiro e experimentado, mas com o auxilio e boa vontade de quem escreve estas linhas, com o conhecimento d'eles derivado é muito natural que se consiga neutralisar algum tanto a sua ação ruinosa. Quero referir-me ao Brazil e á Argentina.

A Republica dos Estados Unidos do Brazil foi implacavelmente atacada na sua vitalidade, na exuberancia colossal da sua produção, nas possibilidades interminaveis da sua riqueza, pelos mesmos agentes desvalorisadores e empreiteiros de descalabros financeiros que para cá vieram depois repetir o espectaculo.

Nefasta «tournée» que ai surgiu com a guerra!

Mas como o espirito não abunda, os processos identificam-se. Hoje cá, como hontem lá o «truc» é o mesmo: «Ficélles» de baixa de cambio para comprarem aos ingenuos o ouro mais barato, e a arca aberta, bem escancarada, para, observando-o em quasi toda a totalidade, depois lhe dictarem o preço que lhes apetecer. Fizeram-no assim na Argentina; fizeram no assim no Brazil; vão repeti-lo em Portugal. E ha por aí gente tão simples, tão alheiada do «truc» e com responsabilidades imediatas no assunto, que acreditou ser-lhe desfavoravel a baixa do cambio!

A quem eles não conseguiram liquidar foi a Republica Argentina, essa foi rija, essa depois de se ver; riquissima como é, com a falencia quasi aberta por eles; com a libra em pezos correspondentes a centenas de escudos, teve a fortuna rara de encontrar um homem, um ministro, cujo nome pode figurar pela sua grandeza ao lado de Monroe.

Foi o ministro Drago, o caloteiro da America do Sul, que deixou de pagar, e assim salvou aquele paiz riquissimo do shylockismo que o torpedeava.

Mas ao Brazil não aconteceu o mesmo. Esta Republica que não teve despezas de guerra; que durante a longa temporada da beligerancia e armisticio aumentou notavelmente a sua exportação, que poude criar industrias e dar incremento ao seu industrialismo já existente; que se ia tornando economicamente progressiva; o Brazil esse mundo de riqueza inexgotavel e por explorar, tambem como nós acreditou na melhoria cambial. Ingenuo e candido como os portuguezes agora, bateu palmas, embandeirou o seu coração em arco triunfal quando a divisa atingiu os 18 e fracção, quasi os 19. O seu jubilo já lhe fazia prever os 27 que é o ao par, e no meio do seu intusiasmo não reparou na armadilha que lhe estava montando na sombra. Aceitou os 18 e fracção de braços abertos; não mais duvidou do futuro facil e não faltaram casas que se metessem em grandes importações a praso. O resultado tem-no o leitor bem patente em terras de Santa Cruz.

Todas essas importações vieram a ter de ser pagas a um cambio alto, porque os brasileiros iludidos com o «truc» dos 18 e fracção tinham ido vender todo o seu ouro, a usura hebraica internacional enchera a arca, encarecera o genero, açambarcara o ouro e pregara com ele a 8 e fracção, donde nunca mais sahiu.

Faliram então casas importantes e até o Bank Français pour le Brésil quebrou.

Paralisou ou, pelos menos, retardou-se o desenvolvimento das industrias vencidas pelas grandes importações.

A enorme producção da borracha, por exemplo, uma grande parte da riqueza brasileira, foi sacrificada á borracha de Ceilão que o amigo inglez lançou, aproveitando a temporaria baixa da libra a 18 e fracção, que sustava as exportações do Brasil. A explendida borracha brasileira perdeu os seus mercados.

Foi assim que o Brasil, em quanto, estava no receio infundado da desvalorisação do ouro, com medo que as libras lhe valessem cada vez menos, as foi levar todas á arca judaico-anglicana, que lhas absorveu, podendo depois pô-las ao preço que muito bem quiz.

Só Drago os soube ensinar. Este argentino de alto valor e energia faleceu ha dias.

Entretanto o Brazil lá está na casa dos 8 e as emprezas anglo-judaicas retalzem a teia da sua absorpção mundial.

Em Portugal irá dar-se mesmo?

Irá a cegueira dos portuguezes até ao ponto de, acreditando nesta patuscada da descida vertiginosa do cambio, mandarem todo o seu ouro para Londres? Não lhes aproveitará a lição?

Levarão o seu desdem a desejar como os nossos irmãos de além oceano, o cambio baixo, repentinamente baixo, para, pelo medo das divisas ainda mais baixas, da libra barata, lhes irem entregar o ouro?

Eu creio que sim, e não me falta rasão para isso. Pois se até o governo depois de eu aqui gritar bem alto que não inundasse o mercado de ouro mandou pôr 20.000 libras, aproximadamente no Banco de Portugal!

E' claro que foi um ar que lhe deu. Paparam-nas todas num momento, e assim aconteceria a quantas lá puzessem.

As agencias inglezas que ai estão representando bancos poderosos que tão rico trabalhinho fizeram na America do Sul, podem bem efectuar as maiores doglutições; são duma capacidade de absorpção imprehenchivel; nunca se enchem, porque teem despejo para outro lado.

Sirvam-lhe os portuguezes ouro é o que eles querem. Barateiem-lhes a libra que será a maneira de lhes encher as caixas fortes com menos dispendio para eles, e quando depois se aperceberem que tudo está nas mãos deles, verão o preço porque terão de pagar o dinheiro estrangeiro, sempre que dele precisem para solvencia de encargos ou para encomendas lá de fóra.

Abram os olhos, caros compatriotas! e desconfiem sempre dos grandes beneficios, por baixos dos quaes não estejam factos palpaveis, dados concretos que os justifiquem. Para o barateamento do ouro em Portugal, por emquanto, só ha a cessação da obra damnada da Agencia Financial do Rio.

Quanto aos nossos recursos que são grandes, que ninguem poz em relevo senão eu, nesta questão interessantissima, é preciso não esquecer a sorte do Brazil, e um Brazil desafogado, sem despezas de guerra, como nós melhorado industrialmente e outra vez na divisa 8.

O fenomeno é o mesmo; e agora veja o leitor se eu tenho tido razão ou não.

Neste caso não são as leis economicas que são as mesmas em toda a parte; quem são os mesmos por todo o mundo são os judeus inglezes.

Perante a lição dos factos narrados, defenda-se o Estado, defendamo-nos todos do grande barateamento e do barateamento repentino que só aproveitam ao jogo d'eles, para com menos dependio monopolisarem o ouro, a nossa riqueza, e depois por ele e por ela nos pedirem quanto quiserem.

Levem-lhes o ouro e esperem-lhe pela pancada.

Aproxime agora o leitor o que aí fica do que eu disse sobre a leva dos escudos para Londres, e concluirá comigo, que, tomando-nos o ouro levando-nos os escudos, se prepara a maquina infernal do nosso extrangulamento.

D. Thomaz de Noronha.

Representação de Portugal nas festas da independencia do Brazil

A nossa colega sr. D. Virginia Quaresma, directora da Agencia Americana, oferece ámanhã, no Avenida Palace, um almoço ao sr. Gomes Barbosa, director da Camara Portugueza do Comercio e Industria do Rio de Janeiro, e a sua esposa, que chegaram ante-hontem a Lisboa, a bordo do paquete «Arlanza». Assistem tambem o sr. ministro dos negocios estrangeiros, vice-presidente da Associção Comercial de Lisboa, sr. dr. Macedo Soares, secretario da embaixada do Brazil em Lisboa, direcção da Sociedade do Estoril e outros vultos em destaque no nosso meio social.

Como se sabe, o sr. Gomes Barbosa vem na qualidade de delegado especial da Camara Portugueza do Comercio e Industria do Rio de Janeiro tratar da representação de Portugal no grande certamen internacional a efectivar nas proximas festas do centenario da independencia.

Imprensa

Começou a publicar-se em Lisboa o novo colega da manhã «A Democracia», orgão do Partido Republicano Portuguez e de que são directores os srs. dr. João Camoesas e Baltasar Teixeira.

Ao novo colega desejamos longa vida e muitas prosperidades.

SEXTAS-FEIRAS

Letras a praso

Uma mulher

Não se assuste leitor. Juro-lhe que não se trata de nenhuma heroina de L. Oliveira Guimarães. Nem eu tinha mais nada que fazer senão «oliveira-guimarãesar» a existencia de cada um! Não se trata mesmo de mesdames ou mesdemoiselles alfabeticas, tanto em voga. Não se trata ainda de nenhuma «querida amiga», de nenhuma «gentil poetisa», de nenhuma «inteligente actriz», de nenhuma «graciosa divette». Não, Trata-se duma mulher, duma senhora, duma grande trabalhadora, que é simultaneamente um curioso, simpatico, insinuante e inconfundivel caracter feminino.

Ninguem é capaz de advinhar...

E' a S. D. Guilhermina de Jesus—que toda a Lisboa conhece ha muito tempo pela «Guilhermina da liquidadora.» Desde pequeno que conheço essa mulher e tenho por ela admiração.

Poucos homens—raros homens talvez—se podem gabar de possuir como a D. Guilhermina de Jesus o tacto e o criterio administrativo que requer a direcção d'uma casa do movimento da Liquidadora da Avenida.

Poucos portuguezes terão de antiquidades e de objectos de arte antiga o conhecimento que a ilustre numismata possue.

Muito modesta, muito honesto nas suas transacções comerciais, de poucas palavras mas amavel, habituei-me a consideral-a um raro typo de comerciante, duma probidade que me apraz por em foco.

Todas as 2.as e todas as 5.as feiras, á noite, a D. Guilhermina pontifica, do alto do seu trono a cerimonia inistivel do leilão. Tem o quer que seja de rainha-regente, cujo opulento primeiro ministro fosse aquele volumesissimo Couceiro, a quem mesmo não falta um certo «patine» de conselheiro do Estado.

Quantas vezes, cheia de somno, num bocejo aquela bocа se não abre para o: «Veja bem!...»

Não havendo quem dê mais arremate!

E, lá segue o leilão, por entre a disputa das «cabeças de pau» e a D. Guilhermina, cada vez com mais sono, pregando sempre: «Uma bacia china em bom estado».—«Um indispensavel para senhora em louça ingleza».—«Um garali embalsamado para sala».—«tres atacadores amarelos para botas»...

Pois não vale um poema esta vida de mulher?

Ao pé de tanta inutil mulher, esta D. Guilhermina, com esta vida de trabalho e de honestidade, não é alguem?

Sinceramente, entre uma dessas elegantes fanées, caiadas a alvaiade e estocadas a cobalto, eu prefiro para as minhas simpatias morais essa afirmação de valor positivo que, é a D. Guilhermina da Liquidadora.

E, nem por isso, nem pelo seu feitio masculino de organisadora e dirigente deixa a proprietaria da liquidadora de ser uma bôa dona de casa e um vivo exemplar. Atestam-no o carinho que faz na educação dos seus filhos, o violinista Leiria, e os seus auxiliares na casa comercial da Avenida.

Sabe D. Guilhermina? Tenho tanta fé no seu tacto administrativo que estou agora a pensar que se fôr um dia presidente da Republica faço-a ministra das Finanças. O peor é se a senhora, pela força do habito, põe tudo isto em leilão, e do alto do seu trono, ordena para o grande Couceiro, nessa altura já senador:

«Veja bem! Não havendo quem dê mais... arremate!»

Novidades de Paris

Conversei hontem um quarto d'hora sobre Paris: Folheei um amigo grato que chegou ante-hontem. Atravez um espirito paralelo do meu, eu vi Paris, senti Paris, cheirei Paris...

Muito economicamente.

Teatros? «Arlequim» no Apollo é a nota dominante, sugestiva, colossal, estonteante... Basta dizer que nessa «fantaisie-réverie» entram 5 mulheres nuas,—mais do que nuas, despidas... As mulheres vestem-se ou despem-se ou despem-se de brocado de ouro.

Poiret é o rei, o ouro e a prata, nos tecidos maravilhosos de brocado «Velasquez» e «etamines» «Rivera», marcam a nota na indumentaria teatral. Brulé, no «Homme à la rose» vem de brocado de prata, no «Champs-Elysées», as sunptuosas «sahidas de tearos» teem o tom do ouro «mâte» das colgaduras arabes...

Emfim, nós tambem não estamos mal. De todo este sonho de Paris temos o «Paris s'amuse»... á custa de Lisboa!

O HOMEM QUE PASSA

A guerra no Oriente

Os kemalistas operando com o auxilio dos bolchevistas

A luta no Oriente assumiu já uma gravidade que seria pueril não querer ver. A Havas distribuiu hoje o seguinte telegrama:

CONSTANTINOPLA, 16 — Como consequencia do bombardiamento dos navios gregos, apagaram-se todos os farois do litoral do Mar Negro á excepção do farol do porto de Zugudalk.

Como já o telegrafo noticiou, os kemalistas autorisaram as tropas bolchevistas a entrar na Anatolia, para os auxiliarem contra os seus inimigos eventuaes.

Os primeiros contingentes, dos cossacos de Kouban, desembarcaram em Trelizonda.

Noticias de origem ingleza deram aos aliados dos kemalistas as frentes da Mesopotamia como campo de operações. Em contraposição, os telegramas de Atenas anunciam que as tropas bolchevistas auxiliarão os nacionalistas turcos contra os gregos. As informações de origem franceza dizem, por seu lado, que a frente da Cilicia nada tem a receiar dos reforços enviados por Moscou.

Por isso, emquanto a França se conserva na expectativa, gregos e inglezes tomam medidas contra uma agressão dos kemalistas. Uma flotilha grega penetrou no mar Negro, a fim de estabelecer o bloqueio e depois de ter metido a pique, como noticiou um telegrama de Constantinopla, muitos navios carregados de munições turcas, entrou no porto de Batum. Foi durante esse «raid» naval que vários bolchevistas puderam transportar da costa do Kuban a Trebizonda um contingente de cossacos.

As autoridades aliades em Constantinopla, presididas pelo delegado britanico, foram obrigadas a terminar com a neutralisação dos Estreitos, para que os navios gregos pudessem passar para o mar Negro.

A Inglaterra vae reforçar a sua posição em Constantinopla, mandando para ali uma divisão naval composta de dois couraçados, dois contra-torpedeiros e um transporte. Taes medidas são tomadas para fazer face a um ataque kemalista contra os Estreitos.

O rei Constantino saiu já de Atenas para se dirigir ao «front» de Smirna, acompanhado pelo chefe do estado maior, presidente do conselho e ministros da guerra e da marinha, o que indica o principio da ofensiva grega.

Essa ofensiva, segundo se vê do telegrama que acima damos, começou.

Emquanto assim se fazem preparativos de guerra, Bekir Samy bey, que assinou em Londres com a França e Italia acôrdos especiaes, dirige-se a Roma e Paris. Na assembleia nacional de Angora ha 170 deputados, no total de 400, que aprovam a politica de conciliação preconisada pelo antigo ministro dos negocios estrangeiros de Mustapha Kemal.

PELO TELEGRAFO

A luta contra o tifo

PARIS, 16.—O governo apresentou na Camara um projecto de lei abrindo um credito de 2.500.000 francos como participação da França na luta contra o tifo que lavra na Europa Oriental.—(H).

Afonso XIII em Londres

LONDRES, 16.—O rei D. Afonso de Espanha chegou esta tarde com o filho mais velho, em visita particular que deve durar uma semana.—(H).

Os Estados Unidos e a Sociedade das Nações

WASHINGTON, 16.—Os Estados Unidos propuzeram não tomar parte da reunião do dia 17 de Junho do conselho da Sociedade das nações.—(H).

Linha ferrea La Paz Buenos Aires

LA PAZ, 16.—Muito proximamente serão concluidas as negociações para o emprestimo destinado a terminar a linha ferrea de La Paz a Buenos Aires.—(A.)

Em Guatemala

GUATEMALA, 16.—Vai ser brevemente inaugurado o conservatorio de musica.—(A.)

Cotações, valor do escudo portuguez

RIO DE JANEIRO, 16.— O maestro café, 17$200; cambio s|Londres, 7 1|2 e 7 9|16; valor do escudo português 1$:70, 1$230 reis.—(A.)

Artistas portuguezes no Brazil — O «Traz-os-Montes»

RIO DE JANEIRO, 16—O maestro portuguez Luiz Valerio tem sido muitissimo aplaudido nos theatros do Estado de Pernambuco.

—Chegou o paquete «Traz-os-Montes».—(A).

Procurando valorisar o assucar

RIO DE JANEIRO, 16—Procura-se valorisar o assucar nas mesmas condições do café.—(A).

O monopolio dos tabacos em Hespanha

MADRID, 17.—No senado terminou a discução do projecto dos tabacos que foi aprovado. As minorias pediram a contagem retirando-se da sala, mas ficou numero suficiente para a votação. Aprovaram-se todos os artigos, ficando a ultima redacção para aprovação ulterior. Entretanto o presidente do concelho declarou que hoje mesmo ficaria definitivamente aprovado o monopolio dos tabacos, ainda que para isso tivesse para fazer numero que recorrer a algum grupo de minoria.—A.

NO MUNDO DA ARTE

Homenagem a um grande artista e um puro heroe

Vae ser prestada em breve na Sorbonne ao pintor-soldado Lemordant

No «Excelsior», Roger Valbelle publica o seguinte artigo:

Uma solene o oficial homenagem será proximamente prestada, no grande anfiteatro da Sorbonne, ao tenente Jean Julien Lemordant, que foi admirável de heroismo, de vontade, durante a guerra, e, oito vezes ferido, cinco vezes trepanisado, conquistou uma energia sobre-humana para lutar, de dia e de noite, contra as provações fisicas e triunfar da dôr.

D'esse heroe de cavalaria, resuscitado na nossa epoca, fulminado, cego, coberto de feridas e sempre de pé, ninguem se póde aproximar sem sentir, no mais intimo do seu ser, uma emoção inolvidavel que tem o valor d'uma bela provação moral.

Tinhamos atravessado um pateo para nos apresentar-mos á porta do seu «atelier». Um cartaz, pendurado no fecho da porta, impediu-nos que batessemos. Tinha este aviso dactilografado: «J. J. Lemordant, doente, está impossibilitado de receber visitas».

—Está só, fale-lhe a porta—diz-nos a porteira.

Falámos, com a voz demudada... Um grande silencio. Minutos decorridos, ouvimos os ruidos ligeiros d'uma vida reclusa, solitaria, depois o d'uma chave dando volta lentamente na fechadura. Um belo rosto sem expressão apareceu: uma cabeça viril, livre das suas faixas e o pintor, doloroso, recebeu-nos, encostado a duas muletas. Uma voz, que é apenas um sopro nos acolhe:

—Segure-me a mão..? Obrigado!.. Guie-me até á chaise-longue.

Um grande «atelier» deserto, um «atelier» onde a negra maquina de escrever tomou o logar da paleta luminosa, onde todas as telas descançam, umas encostadas ás outras, voltando as costas ao visitante.

«Estou nas mãos dos medicos»

—Fui atacado de novo pela doença em Metz, onde estava fazendo uma conferencia. Sinto-me privado da luz por muito tempo, se não para sempre, porque ainda ha esperança. Ela voltará. Agora estou na escuridão. Querem restituir-me os meus pinceis. Mas por quanto tempo? Nunca terei mais que uma vista precaria o não podia esperar. Eu, que só vivia pelos olhos... mesmo uma passagem de Kant dava-me impressões luminosas. Mas foi combinado com os meus amigos que nunca se fale na minha saude... A dôr mata-nos ou eleva-nos. Quiz elevar-me.

«Fui obrigado a crear um novo modo de expressão».

«As conferencias foram para mim um modo de servir ainda e de sondar o espirito contemporaneo. Foi na universidade de Yale, onde ia receber o premio Howland, que tomei pela primeira vez a palavra em publico. Estava amuralhado numa noite carregada de ameaças, mas compreendi deante do entusiasmo da sala que havia uma obra obra maravilhosa a executar. E voltei a Yale, onde falei na America pela ultima vez, e onde me deram o titulo de doutor honorario.

Quando o presidente me poz a estola azul, a sala em peso, contrariamente ao costume, estava em pé. O que impressionou esse povo joven, activo, laborioso, foi o facto de querer levantar-se sob um golpe tão rude. Fique sabendo que em Pittsburg, que produzia 60 0|0 das munições de guerra, a impressão foi tal na mocidade das escolas que, todos os anos, a reunião para lhe falar da França.

O que ali se ama são os rasgos de carater, e o alvo das minhas conferencias é pôr em relevo o genio francez, em que eles abundam.

Na batalha de Craonne

«Compreende tambem quaes foram as minhas emoções, muitas vezes tragicas. No teatro de Rennes, por exemplo, onde me encontrei sob o tecto que ornamentei e onde fui apresentado pelo general Passaga, que fôra meu coronel, foi-me oferecida uma palma de ouro pelo 41.º de infanteria, que executou a marcha do regimento. Essa marcha, lembrava-me de a ter ouvido pela ultima vez em Craonne... Os alemães tinham colocado a sua artilharia nas eminencias. O coronel disse-nos:

«O que se não pode tentar de dia talvez seja possivel conseguil-o favorecido pela escuridão». Tinha-se tirado aos homens tudo o que podia fazer barulho e a musica tocava durante esses preparativos.

«A idéa d'essas conferencias acudiu-me no cativeiro. Da ultima vez, recebera cinco ferimentos e desmaiára tres vezes. Quizera retomar o comando, não da minha secção mas do que restava. Não podia deixar-me evacuar, porque os chefes deviam dar o exemplo. Como recebera uma bala no joelho direito e a desgraçada perna bamboleava da direita para a esquerda, fil-a consolidar com duas bainhas de baionetas, uma de cada lado, mantidas por uma resistente ligadura.

«Tinha o braço direito paralisado pelo ferimento que recebera no segundo dia da retirada de Charleroi. Passando o braço valido no hombro d'um dos meus homens, pude dar a voz de: «Para a frente! carregar!» que determinou a acção. Mas os alemães avançavam, cercavam-nos. Disse ao meu companheiro: «Defende-te, pequeno!» e, tirando o braço, agarrei um inimigo pela garganta. Foi então que recebi um tiro de revolver á queima roupa. Tive a impressão de que a cabeça me estourava, mas tinhamos conseguido ter o avanço.

Quatro dias no campo de batalha

«Fiquei quatro dias no campo de batalha, fui levantado ao quinto, levado para o cativeiro, pensado como o puderam fazer. Estava cego. Não perdera, porém, a esperança. Puniram com a prisão n'uma fortaleza as minhas tentativas de evasão. Tudo isso me serviu: é bom saber que recursos temos em nós. Logo que pude, fiz uma serie de conferencias sobre arte, desde o seculo decimo terceiro até Carrière e pude citar os rasgos de idealismo da raça. Julgo que o nosso dever não terminou com a guerra. O que é preciso é elevar o homem e ensinar-lhe a desprezar a dôr».

A voz baixa elevou-se, amplificou-se. O nosso comovente interlocutor não tem jogos fisionomicos. O corpo está imovel na cadeira. Mas todas as modificações do sentimento se encontram no timbre flexivel, matizado, e n'essa voz que vae desde o murmurio até ás formulas pateticas.

Soldado d'uma ideia

—Quiz trabalhar para a expansão intelectual da França, ser ainda um soldado: o de uma ideia. Não me bati pelo solo, por bens materiaes, mas por um ideal, pelo triunfo d'uma força espiritual que era preciso salvar custasse o que custasse...

«Queria tambem pôr os homens em guarda contra os erros do progresso, que póde voltar-se contra eles. E' o lado moral da vida que é preciso encarar. A grandeza da França é o ter sido sempre animada dum grande sopro de idealismo, o que lhe dá um papel magnifico a desempenhar no mundo. O que é o progresso que vae dar a uma formidavel guerra scientica? O que é uma civilisação que dá facas a soldados para limparem trincheiras apoz a passagem das ondas de assalto?

«Vivi seis anos espantosos, mas isso permite-me dizer todo o meu pensamento. E' preciso que o homem torne a encontrar o seu eu espiritual. Na arte, fomos salvos do scepticismo, do diletantismo de antes da guerra, mas não basta que um homem, com trabalho, possa fazer um livro, um quadro, uma estatua, é preciso que descubra o mundo interior que lhe permitirá ser na realidade ele proprio, é preciso que viva essa vida intima e profunda que vale mais que uma sciencia aprendida; que tenha, finalmente, a consciencia do Belo, que lhe fará reintegrar a arte na vida. D'um modo geral, quiz salvar o espirito. Consegui-o? Não me pertence dizel-o».

"Os Sports,,

Reaparece no domingo este bi-semanario

Reaparece depois d'amanhã este bi-semanario de propaganda de educação fisica, depois de uma forçada suspensão motivada pela atcual grève tipográfica.

O numero de domingo de «Os Sports» apresentam-se com quatro paginas, mediado além da parte de informação e artigos doutrinários, interessantes notas sobre o celebre boxeur George Carpentier, que vae no proximo mez disputar o campeonato do mundo contra o americano Jack Dempsey.

Vida diplomatica

O sr. Embaixador do Brazil oferece no proximo dia 21, no Palacio da Embaixada, um banquete ao governo portuguez representado nas pessoas dos srs. presidente de Ministerio e ministros dos Negocios Estrangeiros e Comercio.

Governador de S. Tomé

Pelas 14 horas, levantou ferro com destino á Africa Oriental, o paquete «Quelimane».

A seu bordo seguiu o sr. dr. Antonio José Pereira, nomeado ultimamente governador da Ilha de S. Tomé.

A' despedida compareceram muitos amigos e pessoas e politicos.

TRIGO SONEGADO

Uma apreensão de trinta mil quilos

Os agentes da fiscalisação do ministerio da agricultura srs. Id Ferreira, Anibal da Silva, Luiz Nunes e Jeronimo Placido apreenderam no «Casal do Abreu» na Calçada da Maruja, em Algés, trinta mil quilos de trigo pertencentes ao lavrador sr. Augusto Izidoro Gravata, conhecido no concelho de Oeiras pelo nome de Augusto padeiro, residente no logar de Linda-a-Pastora.

O trigo estava escondido debaixo de feno.

E' a segunda apreensão que lhe é feita, tendo sido a primeira em abril, no total de 9.800 quilos, pelo que foi condenado no tribunal dos açambarcadores na multa de 9.600 escudos que pagou.

Atentados dinamitistas

A policia de segurança do Estado continua nas suas investigações sobre o caso do lançamento da bomba na tipografia Progresso, da rua do Arco do Limoeiro, do que resultou a morte do desventurado guarda noturno João Pedro Nobre.

Ao que se afirmava hoje nos corredores do governo civil, a policia sabe já quem foi o auctor do atentado, mas guarda sobre isso o maior sigilo.

VIDA SPORTIVA

BOX

A Federação Portugueza de Box existe—Desfazendo equivocos mal intencionados

Outra vez a historia da F. P. de B! Ella virá tantas vezes, quantas precisas para elucidação dos que não conhecem a sua existencia—apenas por desinteresse—e argumento irrespondivel para os que desfazem com o fim de salvaguardar a sua má fé.

Por iniciativa do Boxing Club de Portugal, foi dirigido um oficio proposto ha mezes a todos os Clubs de Sport a quem o box interessa, alvirando o seguinte:

Que a Federação Portugueza de box fosse imediatamente constituida, regulando todas as questões desde logo; que essa direcção elaborasse os regulamentos definitivos da F. P. de B.

A esse oficio responderam a maioria dos clubs consultados, concordando todos com a doutrina exposta e nomes propostos.

Alguns deixaram, inexplicavelmente, de responder, procedimento esse que só podemos alcunhar de criminosa indiferença,

Mas isto vem como incidente, vamos ao resto da historia.

Ficou portanto a F. P. de B. assim constituida:

Presidente, Francisco Guedes; vogaes de Lisboa, A. Prestes Salgueiro, F. Xavier d'Araujo, M. Guedes da Silveira; vogaes do Porto, Ventura Junior, Fernando Barbedo, Elyseo de Castro.

Cumprindo o seu mandato organisou a Federação o Campeonato do Norte, no Porto, com a valiosa colaboração do Boxing Club de Portugal, e o Campeonato do Sul, em Lisboa, com a preciosa colaboração do Gymnasio Club Portuguez.

Marcou ainda para o dia 17 de Julho proximo—conforme a sua nota oficiosa—o Campeonato Nacional.

Isto quanto á primeira parte d'esse mandato.

Quanto á segunda, organisação dos regulamentos definitivos, tambem não foi despresada pela direcção da F. P. de B.

Assim elaboraram o seu trabalho, que foi confiado ao prestimoso Ginasio Club, que sendo pronto a auxiliar o desenvolvimento sportivo por todos os meios ao seu alcance, vae distribuir esse trabalho aos clubs interessados.

E' intenção da direcção da F. P. de B. promover a reunião desses clubs, depôr o seu mandato—integralmente cumprido—e aos delegados dos clubs entregar a eleição dos novos corpos gerentes.

Ficará desta vez a questão bem assente?

Com ela não ficarão ainda satisfeitos os homens da má lingua, que conhecendo a fundo o métier de *desfazer*, são incapazes de *fazer*?

Para estranhar é porem que amadores, por espirito anti-sportivo, ou ingenuidade pouco propria, façam côro com esse grupo nefasto para a marcha do sport, a quem não convem o que é *direito* porque não serve o sinuoso caminho que por habito e feitio seguem!

Escrevendo isto sentimos um mixto de nojo e piedade por este meio horrivel que alguns homens de sport criam á sua causa.

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra

Realisa-se no domingo a final d'este torneio organisado pelo jornal «Os Sports»

Está definitivamente marcado para domingo proximo, a realisação da final do torneio da Taça Mutilados da Guerra, organisado pelo jornal «Os Sports» no Campo do Stadium, gentilmente cedido para tal fim.

Do valor do «match»; desnecessário se torna falar; basta lembrar que os finalistas são os Belenenses e Sporting, dois teams bastante fortes e desejosos de alcançarem tão importante trofeu.

O desafio começa ás 7, 30 horas.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Para Manteigas, onde vae assumir a direcção do Hotel das Caldas, de Manteigas, segue hoje, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Guilhermina Antunes de Figueiredo Mota Veiga, o nosso amigo e capitalista sr. João da Mota Veiga.

ALIANÇA MUTUALISTA

(Liga da Associação de Socorros Mutuos)

=Sede—Rua da Cruz dos Poiaes 39=

AVISO

Por ordem do ex.mo sr. Presidente e a pedido da Direção da Liga Mutualista, é convocada a reunir extraordinariamente a Assembleia Geral de Delegados para a proxima segunda feira, 20 do corrente, ás 21 horas.

Não reunindo por falta de numero, fica desde ja convocada para o dia 27, á mesma hora.

Lisboa, 16 de Junho de 1921.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

(a) *Acacio Eduardo dos Santos.*

A provincia n' "A Capital"

FARO, 15—Está nesta cidade o sr. Jacinto Cunha Parreira que vem tratar da sua candidatura como deputado regionalista.

No teatro Lethes sobe á scena o *Burro do Senhor Alcaide* no dia 24 do corrente. Entram na peça 65 pessoas da Sociedade Farense. Ha 3 espetaculos cujo producto reverte a favor do Asilo e Hospital.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

Na sua reunião de hoje, o pessoal não aceita a plataforma proposta

A reunião de hoje do pessoal da Carris esteve mais concorrida que as anteriores, vendo-se as salas e corredores repletos.

Por ser a concorrencia maior, como dissemos, a assembleia dividiu se depois em duas, expondo um delegado da comissão a cada uma o que se passára entre a Companhia e a comissão na sua conferencia de hontem.

Depois de lido o expediente, resolveu-se enviar ás empresas jornalisticas um oficio solicitando o envio diario dos seus periodicos.

A imprensa foi saudada com vivas e palmas.

Tendo dado entrada na sala a comissão de melhoramentos, foi dada a palavra ao sr. Claudio dos Santos, que diz parece ter chegado a hora de se agir. A comissão foi hontem chamada á Companhia, para se entabolarem negociações, sendo-lhe declarado que a tinham mandado chamar por convite do governo. Que o pessoal retomasse o trabalho e que depois se veria se se poderia dar-lhe alguma coisa mais, mas que retomando o trabalho sem aumento de tarifas seria a ruina da Companhia, a qual nem mais um centavo poderia dar ao seu pessoal.

A comissão declarou que exporia ao pessoal o que se passou nessa conferencia, mas que á Companhia poderia afirmar desde logo que o pessoal não aceitaria semelhante plataforma.

Que a Companhia anda sempre proclamando que as reclamações do pessoal são justas e agora vem fazer uma proposta simplesmente inaceitavel.

Se o pessoal quizer que hoje mesmo termine a gréve, por patriotismo fal-o-ha, por vir benificiar a população de Lisboa, mas com o carater que lhe querem imprimir, isso nunca.

Se o material vier nas mãos de outros para a rua, não é preciso sabotar os carros, porque eles se inutilisarão dentro de pouco tempo.

Termina com um viva á gréve, que é unanimemente correspondido.

O sr. Armando Martins diz que a platafórma apresentada, se assim se lhe pode chamar, é inadmissivel e que para ouvir propostas assim nunca mais transporá os portões da Companhia. Fala do resultado da entrega da representação ao governo. A manifestação resultou n'um fiasco, em seu entender.

Em contraposição á manifestação de hontem, no proximo domingo haverá um comicio no Parque Eduardo VII, sendo convidades a assistirem a Camara Municipal e a imprensa.

Continuará a gréve até completa solução e espera que a victoria da classe será breve.

O pessoal de modo algum retomaria o serviço pela violencia, e se o pessoal viesse a sofrer com isso ai tambem da Companhia.

A classe deve repudiar a plataforma apresentada.

Depois do comicio, a comissão, acompanhada do pessoal, irá junto do chefe do governo expor as resoluções tomadas.

Não terá duvida, dirá o pessoal ao presidente do ministerio, em retomar o trabalho, desde que os generos de primeira necessidade sofram uma baixa de 100 por cento.

E' natural que a comissão seja chamada ainda hoje a nova conferencia.

O sr. Manuel d'Almeida Lopes fala tambem sobre a questão, dizendo que se ao fim de 15 dias de greve retomassem o serviço nas mesmas condições em que largaram, o publico teria razão para dizer que estavam mancomunados com a Companhia.

Pede aos representantes da imprensa que frizem bem nos jornais que ali representam que o pessoal da Carris ainda tem bastantes recursos para aguentar a gréve.

Não se retomará o trabalho sem completa satisfação das reclamações, e sem que sejam pagos os dias de gréve.

O sr. José Nunes Martins diz que são os especuladores e politiqueiros que mais pretendem agravar o conflito.

O sr. Pascoal Peres lê a seguinte «nota oficiosa» cuja leitura é acolhida com uma grande ovação:

Camaradas: mais uma vez a classe acaba de receber uma afronta, pois outra coisa se não pode considerar a plataforma apresentada pela Companhia para solução do conflito.

Então todas as entidades nos reconhecem razão e pretendem esmagar-nos?

Camaradas: o nosso comité, senhor da situação, aconselha-vos a não aceitar a mencionada platafórma, visto que ainda tem meios de conduzir a classe á victoria.

Camaradas: ás afrontas recebidas devemos responder com a nossa solidariedade, sem que este comité ordene ninguem deve retomar o trabalho.

Camaradas: coragem, avante, união e firmeza até completa satisfação das nossas reclamações.

Viva a Solidariedade do Pessoal da Carris— O Comité Central—R. L. X.—4—.»

O sr. José Augusto Martins envia para a mesa a seguinte moção:

«Considerando que a plataforma apresentada pela Companhia é inaceitavel;

Considerando ainda que a situação critica em que se encontra o pessoal da Carris não lhe permite retomar o trabalho nas condições em que o abandonou;

O pessoal da Carris de Ferro, reunido no seu maior numero, ao passar o 15.º dia de lucta, resolve:

1.º—Não aceitar a plataforma apresentada pela Companhia;

2.º—Continuar com o movimento grevista até completa satisfação das reclamações»:

O sr. Manuel Rola diz que de modo algum se deve retomar o trabalho sem a integral satisfação das reclamações. Continua no uso da palavra á hora a que retiramos.

Serviço telegrafico da tarde

GENEBRA, 17. — A comissão de finanças da Sociedade das Nações examinou o relatorio da comissão enviada a Viena para estudar o plano de reconstituição da Austria. A comissão financeira aprova o relatorio e felicita-se pela acquiescencia da da França, Inglaterra e Japão em adiarem por 20 anos o recebimento das reparações devidas pela Austria esperando adhesão dos restantes governos interessados. A comissão propõe para a reconstituição financeira e economica da Austria o seguinte: 1.º Reforma do padrão monetario, por um novo banco emissor com a independencia necessaria. 2.º Colocação imediata de um emprestimo interno consideravel para por termo á emissão de notas do Banco. A primeira obrigação do novo Banco será estabilizar o cambio da corôa no extrangeiro e preparar a substituição das actuaes notas por uma unidade monetaria inteiramente nova e de determinado valor.—H.

PARIS, 17—Seguiu já para Berlim a comissão de garantias da divida alemã sobre as reparações. Antes de partir deixou combinadas com a comissão de reparações as medidas tendentes a efectivar o cumprimento das obrigações por parte da Alemanha.—(H).

NEW-YORK, 17—Consta que Mr. Wood antigo secretario de estado da Pensylvenia e que foi ministro em Portugal de 1912 a 1914 será nomeado embaixador dos Estados Unidos em Madrid.—(H).

NEW-YORK, 17—Afirma-se que a greve geral do pessoal de transportes maritimos estará terminada dentro de breves dias.—H.

BERLIM, 17.—Informa a «Bandeira Vermelha» que se acham em construção tres obuses de grande calibre nas oficinas Krupp em Essen.—(H).

PARIS, 17.—informa o «Matin» que o governo resolveu enviar uma missão militar ao Japão presidida pelo marechal Joffre.—(H).

PARIS, 17.—O jornal oficial publica um decreto auctorisando a exportação de gado cavalar asinino e muar.—(H).

LONDRES, 17.—O correspondente do «Times» em Wasington comunica que os meios oficiaes americanos se mostram decedidamente favoraveis a uma inteligencia anglo-americana que sem revstir o caracter de uma aliança formal, permita solucionar todas as questões pendentes.—(H).

NOTICIAS DA CAPITAL

BANHO FATAL.—Hoje de manhã, quando tomava banho na doca de Alcantara, afogou-se Americo Lourenço de Carvalho, de 17 anos, filho de Joaquina Jeronima de Carvalho, moradora na rua de S. João da Mata, 86, 3.º. O cadaver ainda não apareceu.

GATUNICES DIVERSAS.—Em casa de Emilia Jante Preto de Magalhães, na travessa da Amoreira. 22, r/c, os gatunos furtaram objectos de ouro no valor de 500$00.

—A José Antonio, rua Gil Vicente, 43, 1.º, furtou Maria Emilia Rumba, da rua do Bocage 9, 100$00.

COCHEIRO INFIEL.—O cabo de policia n.º 216 prendeu Antonio Melo, morador na rua do Carreão, 7, loja, a pedido do sr. João Fonseca Duarte, morador na rua da Palma, 146, que tendo tomado na Praça dos Restauradors o trem de que aquele era cocheiro para e conduzir ao restaurant Garret, ao apear-se esqueceu-se da carteira com 900$00, que o Melo se recusa a entregar-lhe.

—A Bento Bernardo, morador na R. da Cruz, em Alcantara, 205, furtaram os gatunos n'uma obra da rua da Madalena, objectos no valor de 120$00.

—Manuel Vicente Nunes, com deposito de tabacos na rua de Santa Justa, 40, queixou-se á policia de que os gatunos lhe tinham roubado um carrinho de mão no valor de 300$00.

FILHO QUE ROUBA O PAE. — A policia prendeu Alberto Ferreira, rua da Paschoa, 7, a pedido de seu pae, José Ferreira, que o acusa de lhe ter roubado objectos de ouro e dinheiro no valor de 950$00.

GATUNOS DE ARROMBAMENTOS.—Queixou-se José Maria Teixeira, da rua dos Luziadas, 144, de que os gatunos entraram no seu estabelecimento com chave falsa, roubando-lhe objectos no valor de 234$00.

Theatros e Cinemas

NOTICIAS

A bordo do *Quelimane*, que hoje sahiu com destino á Africa Oriental, com escala pelos Açores, seguiu a Companhia Dramatica de que é emprezario Tomaz Vieira.

E' esperada de regresso a Lisboa nos fins de Outubro proximo.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. — «Simone».

S. LUIZ—A's 21 h.—«Os sinos de Corneville».

AVENIDA — A's 21,15 — «A Dama das Camelias».

GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».

POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».

APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».

SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30 —«Companhia franceza de revistas».

GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa do jardim».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Conservatorio Nacional de Musica

Realisa-se no dia 22, ás 17 horas um concerto em beneficio do cofre dos alunos pobres. O programa é o seguinte:

1—*Quarteto* em sol menor op. 25, para piano, violino, violeta e violoncelo, Brahms; Allegro, Intermezzo; Allegro ma non troppo, Andante con moto, Rondo alla zingarese, pelos professores srs. Viana da Mota, Tomás do Lima, Pavia de Magalhães e José Henrique dos Santos.

2—*a) Outono*, John Thomas; *b) Fantaisie*, Saint-Saëns; para harpa. Pela professora sr.ª D. Dolores Vercruysse de Sá.

3—*Sonata* em dó menor op. 45, para piano e violino, Grieg; Allegro molto ed appassionato. Allegretto espressivo alla Romanza. Allegro animato. Pelos professores srs. Viana da Mota e Flaviano Rodrigues.

5—*Sonata* em si menor op. 58, para piano, *Chopin*, Alegro muestoso, Scherzo, Largo, Presto ma non tanto; pelo professor sr. Viana da Mota.

Um desmentido

Alguem, mal intencionado, tem espalhado a atoarda de que a policia de informação tem recebido dinheiro para proteger as casas de jogo.

Informações fidedignas dizem-nos ser absolutamente falso que isso se tenha dado e ainda que a policia de informação é digna dos maiores elogios, pelos valiosos serviços que tem prestado, sob a habil direcção do seu chefe, o sr. Ernesto Teixeira, um dedicado republicano e um honesto e austero caracter, incapaz de transigir em pontos de honra.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 18 horas, do dia 25 do corrente mez de Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Mamède ao Caldas, 63, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1,50 a 3, 50, largura minima de 0, 25 e espessura de 0, 10 a 0, 16.

O preço a indicar será por cada uma tonelada de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro ou dentro de barco acostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em envelope fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmo».

O concorrente ao qual o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido quando se dê por concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatario possa fazer qualquer reclamação ou ainda o de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.

O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes

(a) *Feio Terenas.*

A CAPITAL

3811 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 18 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

CRIME

Segundo parece, denuncia-se um movimento de reação,—contra quê? Contra os ignobeis processos da exploração que tanto teem agravado o estado do paiz?

Contra a ganancia desenfreada dos argentarios que converteram o dinheiro portuguez em dinheiro estrangeiro, e por isso defendem hoje com unhas e dentes a desvalorisação da nossa moeda?

Contra os miseraveis que enriqueceram esfomeando uma população inteira, que outra coisa não podia ser a consequencia do açambarcamento dos generos mais indispensaveis á existencia ou da sua monstruosa carestia?

Não!

O movimento de reação é contra a melhoria do cambio. O movimento de reação é contra a baixa de preços.

Por mais inacreditavel que pareça haver quem possa, impunemente, contrariar a marcha do relativo desafogo social que começava a esboçar-se — o certo é que, ao mesmo tempo que industriaes, comerciantes, homens de negocios patriotas cooperam na melhoria cambial e na baixa de preços, não falta quem só procure enterrar cada vez mais na miseria e nas privações este desgraçado paiz.

No Brazil, quando o marechal Floriano Peixoto era presidente da Republica, e luctava corajosamente contra formidaveis tentativas de restauração monarquica, o comercio começou a agravar-se assustadoramente, constituindo esse agravamento mais uma dificuldade temerosa para as instituições republicanas que o marechal se propunha manter.

Floriano Peixoto mandou chamar á sua presença os banqueiros que sabia estarem empenhados em manter o agravamento cambial e declarou-lhes que queria que no dia seguinte o cambio melhorasse. Se assim não sucedesse, ele os trataria como criminosos vulgares, merecedores dos mais severos castigos. No dia seguinte, o cambio ficou na divisa que o marechal exigia, e nunca mais voltou á situação anterior. Pelo contrario, melhorou sempre.

Entre nós ha comerciantes que teem o arrojo de anunciar que se vae dar uma alta nos preços de muitos generos e artigos. Semelhante resolução, nas circunstancias actuaes, quando na França a vida está hoje menos cara dois terços do que em 1920, quando só os paizes vencidos se encontram em situações angustiosas, constitue um verdadeiro crime, que n'outros tempos se expiava com a morte.

Cautela! A paciencia nacional esgotou-se, e se, depois de com a melhoria cambial uma onda de esperança ter invadido o paiz, levantando-o da apathia a que o seu fatalismo o conduziu, novamente se reconhecesse que não ha maneira de nos salvarmos porque alguns milhares de aventureiros e espoculadores não querem, possivel é que, n'esse caso, uma outra reacção se produza, mas essa fulminante, esmagadora, cheia de colera e de justiça, que os malvados que a provocam fazem mal em desafiar.

O paiz não pode nem quer voltar á situação asphyxiante de que se ia libertando, e se ele tem lucrado pela liberdade contra todas as tyranias internas e externas, e tem vencido, não lhe será dificil triumphar da horda que o explora, e que tanto ha de esticar a corda que não deixará de a fazer rebentar.

"Os Sports,,

Reaparece amanhã

Como já noticiámos, reaparece amanhã o bi semanario de propaganda da educação fisica «Os Sports», que teve de deixar de publicar-se desde o dia 2 do corrente, devido á gréve tipografica nas casas de obras.

Animada a sua direcção do desejo de corresponder ao favor crescente com que o publico tem acolhido «Os Sports», tratou de remover essa dificuldade e assim é que pode garantir que ele continuará a publicar-se com a regularidade habitual.

O numero de amanhã, de quatro paginas, traz, além das suas costumadas secções e dum extenso noticiario, um artigo sobre o proximo campeonato Dempsey — Carpentier, que está interessando todo o mundo sportivo e até mesmo os que ao sport se não dedicam.

Pobres d'A CAPITAL

A comissão organisadora da iluminação da rua das Atafonas resolveu dar amanhã, no largo do Socorro, das 12 ás 13 horas, um bodo a 100 pobres, cada um dos quaes receberá 1$00.

Para os pobres nossos protegidos teve a comissão a gentileza de nos enviar quatro bilhetes. Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

Na costa portuguesa

Experiencias com pombos correio

ESPICHEL, 18 — Os hidro-aviões portuguezes 12 e 13, proximo d'esta estação, largaram dois pombos correio, um dos quaes esteve pousado aqui perto levantando vôo e seguindo para o norte.—(H).

A caminho da Promissão

Sendo Portugal, como é um paiz riquissimo, tem toda a vantagem em, cambialmente, assim não figurar

Ha um mez que todos os dias, aqui, n'estas columnas, eu' tenho feito o possivel para esclarecer o publico. Julguei e julgo este caso dos cambios o mais importante para a vida das pequenas nacionalidades. Estas muitas vezes levantam cabeça quando circunstancias anormaes produzem perturbações economicas nos colossos chamados as grandes potencias e, n'esses ocasiões, devem melhorar a sorte dos paizes não federados, dos que vivem sosinhos. E' assim que a Belgica está agora aproveitando com a gréve dos mineiros inglezes, ganhando rios de dinheiro com o envio de carvão para Inglaterra; foi assim que o Brazil ganhou com a borracha, seria assim que Portugal ganharia tambem com as suas exportações de recente data.

Mas, infelizmente, para os pequenos, estes lucros por maiores que sejam, por mais desproporcionaes que cheguem a parecer em relação ás suas necessidades, não lhes ficam por muito tempo a dentro das fronteiras.

A usura internacional, ha seculos já, nas mãos dos judeus, lá lh'os vae buscar, subrepticiamente, com a fatalidade do nivelamento financeiro que todos os povos teem de procurar para poderem coexistir.

O que convem pois aos da usura é haver paizes muito enriquecidos e outros muito pobres, numa palavra, a desigualdade.

D'esta desigualdade de riqueza tira a usura mundial a sua abastança pelo processo infernal dos cambios.

Não haverá meio de um paiz conservar a fortuna e conveniente bem estar resultante da sua producção, emquanto existir o shylockismo ou a usura cosmopolita inter-nacional que se não farta de ouro, e que o açambarca nas baixas com tanta facilidade como nas altas.

De que servirá á Belgica levantar agora cabeça a mandar carvão para Inglaterra?

Em virtude d'uma lei economica, esse aumento da riqueza valorisa-lhe o dinheiro, melhora-lhe o cambio e piora-lhe portanto a sua vida de exportação. Mas a Belgica é principalmente um paiz industrial. Com as suas industrias aperfeiçoadissimas ela colocava o papel, as louças, os vidros, o ferro e o aço manufacturados com «chance» até em competencia com a industrial Alemanha; mas tendo a Alemanha saido da Guerra financeiramente combalida, e estando a Belgica a melhorar economicamente, aconteceu que, dentro de alguns anos os importadores de todo o mundo procurarão de preferencia o mercado germanico, porque pelo barateamento do marco comprarão ali os artigos mais em conta.

Quer isto dizer que na economia dos povos se está preso por ter cão e preso por o não ter, e que a sabedoria está em nunca nos colocarmos nos extremos; nem muito na alta nem muito na baixa, sendo todavia preferivel aos paizes com recursos naturaes desenvolver as divisas cambiaes baixas, porque, oferecendo por essa circunstancia as coisas baratas ao comprador extrangeiro, poderá assim produzir, ou manter, se já o tem, o seu comercio de exportação.

Ora a situação em que se encontram agora os Estados Unidos da America em comparação com o imperio austriaco, por serem os dois extremos cambiaes, prova cabalmente a verdade da minha asserção, já tanta vez repetida, de que seria uma desgraça para nós, para o desenvolvimento do nosso esforço, para o aproveitamento dos nossos recursos naturaes, a baixa cambial para além duma certa divisa.

Os Estados Unidos vêem-se atulhados de mercadorias, com a sua frota mercante ancorada nos portos. Ninguem procura os seus mercados, porque tudo é carissimo ali, devido ao preço do dolar. A' Austria, ao contrario, acabará por se dirigir toda a gente, todos os importadores de outros paizes, porque a sua corôa chegou a uma tal desvalorisação que tudo ali se arranja baratissimo.

E por tudo isto que eu não desejo precipitações no restabelecimento do nosso equilibrio cambial e que nos contentemos com a segurança que se estabeleci de que, sendo um paiz riquissimo, temos toda a vantagem em, cambialmente, como tal não figurar.

Eu bem sei que não é Lisboa, que não somos nós que fabricamos as divisas; que é ridiculo supôr alguem que com a sua acção isolada melhora ou peóra o cambio; mas o que não é ridiculo, porque foi utilissimo, foi pôr o publico ao facto de todas os torpes manigancias com que em Portugal se explorava com o cambio e se exerciam verdadeiras mistificações.

E' a lei biologica de Darwin da correlação do crescimento que tem a sua aplicação integra a este fenomeno social; é tambem a norma de que os factos sociaes chegados ao seu maximo desenvolvimento se extinguem.

Assim nos Estados Unidos, tendo-se chegado ao maximo, trata-se, por circulares e por todas as formas, de evitar o minimo; isto é, a extinção da exportação. São os «Yankees» que propõem a esponja por cima das contas da guerra; são eles, que já arrancaram aos inglezes os 15 anos de moratoria, para liquidação dessas contas.

A muita gente parecerá isto um favor feito aos devedores. Puro erro. A quem os 15 anos aproveitam, é a eles, aos americanos, pois que melhorando a situação dos povos em debito, «ipso facto» baixa o valor do dolar, começando antes a ser possivel áquela grande Republica o descongestionamento das suas mercadorias.

Foi por essa mesma razão que ela nos fez facilidades em juros e em credito nessa conta corrente que a judiaria internacional combate. Esta, senhora de sua victima, que nós somos, os portuguezes, abomina o principio da concorrencia, que, pronto a entrar em Portugal pelas facilidades americanas, a não deixará mais tripudiar sobre a nossa bolsa nem sobre o nosso estomago.

D. Thomaz de Noronha.

Festas escolares

A de amanhã no teatro Nacional

Promovida pelos orfeons dos liceus Almeida Garrett, Camões e Gil Vicente, realisa-se amanhã, no teatro Nacional, ás 15 horas, uma «matinée» á qual foram convidados a assistir o sr. presidente da Republica e os membros do governo.

O programa é o seguinte:

1.ª PARTE: (a) Execução pelo Orfeon feminino (350 alunas), sob a regencia da professora sr.ª D. Alice Petitpierre Salazar, dos seguintes numeros:

I—«Hino Nacional», (a trez vozes).

II—«Alma minha gentil», musica de Tomaz Borba, (a trez vozes).

III—«Tirana», canção popular, (a 4 vozes).

IV—«Não sei bem», (a 4 vozes).

V—«Oração á Patria», (a trez vozes), Letra de João de Barros e musica de Tomaz Borba.

VI—«La Cigale et la Fourmis», (a trez vozes), de Gounod.

(b) Execução por um Orfeon de alunos dos Liceus de Camões e de Gil Vicente, sob a regencia do professor sr. Silva Reis, dos seguintes numeros:

I—«Barcarola da Opera Mignon», de Laurent de Rillé.

II—«O' Sourcé...», Coral de Bach.

III—«Rapsodia n.º 1 de Cantos Populares Alentejanos», de Silva Reis.

IV—«Hymne á la Nuite», de E. Rousselle.

V—«L'Orgue», de Laurent de Rillé.

2.ª PARTE: I — «Mercado de Flores» côro movimentado.

II—«Num Prado», idem.

(Por alunas do Liceu Garrett ensaiadas pela sr.ª D. Alice Petitpierre e pelo sr. Anibal Pinheiro, professor de ginastica do mesmo Liceu).

3.ª PARTE: Representação da Zarzuela em 1 acto (2 quadros) de Echegaray, musica do maestro Caballero «La Viejecitas» pelos alunos, Noemia Ferreira, Batalha Ribeiro, Bernardo Ferreira, José Figueiredo, José Bralio, Antonio Catalão, Armando Russo, Pedro Melo (Santar) e Bernardo Gomes.

O valor do radio

BRUXELAS, 18.—A Cruz Vermelha belga acaba de comprar no Colorado um grama de radio por um milhão de francos.—(H.)

Ainda a carga do "Cheruskia,,

Continuou hoje a distribuição das circulares que o distincto professor sr. Ladislau Batalha, por iniciativa propria e com o apoio dos homens mais ilustres de Portugal, está enviando a todos os Ministros, com o fim de se tomar definitivamente uma resolução sobre as preciosidades da Assyria, que continuam encaixotadas com risco de deterioração e grave prejuizo para os interesses da archeologia classica.

Sabemos que os ministros com quem o professor sr. Ladislau Batalha já conferenciou sobre o assunto aceitaram calorosamente a iniciativa e prometeram dar ao iniciador dos trabalhos de primeira investigação todas as facilidades.

Os sinn-feiners não desarmam

LONDRES, 18.—Os sinn-feiners incendiaram oito postos de agulheiros de caminhos de ferro nos arredores d'esta capital. Foram feitos 10 prisões.—(H.)

NEW-YORK, 18. — Os inspectores da alfandega apreenderam o carregamento de um vapor que se preparava para seguir para a Irlanda com consideravel quantidade de munições e 500 metralhadoras.—(H.)

As dividas dos aliados á America

WASHINGTON, 18. — O projecto de acordo entre os Estados Unidos e a Inglaterra para o adiamento do pagamento das dividas contraidas pelos aliados na America, foi enviado ao governo inglez para o examinar e lhe dar a sua aprovação definitiva.

O embaixador inglez e varios altos funcionarios americanos trocaram ideias sobre as bases n'essas bases d'esse projecto do acordo.—(H.)

Um serviço aereo de passageiros

HAVRE, 18.—Com a primeira viagem do grande transatlantico «Paris», da carreira da America, iniciou-se o serviço combinado com o transporte aereo entre Paris e o Havre, para os passageiros para além Atlantico.

Seguiu a bordo do «Paris» a conhecida actriz cinematografica Miss Pearl White, que havia chegado em aeroplano poucos minutos antes do «Paris» levantar ferro.—(H).

A MINHA SEMANA

ASPECTOS:—Dia de S.to Antonio. O capêlo de Montpellier e os cravos vermelhos—O momento eleitoral. Gravatas de côres. A caixa de rapé de Eusebio Macario.

ARTE E ARTISTAS:—A inauguração de S. Carlos. A "Zilda". Literatura teatral.

MODAS:—Os chás elegantes. O "Trianon", A "Garrett". O "Rendez-vous". Uma opinião de "Clarinha". Uma frase "A. B. C." de Rocha Martins.

Passou o dia de St. Antonio. Floriu-se a cidade. Zangarrearam-se violas. Lisboa alegre e bulicosa dançou toda a noite, nas ruas, á luz dos balões. O capêlo de Montpellier, o conego de St. Agostinho, o provincial de Bolonha, o homem cuja eloquencia formidavel iluminára em Bourges as vestes doiradas de cem arcebispos e que o povo transformou num fradinho risonho, folião e traveeso amigo de arroz doce e de cravos vermelhos—teve a sua festa anual de alegria, de ternura, de humildade. Todas as cidades teem o seu santo devoto. Em Lisboa—é ele. Não ha portal humilde da cidade, desde o Bairro Alto á Mouraria, desde Alfama ás Cruzes da Sé onde não assomem, rodeado de tocheiros, de castiçais, de relicarios, risonho com um Menino-Jesus, um St. Antoninho de barro. Ninguem lhe reza um Padre-Nosso; ninguem cai de joelhos diante da sua estamenha humilde mas toda a gente baila e canta, e ama á sua volta, como se o corpulento guardião de Puy fosse apenas um pequenino Deus-do-amor que se tivesse disfarçado num capus de frade—para beijar melhor as raparigas bonitas...

Estão á porta as eleições. A politica agita-se; os politicos movimentam-se; entretanto o paiz aguarda o momento decisivo de manifestar pelas urnas, a sua vontade politica. O interesse das eleições tem decaido muito—e tanto pelo quasi desdenhosa indiferença com que nós todos, portuguezes, vamos assistindo da nossa janela como o marquês d'Auberive dos «Effrontés»—ás constantes mudanças de mis-en-scène na nossa vida publica.

Eu, que no meu adoravel optimismo me habituei a julgar o mundo atravez das minhas luvas brancas—ao contrario de Yvette Guilbert que o julgava atravez das suas luvas pretas—não posso deixar de me regosijar com o curioso interesse que as eleições este verão começam a despertar. Não apenas na consciencia irrequieta e bisbilhoteira dos «profissionaes do Estado» mas no espirito tranquilo (tanto quanto é possivel te-lo em Portugal) de quasi todos nós.

Mas como lhes ia dizendo, a politica agita-se, os politicos movimentam-se, a maioria deles, desde o frak independente do sr. Oliveira e Castro ás luvas de camurça clara do sr. conde de Nova Gôa, tem composto á com mais ou menos elegancia perante o eleitorado do paiz as gravatas de côres da sua politica — a gravata vermelha dos radicaes, a gravata de xadrez dos democraticos, a gravata azul e branca dos realistas — farrapo de seda que o marquez de Lauzon sabia atar ao pescoço de cincoenta e cinco maneiras e que foi sempre, como dizia Julio Lemaitre, a melhor maneira de definir uma convicção.

As eleições estão á porta. Começam a animar-se, pelos quatro cantos de Portugal, as boticas de Eusebio Macario. Oxalá os nossos politicos, por um anachronismo inaceitavel, não usem desta vez nem os processos nem a caixa de rapé do famoso influente das terras de Basto.

O velho teatro de S. Carlos que conheceu, como os seus dodos, os polvilhos da côrte de D. Maria I e os decotes á Imperatriz Eugenia, as belezas fatais de 1880 e a «jeunesse dorée» do romantismo alfacinha—veste-se hoje de «Pompadour» (é assim que se chamam os vestidos da moda) para assistir á reprise da «Zilda», quatro actos com que Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro inauguram a sua epoca de verão. A «Zilda» foi uma peça discutida, a «Zilda» é ainda hoje uma peça discutivel. Eu continuo a manter sobre ela a minha opinião primitiva: se é certo que Alfredo Cortez fez a «Zilda» Amelia Rey Colaço fez muito mais porque a salvou.

A epoca de S. Carlos promete ser brilhante. Assim era de esperar da fina sensibilidade artistica e encantadora da gentil interprete do «Sonho duma noite de agosto». Amelia Rey Colaço vae realisar agora o seu desejo, aquele desejo que ela propria me manifestou uma tarde na Pastelaria Marques, de levantar, de erguer, de ressurgir da sua propria sombra, o teatro nacional.

O plano da talentosa actriz caracterisa-se — e é isso que eu não posso nem quero deixar de acentuar — por um carinho quasi feminino dispensado aos originaes portuguezes. Assim anunciam-se já peças de Vasco de Mendonça Alves, de Joaquim Leitão, de Tito Arantes — um rapaz que o publico não conhece ainda e que vae ter em breve, estou certo disso, o prazer de tirar rasgadamente o seu chapeu.

Desde que D. Catharina a feitissima filha de D. João IV inventou o five o'clock tea—o chá-das-cinco pegou fez-se moda e hoje quasi toda a gente toma, com uma pontualidade britanica, a sua chicara de chá. Entre nós, então, o chá tem tomado proporções d'uma verdadeira epidemia.

E' chá—na arte, na literatura, no jornalismo. Na politica—não de perdoar—é apenas «chasada». A Lisboa elegante pinta-se, borrifa-se, veste-se—para tomar chá. A vida aristocratica da cidade cabe n'um circulo vicioso, a «Garrett», o «Trianon», o «Rendez-vous».

Mas os chás de Lisboa são até certo ponto, sensaborões. Dizia-me uma vez a «Clarinha»:

— Aos chás publicos só vão homens; aos chás particulares só vão mulheres. E' uma sensaboria, não é?

E Rocha Martins, uma manhã na redacção do «A. B. C.», conversando comigo, exclamou com a sua vivacidade habitual:

— Nunca Portugal tomou tanto chá, meu amigo, e afinal nunca Portugal foi tão pouco educado...

Luiz d'Oliveira Guimarães

OS GRANDES MATCHES DE FOOT-BALL

A "Taça Mutilados da Guerra"

Realisa-se amanhã, no Campo do Stadium, a final d'esta taça

Quem quizer assistir a um grande match de foot-ball não deve perder a oportunidade de presenciar o desafio final do torneio da «Taça Mutilados da Guerra», que se efectua amanhã, entre as grupos de honra do Sporting Club de Portugal e o Club de Foot-Ball «Os Belenenses».

Esta prova, instituida em 1918 pelo jornal «A Capital» e cuja organisação foi entregue ao bi-semanario «Os Sports», é das maiores, e o seu significado é grande, quer sob o ponto de vista sportivo, quer sob o ponto de vista patriotico.

Taça Mutilados da Guerra de que amanhã se disputa a final no campo do Stadium

Sporting e Belenenses são hoje os clubs que pela sua forma mais se egualam e, por isso mesmo, os maiores rivaes em campo; o Sporting, no desempate para apuramento da finalista do campeonato de Lisboa, venceu por 1 goal, os «Belenenses», que não se conformou com a derrota. Nesta conformidade o desafio de amanhã, alem do valor da prova, tem mais um atrativo, pois se trata de um desafio «révanche» em que os «Belenenses» querem tirar um desforço do seu terrivel adversario.

O valor dos dois clubs é sobejamente conhecido. Por isso nos dispensamos de entrar em detalhes sobre as suas qualidades de combatividade footbalistica.

O grande encontro efectua-se no magnifico campo do Stadium do Lumiar, pelas 17 horas e meia.

OS ATENTADOS TERRORISTAS EM BARCELONA

A morte do director de "La Tarde"

BARCELONA, 17. — Esta manhã, quando o alcaide se dirigia no seu automovel para a Camara Municipal, um grupo de individuos elegantemente vestidos, fez fogo sobre ele, ferindo-o nas costas; o ferimento é de pouca gravidade.

Tambem esta manhã um grupo de individuos fez fogo varias vezes sobre o director do jornal «La Tarde», que era acompanhado por um redactor do mesmo jornal. Este ficou ileso, mas o director do jornal foi morto.—(H).

Joga-se em Lisboa

e sem que d'aí, ao menos, advenha qualquer proveito para a Assistencia Publica

Do salo que a Republica se implantou, força é confessal-o, e ninguem de boa fé o poderá contestar, teem os poderes publicos empregado todos os esforços para extirpar o vicio do jogo, recorrendo por vezes, se não sempre, a medidas severas e não querendo soquer ouvir falar na regulamentação d'esse vicio, dizendo-se que isso seria imoral.

Pois, apezar de todas as severidades havidas, joga-se em Lisboa, joga-se nos suburbios da capital, joga-se em toda a parte. E ha de ser sempre assim, tomem-se as medidas que se tomarem, faça-se o que se fizer. Certo é que, de quando em quando, a policia assalta uma casa que se torna suspeita, apreende qualquer coisa que lá encontra e detem uma duzia ou duas de individuos que aí estavam. Mas a verdade é também que é necessario que só em flagrante delito se podem efectuar prisões e se pode provar o crime, e é sempre dificil provar o flagrante delito, tanto n'esse, como de resto n'outro qualquer crime.

Mas no caso de que nos estamos ocupando, ainda mais dificil isso se torna, visto que primeiro que se chegue á sala onde se joga ha sempre mil obstaculos e ha sempre tempo de fazer desaparecer todos os vestigios, todos os indicios comprovativos do que se estava fazendo. Isto não é novidade para ninguem.

Uma epoca recente houve, em que mais ou menos se permitiu o jogo, a troco d'uma verba para o cofre de beneficencia do governo civil. Não era legal, somos os primeiros a reconhecel-o, mas era assim, e, ao menos, os indigentes alguma coisa aproveitavam da tolerancia exercida, embora a verba que se recebia não fosse unica e exclusivamente destinada a actos de beneficencia.

Agora, vemos que se continua a jogar, mas que a respeito de pagar qualquer coisa, nada. As instituições de caridade lutam com as maiores dificuldades, tendo muitas e muitas de fechar, porque não teem recursos. Os hospitaes recusam-se a receber os desventurados que a eles recorrem, porque não teem mais para os socorrer. A miseria lavra pavorosamente e não ha recursos para lhe fazer face. E no entanto joga-se, e continuará a jogar-se, sem que da satisfação d'esse vicio pelo menos algum proveito se colha, quando tão facil seria fazel-o.

Não se permite o jogo em Lisboa, como na epoca a que nos referimos, com liberdade e a tolerancia que então havia. Seja assim, mas nos grandes clubs, frequentados por extrangeiros e por pessoas para quem o jogo é uma distracção e não um modo de vida, porque não ha-de ele permitir-se? Tribute-se fortemente e tomem-se as necessarias precauções para impedir a essas casas o acesso de certas classes, com isso estamos plenamente de acôrdo.

Com o que não estamos, porém, de acôrdo é em que se jogue e d'ai se não recolha qualquer verba para a Assistencia Publica, que luta com falta de meios para socorrer os milhares de desvalidos que a ela recorrem, sem que possam ser atendidos.

E o facto é este, diga-se o que se disser, alegue-se o que se alegar, em Lisboa hoje joga-se mais do que então se jogava. Porque em 1918 e 1919 —a epoca a que nos queremos referir—só se podia exercer o jogo nos clubs e casas que contribuiam para o cofre de beneficencia do governo civil, no passo que actualmente tal não sucede e as casas denominadas *batoqueiras* pululam por ai, a cada canto.

Essas, sobretudo, é que são as mais nocivas, porque o operario, o caixeiro, o estudante, o pequeno funcionario, emfim as classes mais modestas e de menos recursos são onde se arruinam os seus frequentadores.

E' evidente que, se sobre elas incidir uma forte taxa, necessariamente, fatalmente, elas terão de fechar, o que representará um meio de saneamento sem se ser forçado mesmo a recorrer, a medidas de extremo rigôr e na maioria dos casos mais espectaculosas do que proficuas.

Não estejamos com enfeminismos, digamos a verdade claramente e sem rodeios. O jogo é um vicio, mas, como todos os vicios, impossivel de reprimir por completo. Pode, mais ou menos, por-se-lhe peias, mas é de extirpar por completo, voe uma distancia impossivel de transpor.

Emquanto se não pensa na regulamentação, adopte-se o meio transitorio que propômos e com que, nos parece, tudo ha a lucrar.

O mesmo se poderá fazer quanto ás praias e termas. A Figueira da Foz, por exemplo, daquí a pouco estará cheia de hespanhoes, os quaes, se ali não encontrarem o jogo, irão procural-o a outra parte onde se saibam menos puritano e onde eles possam distrair-se á sua vontade. Porque para o bannista extrangeiro, o jogo constitue uma distracção, embora o que dizemos possa não agradar a certos pseudo moralistas.

E já que os hespanhoes, tudo nos teem levado, a começar pelo nosso dinheiro, que ao menos ventilem deixar algum do que levaram.

Repetimos: já que é absolutamente impossivel reprimir o vicio, ao menos tire-se d'ele proveito em favor de alguns milhares de necessitados.

PELO TELEGRAFO

O representante da França no conselho das Nações

PARIS, 17—O sr. Gabriel Hanotaux será o representante da França no conselho da Sociedade das Nações, que hoje deve realisar-se em Genebra sob a presidencia do visconde de Ishii, embaixador do Japão em Paris.—(H).

Conferencia sobre os negocios do Oriente

LONDRES, 17—Lord Curzon deve chegar esta noite a Paris a fim de conferenciar com o sr. Briand e com o embaixador da Italia sobre os negocios do Oriente.—(H).

Os mineiros inglezes não aceitam as propostas patronaes

LONDRES, 17—Os resultados do «referendum» dos mineiros deram o seguinte resultado: a favor da aceitação das propostas dos patrões 128.170; contra as mesmas propostas 325,262.—(H).

LONDRES, 18.—Os mineiros resolveram a continuação da gréve por 432 511 votos contra 163.827.—(H.)

Venizellos em Paris

PARIS, 18.—De regresso de Londres encontra-se actualmente em Paris o sr. Venizellos.—(H.)

A Italia será enviada antes de qualquer decisão

PARIS, 18.—O «temps» informa que a Italia será conservada ao corrente das conversações de Cord Curzon em Paris com o sr. Briand. Nenhuma decisão será tomada sem ser sancionada pelos aliados em comum.—(H.)

A GUERRA NO ORIENTE

Uma proclamação de Mustapha Kemal

CONSTANTINOPLA, 18—Em uma proclamação dos ultimos dias o chefe dos nacionalistas d'Angora, Mustapha-Kemal, diz que os kemalistas se recusam em absoluto a entrar em negociações com a Inglaterra e que as suas operações militares terão uma tal rapidez que a elas se seguirá a libertação de todo o povo, musulmano. Ataca tambem o governo de Constantinopla que acusa de se haver tornado um vassalo da Inglaterra. Em conclusão, diz que não se considera qualquer tratado entre Angora e o Kalifa emquanto este não tiver reconhecido o Parlamento geral, unico representante da Turquia e dos interesses mussulmanos.—(H).

Navios ex-alemães

que voltam ao poder de alemães

LONDRES, 18—Informa o «Times» que grande numero dos navios ex-alemães que foram atribuidos á Inglaterra tem sido vendidos a subditos alemães.—(H.)

Um colar historico

Vinte e cinco anos depois de ter sido roubado, é encontrado na California

O «Colar d'amor», de ambar, dado por Napoleão I a Josefina, que tinha sido roubado ha vinte e cinco anos, foi agora encontrado.

Ha uns vinte e cinco anos, o colar foi roubado do Museu do Louvre. Imediatamente se fizeram pesquisas em todos os paizes. A camara dos deputados francezes ofereceu uma recompensa de 150.000 contos, pouco mais ou menos, n'essa epoca, a quem o encontrasse e os mais habeis agentes da policia secreta franceza puzeram-se em campo.

Apesar d'isso, vestigio algum de ladrão ou ladrões foi descoberto e os anos decorreram, sendo o colar esquecido por toda a gente, excepto por alguns agentes da segurança e antiquarios.

Ha uns seis mezes, apareceu um colar n'um armazem de antiguidades do bairro chinez de San Francisco, na California. Tão pouca atenção se prestou a esse colar que é muito impreciso a recordação do individuo que o vendeu.

Julga-se, porém, que foi levado para esse porto e vendido por um marinheiro francez que desconhecia o seu valor e a sua historia. O famoso presente de Bonaparte foi colocado n'um modesto estojo, com uma etiqueta indicando o preço: 25 dollars. E passava despercebido.

Ha semanas, porém, um joven casal nos Jorquino, que viajava na California, comprou o colar de ambar. Ao regressarem a Nova-York, mostraram o colar a um joalheiro, perguntando-lhe se valia o preço que por ele tinham dado. Grande foi a sua estupefacção quando, depois de haver examinado o colar, o joalheiro lhes ofereceu por ele 50.000 dollars.

Levaram o colar imediatamente a casa de Tiffany que, tendo-o examinado ao microscopio, descobriu, gravado, a inscripção «Napoleão á Josefina». Ofereceu por ele 85.000 dollars, oferecimento que foi aceito.

Parece que Tiffany mandou o colar ao governo francez.

America e Japão

Um entendimento directo entre os dois governos

WASHINGTON, 17.—Os governos americanos e japonezes entabolaram negociações directas, não somente para resolverem a questão da ilha de Yap, mas tambem sobre as questões de Chan-Tung na China e a imigração japoneza na America. Por tal motivo, os trabalhos realisados pela Liga das Nações para solucionar esses questões, ficaram inuteis, sendo posta de parte a intervenção da Liga.—(H.)

Theatros e Cinemas

NOTA DO DIA

A abertura de S. Carlos

Não pode deixar de ser consagrada a nota do dia de hoje ao acontecimento da... noite.

S. Carlos abre hoje. E abre felizmente para comportar uma das raras e bem orientadas companhias de declamação dos ultimos tempos, abre para que possa debruçar-se sobre o publico um punhado de novos, cheios de vontade, de intelligencia, criterio e gôsto.

A nossa independencia, a ausencia de servilismo e parti-pris que nesta secção se mantem, dá-nos o direito de escrever os incitivos justos de Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, com o desassombro que provem da sinceridade.

Dentre os novos aquelles que têm ambições, mas ambições de arte e beleza, são effectivamente estes dois espozos, um cazal de ilustres artistas, que nos lembra tantos formosos cazaes estrangeiros, trabalhando, lutando, com probidade dedicando-se á sua arte.

Temos ouvido tantas vezes Robles Monteiro descrever uma viagem ideal, o que seria uma epoca teatral em que pudesse livremente pôr em scena o que ele tem em mente, que não devemos duvidar do sucesso da temporada iniciada hoje. De Amelia Ruy Colaço tambem os seus entrevistadôres garantem e todos sabem o desejo de fazer teatro, classico ou moderno, mas puro e belo teatro.

Por isso conquistado este desejo, embora numa temporada de verão e que oxalá se prolongue pelo inverno, nós felicitamos os noveis emprezarios e que com eles fiquem as nossas melhores esperanças e os nossos melhores votos.

A. F.

NOTICIARIO

Entre nós

Recebemos uma carta do notavel actor Otolo de Carvalho reconhecendo e agradecendo as palavras de nossa imparcial critica ao grande sucesso «D. Paco de Manzanillas». Aproveitamos a ocasião para lembrar ao distincto actor que está á sua disposição n'esta redacção a gravura do seu retrato que nos trouxe pessoalmente para publicarmos antes da sua festa artistica quando se nos dirigiu para darmos noticias e reclames.

—Terminam amanhã os espectaculos do Coliseu, com a companhia franceza e a revista *Paris s'amuse*. Os ultimos espectaculos são destinados a indemnisar os artistas cujo contracto foi rescindido, e poderem assim voltar para França ou Hespanha.

—Elisa Santos faz a sua festa artistica com um quadro novo do *Trêlaré*.

—*O Cardeal* só sobe á scena na proxima terça-feira.

—Já está em Lisboa a companhia Nascimento Fernandes vinda do Porto.

—...rem naquele teatro, da dedicada comedia de Francis Croisset «Cora ou Mandas» em que Palmira Bastos, na parte de «Helena» tem uma creação verdadeiramente encantadora. A peça que representada ha tempos, pela mesma artista, obteve um exito colossal, d'então para cá, ainda não encontrou nenhuma que com ela rivalise, no encanto do seu entrecho.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21 h.—«Zilda».
NACIONAL—A's 21 h. —«Simone».
S. LUIZ—A's 21 h.—«Os sinos de Corneville».
AVENIDA—A's 21,15 —«Morgadinha de Val-flôr».
GINASIO—A's 21.30—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22.30—«Troloró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«Companhia franceza de revistas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Reclames

Muitas familias da nossa «élite» mandaram já reservar logares para a recita de terça feira, no Avenida, com a «premie-l...

Vida Sportiva

FOOT-BALL

A equipe militar portuguez regressou ontem a Lisboa

No rapido da tarde chegou ontem a Lisboa, que em Madrid se defrontou com a equipe militar espanhola e por esta foi vencida por 4 goals a 1.

Da equipe portugueza faziam parte entre outros, os jogadores Belenenses Fernando Antonio, Eduardo de Azevedo e Julio Moraes que devem jogar contra o Sportin no desafio final do torneio da «Taça Mutilados da Guerra».

Festas associativas

CANTINA ESCOLAR DA PENA.—N'esta cantina, com séde no beco de S. Luiz da Pena, 9, realisa-se amanhã, ás 13 horas, a costumada palestra recreativa, dedicada ás creanças, seguida d'um sarau desempenhado pelo grupo recreativo «Os Modestos», abrilhantado pelo seu grupo musical.

Touradas

CAMPO PEQUENO—Amanhã, verso-se, pela primeira vez, alternarem amadores com artistas, que, apenas pelo desejo de darem maior realce á lide, se prestaram a isso. O pessoal de lide é magnifico. Compõe-se, pelo que diz respeito a amadores, do cavaleiro D. Alexandre de Mascarenhas, dos bandarilheiros D. Carlos de Mascarenhas, F. Oliveira, D. Pedro de Bragança, Gama, Lobo e Artur Ribeiro, e um grupo de forcados capitaneado por João Coutinho; e, pelo que respeita a artistas, do cavaleiro Ricardo Teixeira, dos bandarilheiros Alfredo, Custodio, J. Froes, R. Rosa e «Malagueño» e do grupo de forcados de Vila Franca, de que é cabo Manuel Durrrico. Tambem toma parte o ex-toureiro Manuel dos Santos. Os forcados, farão a «casa de guardas», e o amador Gama Lobo fará o «quiebro» com os pés em cima dum lenço. A lide será dirigida pelo competentissimo aficionado Luiz Pimentel e principia ás 18 horas.

OS AUTENTICOS CHARLOTS.—Depois do agrado que no ano passado despertou a «troupe» de «Charlots» que veiu ao Campo Pequeno, impunha-se o complemento com os autenticos. Foi o que acaba de fazer a empreza do Campo Pequeno, que fechou contracto para dois espectaculos com os impagaveis e afamados toureiros comicos.

A provincia n'«A Capital»

ALMADA, 17.— Teve, finalmente, uma solução o caso do administrador de Almada com a nomeação do sr. Artur Antonio Ferreira Paiva, que, sendo, alias, um velho e dedicado republicano e um verdadeiro homem de bem, não é, contudo, pessoa que disponha de actividade necessaria para se colocar á frente do concelho, e conto ele proprio o sabe, que, por mais de uma vez, tem eximido ao desempenho de taes funções. E, no fim de contas, o sr. Paiva não é um homem que vive dos seus rendimentos, aborrecido com a marcha dos negocios publicos, não deseja alterar os seus habitos nem desviar-se das suas comodidades para ir desempenhar funções que se não adaptam facilmente ao seu caracter.

Convencem-nos que foi com grande relutancia que ele proprio aceitou o convite que, se partisse apenas de alguns dos seus amigos mais intimos, ele nunca aceitaria por mais que insistissem.

Embora toda a gente conheça o que deixamos aqui exposto, a sua nomeação nem por isso deixou de ser bem recebida. E sucede assim, porque, apesar de tudo, o sr. Paiva ainda é dos poucos que merecem o respeito e a estima dos seus concidadãos, porque tem uma qualidade que se antepõe a todas as outras:—é um homem honesto. A honestidade é coisa rara nestes tempos que atravessamos. Quantos pensam que o não são e aparecem ahi arvorados em moralistas?

Pelos antecedentes da nomeação do novo administrador, a que largamente nos referimos, pela atitude assumida por um dos candidatos do P. L. que se apresenta pelo circulo, a lista governamental não terá maioria no concelho de Almada, não vingará, porque o numero de abstenções, como já o afirmamos, deve ser grande. E so não veremos.

Devemos esclarecer que o P. R. L. não tem comissões organisadas em Almada. Cada cabeça, cada sentença.

EVORA, 17.—E' possivel que a banda do comando Geral da Guarda Republicana, venha a esta cidade abrilhantar o festival promovido pelas damas eborenses, em beneficio dos estabelecimentos de caridade, e se deve realisar no jardim publico, em um dos primeiros domingos do proximo mez de julho.

Está posta a candidatura, por este circulo, do sr. Alberto Jordão Marques da Costa, antigo deputado e governador civil do districto de Evora que conta em todos os concelhos numerosas simpatias e boas amizades. Teremos, por isso, renhida esta concorridissima. São inumeras as barracas.

Conferencias

Amanhã, pelas 21 horas, realisa o professor sr. dr. Agostinho Fortes, na Universidade Livre, a 8.ª e ultima lição do curso «O problema da miseria através da historia» falando sobre o que é o socialismo actual; suas diversas correntes. O socialismo compativel com a ideia da Patria.—Como interpretar hoje o problema da miseria; sua complexidade, variadissimos aspectos sob que se apresenta.—Luta de classes ou solidariedade de classes?

ULTIMA HORA

O almoço de hoje no Avenida Palace

Oferecido pela Agencia Americana ao delegado da Camara Portugueza de Comercio do Rio de Janeiro

A ideia da representação de Portugal no proximo certamen internacional no Rio de Janeiro, que se ha-de realisar nas proximas festas comemorativas do centenário da independencia do Brazil, tomou alma e vulto no banquête que se realisou hoje no Avenida Palace oferecido pela nossa colega sr.ª D. Virginia Quaresma, directora da Agencia Americana, ao sr. Gomes Barbosa, delegado especial da Camara Portugueza do Comercio e Industria do Rio de Janeiro, e a sua esposa.

O banquete foi presidido pelo sr. ministro dos negocios estrangeiros que tinha á sua direita madame Gomes Barbosa e á esquerda madame Santos Moreira. A' direita da sr.ª D. Virginia Quaresma sentava-se o homenageado e á esquerda o sr. Fausto de Figueiredo, representando a Sociedade Estoril.

Ao «Champagne» foram levantados calorosos e significativos brindes, sendo iniciados pela Sr.ª D. Virginia Quaresma que salientou a importancia da exposição que—exclamou vibrantemente—desejaria saber, na parte que diz respeito a Portugal, tocada de vivo sentimento patriotico, de uma grande e encantadora ternura.

Agradeço a comparencia do sr. ministro dos extrangeiros e do representante do sr. ministro do Comercio. Seguiram-se os brindes do sr. Paulo Freire á Camara do Comercio do Rio de Janeiro cuja acção descreve com carinho; Fausto de Figueiredo que profere uma comovente oração alusiva á actividade e ao patriotismo da Colonia Portugueza no Rio e á iniciativa sympathica que representa a ideia da exposição e o sr. Luiz Trigueiros que sauda o sr. ministro dos extrangeiros o sr. Gomes Barbosa e a Agencia Americana, em nome da imprensa.

O sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros que fala depois, faz afirmações cathegoricas, positivas sobre as nossas relações com o Brazil, declarando que o governo patrocinará francamente a representação de Portugal no certamen internacional do Brazil. Destaca o gesto da Agencia Americana no carinhoso ambiente que preparou naquele banquete.

O sr. dr. Macedo Soares, secretario da embaixada do Brazil, sauda o sr. ministro dos estrangeiros traçando a energia e o brilho do seu perfil como estadista e como grande amigo do Brazil, terminando por brindar ao sr. presidente da Republica Portugueza.

O sr. Gomes Barbosa agradece comoviuamente as atenções com que o alvejaram, recordando o patriotismo da colonia portugueza no Brazil tanto nas horas de alegria como nas horas amargas.

O sr. ministro do comercio fez-se representar pelo seu secretario sr. Pedro da Cruz. A imprensa achava-se largamente representada.

Noticias da Capital

AS PROEZAS DA GATUNAGEM.—Na oficina pertencente a Companhia Cinematografica de Portugal, sita na rua da Gloria, os gatunos entraram, por meio de chave falsa, levando da gaveta de uma secretaria a quantia de 69$00.

—Manuel Antonio Marques Ferreira, morador na rua Conde de Redondo 105, queixou-se á policia de que na Avenida da Liberdade dois individuos lhe deram um lenço a cheirar, fazendo-o perder os sentidos e roubando-lhe a carteira, corrente de ouro e relogio de aço, tudo no valor de 200$00.

—Aproveitando a ausencia de José Jacinto, guarda portão do predio n.º 29, da rua dos Anjos, os gatunos furtaram-lhe uma mesa de pau santo no valor de 200$00.

—Queixou-se á policia Virgilio Machado, morador na travessa do Mato Grosso, 36, 2.º, de que os gatunos lhe furtaram uma bicicleta no valor de 200$00.

—Foi preso, Francisco da Silva, morador na rua Sabino de Souza, 107, 2.º, por ter roubado a José de Souza Simões, morador na Cova da Onça, a S. Sebastião da Pedreira, objectos de ouro, roupas e dinheiro no valor de 600$00.

SINDICANCIA A UM AGENTE.—Terminou a sindicancia a que ha dias se estava procedendo na P. S. E. aos actos do agente Santos Tavares, nada se tendo apurado em seu desabono, pelo que o director d'aquela policia mandou proceder contra o acusador d'esse agente.

—O agente Silva e Sousa, da 2.ª secção da policia de investigação, prendeu Augusto Francisco Ferreira, rua 24 de Julho, 4-B, ex-empregado da Farmacia Freire de Andrade & Irmão na rua do Alecrim por ter roubado d'ali produtos farmaceuticos no valor de 400 escudos.

O agente apreendeu parte do roubo em casa do Ferreira.

O festival no Jardim da Estrela

Começou pelas 14 horas o festival do jardim da Estrela promovido pela Universidade de Lisboa, Escolas Superiores e Liceus, e cujo producto reverte em favor dos militares tuberculosos e da caixa de auxilio aos estudantes pobres.

O programa consta de demonstração de box, venda de flores, e tombola, tendo sido improvisado um palco, onde, pelas 17 horas, começaram a fazer-se ouvir os seguintes: Ilda Stichini, Erico Braga, Rafael Marques, Autonio de Melo e Matos Reis, do teatro Nacional, e Elisa Santos, Angela Barros, Rosa Mateus, do Salão Foz, sendo o espectaculo abrilhantado pela orchestra do Salão Foz.

No jardim tocou uma banda G. N. Republicana.

Apezar da falta de electricos o jardim tem sido muito visitado.

Ex-alunos da Casa Pia

Reunem amanhã, pelas 11 horas, na Casa Pia de Lisboa os ex-alunos que fizeram parte da Banda de Musica, a fim decidirem a sua acção nas festas do proximo dia 3

A gréve dos electricos

Continua sem solução—Uma nova conferencia entre a direcção da Companhia e o pessoal

A' reunião de hoje do pessoal presidiu o sr. Carlos Fortes, secretariado pelos srs José Ribeiro e José Moita.

Presidente declarou que á intimação do pessoal que hoje vem nos jornaes a melhor resposta a dar é erguerem todos um viva á gréve, o que a assembleia faz.

Não importa que amanhã venham militares ou outros quaesquer elementos para pôr os carros em circulação. A atitude do pessoal será a mesma seguida até hoje: sempre firmes.

Todos se acham envolvidos na luta simplesmente para grangearem mais um bocado de pão para si e para os seus.

Foi lida, enviada para a mesa e aprovada uma proposta do sr. Antonio Costeira para que fosse consignado um voto de louvor ao sr. José Nunes Martins pelo modo como procedeu e defendeu a classe na Federação Municipal Socialista ou rua do Alvito

O sr. José Augusto Martins falou sobre a intimação feita ao pessoal e diz que chegado o dia de segunda-feira se veria qual o procedimento do pessoal em gréve verberando mais uma vez o modo de proceder do vereador José dos Santos.

O sr. José Nunes Martins tambem protestou contra a atitude do sr. José dos Santos e disse que esse vereador hontem, na sessão do F. M. S. do Alvito, eleitou a classe a que todos se conservassem firmes e não retomassem o serviço, que a victoria seria um facto.

Depois de falarem os srs. Manuel Rola e Manul Carvalheiro, é dada a palavra ao presidente da comissão de melhoramentos, que acaba de dar entrada na sala.

O... Armando Martins declarou que o comicio de amanhã está autorisado, e que o convite feito ao pessoal na imprensa para se apresentar na segunda-feira ao serviço deve ser acolhido com o maior desprezo, ou que todo o pessoal se apresente disposto a retomar o trabalho mas só desde que integralmente lhes sejam satisfeitas as reclamações

A direcção da Companhia convida a comissão a ir hoje ás 17 horas a Santo Amaro para a apresentação d'uma nova plataforma, mas que, indo ali, a comissão deve levar plenos poderes para afirmar que o pessoal não transigirá.

Deseja que ámanhã o vereador sr. José dos Santos fosse ao comicio e entende que o unico caminho que aquele senhor tem a seguir é demitir-se.

A'manhã haverá nova reunião, pelas 14 horas, para se depor o que hoje se passar na conferencia entre o pessoal e a Companhia, que, como dizemos se deve estar realisando á hora a que fechamos o nosso jornal.

O assassinio do dr. Pedro de Matos

Pelas 13,15, reuniu o tribunal de Defeza Social, no 1.º districto de Investigação Criminal do Tribunal da Bôa Hora, sobre a presidencia do juiz sr. Dr. Teixeira Coelho para julgamento dos reus Sebastião da Graça, João Ferreira e Diogo Hermenio Junior, acusado de crime de homicidio voluntario na pessoa do Dr. Pedro de Matos.

Como faltasem algumas testemunhas de defeza do reu Diogo Hermenio Junior, o seu advogado, sr. dr. Besone d'Abreu, pediu o adiamento do julgamento, que se deve realisar em meados do proximo mez de julho.

Os atentados dinamitistas

Foi hoje enviado para juizo e dali para a cadeia do Limoeiro, onde aguardará julgamento no Tribunal de Defeza Social, Francisco Correia, autor do atentado dinamitista contra a casa Progresso no largo da Sé.

A tipografia continua fechada e guardada pela policia e o funeral do guarda nocturno, vitimado pelos estilhaços da bomba, como referimos, realisa-se amanhã, ás 12 horas, para o cemiterio oriental.

Companhia de Seguros "GARANTIA"

O seu progresso e o seu desenvolvimento atravez das suas contas correntes

Na assembleia geral da Companhia de Seguros «Garantia» ha pouco realisada no Porto, foi aprovado por unanimidade o relatorio e contas da Direcção, magnifico documento que mais uma vez veiu provar a prosperidade d'esta Companhia, o seu estado desafogado, os seus insofismáveis progressos. Por esse relatorio se vê que a direcção tendo procedido á reorganisação da empreza, lhe dar uma mais sólida estabilidade financeira, realisando todo o seu capital, cuja emissão foi um sucesso de subscrição reformando-lhe os serviços internos e alargando-lhe porfosa e eficazmente a esfera de acção da sua actividade na exploração de novos ramos de seguros, entre eles o de vida que segundo as mais abalisadas opiniões não teve exito que se lhe compare em companhias nacionaes.

Está este ramo dirigido superiormente pelo sr. M. A. Pinho e Silva, cuja proficiencia está bem confirmada, pelos longos anos de gerencia em companhias nacionaes e americanas, o que trouxe á Companhia uma mais desafogada vida monetária e dando-lhe aso á creação d'uma reserva prova «Reservas de riscos em curso» na importancia de 141.040$59, optima medida de prodencia que redobra as quantias já existentes, tanto para os portadores de acções como para os portadores de apólices. Para se vêr a prosperidade e desafogo da Companhia de Seguros «Garantia», uma das primeiras, mais antigas, e das mais sólidas, entre as suas congeneres de Lisboa e Porto, bastará dizer que a proposta apresentada e aprovada, consignáva 12$00 escudos por ano, ficando 25.000$00 para fundo de reserva e passando 28.000$00 para conta nova.

Precisamos ainda dizer que o continuo desenvolvimento das operações realisadas já este ano pela Companhia de Seguros «Garantia» no ramo de vida dá o seguinte explendido movimento: 252 apólices emitidas representativas de novos seguros no valôr de esc. 2.659.614$00 cujos premios anuaes representam 79.597$00 escudos.

Podemos por isso mesmo afirmar, e fazêmol-o com todo o gosto, que a Companhia de Seguros «Garantia» é hoje uma das mais sólidas, das mais florescentes e das mais cotadas no nosso exigente meio segurador.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preverações digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

A CAPITAL

TRATADO de CONTABILIDADE de RICARDO DE SÁ
2.ª edição — Anotada por Antonio Correia de Pinho
1 vol. br. 15$00; enc. 20$00; pelo correio mais 1$00
Casa VENTURA ABRANTES
80 — R. ALECRIM — 80

3812 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Segunda-feira, 20 de Junho de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE. Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O novo parlamento

Estamos apenas a vinte dias das eleições, e desde já se notam indicios que não devem ser tranquilisadores para aqueles que almejam pelo equilibrio politico da Republica, unica forma de garantir a verdadeira normalidade do regimen.

O mais grave d'esses indicios é o dos acordos que se estão estabelecendo entre os partidos e até simplesmente entre os candidatos que a esses partidos pertencem.

Na reportagem politica dos jornaes não se fala n'outra cousa. Aqui são estes ou aqueles partidos que se juntam para assegurar um triumpho comum; acolá, são estes ou aqueles antigos parlamentares, estes ou aqueles influentes que se entendem para uma victoria de caracter mais particular, mas não menos prejudicial para a boa arrumação da politica nacional.

A verdade é que tanto o governo, como os chamados auto-candidatos, que só pela sua causa pessoal trabalham, estão receiosos de tomar contacto com o eleitorado, d'uma maneira franca, leal e desassombrada positiva mente á boca das urnas.

O governo receia não alcançar uma boa maioria, os partidos da oposição receiam não ter uma representação condigna, os agrupamentos adversos ao regimen consideram um mysterio as tendencias do eleitorado.

O processo dos acordos assegurará certas candidaturas, estabelecerá, pouco mais ou menos em conformidade com as aspirações dos maiores partidos, uma certa divisão de forças?

Não o sabemos; mas ainda mesmo que tal suceda, muito ousado será quem garantir que a organisação do parlamento fique isenta de surpresas.

Suponhamos que em virtude dos acordos entre liberaes e democraticos, ficam aqueles com uma maioria de 20 ou 30 votos sobre estes. Basta que se dê no partido liberal, apos as eleições, logo na primeira epoca da sessão legislativa, uma scisão que é considerada inevitavel, sahindo os antigos centristas, para que deixe de haver maioria para um governo. Regressaremos a uma situação analoga áquela que foi necessario resolver pela dissolução do parlamento.

A verdade é que era necessario que o governo ficasse com uma maioria que o puzesse a coberto de taes eventualidades. Para isso seria necessario que o governo fosse para as eleições absolutamente só, contando com as suas proprias forças, e não dando nem pedindo auxilio a nenhum outro partido.

Mas se o governo vae para as eleições entendido com um partido, corre o risco de não ter uma maioria, e então todas as vantagens da dissolução desapareceram. Ficamos novamente embrulhados no «gachis» que tanto custou a romper.

Poderá isso agradar aos antigos parlamentares que todos querem regressar a S. Bento, como se estivessem convencidos de que fizeram lá uma bonita figura.

Mas não agrada ao paiz que se defronta com a perspectiva do novo «gachis» parlamentar, com a subsequente mixordia de governos de concentração, que é como quem diz, o bodo geral do poder, distribuido a todos os partidos.

Nós somos dos que entendem que o governo tem mais força eleitoral do que ele proprio julga, porque tem prestigio, e porque a organisação eleitoral dos partidos, de todos os partidos, está desmantelada. Se o governo comprehender que é preciso, com uma atitude firme, e confiando no espirito nacional, tentar a conquista d'uma maioria forte e segura, que resista a todas as surprezas, a politica retomará o seu equilibrio. Senão mais uma vez caminharemos, de olhos vendados, para todas as incertezas do futuro.

Louvor a "A Capital"

Na ultima reunião do Conselho da Academia de Sciencias de Portugal e por proposta do vice-presidente, o sr. dr. Antonio Cabreira, foi aprovado um voto de louvor a «A Capital», «pela importancia e brilhantismo dos artigos patrioticos que tem publicado», no dizer do oficio que nos foi enviado.

Agradecemos, reconhecidos, a gentileza da Academia de Sciencias de Portugal.

Dr. Martins de Carvalho

O seu falecimento

COIMBRA, 20. — Faleceu hoje de madrugada o ilustre publicista e velho republicano dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, professor da faculdade de letras, administrador da imprensa da Universidade. A sua morte produziu grande sentimento na cidade. O funeral realisa-se amanhã.

A caminho da Promissão

O BRAZIL NOSSA CO-VITIMA

A contas com os banqueiros inglezes

Que eu abri este caminho redemptor não pode haver duvida. Pois se até os que de antes vinham lacrimosos e assustados, gemendo sobre as ruinas desta Carthago, me aparecem parafraseando os meus assertos! Agora já todos acham, como eu ha muito o tenho escrito, que o paiz está forte e farto qual cossaco siberiano, pronto a esmagar debaixo do seu calção vigoroso a pilosa lazarenta da diferença cambial. Pena foi que acordassem tão tarde, que só agora sigam o meu rasto. Quanto foi preciso repetir o trajecto para que se galopasse atraz do Pegaso resistente da minha campanha!

Mas, como é bom tudo o que acaba bem, ninguem poderá acolher com maior alvoroço do que eu a colaboração nesta obra, eminentemente patriotica dos reconchegados. E recebo-a com enthusiasmo porque, ao mesmo tempo que ela não pode deixar de ter o sentido dum acto de contrição dos erros acumulados, dos desanimos postos em letra redonda, promovendo o descredito e auxiliando os especuladores, — ainda vem a tempo de me ajudar, a vencer essa força cosmopolita, esse calcanhar brutal que assente sobre o nosso pescoço, continua a não querer deixar-nos respirar. Bem hajam pois os que me seguem, no trabalho de esclarecer todos os portuguezes, acêrca da estagnação e do atrazo do nosso paiz; que tudo tem de ser atribuido, exclusivamente, á judiaria ingleza.

E' este o unico e verdadeiro caminho para a promissão.

O escalracho que victimou o Brasil, que conseguiu dar-lhe um aspecto de paralisação industrial, que esteve por um ápice a promover a falencia da Argentina, ahi está entre nós, parasitando sobre a fecundidade do nosso solo, sobre o sagrado esforço do nosso espirito emprehendedor e dos nossos braços vigorosos.

Contra estes é que é necessario assestar as baterias, porque, como tenho provado com factos que se não desmentem e o continuarei demonstrando com novos e eloquentissimos casos, eles só para cá vieram para nos roer o patrimonio nacional até a medula.

A sua obra, porém, não será levada a cabo. Eu lhes prepararei, os meus companheiros n'esta cruzada lhes arranjarão uma atmosfera de justa antipatia, toda firmada no rigoroso conhecimento da ilicitativa historia da sua pressão estiolante; e creio poder desde já afirmar que havemos de conseguir para eles a mesma «boycottage», que os seus compatriotas do chocolate idearam para o nosso cacau de S. Thomé.

Havemos de os isolar, mostrando-os a todo o publico como reais agentes de todo o mal que nos acometer.

O principio da concorrencia comercial ha de estabelecer-se em Portugal; como paiz independente havemos de nos fornecer donde nos aprouver; sacudiremos a tutela saguda dos bancos inglezes; mas para isso, que corresponde a fazer do nosso paiz o primeiro do mundo, é necessario não parar nesta campanha, cujo efeito moral já tanto se fez sentir.

Para a frente pois, e mãos á obra.

Restando aquele quadro elucidativo da Republica dos Estados Unidos do Brazil, permita-me o leitor que eu vá até ao tempo de Prudente de Moraes.

No seu tempo, 1895-96, chegou o cambio a 5—; libra a 48:000 réis.

E o que se nos depára no Brazil nesses tempos que os simplistas portuguezes reputariam calamitosos?

Desenvolvem-se industrias já existentes, criam-se industrias novas.

Em todos os Estados federados começam a ter uma alta importancia os trabalhos em tecidos: — morins, algodões, estamparias; principalmente, em S. Paulo e Rio de Janeiro.

Contudo, no Brazil, com o cambio a 5 ninguem se apavora. Em vez de lagrimas e de sustos, de artigos e divagações em prosa de fazendistas estupidos ou patifes abatendo o moral e pretendendo conformar um povo rico com a sua ruina aparente, como por cá se fez — no Brazil, disto — trabalhou-se.

E trabalhou-se com tal afinco que se conseguiu vencer todas as pressões. Estas eram poderosas.

Quem então guerreava o cambio a 5, era o partidarismo politico e os que combatiam as instituições republicanas.

Lá como cá as instituições republicanas, recentemente implantadas áquela data, tiveram de medir-se com o ataque cerrado, baseado na diferença dos preços das cousas.

O algodão, por exemplo, que custava antes uma pataca (360 réis) passara a vender a 1.800 e a 2.000 réis.

O cambio, apesar da honestidade indiscutivel de Prudente de Morais, mantivera-se sempre a 5, 6, 7; nunca passara dos 7, durante quasi todo o seu quatriennio.

A' lucta dos partidos juntava-se a grita dos monarquicos que não cessavam de recordar os tempos da libra a 27, da libra a 9:000 réis que é o «ao par» em moeda fraca. E no meio desta agitação de ideias e de paixões, servidas por factos que pareciam condenatorios para a alta cambial, se fez esse Brazil admiravel, de riqueza aproveitada e de progresso.

Enquanto no Imperio, com a libra ao par, a sua existencia tinha qualquer coisa de paradisiaco, de quieto, de estagnado, o mesmo paiz aparecenos hoje modernizado, cheio de fabricas, rasgado por avenidas, dotado com todos os melhoramentos de viação, de assistencia publica e de luxuosas casas de recreio. A intensificação das culturas do café, da borracha, do algodão foram um facto.

Fizeram-se fortunas enormes, mas nem o Estado nem estas grandes fortunas ficaram inactivos. O proprio café começou a vender-se a 30.000 réis a arroba. Tambem a borracha atingiu o preço de 30.000 a 40.000 réis.

Tudo prosperava; pode dizer-se que o Brasil se estava fazendo. Mas a hora da invasão aproximava-se; sobre aquele fertilissimo solo iam cahir como avejões negros, como praga de gafanhotos, as manobras da usura judaico-britanica; era necessario cortar as azas ás exportações brasileiras, era necessario fazer á borracha brasileira, o que se quis pôr em pratica com o nosso cacau, o que se pretendeu fazer aos chinezes com o seu chá. O golpe judaico aproximava-se e o Brasil ia cahir no estagnamento.

Os judeus haviam chegado, e a improvidencia de Murtinho, o ministro de fazenda do governo de Rodrigues Alves, lhes faria o jogo.

Mas este vae longe e por isso amanhã verá o leitor como a historia se repete, como por cá se deu e continuaria a dar o mesmo, se eu não acordasse os portuguezes.

D. Thomaz de Noronha.

Os atentados nas linhas ferreas francesas

Ao que parece, continuam os atentados criminosos nas linhas ferreas francesas.

Assim, no dia 13, pelas tres horas da manhã, na linha de Arras a Paris, um agulheiro do posto de Boissieux, tendo visto que o seu disco de paragem não estava iluminado, tratou de dar o alarme. Procedendo-se a pesquisas, foi-se encontrar a lanterna do disco numa estrada proxima.

Dois comboios, um dos quaes, o de mercadorias 302, e outro de passageiros, que se dirigiam para Amiens, haviam passado e a passagem do primeiro podia ter sido seguida dum choque.

Na noite de 14, alguns minutos após a partida do comboio 121, Bordeus-Cette-Marselha, da gare de Toulouse, um tiro de revolver foi disparado contra o comboio por um desconhecido que, ao que se supõe, estava numa das pontes que passam sobre a linha.

A bala, quebrando a vidraça dum compartimento de terceira classe, atravessou a porta dos lavabos, onde cahiu sem ferir, felizmente, um passageiro que ahi se encontrava.

Foi aberto um inquerito.

VIDA DIPLOMATICA

Partiu hoje de manhã para Coimbra o sr. ministro de Inglaterra, que aguardará naquela cidade a chegada de sua esposa para com ela seguir depois d'amanhã, para o Porto.

—O sr. ministro da America e sua esposa tambem hoje partiram para a Curia.

—A esposa do sr. ministro da Argentina está melhor.

—O sr. ministro da França parte brevemente para Paris. Tambem o sr. embaixador do Brazil e esposa seguem em meiados de julho para a capital de França.

—O sr. ministro da Belgica e sua esposa ofereceram hoje um almoço ao sr. dr. Gomes Teixeira, ao qual assistiram os srs. Leote do Rego e esposa, ministro da França, adido militar do mesmo paiz e esposa, 1.º secretario da legação de Italia, dr. Macedo Soares e esposa, 1.º secretario da legação da Argentina e esposa, encarregado de negocios da China, 1.º secretario da legação de Inglaterra e pintor Rmemgen.

Viagens ministeriaes

O sr. ministro da guerra, acompanhado dos seus ajudantes, seguiu hoje de manhã para Portalegre.

—Para o norte, parte na proxima sexta-feira o sr. ministro do comercio, que tenciona visitar, entre outras terras, Braga, Vianna do Castelo e Villa Real.

A'S 2.AS FEIRAS

A semana literaria

A Semana de Lisboa, por *João Ameal* (Ed. do autor. Lisboa) — **Ophir**, por *Bruges d'Oliveira* (Ed. do autor. Lisboa) — **Azulejos**, por *Conde d'Arnoso* (Ed. Portugal-Brazil. Lisboa) — **O drama liberal**, por *Rocha Martins* (Ed. Ventura Abrantes, Lisboa) — **Os que se divertem**, por *Luzia* (Ed. Guimarães & Comp.ª, Lisboa) — **Antologia Portugueza**, por *Agostinho Campos* (Ed. Aillaud Bertrand. Lisboa)

João Ameal, pequenino, fragil, sereno, extraordinariamente impassivel lembra-nos um... frasco de perfume, que em pequenas dimensões encerrasse um grande aroma. Cronista de hoje, é senhor d'uma prosa culta, vibrante, sem exibicionismos nem irritações, mas cheia de todas as belezas modernas e de todos os encantos antigos. Dum grande amôr á sua arte, desdobra-se e aparece-nos em uns poucos de jornaes, sempre elevadamente no seu estilo de requinte, cronista leve e airoso que transpira a nossa vida de cada dia, colhendo um sorriso, tomando uma nota impressiva, florindo um conceito no *fait-divers*, blasfemando os incredulos, sentenciando uma peça, classificando um livro, critico sem criticar, artista de *compte-rendu* elegante. Multissimo pessoal, conseguiu fazer-se procurar nas colunas amorfas do jornalismo vulgar. E, o que mais nos surpreende n'esta *Semana de Lisboa*, agora publicada em volume de capa garrida, não é a parte de cultura literaria espargida prodigamente na *Arte*, nos *Teatros*, na *Literatura*, nos *Sucessos*, nos *Mundanismos*, mas sim o conceito grave, profundo, sensato, como d'uma mentalidade afeita á politica geral e economica, psicologo de multidões, observador de fenomenos sociaes, que transparece n'um patriotismo e n'uma fé viva, nessa *ouverture* das cronicas do Janeiro, que se sucedossa sob a rubrica *O Caso da Semana*. Mas os nossos francos e sinceros elogios e aplausos não são apenas ao livro de cronicas de Maio a Dezembro da nossa Lisboa querida; o tempo passa, as cronicas murcharão, vivendo factos que morreram n'um ano que... não volta; são principalmente a João Ameal porque o jovem estilista não é apenas um trapeiro artistico de assuntos, um critico vivendo da obra dos outros, mas sim um escritor, prometendo-nos em breve novelas, obras em que o seu espirito crie, construa, edifique.

Pera nós só ha a alegria de produzir; erguer figuras, criar imagens, seja em novelas, em contos ou em teatro. Os nossos aplausos vão mui mais orgulhosos para João Ameal de *Os olhos cinzentos* e de *E o amor passou*... que se prové com toda a bagagem literaria, intelectual e sensivel no cronista de hoje e no artista de *Em voz alta e em voz baixa*.

Lembra-nos o que ha pouco tempo ainda, sob o titulo *Quelques reflexions sur La comédie du Gente*, Curel afirmou: «*la grande recompense du travail n'est pas dans le succès, mais dans la joie de créer*».

João Ameal tem com certeza este duplo prazer, o do crear e o do sucesso.

✦ ✦ ✦

Ophir, do sr. José Bruges d'Oliveira, é o livro mais assente, mais definido do autor dos *Versos Futeis*. Constato com agrado, este ano, uma melhoria de perfeição em todos os novos. Dos *Versos Futeis* ao *Ophir* vae uma longa distancia de evolução. Bruges d'Oliveira largou aquele tom gracejador de menino do Chiado, fazendo futilidade rimadas ás *vocês*, para nos dar uma poesia, se bem que não ainda duma perfectilidade absoluta, pelo menos com sentimentos, com ideias.

Destacamos pelo agrado pessoal, *Hoje os teus olhos estão tristes*... onde ha ideias felizes como:

> Não ponhas tanto outono nos teus olhos,
> Nem tanta nostalgia.
> Nem violas, aos molhos

> Nos teus olhos de magios ocoss,
> humildo e meigo e submissa,
> Nos teus olhos de lagrimas perlados,
> O' meu amôr, a tristeza
> dir missa,
> Com paramentos roxos, magoados!

E ainda os *Lirios brancos*, *Hino* e as *Canções de amôr portuguezas*, onde se podem encontrar algumas quadras dignas de se perpetuar. E' um nome pois de autor, que o leitor culto não deve deixar de ir fixando, porque encerra já mais solidamente promessas de mais vivas e sentidas obras.

✦ ✦ ✦

O livro do Conde de Arnôso, *Azulejos*, revivido agora, traz consigo ainda toda a beleza azul e branca que Eça de Queiroz, em paginas e ideias das mais belas, escritas na nossa lingua, no prefacio aponta como sendo o que mais lhe agradava no livro.

As novelas simples do Conde de Arnoso em nada perderam com o tempo. A essencia da Vida e da Realidade deram alma ás suas pequenas figuras, e elas vivem ainda hoje, nos nossos dias, com os seus mesmos sorrisos, ás suas dôres, os seus sorrisos. Quer seja essa estranha e sentida dôr do *João do Eido* nos *Aromas Campezinos*, quer o quadro bem marcado de tons crus da *Guitarra do Braz*, quer a historia tam triste da Luiza—a pomba entre milhafres—vida sombria que só um poeta poderia em tão acericiadora e léve maneira tratar, todos nessa ressurreição admiravel que se deve ao livro, e ao talento, passam ao nosso tempo, atravessam gerações e vem comover-nos, como já comoveram a geração dos *Vencidos da Vida*. *Azulejos* tem hoje no seu polido nacional, na côr clara e suave dos seus tons delicados, mais valor do que uma actualidade inexpressiva. Já hoje não se fazem *azulejos*...

✦ ✦ ✦

O *Drama liberal* é devido á pena vibrante, impulsiva e estudiosa de Rocha Martins. Jornalista moderno, escritor de historia romantizado, não é este seu processo o usado no *Palmela na Emigração* que se acaba de editar. O volume de recordações e notas historicas baseia-se na leitura d'algumas cartas ineditas do Marquez de Palmela, dirigidas ao Conde do Villa Flor. Desses exemplos duma luta fratricida, entre portuguezes, quer Rocha Martins tirar ensinamentos para o actual regimen e lembrança para o futuro... regimen monarquico.

Como todas as obras literarias do espirito ilustrado e irrequieto de Rocha Martins, é conduzido com elevação e brilho, mantendo interessante o contacto com o publico pouco curioso e na maioria avezo a leitura historica. Apenas no inicio o sr. Rocha Martins, prefacia a obra com um artigo de fundo doutrinario e violento, escrito enquanto a «*turba ruge nas ruas os seus odios*» e vae gente tragicamente a «*pingar sangue nos carros que buzinam*».

Mas não é por isto que é pouco de historiador — o historiador deve não ter adjectivos nem usar lunetas partidarias — que o volume perde na parte propriamente subordinada á Historia do *Drama Liberal*.

✦ ✦ ✦

Os bons livros voltam a ver-nos. Predilinaramos ao primeiro livro de Luzia «*Os que se divertem*» um sucesso de venda. Ei-lo que se dá. Uma 2.ª edição igualmente risonha, ironica, flagrante, curiosa, vem cumprimentar-nos. Pois que seja feliz como a sua mais velha, enquanto, esperamos nova obra da prometedora e inteligente *Luzia*.

✦ ✦ ✦

Recebemos tambem, para complemento da nossa coleção de *Antologia*, os volumes que Agostinho Campos dedicou a Herculano, e a *Bernardes*. Do primeiro, a maior parte consagrá aos *quadros literarios da historia medieval, peninsular e portugueza*, e o *Bernardes* já dois volumes saíram, quasi dominados pela Nova Floresta do nosso grande classico.

Escusado e lembra-la aos leitores. A *Antologia Portugueza* é cheia de patriotismo e de amôr ás Letras Nacionais. Merece o justo apreço que vem tendo do publico.

Armando Ferreira.

Hinos Associativos

(projecto)

«Lisboa-Mutuo-Elogio»

> Aqui que a gente escreve,
> Deve-se lêr do avêsso...
> Não digo mal de ninguem,
> Senão de quem não conheço...
>
> Falo hoje na «tua arte»
> E, amanhã de manhãsinha,
> Afirmas que ela existiu,
> Por conviver com a minha...
>
> Deixa lá dizer quem diz,
> E fica tu sempre amavel...
> Quo seria de nós ambos,
> De tanto livro «invendavel»...
>
> Se eu não fosse teu amigo,
> E tu de mim amicissimo...!
> A indignação está barata,
> E o entusiasmo carissimo...

«Despeitados-Lisboa-Club»

> Bato em todos sem descanso,
> O meu ferez varapau...
> Se não houver ninguem bom,
> Não se dá porque eu sou mau...
>
> E, batendo com fragôr,
> Sem ritmo nem harmonia,
> Hão-de dar por quê eu existo,
> Lembrar a minha poesia...
>
> Amôr com amôr se paga..?
> Pois de mim jamais alguem,
> Nem mesmo em pago elogio,
> Se atreveu a dizer bem..!
>
> Cousa reles, feita, injusta..!
> Uns filhos, outros sobrinhos...
> Não haver socorros mutuos,
> Para os que são meis pobrinhos...

Thereza Leitão de Barros

O filosofo Bergson

PARIS, 20. — Dizem os jornaes que o filosofo Bergson deu a sua demissão de professor no Colegio de França. — (H.)

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Apodos, apupos e alcunhas

O poder da sobrevivencia — Os patos e os patós — Aletria de Abrantes — Um faradasse — O argumento da Opera — Um burro n'uma poltrona

A generalisação dos antogonismos, alguns dos quaes já apenas subsistem por inercia, pois esquecidas são mui tas vezes as razões que os originaram, bem merece a atenção dos pensadores.

«O que o berço dá, a tumba o leva» é proverbio antiquissimo que tem o seu correlativo na visinha Espanha, onde se diz com frequencia:

—Mudar costumbre és a par de muerte.

A consciencia colectiva parece querer mostrar n'esta forma tradicional de proverbios o grande poder de sobrevivencia, o chamado instincto de conservação.

Perde-se ás vezes a noção dos factos que primitivamente determinaram uma sentença ou adagio; mas este, a despeito de tudo, atravessa até mesmo as edades.

Embora relativamente moderno, nem todos já compreenderão, por exemplo, o significado do proverbio em que se diz que mal vae á casa donde a Roca manda á Espada.

Com efeito, a roca tem a ideia de dona de casa, mulher, porque em tempos idos todas fiavam o linho para a roupa da familia, emquanto a espada, que então era de uso geral, simbolisava, não o exercito nem a força, como hoje, mas simplesmente o homem, o varão, o senhor da casa.

«Filho alheio, mete-o pela manga, sahir te-ha pelo seio», citado por Delicado, já nem no seu tempo se lhe compreendia o sentido que só modernamente se conseguiu decifrar, como sendo uma referencia ironica aos tempos remotos em que, dado o direito varonil absoluto, o homem simula va o parto, e ficava na cama, emquanto a mãe recem-parida ia para o trabalho (1).

Ha com efeito adagios que veem das edades proto-historicas. Por das areas geograficas passam os furações da guerra e da peste. Erupções vulcanicas e grandes inundações alteram a configuração das terras, o recorte dos mares e o curso primitivo dos rios. Gera a politica dos povos antagonismos sangrentos de raças, de religiões, de dinastias.

E atravez de tudo, tanto os grandes como os pequenos odios ou rivalidades subsistem e transmitem-se pelas edades fóra, sob a forma de adagios e anexins, como sobrevivencia tradicional de situações, costumes e estados sociaes já desaparecidos.

Assim, na região minhota, ainda se diz, nos arredores de Briteiros: — os da planicie, e os montanheses, em expressão antagonica a simular um desdem que de ha muito se desvaneceu.

Tambem na Beira Alta e em condições semelhantes se costumam contrapôr em proloquio, os da Ribeira aos da Serra.

A proposito de beirões ouve-se frequentemente na boca do povo:

«Homem da Beira e besta muar
«Sempre tem coices para dar.» (2)

Na restante Europa, tanto como entre nós, são de uso muito vulgar os apodos directos a designadas povoações ou aos seus habitantes.

Pormenorisar ser-nos-hia impossivel por interminavel. Limitar-nos-hemos a exemplificar para conhecimento desta fórma tradicional consagrada pelos seculos.

Os bascos, na sua interessante linguagem, chamam aos de S. João de Luz uns beberrões de chocolate: — «Chokolat edale Donibaneko» — e aos de Biritu uns glutões de ovelhas já durazias: — «cardi zahar yale Biriatuko». (3)

Na Vandeia franceza é vulgar ouvir-se, em tom, ironico, a seguinte expressão, cujo sentido se estende a toda a região:

«Los pataude de Nantes.»

Neste apodo francez que vem da Revolução de 89, o vocabulo tem o sentido ironico de patriota, referente aos tempos em que as povoações republicanas se viram encravadas no meio das regiões realistas.

Propositadamente respigámos este apodo, dentre tantos que nos afluem, pela coincidencia de entre nós usarem os da bohemia este mesmo nome já aportuguezado—pató—para designar um palerma que, com facilidade, se deixa despojar do dinheiro com simples graças e memices em proveito doutrem.

As raparigas da vida airada tambem aplicam ao novato de quem colhem com as primicias do amor dádivas generosas, a designação de—pató, pato ou patinho.

E os que enganam alguem com o chamado conto do vigario, dizem, esfregando as mãos de contentes:

—Cahiu como um pato!

Haverá alguma relação de ideias, prosodica ou de outra qualquer natureza, entre o o pato portuguez empregado em sentido figurado, o «pató» da giria bohemia e o «pataud» francez, que, em verdade, figuradamente, significa boçal, tosco, lanzudo?

E' um caso d'investigação filologica que não cabe no estudo que vimos aqui fazendo.

Na transmissão d'estes apodos, ás vezes os seculos introduzem curiosas modificações de sentido que podem admitir interpretações diversas indiferentemente optimistas ou pejorativas.

Tal é o caso, por exemplo, com Abrantes, a cujo respeito se formulou um equivoco pejorativo que consistiu em converter a palha d'aquela vila em artigo de alimentação, chamando-se-lhe ironicamente e por analogia de forma—Aletria de Abrantes.

E' costume sugerir esta aletria como prato culinario de preferencia para os que comem demasiado, aos quaes, ignoro o motivo, tambem se aplica o apodo de—comilões de Almada.

A este proposito já o antiquissimo Delicado registou o seguinte anexim:

—Antes que jantes não passes de Abrantes.

Esta frase poderia bem ser um conselho dado aos que em deligencia ou comitiva viajavam pelo pais, talvez porque a aridos ou porventura os perigos e barrancos para deante de Abrantes tornassem mais dificil ou menos aconselhavel esta refeição.

O certo, porém, é que na travessia dos seculos chegou o anexim até nós com uma modificação de proposição que permite modificar-lhe a interpretação.

Com efeito a variante colhida pelo falecido folk-lorista Adolfo Coelho é a seguinte:

—Antes que jantes não passes «em» Abrantes. (4)

O impedimento de chegar áquela vila antes de jantar autorisa o sentido pejorativo do viajante correr risco de se alimentar com palha, se ali fôr antes de ter tomado a sua refeição.

No anexirismo mundial não é caso unico este de mudança de sentido, por motivos de modificação morfologica, prosodica ou sintactica. Ocorre-nos um ilustrativo e curioso caso a proposito tambem de apodos.

E' de origem moderna, de quasi recente formação.

Usa-se em França chamar por gracejo a um italiano—un faradasse.

Onde se originou tão extravagante apodo que resiste ás mais rigorosas investigações da etymologia erudita?

Ahi pelo meio do seculo passado atribuiu-se ao grande estadista italiano, o Conde de Cavour, a proposito dos então complicados negocios da politica externa do seu paiz, a seguinte frase que correu mundo: — «Italia fara da se», no sentido de que a Italia havia de fazer da sua parte como lhe aprouvesse.

«Fara da sé», lido e pronunciado rapidamente e á franceza produziu o engraçado apodo:—faradasse!

N'este momento assistimos em Portugal á formação estravagante de um vocabulo em condições muito diversas d'aquelas que a morfologia e a estilistica preconisam.

Quando nas antigas Portas de Santo Antão, moderna Rua Eugenio dos Santos, funciona a chamada Opera barata, aglomeram-se á noite os rapazes á entrada do Coliseu, oferecendo á venda o livreto onde se conta o argumento da Opera anunciada no cartaz.

Mas o pregão, usando o abusando das contrações, transformou o «Argumento da opera» simplesmente em «âmentó»—que é como os rapazes apregoam:—cá está o «âmentó»!

Mais tarde esquecerá a origem, e os filologos do tempo esgotar-se-hão em dissertações eruditas á procura da etimologia grega, arabe ou latina da palavra. E o chamado d'aqui a seculos passará á categoria de arcaismo, ou continuará em uso, possivelmente generalisado-se, mas já com inteira mudança de significado e absoluto desconhecimento de origem.

Adeante não passaremos sem recordar ainda o interessantissimo apodo francez, que consiste no brazão da cidade de Bourges, capital do departamento do Cher, ser representado por um burro n'uma poltrona:—«Asinus in cathedra».

Um burro n'uma poltrona chama-se tambem em França, por extensão, a um qualquer ignorantão, dos muitos que por lá, como entre nós, se dão ares de grande importancia, preterindo com a petulancia da sua latuidade, os homens de valor autentico que preferem ocultar-se para não se confundirem.

O injurioso apodo aplicado á cidade

(1) Theof. Braga: O Povo Portuguez —1—236 e tambem Revista d'Estudos Livres—1883—84—p. 254.
(2) *Apud* Portugalia III.
(3) Blason—92.
(4) Portugalia—III.

VIDA SPORTIVA

No Politeama

UMA GRANDE REUNIÃO DE BOX

Tres combates internacionaes

Começam a chegar-nos detalhes de uma grande reunião de box que no proximo domingo se realisa, em «matinée», no teatro Politeama.

O nosso publico, que já tem pelo box grande entusiasmo, vae ter ocasião de presenciar no proximo domingo tres grandes combates internacionaes, opondo-se aos nossos melhores profissionais estrangeiros de categoria homens scientificos e conhecedores do «ring», o que é já uma garantia para o exito da reunião que sob todos os pontos de vista é preparada com um meticuloso cuidado; tanto mais que alguns amadores que entre nós mais de perto dirigem e encaminham o box não regatearam a colaboração.

Os programas de box entre nós teem falhado, principalmente por falta de sinceridade, não dos combatentes, mas dos organisadores e o publico, que já é numeroso, a pouco e pouco se afastaria da «nobre arte».

O programa da festa de domingo é o mais completo que até hoje se tem efectuado: comporta trez combates internacionaes a saber:

Oscar da Silva, o duro peso-medio portuguez, vae combater um inglez que pela primeira vez vem a Portugal, ex-campião peso-leve da marinha ingleza, de nome «Bob Réno».

Bob é actualmente um peso medio. Possue apesar de novo, pois só conta 24 anos, um belo record. De 32 combates, apenas 10 perdeu.

A maioria dos seus combates foram com marinheiros inglezes, corporação que fornece á Inglaterra os seus melhores pugilistas.

Faustino Pereira, que ultimamente tem caminhado de sucesso em sucesso, terá como adversario um hespanhol antigo adversario de Silva Ruivo hoje de peso meio-medio e n'uma forma que dizem esplendido. O hespanhol mostra grande empenho em combater tambem Silva Ruivo, mas para lá chegar terá que afirmar a sua superioridade sobre Faustino Pereira.

Consegui-lo-ha?

O nosso campeão Silva Ruivo vae ter um reaparecimento de responsabilidade. Será seu autagonista um francês, homem experiente, que no seu record conta combates com os melhores pergilistas do seu peso.

O combate de Ruivo promete pelo seu equilibrio, um encontro cheio de beleza e interesse.

Coliseu dos Recreios

O sarau do Lisboa Ginasio Club

Está despertando bastante interesse o sarau ginastico que o Lisboa Ginasio Club vae realisar no Coliseu dos Recreios na noite de domingo proximo.

Entre os magnificos numeros que se apresentam figuram os do paraleles executados pelos srs. Amaral, Alfredo Gomes, Francisco Mourão, José Miguel Gomes Junior e Mario de Amorim, luta romana pelos amadores Henrique Soares de Oliveira e José Carlos Lima; jogo de pau pelo professor Antonio Lupa e seu discipulo Antonio Torres Mota.

A procura de bilhetes está já sendo grande.

"Os Sports"

Reapareceu hontem, o bi-semanario «Os Sports», continuando a publicar-se ás quintas feiras e domingos.

Nos primeiros dias do proximo mez passará «Os Sports» a publicar-se tres vezes por semana.

Ruy da Cunha

Vae novamente reabrir o seu curso particular de ginastica, luta e box, o distinto professor Ruy da Cunha, que entra deste modo outra vez em plena actividade sportiva.

FOOT-BALL

«Taça Mutilados da Guerra».—Belenenses vencedores

Realisou-se hontem, no campo do Stadium, gentilmente cedido, o desafio final da «Taça Mutilados da Guerra», entre os Belenenses e Sporting, ganhando os Belenenses por 2 goals a 1.

O jogo foi um pouco violento, razão porque, apesar de entusiasmar a assistencia, que era regular, não satisfez.

No final do desafio o sr. Bento Mantua, presidente de honra da comissão organisadora do torneio acompanhado pelos srs. Ribeiro dos Reis, Pinto d'Almeida e A. de Campos Junior, fizeram a entrega da Taça ao sr. Artur José Pereira, capitão dos Belenenses.

O publico, que, como acima dizemos era numeroso, saudou o «team» vencedor e o vencido.

O «grand-prix» do Aero-Club de França

PARIS, 20.—O *Goliath* ganhou o *grand-prix* do Aero-Club no percurso Paris-Lille-Paris, Paris-Pau-Paris, e Paris-Metz-Paris. Os outros concorrentes abandonaram o certamen.—(H).

NOTICIARIO

Reuniu a Comissão organisadora da União Pedestrianista Portugueza, aprovando novos socios e deliberando que a comissão technica vá estudar qual o melhor percurso para a corrida preparatoria de 12 kilometros.

Brevemente serão expostas as medalhas assim como está elaborando o regulamento para a mesma.

Amanhã reune novamente a comissão organisadora.

---

de Bourges resultou da eliminação, certamente casual de um «i», convertendo o verdadeiro e acaso nobilitante nome de homem—Asinius—no torpe e deprimente burro—«Asinus in cathedra»!

Não sabemos a quem se referiria o nome invocado para a divisa de Bourges, mas reconhecemos a existencia de varios Asinios romanos, entre eles o distincto orador Asinius Pollio, ao qual se refere Quintiliano (1).

Ladislau Batalha

(1) I—2—b. Gramatica.

A guerra no Oriente

Os aliados oferecem a sua mediação—Supõe-se que a Grecia e a Turquia aceitem a intervenção da Entente

PARIS, 19.—O sr. Briand e Lord Curzon conferenciaram desde as 15,30 até ás 18,30 estando presente o embaixador da Italia, conde Bonin Longare.—(H.)

PARIS, 19.—Lord Curzon e o sr. Briand acordaram esta manhã nas instruções sobre o mediação, que devem ser enviadas á Grecia logo que o conde de Sforza as aceite. Os ministros das potencias aliadas pedirão á Grecia para deixar á «Entente» regularisar a questão oriental. Logo que a Grecia dê uma resposta afirmativa, ser-lhe-hão enviadas as condições da mediação. A impressão sobre os resultados desta «démarche» continua a ser favoravel.—(H.)

PARIS, 19.—Realisou-se esta tarde a ultima entrevista entre Lord Curzon e o sr. Briand e nela foi tratado o problema da Alta Silesia. Esta va presente o conde Bonin Longare. Foi resolvida a «démarche» colectiva dos ministros ingles, frances e italiano em Atenas para convidarem o governo helenico, antes de retomar a ofensiva, a aceitar a mediação dos aliados.—(H.)

PARIS, 19.—Foram expedidos telegramas pelos governos ingles, frances e italiano aos seus representantes em Atenas, ordenando-lhes que ofereçam a sua medição á Grecia.

Nos meios inglezes, italiano e franceses, que são igualmente favoraveis a esta «démarche», considera-se impossivel que a Grecia e a Turquia não aceitem a intervenção dos aliados—(H.)

ATENAS, 19.—O sr. Gounaris entrevistado, declarou que a viagem do ministro dos negocios estrangeiros a Smyrna é motivada simplesmente por objecto de serviço.—(H.)

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO DE S. CARLOS—Elida—*3 actos de A. Cortez.*

Cremos que foi no sabado rialmente a primeira representação no nosso teatro de «opera» da discutida e excelente peça do Dr. Cortez.

Do logar que a empresa nos cedeu cá para traz dum cordão elegante adornado dum «controleur» que ficou em pé na cochia, logar excelente para ouvir opera, não pudemos ouvir quasi nada do que se passou a alguns quilometros daquele logar, ...no palco.

Vimos no entanto os scenarios; varios actores a equilibrarem um candieiro, e muitos logares vazios, muitos, muitos.

E é uma pena porque desejavamos oferecer á empresa o belo lugar que nos reservou. A «Capital» não serve para enfeitar... casas. Podem pois dispor dele á vontade.

E' verdade, gostámos muito de ouvir o Bernardino e o Noé, que nos intervalos cantaram opera do tal forma, lá dentro do palco, que foi a unica coisa que ouvimos.

Armando Ferreira

Noticiario

Já não sobe á scena por estes dias, «O Palhaço», tradução de Alberto Moraes e Mario Duarte annunciado para o Ginasio.

—Ainda não está assente a peça em que reaparecerá, no Avenida, o actor Ferreira da Silva.

—Antonio Gomes está organisando a sua companhia para a epoca de inverno no Foz.

—A empreza do Ginasio mandou fazer uma adaptação da peça hespanhola de sucesso «La Republica de la broma».

—Está-se ensaiando no Apolo a peça que substitue «Porto Tantos do Tal».

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21 h.—«Zilda».
NACIONAL—A's 21 h.—«O Cardeal».
AVENIDA—A's 21,15—«A dama das camilias».
GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolarós».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—O film «Barrabas».
GIL VICENTE—Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa dojardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

VIDA PARTIDARIA

Federação Municipal Socialista de Lisboa.—Para apresentação de nomes de candidatos a deputados pelos dois circulos de Lisboa, reune hoje pelas 21 horas, na rua do Bemformoso, 150, 1.º, a assembleia de delegados a este organismo partidario.

ULTIMA HORA

O caso da Agencia Financial

A Agencia Americana distribuiu hoje o seguinte telegrama:

RIO DE JANEIRO, 19—O governo brasileiro cassou a autorisação para aqui funcionar a Agencia Financial portugueza.

O ministro da fazenda alegou que a referida agencia não tinha razão de existir desde que foram transferidas as suas funções para o Banco Portuguez do Brazil, tendo-se ainda negado a satisfazer as obrigações do decreto n.º 14728 de 16 de maio ultimo sobre impostos e depositos para operar em cambiais.

Este telegrama vem confirmar o que *A Capital* disso quando tratou da Agencia Financial. Fôra uma concessão feita ao governo portuguez pelo governo brasileiro, portanto só o governo portuguez tinha o direito de a gerir. Desde que passou a um banco particular essa concessão cessava imediatamente.

O culpado de se perder essa regalia foi o sr. Ramada Curto, que, quando ministro das finanças, como se sabe, deu as operações da Agencia Financial ao Banco Portuguez do Brazil.

Quanto á segunda parte do telegrama, evidente é que nem podia deixar de acontecer o que agora sucede, desde que, ao menos, não houve a precaução de acatar as obrigações do decreto de maio ultimo.

O crime da rua de S. Julião

Como um jornal da manhã noticiou foi preso o arameiro Antonio Joaquim Rosa, sobre quem pesa a acusação de em fevereiro de 1919 ter assassinado, á porta do restaurante Galo, na rua de S. Julião, o caixeiro de praça e dedicado republicano Antonio da Silva.

O criminoso tinha-se evadido para Hespanha, d'onde regressou ha dias, sendo hontem de manhã preso.

Hoje os agentes que o prenderam passaram-lhe uma minuciosa busca em casa, apreendendo diversas cartas comprometedoras que se relacionam com uma conspiração monarquica. Entre essas cartas ha uma em que se diz que o ex-rei D. Manuel tinha entendimentos com os «formigas», referindo-se á coroa oferecida aos soldados desconhecidos.

A policia de Segurança do Estado está procedendo a investigações.

Manipuladores de pão

Reuniram hoje, pelas 11 horas, os manipuladores de pão para apreciar o caso da Camara querer obrigar os vendedores de pão a tirar licença.

A classe, não concordando com a atitude da Camara, vae publicar um manifesto, realisando uma nova reunião para tratar do assunto no proximo domingo.

O festival da Estrela

Foi hoje o ultimo dia de festas no jardim da Estrela, tendo sido grande a concorrencia e havendo tombola, kermesse e venda da flôr por um grupo de gentis alunas de varios liceus.

Incendio

No beco do Agulheiro, 10, 4.º, residencia de Ludovina de Jesus, manifestou-se esta tarde incendio com certa violencia. Ardeu todo o andar, sendo grandes os prejuizos nos outros andares, devido á agua.

A inquilina nada tinha no seguro.

A gréve dos electricos

Uma nova manifestação

Diz-se que depois d'amanhã se o restabelecimento dos eletricos não fôr ainda um facto, se fará uma nova manifestação pôr parte do comercio e industria junto do governo, para quanto antes se pôr termo á gréve.

O numero de assinaturas colhidas entre o comercio e industria para se promover essa manifestação é já superior a 600.

A' reunião de hoje do pessoal presidiu o sr. Carlos Fortes.

O sr. José Nunes Martins lamenta não ter estado hontem presente no comicio qualquer membro da Direcção da Companhia para rebater as declarações que fez o sr. Sousa Neves, vereador da minoria socialista, lamentando egualmente que ao comicio não fosse o vereador sr. José dos Santos para ali repetir as afirmações que ha pouco fez na Federação Municipal Socialista, do Alvito.

Incita os seus camaradas a manterem-se firmes, declarando que não se retomará o serviço sem que lhes satisfaçam as suas reclamações e lhes sejam pagos os dias em greve.

O sr. Francisco dos Santos aconselha a maior união.

O sr. Manuel d'Almeida Lopes, delegado da comissão de melhoramentos, diz que ainda ninguem se apresentou hoje ao serviço, apesar do convite feito nesse sentido ao pessoal. Declara que foi o governo quem lembrou á Companhia o conceder um aumento de 15 por cento ao pessoal e que este declarou logo que se esse pequeno aumento fosse concedido seria a sua ruina. O pessoal não o aceitaria. Não haverá electricos amanhã, porque só o pessoal em gréve com eles sabe trabalhar.

No mesmo sentido fala o sr. José Augusto Martins. Nem amanhã nem em toda a semana haverá carros electricos, apezar do que dizem as estações oficiaes.

A sessão continua.

NOTICIAS DA CAPITAL

JA' NEM A PROPRIA POLICIA ESCAPA.—O guarda civico n.º 1036, Francisco Soares, tinha como creada uma Rita Maria, a qual, apezar do patrão ser agente da autoridade, ou talvez por isso mesmo, entendeu que o devia roubar. E se bem o pensou melhor o pôz em pratica, indo empenhar roupas e objectos de ouro no valor de 327$00. E sabem para quê? Para dar o dinheiro ao seu amante, o soldado de artilharia da G. N. R. Alberto Augusto de Carvalho.

Amôr, a quanto obrigas! O patrão é que não esteve pelos ajustes e pregou com a infiel serviçal nos calabouços do governo civil, onde a frescura que ali ha lhe deve moderar os impetos amorosos.

CARTEIRA QUE DESAPARECE.—Gregorio Mauricio, hospedado no hotel da rua dos Douradores, 222, queixou-se á policia de que lhe furtaram uma carteira com 79$00.

Não sabe dizer onde, nem quando. Como ha de a policia sabe-lo? Sempre ha cada um!

OS QUE SE ALCANÇAM.—A policia da 4.ª secção prendeu Antonio de Matos, caixeiro da mercearia pertencente ao sr. Manuel da Silva Mendes sita na rua de S. Boaventura, 49 e 51, por ter ali feito um desfalque de 1.500 escudos.

Tambem na 2.ª secção se está procedendo a averiguações sobre um desfalque de 70.000 escudos de que é acusada uma senhora, guardando a policia o maior sigilo sobre o caso.

QUEDA MORTAL.—Realisa-se amanhã, ás 15,30 saindo da Morgue para o cemiterio oriental, o funeral do menor Gutemberg de Oliveira, filho do impressor tipografico, sr Venceslau d'Oliveira, que na sexta feira passada teve morte desastrosa na rua de S. Paulo, ao saltar d'um camion de que ia pendurado.

Carlos Manços Brandão

Carlos Brandão, sua mulher e familia participam o falecimento de seu querido pae, sogro, irmão, tio e cunhado e que o funeral se realisa amanhã, 21, ás 16,30 horas, da Avenida das Côrtes, 142-1.º, para o cemiterio ocidental.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 18 horas, do dia 25 do corrente mez de Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Maméde ao Caldas, 68, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1,50 a 3,50, largura minima de 0,25 e espessura de 0,10 a 0,16.

O preço a indicar será por cada uma tonelada de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro ou dentro de barco acostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em envelope fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmo».

O concorrente ao qual o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido quando se dê por concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatário possa fazer qualquer reclamação ou ainda o de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.

O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes

(a) *Feio Terenas.*

A CAPITAL

3813 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 21 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A Agencia Financial

O governo brasileiro cassou a autorisação que dera, no tempo da presidencia do sr. Rodrigues Alves, para o funcionamento no Rio de Janeiro d'uma Agencia Financial Portugueza. Para esse fim, segundo comunicam os telegramas, o ministro da Fazenda da Republica Brasileira alegou que a referida Agencia não tinha rasão de existir desde que foram transferidas as suas funções para um Banco, por signal insophismavelmente brasileiro.

Quando varios orgãos da imprensa, entre eles a «Capital», apanharam os perigos d'uma tal transferencia, não faltou quem imaginasse que se tratava apenas d'uma campanha politica ou de interesses d'outra especie. A prova de que o acto do sr. Ramada Curto, o ministro da Fazenda responsavel por semelhante medida, foi desastroso para o paiz está na resolução agora tomada pelo governo brasileiro, embora já, por outros motivos e em virtude de outros factos, devesse estar plenamente feita perante a consciencia do publico.

Na realidade, a desgraçada medida do sr. Ramada Curto é porventura a causa primacial do tremendo desequilibrio financeiro em que nos debatemos e não será dificil demonstral-o.

A colonia portugueza no Brazil manda, segundo os melhores calculos, anualmente, importancia não superior a 2 milhões de libras. Suponhamos que, por intermedio da Agencia Financial, vinha 1 milhão, e por intermedio dos Bancos outro milhão. Isto significa que no periodo de 18 mezes, ou seja ano e meio, em que durou o regimen da Agencia Financial entregue ao Banco Portuguez do Brazil deveriam ter vindo para Portugal 3 milhões de libras. Vieram 8 milhões.

A' primeira vista o resultado afigurar-se-hia auspicioso, se não fosse forçoso reflectir que, visto não poder vir todo esse ouro do Brazil, evidente se tornava que o excesso de milhões de libras deveria provir d'alguma operação financeira manifestamente suspeita. O que tudo leva a crer é que esse excesso provinha da desvalorisação da nossa moeda, que se aproveitava para vender as libras na alta ao governo portuguez, cliente forçado e seguro.

A Agencia Financial acabou. O governo brazileiro tomou um pretexto, que infelizmente não pode ser impugnado, para acabar com um privilegio que só ao Estado portuguez era destinado, não podendo ser transferido para nenhum Banco.

Não deve surprehender-nos o facto. Quando se iniciou a campanha contra a renovação do contracto com o Banco Portuguez do Brazil, o ministro das Finanças que era então o sr. Cunha Leal ameaçou os seus contradictores com uma medida d'essa natureza. O que o ministro portuguez disse realisou-o o governo brazileiro.

Perdemos uma situação de favor que para nós redundava não só em vantagem material, mas em prestigio moral. A responsabilidade do facto cabe a um acto de pessima administração publica de cujas consequencias foram devidamente avisados os seus auctores. Não se quiz saber da opinião da imprensa. Quem sofre com isso não são os ministros que continuam a ser grandes estadistas: é o paiz, é a Republica que está á mercê do seu genio.

A carga do "Cheruskia"

O professor Ladislau Batalha teve hontem larga conferencia com o sr. dr. Matos Cid sobre este importante assunto em que desinteressadamente resolveu intervir. Diz-nos o nosso colaborador que reputa um crime de lesa sciencia a intangibilidade que alguns, na melhor das intenções, lhe querem atribuir.

Informa-nos tambem que essa intangibilidade durante cinco anos deve já a esta hora representar a obliteração dos rebordos de algumas das ounhas insculpidas em pedra molle. Estas inscripções cuneiformes que se conservam milhares de anos debaixo do chão, com facilidade se obliteram encaixotadas, por maiores precauções que tenha havido.

A guerra no oriente

O comando das tropas aliadas em Constantinopla

PARIS, 21.—Comunicam de Londres ao «Matin» que os governos francez e inglez estariam de acordo em confiar o comando das tropas aliadas em Constantinopla ao general inglez Harrington.—(H).

A ofensiva grega adiada

SMIRNA, 21.—O rei Constantino tem continuado a manter o seu quartel general em Cordolio, parecendo que a ofensiva grega será adiada em virtude das conversações de Paris. No entanto, continuam a desembarcar tropas gregas neste porto.—(H).

Entre a Polonia e os insurrectos

Uma barreira nitidamente estabelecida — O presidente do conselho polaco não quer aventuras para o seu paiz

O enviado especial do «Matin», Henry de Horab, escreve de Varsovia ao seu jornal:

Uma fronteira nunca é uma coisa linda—ha os guardas d'Alfandega, os passaportes, a revista das malas—mas não creio que haja nenhuma mais lugubre do que a que separa a pequena Republica alto-silesiana insurrecta da Republica polaca. Percorri á pé os tres quilometros que separam Schopoenitz (Alta Silesia) de Sosnowice (Polonia), seguindo uma estrada sem arvores, onde, a cada passo, eu fazia erguer uma nuvem de cinza e de pó de carvão.

Pela primeira vez pude verificar que a frase «as portas d'um paiz» não era uma simples figura de retorica. Depois de ter caminhado durante uma meia hora, encontrei-me com efeito, deante d'uma porta, uma especie de alta grade de madeira enegrecida e carumchosa e fechada por um enorme cadeado enferrujado. Do outro lado era a Polonia, ou antes uma extensa fila de veiculos, cujos cavalos imoveis e cheios de pó pareciam esperar ali havia muito tempo.

Custou-me imenso a transpôr essa porta. «A fronteira está fechada», respondium-me, sem quererem examinar o passaporte e outros documentos que mostrava por entre a grade. Finalmente consentiram em abrir a porta e acompanhar-me á habitação do comissario de Sosnowice, que me daria a indispensavel autorisação especial.

Em Sosnowice confirmam-me todos — especialmente os francezes — que esse bloqueio não era uma simples *mise-en-scène* mas uma realidade que explica em grande parte a amargura que os alto-silesianos sentem com relação ao governo polaco. A fronteira está em toda a parte estrictamente guardada e apenas raras licenças de exportar são concedidas para certa categoria de viveres.

Evidentemente Sosnowice está cheia de cabeças loucas com alma aventureira e patriotica que tentam passar contrabando e fazer chegar ás mãos dos insurrectos armas e munições: não o conseguem.

«Um senhor» que não designarei por outro modo assegurou-me que em tres semanas não se havia conseguido passar aos alto-silesianos senão duas metralhadoras, uma escondida n'um fardo de feno, outra debaixo d'uma porção de carne de porco. Uma vez, é facto, os insurrectos fizeram uma incursão em territorio polaco e depois de haverem subjugado as sentinelas conseguiram apoderar-se d'uma bateria de 75. Dois dias depois, perante as energicas reclamações do governo de Varsovia, foram forçados a restituil-a.

A passagem de voluntarios tornou-se egualmente dificilima e teve já consequencias tragicas. Ha dias, uns vinte rapazes, de 15 a 16 anos, alunos da escola de cadetes de Rodlin, tinham resolvido fugir para se irem bater na Alta Silesia.

Chegaram a Czenstochowa, onde um individuo lhes propoz facilitar-lhes a passagem da fronteira n'um sitio pouco vigiado. Depois de grande numero de voltas, fel-os cair n'uma emboscada em Stosstrup, onde foram todos massacrados.

Em Varsovia, onde passei tres dias para avaliar a repercussão na Polonia da insurreição alto-silesiana, verifiquei as mesmas divergencias entre a opinião publica e a atitude severa, prudente, desconfiada, direi mesmo, do governo.

Nas ruas, nos teatros, não se deixa de pedir donativos para a Alta Silesia, muitas vezes importantes, que chovem de todos os lados, mas o governo por seu lado nada faz.

Enquanto em toda a Europa as chancelarias estão em efervescencia, aqui os ministros continuam, como se nada existisse, a dar expediente aos pequenos negocios correntes e se falarem a um d'esses senhores na Alta Silesia responder-lhes-hão, em resumo, que isso não é com eles.

Na realidade, o governo polaco raras vezes teve ocasião de enunciar uma verdade tão verdadeira como quando afirma que nada tem com a insurreição alto-silesiana.

Creio, com efeito, que deve ter sido o ultimo a saber do que se passou e ainda hoje um vagomestre do 27.º de caçadores sabe, com certeza, mais acerca da situação alta silesiana do que a «rua Miodowa», o ministerio dos estrangeiros polacos.

*
* *

N'este ponto é preciso perguntar: porquê?

Não queiramos explicar essa neutralidade, essa abstenção quasi exagerada, pela indiferença ou pelo desinteresse. Tive a possibilidade de me convencer de que o sr. Witos, presidente do conselho polaco, que com certeza não é um imbecil, é um dos que melhor avaliam a importancia capital da Alta Silesia, mas, ao mesmo tempo, o sr. Witos é o ultimo homem na Polonia a desejar que o seu paiz seja lançado n'uma aventura perigosa.

Ao subir ao poder, tratou antes de tudo de liquidar a guerra polaco-bolchevista e o seu enviado-homem do mesmo partido e animado do mesmo espirito—assinou a paz de Riga, que deu á Polonia uma fronteira oriental.

Hoje, em que finalmente a Polonia se não bate nem com os russos, nem com os tchecos, nem com os alemães, nem com os lituanios, nem os ukranios, o sr. Witos consulta mais vezes o céu e o barometro que os telegramas em cifra que lhe levam.

A colheita de trigo e de betervala—prosperidade do paiz — apresenta-se magnifica e nunca ele se arriscaria a compromettel-a abrindo aos seus turbulentos administrados a porta-fronteira de Sosnowice. Sabe que na Prussia oriental a Srge ch se amontoa ameaçadora e que uma guerra polaco-alemã póde rebentar d'um momento a outro.

E' sem duvida uma grande sorte para a Polonia o ter n'este momento, a sua frente esse homem de blusa, mas é isso tambem um penhor de tranquilidade para a Europa.

Interessando-se o tratando da causa da Alta Silesia, a França póde ter a certeza de que a sua tarefa, tão dificil, não será complicada por qualquer procedimento importuno do governo de Varsovia.

PELO TELEGRAFO

Abalo seismico

MESSINA, 20.—Sentiu se um forte abalo seismico em Messina, na ilha do mesmo nome e em Reggio na Calabria.—(H).

Explosão de grisu—Mortos e feridos

HERNE (Alemanha), 20.—Houve aqui uma explosão de grisu. Dos 300 mineiros que estavam na mina subiram 120, contando-se entre eles muitos feridos. Até agora contaram-se 22 mortos. A mina ficou quasi completamente destruida.—(H).

Novos gabinetes ministeriais

VIENA, 20.—O presidente da policia, Schober, foi encarregado de formar gabinete.—(H).

CRISTIANIA, 20.—O ex-presidente de conselho Knudsen espera-se que organise o novo ministerio.—(H).

Reducção de ordenados

MONTREAL, (Canadá), 21.—As companhias ferro-viárias resolveram reduzir 12 % nos salários dos seus empregados a partir de 1 de julho proximo.—(H).

Nova conferencia entre os delegados francez e alemão

PARIS, 21.—Informa o «Echo de Paris» que os srs. Loucheur e Rathenau terão nova conferencia muito brevemente.—(H).

Tempestade, grandes prejuizos

MONTEPELLIER, 21.—Uma violente tempestade causou grandes prejuizos nas vinhas, tendo a camada de gelo atingido a espessura de 5 centimetros.—(H).

O filosofo Bergson

PARIS, 21.—Os jornaes desmentem a noticia de ter pedido a sua demissão de professor do colegio de França o filosofo sr. Bergson. Este informou que pedira simplesmente a sua reforma.—(H).

As rendas de casas no Uruguay

MONTEVIDEU, 20.—A assembleia geral regeitou o voto do conselho nacional de administração contra a lei que estabeleceu disposições ácêrca dos alugueres de casas de habitação e comerciais. Segundo a resolução daquela assembleia todos os alugueres voltarão á quantia em que importavam no começo do ano 1920.—(A).

Radiotelegrafia no Equador

QUITO, 20.—Está sendo estudado o estabelecimento de mais postos de radio-telegrafia.—(A).

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 20.—Cotação do café, 17$400; cambio s/ Londres, 7 e 7 1/16; valor do escudo portuguez, 1$170, 1$300 reis.—(A).

Banquete diplomatico

RIO DE JANEIRO, 20.—O ministro dos negocios estrangeiros, sr. Azevedo Marques, oferecerá ao ministro da Belgica um grande banquete por ocasião da sua partida para a Europa.—(A).

A valorisação do café brazileiro

RIO DE JANEIRO, 20.—Os governos dos Estados de S. Paulo e de Minas Geraes remeteram ao governo da União, respectivamente 15000 e 400 contos, destinados á valorisação do café.—(A).

Morte d'um diplomata

BUENOS AIRES, 20.—Morreu aqui o diplomata uruguayano Eduardo Azevêdo Diaz.—(A).

As dividas dos aliados á America

WASHINGTON, 21.—O Conselho de ministros discutiu o projecto de conversão dos creditos internacionaes pendentes, resolvendo propor ao Parlamento auctorisação, na sua proxima reunião, para converter os emprestimos feitos na America pelas potencias europeias durante a guerra em uma serie de cartas de credito, com determinado juro e escalonadas durante um numero relativamente grande de anos, as quaes poderiam facilmente observer os stocks do comercio americano.—(H.)

Apreensão de barcos hespanhois

FARO, 20.—Pela canhoneira «Lurio» foram hoje apreendidos mais 8 barcos hespanhoes que andavam pescando nas nossas aguas.—(H.)

Conferencias

No edificio da faculdade de medicina realisa amanhã, ás 21.30, o sr. dr. Carlos Santos (filho) uma conferencia, 2.ª parte, sobre o «Estado actual da radioterapia».

DIZE TU DIREI EU

Carta ao critico literario do "Diario de Noticias"

Ex.mo Sr. J. A.—Não sei se as orelhas de burro que V. Ex.ª expõe na sua critica de hontem ao livro «Nas horas vagas»... de Tito Marques, e que oferece a um «alguem» que não diz quem é, pretendem servir-me.

Eu, modesto critico, pão pão queijo queijo, sem maquilhagens nem reflexos de arco voltaico, com cara e luz natural—os que Deus me deu e felizmente me continua dando—, fui tambem dos que entendi que fazer versos nas horas vagas é sómente blasphemar a Arte, porque as horas vagas nunca poderão por si sós bastar a um Artista, para pensar na Arte. Precisa de todas as horas, vagas e não vagas. Só é Artista aquele que sabe fazer de todos os instantes da sua vida um momento de bom gosto.

V. Ex.ª concordará em que ser poeta nas horas vagas é relegar a Arte para um plano posterior. V. Ex.ª concordará, porque não é poeta das horas vagas; muito menos é vago nas suas horas de poeta..., o que sucede ao sr. Tito Marques.

E eu felicito V. Ex.ª porque essa é que deve ser a boa verdade.

Ora, no caso do sr. Tito Marques vê-se que as horas vagas apenas, não chegaram para fazer coisa de geito. Por outro lado e com grande prazer meu, reconheço tambem que V. Ex.ª afinal está d'acordo comigo! V. Ex.ª diz:

«As horas vagas—são, quasi sempre, horas inuteis, quando não são horas perigosas.»

As horas vagas do sr. Tito Marques foram inuteis, não é verdade? E foram tambem perigosas, deram mau resultado, não é verdade? Logo, o sr. Marques é um bom exemplo de que não se deve fazer versos nas horas vagas...

quod eramus demonstrandum.

De V. Ex.ª recalcitrante admirador

R. de V.

(critico literario)

s/c Lisboa—21. VI. 921.

Instituto dos Papilos do Exercito

Depois d'amanhã, a favor da Mutualidade dos Papilos do Exercito, realisam-se n'este Instituto festas com o seguinte programa:

1.ª PARTE—A's 14 1/2 horas: Corridas: 1.ª secção, bolos; 2.ª secção, pucaros; 1.ª secção, botas; 2.ª secção, ovos; 1.ª secção, argolas.

Realização das provas de gimnástica dos alunos da 2.ª secção que não se efectuaram no dia 10 do corrente: a) Corrida de estafetas; b) corrida de barreiras; c) corrida de 3 pernas; d) corrida de sacos; e) assaltos de esgrima.

Distribuição de prémios.

2.ª PARTE—A's 18 horas: Grande quermesse barracas de jogos e de surpresas, teatro «Grand Guinol», venda de sinas, mangericos, frutas, etc., danças e descantes populares por um gentil rancho de tricanas e saloios: a) Os teus olhos, b) Sarilho e dobadoira, c) Ao passar da barca, d) Cantigas ao desafio, e) Canções populares, f) O fado portuguez, g) Rapsódia do Minho.

Fogo de artificio e iluminação á portugueza.

A festa será abrilhantada pela orquestra dos alunos da 2.ª secção.

Importações e exportações francezas

PARIS, 21.—A estatistica das importações e exportações nos 5 primeiros mezes de 1921, comparadas com egual periodo de 1920, dão os seguintes numeros: Nas importações uma diminuição de 7 biliões de francos e nas exportações um augmento de 1.221 milhões, dos quaes 617 milhões em artigos manufacturados.—(H).

Marinha mercante alemã

BERLIM, 21.—Acham-se actualmente em construção nos diversos estaleiros de Hamburgo quarenta e cinco navios que se destinam na sua totalidade á nova marinha mercante alemã.—(H).

Os sinn-feiners em acção

O assassinio do general Lambert

DUBLIN, 21.—Os sinn-feiners mataram a tiros de revolver o general Lambert, comandante da 3.ª Brigada de Anthlore.—(H).

O ex-imperador da Austria-Hungria

BERLIM, 21—Informam da Suissa que o secretario do ex-imperador Carlos desmentiu categoricamente a noticia, que se considera tendenciosa, do proximo regresso á Hungria do antigo soberano.—(H).

Visitas régias

PARIS, 21.—Comunicam de Bucarest que o rei da Romenia visitará este verão Paris, Londres, Bruxelas e Roma e muito provavelmente os Estados Unidos.—(H).

A questão do jogo

Emquanto não é submetida ao exame do parlamento, adopte-se um regimen transitorio

No sabado passado publicou «A Capital» um artigo em que expunhamos franca e desassombradamente o nosso modo de ver sobre a questão do jogo.

Diziamos e afirmavamos que em Lisboa se joga, como de resto se joga em todo o paiz, sem que dai advenha o minimo proveito para qualquer obra de assistencia publica.

A confirmar o que tambem diziamos de que, de quando em quando, a policia dava um assalto, para afinal nada conseguir, veiu logo na noite de sabado para ante-hontem a diligencia da policia de informação, cercando casas suspeitas de darem jogo, entrando nelas, apreendendo algumas «fichas»—que nenhum valor, absolutamente nenhum, teem, porque é meramente convencional o que se lhe atribue nessas casas—e não efectuou prisão alguma, pois que o flagrante delicto não foi constatado.

Foi a propria policia que, sem detença, se encarregou de confirmar em tudo e por tudo quanto nós haviamos aqui dito e que hoje voltamos a repetir: joga-se em Lisboa, joga-se nos arredores da capital, joga-se em toda a parte.

E como nos não move, ao tratarmos este assunto, outro intuito que não seja o de concorrermos, embora com uma parcela minima do nosso esforço, para acudir a tantas e tantas instituições de caridade que por esse paiz fóra ou se viram forçadas a cessar a sua benefica acção, ou a restringil-a, por falta de meios, voltamos hoje a insistir no nosso ponto de vista.

O jogo é um vicio, ninguem o nega, nem o pode negar, mas, como todos os vicios humanos, absolutamente impossivel de reprimir por completo.

Tomem-se as medidas que se tomarem, adopte-se a maior severidade tudo isso não impedirá que se deixe de jogar.

Pois bem. Já que assim é, já que as experiencias até hoje feitas teem demonstrado d'uma fórma iniludivel que é, foi e ha de ser como dizemos, porque não proceder de modo a que, pelo menos, algum proveito se tire?

A Assistencia Publica luta com falta de verba. Hospitaes e asilos ou teem de fechar as portas e não admitir mais ninguem ou veem os seus fundos desfalcados, os que os teem, e teem de recorrer á caridade publica para a caridade exercerem. A miseria é grande, é horrorosa, e a caridade particular não pode ocorrer a tudo. Muito e muito faz ela.

A questão do jogo é uma das que fatalmente tem de ser submetida ao estudo do novo parlamento, como tantas outras que ha pendentes e que devem e hão de ser resolvidas para se regularisar e normalisar a vida portugueza. Não ha mesmo, embora isso peze a muitos, meio de iludir certas e determinadas questões, convençamo-nos todos d'isso.

Costumamos falar sem subterfugios e não ocultando a verdade, por isso a verdade dizemos.

Emquanto se não regularisa de uma vez a questão, adopte-se o regimen transitorio em que já no passado artigo falámos. Seria mais decente e mais moral até. Permita-se o jogo nos clubs frequentados por estrangeiros e pessoas de certa e determinada categoria, tributando-os, é claro, fortemente. Adquirir-se-ha assim uma elevada receita que virá beneficiar algumas centenas de indigentes e contribuirá para que as instituições de caridade possam viver um pouco mais desafogadamente.

Imoralidade! — clamar-se-ha. Não, ao contrario, moralidade. Para que havemos de nos querer iludir a nós proprios? Para que não havemos de dizer que se dá a ocultas o que assim, como dizemos, se daria ás claras?

Que se proiba, que se reprima com severidade o jogo em certas e determinadas casas, que se não permita o acesso ás tavolagens de algumas classes, plenamente de acordo, ainda que, devemos tambem confessa-lo sem rodeios, essas classes, por exemplo a operaria, quando não teem casas proprias para poder saciar o vicio, o vai saciar seja onde fôr, até mesmo nas tabernas. Mas daí a proibil-o em toda a parte vai uma grande, uma enorme distancia.

E estamos a dois dias da abertura da estação das praias. Ora convençam-se os puritanos, convençam-se os pseudo-moralistas que as praias e as termas sem jogo não teem vida, não teem animação.

Citámos já no sabado a Figueira da Foz. Hoje podemos, por exemplo, falar de Espinho. Essas duas praias são frequentadissimas pelos nossos vizinhos, os espanhoes. Quando em 1918 e 1919, para não remontarmos mais alto, o jogo foi tolerado mediante uma verba para melhoramentos locais e obras de beneficencia, a afluencia foi simplesmente extraordinaria. O ano passado já isso não sucedeu.

E porquê?

Porque, não encontrando uma distracção com que conte, não podendo satisfazer o prazer de jogar, o espanhol, e quem diz o espanhol diz qualquer estrangeiro, faz as malas e vai procurar a satisfação do seu gozo ali bem proximo, em San Sebastian, por exemplo, ou atravessa os Perineus e vae até ás praias francezas, onde póde jogar á sua vontade nos luxuosos casinos, sem que tenha receio de que a autoridade o vá interromper no meio do jogo e lhe peça contas do modo como ele entendende dever gastar o seu dinheiro.

E' esta a verdade e não valem objecções, seja de que especie e natureza forem, perante o que é inegavel.

Pense-se um pouco a serio no que acabamos de expôr e ver-se-ha que nos assiste toda a razão. Enquanto se não legisla devidamente sobre o assunto, adopte-se o regimem transitorio que preconisamos e do qual advirão vantagens incontestaveis.

Taxas postaes

Segundo nos consta vão ser modificadas as taxas postaes que actualmente vigoram para o estrangeiro. Regosijamo-nos com o facto, pois tal como estavam representavam um absurdo.

Chamamos a atenção do sr. Antonio Maria da Silva para a tabela em vigor para os jornaes, a qual trouxe um augmento para as empresas jornalisticas de 2.400 %. Só por um imprevidente lapso é que tal disposição entrou em vigor e uma vez que esse senhor vae apresentar ao sr. ministro do comercio uma modificação nas taxas postaes, justo nos parece que á imprensa fosse dada a satisfação devida, mantendo a antiga franquia para o estrangeiro.

Assim o esperamos, pois unicamente se trata d'um acto de justiça uma vez que á imprensa, sendo a alavanca do progresso, todos devem dar facilidades e não crearem-lhe atritos de tal ordem que a teem forçado a suspender as remessas para o estrangeiro.

A. J. Gomes Barbosa

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso ilustre compatriota sr. A. J. Gomes Barbosa, director-secretario da Camara Portugueza de Comercio e Industria do Rio de Janeiro, que, como noticiámos, vem a Portugal tratar da nossa representação no certamen internacional que na capital fluminense se realisará por ocasião das festas do centenario da independencia da Republica irmã.

Ao sr. Gomes Barbosa agradecemos e retribuimos os seus cumprimentos.

Gremio Excursionista do Monte

No proximo sabado, 26, realisa na rua da Graça, pelas 21 horas, o professor sr. Ladislau Batalha, uma conferencia em que se ocupará demoradamente do grave problema da Segurança social nos desastres. Entrada livre.

Um vagon-leito aereo

Está sendo estudado nos Estados Unidos um avião que deve assegurar o transporte de passageiros, de noite, no caminho de Nova York a S. Francisco.

Esse avião poderá, ao que parece, possuir 26 logares para o serviço de dia. A' noite, 20 logares serão desmontados e transformados em confortaveis camas, ao passo que 6 fauteuils ficarão disponiveis.

Um simples calculo permite estabelecer que 10 viajantes poderão estender-se ou deitar-se durante a noite. Mas que sucederá com os restantes dezeseis?

Dar-lhes-hão alguns bons logares de pé, como no Métro? Ou desembarcal-os-hão ao pôr do sol, a fim de continuarem a viagem por caminho terro?

A questão da Alta Silesia

A protecção das fronteiras é insuficiente

OPPELN, 20.—A protecção das fronteiras da Alta Silesia é insuficiente. Do lado dos alemães teem passado homens, camions, automoveis e um comboio blindado procedente de Francfort sobre-o-Oder; daqui resulta a necessidade que ha em reforçar os corpos militares alemães. O general Hoefer dispõe apenas de 40.000 homens.—(H.)

BERLIM, 20.—O sr. Carlos Laurent embaixador da França em Berlim, fez uma «démarche» junto do Reich a respeito da necessidade de aumentar as forças alemãs na Alta Silesia.—(H.)

O crime da rua de S. Julião

A policia de Segurança do Estado tem submetido a largos interrogatorios o arameiro Antonio Joaquim Rosa, acusado, como hontem noticiámos, de ter assassinado o caixeiro Antonio da Silva.

O Rosa continua incomunicavel e nega estar implicado em qualquer movimento monarquico.

A gréve dos electricos

E continuamos na mesma...

Não é exacto que o sr. coronel Freire d'Andrade ou a restante direcção da Companhia Carris de Ferro tivesse oposto qualquer dificuldade a que os carros se puzessem em andamento.

Sabemos mesmo que o sr. Freire de Andrade fez ao sr. presidente do ministerio o oferecimento de dar a sua demissão, se com esse facto se pudesse chegar á solução do conflito.

Que nos conste, hoje, pelo menos até á hora a que escrevemos, ainda não houve qualquer *démarche* da parte das entidades oficiais, para se chegar a uma solução, que livre a população lisboeta de andar por essas ruas esbaforida e pingando suor por todos os póros.

A' reunião do pessoal, como de costume, presidiu o sr. Carlos Fortes.

Na mesa foi lida um carta do sr. José Nunes Martins, comunicando vêr-se forçado a sair de Lisboa por motivo de doença de pessoa de familia e aconselhando a todos a união, firmeza e coragem até aqui mantidas.

E' tambem lida na mesa a seguinte declaração:

«O pessoal da Companhia, revisores e expedidores, reunidos para apreciarem o caminho á seguir em face das medidas violentas que se anunciam, resolvem, debaixo da sua palavra de honra, não retomar o trabalho sem que o *comité* o ordene, conscios de que assim cumprem um dever de solidariedade».

O sr. Manuel Rola, falando ácerca d'essa declaração, aconselha a todos a maior solidariedade, provocando essas palavras palavras durante momentos, os mais entusiasticos vivas á continuação da gréve, á comissão de melhoramentos e ao Comité Central.

O presidente exalça o gesto de hontem de todo o pessoal da Carris, recusando-se na totalidade a retomar o serviço, depois do convite feito pela Companhia, e diz que desde que o pessoal conserve a união até aqui mantida, a vitoria será um facto dentro de poucos dias.

O sr. Manuel de Almeida Lópes diz que hontem 16 agentes da Segurança do Estado foram a Santo Amaro tomar nota dos nomes e residencias dos membros da classe mais em evidencia no movimento.

O sr. Armando Martins começa por dizer que finalmente 3 vezes 9 são 27 noves fóra nada, pois que a situação é a mesma.

Elogia depois a leal atitude dos revisores cuja solidariedade vem em absoluto desmentir o que para ahi se andava propalando de que seriam os revisores quem iria habilitar o pessoal que se recrutasse para tripular os carros.

O coronel sr. Freiria declarára que custasse o que custasse, os carros estariam hoje na rua, mas o certo é que eles não chegaram ainda a sair.

E se eles, porventura, amanhã, fossem tripulados por elementos estranhos á classe, nada receem de violencias ou ataques á bomba dos grevistas, que as unicas bombas que estes possuem são a palavra e a razão.

Não será necessario que a policia procure os membros da comissão para os prender, porque eles, desde que saibam que os querem prender, para pouparem o trabalho de os procurar, irão entregar-se á prisão.

Espera que o triunfo do movimento venha a ser um facto.

Na ultima greve, a sua persistencia e a sua união foram os principais factores para a victoria das suas reclamações, esperando agora que a mesma união e a mesma persistencia sejam o triunfo da actual luta.

Comunica á assembleia o subito ataque de doença do membro da comissão de melhoramentos sr. Claudio dos Santos, um dos elementos mais valiosos da classe.

O sr. José Augusto Martins fala largamente, incitando todos a que não abandonem a maior firmeza e a maior serenidade.

Depois de voltar a falar o presidente a sessão foi encerrada, ouvindo-se entusiasticos vivas á gréve, sendo a nova reunião marcada para amanhã a mesma hora.

Durante a sessão foi lida a seguinte nota do comité central:

«Prezados camaradas»—Decorridos 19 dias de gréve, mais uma vez o vosso comité vos informa que o movimento continua com a mesma persistencia e ainda com dados mais seguros para garantir uma victoria que a passos agigantados se aproxima.

«Camaradas»—Pelos seus delegados de comunicação pode o vosso Comité informar-vos que os nossos colegas revisores e expedidores tomaram uma atitude digna de registo, para deliberarem sobre palavra de honra não retomar o trabalho sem que este Comité o ordene.

Tal atitude significa esses camaradas, os unicos que o governo julgava ter a seu lado para furar o justo movimento da classe.

«Camaradas»—Tambem é digna de registo a atitude tomada pelos maquinistas da geradora e encarregados que se encontram ao serviço e que não damos a publico para não estorvar a acção d'esses camaradas.

Contudo n'este pé, com o excelente moral da classe nada temos a receiar, porque quer queiram quer não queiram a victoria tem de ser um facto.

«Camaradas»—Mais nos informa este Comité que correndo o boato de perseguição a elementos da classe e como os mais perseguidos sejam os componentes da comissão de negociações, encontram-se já constituidas duas comissões para substituir aq eles que venham a ser detidos.

«Camaradas»—O vosso Comité termina por vos saudar e incitar-vos a continuardes na luta até completa satisfação das nossas reclamações.

VIDA SPORTIVA

NO TEATRO POLITEAMA

BOX

Tres combates internacionaes vão realisar-se de colaboração com o jornal «Os Sports»

O nosso meio sportivo começa a movimentar-se com a noticia que ontem demos da reunião de box que no proximo domingo se realisa em matinée no teatro Politeama.

Teem razão os amadores da «nobre arte» porque de facto é a primeira vez que entre nós se confecciona um programa que inclue tres grandes combates internacionaes, apresentando-se em publico os nossos melhores profissionaes: Silva Raivo, campeão de Portugal, Faustino Pereira, antigo campeão amador e Oscar da Silva.

Estes tres homens vão no proximo domingo combater contra tres estrangeiros de categoria.

Os combates estão equilibrados tanto em peso como em sciencia. Os promotores vão — pondo de parte os pesados encargos — fornecer um magnifico programa, como se vê, cuja organisação está a cargo de distintos amadores, de colaboração com o bi-semanario «Os Sports».

Que melhor garantia para o publico?

Os organisadores propõem-se não só organisar uma reunião, mas instalar definitivamente o nobre sport nos habitos do nosso publico, fazendo encontros com sinceridade e não admitindo a combinação tão usada nas ultimas exibições.

Os tres portuguezes vão ter homens de valor deante de si: Silva Raivo combaterá contra um francez, Oscar da Silva contra um inglez e finalmente Faustino Pereira contra um hespanhol. Tanto o boxeur francez como o inglez é a primeira vez que veem a Portugal.

O sarau de terça feira no Coliseu dos Recreios

E' na proxima terça feira que o Lisboa Ginasio Club vae efectuar no Coliseu dos Recreios o seu sarau anual.

O programa é dos melhores que se teem realizado; todos os professores do club e amadores se apresentam em numeros da alta ginastica, atletica, sports de combate, etc.

Citaremos hoje os numeros de jogo do pau entre dois meninos de 7 e 8 anos Artur Alvaro dos Santos e Fernando Sá Pessoa da Silva Amaral, e esgrima entre a classe do club apresentada pelo coronel Ferraz, contra os nossos amadores e mesmo profissionaes.

Apresentamos a esse nosso amigo os nossos cumprimentos de boas vindas.

João Rosa Brito

Encontra-se entre nós, vindo de Manchester, o boxeur amador sr. João Rosa Brito, que deve apresentar-se brevemente em publico combatendo

Campeonato de box sul-americano

BUENOS AIRES, 20.—No mês de outubro proximo disputar-se-ha o campeonato sul-americano de box de todos os pesos. Entre os concorrentes figuram o argentino Luiz Firpo e o uruguaiano Angelo Rodriguez. O primeiro premio é de 45,000 pesos.—(A.)

NOTICIARIO

No dia 28 do corrente reune a assembleia geral extraordinaria da Associação de Foot-Ball de Lisboa para os fins seguintes: Apreciar os motivos e resolver sobre o pedido de demissão colectiva da direcção.

Movimento associativo

Assistencia infantil da freguezia de Santa Isabel.—Deu o seguinte resultado a eleição, ante-hontem realisada, dos corpos gerentes:

Direcção: — Efectivos: — Alfredo Eduardo Neves, Alfredo José Cardoso Gonçalves, João Antonio de Araujo, João Antonio dos Santos, João Carlos da Costa, José Henriques e Manuel Cardoso Gomes; — suplentes: — Joaquim Nascimento, Alfredo José da Fonseca, Carlos Costa, Henrique Afonso Pires, José Martinho dos Santos, Manuel Alves da Silva Neves e Salvador Saboia.

Comissão de Finanças: — Efectivos: Eugenio Costa, Francisco Lourenço e Manuel Nunes Ferreira; — suplentes: — Antonio Fagundo da Silva e Antonio Pereira Marques.

Comissão Pedagogica: — Efectivos: — Alfredo Marinho da Silva, Antonio Miguel da Silveira Moniz e Armando Cirilo Soares; — suplentes: — João Gomes Leite e Antonio Coelho Duarte.

Assembleia Geral: — presidente, Carlos Simões Torres; vice-presidente, Antonio Augusto Ferreira, 1.º secretario, Alberto F. Santos, 2.º secretario, Antonio Henriques.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Apoz doloroso sofrimento faleceu a sr.ª D. Maria Carolina Broa, de 21 anos, filha de sr.ª D. Mariana Broa e do sr. José Lourenço Broa e cunhada do comerciante sr. Manuel Marques Abreu. O funeral realisa-se amanhã, da rua José Estevão, 63, 2.º para o cemiterio oriental.

Festas associativas

ACADEMIA RECREIO ARTISTICO—Depois d'amanhã, efetua-se n'esta velha Academia, uma recita desempenhada exclusivamente por elementos do respetivo grupo dramatico, para apresentação do seu novo ensaiador sr. Francisco Moreira, conhecido amador dramatico, de largos conhecimentos artisticos.

Sobem á scena as peças: *Ramo de Rosas* (opereta em 2 atos) e *Missa Nova* (peça em 1 ato em verso).

Em seguida haverá deslumbrante baile, abrilhantado a quarteto.

ACADEMIA RECREATIVA DE LISBOA—Depois d'amanhã, ás 21.30, ha baile abrilhantado por uma fanfarra e á meia noite queima da alcachofas, distribuição de sinas e morcela *aux flambeaux*. Haverá um concurso de cravos com pensamentos.

LISBOA-CLUB—No domingo 3 de julho, realisa-se n'este club um sarau dramatico, sportivo, musical e dansante, promovido pelos amadores D. Clotilde Moreira e Francisco H. dos Santos e Vasco de Sousa, dedicado ao corpo de escoteiros da Cruzada das Mulheres Portuguezas e em que tomam parte diversos artistas, entre os quaes os acrobatas e equilibristas «Os Emilios».

Salão Central

Despede-se hoje do publico o magnifico «film», em series, «O touro bravo», exibindo-se completo, acompanhado da bela pelicula de aventuras em 5 actos, «O Grande Hugo», colossal trabalho do extraordinario actor atleta Salisbury.

Amanhã, outra novidade: estreia-se na matinée o «film» em 4 series, «O Misterio do Escafandro», recheado das mais interessantes situações, que muito prendem o publico pela novidade que apresenta.

Bancos & Companhias

COMPANHIA DA ROÇA VISTA ALEGRE.—Do relatorio da gerencia do ultimo ano vê-se que os lucros foram na importancia de 9.287$93, a que a direcção propõe a seguinte aplicação: para fundo de reserva, 9.287$79; dividindo ao capital, 76.400$00; direcção e conselho fiscal, 3.678$92; para conta nova, 3.516$22.

COMPANHIA «COIMBRA» DE SEGUROS.—O saldo da gerencia do ano passado foi de 12.400$00, sendo proposta para reserva legal 1.240$000 para dividendo de 100 $ 5.000$00.

Touradas

PRAÇA DE TOMAR.—Em beneficio do hospital da Santa Casa da Misericordia realisa-se no proximo domingo uma corrida, sendo o curro dos lavradores da Golegã Tèrré & Irmão, cavaleiro José Casimiro de Almeida e bandarilheiros Teodoro Gonçalves, Custodio Domingos, Agostinho Coelho, Francisco Rocha, Mateus Falcão e Rodrigues Raposo. O grupo de forcados, do Ribatejo, tem como cabo Raul Salgado e abrilhanta a corrida a banda do regimento de infantaria 15, tendo sido convidado a assistir o sr. ministro da guerra.

A secção tauromaquica dos «Sports». — Em consequencia da gréve dos tipografos que fez suspender a publicação do «Sports», não teem saido as resenhas das ultimas corridas de touros. Depois d'amanhã será publicado algumas, continuando a sair no numero de domingo a da vida sportiva de que o nosso pais tanto precisa.

Assim os leitores dos «Sports», uma grande parte dos quaes são aficionados, não perdem o ensejo de apreciar as resenhas das corridas, que tantas e tantas vezes dão, origem a violentas discussões.

A provincia n' «A Capital»

CASTELO BRANCO, 20.—O Parque Desportivo (ex-quinta do Bispo) está despertando entusiasmo em todas as classes sociaes. Já ali funcionam varios jogos os quaes teem sido muito frequentados, devendo tambem ainda este mez abrir o cinema ao ar livre, em que o Salão Olimpia desta cidade apresentará os mais excelentes films, para o que o seu proprietario, o sr. Tomaz Mendes da Silva Pinto, está empregando os melhores esforços.

O Parque Desportivo é, sem duvida, um excelente melhoramento recreativo para Castelo Branco e representa mais um valioso elemento para o desenvolvimento da vida sportiva de que o nosso pais tanto precisa.

TOMAR, 19.—No proximo domingo, 26, vem a esta cidade o sr. ministro da guerra fazer a imposição das insignias da Torre Espada e medalha de ouro de valor militar na bandeira do regimento de infantaria 15.

Preparam-se grandes festejos, devendo assistir a cerimonia oficiaes superiores do C. E. P. e contingentes de todas as unidades do 7.º divisão.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Sociedade anonima-Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 934.365$00

Nos termos do artigo 13.º dos Estatutos se faz publico que no sorteio das obrigações da série «Mirandela-Bragança» a que se procedeu em 15 do corrente, saíram sorteados os numeros: 42.090 a 42.100, 45.906 a 45.910 e 49.011 a 49.015.

O pagamento dos juros e amortisação destas serie relativo ao 1.º semestre de 1921 (coupon 36), começará no dia 1 de julho p. f. em Lisboa, na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, 39, 1.º, das 11 ás 14 horas, e continuará em todos os dias uteis até 15 do referido mez, excepto aos sabados e depois ás sextas-feiras para as relações conferidas em cada semana. Este pagamento tambem se realisa no Porto na Filial do Banco Nacional Ultramarino.

No acto do pagamento será descontada a avença de contribuição de registo que for devida e o emolumento de 5 por cento nos termos da lei.

Lisboa, 17 de junho, de 1921.

O Director de Serviço,
Pedro Joyce Dinis.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

O teatro e a imprensa.

Do nosso colega Oldemiro Cezar transcrevemos o justo trecho que se segue:

Quando nos chegou a vez de abordarmos o caranguejo que ao guichet faz serviço de bilheteiro com todos os vagares-proprios desse apreciavel crustáceo, muito amavelmente nos endossaram para o guichet contiguo onde o bicho, com taes vagares, já de novo engrossara. Nessa conformidade, ante a perspectiva de conseguirmos emfim alcançar o bilhete... por alturas do ultimo acto da peça, desistimos e viemos embora. A paciencia é virtude que não abunda por cá, como a diligencia dos bilheteiros de S. Carlos não se salienta por lá.

E porque será que para os jornais, á maneira das terras civilisadas, se não manda directamente o bilhete em noites sensacionais de premiére?

Com vista ás respectivas empresas e aos criticos interessados que nada teriam a perder se soubessem, em materia da sua profissão, abdicar um pouco menos dos seus incontestaveis direitos.

Isto faz-se em terras de gente, e aqui entre nós, no Coliseu dos Recreios, por outro processo tambem muito aceitavel e apreciavel—o da indicação da bilheteira para servir a imprensa.

Mas como as empresas convem lançar impostos de sêlo, variaveis segundo as suas crises financeiras, aos portadores dos bilhetes de jornais, está explicada a razão por que todas teimam em fazer de nós seus humildes servos, atentos veneradores, muito obrigados...

Pela nossa parte estamos inteiramente de acordo com o nosso colega. Já aqui temos protestado bastantes vezes contra o facto de se abusar da imprensa, compreendendo os *criticos teatraes* que vão ao teatro em serviço, a maior parte das vezes util para as empresas. A pouco e pouco com persistencia consegui-se-ha qualquer coisa. Bastaria para isso uma união estreita entre todos, uma orientação sobre assuntos exclusivamente dizendo respeito ás relações com as empresas, para que factos como os que Oldemiro Cezar aponta, não se dessem.

E quanto ao pagamento do bilhete ninguem se entende. O bilheteiro do Apolo leva-nos 40 centavos pelo logar, outros levam 20 centavos e alguns 15. E já se foi embora o sr. Carlos Borges... o peor é que deixou discipulos.

Emfim talvez para o ano, para a epoca de inverno consigamos qualquer coisa, das futuras e ainda não descobertas empresas.

Armando Ferreira.

Festas Artisticas

O actor Francisco Cruz, do teatro Salão dos Anjos, realisa no dia 27 a sua festa artistica, naquele teatro.

Artista muito interessante e muito conhecido no seu meio, juntando ás suas reais simpatias o programa atraente que se segue, é justo prever que terá uma bela casa e uma noite alegre e festiva na pequenina boceta do Salão dos Anjos.

Constitue o espectaculo dessa noite o seguinte:

1.ª PARTE: A comedia em 1 acto «Hotel Modelo» por distintos amadores do Grupo Dramatico «Os Lirios».

2.ª PARTE: Certamem de fados pelos srs. Pedro Rodrigues, José Bacalhau, Alfredo Correeiro, Antonio Lado, Artur do Intendente.

3.ª PARTE: Acto de variedades pelos artistas: Francisco Cruz, Pais Condessa, Alexandre Ferreira, Luiz Madrugo, Sulamitha, Silva, Adelina de Abreu e o popular excentrico musical «Pedro d'Artagnan» que por especial deferencia para com o beneficiado se digna tomar parte no espectaculo.

Palcos e salas particulares

CLUB ESTEFANIA —A princeza dos dollars

Realisou-se no sabado passado a segunda recita neste club com a opereta *Princeza dos Dollars.*

Não nos competindo a nós por se tratar dum espectaculo particular referir-mo-nos á representação, não deixamos porém de louvar os registos um louvor a quem teve a excelente ideia de levar no simpatico teatrinho a encantadora opereta de Lehar.

Um conjunto harmonioso, coros afinadissimos com belas gargantas, marcação cheia de carinho, e canto entregue a semi-profissionaes e amadores que pelo lado vocal nada ficaram devendo a muitos artistas.

Manuela Pinto Bastos, Gamboa, Bizarro, a pequenina Pego, e Conte Real, a quem tambem se deve a mise-en-scène, fizeram passar aos habitantes da simpatica cidade da Estefania, uma noite agradabilissima.

No sabado repete-se.

A. F.

Noticiario

Entre nós

Estão ainda muito confusas as noticias sobre a futura epoca de inverno. Diz-se assim que Palmira Bastos seguirá em tournée para as ilhas e Brazil, indo para o Avenida a actriz Lucilia Simões e Lucinda. No Nacional ficam os que estão, com modificações. Para o S. Luiz virá Grenilda d'Oliveira. E no S. Carlos, se é seguinte em continuarão até á «opera» Rey Colaço e Robles Monteiro.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21 h.—«Zilda».
NACIONAL—A's 21 h.—«O Cardeal».
AVENIDA—A's 21,15 — «O coração manda».
GINASIO—A's 21,30—«A cadeia de Ciumes».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30 —O film «Barrabas».
GIL VICENTE —Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa dojardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Noticias da Capital

PROEZAS DA GATUNAGEM.—O sr. Luiz Nobre, socio da firma Nobre, Joaquim & Garcia Ltd., com séde na rua 24 de Julho, 68, apresentou queixa de que os gatunos se introduziram no seu estabelecimento por uma janela, roubando um relogio de parede, uma pele de vitelo de côr, amarela e algumas ferramentas, tentando tambem arrombar o cofre, o que não conseguiram.

—A José Marques, morador na Estrada das Amoreiras, Quinta do Patacão, recusa-se José Batata, morador no Campo Grande, 330, a entregar-lhe a quantia de 132$00 que lhe tinha dado a guardar.

—Antonio Nunes Gomes, da rua Marquez Sá da Bandeira, 37, foi preso por ter furtado a Jeronimo Augusto, morador na rua Vieira Lusitano, 12, cave, uma corrente de ouro e um relogio de prata no valor de 92$00.

—Joaquim Fernandes, morador na rua Alves Correia, 233, queixou-se á policia de que Henrique Pimentel lhe furtou objectos no valor de 126$00.

—Finalmente, queixou-se Dario Manuel Nobre, 2.º sargento de artilharia de costa, de que lhe tinham roubado a carteira com 180$00.

MENOR QUE FOGE.—A policia procura a menor de 12 anos Maria do Sacramento, que fugira de casa de seus amos no dia 13 do corrente.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos, putrido ou parasitarios;—nas preverções digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada, como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Alem d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 13 horas, do dia 25 do corrente mez de Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Mamede ao Caldas, 63, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1,60-3, 50; largura minima de 0,25 e espessura de 0,10 a 0,16.

O preço a indicar será por cada uma tonelada de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro ou dentro de barco acostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em sobrescripto fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmos».

O concorrente a quem o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido quando se dê por concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatario possa fazer qualquer reclamação ou ainda o de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.

O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes
(a) *Feio Terenas.*

Albino José Batista

Faleceu

Mario José do Carmo Batista, José Maria Batista, Laura Batista Cravador e seu marido e filha, Ermilia d'Oliveira Batista e seus filhos, Clara Batista Cravador e seus filhos (ausentes), Domingos Batista Cabeça e sua mulher e mais familia participam a todas as pessoas d'amizade de suas relações o falecimento do seu querido marido, pae, avô, sogro, irmão e tio e que o seu funeral se realisa amanhã, 22, ás 14 horas, saindo o prestito funebre da casa de sua residencia, rua Nova do Almada, 100, 4.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas secos e humidos, as doenças do utero e ovario, molestias dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo e unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral-Farmacia Luso Brazileira-Fraça de S. Paulo, 20 e 23-Telef. 1676.

A CAPITAL

3814 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escriptorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 22 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Programas eleitoraes

O primeiro partido que apresentou ao publico o seu programa eleitoral foi o Partido Reconstituinte.

Só temos que louva-lo por semelhante facto.

Os partidos teem a obrigação de patentear ao eleitorado as suas plataformas politicas e administrativas. Só em Portugal e em certos paizes atrasados, é que se vê ser tratado o paiz como terreno conquistado.

E' com verdadeira magua que ha muito tempo assistimos ao espectaculo que os nossos pessimos costumes politicos nos dão, aparecendo eleitos candidatos que nem sabem o que vão fazer, nem se colocam em contacto com os eleitores, devendo apenas ás influencias partidarias aquilo que deviam grangear pelo valor das suas idéas e pelo civismo da sua conducta.

Agora mesmo estamos vendo que já se trata de reconduzir ás cadeiras de S. Bento quasi todos os parlamentares que foram obrigados a abandona-las pelo decreto da dissolução. Sem duvida alguns d'eles bem merecem essa recondução, mas uma grande parte deu taes provas que nunca mais lá devia entrar, porque essas provas foram absolutamente negativas para a austera missão do legislador.

Não? Os partidos não teem o direito de reclamar a benevolencia dos eleitores, só pelo facto de serem partidos constituidos. E' preciso que se pronunciem sobre os maximos problemas nacionaes, assim como é preciso que recomendem ao eleitorado, não nulidades, mas competencias.

O facto de a campanha eleitoral estar despertando vivo interesse, e todas as correntes politicas procurarem uma sanção da soberania popular, só nos pode ser agradavel, e da mesma forma nos satisfaz o facto de os partidos começarem a apresentar os seus programas, para que sobre eles recaia uma votação consciente.

O programa reconstituinte tem afirmações dignas de todo o aplauso. A primeira, e a essencial, é a de que esse Partido é absolutamente adverso a golpes de Estado, á pratica do arbitrio e ao regimen do poder pessoal. Dis tambem o programa: «O combate systematico, desordenado e destruidor, já ha muito que devia ter sido abolido, como meio de manifestar o desacordo com os governos.» Perfeitamente de acordo. Toda a doutrina que tenda a não pactuar com extremismos de qualquer natureza, é louvavel, é sã, é genuinamente republicana, porque a Republica, consoante as circunstancias sociaes do nosso tempo o impõem, é um regimen de moderação e de equilibrio.

Acabar com os actos de ferocidade, dignos de apaches e não de cidadãos que se reclamam da dignidade republicana; acabar com a agressão, com o doesto, com a calunia, erigidos em meios de combate pretensamente licitos, é assegurar não só o futuro das instituições, mas a verdadeira paz social.

Não se diga que o povo é brutal. Brutaes são os sectarios que desejariam exterminar todos aqueles que não pensam como eles,—se é que eles pensam—não curvando a fronte diante dos seus idolos, nem prestando-se ás suas baixas subserviencias. Essas creaturas deshonram todos os regimens e não representam nenhum.

Agora vê-se que os partidos teem de ir para as urnas, não com aparições jacobinas, mas com promessas de ordem, de tolerancia, de moderação, e de legalismo. Tanto melhor.

Um exemplo a seguir

O governo belga e o problema da habitação

BUXELAS, 21.—O governo começou a campanha contra a alta das rendas das casas, limitando os aumentos a 30 e 40 % sobre as rendas de 1914. Uma nova lei proibe o despedimento dos inquilinos e dá ás comunas a capacidade de requisitar as casas devolutas. Foi concedido um credito de 125 milhões para as emprezas construtoras de casas baratas, que alugarão a 40 francos mensais casas com 6 divisões casa do banho e aquecimento. Espera-se ter 10.000 destas casas prontas á entrada do inverno.—(H.)

Congresso Beirão

Da Comissão Central deste Congresso recebemos uma carta agradecendo a nossa cooperação para que resultasse brilhante o congresso, e para nos pedir futuro auxilio na sua missão.

Como sempre a «Capital» está sempre disposta a trabalhar por qualquer rincão da nossa terra que é em sumatorio, trabalhar por Portugal.

Faculdade de Medicina de Lisboa

Realisa hoje pelas 21,30 horas, uma conferencia (II.ª Parte) sobre o «Estado actual da Radioterapia», o sr. Carlos Santos filho, na séde da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Noticias da America do Sul

As finanças brazileiras

RIO DE JANEIRO, 21.—O ministro das finanças pôs á disposição do tesouro de Londres 48.517 contos em ouro para as despezas feitas em paizes estrangeiros.—(A).

As exportações do Brazil

RIO DE JANEIRO, 21.—A exportação dos mezes de janeiro a abril do corrente ano foi a seguinte: carnes congeladas 45.450 contos, manganes 12.772 contos, assucar 38.080 contos, tabaco 22.593 contos, e nos mesmos mezes do ano de 1920 foi respectivamente de 26.446 contos, 3.725 contos, 22.109 contos, 5.058 contos.—(A).

Relações diplomatas

RIO DE JANEIRO, 21.—A camara do comercio belga ofereceu um banquete ao ministro da Belgica ao qual assistiram muitas entidades oficiaes e comerciaes.—(A).

Conspiradores?

LA PAZ, 21.—Jorge Vargas Gusmam, Rogerio Etchenique e Luiz Araos foram presos por suspeitos de conspiração, tendo-se definido bem as responsabilidades de cada um.—(A).

A Italia vende material ferro-viario

QUITO, 21.—O governo vae contratar com uma firma italiana uma importante compra de carris e outro material ferro viario.—(A).

Operarios e patrões

SANTIAGO, 21.—Os operarios padeiros fizeram uma grande manifestação contra o «lookout» dos patrões que em alguns sitios foram apedrejados e em frente da padaria espanhola de José Pla houve vivo tiroteio resultando varios feridos.—(A).

As cotações no Brazil

SANTOS, 21.—Café tipo 4, 14$000; vendidas 18.000 sacas, ficando um stock de 2.838.416.—(A).

Lêr amanhã:

"Os Sports"

Em Hespanha

Suicidio ou crime?

MADRID, 22.—No parque do Retiro foi encontrado estendido e morto em resultado de ferimento por arma de fogo, o tenente coronel de Estado Maior Castro Gerona. O cadaver foi encontrado por um guarda do Retiro.—(A).

Movimento diplomatico

Parece confirmar-se a noticia do anunciado movimento diplomatico nas legações de Roma, Madrid e Berlim.

E' realmente pena que o ilustre titular da pasta dos estrangeiros persista num erro anterior e que grande parte da imprensa tem verberado.

Parece desconhecer-se em absoluto, as condições actuaes da Europa, para que se não arrume, de vez, esse caso das legações. Arrumando-se, é claro, em harmonia com os interesses de Portugal e não com as conveniencias e interesses pessoaes. Os postos a ocupar são postos de honra.

Madrid é hoje uma legação de suma importancia. A necessidade duma politica rasgadamente economica, a necessidade dum entendimento perfeito entre os dois paizes, deveriam ser tomadas em conta para o seu provimento. E embora pela sua situação pudesse ser ocupado por um diplomata fóra do quadro do ministerio era mister que, ao contrario, fosse provida num diplomata de carreira. Com Berlim sucede o mesmo. A legação de Berlim é hoje de excepcional importancia. Desnecessario se torna encarecê-la.

O sr. Melo Barreto melhor o sabe do que nós, já pela sua situação de ministro dos estrangeiros, já pelas suas qualidades pessoaes de estadista e homem culto.

A ida para Berlim representa um sacrificio a quem bem quizer servir os interesses nacionaes. Posto de honra demanda um alto conhecimento da situação e um conjuncto de qualidades excepcionaes. O indigitado ministro em Berlim sr. dr. Conceiro da Costa não era a pessoa mais indicada para ocupar esse posto. Pessoalmente muito estimavel, fervoroso republicano, não reune, contudo, e com magua o dizemos, a soma de qualidades e conhecimentos para o desempenho dum cargo de tão alta importancia. Berlim não qualquer legação perdida na Europa. E' dos mais importantes postos da nossa diplomacia. Porque não ha-de, por isso, colocar-se os interesses nacionaes acima de tudo o mais?

O ilustre ministro dos estrangeiros prestaria ao paiz um alto serviço, libertando-se de erros anteriores e nomeando quem, pelos seus serviços e pelos seus conhecimentos especiaes fosse uma sólida garantia de que os interesses nacionaes eram brilhantemente zelados.

A gréve dos electricos

O sr. Armando Martins diz esperar apresentar na reunião de amanhã ou dia seguinte um documento em que se proporá o regresso ao trabalho

Presidiu á sessão de hoje, que abriu á hora do costume, o sr. Jaime Batista, secretariado pelos srs. Antonio Seixas Junior e Pascoal Soares.

O sr. Armando Martins, declara estar plenamente convencido de que a victoria está certa, pois que a união e disciplina até aqui mantidas são o melhor baluarte da classe em gréve. A gréve hade continuar até á satisfação completa das reclamações da classe, sem desfalecimentos e sem receios de ordem alguma.

Por ultimo declara que espera amanhã ou no dia seguinte trazer ali á sanção da assembleia qualquer documento em que será o pessoal convidado a retomar o trabalho mas nas mesmas condições em que foi abandonado.

Propõe a nomeação duma comissão de 5 membros, representantes dos diferentes secções do serviço para que se vá informar do estado de saude do camarada sr. Claudino dos Santos e em que condições monetarias se encontra para que não venha a sofrer privações, fazendo o elogio desse membro da comissão de melhoramentos.

O presidente lembra que todos que venham a fazer ali uso da palavra façam apenas afirmações concretas.

O sr. Antonio dos Santos Junior diz que se de facto o sr. Armando Martins ou qualquer outro membro da comissão de melhoramentos fôr perseguido ou preso ele será o primeiro tambem a entregar-se á prisão, no que por todos é calorosamente apoiado.

E' lida na mesa uma carta do sr. Claudio dos Santos, comunicando que o seu estado de saude ainda lhe não permitiu assistir á sessão de hoje, mas que estaria em alma e coração com as resoluções ali tomadas, acabando por recomendar a todos os seus camaradas a mesma união e a mesma firmeza.

Tambem é lida na mesa uma carta do sr. José Nunes Martins saudando os revisores pela sua atitude e todos os camaradas ali presentes.

O sr. José Augusto Martins, fala sobre a organização operaria, propondo depois uma saudação aos ferro-viarios do Sul e Sueste, esperando a maior ordem e a maior disciplina pois que o triunfo está já proximo.

Diz regosijar-se com as declarações do general Freiria de que não assumiria uma atitude violenta contra os grevistas porque o pessoal superior da Carris, os revisores, vieram tambem dar a sua inteira adesão ao movimento tomando um compromisso de honra nesse sentido e que não poderia pôr os carros na rua tripulados por militares porque aqueles para serem postos a circular seria necessario mandar vir da America as peças que lhe faltam para o seu devido funcionamento.

O sr. Francisco dos Santos, afirma que se os membros da comissão forem presos irão todos entregar-se á prisão porque a causa não é só de alguns mas sim de todos, diz estranhar que a Companhia perfilhando as suas reclamações os fosse convidar a retomar o trabalho nas mesmas condições em que foi abandonado.

As reclamações do pessoal da Carris são as seguintes:

«Augmento de 2$50 para maiores de 18 anos, 1$50 para menores de 18 anos, que o pessoal reformado seja estipulado metade do salario que aufere o pessoal em serviço.

Equiparação do salario do pessoal de barbearia aos seus colegas do industria e que desde já a Companhia comece a descontar 6 por cento sobre o total de salarios para a Caixa de Reformas e Pensões como o estipulado no decreto com força de lei n.º 5638.»

S. Carlos

Noites de verdadeira arte

E' bem conhecida a fama que gosa o «Coro» da Capela Sixtina do Vaticano, que só um limitado numero de mortais terá ouvido, pois esse Coro é privativo do Vaticano.

Porém agora, devido a altas influencias, Benedito XV, concedeu licença para se fazer ouvir perante os reis de Espanha e assim a Empreza de S. Carlos tambem moveu empenhos para que, aproveitando esta ocasião unica, trazer a Lisboa o melhor orfeon do mundo, o que conseguiu, mas só para 2 concertos, para o que resolveu abrir assinatura, tendo os socios e assinantes da epoca lirica preferencia aos seus logares, marcando-os na bilheteira até ao dia 26 do corrente, visto que, havendo grande curiosidade em ouvir os insignes cantores, só depois de saber os logares que ficam disponiveis, poderá abrir a assinatura ao publico.

Para satisfazer porém todos o melhor possivel, a Empresa abriu uma inscripção dos pedidos que vae recebendo, para os satisfazer pela ordem que os receba.

Portugal - Brazil

O sr. Presidente da Republica recebeu hoje, no Palacio de Belem, em audiencia particular, o sr. Gomes Barbosa, delegada da Camara de Comercio e Industria Portugueza no Rio de Janeiro.

O sr. Gomes Barbosa depois de apresentar os seus cumprimentos ao Chefe do Estado expoz a sua ex.ª os fins a que obedecia a sua visita.

DIZE TU DIREI EU

Carta ao critico literario do Seculo (Noite)

Ex.mo Sr. Ruy de Veras—Não sei se as orelhas de burro que V. Ex.ª expõe na sua critica de sabado ao livro *Xente d'Aldeia*—de Pedro de Menezes e que endereça certamente a alguem sem dizer quem é, pretendem servir-me.

Eu, modesto critico, muito mais pão e muito mais queijo que V. Ex.ª embora sem masquilhagens, nem reflexos seguer de candieiro de petroleo, com casa e lombo natural para suportar todas as respectivas dos criticados, disse rialmente *que se filiaram no mesmo genero* os livros de Santa Rita e Pedro de Menezes de que V. Ex.ª agora eruditamente diz: *Foi tolamente confundido no seu processo com o mundo dos meus bonitos etc.*

«Tolamente» acho bem se é para outrem mas muito mal se se referir a mim V. Ex.ª mesmo se bem reparar mais adeante escreve: «Santa Rita nesse livro é um menino que consegue fazer lindos versos... Pedro de Menezes, na sua «lenda» é um poeta que quere ser menino e mal consegue sê-lo...»

Resumindo são dois poetas e dois meninos».

Isto é encantador de ideias e quasi me dá vontade de voltar ao colo da ama para fazer versos, mas V. Ex.ª concorda pelas proprias palavras empregadas que os dois livros teem pontos de contacto e analogias; são pelo menos duas *meninices*, embora diffiras nas intenções.

Por isso acho que o *Tolamente* é uma palavra adjectivatoria que certamente nas minhas largas costas onde teem acertado outras piores nestes tres longos anos de critico—tres anos antes de V. Ex.ª ter nascido—já outras pessoas me atiravam a qualificar não devem fazer grande moça. Caso porem V. Ex.ª continuar neste pequeno torneio agressivo, poderei dispor ainda de dois amigos que inquiram das intenções desse mal sonante *Tolamente*, que a V. Ex.ª tambem se pode aplicar

quod eramus demons-trandum.

De V. Ex.ª recalcitrante admirador

A. de F.

Critico literario

s|c. Lisboa, 22—VI—1921

PELO TELEGRAFO

Alemães e Polacos

OPPELN, 21.—O general alemão Hoefer respondeu oficialmente ao general inglez Honnicker que pôe condições a respeito da dissolução das suas tropas e que se recusa a evacuar as posições alemãs antes da evacuação de Beuthen e Koenigshutte por parte dos polacos.—(H).

A Inglaterra e a França interveem

BERLIM, 21.—O embaixador da França, sr. Charles Laurent e o encarregado de negocios britanico protestaram contra a rebelião do general alemão Hoefer, que não acata as indicações da comissão interaliada. O ministro dos negocios estrangeiros, Dr. Rosen, prometeu exercer uma energica pressão para levar o general Hoefer a aceitar esses indicações.—(H).

As grandes catastrofes

BERLIM, 21.—Contam-se actualmente 83 mortos e 78 feridos na explosão de Herne. O incendio da mina continua.—(H).

A Sociedade das Nações e a convenção de Saint Germain

GENEBRA, 21.—A comissão militar tomou conhecimento das respostas dos governos sobre os pedidos de ratificação da convenção de Saint Germain a respeito do trafego de armas e dos votos feitos para a limitação dos orçamentos militares e ocupou-se do envio do questionario relativo aos armamentos e ao direito da Sociedade das Nações de fiscalisar as reducções dos armamentos que os tratados impõem a certas potencias ex-inimigas.—(H).

A politica italiana vae até ao tiroteio na Camara

ROMA, 22.—Na Camara um deputado socialista criticou vivamente a acção dos fascistas. D'ahi resultou que os dois grupos trocaram alguns tiros. Contam os jornaes esta manhã que os srs. Giolitti convidara o ministro do trabalho sr. Labriola que se manifestara a favor dos socialistas a conservar-se neutral na discussão. O sr. Labriola saiu da sala e parece que apresentou a sua demissão de ministro.—(H).

O novo ministerio Austriaco

VIENNA, 22.—O Conselho Nacional aceitou por 98 votos contra 62, a organisação do novo gabinete: O sr. Schober fica com a pasta dos extrangeiros, o sr. Waber, pangermanista, com a do interior e o sr. Waugoin, christão social, com a da guerra.—(H).

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu hoje de tarde no Palacio de Belem sob a presidencia do Chefe do Estado. Em harmonia com o fim destes conselhos o sr. dr. Antonio José d'Almeida foi posto ao corrente da marcha dos assuntos mais importantes de administração publica. Foi tambem apresentado ao sr. Presidente da Republica o programa eleitoral e administrativo do governo que deve ser na sexta-feira publicado nos jornaes de Lisboa e Porto.

As relações com os soviets

Um senador americano a caminho da Russia

O senador americano France chegou no dia 14 a Berlim. Tem a intenção de se dirigir a Moscou e para isso tratou de obter um passaporte do representante dos soviets, Victor Kopp.

O senador France é chefe d'um grupo influente de homens de negocios americanos, que se ocupa ardentemente do reatamento de relações comerciaes entre os Estados Unidos e a Russia.

O sr. France, ao que parece, entrou em relações com personalidades financeiras de Berlim para lançar as bases d'uma colaboração economica da Alemanha com os Estados Unidos. Krassine, que estava ainda a esse tempo em Londres, dirigiu-se-ha em breve a Washington para negociar um tratado de comercio com o governo americano.

Entretanto, o «Berliner Tageblatt» diz-nos que começaram já permutas comerciais entre a Alemanha e a Russia dos soviets. Amostras de peles e de agasalhos serão em breve expostas em Leipzig.

Representantes dum grupo alemão preparavam-se para partir para Moscou, para examinar peles ai expostas, mas quando os peleiros alemães reclamaram dos representantes russos os seus passaportes, o seu pedido não foi atendido, sob o pretexto de que o governo dos soviets havia já tomado medidas para expedir as mercadorias de que se tratava para a Alemanha.

Essa recusa surpreendeu desagradavelmente os meios comerciaes de Berlim. A Alemanha espera, além d'isso, da Russia remessas de linho, de canhamo e de madeira.

Congresso Luzo-Hespanhol

Vai realizar-se brevemente no Porto, sob a presidencia do sr. Presidente da Republica, a inauguração do Congresso Scientifico Luso-Espanhol. Perante um capitulo solene de capelos amarelos e azues—mais uma vez as tendencias já largamente esboçadas duma mais viva intimidade entre Portugal e Espanha vão manifestar-se duma forma evidente. O reitor da Universidade de Madrid e o ministro da Instrução publica do paiz visinho vão dar as mãos para esse estreitamento de relações aos reitores das Universidades portuguezas e ao sr. ministro da instrução.

Este Congresso não terá apenas consequencia scientificas iminentes, terá tambem — ainda ontem nos afirmava o moço secretario da legação de Espanha—utilissimas consequencias diplomaticas para o dois paizes. E' necessario — e não é a primeira vez que «A Capital» advoga esse critorio—estreitar ao maximo, a ligação sob todos os pontos de vista, desde o intelectual ao comercial, entre «nuestros hermanos» e nós. Aqui não fica mal recordar um proverbio curioso, muito em voga na Holanda —e que pode correr, como uma lima doirada, os quatro cantos do mundo: «cada um só gosa a paz que o seu visinho quere». Aguardaremos, pois, que o Congresso do Porto sirva para demonstrar que Portugal dos portuguezes e Hespanha das espanholas se poderão unir, num grande sorriso, para realisarem melhor os seus interesses.

E' indispensavel que os Restaurantes baixem os preços

Está-se passando com os Restaurantes um facto a que é urgente por cobro.

A melhoria cambial, a baixa de alguns generos, a carne, o açucar, os ovos etc., são visiveis, e de dia para dia se acentuam.

Como explicar, por isso, que nos Restaurantes os preços não hajam baixado, antes pelo contrario se mantenham firmes?

Só por um espirito de ganancia que se não coaduna, de modo algum com as manifestas tendencias para uma melhoria nas condições de vida, é que se continuam mantendo preços elevadissimos.

E não se diga que dos Restaurantes se pode prescindir. Inumeras pessoas, pelos seus afazeres, pelas suas condições de vida, pelo seu «métier», são obrigadas a servir-se dos Restaurantes para as suas refeições. Não podem deles prescindir por muito grande que fosse o seu desejo. Dai a necessidade urgente de que os preços acompanhem a baixa dos generos.

A subida foi formidavel. Necessario se torna que a descida se dê.

E' indispensavel e é urgente. As condições de vida barateando, é necessario que o sejam para todos.

Ou quererão os bons proprietarios dos Restaurantes manter-se com os antigos preços, num espirito de ganancia, que nada justifica?

NOTA DO DIA

O CAMBIO MELHORA

Apezar das contra-ofensivas, o cambio abriu logo de manhã a cotações altas. Durante o dia a desorientação na praça foi enorme, tudo indicando que o governo com o apoio do povo pode meter na ordem os que teem tripudiado á custa da desgraça do paiz.

O cambio fechou a 9 1/8.

O Brazil nossa co-vitima

A contas com os banqueiros inglezes

Como hontem contei, o ministro da fazenda Martinho, figura de destaque no governo de Campos Sales, conseguiu que o cambio melhorasse, queimando papel moeda e sobrecarregando o povo brazileiro com uma pesada lei de selo. Selou tudo: bebidas, calçado, tabaco, charutos... e levou assim o cambio até á casa dos 13.

Rodrigues Alves, que lhe sucedeu, serviu-se desta situação desafogada do erario para abrir novas avenidas e dotar o seu paiz com notaveis melhoramentos de ordem material.

Foi neste ministerio que o ministro Bulhões entendeu que devia levar o cambio até 17 e 18, dando ordem ao Banco do Brazil para sacar a essas taxas, sob responsabilidade do governo.

O governo cobriria esses saques, ficando inteiramente por eles.

Nesta altura amigo inglez entrou em scena ostensivamente; comprou todos os saques e o Banco do Brazil perdeu 120:000 contos.

Foi quanto o governo brazileiro teve de pagar em virtude do seu compromisso.

O cambio voltou então a 13 e 12. Surgiu então a Caixa de Conversão, um deposito de ouro transformado em cedulas aos depositantes, que foram logo parar ás mãos dos inglezes.

Adquiridas as cedulas com um agio insignificante, os bons amigos iam depois com essas cedulas levantar o ouro da caixa.

Veiu a guerra e com as grandes exportações ainda o cambio voltou aos 17 e 18 e fração, mas os mesmos inglezes, que nunca abandonam as suas presas, logo que viram o ouro barato compraram-no todo e açambarcando-o, ditaram daí em diante a situação precaria da libra a 8.

Está pois aquela florescente Republica da America do Sul, com excesso de produção, habilitada para uma exportação colossal, cheia de café, borracha, tabaco, algodões... sentenciada a ver apodrecer nos seus trapiches essa produção, como está acontecendo á borracha, só porque banqueiros anglo-judaicos, astutamente lhe empolgaram os mercados, aproveitando-se habilmente do cambio a 18 e fração.

Portugal vai ter o cambio melhorado; alguma cousa baixou ele já. As oscilações dos ultimos dias nada significam.

E' certo que nos principios do mez de julho com o novo semestre concorre o pagamento do coupon externo; o ouro vai pois ser ai distribuido.

E' natural que os que o recebem o vão vender na nossa praça. Para o comprarem então em boas condições, os banqueiros hão de pôr mais alto o cambio nesses dias. Esboça-se pois uma baixa no preço da libra para julho; vê-las-hemos nesses dias a 20 escudos ou menos; mas segurem-se então os portuguezes! Cautela com a abundancia; foi ela a perdição do Brazil.

Os bancos inglezes que lá operaram ai estão abertos, vigilantes e cheios de apetite. São capazes de as comprarem mais caras, de as pagarem melhor, para, como nos saques cobertos pelo governo brazileiro, como com as cedulas da Caixa de Conversão, promoverem o açambarcamento do ouro.

Baixarão o cambio até á divisa 2 e mais ainda, se possivel fôr, para comprar barato—e isto é o seu lema; uma vez adquirido, com todo o ouro em seu poder, em pleno açambarcamento, eles nos ditarão o seu preço, como o fizeram aos nossos irmãos do ocidente.

Entretanto esse periodo das «vacas gordas» que se avisinha, promete ser de molde a estontear as nossas cabeças.

Além dos beneficios hipoteticos que se desenham no horisonte, temos a agencia financial do Rio saindo das mãos de particulares, e temos o coupon externo a ser pago em ouro no principio do proximo julho. Oxalá que estes factores de abundancia não sejam para nós como os saques a 18, autorisados pelo governo brazileiro, e foram para o banco do Brazil.

Que os efeitos da melhoria cambial, embora pequena por enquanto, já nos estão custando um desconcimento importante na exportação.

D. Thomaz de Noronha.

Uma opinião autorisada

Necessidade de valorisar o activo do Banco Emissor—Seus resultados

Duma entrevista concedida ao nosso ilustre colega do Porto «O Primeiro de Janeiro» pelo sr. Bolobler de Figueiredo extratamos estes periodos sobremaneira interessante e com o qual, em absoluto, concordamos:

—Entendo que o desequilibrio entre a importação e a exportação é uma condição necessaria para a diferença de cambios. Sé a exportação corresponde á importação, não precisariamos de moeda estrangeira para os nossos pagamentos. Tudo se faria por uma transferencia de creditos, servindo-nos as libras, os dollars, os francos, as pesetas e os marcos apenas para colecções numismaticas. E, quanto á especulação, tenho para mim como certo que os especuladores podem realmente ganhar rios de dinheiro e perdel-o, provocando oscilações bruscas mas momentaneas, o que lhes não é dificil. Para determinarem, porém, uma alta sistematica e duradoura não teem posses. Essas oscilações que nos ultimos dias se teem observado, ou um papel ou outro, ou até no mesmo dia, essas sim que são obra sua. O resto é superior ás suas forças. Quer queiram quer não, o cambio irá ainda este mez além de 10, se não ficar além de 12, a despeito de todos os seus esforços em contrario.

—Julga então possivel que ainda este ano tenhamos libras a menos de 8 escudos?

—Possivel e provavel, pois o governo não ignora ser isso condição sem a qual não é possivel regularisar a situação economica e financeira. Calcule as dezenas de milhares de contos que o Estado economizaria, com essa baixa de cambio, nos encargos a pagar no estrangeiro e os dezenas de milhares de contos que pouparia em subvenções ao funcionalismo civil e militar!...

A marcha dos cambios

A divisa cambial dava já hoje de manhã o preço de 26 escudos para a libra-cheque

Apoz alguns dias dum forçado agravamento do cambio, em que certas entidades parecem ter desenvolvido um esforço herculeo para levar a divisa cambial «ultra vez para a casa dos 5, esforço que durou tres ou quatro dias, o cambio melhorou hoje tão sensivelmente que logo nos boletins da manhã alcançou novamente a divisa de 9 1/8, a mais favoravel que tem tido nos ultimos tempos.

Afirmavam uns que tal facto era devido á noticia de já ter chegado a Paris o representante americano portador do contracto dos 50 milhões de dollars; asseveravam outros que a resolução do governo, decidindo tomar providencias rigorosas para que a especulação cambial não pudesse continuar com o aspecto revoltante que tem tomado, e outros ainda declaravam já a vantagem que uma operação sobre a indemnisação alemã devera trazer para as finanças nacionaes.

A agitação na praça foi tal que os boletins do sr. Carlos Gonçalves alludiam «á desorientação do mercado». Era opinião geral que a melhoria dos cambios prosseguirá agora seguindo uma evolução logica na mais previsivel, e a rapidez com que essa melhoria se restabeleceu viva mostrar a todos que não é facil manter situações artificiaes.

VAPOR EM PERIGO

CABO CARVOEIRO.—Está fundeado na baia o vapor grego Constantino Patorás, com 20 homens de tripulação que fazia viagem de Huelva para Antuerpia com carregamento de ferro.

O vapor encalhou á entrada da barra sendo safo pelo «Cabo da Roca». Não houve victimas.

Um bigamo

O director da policia de investigação recebeu um telegramma do administrador do concelho de Castendo, pedindo a captura do Antonio Joaquim Fernandes, que foi se evadiu depois de ter praticado os crimes de bigamia e roubo de 700 dolares de que foi victima Aurelia Freira natural daquele concelho.

Ha suspeitas que o bigamo se evadiu para Lisboa, a fim de embarcar clandestinamente para a America sendo por isso tomadas todas as precauções policiaes para lhe embargar a viagem.

VIDA SPORTIVA

NO TEATRO POLITEAMA

BOX

Tres combates internacionais

Silva Ruivo vae reaparecer em publico, combatendo contra o francez Cadieu

Está interessando d'uma maneira extraordinaria o publico sportivo a grande «matinée» de box que no domingo se deve realisar no Polyteama, onde, pela primeira vez, se apresentam os tres melhores profissionais portuguezes contra estrangeiros.

O «clou» da festa é sem duvida o reaparecimento do campeão de Portugal Silva Ruivo que nos dizem estar n'uma forma boa, visto que os seus treinos teem sido feitos com metodo, de modo a poder combater com homens da categoria como o que os organisadores lhe vão opôr, o francez Cadieu que sem ser uma estrela de primeira grandeza, Cadieu é um magnifico pois—plume, cujo record é suficientemente elucidativo.

Tem belos combates com alguns dos melhores francezes. Conta victorias sobre Goirand, Vid Fox, Broock, Gill, Drouot, Dermesnil, Orban, etc. Matchs nulos com Carbonnel Gendron e outros, tendo sido batido de perto aos pontos com homens como André Dumas, Dorlet, Tessier, Gachet, Billy Affeck etc.

O adversario de Ruivo não é portanto um ilustre desconhecido.

Alguns dos homens que citamos como seus adversários são considerados em todo o mundo. «Dumas» é o idolo dos alemães, o homem que lá tem batido quasi todos os homens do seu peso.

Actualmente é um peso léve de 1.ª categoria.

«Gachet», o vencedor dos jogos inter-aliados, amadores, feito recentemente profissional, tambem é um homem de 1.ª categoria franceza.

«Carbonell» é um terrivel cogneur que conta na sua carreira a conhecida proeza de ter enviado a terra o campeão da Europa Charles Ledoux, por 9 segundos, Billy Affeck, pór quem Cadieu foi batido aos pontos em 15 rounds, é um vencedor de Mario Gall em 5 rounds.

Ruivo vae marcar a bitola dos seus combates. Se domina Cadieu deixa-nos a esperança de poder vencer os melhores homens francezes da sua categoria, pesos meio-leves. Esses homens virão combate-lo, mas é necessario que ele triunfe nestas eliminatorias.

Que fará Silva Ruivo?

Os organisadores, desejosos por dar ao publico um espectaculo sincero, contrataram todos os boxeurs d'uma forma diferente do que se costuma fazer; teem uma bolsa superior, sahindo vencedores, e um pouco menor quando vencidos, tornando portanto os combates mais rijos e emocionantes.

No Coliseu dos Recreios

O sarau de terça-feira

Dentre os numeros que maior interesse estão despertando no sarau de terça-feira no Coliseu, do Lisboa Ginasio Club, pode considerar-se a classe infantil de gimnastica, apresentada pelo professor sr. João de Brito, executando alguns movimentos livres em conjuncto, que são de um soberbo efeito, além da parte educativa que encerra.

Este numero é sempre dos mais aplaudidos, e o seu professor tem conseguido egualar as melhores classes de gimnastica.

Na sexta-feira começa a venda de bilhetes, de camarotes aos socios do Club, na rua Maria.

FOOT-BALL

O Casa Pia no Porto

Parte ámanhã para o Porto o primeiro grupo do Casa Pia Atletico Club, campeão de Lisboa, que ali vai fazer dois matchs, respectivamente nos dias 24 e 26, a convite do campeão do Norte.

Este encontro tem grande importancia, pois que o vencedor pode considerar-se campeão de Portugal.

Por este motivo já não se realisa o encontro Bemfica-Casa Pia, no proximo domingo, cujo producto revertia a favor da Associação dos Caixeiros.

Albino José Batista

Pelas 14 horas, realisou-se o funeral do conhecido e conceituado comerciante e antigo emprezario tauromaquico o sr. Albino José Batista. O cadaver, encerrado em urna, esteve exposto n'uma sala da residencia do extincto, donde foi transportado n'um carro forrado de negro, puxado a duas parelhas. No acompanhamento que era numerosissimo, vimos entre outros os srs. Artur Silva, Manuel Luiz Fernandes, Antonio A. P. Campeão.

José Rocha de Castro, Manuel José Mendes, Carlos Mendes, Voluntarios de Lisboa, representados por um membro da Direcção, Raul Antonio de Almeida Malheiros, Carlos Harbort, Antonio Freitas de Sousa, Henrique Cezar Junqueiro, Alfredo de Assunção Machado, etc.

Sobre o ataude foi colocada uma coroa oferecida pelo sr. Antonio Nunes Pereira. O cadaver ficou depositado em jazigo de familia no Cemiterio Ocidental. No cemiterio foram organisados turnos.

O Crime do Arneiro

Na Morgue realisou-se hoje a autopsia ao cadaver do vendedor de fructas que como noticiamos foi morto a tiro no lugar do Arneiro. Pelo resultado da mesma autopsia á assistida o dr. Ardrubal d'Aguiar e Ferreira Marques, concluiu-se que a morte fora causada por perfuração dos intestinos motivadu por bala.

O funeral da victima, que gosava de geraes simpatias no local do crime, realisa-se amanhã ás 12 horas para o Cemiterio Oriental sahindo do edificio da Morgue.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Sociedade anonima-Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 924 365$00

Nos termos do artigo 13.º dos Estatutos se faz publico que no sorteio das obrigações da série «Mirandela-Bragança» a que se procedeu em 15 do corrente, sairam sorteados os numeros: 42.096 a 42.100, 45.906 a 45.910 e 49.011 a 49.015.

O pagamento dos juros e amortisação desta série relativo ao 1.º semestre de 1921 (coupon 36), começará no dia 1 de julho p. f. em Lisboa, na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, 89, 1.º, das 11 ás 14 horas, e continuará em todos os dias uteis até 15 do referido mez, excepto aos sabados e depois ás sextas-feiras para as relações conferidos em cada semana. Este pagamento tambem se realisa no Porto na Filial do Banco Nacional Ultramarino.

No acto do pagamento será descontada a avença de contribuição de registo que for devida e o emolumento de 5 por cento aos termos da lei.

Lisboa, 17 de junho, de 1921.

O Director de Serviço,
Pedro Joyce Diniz.

NOTICIAS DA CAPITAL

COM CHAVE FALSA. — O sr. Manuel Vasco, morador no Bairro Caterina letra A. 4.º, queixou-se á policia de que os gatunos lhe entraram no seu estabelecimento, na rua Sousa Martins n.º 3, com chave falsa roubando generos no valor de 540$00.

CONCERTO PUBLICO.—Realisa-se amanhã pelas 16 horas, um concerto publico no corpo de marinheiros dado pela banda deste corpo, sendo o programa o seguinte: Unter-Wonffegefaksteu—Marcha, Teike, Rosamonde—abertura, Schubet, Tosca—Selecção. Andante de la Cassation, Mozart, La Corte de Faraon, Seleção, Cléo, Cavalgada da Walkirio, Wagner.

Assistencia Escolar

Realisa-se amanhã, pelas 21 1|2 horas, a sessão ordinaria da Corporação dos Assistentes do Hospital Escolar, sendo a ordem da noite a seguinte: Ideias modernas sobre o Thymos, pelo conferente professor dr. Celestino da Costa.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO AVENIDA — [illegible] em 3 actos, de F. Groisset : [illegible]

Efectuou-se hontem neste teatro a reposição da comedia de Croisset «O Coração manda», em 3.ª recita de assinatura, com uma casa regular, para o que decerto contribuiu a dificuldade de transportes.

Conquanto o assunto que o autor escolheu já esteja muito «batido» em teatro, esta peça contudo, ouve-se sempre com muito agrado, porque está bem tratada, é conduzida com certa naturalidade e apresenta personagens muito bem desenhadas. A acção tem movimento, tem vida e consegue prender a atenção do espectador, se bem que este logo no primeiro acto preveja como será o desenlace.

Palmira Bastos alcançou mais um [illegible] papel de «Helena de [illegible]», representando bem, como sempre, dando mais uma prova do seu maleavel talento, que se adapta a todos os generos e tendo conseguido alcançar os louros da victoria de hontem á noite, para o que foi coadjuvada pelos seus colegas, num conjuncto harmonico, do qual destacaremos Samwel Diniz e Judicibus, que deram interpretações apropriadas ás personagens de que se encarregaram.

Apezar pois, do «Coração manda» já ter sido representado no Nacional, é peça para se ouvir mais que uma vez e por isso deve conservar-se em scena durante bastante tempo.

T. M.

Nota do dia

Artistas nacionaes

C. R. bem conhecido no jornalismo portuguez e a quem se devem muitas verdades, C. R. critico habitual de teatro, vem no seu jornal de hontem apontar á opinião publica que um artista nacional «tão apreciado na sua vida artistica está sendo vitima d'um áspero ataque pela imprensa portugueza.»

A «Capital» tem sido e sempre foi um dos orgãos da imprensa onde mais desenvolvidamente se teem tratado assuntos teatraes. As nossas colunas estão sempre prontas para o elogio, para o incentivo, para a ajuda dos que trabalham, para o reclamo mesmo. Nunca se fez aqui um agravo proposilado a qualquer actor, quer pelo actual redactor da secção quer pelos seus antecessores. Não pode pois a «Capital» deixar de condenar violentamente aqueles que atacam um artista só pelo prazer de atacar, e tanto mais que ao que parece, trata-se d'um artista «tão apreciado pelo publico.»

Diz o nosso excelente C. R. com muita propriedade, em primeiro lugar que «as peças nacionaes onde vive a alma portugueza são, na sua maioria, regeitadas pelas emprezas teatraes». Ha aqui uma afirmação velhissima, um pouco gasta nos cotovelos, é desmentida pelos «originaes levados á scenas. Quaes são as victimas, os dramaturgos em «embrião» a que as emprezas fecham as portas? Quem se queixa?

E conhece C. R. os originaes entregues no Nacional? Viu-os?... E que administração seria a do qualquer teatro que recusasse «as peças nacionaes onde vive a alma portugueza» negando um sucesso que lhe seria lucrativo?

Mas, adiante. C. R. vem apresentar o sr. Otelo de Carvalho como victima do sr. Armando Ferreira, que «despejou sobre um actor que tem grandes merecimentos, a sua má impressão de momento—talvez originada...—»

Perdão, meu excelentissimo colega de imprensa. O nosso amigo e sr. Armando Ferreira não costuma ter impressões diversas daquelas que lhe são sugeridas pelos espectaculos que as emprezas lhe dão.

Artistas, pessoalmente, acha-os todos excelentes criaturas, trabalhando honestamente e ás vezes artisticamente, e faz o possivel por se subtrair ás suas influencias pessoais. Quando o sr. Armando Ferreira disse que o sr. Otelo de Carvalho ia mal no «Adão e Eva» foi porque assim o sentiu.

Quando ironicamente marcou os exageros do mesmo senhor no «D. Paco de Manzanilla» foi porque assim o sentiu. E assim o sentiu toda a imprensa, e o publico, porque o tal «Paco» só resistiu duas noites...

De resto qualquer pessoa pode confirmar que Otelo de Carvalho tem parado na sua progressão artistica, estiola e não se desenvolve — é claro artistica e não fizicamente.

Agora aparece o sr. C. R., apresentando como vitima dos maus figados do critico da «Capital», o sr. Otelo de Carvalho — «artista portuguez novo, que não mendiga esmolas». Em primeiro lugar ninguem acredita que o sr. Otelo de Carvalho seja vitima; em seguida devemos transcrever o seguinte, do nosso colega do «Jornal do Comercio» Mario Bonança:

Othelo de Carvalho poz um nariz postiço, *apalhaçou* o personagem, vestiu-se (?) de Cupido no terceiro acto e não conseguiu ter graça, não conseguiu fazer rir! Esta é a nossa opinião pessoal, que, no dever do nosso cargo, devemos ao publico que nos lê, porque O helio não precisa de critica;—de fonte segura o sabemos,—porque todo o artista que se julga grande, julga sempre imbecis os criticos que não se dignam elogial-os... Othello está n'estes casos. Pela nossa parte declaramos que nunca escrevemos para sermos agradaveis ou desagradaveis a qualquer artista mas unicamente para satisfazermos o dever, que nos impuzemos, de não trair a nossa consciencia perante os nossos leitores, que muitos são, e grande consideração nos merecem.

E para quem, do alto da sua vaidade pessoal, nos lança o sorriso de desdém e de desprezo, costumamos responder com o nosso absoluto silencio, como mesquinhos pigmeus, que não ousam afrontar os gigantes no seu enorme pedestal de perduravel e inconfundivel gloria...

Em resumo, meu caro e joven colega C. R. por outras palavras menos floriadas, o sr. Otelo de Carvalho, costuma no seu camarim chamar feios nomes aos criticos e jornalista e mandal-os para sitios que seriam muito frequentados se todos que lá se mandam cumprissem os mandatos.

Não tem portanto o sr. Otelo de se queixar da imprensa, porque ela até o trata com mais consideração do que ele costuma aos jornalistas.

E pronto. Pela nossa parte não baliremos mais no assunto que não vale a pêna, nem o espaço.

Sempre nos desinteressaram os louvores ou os brados dos que passam. Quando nos agradar o trabalho do sr. Otelo de Carvalho, diremos bem—e vá que já é ser bom para sua excelencia,—e enquanto continuar a ir mal, diremos o que em nossa consciencia entendermos. O jornal fez-se para o publico...

E acabou-se o reclamo.

Armando Ferreira

Noticiario

Entre nós

Realisa-se no domingo proximo, no teatro Avenida, uma «matinée» promovida pelo tenor Jorge Cardoso e Luiz Barreira, que em breve se estreiam n'uma das companhias teatrais da capital.

Além dos promotores, tomam parte na festa os artistas Lina Demoel, Angela Barros, Maria Sampaio, Maria Andrade, Rosa Mateus, etc.

Lá por fóra

No sabado foi inaugurado em Paris o «Salon» do Teatro Romantico, pelo Ministro da instrução publica e belas artes; a exposição foi na casa de Vitor Hugo, figurando na exposição, grande quantidade de «cartas, bibelots manuscritos, livros, armas de scena quadros, joias, croquis», de actores, actrizes, autores, escritores, musicos, etc., dos primeiros 50 anos do seculo XIX.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21 h.—«Zilda».
NACIONAL—A's 21 h. — «O Cardeal».
AVENIDA — A's 21,15 — «O coração manda».
GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troiarós».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30 —O film «Barrabas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Pela morte de seu sogro, o conhecido comerciante de Lisboa, Joaquim Monteiro Falcão, encontra-se de luto o nosso amigo Luis Ferreira, digno empregado da firma colonial Gomes & Irmão Limitada e redator do «Jornal da Europa».

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 13 horas, do dia 25 do corrente mez do Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos do Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Mamede ao Caldas, 63, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1,50 a 3, 50, largura minima de 0,25 e espessura de 0,10 a 0,16.

O preço a indicar será por cada uma tonela da de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro ou dentro do barco acostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em envelope fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmo».

O concorrente ao qual o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido quando se dê por concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatário possa fazer qualquer reclamação ou ainda o de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.

O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes
(a) *Feio Terenas.*

A CAPITAL

3815—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 23 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A SITUAÇÃO

O abalo hontem sofrido pela cotação cambial não teve a tornal-o notável senão a circunstancia de ser mais brusco do que os anteriores. Mas a verdade é que ha algumas semanas a esta parte se pronunciou um movimento de melhoria cambial e esse movimento, com todos os seus fluxos e refluxos, não se pode dizer que não esteja a caminho.

Houve entre nós um movimento semelhante no sentido do agravamento cambial. Tambem ele seguiu o seu caminho, até chegar a um limite extremo que promovem a reacção definitiva.

Nem um nem outro d'estes movimentos deixou, portanto de seguir a sua marcha logica, dadas as circunstancias que os influenciavam.

O agravamento cambial obedeceu ás circunstancias externas e internas, que eram, as primeiras, de grandes dificuldades economicas para algumas das maiores nações do mundo, e as segundas fructo d'uma especulação que a desastrosissima medida do sr. Ramada Curto, entregando a Agencia Financial do Rio de Janeiro a um banco estrangeiro singularmente propicio. Agora, a melhoria cambial obedece tambem a circunstancias externas e internas que se não podem iludir ou desatender, e que são, as primeiras, devidas á melhoria da situação economica e financeira dos outros paizes, e as segundas originadas pela convicção que já se estabeleceu no publico de que a nossa moeda é um valor positivo, tanto mais apreciavel quanto se antevê a perspectiva de novas fontes de recursos para o paiz.

Contra factos não ha argumentos, e estes factos são simplesmente insophismaveis. Em presença d'eles quem julgar que o agravamento cambial ha de regressar á situação em que se encontrava ha um mez, se tanto, ou é um mistificador ou um idiota.

Já aqui o dissemos e repetimo-lo: tão estulta pretensão seria supor que enquanto o mundo inteiro se debatia em privações e angustias nós poderiamos levar aqui vida facil e regalada, como estulta pretensão será supor que quando em toda a parte se vai regressando a um equilibrio aproximado ao anterior á guerra, não havemos de estar aqui suportando uma vida infernal, só porque isso pode ser proveitoso para meia duzia de especuladores desalmados.

O agravamento cambial, convençam-se disso todos, atingiu o extremo limite entre nós quando aflorou a casa dos 4. Foi essa monstruosidade precisamente que o perdeu. Com o cambio a uma tal divisa, as transacções comerciais, num paiz tributario como o nosso, tornavam-se impossiveis, e o publico obstinha-se de entrar nos estabelecimentos de que, dentro em pouco, só poderiam ser freguezes os milionarios. Contra o progressivo agravamento dos cambios houve reações parciais e transitorias, que facilmente eram vencidas em virtude das circunstancias que enumerámos.

O mesmo está agora sucedendo, n'um sentido contrario. Por isso mesmo a melhoria do cambio, apesar de todas as flutuações que estamos observando, ha de proseguir até chegar ao limite consentaneo com as circunstancias actuais, tão diversas das anteriores que convergiam no sentido do agravamento.

Nós saimos duma prolongada doença. Estamos ainda nas ultimas crises, mas já se pode seguramente prognosticar que são de vida e não de morte.

A caminho da Promissão

Como se podem reduzir os seis milhões de esterlinas que o carvão e a folha de Flandres leva anualmente do paiz

As quedas de agua e o seu necessario e imediato aproveitamento

Como o leitor tem lido, de Portugal saem anualmente 5 milhões de esterlinas para compra de carvão inglez. Um milhão para aquisição de folha de Flandres. São pois 6 milhões em ouro que podemos ver reduzidos a 1 milhão, quando muito.

Para isso basta, como tambem tenho dito, que nós, os portuguezes, principiemos, enfim, a mandar no que é nosso; que a liberdade não seja apenas apanagio nosso, quando se trata de mandar ou não soldados para a guerra; mas sim quando pensemos a serio em aproveitar as riquezas que o solo portuguez nos oferece.

Eu bem sei que nesta questão do carvão, da sua importação onerosa ha grandes interesses, esses importantissimos com que é preciso lutar. Conheço-as e sei quanto eles valem; poderei mesmo citá-las e dizer qual o lucro que auferem anualmente com o comercio da hulha negra. Acho preferivel entretanto mostrar a todos em geral a necessidade de acabar com tal importação, sem entrar no campo das retaliações.

Lá irei, se fôr necessario; mas, por emquanto, tão eloquentes são os dados de que me vou servir que, nem por sombras, duvido levar o caso a feliz termo.

Será bom em todo o caso não esquecer de que, havendo um trabalho completo sobre irrigação no Alentejo, do qual resultaria a produção de trigo suficiente para o consumo no continente, um ministro da monarquia o não patrocionou, pela razão simples, mas eloquente, de que era necessario importa-lo.

Ao espanto produzido por tal afirmação, lembrou Teixeira de Sousa, que era então o ministro, que não podia o Estado dispensar essa receita das Alfandegas.

Servindo então os rendimentos alfandegarios para cobrir muitas despesas e pagar juros de emprestimos feitos, aquele homem que, como poucos, sabia o que pensava, não estava tanto em erro como á primeira vista pode parecer.

O regimen parasitario de então, que se cifrava em arranjar receita orçamental para contentar funcionarios e credores, está hoje, felizmente, senão caduco, pelo menos integralmente diferenciado.

Hoje é bem possivel e dentro em pouco veremos o paiz com trigo bastante para si e até para exportar. Se não fôr no Alentejo, será em Angola; o espirito de iniciativa, felizmente, acordou em Portugal, e já não ha alcavalas que o detenham.

Mas não é de trigo que se trata, embora á sua moagem interesse enormemente o problema agora em desenvolvimento.

Quere-se força motriz, e quere-se essa força, por duas rasões:

1.º Para livrar a nação da sangria anual de 5 milhões de esterlinas, levadas por meio da importação da hulha negra, cá introduzida por Mariano de Carvalho.

2.º Porque por mais barato que venha a estar o carvão de pedra, nunca poderá competir em preço com a nossa hulha branca.

Pelo calculo feito poderá vir a vender-se o cavalo, ou melhor o kilowat, (kilovatio como quere o sr. dr. Cândido de Figueiredo) a 15 réis, quando hoje nos custa qualquer coisa como 200 réis. O que isto representa para as industrias, para a moagem, para a viação, numa palavra para o progresso do paiz é mais do que intuitivo.

Ha porém a vencer, como disse, a resistencia das casas que enriqueceram a vender-nos carvão.

Contra estas irá a lucidez das minhas cronicas pintar as vantagens do aproveitamento das quedas de agua, em vista da oportunidade que se me afigura unica.

O governo parece estar decidido a governar. A situação de desafogo que se esboça, dando uma alma nova aos dirigentes, é capaz de os animar a qualquer gesto pombalino. Pois bem, acreditando na sua possibilidade, entendo dever falar-lhes das quedas de agua e apontar-lhes de uma forma suasoria que outro caminho não ha melhor do que o seu imediato aproveitamento.

Começarei pelo rio Côa que a uns dez quilometros da cidade de Pinhel, continua, por pressão ingleza, por inveja e ambição de venda da hulha negra, a ser um acidentado rio de ecloga, tendo nas suas grandes diferenças de nivel a admiravel capacidade de levantar a vida de toda a nação.

O Côa, ali situado, com o districto da Guarda cheio de wolframio e estanho, a poder ser a alma-mater do fabrico da folha de Flandres; o Côa que com as novas turbinas, que lhe podem ser aplicadas, pode produzir a bagatela de 124.000 cavalos de energia, o bastante para pôr o paiz em movimento, sem enriquecermos os importadores da hulha negra.

Que a transparencia das suas claras aguas tenha um reflexo no que vou dizer, porque eu tenho a certeza de que as coisas ditas com clareza teem um poder invencivel, até mesmo quando investem contra os açambarcadores do ouro, a mais perigosa especulação para os paizes pequenos da era presente.

Convencido, como estou, de ter acautelado governo e governados contra o deslumbramento da libra barata, com o exemplo elucidativo do Brazil, certo de que os particulares não irão inadvertidamente entregar o milhão de libras ouro do coupon externo ás casas inglezas que lh'as desvalorisariam nesses dias para as comprarem em conta — confiado em que o governo saberá evitar sucessos como o do ministro Bulhões com o Banco do Brazil e como o da Caixa da Conversão de que hontem tratei, passo novamente á ordem dos meus pensamentos: o Portugal economico, o Portugal riquissimo que os anglo-judaicos teem conseguido estiolar e fazer passar por pobretana.

Tem a palavra o rio Côa, perdão, fica com a palavra reservada para amanhã—o pae Côa, um dos progenitores da nossa prosperidade.

D. Thomaz de Noronha.

Um simbolo

«Historia poetica da Dama-da-Borboleta-de-Rafia».

(A Clarinha, a escriptora que melhor tem escalpelisado a falsa elegancia lisboeta).

Ha dias, consecutivamente, o «Diario de Noticias» publicou, no tipo imperturbavel dos seus anuncios, entre a amalgama das «costureiras, habilitadas em roupas brancas» e do «cavalheiro que protege viuva saudável», o seguinte, edificante, poetico, perfumado e misterioso anuncio:

BATALHA DE FLORES

Pede-se á senhora que atirou na Batalha de Flores, a um cavalheiro, com uma borboleta de ráfia, que indique o seu nome e morada.»

O que ha de portuguesismo e de «prismo» nesta adoravel e amorosa «borboleta de ráfia», —simbolo completo do amôr lisboeta de sempre—merece-me hoje as honras da letra redonda.

Eu estou daqui a vêr, «o alto prismo» elegante que veio ao convite burocrático das juntas de freguesia, figurar, tristonho, mole, aborrecido, com o mau estar das camisas novas e dos sapatos apertados, na «Batalha das Flôres» da Avenida. Como se uma batalha de flôres não fosse hoje a coisa mais impossivel e utópica que se podia imaginar! Como se a batalha de flôres não tivesse de ser o mais banal dos funerais de flôres, em que, por um requinte de paradoxo futurista, não houvesse flôres.

O festival anunciado pelas Juntas é bem a prova do lirismo desastrado, cujo simbolo—já que esta cronica é simbolista—não pode deixar de ser o casaquinho de alpaca, maneiro e comodo, do gordinho *vereador* Simões Torres.

Foi o completo ridiculo dessas entidades, que sonham com batalhas de flôres, e teem as ruas imundas, que sancionam a modernisação do Rocio, e permitem que ele se espatife—o ridiculo e o fiasco que resulta sempre que a sociedade elegante do papel selado quer fazer das suas e dar o seu suado corpinho ao manifesto.

Além de tudo os organisadores da «Batalha de Flôres» são responsáveis pelas consequencias amorosas, (e quem sabe se irremediáveis!) da refrega florida da Avenida.

O anuncio citado é um indicio precioso—um indicio fatal!

A «Dama-da-Borboleta-de-Rafia», a dama-misterio da Batalha da Avenida era, quem sabe, uma pomba debil e ingenua, cuja ocupação favorita era o «crochet» de palha, encanto tão inocente quanto sopeiral, tão perigoso para o amor, quanto inocente na vida...

As suas borboletas de palha eram um apetite... isto é toda a gente como rafia, o caso é saber-lh'a dar...

Eis que surge um cavalheiro, de posição, com alguns meios de fortuna e apresentação respeitavel...

Vamos, senhores edis, quem se responsabilisa pelas consequencias da aventura da Dama-da-Borboleta-de Rafia?

O HOMEM QUE PASSA

A QUESTÃO DO JOGO

Os grandes clubs de Lisboa

e as casas de caridade

Os pobres da Assistencia teem necessidades, e do jogo não lhes advem nenhum beneficio

Varios colegas teem-se referido, nos ultimos dias, a este assunto, sendo todos de acordo em que, enquanto o futuro parlamento se não pronunciar, se procure uma situação transitoria, consentanea com os interesses de todos, sem esquecer a moral.

Repetimos: não defendemos o jogo, antes o reprovamos abertamente, como tudo o que representa um vicio. Mas, precisamente para que ele se torne inofensivo, ha que regala-lo.

Ha muitos anos que se procura extinguir o jogo, perseguindo-o. A experiencia mostra que, persegui-lo, é excita-lo.

A perseguição só consegue aumentar o numero dos viciosos.

Joga-se sempre, e o recrudescimento do vicio coincide com as ordens de mais furiosa repressão.

Se não se pode evita-lo, então tornemo-lo um mal menor.

E' logico, é inteligente, é humano.

Ai ha grandes casas confortaveis, luxuosas mesmo, onde se gastaram rios de dinheiro e que, na verdade, pela sua opulencia, honram Lisboa. E' claro que a essas casas não vae o pequeno comerciante, o funcionario publico, o operario. Ai vai o grande mundo, vai o homem que tem quer perder, e que quere divertir-se.

O jogo, n'essas casas, entre gente rica, sem deixar de ser um vicio lamentavel, não chega a ter graves consequencias de caracter social. Uma grande fortuna não se deixa, assim, em cima d'uma mesa de jogo.

Porque não havemos, pois, de deixar que essa gente se divirta á vontade nos grandes clubs, sem a afronta dos assaltos em meio d'uma refeição alegre—visto que nem todos os que frequentam casas de jogo, o fazem para tentar a sorte?

Prejudicial á economia das classes menos opulentas é a lotaria, e ela tem existencia legal. Os proprios ricos jogam na Bolsa, prejudicando as finanças proprias, o que é mau, e as do paiz, o que é peor, e ninguem lhes vai á mão.

Depois, repetimos, ha-de jogar-se sempre. Jogam até ministros e deputados. Então, se não pode evitar-se o vicio, delimitem a sua acção, tirando-lhe todo o caracter de delicto, que, como muito bem disse um colega, «torna doce o pecado e habitua o homem a desobedecer ás leis».

Este é o caso moral, que não nos pode ser indiferente.

Mas era tambem o lado material, e esse aspecto da questão é importante. Todo aquele que exerce uma industria, ou tem uma função de que resulta interesse pecuniario, joga, ao estado, uma determinada soma, em relação aos seus lucros. E' disso que ao estado veem as suas rendas.

Porque é que só o jogo ha-de estar isento desse imposto?

Não é justo, não é equitativo. Quem faz correr um rio de ouro, para se divertir, ou para lisongiar as suas tentações, tem que contribuir com uma pequena parcela dessas somas para uma obra da comunidade.

O contrario contitui uma excepção que não está em harmonia com as ideias da igualdade, professada, pelo homem moderno.

Foi assim que, quando se resolveu colectar o jogo, uma inspiração fe-lo aplicar ás casas de caridade.

O pensamento era gentil. Os pobres não investigam donde vem a esmola. Que seja do crime, é bem-vinda.

As casas de jogo foram colectadas, segundo a sua categoria, e logo os pobrezinhos tiveram abundancia.

Todos os mezes o governo civil ia cobrar o imposto do prazer, para o transformar no bemdito alimento da velhice invalida ou da infancia abandonada.

Rompeu-se o «statuo-quo», repentinamente, por um santissimo capricho d'um funcionario. E ai temos o resultado: as casas de caridade vivendo uma vida penosa, sem recursos, na iminencia de mandarem para as ruas toda essa multidão de indigentes!

E' ouvir o que dizem os directores d'algumas d'essas casas—quasi todas atravessam um periodo de transe. E' uma situação aflictiva. Falta-lhes quasi tudo.

Que admira? Tiraram-lhes o rendimento das casas de jogo, e não lhes deram uma renda equivalente.

Depois, com a carestia da vida, e a Assistencia sem vintem, calcule-se o que irá por esses asilos, n'uma epoca em que ha, como nunca houve, os casos de abandono de creanças e de velhos invalidados — quantos serão eles!—por uma longa vida de trabalho!

E é justo que os pobres da Assistencia passem fome? Um indigente que entrou n'um asilo, tornou-se um pupilo do estado, que creou o direito de exigir esta cousa: comer.

O estado não pode, com as suas rendas proprias, cumprir essa obrigação? Cria, sem demora, outras rendas, mas que os seus pupilos não tenham uma hora de espectativa.

Pois essa renda, opulenta, facil, voluntaria, está nos grandes clubs, está no jogo, permitido sem o sujeitarem á embuscada d'um assalto, antes fiscalisado ás claras.

E aí temos nós como dum vicio inevitavel, hoje exercendo-se sem beneficio para ninguem, pode extrair-se um fructo de generosidade, quer enxugando muita lagrima, até d'algum modo purifica esse mesmo vicio!

Mas façam-no quanto antes, sem demora, imediatamente, se pode ser, porque os pobres da Assistencia—que horror!—teem fome!

O Placard da Moda

Não se fala senão de eleições. Todos os politicos fazem votos... para que triunfe o seu partido. O paiz faz apenas votos—para que o deixem em socego. Se assim fôr o paiz perde, com certeza, as eleições.

✦ ✦ ✦

Na rua dos Capelistas não ha, como se supõe, uma capela. O que ha é uma egrejinha onde os Evangelhos... são as cotações da Bolsa.

✦ ✦ ✦

O ministerio apresentou hoje ao paiz o seu programa. E' atraente. Esqueceu-se porém de dizer, como é vulgar, que ele pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

✦ ✦ ✦

A nossa vida diplomatica movimenta-se em volta da legação na Alemanha. Afirma-se (mas ninguem acredita) que o sr. dr. Henrique de Vasconcelos se agita novamente. Será como os frascos de remedios: agite-se antes de usar?

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Domingos Pereira partiu ou vai partir para Braga a assistir ás festas de S. João. Dizem que vem de lá... S. Domingos. Não nos admira nada. Nos fins deste mez já se realisam grandes festas em Roma, em louvor de S. Pedro... Martins.

✦ ✦ ✦

Antonio Ferro propõe-se deputado por Angola. Angola é portanto o circulo de ferro do moço poeta. Ora aqui está um circulo de ferro forjado propositadamente para uso do sr. Antonio Ferro.

✦ ✦ ✦

A sr.ª D. Maria Fernanda de Castro pensa em organisar um arraial de S. Pedro, no Terrasso Bragança—uma ilustração a capricho das «Danças de Roda...»

✦ ✦ ✦

Os Namorados, *da sr.ª D. Virginia Victorino já se vendem em segunda mão. E' um caso de volubilidade indesculpavel*

✦ ✦ ✦

O sr. Luiz Oliveira Guimarães prepara um livro monumental sobre a «Arte de conhecer mulheres». E' caso para certos homens se irem segurando na «Fidelidade».

✦ ✦ ✦

O sr. Leitão de Barros concluiu um quadro sobre a Ceia dos Cardiaes. Trata-se d'uma transigencia d'um artista da nova geração para com o sr. Julio Dantas—ou vice-versa. Em todo o caso o quadro vai ao Brazil—se os senhores cardiaes não forem ao fundo...

✦ ✦ ✦

As campanhas do sr. Ladislau Bata-lha são aqui e em toda a parte o menos aguerridas possiveis. E' o exemplo vivo d'um batalhador platonico.

✦ ✦ ✦

Em Portugal ha dois palacios ricos que sintetisam Portugal pobre: o palacio das Necessidades... publicas e o palacio da Ajuda... nacional.

✦ ✦ ✦

Por este andar a greve dos electricos é caso parado. Mas assim onde se irá parar?... Se fosse uma questão de iluminação publica já o sr. Presidente do Conselho tinha resolvido o assunto—com a prata da casa.

Etc.

Sociedade das Nações

Uma carta do sr. dr. Gastão da Cunha

O embaixador do Brazil em Paris, sr. dr. Gastão da Cunha, presidente em exercicio do conselho da Liga das Nações enviou aos primeiros ministros de França, de Grã Bretanha, da Italia e do Japão uma carta que tambem foi comunicada ao secretario de Estado dos Estados Unidos.

Eis as passagens mais importantes:

«Tenho a honra, na qualidade de presidente em exercicio do conselho da Sociedade das Nações, de chamar a sua atenção para o facto de estar inscrito na ordem do dia da proxima sessão o exame dos mandatos A a B. Deve V. lembrar-se que esta questão já devia ter sido discutida na ultima sessão do conselho, em fevereiro, mas que foi adiada a discussão, por ter sido recebida uma nota do governo dos Estados Unidos da America, indicando que não aceitaria qualquer decisão que a esse respeito fosse tomada sem a sua aprovação».

E depois de ter recordado as objecções opostos pelos Estados Unidos á repartição dos mandatos, o sr. dr. Gastão da Cunha diz que o conselho da Sociedade das Nações deseja que o acordo seja completo entre as principaes potencias para poder proseguir nos seus trabalhos.

E continua n'estes termos:

«Permitir-me-hei pedir ás principaes potencias aliadas que se esforcem por obter a solução dos pontos em discussão entre eles e os Estados Unidos, de modo a permitir ao conselho da Sociedade das Nações regular a questão dos mandatos antes da proxima assembleia.

O conselho da Sociedade das Nações considera essencial que as potencias estabeleçam, antes da proxima assembleia, entre si e o governo americano, um completo acordo, para que possa proceder ao exame dos termos dos mandatos e assumir assim uma das responsabilidades mais importantes que lhe foram confiadas pelo pacto.

Das Américas

Banquete oficial

RIO DE JANEIRO, 22.—O ministro dos estrangeiros ofereceu um banquete ao ministro da Belgica, por ocasião da sua partida para a Europa, trocando-se brindes afectuosos.—(A).

Valor do escudo portuguez

RIO DE JANEIRO, 22.—Cotação do café, 17$700; cambio s[illegible] Londres, 7 1/8 e 7 1/4; valôr do escudo portuguez, 1$160, 1$350 réis.—(A).

O tratado de Versailles e a questão do desarmamento

QUITO, 22.—No decorrer dum banquete, pela primeira vez fez o presidente Luiz Tamayo, deante de altas personalidades politicas alusão directa ao tratado de Versailles, á Liga das Nações e á questão do desarmamento.

Foi preso um perigoso comunista de nome Bafligo.—(A).

Gréve de padeiros

SANTIAGO, 22.—A federação operária proclamou a gréve geral dos padeiros, os quais obedeceram, deixando de trabalhar. O governo tomou medidas para não faltar o pão á população. Até agora não tem havido nenhuma perturbação de ordem.—(A).

O governo turco de Angora faz novas propostas

PARIS, 23.—Informa o «Matin» que o enviado da França sr. Franklin-Bouillon se encontra de regresso da sua missão junto do governo de Angora trazendo novas propostas dos kemalistas.—(H).

Turcos e gregos no Oriente

Aceitará a Grécia a mediação dos aliados?

PARIS, 23.—Segundo o «Excelsior» a resposta do governo grego ás propostas de medição dos aliados não chegará ás mãos d'estes antes de oito dias.

O referido jornal acrescenta que, por tal motivo, se reunirá em breve um conselho de ministros, presidido pelo rei Constantino, com o fim de assentar nas respostas a dar ás propostas dos aliados.

PARIS, 23. — Depois da nota dos aliados á Grecia, oferecendo a sua mediação no conflito com a Turquia, nenhuma nova comunicação lhe foi dirigida.

A nota não contém qualquer ameaça á Grecia, aguardando os governos de Roma, Paris e Londres a resposta do governo helenico que esperam possa dar dentro de 8 ou 10 dias, ao passo que lhe faltam ainda duas ou 3 semanas para completar os seus preparativos militares para a nova ofensiva.

No caso de o governo, grego querer saber as condições da mediação ser-lhe-hão comunicadas presumindo-se que sejam as seguintes:

Evacuação de toda a Asia Menor pelas tropas gregas incluindo Smirna; os territorios evacuados ficarão sob a soberania da Turquia, com garantias para os cristãos. Smirna e a sua região terá um governador cristão e um corpo de policia internacional, evacuação dos estreitos que ficarão sob o regimen do tratado de Sévres com modificações favoráveis aos turcos.

Na Tracia oriental a fronteira grega afastar-se-ha de Constantinopla, havendo um regimem especial para Andrinopla; a peninsula de Galipoli será desanexada da Grecia.—(H).

LONDRES, 22. — Os governos francês e italiano estão á espera que a Grecia fixe a sua atitude na questão da mediação para fazerem a respectiva comunicação á Turquia.—O general inglês Harrington foi nomeado com o consentimento da França, comandante das tropas aliadas em Constantinopla. Esta nomeação realisa a unidade de «contrôle» e de direcção.—(H).

ATENAS, 22. — Os ministros da França, Italia e Grã Bretanha fizeram uma «démarche» colectiva junto do governo, á quem ofereceram a mediação dos aliados no conflito grego-turco. O ministro dos negocios estrangeiros respondeu que o conselho de ministros examinará a proposta logo que regresse o presidente, sr. Gounaris, o qual é esperado brevemente.—(H).

A gréve dos mineiros inglezes

LONDRES, 23.—Segundo o «Daily Mail» uniram-se aos grupos de mineiros que teem retomado o trabalho mais dois mil mineiros.

No entanto, até agora nenhum indicio permite esperar o regresso geral ao trabalho visto que a maioria dos mineiros se conserva obediente á politica do comité que tende para a continuação da gréve.—(H).

A reconstituição da marinha mercante alemã

PARIS, 23.—O «Petit Parisien» assignala o facto de todos os estaleiros da Alemanha, e muito especialmente os de Bremen, Hamburgo e Kiell trabalharem com actividade achando-se em construcção mais de 200 navios para a marinha mercante que serão lançados á agua em curto praso.—(H).

PELO TELEGRAFO

Material da aviação alemã

BERLIM, 23. — Ao contrario das resoluções tomadas na conferencia de Boulogne, a conferencia dos embaixadores decidiu que a totalidade do material de aviação alemão fosse confiscado e entregue á comissão do «contrôle» aeronautico interaliado.—(H).

A evacuação da Alta Silesia

BERLIM, 22.—Os generais inglez, Hennicker e alemão Hoefer chegaram a um acordo para a evacuação da Alta Silesia. Este plano que se deve efectivar em 7 dias, deve ser submetido á aprovação da comissão interaliada.—(H).

Tratado anglo-japonez

WASHINGTON, 23.—O ministerio dos estrangeiros desmente que tenha sido informado da marcha das negociações para a renovação do tratado anglo-japonez. Desmente formalmente tambem que tenha recebido garantias de que sobre esta questão todas as precauções seriam tomadas para impedir a introdução de qualquer clausula contraria aos direitos da America.—(H).

Os Estados Unidos não querem negocios com a Alemanha?

PARIS, 23. — Telegrafam do Washington ao «Journal» que em uma informação de origem ingleza se assegura que os Estados Unidos solicitaram da comissão de Reparações que prohiba a Alemanha de descontar pelos bancos de New-York as quantias que deve aos aliados a titulo de reparações.—H.

Entendimento franco-alemão?

PARIS, 23.— Comunicam de Berlim á «Oeuvre» que entre os grandes comerciantes alemães se crê na possibilidade de se chegar a uma colaboração franco-alemã, para a renovação das relações comerciaes com a Russia.—H.

NOTA DO DIA

A GRÉVE DOS ELECTRICOS

Os grevistas vão amanhã apresentar ao chefe do Estado a seguinte plataforma: Tomar o governo posse da viação electrica durante um ou dois mezes para se verificar se ha lucros ou prejuizos.

No funeral dum ex-presidente

HAVANA, 22.—Realisou-se o funeral do ex-presidente Gomez, ao qual assistiram mais de 20 mil pessoas. Deu-se um incidente de consequencias graves.

Um vendedor proteston contra a multidão que, pela sua aglomeração, o impedia de fazer o seu negocio e tanto bastou para que se originasse um tumulto.

A multidão partiu todas as garrafas do negocio do vendedor,

A policia interveio, mandou fechar o cemiterio, e dispersou a multidão. Esta porém ofereceu certa resistencia e então a policia carregov disparando tiros para o ar a que a multidão respondeu disparando tambem alguns tiros, resultando de toda esta confusão 3 mortos e 29 feridos.—(A.)

Salão do Conservatorio

No proximo domingo, pelas 14 horas, os alunos do ilustre professor sr. A. Duarte da Costa Reis, darão no Salão do Conservatorio uma audição de piano, figurando no programa que é interessante e se divide em tres partes, excelentes trechos de musica de Mozart, Beethoven, Chabrier, Debussy e Chopin.

Costa de Portugal

ESPICHEL, 23.—Ao norte desta estação encontra-se um rebocador portuguez desmantelado.—(H.)

No paiz visinho

Monumento a Afonso XII

MADRID, 22.—Foi nomeado o marquez de Mina para substituir o general Primo de Rivera na presidencia da comissão que trata do monumento a erigir a Afonso XII.—(A).

Ministro da Guerra em Barcelona

MADRID, 22.—Amanha parte para Barcelona o ministro da guerra.—A.

Regulamentos aduaneiros

MADRID, 22. — Foram publicados os regulamentos aduaneiros que alteram os artigos relativos aos prazos estabelecidos para apresentação de declarações relativas ás mercadorias.—(A)

O Rei de Hespanha em Inglaterra

MADRID, 23. — Dizem de Londres que o rei de Espanha assistiu ao match de polo tomando parte nele, assistindo tambem no banquete oferecido pela Associação ibero-americana, no qual pronunciou um discurso que foi aplaudidissimo.—(A).

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Biblioteca Teatral

Apezar de uma diminuta propaganda, a ponto de nem todos os jornais terem recebido—o é este o nosso caso—inaugurou uma empresa editora do Porto uma biblioteca teatral que merece de todos que se interessam pela nossa vida de scena mais do que a atenção dispensada aos vulgares volumes do mer sado.

Apresentando o seu primeiro volume em explendida parte material, não é pequeno como se pode ver pelo exemplar—a atrair para si os artistas modernos, e os bons autores nacionais—ilustrado os seus volumes com «maquettes» a côres, estabelecendo uma uniformidade de orientação, é sem duvida uma, senão a primeira, dos edições no genero que temos lido no paiz.

Ainda bem; enquanto, para não irmos mais longe, a Espanha decuplica as suas edições, cria colecções sem numero, falta de papel e pleiorica de arte tipografica lança continuamente edições luxuosas ou feitas menos vistosas, agradaveis, a industria livreira portugueza não passa ainda do sapido e magro livrinho ... de capa ... a preço que não apetece pegar na mercadoria. Com um pequeno acrescimo e estamos certos com amor «savoir faire» a empreza do Porto, lança-nos no mercado uma edição elegante pela beleza e cuidado da qual vale bem pagar a, relativamente, minima, diferença de preço.

Essa «Biblioteca teatral» apresenta-nos n'um entroito f liz do 1.º volume publicado tem um programa, que a feito logar onde se tem saudado o festejado sempre todas as iniciativas e bons tentativas pró «teatros; não deixaremos de registar.

Subdivide-se a «Biblioteca» em 4 secções. Uma de «teatro portuguez» iniciada pela «Zilda», e que em breve nos prometto «Os Lobos».

Outra de «Teatro Estrangeiro», que nos vai apresentar «La Griffe», na apurmorada tradução de Avelino d'Almeida.

Na 3.ª se ic apresentará volumes de critica, do qual o primeiro será devido á pena do mesmo nosso ilustre colega. Finalmente a 4.ª serie reservar-se-ha para «Memorias» de gente de teatro, desperdiçadas por volumes esparsos ou postos que temos para a historia do Teatro Portugez.

Em resumo, não podemos deixar de concordar que é um programa excelente. Da boa vontade á pratica, oxalá não se inutilise esse esforço que nos aparece com probabilidades felizes de exito no volume já publicado.

E, mais uma vez o dizemos, o publico que ama o Teatro e é tão vasto em Portugal, que bem merece mais carinho e atenção dos editores, os quais por seu lado tambem verso retribuido esse esforço e dedicação por uma das mais belas artes.

Armando Ferreira.

Noticiario

Hoje e amanhã não ha espectaculo em S. Carlos, para se ultimarem os ensaios da «Marianela» que sobe á scena no proximo sabado com todo o rigor e propriedade. «Marianela» que se representou ha três anos no S. Luiz, dará apenas 5 recitas. E' a peça da estreia de Amelia Rey Colaço, que nela tem um soberbo trabalho, como então foi reconhecido pelo publico e pela critica e que, decerto, agora não lhe regateará aplausos. A distribuição da «Marianela» é a seguinte:

«Marianela», Amelia Rey Colaço; «Florentina», Fernanda de Sousa; «Sr.ª Ana», Antonia de Sousa; «D. Sofia», Julia Silva; «D. Teodoro», Henrique d'Albuquerque; «Paulo», Robles Monteiro; «D. Francisco», Ernesto Rodrigues; «Celepim», Ofelia Brochado; «Carlos Golphim», Tomé da Veiga; «D. Manoel Penojenilas», Vital Cas..antos; «Sinfroso», José Alves; «Atanasio», Octavio Bramão.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21 h.—«Zilda».
NACIONAL—A's 21 h. — «O Cardeal».
AVENIDA — A's 21,15 — «O coração manda».
GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30 — «O film «Barrabas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas feiras —A roas dojardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital Carlos Alberto, Oliveira, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Favão, Passos Manoel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Sa de Ferreira.

Vida Sportiva

BOX

Os combates no Politeama

Recebeu-se hoje um telegrama do boxeur ingles Bob Reno, declarando não lhe ser possivel chegar a tempo de combater no proximo domingo, no Pol teama como estava anunciado mas em sua substituição chega já amanhã a Lisboa, o magnifico boxeur francez Chassagne, cujo record de combates é magnifico.

Os combates de domingo no Teatro Politeama estão despertando enorme interesse. A apresentação dos tres profissionaes portuguezes Silva Ruivo, Faustino Pereira e Oscar da Silva, o francez Cadieu e o boxeur hespanhol Americano é garantia do publico na sinceridade e emoção dos combates.

Amanhã já podemos dar o programa detalhado.

O Sarau de terça-feira no Coliseu dos Recreios

O publico que ainda se recorda do exito que obteve o sarau que o Lisboa Gymnasio Club levou a efeito o ano passado, está ancioso por ver o sarau d'este ano, que se efectua na proxima terça-feira no Coliseu dos Recreios, onde todos os professores do Club e os melhores amadores se apresentarão em numeros de atletica, jogos de combate, alta gimnastica, jogo de pau, esgrima, além da apresentação do laureado cavaleiro José Casimiro n'um cavalo em alta escola.

Em equitação tambem dois socios do Club se apresentarão, sob a direcção do professor sr. Joaquim Gonçalves Miranda.

No nosso meio sportivo é grande o interesse por esta festa que deve marcar mais uma noite de gloria para o novel Club.

Associação de Classe dos Toureiros Portuguezes

Da Associação de Classe dos Toureiros Portuguezes recebemos uma declaração, firmada por 29 artistas tauromaquicos, na qual dizem ter tomado, nas reuniões efectuadas em 7 e 16 do corrente, um compromisso, sob sua palavra de honra, em que resolvem, além de outras resoluções, não tomar parte ou contratarse para qualquer corrida, com touros ou garraios, a realizar-se nas principais praças do país, Algés, Campo Pequeno, Evora, Estremoz, Figueira, Setubal e Tomar, sem que primeiramente se tenham assegurado junto do Empresario, representante ou promotor, que tomam parte, pelo menos, seis bandarilheiros portuguezes e um cavaleiro.

Leilão Ameal

Em nome da Empreza de Moveis Limitada recebemos, oferecido pelo sr. Joaquim Pinheiro, o catalogo das Colecções d'Arte do Conde do Ameal. Belamente impresso, com magnificas reproducções dos objectos d'Arte, que vão ser leiloados, é um livro que todos os amadores devem possuir.

A' Empreza de Moveis Limitada agradecemos a oferta.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e quaesquer seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se, sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) ao confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo é unico que está registado e é de Antonio Dias Amado.

Deposito geral-Farmacia Luso Braziliera-Praça de S. Paulo, 20 e 22-Telef. 1676.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Sociedade anonima-Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 934 365$00

Nos termos do artigo 13.º dos Estatutos se faz publico que no sorteio das obrigações da série «Mirandela-Bragança» a que se procedeu em 15 do corrente, saíram sorteados os numeros: 42.096 a 42.100, 45.906 a 45.910 e 49.011 a 49.015.

O pagamento dos juros e amortisação desta série relativo ao 1.º semestre de 1921 (coupon 36), começará no dia 1 de julho p. f. em Lisboa, na sède da Companhia, á Avenida da Liberdade, 39, 1.º, das 11 ás 14 horas, e continuará em todos os dias uteis até 15 do referido mez, excepto aos sabados e depois ás sextas-feiras para as relações conferidas em cada semana. Este pagamento tambem se realisa no Porto na Filial do Banco Nacional Ultramarino.

No acto do pagamento será descontada a avença de contribuição do registo que fôr devida e o emolumento de 5 por cento dos termos da lei.

Lisboa, 17 de junho, de 1921.
O Director de Serviço,
Pedro Joyce Diniz.

Politica Alemã

Uma sessão agitada no Reichstag

Um deputado interpela o governo sobre o assassinio de Garreis

O deputado socialista independente Unterleitner interpelou o governo, em nome do seu partido, acerca do assassinio de Garreis, afirmando que o assassinio deste é um crime politico, tendo por fim inutilisar Garreis pelo conhecimento que este tinha dos dossiers das guardas civicas da Baviera.

Frisa a monstruosidade deste crime e ataca o sr. Heim asseverando ter conhecimento de concessões feitas por este á França ao que Heim riposta afirmando nada ter prometido.

Insistindo sobre este assunto, Unterbinter grita que os operarios estão privados de todos os direitos, contrariamente aos reacionarios que de tudo podem dispôr.

Por isso o assassinio de Garreis não será preso ou sequer incomodado. A' um estudante, alemão alguem ouviu declarar que os comunistas não são alemães. E' então que se estabeleceu um enorme tumulto. A' afirmação de Hittelmann que o estudante tinha razão, Memelé, comunista, precipitou-se sobre aquele deputado agredindo-o fortemente. Os deputados da direita intervem prontamente, emquanto o sr. Heim, alguns membros mais do parlamento e as deputadas procuram conciliar os animos.

Encerrada a sessão e, em seguida, reaberta os oradores dão explicações e o chanceler pedindo a palavra afirma que o assassinio de Garreis ha-de ser castigado, que o inquerito continua activamente na Baviera, mas que nenhum indicio, pequeno que fôsse, ainda apareceu sobre o criminoso. Vesbera duramente o relaxamento dos costumes que tornou possiveis este e outros crimes e conclue por dizer que nunca se deve intervir n'um Estado, mas que os acontecimentos que se teem desenrolado na Baviera de tempos para cá são de natureza a destruir a unidade do Reich.

A sessão foi em seguida encerrada, discutindo-se acaloradamente, nos corredores, os acontecimentos e as palavras do Chanceler.

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

235....	40.000$00
784....	6.000$00
7151....	2.000$00
515....	1.000$00

234...	872$00	1414...	200$00
1051...	500$00	1905...	200$00
1397...	500$00	3476...	200$00
2399...	500$00	3998...	200$00
2634...	500$00	4330...	200$00
654...	200$00	5397...	200$00
899...	200$00	7049...	200$00
934...	200$00		

Agua da Foz da Certã

A Agua mineromedicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios — nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas — na convalescença das febres graves — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc. — no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacilo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

Uma nova representação

O comercio vai amanhã entregar ao governo uma nova representação, solicitando uma intervenção mais energica na questão dos electricos, devendo no proximo domingo realizar no teatro Eden uma grande manifestação, preconisando-se o encerramento do comercio até que a gréve termine.

A reunião de hoje do pessoal gréviste

Mais uma reunião realizou hoje o pessoal da Carris em gréve.

Presidiu o sr. Carlos Fortes, secretariado pelos srs. José Augusto Martins e José da Costa Pereira.

Entre o expediente lido figurava uma carta do sr. Antonio dos Santos Junior e uma nota da secção metalurgica da Juventude Sindicalista, saudando o pessoal da Carris e, augurando-lhe a victoria.

O sr. José Augusto Martins e Manoel Carvalhaes, falam sobre a saudação enviada pelos camaradas da Juventude Sindicalista, e o presidente aconselha a maior cautela e prudencia na apreciação de qualquer assunto a discutir naquela assembleia.

O sr. Antonio Costeira, faz a leitura duma sua extensa exposição, acabando por saudar a imprensa seria e honesta e aconselhando a maior união.

O sr. Francisco dos Santos, espera que todos se mantenham firmes e solidarios, afirmando que nenhumas necessidades hão-de os seus camadas vir a sentir, porque, desde que exgotados sejam os recursos de que dispõem, irão, com a sua bandeira, junto das outras associações solicitar o seu auxilio e a sua condjuveção.

Diz que a comissão de melhoramentos fci hoje novamente chamada para efetuar novas demarches.

Referindo-se á reunião realisada hontem na Camara Municipal aprecioiu a atitude do vereador sr. Sousa Neves.

O sr. Manoel d'Almeida Lopes, elogia ali vir afirmar que existe a maior união e mais perfeita unidade de vistas entre todos os membros da comissão de melhoramentos, a qual perfilha a ideia de todos os envolvidos nesta luta que hode proseguir até ao triunfo.

Afirma ser inteiramente falso que parte do pessoal esteja disposto a retomar o trabalho sem lhes serem satisfeitas as suas reclamações, como hontem alguem disse na Camara.

O sr. Armando Martins, presidente da comissão de melhoramentos, declara que não assistiu á sessão da Camara Municipal, e diz que os jornais no seu relato nada elucidam, porque ali existe um taquigrafo que envia a nota que entende para os jornais, enquanto nas assembleias do pessoal é facultada a entrada a todos os representantes da imprensa.

Diz estar informado que nova manifestação da parte do comercio e industria se prepara para breves dias em sinal de protesto contra a manutenção da gréve.

Diz que a comissão de melhoramentos continua trabalhando para procurar uma solução ao conflicto. Que antes de se proclamar a gréve o sr. presidente da Republica fôra informado das reclamações que o pessoal apresentava, que o chefe do Estado achou justas. Novamente o pessoal irá avistar-se com o sr. presidente de Republica, a quem apresentará a seguinte plataforma: o governo tomar conta da viação electrica no espaço de um ou dois mezes para claramente se verificar se ha lucros ou prejuizos.

O pessoal, nesta altura, será reintegrado, e trabalhará com qualquer entidade, excepto com a Camara Municipal, desde que lhe satisfaçam as suas reclamações.

A victoria está segura desde que se saiba esperar, pois que está certo que as suas reclamações serão atendidas, exceto, talvez, a do pagamento dos dias em greve.

Termina, comunicando que a comissão de melhoramentos continua a trabalhar em prol que faz parte vae continuar nas suas demarches. Depois de terem falado outros orado es, a sessão é encerrada por entre vivas á greve.

Burla importante

O conto do vigario

O sr. José da Silva, residente na Ilha do Faial, hospedado acidentalmente no Hotel Internacional, queixou-se hontem á policia que dois individuos que não conhece, se abeiraram dele e lhe furtaram 260 dollars e 900$00 em dinheiro portuguez.

Noticias da Capital

As proezas da gatunagem.—Foram presos João da Silva morador na Vila Dias n.º 66 a pedido de José Antonio Cerqueira, morador na mesma Vila, n.º 82, que o acusa de lhe ter furtado objectos no valor de 300$00 e José dos Santos sem residencia por furtar objectos no valor de 500$00 a Antonio Joaquim Babá, rua de S Caetano 21.

Touradas

Algés.—Com engraçados e interessantes elementos efectua-se no domingo uma corrida de gargalhada, em que tomam parte, com dois intervalos novos, os aplaudidos comicos Antonio Preto & C.ª. A Sociedade Estoril garante um serviço continuo de combóios, ida e regresso, enquanto fôr exigido pela afluencia do publico.

Charlot Llapisera y su Botones.—O toureio comico, executado todavia com sujeição ás regras da arte, foi criado pelos artistas que usam os nomes de Charlot Llapisera y su Botones. São esses os autenticos Charlots que trabalham no Campo Pequeno no dia 3 de julho, numa corrida de touros e garraios, na qual tomam parte, a cavalo, o eximio amador sr. D. Alexandre de Mascarenhas e o valente artista Rufino da Costa, e, a pé, entre outros lidadores, os excelentes amadores srs. D. Carlos de Mascarenhas e D. Pedro de Bragança.

ESCOLAS

Escola Preparatoria de Rodrigues Sampaio

O prazo para a entrega dos requerimentos para os exames de admissão a esta Escola começa no dia 1 de julho e termina no dia 15, devendo os candidatos entregar o requerimento acompanhado dos certificados de idade e vacina.

Na Escola já estão afixados as minutas e informações referentes aos respectivos exames.

Salão Central

O misterio do escafandro

Esta magnifica pelicula, cujos primeiros episodios o publico recebeu com verdadeiro entusiasmo, é uma série de aventuras que despertam o maior interesse. Scenas de alta magia, imprevistos, raptos, lutas, enfim, em nunca acabar de scenas emocionantes.

Repete-se esta noite devendo o terceiro episodio, intitulado «Mascaras tragicas», ser exibido pela primeira vez na matinée que amanhã se realisa naquele elegante cinema.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 13 horas, do dia 25 do corrente mez de Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Mamede ao Caldas, 63, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1,50, a 3,50, largura minima de 0,25 e espessura de 0,10 a 0,16.

O preço a indicar será por cada uma tonelada de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro ou dentro de barco encostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em envelope fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmo».

O concorrente ao qual o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido quando se dê por concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatario possa fazer qualquer reclamação ou ainda de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.
O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes
(a) *Feio Terenas.*

A CAPITAL

3816 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 24 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A FUTURA MAIORIA

Anuncia-se finalmente que, afastados todos os prenuncios da scisão que se dizia existir no Partido Liberal, se pode contar como certa uma maioria absoluta para o governo no futuro parlamento.

Apraz-nos registar esta provisão, e, se o fazemos, não é pelo facto d'ela aproveitar a um partido, mas sim porque aproveita principalmente ao paiz.

O regimen de confusão que assignalou as camaras dissolvidas não se podia prolongar sem grande dano para a nacionalidade e para a Republica.

Mercê d'ela, todos os partidos representados n'esse parlamento não tinham duvida em declarar que com uma tal dispersão de forças nenhum ministerio podia governar em Portugal.

E assim era.

Ora aquilo de que um Estado mais necessita é de governo, nem mesmo, sendo impossivel governar em qualquer sociedade, se concede dentro d'ela a noção de Estado.

Governa-se desde que as forças parlamentares se fracionaram a ponto de não só nenhum partido, mas até nenhuma corrente politica poder predominar na nossa politica?

Não se governou.

Os chamados governos de concentração não foram mais do que uma mascara da anarchia politica reinante.

Nenhum póde fazer nada de verdadeiramente util para a administração publica. Nenhum traz forças para pôr em pratica qualquer plano, qualquer medida de reconhecida vantagem.

Alegou-se que á cerimonia do soldado desconhecido vieram representantes das nações aliadas, firmando assim uma consagração do nosso esforço. Não ha, porém, o direito de reverter para qualquer partido, para qualquer governo ou para qualquer personalidade o que foi uma homenagem prestada á nação. Fosse qual fosse o governo que estivesse á frente dos destinos da Patria, esta tinha o direito de esperar essa homenagem, e se ha quem duvide de que ela lhe fosse prestada pelos nossos aliados levanta uma suspeição desprimorosa sobre o espirito de justiça que certamente os anima e animará sempre.

A obra dos governos de concentração não podia deixar de ser quasi nula, embora neles tivessem entrado muitos republicanos inteligentes e patriotas. O mal não estava propriamente nos homens; estava no artificio que os forçava a uma amalgama impossivel.

Agora está no poder um governo partidario. E' necessario que haja tambem uma maioria homogenea como ele. Nem pode deixar de ser assim, porque, na realidade, a heterogeneidade das maiorias reflecte-se na heterogeneidade dos ministerios.

No criterio das democracias o espirito das maiorias não se oblitera jamais. O povo é a imagem da enorme maioria da nação, e por isso junta todos os poderes do Estado na soberania popular, não pode arredar-se desse criterio.

De resto, as circunstancias teem mostrado que quando não ha uma maioria verdadeira apoiando um governo, a obra do parlamento é frouxa e a dos governos é nula. Recomeçar a experiencia feita depois de Monsanto, com a fragmentação parlamentar a que assistimos, seria praticar um tremendo erro politico.

Por isso, tudo quanto se peça em materia de acordos e de lucta eleitoral nunca deve deixar de obedecer ao principio essencial de que é necessario obter uma maioria forte, disciplinada e homogenea. Se nalguns pontos os adversarios do regimen passarem prestes a triumphar, de maneira que esse triumpho se afigure prejudicial para as instituições, a tactica a seguir é facil. Basta que todos os republicanos votem na lista do governo que n'este momento empunha a bandeira da Republica. Assim se derrubarão os monarchicos, sem se pôr em risco a constituição duma maioria parlamentar que garanta o funcionamento normal das instituições republicanas.

NO PAIZ VISINHO

Aniversario d'uma princeza

MADRID, 24.—Na capela do palacio celebrou-se uma missa pelo aniversario da princeza Beatriz, filha do rei. Oficiou o cardeal Moreno.—(A).

Construcção de casas baratas

MADRID, 24.—O debate no senado acêrca do projecto de lei sobre casas baratas será muito rapido para que possa ser sancionado e promulgado no dia 20 do corrente.—(A).

Noticias do ultramar

LAS-PALMAS, 22.—(com fios) Os passageiros de primeira e segunda classes do vapor «Quelimane» vão bem e saudam as suas familias. (as) Brandão, Brito.—(H.)

A QUESTÃO DO JÓGO

Nos periodos de perseguição e nos periodos de tolerancia

Um paralelo interessante — O jogo nas praias

Um jornal da manhã dizia hontem, muito grave, muito a serio, que em Lisboa se voltara a jogar, e, com a mesma seriedade e a mesma gravidade, pedia para o jogo uma severa repressão.

Ha pois ainda quem acredite, ou finja acreditar, que deixou de jogar-se algum dia?! Na primeira hipotese, trata-se de gente bem ingenua; e, na segunda, ha maldade, espirito de intriga e não sabemos quê.

Ha de facto quem não veja com bons olhos que ao jogo seja dada uma situação definida, ou por meio da regulamentação, ou por meio da tolerancia; e, para evitar uma ou outra, vem de vez em quando gritar: «Cautela! Joga-se!» Assim pensam fazer crêr que, perseguindo-o, o jogo se retrae, e que, portanto, mais vale persegui-lo do que aceita-lo como uma cousa inevitavel...

E' assim que essa industria lá se vae exercendo em larga escala, sem pagar contribuições — sem deveres nenhuns, tendo tudo a lucrar e nada a perder como se se tratasse, de facto duma obra patriotica, que o estado muito conscientemente auxiliasse, certo dos seus beneficios!

E, no entanto, esse mesmo estado colecta outras industrias pobres, que teem uma existencia dificil e que honram o paiz.

Esta exclusão revolta as consciencias, e leva os cidadãos a perguntarem se se trata d'um imperdoavel desleixo ou d'uma protecção inqualificavel! Em qualquer dos casos urge que a situação se modifique.

Dizia ha dias um colega, tratando do assunto, que, quando um vicio se torna uma pratica o social, as civilisações o adoptam, precisamente para lhe atenuarem o mal.

E' certo. Foi assim que as sociedades, ante o mal inevitavel, regulamentaram a prostituição, reconhecendo que, só fiscalisando-a, lhe diminuiriam os efeitos.

E todos sabemos que, se a prostituição é uma pustula social, vergonha do genero humano, ainda a peor não é a que se exerce publicamente, mas a outra, a clandestina, a que não pode ser fiscalisada.

Não ha duvida: quando um inicio se torna uma pratica social, as civilisações adotam-no, para lhe atenuar o mal.

O jogo tem tido fases de perseguição e fases de tranquilidade. O falecido Hintze Ribeiro, sempre que ia ao poder, tentava vibrar-lhe o golpe de morte.

Havia assaltos, prisões, cortejos de jogadores marchando, entre escoltas aparatosas, para o governo civil. Eram essas as fases em que se jogava mais furiosamente. O perigo de ser apanhado, o misterio de que se encobriam os pontos, tornavam encantador o fructo proibido...

Nascia uma doce cumplicidade no pecado, uma capitosa solidariedade no crime...

Jogava-se, então, por toda a parte, com furia, com ancia, com paixão! Improvisavam-se bancas, a roleta rodopiava, afadigada como mó de moinho...

Inevitavelmente, a estes periodos de repressão seguiram-se grandes periodos tranquilos, e logo a paixão do jogo diminuia... Já não era proibido, tornava-se banal... Ficavam apenas os grandes viciosos ou os que jogam por não terem em que passar o tempo.

Essas casas perdiam o ar de recato, e d'elas corria então, para a Assistencia, uma onda de ouro que os pobres bemdiziam—e essa gratidão dos pobrezinhos, fartos, enfim, ao abrigo de necessidades, se não conseguia santificar o vicio, quasi o justificava.

Bastará confrontar as duas situações, para concluir das consequencias: perseguido, o jogo recrudesce, torna-se um mal quasi geral, um perigo muito maior, sem que produza alguma cousa de bom; tolerado, morigera-se, torna-se um mal menor, e contribue com uma larga soma para obras de beneficencia.

A ocasião é a melhor possivel para tomar uma resolução. Está á porta a epoca das praias, e, como temos dito, os nossos asilos e outras casas de caridade estão necessitados do auxilio alheio.

Sempre as praias ganharam, em beneficios locaes, com a existencia do jogo, que atrae o estrangeiro e principalmente os espanhoes.

Mas, repetimos, o mais urgente é levar aos pobres da Assistencia a esmola que o Estado, cheio de encargos, não pode dar-lhes.

Algumas das nossas casas de beneficencia estão em perigo eminente de fechar, e a receita das grandes casas onde se joga, é a abundancia, é a fartura, é o pão garantido—para sempre!

POLITICA ALEMÃ

Uma sessão agitada no Reichstag

A interpelação sobre o assassinio de Garreis. — Novos incidentes

Continuou no Reichstag a discussão da interpelação sobre o assassinio de Garreis.

O deputado majoritario Grüber declara que são demasiadamente optimistas as previsões do chanceler acerca do desarmamento da Baviera.

«As declarações do governo bavaro disse ele, são uma brincadeira de mau gosto. E' do dominio publico que 112.000 espingardas e 10.000 metralhadoras foram passadas pelo Tyrol. As armas são entregues ás guardas civicas logo que chegam ao territorio bavaro».

Um deputado populista pretende justificar o governo bavaro e a manutenção do estado de sitio, mas é frequentemente interrompido. Ataca um deputado, comunista que o apoda de caluniador e o presidente vê-se obrigado a interromper a sessão que é reaberta ás 17 horas.

O deputado populista bavaro continua então na sua catilinaria contra os comunistas.

Tendo o presidente Loebe proposto suspender as sessões até 2.ª feira, o partido nacionalista cuja irritação provocada pelo discurso pronunciado pelo chanceler no dia anterior, se conteve a muito custo, aproveita o ensejo para reclamar pela bocca d'um dos seus partidarios a continuação dos debates.

«Nos temos, muito naturalmente, um empenho especial em refutar as acusações graves contra nós lançadas pelo chanceler do imperio».

Como porém um grande numero de deputados tivesse saido já da sala o presidente adeou as sessões para 2.ª feira.

O chanceler do imperio fez á direita um aviso muito claro e terminante.

«Não foi sómente na Baviera, disse ele, mas tambem em outros paises do sul da Alemanha, que se criaram jornais de excitação que prosseguem a sua campanha com um fim politico mais importante que a simples censura aos dirigentes actuais.

Esse objectivo é separar o sul do norte e, aproveitando a confusão politica, ajudar o sul nos seus manejos para o triunfo da reacção na Alemanha.»

Na America hespanhola

O Mexico em via de pacificação

MEXICO, 23.—Está assente que o dr. Cataregli será nomeado ministro do Mexico em Paris, logo que o governo francez reconheça o governo do general Obregon.

Alessio Robles que já foi nomeado ministro em Madrid partirá brevemente para o seu destino.—(A).

A fotografia aerea no Ecuador

QUITO, 23.—O governo pensa em criar o serviço de fotografia aeria com o fim de a aplicar aos serviços de topografia do paiz.—(A).

Sociedade das Nações

Os interesses da Polonia

GENEBRA, 23. — O conselho da Sociedade das Nações e o representante da Polonia em Dantzig chegaram a um acordo sobre o direito nas disposições do acesso da Polonia ao mar. O conselho regulamentou a questão do transito e de armazenagem temporaria do material de guerra para a Polonia e a questão da segurança do porto. O conselho tambem resolveu que cessasse a actividade do fabrico de armas. Esta proibição estende-se ás espingardas caçadeiras.—(H).

O desconto no banco de Inglaterra

PARIS, 23.—O desconto no Banco de Inglaterra desceu de 6 1|2 a 6 °|o.—(H.)

A Grecia no Oriente

PARIS, 23.—A resposta da Grecia ao oferecimento da mediação é esperada amanhã.—(H.)

Tribunal de justiça internacional

PARIS, 23.—O senado aprovou por unanimidade o estatuto do tribunal permanente de justiça internacional.—(H.)

SEXTAS-FEIRAS

Letras a praso

A gerencia do Teatro Nacional, os autores portuguezes, as peças portuguezas, os criticos portuguezes e o publico portuguez — O sr. Luiz Galhardo considerado simultaneamente como espectro e como benemerito de teatro

O teatro portuguez é uma especie «de beco do fala só», com mais propriedade uma especie de azinhaga, donde, de quando em vez, se ouvem os passos de «lá vem um».

Então, quando esse aparece, pé aqui pé acolá, embuçado num pseudonimo ou fingindo de despreocupado, com o «assobio» da consciencia artistica a fingir que não tem medo, saltam-lhe ao caminho imensas pessoas, de pistolões, de navalhas, de canivetes, de tesouras, de penas de escrever, e de mais alguns objectos do uso comum. Depois, trata-se, «de pé atraz» o «quem vem lá?». Intima-se, surdamente, «alto aqui».

E, toca a desfiar, a escalpelisar, a despir, a esfolar o desgraçado autor que teve a audacia de pensar um dia em escrever teatro para os seus semelhantes, dando-lhes assim uma consideração que eles estão longe de merecer.

Toda a critica portugueza, quando aparece uma nova produção teatral, se divide nitidamente em dois campos, e todos os artigos criticos, salvo as excepções que se conhecem, afinam por dois diapasões:

—«E' o melhor que tem aparecido».

—«E' do peor que ha!»

Fazem-se inqueritos, e desses inqueritos não resulta uma opinião dominante, que coloque a obra num rasoavel juizo critico que houvesse geral conveniencia em admitir como justo.

Não, desses inqueritos resultam exageros de ambas as partes, deploraveis exageros pessoaes em que o factor amizade e inimizade pessoal é um factor comum.

Raros são hoje os homens que se instalam num «fauteuil» de teatro que não vão apetrechados de opiniões antecipadas acerca da obra sobre a qual ainda o pano não subiu. Um anonimo noticiarista do «Excelsior» afirmava ante-hontem que em Paris isso era cada vez um facto mais vulgar—Não acreditamos que em França isso se faça tão descabeladamente como aqui.

E' desta «atitude critica», desta desapiedada espectativa das plateias das «prémières», que veem as principais culpas da falta dessa literatura de teatro florescente entre nós.

Como se pode pretender um teatro de eleição, quando não se faculta pela quantidade insuficientissima de originais levados á scena, essa eleição, sabido como é que ela só pode provir duma escolha de «alguns entre muitos».

Essa atitude de que falo — e que tenho pessoalmente pressentido, é além de tudo, antipatica. Lembra-me que uma vez assisti no Avenida a uma primeira representação da Companhia-Amarante. E' absurdo o que nessa noite se passou.

Apesar do talento desse grande actor apesar da transparente honestidade e do esforço profundo e sincero de todos para agradar, apesar do valor da peça que depois fez carreira —da plateia, sobretudo das filas dos «hommes-á-colisses» batidos no bafio dos palcos, e com o curso completo das intrigas de scenario, os dichotes, os apartes de irritante inveja e de descabelada maldade, soavam a cada passo mesmo durante o espectaculo.

Isto representa uma espantosa falta de educação, sobretudo se repararmos que ha pessoas de alguma categoria entre os apupadores profissionais de teatro.

Foi essa a atitude da plateia que ouviu a «Maria-Isabel», é essa a atitude da critica que se fez á «Zilda» e de parte da que se tem feito ao «Adão e Eva».

Ora é essa tambem a atitude a modificar. E' preciso que apareça muitos a trabalhar em teatro, e muito menos a criticar. Isto de sem, criticos para cada autor é uma profissão terrivel, assustadora.

Ha que fazer precisamente o contrario—invertar os termos ao quebrado.

Eu bem sei que é muito menos arriscado para uma empresa fazer um sucesso garantido de Paris, cozinha-lo á portugueza e servi-lo a frio ás nossas plateias—do que estrear autores e peças.

Mas, se o não fizermos uma teremos em teatro nenhuma especie de afirmação interessante.

Ha quem diga que todo o mal resulta da falta de proteção que aos nossos dá a gerencia do Nacional.

O sr. Galhardo é para os auctores que representa um benemerito de teatro, e para os outros... um espectro. Diz-se a cada passo que a ele se deve a estiolagem terrivel por que passa o nosso teatro. O que é certo é que muitas vezes o seu esforço tem sido dessacompanhado, e a sua orientação incomprehendida — é esse o caso lamentavel de «Maria Isabel».

O sr. Galhardo tem, efectivamente que gerir um teatro. E, ante uma pessima peça portugueza e uma boa tradução não pode nem deve hesitar — representa a segunda. Agora, entre qualquer má tradução e qualquer honesto trabalho portuguez, tambem não tem o direito de vacilar.

Tem-se feito sempre assim?

Quais são os pontos de vista pessoais do sr. Galhardo sobre a orientação a dar á Casa de Garrett, na futura epoca por exemplo?

O sr. Galhardo é inentrevistavel.

Procuraremos, sobre orientações de teatro, falar em ultima instancia a um dos seus camaroteiros...

O HOMEM QUE PASSA

D. Tomaz de Noronha

Partiu para o Porto em automovel o nosso querido amigo e ilustre colaborador, sr. D. Tomaz de Noronha. Por esse motivo, e durante a sua ausencia, suspenderá a «Capital», a publicação dos belos artigos sob o titulo «A caminho da promissão» devidos á pena brilhante daquele nosso distinto amigo.

A trapalhada na Grécia

SMIRNA, 24.—Chegou o general inglez Mardon com o seu estado maior, afirmando-se que vem com a intenção de seguir o curso das operações do exercito grego, caso elas se venham a realisar por não se chegar a acordo sobre a proposta de mediação dos aliados.—(H).

A revista do 14 de Junho

PARIS, 24. — Sob proposta do ministro da marinha, foi resolvido em conselho de ministro que contingentes da marinha tomem este ano parte na revista do 14 de Julho—(H)

Novo genero de açambarcadores

PARIS, 24.—A administração dos telegrafos tomou medidas contra os especuladores de cambios que açambarcavam as chamadas telefonicas para diferentes capitaes estrangeiras. D'ora avante, qualquer que seja o numero das suas chamadas, nenhum assignante poderá pedir ao mesmo tempo mais do que uma chamada para a mesma cidade estrangeira.—(H.)

VIDA DIPLOMATICA

Partiu para a praia da Granja o sr. ministro da Alemanha, devendo regressar na proxima segunda-feira.

NO BRAZIL

O «Jornal da Europa» proibido de circular no Brazil

RIO DE JANEIRO, 23.—Foi proibida a circulação nos correios do Brazil da gazeta portugueza «Jornal da Europa».—(A).

Açucar para Portugal

RIO DE JANEIRO, 23.—O paquete «Traz-os-Montes» dos Transportes Maritimos do Estado carregou 7.000 sacas de assucar.—(A).

Consul brazileiro

RIO DE JANEIRO, 23. — Embarcou no paquete «Brabantia» o consul em Gottembourg, sr. Oliveira Ocusta que vai assumir o seu cargo.—(A).

Cotações brazileiras

RIO DE JANEIRO, 23.—Café, 17$800 cambio s| Londres, 7 e 7 1|16; valor do escudo português, 1$225, 1$300 réis.—(A).

SANTOS, 23. — Café typo 4, 14$200; vendidas 28000 sacas, ficando um stock de 2840716.

Noticias do Porto

A falta de agua—A visita do sr. Presidente da Republica—Um desastre lamentável

PORTO, 23.—A cidade continua lutando com a falta de agua.

—O sr. Presidente da Republica chega amanhã a Campanhã ás 15|41 em comboio especial, que tem aqui a demora de 20 minutos, seguindo para Braga, donde regressa no dia 25, chegando no Porto ás 20|15. A demora aqui é até ao dia 27, regressando nesse dia a Lisboa no comboio das 9|45. No domingo deve presidir, de tarde, á sessão de abertura do congresso luzo-hespanhol no teatro de S. João.

Um carro electrico, que descia hoje com grande velocidade o declive do Largo da Lapa, derrubou e triturou um rapazito surdo-mudo, de 6 anos de idade.—(A).

O tratado do Trianon

TOKIO, 23.—O Japão ratificou o tratado do Trianon.—(H.)

NOTA DO DIA

MORREU JOÃO DO RIO

Os "poveiros" estão de luto. A pena que intrepidamente os defendeu, longe da Patria, acaba de descançar para sempre, morta a mão energica, dutil e requintadamente elegante que a empunhava. Embora os portuguezes no Brazil não precisem — ao que se diz — de quem os proteja além Atlantico, era Paulo Barreto, um amigo lial, sincero, onde ecoavam como em alma irmã, todas as aspirações da raça luzitana.

RIO DE JANEIRO, 24.—Faleceu o brilhante escritor Paulo Barreto que usava o pseudonimo de João do Rio, e que ultimamente dirigia o jornal «A Patria» onde defendeu sempre com coragem os interesses de Portugal contra a insidiosa campanha nativista.—(A).

N. da R. — O telegrafo é uma invenção barbara. Subito desaba golpes de ariete sobre o coração da humanidade. Hoje, manhã cêdo, inesperada a noticia tomba sobre todos nós, João do Rio vitima duma congestão, passou para lá da vida. Uma congestão?! O artista refinado, esteta, perfumado literato que sempre viveu numa elegancia de vida e de costumes superior victima prosaicamente dum refluxo de sangue como qualquer digno comerciante da nossa praça.

Ah! não! João do Rio, o nosso amigo, o dilecto de Portugal, vive ainda, palpita junto a nós. Lemo-lo neste punhado de jornaes que hoje mesmo friamente chegam com as suas crónicas aqueles bilhetes postaes, verdadeiros, incezivos que a «Patria», o seu modernissimo jornal enderessára diariamente a todos os que passavam sob o seu olhar mordaz e elogioso, sincero e inteligente.

Paulo Barreto deixa uma larga obra literaria, que Portugal conhece tão bem como o Brazil. Em todos os generos a sua pena fertil, vagabundeou num estilo claro, fluente, poetico quasi sempre.

A critica risonha da «Correspondencia duma estação de cura», as crónicas modernas de «A Mulher e os Espelhos» em teatro a «Bela Mme. Vayes» e sua ligeira «Eva» que Lisboa saboreou, para só falar nas obras que ultimamente Lisboa recebeu do seu dilecto amigo «João do Rio», são excelentes provas do seu alto e indestructivel valor literario no Brazil.

Inteligencia viva num corpo de menino, qualquer coisa de extremo amante da beleza antiga, era ao mesmo tempo, numa nova fase de actividade, num poetico quente, vigoroso a quem Portugal deve uma dedicada e proficua campanha em defeza dos seus filhos perseguidos pelo nativismo desenfreado.

João do Rio esteve ha pouco mais de um ano em Portugal onde mais uma vez manifestou o seu amor á nossa terra.

Com ele perde Portugal—não esqueçamos—o mais leal e verdadeiro dos seus amigos no Brazil.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Apodos, apupos e alcunhas

Do caracter portuguez — Peniche, Alcoutim, Arouca e Lourinhan — Paio Pires — A terra do carcanhol — Os da Moita — Chuva de apodos

Afigura-se-nos quasi impossivel e ficaria sempre incompleta, uma revista de todos os apodos que de terra a terra os povos dirigem uns aos outros, por motivos tão infinitamente variados, como são, entre muitos outros, os antagonismos etnicos, as rivalidades politicas, os odios tradicionaes ás vezes provenientes da falsa interpretação dada a alguns contos medievaes, quando não resultantes da simples corruptela de pronuncia ou de equivocos ortograficos.

Contudo não terminaremos este estudo sem completar um pouco mais o relato de tantas extravagancias injuriosas ou deprimentes que se criam e germinam no conceito colectivo dos povoados.

Na «Comedia Alfêa» do poeta Simão Machado lêem-se uns versos que traduzem a volubilidade do caracter portuguez em curtas pinceladas de mestre, a traduzir nitidamente as caracteristicas, autenticamente resultantes do nosso passado etnico:

«Ve-los-heis (os portuguezes), disse, á Franceza,
«Depois disso á castelhana,
«Hoje andam á valloneza,
«Amanhã á sevilhana,
«*E nunca á portugueza.*»

....

«E quão varios vos mostraes
«No trajo e na condição,
«Tam contentes sois, e mais
«*Na praga e murmuração*
«*Para os vossos naturaes*»,

....

«Enfim que por natureza
«E constelação do clima
«Esta nação portugueza
«O nada estrangeiro estima,
«O muito dos seus despreza».

E' certo que esta adaptabilidade a tudo quanto é estranho, explica e justifica a relativa facilidade que tivemos em descobrir, percorrer e avassalar o mundo.

Como, porém, não ha bela sem senão, como diz o proloquio, estas qualidades que nos permitiram assimilar tudo quanto de grande surgiu lá por fora em materia de sciencia, universidades, humanismo, formulas politicas, etc., deixou-nos tambem um residuo mau e um quasi instinctivo preconceito contra nós proprios e tudo quanto é nosso.

Já no nosso velho anexirista Delicado se encontra este dizer pejorativo a nosso proprio respeito:

«Ribeiras de Portugal
«Poucas e mas de passar.

No decorrer d'estes estudos, outros de identica natureza já temos mencionado. Em sentido mais restricto, referente não já ao paiz, mas a certas das suas localidades, vilas, cidades, provincias, etc., a injuria e o apodo referveem em cachão, temerosos, pungentes, irritantes.

Assim dizemos em sentido de desprezo — um amigo... de Peniche, um carrapato... de Alcoutim, um parvo... de Arouca.

Na Comedia Eufrosina, fonte inexgotavel de anexins velhos, encontramos tambem estoutra expressão — Parvo d'Arouca que come pão com códea.

Quem pretende passar por esperto e não consente que o enganem, diz muitas vezes sorridente e com ar agaiatado; que não veio agora da Lourinhã.

Lá para o norte substitui-se o nome de Lourinhã pelo de Ermelo, denominação de umas vilas do Minho e Traz-os-Montes, talvez de origem franceza, pois a França conta no seu eglologio um Santo Ermel, que serve de apelido a uma rocha proximo de Pas de Calais (1).

A Aldeia do Paio Pires, corruptela moderna do nome do fronteiro-mor do Algarve, D. Payo Peres Correia, seu fundador, é tomada erradamente pelo tipo de uma terra insignificante, onde tudo se ignora, onde a civilisação ainda nem sequer penetrou.

Por isso se diz familiarmente: § Parece que você veio da Aldeia do Paio Pires!

Ha entre nós esta preocupação de isolamento em assimilação com a ideia de ignorancia.

A miude se ouvem frases como esta que assumem o aspecto e frequencia de anexins: — Estar na aldeia e não ver as casas — ou tambem — ser da terra do lá vem um.

Os de Lisboa, pelo grande uso que fazem da salada de alface, apelidam-se — alfacinhas, — como os do Porto por motivo paralelo, merecem o epiteto de... tripeiros!

N'um proloquio alemtejano encontramos o mesmo apodo de *alfacinhas* aplicado aos de Fortios ou Fortizes.

Aqui bem perto, ao Barreiro chamam ironicamente — terra do *carcanhol* — nome dado a uma especie de ostras de que em certa quadra do ano ali quasi serve de base de alimentação, vendo-se por aqui e por ali dispersos pelos campos do concelho muitos montes de cascas d'aquele marisco, a lembrar os velhos *Kjoekkenmoeddings* que se encontram em Portugal, no vale do Tejo, proximidades de Mugo, Salvaterra e noutros lugares, e tambem nas antigas cidades lacustres.

Os da vila do Lavradio, ali proximo, continuam a ser na bocca do povo —os cachamorreiros—e os de Alhos Vedros tratam-se por [illegible] da foice.

Seria interminavel a citação de apodos dirigidos ás povoações de Portugal. Se os habitantes de Faro, ao sul, teem a alcunha de—careças da cova dos ladrões—, tambem os lá do norte dizem:

—De Vizeu queria eu o cão pera o

(1) Pinho Lial. Portugal ant. e mod. voc. Ermelo.

VIDA SPORTIVA

NO TEATRO POLITEAMA

BOX

Tres combates internacionais

No proximo domingo Silva Ruivo, o campeão nacional, combate o francez Cadieux que vem precedido de grande fama

Oscar da Silva contra Chassagne

Não ha amador da nobre arte que não espere anciosamente as 15 horas do proximo domingo para ir ao Politeama assistir á magnifica serie de combates que ali se realisam, organisados por uma nova empreza que nos promete para futuro outros belos programas, e com a colaboração de «Os Sports» e alguns dos mais distintos amadores portugueses de box.

Silva Ruivo, que ora está bem trabalhado, faz a sua reaparição combatendo o francez Cadieux que hoje de manhã chegou a Lisboa e que se mostrou disposto a um combate energico e duro, aspirando á vitoria, que ele garante lhe pertencerá. Por sua vez Ruivo está convencido do triunfo. Difícil é prognosticar qual será o vencedor, porque ambos os pugilistas teem o mesmo peso, são egualmente fortes e desejam a vitoria que lhes garantirá futuros encontros.

O inglez Bob Reno não pôde embarcar para vir combater Oscar da Silva, mas os organisadores contrataram outro boxeur de mais nome, que vem mais caro: o francez Chassagne que certamente vae fornecer um belo combate contra o resistente negro, que podemos considerar uma esperança nacional, visto que está trabalhando com metodo e persistencia.

A' hora que escrevemos os organisadores não receberam ainda telegrama da partida de Barcelona do boxeur Americano, que foi contratado para se medir com Faustino Pereira. Não é certa, portanto, a realisação deste combate, mas o programa, mesmo assim, continua sendo magnifico porque os dois matches acima anunciados hão-de resultar bons, porque são sinceros, equilibrados e disputados com bolas.

A arbitragem está confiada a distintos amadores entre os quaes Silvestre da Silva, Mac Nicol, João Rosa Brito, chegado á dias de Manchester onde tem praticado assiduamente o box, Miguel da Silveira, Antonio Silva, etc., o que constitue absoluta garantia da sinceridade dos combates, que são disputados com luvas de 4 onças, em 10 rounds cada um.

O Politeama deve ser pequeno para comportar os numerosos amadores avidos de presenciar estes belos matches.

O «boxeur» Faustino Pereira, vencedor de Max Henry, que combaterá com Americano, na matinée de domingo

NO COLISEU

O sarau de terça feira do Lisboa Gimnasio Club

A segunda parte do programa do sarau que o Lisboa Gimnasio Club vae realisar no Coliseu dos Recreios na proxima terça feira, consta dos seguintes numeros:

1.º—Trapesio e força dental por B. Artur Serpa e Henrique de Carvalho.

2.º—Turbing-Act por Henrique José Lira e professor João Brito—numero creado pelo professor (1.ª vez no circo).

3.º—Jogo de pau—Antonio Lapa professor do Club e seu discipulo Antonio Torres Motta.

4.º—Paralelas—Manuel Vassalo de Araujo, Oscar Ribeiro de Carvalho, Alfredo Cristino Gomes, Francisco Assis Mourão, José Miguel da Silva Pereira Junior e Mario Alves de Amorim.

5.º—Equitação—tanden a 2 cavalos, D. Maria Amelia Corte Real da Camara Mouat e João Costa Real da Camara Mouat, alunos da classe do club-dirigida pelo professor Joaquim Gonçalves Miranda.

6.º—Luta greco-romana—Henrique Soares da Piedade Campeão 1921 e José Carlos Lima.

Alem d'estes numeros outros ha de grande interesse cuja nota daremos oportunamente.

A direcção do Lisboa Gimnasio Club conseguiu que á saida do espectaculo hajam meios de condução para todos o s pon tos da c idade.

PATINAGEM

A Ginkana na Amadora

E' no dia 3 de Julho que no «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora se realisa a interessante «matinée» de patinagem promovida pela Liga Desportiva Pró Amadora (Secção de Patinagem) que assim inaugura a sua serie de festas. A Comissão organisadora já convidou para este estimavel concurso do Hockey Club de Portugal, Ginasio Lisbon Club, Sport Lisboa e Benfica e Ginasio Club Portuguez, tem já o programa elaborado que será publicado em breves dias.

Os bilhetes que restam encontram-se á venda no Salão de Jogos, Casa Sena, em Lisboa e na Amadora nos Recreios Desportivos da Amadora.

Noticiario

Não se realisa no domingo o desafio de foot-ball, que estava marcado entre o Casa Pia e Sport Lisboa em virtude do Casa Pia se encontrar no Porto.

—Tambem não se realisam no domingo, desafios de water-polo.

—Começou hoje a disputar-se em Santarem um concurso hipico.

---

coelho e não o homem para o Conselho. (1)

Da mesma fonte registramos este outro assás curioso:

«E' como os da Mealhada
«Que o que dizem á noite
«Pela manhan não é nada.

De tantos exemplos, porém, o mais interessante é aquele em que a antiga vila da Moita se vê envolvida em estravagantes apodos cuja intuição se perde.

Os naturaes d'aquela região denominam-se—moitenses,—e mais geralmente moiteiros — dando ás vezes a esta ultima designação apelido a alguns.

Pouca gente haverá entre nós que não tenha ouvido dizer, como apodo quasi insultante:—os da Moita.

«Moita, quatro vintens» é de uso frequente, ou com maior simplicidade—moita!—e tambem—moita, carrascol ou—moita no casol—expressões estas com que o narrador pretende significar que se colou, que nem sequer esboçou uma resposta.

Estas duas ultimas espressões intercectivas devem ser muito antigas, pois já as encontramos condensadas pelo velho autor das «Infermidades da lingua portugueza».

Tambem o povo muito amiudo diz com amarga e um tanto pornografica ironia, que quem vae á Moita, muito se afoita.

Não conseguindo atingir o exacto intuito d'este modo de dizer, por algum tempo o julgámos uma quasi insignificancia popular, com que se procurava o concorrencia sónica do enoitar e «muito», com emprego forçado do verbo «afoitar» por mero capricho de rima.

Em França, porém, encontramos registado um anexim semelhante no modo pungente da exprimir ironicamente, e de molde a revelar-nos a existencia de uma especiede correlação de pensamento entre povos a distancia.

Os francezes dizem com efeito:

«Celui vrayment s'hazarde
«Qui conquista le Canadá. (2)

D'onde se vê que quem conquistou o Canadá, em verdade afoitou-se a valer.

Enfim, por onde quere que transitemos pelos campos da nossa terra, lá encontramos anexins em apodo difamatorio ás suas localidades.

Noites de luar e dansando em roda, quantas vezes á volta da fogueira, se ouvem quadras como esta que, cantada no Alemtejo, se acha já registada com o numero 888. (3)

«Campinho, terra de braxas,
«S. Marcos, das feiticeiras,
«Cumiada das manhosas,
«Reguengos das borracheiras.

Pelas provincias, a tal ponto impressiona este habito difamatorio em relação aos povoados, que chegam a formar-se ás vezes conjuntos, especie d'inventario dos apodos mais usados n'uma região.

A esta obra dos tempos chama o ilustre mestre Teofilo Braga proloquios toponimicos. Da sua coleção respigamos o seguinte colhido no Alentejo:

«Lisboa, coisa boa,
E o Porto da-lhe pelo rosto.
Braganha, oh! minha menina;
Tancos, baila nos bancos.
Punhete, belo ramilhete.
Passamos á Redemoinhos.
E Abrantes está como d'antes;
Sardoal, vae-lhe muito mal.
Surva—peles de Moção.
Moita dos Carvoeiro;
Gavião,
Altas mezas, pouco pão.
Muita agua leva Margem,
Em proveito de Polveiros;

Bogalho de Val de Pezo;
Lanceiros de Flor da Rosa,
Escuda-favas do Crato.
Muitos do Alter do Chão;
Pisa-barros de Fronteira.
Lavradores do Cabeço de Vide,
Partidarios de Monforte.
Ladrões de Souzel;
Altas sobreiras de Povoa
Dão peleja a Montalvão;
Enxota pardaes de Marvão,
Lagarteiros de Escusa,
Cardadores de Castelo de Vide;
Bebedores de Portalegre,
Alfacinhas dos Fortizes,
Balseiros da Alagoa,
Papa-sôpas de Alpalhão,
Queimadinhos de Niza,
Fraca justiça de Vila
Dá combate a Vila Flor,
Pagaceiros da Amieira,
Tronchos da Ponte-Sôr.

Ladislau Batalha

(1) Apud A. Coelho—Portugalia-III-490
(2) Le Roux de Quincy-Proverbes-I-284
(3) Cantos Populares Portuguezes de

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. — «O Cardeal».
AVENIDA—A's 21,15—«O coração manda».
GINASIO—A's 21,30— «Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Miss Diabo».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tais».
SALÃO FOZ — A's 20,30, 22,30 — «Troiaros».
COLISEU DOS RECREIOS —A's 21,30—O filo «Barraba».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Agenda da semana

SABADO, 25 — Teatro Nacional, A Derrocada, 1.ª representação. Teatro S. Carlos, Marianela, (reposição). Teatro do Ginasio, A Garra, (reposição).

Nota do dia

Artistas impagaveis

Numa interessante entrevista publicada hontem no «Seculo», em local onde não é costume tão desenvolvido interesse ás coisas teatraes, vem chamar mais uma vez a atenção do publico para o problema dos ordenados exorbitantes que as estrelas exigem ás emprezas, pondo-as a... pão e laranja.

Já no seu livro «No palco e na Rua» Carlos Leal chama a Nascimento Fernandes um actor «impagavel», e agora é o seu emprezario Antonio Gomes quem exclama num desabafo: «E' bom que o publico saiba o que certos artistas custam ás emprezas», dizendo que o seu contrato era de 1 conto e quinientos mensaes, fora 6 contos que deu de trespasse pelo «celebre» actor.

Muito pessoalmente a nossa opinião é que Nascimento Fernandes como todos os Fernandes, os Cunhas, os XXV podem e devem pedir contos e contos de reis por mez, trens aturados, toilettes, tres beneficios por dia; naturalmente que não são eles os «tolos» desse momento que apezar das suas exorbitantes exigencias, ha alguem que logo as satisfaz.

Em teatro, o emprezario Augusto Gomes é uma pessoa simpatica, procedendo com correção, liberalidade, e esforçando-se por no seu «melior» ser o mais perfeito possivel. Mas achamos muitissimo bem que o actor exigente e que ele cedeu sempre lhe preque um «calor», para servir de exemplo a todos.

Os emprezarios que procedam em identicas circunstancias. A' desordenada sofreguidão dos artistas capazes de deitar qualquer empreza abaixo, teem os emprezarios transigido de forma a ocasionar a situação irregularissima, bolchevisada de ordenados que se vê pelos teatros. Um bom artista de declamação com exigencias de representação, um artista a quem o nosso Teatro deve noites de arte, não consegue 2 terços do ordenado dum «palhaço» de scena, dum «compère» pandego, ou dum cantador de fados.

Mas não é só sob o ponto de vista de desorganisação, de indesciplina e de cubiça que os artistas que um dia se salientam por qualidades naturais, merecem os reparos do publico. Em geral, todo o artista que se destacou é atacado do microbio da «celebridade» e pensa logo em proclamar a independencia.

Concordâmos rialmente em que é muito bonito um empregado, por ex mplo de sapataria, que é «artista» na sua obra se ponsar em estabelecer-se mais abaixo fazendo talvez concorrencia ao antigo patrão; para se fazer botas arranjam-se uns aprendizes, as ajuntadeiras e com uns retoques do mestre as botas aparecem á venda iguaes ás de todos os sapateiros; o artista teatral por maior talento que tenha não faz teatro sósinho; o teatro é a vida; a vida não é uma pessoa.

Ora o ilustre artista encosta-se a um capitalista, dispensa os que lhe possam fazer sombra, não quere confrontos no seu teatro e ao fim de tres mezes ou quatro anda a queimar repertorio com uma companhia de-equilibrada dá em pantanas com o seu teatro, com a sua empreza, é até com o prestigio que manteria num conjunto onde não se olhasse só á vaidade.

E' difícil encontrar-se um Cofreau ou mesmo um Sacha em cada canto da nossa pequena Lisboa.

E, se nos muitas vezes temos protestado contra a intromissão dos comerciantes no Teatro, protestamos tambem pelos efeitos perniciosos dos actores-emprezarios; os resultados estão bem patentes para que citemos exemplos e contudo a febre, a ancia de «pôr casa», continua infrenemente.

Os «actores impagaveis» ...Ora aqui está um titulo novo para os nossos celebres.

A. F.

NOTICIARIO

Entre nós

Não é no S. Luiz, nem no Avenida, nem no Ginasio, nem no Nacional nem mesmo em S. Carlos que se estreará Lucilia Simões.

—Ferreira da Silva faz um dos papeis principes dos «Conquistadores» a peça nova do Avenida a subir á scena para a semana.

—Lucilia Simões, ao que nos consta, fará reprise das peças «A Rajada, Magda e Casa em Ordem.

—Entra amanhã em ensaios no Nacional a peça de Linares Ribas, tradução de Acacio Antunes «A Raça» para reaparecimento de Lucinda Simões.

—Na epoca de inverno Erico Braga transita do Nacional para outro teatro.

—Teodoro Santos vae para a companhia «Lucilia Simões».

—No festival que se vae realisar brevemente no S. Luiz em homenagem a Machado Correia, promovida por jornalistas, sobe á scena o «Conde Barão, entrando na peça Esculapio, Felix Bermudes, Nobre Martins etc.

—No domingo realisa-se no Nacional a 3.ª audição gratuita da Escola de Arte de Representar. O programa é o seguinte:

«O Pierrot negro e a Pierrotte côr de rosa»; de Julio Dantas, musica de Herminio do Nascimento.

«Balisario e as tres Marias»; de Eduardo Peres.

As tres primeiras scenas do 1.º acto da comedia de Molière. «O medico á força».

«Rosas de todo o ano»; de Julio Dantas.

Reclames

Marianela que sobe amanhã á scena e dará apenas 5 recitas. A encantadora peça dos irmãos Quintero é um dos melhores coros de gloria de Amelia Rey Colaço, que n'ele tem um papel que é um modelo de delicadeza e sentimento. S. Carlos está sendo o ponto de reunião da nossa melhor sociedade.

Uma originalissima festa de caridade

No terraço Bragança as mais lindas raparigas da sociedade elegante e do corpo diplomatico, coadjuvadas por ilustres senhoras organisam o arraial de S. Pedro

Vae ser um facto realmente curioso, para a gente mundana e para os que procuram, na vida espectaculos inéditos as festas que várias meninas e senhoras do corpo diplomatico e da aristocracia preparam na vespora de S. Pedro, no Terraço Bragança.

O local que é um verdadeiro «rouvaille» para aquele genero de diversões deve ter, graças á direcção da r.ª D. Maria Fernanda de Castro, um aspecto encantador e tudo leva a crer que seja uma das mais pitorescas festas que se tem realisado ultimamente nesta insipida Lisboa.

Sabemos que dos arredores da cidade vem uma filarmonica com harmonius e gaitas de foles, e sabemos muitas outras coisas...

Mlle. Padilla e Mme. Fontoura Xavier, entrarão na festa, estando tambem alem de outras sensacionaes, numeros, prometendo o concurso da gentilissima senhora e distinctissima artista D. Maria Roque Gameiro.

Bem hajam as raparigas elegantissimas que nessa garrida e espirituosa ideia do Arraial tão brilhantemente contribuem com a graça da sua frescura e com a vivacidade da sua ideia para tirar a monotonia a esta cidade apatica, parada e sêca...

ULTIMA HORA

A grève dos electricos

A reunião de hoje do pessoal grevista

A' reunião de hoje dos grevistas presidiu o sr. Francisco dos Santos secretariado pelos srs. Joaquim dos Santos Barbosa e Luciano da Costa Pereira.

Entre o expediente figurava uma carta de saudação do conductor sr. Manuel da Costa.

E' lida depois uma moção, que é aprovada, protestando contra os crimes de assassinato cometidos nas pessoas dos seus camaradas de Hespanha.

O sr. Armando Martins, presidente da comissão de melhoramentos, expôe á assembleia o que hontem se passou na conferencia que em Bemfica teve pelas 19 horas com o sr. Freire de Andrade a pedido daquele senhor, para uma vez mais se tratar da solução da grève, declarou que nessa conferencia o sr. Freire de Andrade convida o pessoal a retomar o serviço, devendo as suas reclamações ser estudadas depois, no espaço de 15 dias, respondendo-lhe o sr. Armando Martins que o pessoal não aceitaria de modo algum essa plataforma, pois a Companhia, durante os 7 mezes decorridos em que essas reclamações lhes foram apresentadas, já tiveram o tempo suficiente para as estudar.

Louva a atitude, que classifica digna de registo, do sr. Ministro da Justiça para com o sr. Presidente do Ministerio nesta questão dos electricos louvando tambem a atitude do «Seculo» que procura no seu inquerito que vai fazer saber a quem cabem as responsabilidades da manutenção da grève, depois de haver declarado ter ido hontem á redacção do «Seculo» certificar-se de que facto, como lhe tinham dito ali existiam documentos que provassem que estava vendido á Companhia.

Manuel d'Almeida Lopes protesta contra uma carta vinda hontem no «Seculo da Noite» dizendo-se que a Companhia fornece um salario ao pessoal depois de falarem outros oradores foi a sessão encerrada.

O sr. Armando Martins apresentou a plataforma que o pessoal entende mais viavel; o governo durante dois ou tres mezes arrecadar as receitas da Companhia e pagar as suas despesas, para se constatar então se a Companhia pode ou não atender as suas reclamações.

O sr. Armando Martins acrescentou que o pessoal, sendo-lhe satisfeitas integralmente as suas reclamações, não desistia tambem do pagamento dos dias em greve.

Os atentados dinamitistas

A policia de Segurança do Estado começou hoje de manhã as investigações para a descoberta dos auctores do lançamento das bombas que esta madrugada explodiram na rua Marechal Saldanha, rua do Diario de Noticias e na rua dos Correeiros contra tipografias ali existentes. A policia mantem presos e incomunicaveis João Coelho e Inacio João Antonio, que foram hontem detidos no hospital de S. José quando iam interrogar os dois feridos. Os presos não foram ainda hoje interrogados, em vir tudo da policia estar procedendo a outras deligencias. A policia está convencida de que os atentados foram obra dos tipografos grevistas que quizeram aproveitar os folguedos de hontem para confusão dos estampidos.

Na Sociedade Nacional de Belas Artes

Realisa-se amanhã no magnifico «hall» d'esta agremiação uma festa japoneza, promovida por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade e para a qual reina grande entusiasmo. Entre as numerosas e interessantes barracas figura uma de D. Zulmira Franco Teixeira Falcarreira e outras das sr.as marqueza de Avila e Bolama.

Alguns artistas como o sr. Francisco Santos, Leitão de Barros, Armando Guerra e o scenografo Calabroz prestaram-se a executar algumas decorações.

SPORT

BOX

Os combates no Politeama

Os organisadores dos combates de box que se realisam no domingo no Theatro Politeama receberam esta tarde o seguinte telegrama:

BARCELONA, 23—Confirmo saida de Americano combates Faustino.—C.

Marinheiros mercantes

O sr. ministro da marinha recebeu uma comissão de marinheiros e moços da marinha mercante a quem verbalmente apresentou as suas reclamações.

O sr. ministro convidou-os a concretisar essas suas reclamações n'uma exposição escrita para estudar o assunto.

NOTICIAS DA CAPITAL

AS PROEZAS DA GATUNAGEM—A policia prendeu, Carlos Pinto, morador na rua José Dias Ferreira aos Olivaes por ter gasto em seu proveito a quantia de 150$00 producto da venda de uma corrada de loja que pertencia ao sr. Joaquim dos Reis Cardoso, morador na rua Mariano Carvalho, 57.

—Joaquim Vitel, morador na rua das Quintas, 70, queixou-se á policia que os gatunos lhe furtaram uma carteira de mão no valor de 1.300$00 que pertencia ao sr. Arnaldo José d'Almeida com armazem de tonificios na rua Augusta, 125.

Exposição Lyster Franco

Tem sido grande a afluencia dos amadores á magnifica exposição de carvões que o ilustre artista algarvio sr. Lyster Franco abriu, ha poucos dias, no Salão do Teatro Nacional.

São muito lindas e sugestivas as suas paizagens e em todas elas, executadas com inexcedivel mestria, o grande artista que é Lyster Franco soube condensar aquele «Charme» indiscriptivel que é o precioso caracteristico da beleza artistica.

Muitos trabalhos teem sido adquiridos pelos nossos principaes amadores de arte. A Exposição continua, ao que nos consta, por mais alguns dias.

A CAPITAL

3817 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escriptorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 25 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

DENTRO DA REPUBLICA

Encontra-se em Braga, onde foi recebido com extraordinarias ovações populares, o sr. Presidente da Republica. O facto tem uma importancia especial, tanto mais que n'essa cidade cujas tradições religiosas são bem conhecidas, o ilustre arcebispo da diocese teve ensejo de saudar o sr. Antonio José d'Almeida, proferindo palavras que se já não surpreendem nem por isso devem deixar de ser convenientemente frisadas, como frisadas devem ser as que, em resposta áquelas, pronunciou o mais alto representante da Republica Portugueza.

Disse o sr. D. Manuel Vieira de Matos que saudava reconhecido o Chefe do Estado, desejando-lhe longa vida para dirigir os negocios do Estado, e n'estas frases se patenteia o acatamento das auctoridades eclesiasticas pelas instituições republicanas que o sr. Antonio José d'Almeida simbolisa e em nome das quaes dirige os destinos da nação. Por sua vez o sr. Presidente da Republica afirma que os deveres do seu cargo «lhe impõem velar pela religião de quasi todos os portuguezes, que é a religião dos heroicos capelães militares que em França ás trincheiras acompanharam os nossos soldados». E acrescentou: «Que guardem todos as suas convicções, pois ninguem tem o direito de devassar a alma dos outros!»

Nobres e dignas afirmações que reflectem a maxima pureza do ideal republicano! Só podemos lamentar que seja necessario proferi-las o supremo magistrado da Republica para que se cale o côro demented de intolerancia com que alguns desgraçados inconscientes, fanatisados por sectarios sem escrupulos, por vezes procuram dar á Republica um aspecto inquisitorial, tão revoltante como aquele em que se acendiam fogueiras para perseguir os desorentes. A Republica não é uma instituição anti-religiosa, e o facto de não haver uma religião oficial não pode levar ao extremo de se desconhecer, como o sr. Presidente da Republica já acentuou, que a enorme maioria do povo portuguez é catholica.

Houve um tempo, quando a monarquia regia este paiz, em que se intentaram perseguições contra os livres pensadores. A intolerancia monarquica ia ao ponto de quasi os não considerar como cidadãos portuguezes, o que era levar bem longe o culto rigoroso da religião do Estado. Os republicanos protestaram sempre vivamente contra esse facto, porque entendiam, e bem, que todos os cidadãos portuguezes deviam merecer a mesma protecção do Estado. Pois bem! O Estado republicano tem um dever ainda maior de não consentir que se tratem os catholicos como se não fossem cidadãos portuguezes, tanto mais que se a monarquia era oficialmente adepta d'uma confissão religiosa, a Republica não o é de nenhuma, não se compreendendo por isso que de maneira alguma permita que seja conculcada a consciencia dos que uma religião professam.

Portugal não é mais Republicano do que a França, que tem, no campo da democracia republicana, tradições que nenhum paiz pode egualar. Pois a França respeita o culto catholico, já restabeleceu as suas relações diplomaticas com o Vaticano, e reconhece a obra dos capelães militares como profícua, patriotica e necessaria.

O sr. Antonio José d'Almeida, na altissima situação em que se encontra, dispõe d'um campo de visão que lhe permite aperceber em conjuncto todos os aspectos da sociedade portugueza. A sua obra é eminentemente republicana, precisamente porque é nacional. Tem S. Ex.ª a noção nitida das superiores conveniencias da Republica, que de resto, se integram n'um criterio de ampla justiça. Chamava-se-lhe sonhador, mas os factos estão provando que ninguem, mais do que ele, se encontra dentro das noções da realidade.

A QUESTÃO DO JOGO

Se podem reprimi-lo, porque não o reprimiram já?

Resposta á "Democracia" — Definindo atitudes

O nosso joven colega «A Democracia» tratava no seu numero de ontem da questão do jogo, citando «A Capital» como um dos jornaes que não são adversos á regulamentação.

Só depois de escrito o nosso artigo hontem publicado, e já a horas tardias é que «A Democracia» nos veio ás mãos. Se assim não fôra, hontem mesmo falariamos com o colega, não na linguagem romantica do sr. João Camoezas, mas como pessoas que leram as falas de Lloyd George didando leis aos vencidos, quasi meio seculo depois de morrer Victor Hugo...

E verdade, verdade, a conversa não será longa: estará em harmonia com a argumentação, que é curta.

O nosso colega, que apezar de joven nos aparece já um pouco calvo, recita gravemente as rasões classicas com que ha um seculo, inutilmente, se pretende esmagar o jogo.

Alguns argumentos da sua lavra são tão frageis que, esses sim, denunciam a pouca edade do argumentador. Começamos por estes.

Diz a «Democracia» que tambem os assassinos e os ladrões, apezar de toda a capacidade e energia das instituições de defesa social, conseguem realisar as suas proesas.

E ninguem se lembrou, por amôr disso, de proclamar a inutilidade da repressão do roubo e do assassinio reclamando a sua regulamentação, etc.»

A «Democracia» confunde o crime, com o vicio, o que é misturar alhos com bogalhos. A vida humana é uma cousa sagrada, e a propriedade á face das leis sociaes que nos regem, inviolavel.

Jogar é um vicio mau, não ha duvida, mas pode fazê-lo, sem se macular, ou um genio ou um santo.

Quem mata que não, o faça em legitima defesa, ou em circunstancias muito especiaes, é um miseravel; quem rouba é outro miseravel. Mas é acaso um miseravel uma creatura, só pela razão de se sentar a uma meza onde rodeja uma roleta?

Se assim fosse, a justiça que persegue assassinos e ladrões, deixaria em socego os casas onde se joga?

Adeante.

Outro argumento da «Democracia» é o de que «nos tempos de experiencia de abusiva regulamentação», justificaram a necessidade de repressão total, pois o numero de bancos aumentou.

Ora isso não é assim, pelo contrario, houve diminuição de casas populares, — populares como diz «A Democracia» — por que os pesados encargos as esmagavam, e aumentou, sim, o numero de casas opulentas, dos grandes clubs onde só tem pessoas de fortuna, que tinham que perder — e que queriam ir lá...

Assim é que está certo.

Quanto ao mais, que diz o nosso colega, está dito e redito, é velho como a Sé de Braga, e, até hoje, ainda não conseguiu convencer ninguem. Principalmente, essas rasões não acabam com o inicio do jogo...

«Familias abandonadas, suicidios, desfalques, aumento de prostituição e doenças»...

Valha-nos Deus! «A Democracia», em dois periodos, faz a historia do homem em todos os continentes e em todas as raças! Pois não houve sempre suicidios e desfalques e familias abandonadas? Pelo que se lê no nosso joven colega, apenas se fechem os casos do jogo acabam todos as desgraças, e este globo ficará sendo o paraizo terreal! Não mais desfalques, suicidios, não mais prostituição!

«A Democracia» falou em suicidios, não mais e a palavra evoca-nos um caso que passou ha dois anos. Foi talvez esse caso, bem triste que inspirou o colega. Referimo-nos aquele pobre rapaz, que se matou á porta d'um club. Foi de noite, e logo correu que o desventurado o fizera, por ter perdido na roleta uma soma que não era sua. Pois soube-se, depois, que se tratava d'um apaixonado, e não d'um jogador. O pobre rapaz matara-se porque, indo a esse club em busca de certa rapariga que amava, a encontrou em companhia d'outro homem.

Pelo menos assim se disse, e ninguem o contestou.

Dê-se o caso á porta d'um club, se se desse, por exemplo, á porta da Sé, iriamos reclamar o encerramento dos templos?!

Mas não vale divagar.

O nosso ponto de vista está definido. O jogo é um vicio lamentavel, e, extinguí-o, seria um grande e belo acto de vida moral do homem.

Infelizmente, isso é impossivel, como se tem visto, pois todas as experiencias feitas teem dado resultados negativos. Quanto mais perseguido mais aceso.

N'esse caso, que dêle venha algum proveito não podemos evitar o mal! Convertamo-lo n'um mal menor.

Principalmente, sujeitemol-o a pesados encargos, que isso tambem serve a restringir a acção. Com encargos pesados, só poderão funcionar as grandes casas, e, ahi, mercê da qualidade das pessoas que lá entram, esse vicio será quasi inofensivo.

O Estado não quere cobrar essa renda, porque ela vem do vicio? Bem! faça-se como dantes, já o dissemos; entregue-a á policia, e ela que a distribua pelas casas de caridade, pelos asilos, pelos hospitaes, que tem necessidades, provadas e confessadas.

Isto é logico. Tem porem meio de suprimir o jogo, eficazmente, a valer? Então façam-n'o, sem demora, mas, depois de o fazerem, sempre lhes perguntaremos:

Porque não o fizeram ha mais tempo?

A MINHA SEMANA

Aspectos: *A noite de S. João — O Instituto dos Pupilos do Exercito. Uma grande obra quasi desconhecida — O Congresso Luso-Espanhol. Portugal de braço dado com a Espanha. Uma nota de intimidade.*

Literatura: *A morte de Paulo Barreto. Um grande amigo de Portugal que desaparece — Pedro de Menezes e o seu ultimo livro. Uma especie de lirismo que recorda os velhos cancioneiros — Poetas novos: Domingos Monteiro. A sua "Nau Errante".*

Mulheres: *O voto feminino em Portugal. Se votassem em quem votariam elas? Dois dedos de inconfidencia.*

S. João é lirico e doce como um favo de mel. Era de certo poeta — poeta que fosse santo apenas por ser poeta. O povo portuguez do Norte, o povo retinto, humus vivo e ardente com os olhos cheios de sol e o coração ao pé da boca — festeja-o como ninguem, com fogueiras e arraiaes, com noivados e descantes. E' o Santo do Minho e das Beiras, porque os santos e a beleza das mulheres foram sempre regionalistas — duns regionalismo que não faz congressos, que não defende theses, que não convida o Terreiro do Paço a assistir, e que tem apenas de contacto com o outro as marchas «aux flambeaux» e as gaitas de foles á chegada dos congressistas. St.º Antonio e S. João! St.º Antonio é, apesar de tudo, mais boémio, com as suas bilhas quebradas. Com os seus cravos vermelhos, que as suas raparigas bonitas, com o seu beijo, á sucapa, porque, afinal, como diziam os frades, um beijo não é pecado — pecado é não dar... S. João foi hontem. Pois só hoje, no primeiro ar da manhã, a cidade adormeceu, cinzenta e fatigada — porque já não tinha mais que dançar...

Não quero deixar de desfolhar sobre a sua memoria, o meu ramo de violetas. Pobre Paulo Barreto! Nunca mais o seu sorriso nos dirá ao despedir-se de nós, quando deixava Lisboa:

— Até breve, até muito breve...

Pedro de Menezes mandou-me o seu ultimo livro de versos «Xente d'Aldeia». Versos galaicos intitulou-o seu auctor — e de facto sente-se ao lê-los toda a delicia e ingenua frescura desse pequenino torrão espanhol que Fialho adorava quasi com o mesmo enlevo com que adorava o seu Alemtejo cheio de sol. Emquanto folheava as paginas deliciosas de «Xente d'Aldeia» e os versos passavam pelos meus olhos, com a graça misteriosa de flores, tive a impressão de que me debruçava sobre um cancioneiro do seculo XIII escrito por um poeta que nascesse em pleno seculo XX.

Um poeta moço — sempre os poetas moços — atirou ha pouco, para as montras, o seu eterno livro de versos: «Nau errante». Duas palavras apenas sem a minima pretensão de criticas literaria: o livro é de facto uma nau errante — mas os meus leitores podem embarcar nela, sem grande medo, porque afinal tem alguns versos bons que fazem o efeito de cintos de salvação...

* * *

Eu tinha sido amavelmente convidado a visitar o Instituto dos Pupilos do Exercito, no dia do seu aniversario. Não poude apesar de tudo, realizar a minha visita nesse dia — e só ha pouco me foi possivel efectua-la. Não resisto hoje á tentação de lhes contar, em tres minutos, as minhas impressões.

A S. Domingos de Bemfica existe uma obra modelar, de educação e de carinho. Devem visita-la todos. Dum velho convento fez-se uma grande escola. Levantaram-se tectos, abriram-se salas, rasgaram-se janelas, o sol entrou a jorros, inundando, lavando, doirando — e das treinheiras devotas que lá viveram ficou apenas uma especie de atmosfera carinhosa e calma, que nos envolve, que nos rodeia, que parece caminhar comnosco lá dentro e que persiste ainda em nos acompanhar a mim, como uma névoa doirada, ha cinco dias. O Instituto dos Pupilos do Exercito é ao mesmo tempo uma grande oficina — e um grande lar. Levei duas horas a percorrê-lo pela mão dum ilustre oficial da armada, o sr. Antonio Ferreira de Sousa, espirito cultissimo e a cuja alta competencia está em grande parte entregue a direcção desta escola. Fiquei encantado. Atravessei todas as oficinas — a encadernação, a tipografia, a serralharia, a alfaiataria, eu sei... — por todas elas se me deparou essa calma disciplina, sem a qual não ha grandes homens nem grandes nações. Não se ensina apenas a trabalhar a essa multidão de rapazes que palpitam por toda a parte, alegres, buliçosos, deante de mim: ensina-se tambem a dignificar o trabalho. Como Portugal seria outro — se tivesse em cada cidade uma escola como esta!

Inaugura-se hoje no Porto o Congresso Scientifico Luso-Espanhol. Perante um capitulo solene de capelos amarelos e azues — vão-se acentuar mais uma vez as tendencias já largamente esboçadas duma mais ampla aproximação entre Portugal e Espanha.

Estas tendencias são essencialmente cultivadas até como necessidade imediata, por alguns vultos mais iminentes do paiz vizinho e até amigo.

Ouvi-o ainda ha pouco quando num dos intervalos da Conferencia Interparlamentar do Comercio tive a honra de falar com esse encantador tipo de castelhano, excessivo e sinceiro que é D. Elloy de Bullon. Repetiu-me ha menos tempo ainda o moço secretario da legação de Espanha quando conversamos numa das salas do palacio de Palhavã. Faço votos para que o Congresso do Porto não tenha somente grandes consequencias scientificas: tenha tambem iminentes consequencias diplomaticas para os interesses dos dois paizes.

* * *

Morreu Paulo Barreto. Ha noticias que parecem fulminar-nos. O grande escritor que sabia, como ninguem, traçar uma atitude, surpreender um gesto, exprimir um movimento, que conseguia fixar para sempre, a nota rapida, incisiva, mordente da vida que passa e que esquece — morreu em plena mocidade e em plena gloria. Nesta hora de dupla tristeza para a literatura portugueza e brazileira — ...

OS GRANDES MATCHS DE BOX

A reunião de amanhã no teatro Politeama

Tres portuguezes vão combater tres estrangeiros

O jornal "Os Sports" colabora na organisação

A grande reunião de box que amanhã se efectua no Theatro Politeama pelas 15 horas, não necessita reclames.

Basta publicar o programa para o publico vêr que os organisadores de colaboração com o jornal «Os Sports», vão dar o mais emocionante espectaculo. Os nossos tres pugilistas Silva Ruivo, Faustino Pereira e Oscar da Silva vão combater trez estrangeiros de categoria.

Os resultados dos encontros são duvidosos porque os organisadores equilibraram quanto possivel os combatentes.

Silva Ruivo quere reabilitar-se para futuros combates, Faustino manter o seu nome depois da sua ultima victoria contra Max Henry e Oscar que tem esperanças no futuro e assim resistirá ao seu adversario.

O programa dos combates será o seguinte:

«1.º combate» — Pereira contra Americano (argentino) arbitro o amador sr. Silvestre Alves da Silva.

«2.º combate» — Oscar da Silva contra Chassagne (francez), arbitro o amador sr. Humberto Caldas.

«3.º combate» — Silva Ruivo contra Cadieux (francez), arbitro sr. João Rosa Brito.

E' a primeira vez que entre nós se realisam tres combates internacionaes.

Os organisadores pondo de parte os interesses monetarios julgam desta forma dar ao publico o maior espectaculo de sport realisado até hoje em rings portuguezes.

NOTA DO DIA

PORTUGUEZES NO BRAZIL

A noticia da prohibição do Jornal da Europa poder circular no Brazil vem chamar a atenção da imprensa para o problema dos portuguezes no Brazil. Milhares de cartas que poderiamos publicar, pedem para que alguem acorde do seu indiferentismo o dr. Duarte Leite, a fim de proteger os portuguezes que são victimas duma campanha como nunca.

Que sabe o governo? E a Agencia Financial? E as medidas de finanças que o Brazil vae tomar? Que sabe o governo? Que faz o governo?

— LINHAS INTERROMPIDAS —

Diz-se que a «Companhia dos Caminhos de Ferro atravez d'Africa» vai estender as suas linhas até Portugal em homenagem ao sr. dr. Henrique de Vasconcellos ter sido nomeado futuro ministro em Roma.

✦ ✦ ✦

Vai ser condecorado pelo general Smuth com a «Ordem do banho», o sr. dr. Brito Camacho.

✦ ✦ ✦

Apezar de continuarem as escavações da Camara Municipal no Rocio a «Derrocada» vai no Teatro Nacional.

✦ ✦ ✦

Houve hoje grande animação nos «restaurants» da Baixa — em virtude de não ter chegado o Trinacria. E apezar de tudo imensa gente ficou sem «lunch».

✦ ✦ ✦

Hoje no «Tempo» realisa-se um beneficio. Sobe á scena o Othelo... de Carvalho. O espectaculo é dedicado ao ilustre critico Armando Ferreira.

✦ ✦ ✦

Queixa-se-nos o sr. Marquez de Pombal proprietario da Praça de Touros da Rotunda que a Camara disse mal do seu terreno e que o pretende mandar para a Penitenciaria.

✦ ✦ ✦

Alves Coelho vai ser proposto deputado por Arganil. Vamos ter um Parlamento corrido a toque de caixa...

✦ ✦ ✦

A America vae-nos enviar um «dreadnoughts» em virtude da falta de electricos. Voltamos aos... americanos.

✦ ✦ ✦

Afim de se treinarem para o combate de box Dempsey-Carpentier, que se realisa de hoje a oito dias na America, efectuam-se em breve, dois matchs de box com luvas de quatro onças... de francez entre dois dos nossos mais cotados jornalistas sportivos.

✦ ✦ ✦

Anuncia-se para breve a chegada do sr. dr. Afonso Costa afim de assistir ao nascimento de seu neto. Sua ex.ª que já tem aparado vários ministerios — tem honras de parteira.

✦ ✦ ✦

As meninas mais honestas de Lisboa são as meninas dos telefones (companhia dos surdos-mudos anglo portugueza). Por mais que a gente lhes fale... não ligam nenhuma.

✦ ✦ ✦

Os garotos começaram agora a pedir cinco reis para S. Tomé... Barro. Os garotos vão ser promovidos — a aspirantes de finanças.

✦ ✦ ✦

Terminado o concurso da mulher mais bonita do paiz a Capital lançará as bases do homem mais bonito de Portugal. O primeiro premio cabe com certeza — a D. Fernando I. Afim de tratarem das suas candidaturas partiram para a provincia os srs. Santos Farinha, Cunha Leal, Anibal Soares, Pestana d'Amorim. O sr. dr. Brito Camacho apresenta a sua candidatura por Moçambique.

Etc. Etc. Etc... e tal.

A morte de João do Rio

Causou enorme impressão em todas as classes da sociedade brasileira

RIO DE JANEIRO, 24. — A noticia da morte de João do Rio correu vertiginosamente por toda a cidade produzindo uma impressão de dôr e de saudade impossivel de descrever-se. Não obstante o dolorosissimo acontecimento ter-se dado perto das duas horas da madrugada, uma multidão compacta, constituida por pessoas de todas as camadas da sociedade dirigiu-se imediatamente ás instalações do jornal «A Patria» a inquirir informes e na esperança ainda de que a noticia não tivesse a suprema gravidade que se lhe atribuia. Infelizmente a resposta não podia ser outra um toda a sua esmagadora brutalidade: João do Rio acabára de falecer victimado por um ataque de «angina pectoris».

Momentos antes, no seu gabinete de trabalho, ainda a sua pena tinha corrido celere, elegante e apaixonada sobre os quartos de papel que se destinavam á composição do jornal onde os interesses dos portuguezes tinham encontrado o mais extrenuo defensor, o mais esforçado paladino.

A confirmação da noticia causou o mais profundo sentimento. Em todos os rostos se viam lagrimas.

Os jornalistas não abandonaram mais o cadaver. A colonia portugueza, desde os seus elementos mais abastados aos mais humildes, juncou de flôres o seu leito de morte.

O cadaver foi embalsamado. A camara dos deputados, o senado, a academia, as associações, os jornais, todos manifestaram de todos os modos o seu profundo sentimento e saudade.

O funeral de João do Rio deverá realisar-se no proximo domingo e constituirá uma eloquente expressão do sentimento nacional. — (A).

RIO DE JANEIRO, 24. — Devido á intervenção dos amigos, que desejam que no funeral se dê o maior brilho, o enterro de João do Rio deve realisar-se no domingo a fim de poderem tomar parte nele os elementos do comercio e muito principalmente para que a colonia portugueza possa incorporar-se. Hoje procede-se ao embalsamamento, ficando o cadaver em seguida exposto ao publico na sala da redação de «A Patria», que continua repleta de admiradores do extinto. A Academia brazileira desejava que o cadaver fosse transportado para o edificio da Academia, mas o colaboradores de João do Rio n'«A Patria» e a familia preferiram que ficasse no jornal de que era director. — (H).

Lêr amanhã:

"Os Sports"

No Lyceu de Passos Manuel

Uma grande exposição escolar

No Lyceu de Passos Manuela Jesus, realisa-se nos dias 28 e 29 do corrente uma importante exposição escolar para encerramento dos trabalhos do corrente ano lectivo. Entre os muitos trabalhos que figuram nesse certamen educativo contam-se os exercicios praticos de sciencias, quimica e fisica, preparações muito interessantes e as decorações ornamentos e estylisações que enfeitam as aulas de desenho e que são executados pelos proprios alunos. O Lyceu Passos Manuel de gerencia do ilustre pedagogo sr. dr. Alberto Machado é como se sabe o mais importante estabelecimento de ensino secundario do paiz, sendo as suas instalações verdadeiramente modelares, sob todos os aspectos. Nas sciencias naturaes e nas aulas de geografia e desenho, vê-se pelos trabalhos expostos o grau de desenvolvimento com que o ensino dessas disciplinas é ali ministrado devendo por esse e por todos os motivos constituir esta certamen uma justa recompensa dos esforços inteligentes do sr. dr. Alberto Machado e dos seus colaboradores na obra do ensino secundario oficial.

A liberdade dos estreitos

A França e Inglaterra e a mediação no conflito grego-turco

PARIS, 24. — O «Echo de Paris» assegura que o sr. Briand e Lord Curzon na ultima entrevista que tiveram nesta capital, resolveram declarar indispensavel a manutenção da liberdade dos estreitos, no caso de fracassar a proposta de mediação dos aliados no conflito greco-turco.

Se os kemalistas viessem a penetrar na zona neutra, seriam tomadas as necessarias disposições para ai se lhe oporem as tropas aliadas. — (H).

O general Gouraud

é vitima d'um atentado

DAMASCO, 23. — Foi cometido um atentado contra o general Gouraud, na ocasião em que se dirigia para o lago Tiberiade.

O general Gouraud ficou ileso. — (H).

OS TELEFONES

Não haverá gréve

Tendo corrido boatos duma possivel grève dos telefones procurámos saber de fonte limpa o que de seguro ha sobre o assunto.

Segundo as nossas informações o pessoal reclamou já em tempos aumento de ordenados, tendo a companhia declarado absolutamente a impossibilidade de os ceder visto que os ultimos e pezados aumentos concedidos ás tarifas apenas chegaram para satisfazer as exigencias do pessoal. O pessoal ficou de procurar o sr. ministro do comercio, lançando porém entre o mesmo opiniões varias visto a tendencia natural do custo de vida para descer.

A direcção da companhia por seu lado está certa que não haverá grève tendo tudo preparado para assegurar á população que o serviço telefonico não faltará, tanto mais que com o operado com o pessoal concedendo todas as melhorias que estão ao seu alcance.

Não vae po's ao que parece nova calamidade cair sobre a população de Lisboa.

O desarmamento alemão

BERLIM, 24. — Diz o jornal «Worwaerts» que em Rosenheim, numa reunião das guardas civicas do distrito de Chiem, o chefe Kanzler, da organisação militar denominada «Orka», declarou que o desarmamento e a dissolução são impossiveis e que era preciso subtrair o maior numero possivel de armas á entrega e transportá-las para o Tirol, para os depositos da «Orka».

E' preciso principalmente não entregar os canhões nem os lança-bombas. As guardas civicas devem transformar-se em associações de antigos soldados ou em sociedades sportivas.

A respeito de dinheiro Kanzler declarou que não havia motivo para inquietações, visto haver tanto quanto fôr preciso. Os outros chefes da «Orka» declararam que entregariam apenas as armas necessarias para não levantar suspeitas.

O tenente Brand observou que tambem se podiam esconder os canhões e os lança-bombas nas granjas, debaixo de medas de palha. — (H).

...que só parece ser concedido a poucos, um grande amigo de Portugal — amigo sincero, ardente, desinteressado.

Luiz d'Oliveira Guimarães

Ministro do Trabalho

No rapido das 9,45 partiu hoje para Coimbra o Ministro do Trabalho sr. dr. Lima Duque, acompanhado pelo seu secretario particular.

O crime de Alpiarça

Dizem-nos carecer de fundamento a noticia publicada n'um jornal de que o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, tivesse á porta do Café Brazileira, no Rocio, qualquer discussão acalorada com um seu colega sobre o crime de Alpiarça.

Tambem somos informados que é destituida de fundamento a acusação feita ao agente Delgado de haver agredido o sr. Alfredo Ferreira Issac, na ocasião em que o interrogava sobre o assassinio do tenente Fonseca, no qual se suspeita ser aquele um dos implicados.

O proprio sr. Ferreira Issaco declarou que não havia sido agredido pelo referido agente, mas sim acometido d'uma dôr em consequencia da comoção que estava sofrendo n'aquela ocasião.

Pendencia de honra

De um conflicto havido entre um funcionario do ministerio do trabalho e um empregado superior da Companhia dos Tabacos de Portugal, de apelido Pereira Coutinho, surgiu uma pendencia que vae ser resolvida no campo da honra.

Regimento condecorado

Partiu hoje de manhã para Tomar o sr. ministro da guerra, general sr. Alberto da Silveira, onde vae condecorar com a Torre e Espada e a medalha de valor militar o regimento de infantaria n.º 15, devendo de regressar depois de amanhã.

OS DINAMITISTAS

A policia de Segurança do Estado prosegue nas suas investigações sobre o ultimo lançamento de bombas, tendo-se efectuado até hoje 5 prisões, recaindo suspeitos sobre dois dos presos, guardando-se porem o maximo sigilio sobre este assunto, para não estorvar a acção da policia.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. —«A Derrocada».
S. CARLOS—A's 21,30 — «Zilda».
AVENIDA—A's 21,15—«O coração manda».
GINASIO—A's 21,30—«A Garra».
FOLITEAMA — A's 21 h. —«Miss Diabo».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ — A's 20,30, 22,30 — «Trotsró».
COLISEU DOS RECREIOS —A's 21,30—O film «Barrabas».
GIL VICENTE— Aos domingos, segundas e quintas-feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Nota do dia

Originaes... por pedidos

Sobe hoje á scena no Nacional, mais um original portuguez, o que muito nos orgulha e satisfaz. Todos os passos dados para que a dramaturgia nacional resulte mais brilhante, se activo, se manifeste viva são por nos aplaudidos sem rebuço.

O original de hoje não é dum novo. O seu autor já firmado não vae ser uma esperança para a arte de amanhã caso a peça triunfe; mas é tambem notavel que ao lado dos dramaturgos nascentes venham ainda ve..os os dramaturgos de hontem arredados como andam dos nossos palcos.

Ha porém um facto que não compreendemos. «A derrocada», ciciase é meia voz, não permanecerá no cartaz muitas noites. Sorrizos dos que andam no segredo dos... bastidores, dizem mesmo que se chegar ao final da noite será um... milagre.

E' sobre este facto que queremos protestar. Não ha o direito de torpedear uma peça antes dela subir á scena, mas ha o direito de perguntar a esses que garantem quasi sob palavra que a peça vae ser um desastre, porque se leva á scena.

Dizem que a pedidos, empenhos duma personalidade poetica trunfo no ministerio da instrução e com cadeira fixa no Nacional. Dizem que a peça vae á scena contra o voto do administrador...

Mas isto é duma inconsciencia espantosa. Os efeitos que produz uma peça má num teatro são sempre desastrosos. A corrente do publico afasta-se. O descredito, a desconfiança cae sobre empresas e actores... e afinal é o que —diz-se—se vae ocasionar hoje no Nacional, por obediencia a empenhos e por favoritismos intoleraveis.

Mas, tudo é prematuro. Oxalá as vozes agoirentas se tenham enganado e a «Derrocada» seja um «triunfo» e é esse o mais vivo desejo da «Capital».

A. F.

Noticiario

Entre nós

—No «Sá da Bandeira» do Porto, subiu á scena a «Leiteira de Entre Arroios», sendo friamente acolhida pela imprensa.

—No Olimpia da mesma cidade anuncia-se para sexta-feira 1 a estreia da companhia Alegrim, que se apresent. com o «Az».

— A companhia de que faz parte Lucinda Simões e Lucilia Simões obre os seus espectaculos com uma peça russa.

—Reaparece hoje no Apolo o actor Alfredo Ruas que se achava doente.

—Na proxima epoca Alvaro Pereira trabalhará no Apolo.

—Alves Coelho, o maestro popular conhecido—dizem-nos—vae-se propôr deputado por Arganil.

Lá por fóra

Os «Amigos das Letras Francezas» teem realisado, em Paris, uma série curiosa de conferencias, com projecções, sobre a Arte do Silencio, subordinadas aos seguintes titulos:—1.º, O realismo sentimental; 2.º, A vida interior; 3.º, A vida do olhar; 4.º, A epopeia lirica; 5.º, O simbolismo; 6.º, O realismo pitoresco; 7.º, A multidão moderna.

—O jornal ateniense «Nea Smera» informa que, no Teatro-Arte, de Siracuso, a grande actriz grega Catopoli, tenta fazer ressurgir o velho teatro classico, recitando scenas da «Efigenia» a Confissão de Clitemnestra, e a «Agamenon», para um publico escolhidissimo.

—A companhia franceza dirigida por Lucien Rozamberg, tem representado, com exito, no «Teatro Municipal» do Rio, a comedia «Le Retour», de Flers e Croisset.

Do Rio

Leopoldo Froes, exibe actualmente, no «Fenix», a comedia «O Az» e Alexandre Azevedo, interpreta no «Republica», o protogonista da peça «O Comediante», de Sacha Guitry.

Reclames

«Marianela», que esta noite se representa em S. Carlos, é uma das mais perfeitas e empolgantes obras dos irmãos Quinlero e uma das corôas de gloria de Amelia Rey Colaço. A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro montou a peça com o maior escrupulo. Todo o publico tem agora ensejo de admira-la no mais lindo e vasto teatro de Lisboa, por preços ao alcance de todos pois a lotação da casa assim o permite. «Marianela» dará um numero limitado de representações. Se ha peças que possam recomendar-se ás familias a dos Quintero pertence a esse numero.

Influencias do animatografo

Como em pleno dia e em pleno boulevard alguns bandidos de automovel saqueiam a montra d'uma ourivesaria, mantendo a tiro em respeito os transeuntes até complemento da audaciosa proeza

O «chaufeur» dum automovel da Sociedade de Rouvilé & C.ª, cavava no dia 19, ás 4 horas da manhã no boulevard de Clichy com um freguez que o tinha convido o, quando o vieram prevenir de que o seu carro tinha desaparecido.

O carro que acabava de ser assim audaciosamente roubado ir servir, algumas horas mais tarde, para a pratica dum roubo á mão armada que lembra extraordinariamente o da rua Tronchet, levado a cabo pelo bando Bonnot.

O ataque da ourivesaria

Eram 8,10 um empregad d ourivesaria, Ernest Lévi, do n.º 49 do boulevard Saint Martin, em frente do teatro da Renaissance, se preparava para levantar a porta metalica do armazem. Nas montras as joias estavam disposta para exposição. Na parte do estabelecimento mais proxima da porta de Saint Martin, as joias mais luxuosas estavam dispostas em estantes e estojos abertos.

Ao mesmo tempo que a porta de ferro subia, uma «limousine» parou em frente do numero 45.

Desceram quatro homens.

Um deles de estatura média, de cabelos grisalhos, com um chapeu mole descido para a testa trazia na mão um martelo de ferreiro. O seu companheiro, um rapaz imberbe, trazia uma especie de saco á sua frente em genero de avental.

Enquanto o primeiro reduzia a migalhas o vidro da montra a golpes de martelo, seu companheiro agarrava nas prateleiras carregadas de joias cuidadosamente «escolhidas» anteriormente, e vasava-se o conteudo para a vasta algibeira do seu avental.

Ao mesmo tempo e para impedir que os empregados interviessem os dois cumplices dos malfeitores que ainda não tinham avançado para a loja, atiravam repetidos tiros de revolver para as montras e o «chauffeur» tiros de carabina.

Os dois auctores principais, uma vez carregados com o producto da sua proeza, correram de novo para o automovel.

Os seus cumplices, voltando então, atiravam tiros de revolver para a direita e para a esquerda da «limousine», rodeando assim o carro pelo fogo para impedir que os assistentes se aproximassem.

Depois, saltaram, p r sua vez, para o carro que arrancou em direcção á praça da Republica.

O gerente da ourivesaria, sr. Francfort, reinando imediatamente o seu sangue-frio, saiu da loja, armado d'uma «browning» e pôz-se a perseguir os bandidos. Atirou para as trazeiras do automovel que fugia e quebrou com uma bala o vidro da pequena rotula que serve a os passageiros para olhar para traz do carro.

A bala atravessou egualmente o vidro que está colocado por detraz do «chauffeur». Mas o projectil, atirado obliquamente, passou por cima dos passageiros.

O automovel virando bruscamente, meteu pela rua de Lancy, justamente ocupada com trabalhos de canalisação. Depois, percorrendo alguns metros da rua Chateau d'Eau, o carro foi de uma nova volta para meter pela rua Albouy. Ahi, um grande carro automovel impedia a passagem. Por outro lado o automovel dos assaltantes parecia ter ozas.

Pessoas que habitam na rua Albouy afirmam ter então ouvido tiros de revolver, atirados do interior do carro, o que despertou a sua atenção. Os tiros pessoas atribuem estas detonações ao rebentar dos pneumaticos ou ás explosões do motor.

Fosse o que fosse, O carro passou em frente do n.º 52 e os passageiros desceram. Um levava o avental enrolado como um grande embrulho.

Dois dos seus companheiros seguiam-o. O 3.º dirigiu-se para o cais Volmy; o mais velho parecia ter dificuldade em o seguir. Tomou pela rua de Ruollets.

Tudo isto se passou em alguns minutos. Nesta hora matinal, poucas gentes se encontrava nas proximidades, o que explica que os bandidos pudessem desaparecer sem ser perseguidos. As testemunhas que depozeram achavam-se muito afastadas do automovel; não tinham ouvido as detonações do boulevard Saint Martin e, na realidade, nem o andamento nem o trajecto dos automobilistas chamou logo a atenção dos transeuntes. Só algum instantes mais tarde, quando se viu que os passageiros tinham abandonado o carro, é que começaram a espantar-se. Mas já era tarde. Um agente da policia, entrando no automovel descobriu duas «brownings», uma carabina Herstal, uma pistola Mauser, cordes, chapeus moles e luvas.

Um outro automovel?

O golpe tinha sido cuidadosamente preparado. As primeiras testemunhas inqueridas e as primeiras constatações feitas pelo comissario de policia e depois pelo juiz de instrucção confirmam esta convicção.

E' preciso notar que ao longo do caes Volmy, estavam operarios trabalhando na limpeza do canal Saint-Martin, actualmente seco. Parecia impossivel que não tivessem visto os quatro ou cinco individuos fugindo a correr.

Por outro lado uma ligeira indicação permitia julgar que o caminho a seguir, para ir da rua Albouy a uma das principaes gares teria sido cuidadosamente indicado por cumplices dos bandidos. Com efeito, pode-se vêr ainda no mesmo dia, durante muito tempo, depois do atentado, uma seta a giz na esquina da rua Albouy e do boulevard Magenta, com a indicação: gare de Lyon.

A importancia do roubo

Algumas das joias que tinham despertado a cubiça dos bandidos cairam no chão, quando o homem do avental agarrava nas prateleiras.

Acharam-se umas joias no interior da montra e no chão, ao lado do martelo de ferrador, abandonado pelos malfeitores. As joias que eles puderam roubar atingem um valor de, pelo menos, meio milhão.

As pesquizas

Os magistrados passaram a manhã e a tarde a inquirir testemunhas e a recolher indicios. Juntemos que alguma pessoas julgaram ver uma mulher elegante, que desapareceu depois do atentado, o que estacioneva em frente da loja, enquanto o empregado levantava a porta de ferro. E' ela que teria dado aos assaltantes o signal do ataque.

Apezar das circunstancias misteriosas do atentado e da rapidez com que foi feito, ha muitos elementos para a justiça trabalhar, principalmente os objectos abandonados pelos bandidos, os seus chapeus, comprados em Barcelona, as suas armas e as suas luvas.

Procura-se, ainda, o freguez desconhecido que convidou o «chaufeur» para cear no Cabaret Royal, tornando assim facil o roubo do automovel.

Emfim o martelo, dum modelo muito especial e que é novo, talvez possa fornecer uma indicação preciosa para a descoberta dos bandidos.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

A reunião do pessoal

A' reunião de hoje, do pessoal grevista, presidiu o sr. José Baptista Ribeiro secretariado pelos srs. Carlos Ribeiro e Antonio Luiz Gonçalves.

Lido o expediente, o sr. Carlos Fortes protesta contra um artigo publicado no jornal «O Tempo», no qual o seu auctor ataca o pessoal da Carris, declarando á assembleia que os trabalhos da comissão de melhoramentos estão bem encaminhados.

O sr. Claudio dos Santos egualmente protesta contra o artigo inserto no «Tempo» demonstrando tambem a sua confiança pelo bom resultado das démarches que se veem efectuando para a solução da greve.

O sr. Armando Martins, presidente da comissão de melhoramentos, dá parte das demarches da comissão de que faz parte, declarando que na reunião de hoje tomará tambem parte o sr. Alberto Tota e que aquele senhor pôz a questão num pé que deve satisfazer todo o pessoal, sendo opinião tambem do sr. Alberto Tota de que a não serem pagos os dias em greve as reclamações do pessoal devem ser atendidas apoz o primeiro dia que forem apresentadas á Companhia.

Na sessão de hoje foi lida a seguinte moção:

Camaradas: Decorridos 23 dias de luta este Comité sauda-vos pelo excelente moral da classe que é o mesmo do primeiro dia.

Camaradas: Não deveis estranhar não terdes recebido comunicações nossas ha dois dias em virtude dos delegados que teem andado em diligencias haverem tido dificuldade em comunicar com este Comité.

Camaradas: Avante, sem receio, nem tibiezas. A razão não recua.

No final ergueram-se bastantes vivas á greve.

O congresso do Porto

Congressistas hespanhoes que partem para Portugal

MADRID, 24 ás.— A fim de tomarem parte no congresso pelo progresso das sciencias partiram para o Porto o ministro da instrução, várias personalidades e os jornalistas.—(H).

O "Trinacria"

Só amanhã, pelas 8 horas, deve chegar ao Tejo o navio exposição «Trinacria», que hoje era esperado, devendo a visita áquele navio fazer-se no que nos consta, só no dia seguinte ao da sua chegada.

O incendio do Limoeiro

Confirma-se a noticia de ter sido preso no Rio de Janeiro Manuel Gonçalves, o «Manuel Galego» que, apoz o incendio na Cadeia do Limoeiro, de que foi acusado parte ali se evadiu.

No governo civil foi recebido um telegrama do Rio de Janeiro pedindo informações referentes ao preso.

Um valentão

O guarda civico que hontem estava de serviço na rua da Lapa, prendeu Eduardo Hungria morador na rua da Esperança, n.º 15, por ter entrado na taberna de Antonio Augusto Vieira naquela rua 44, de revolver em punho, ameaçando de morte o dono da casa e todos os que ali se encontravam.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral-Farmacia Luso Brazileira-Praça de S. Paulo, 20 e 22-Telef. 1876.

FRATERNIDADE MILITAR

O Presidente do Conselho de Administração da Fraternidade Militar, faz saber, em nome deste Conselho que está aberto concurso por 60 dias, para a escolha de dois orfãos, por cada distrito administrativo do paiz, filhos de ambos os sexos, de praças de pré mortos na Grande Guerra, tanto em França como no Ultramar, que serão admitidos nos estabelecimentos de assistencia e de educação a cargo do Estado, os quais são adoptados como pupilos pela Fraternidade Militar, que lhes dispensará toda a assistencia moral até completarem a sua educação, ou até adquirirem modo de vida que lhes garanta o futuro.

São condições de preferencia para ser admitido a este concurso: ser orfão de mãe; ter sido abandonado pela mãe; ter a mãe impossibilidade de lhe dar assistencia moral, por motivo de doença ou de má conducta; maior grau de pobreza da mãe; maior numero de filhos de ambos os sexos; 1.º—orfão de pai morto em combate; 2.º por ferimentos ou doença adquirida em campanha; ser maior de 2 anos e menor de 12.

Os requerimentos darão entrada na Secretaria das unidades, acompanhados dos seguintes documentos: certidão de idade do orfão; certidão de obito do pai e da mãe, ou só do pai, quando esta ser substituida por atestado passado pelo comandante da unidade a que o pai pertencia; atestado de pobreza ou do desamparo, passado pela junta de paroquia da respectiva residencia; atestado medico de que o orfãosinho sofre de doença contagiosa; atestado de vacina ou revacina; certidão de algum exame, caso o orfão possua essa habilitação.

MUSICA

A preferencia dos srs. societarios e assignantes de epoca lirica passada termina impreterivelmente ás 18 horas de amanhã 26, começando logo a serem satisfeitos os novos pedidos que em grande numero teem sido dirigidos para o escriptorio do teatro de S. Carlos.

Os concertos que o notavel orfeon da Capela Sixtina do Vaticano vem dar a este teatro dentro de alguns dias são apenas dois, nos quaes serão executadas as mais belas obras primas dos celebres compositores não só dos seculos XVI e XVII, como tambem da actualidade, entre os quaes figura os nomes de Palestrina, Victoria, Morales, Viadona, Alegri, etc., e algumas producções ineditas de Lorenzo Perosi, director perpetuo da Capela Sixtina do Vaticano.

Este orfeon compõe-se de 75 figuras e, por noticias recebidas hontem em Lisboa, somos informados de que o exito obtido em Barcelona, excedeu toda a espectativa, pois é opinião unanime dos criticos que ha muito tempo não assistem a uma grande manifestação de arte como a que dá o orfeon da Capela Sixtina, pela maneira como são interpretadas obras classicas que formam o seu vasto repertorio.

Lisboa, vae portanto, dentro de alguns dias, ouvir o esse maravilhoso orfeon que, digo-se de passagem, não ha melhor, podendo nós afirmar que pelo entusiasmo que estão despertando os dois unicos concertos, será coroado de seguro exito a iniciativa de trazer a Lisboa, esse brilhante nucleo de artistas.

As creadas associam-se

Acaba de se constituir a Associação dos Empregados Domesticos de Hoteis e Casas Particulares para salvaguardar os seus direitos e reagir contra a deleberação do governador civil, que as quere obrigar a cumprir um regulamento que taxam de draconiano.

Está tambem organisando uma bolsa de trabalho para se livrarem da tutela das agencias.

Amanhã das 14 ás 18 horas, realiza-se na sua sede, uma grande reunião para eleição dos corpos gerentes.

Exposição Lyster Franco

Tem sido grande a afluencia dos amadores á magnifica exposição de aguarelas que o ilustre artista algarvio Sr. Lyster Franco abriu ha poucos dias no Salão do Teatro Nacional.

São muito lindos e sugestivos as suas paisagens e em todas elas, executados com inexcedivel mestria, o grande artista que é Lyster Franco, soube condensar aquele «charme» indiscriptivel que é o precioso caracteristico da beleza artistica.

Muitos trabalhos teem sido adquiridos pelos nossos principais amadores de arte. A exposição continua, ao que nos consta por mais alguns dias.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Sociedade anonima-Responsabilidade Limitada

Nos termos do artigo 13.º dos Estatutos se faz publico que no sorteio das obrigações da série «Mirandela-Bragança» que se procedeu em 15 do corrente, saíram sorteadas os numeros: 42.096 a 42.100, 45.906 a 45.910 e 49.011 a 49.015.

O pagamento dos juros e amortisação desta série relativo ao 1.º semestre de 1921 (coupon 36) começará no dia 1 de julho p. f. em Lisboa, na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, 39, 1.º, das 11 ás 15 horas, e continuará em todos os dias uteis até 10 do referido mez, excepto aos sabados e depois ás sextas-feiras para as relações conferidas em cada semana. Este pagamento tambem se realisa no Porto na Filial do Banco Nacional Ultramarino.

No acto do pagamento será descontada a avença do contribuição de registo que for devida e o emolumento de 6 por cento nos termos da lei.

Lisboa, 17 de junho, de 1921.

O Director do Serviço,

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazens Geraes

Anuncio

Fornecimento de madeira de ulmo

Faz-se publico que ás 13 horas, do dia 28 do corrente mez de Junho, serão abertas na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na rua de S. Mamede ao Caldas, 63, as propostas ali recebidas para o fornecimento de quarenta toneladas de madeira de ulmo, seco, em pranchas com o comprimento de 1,60—3 a 60, largura minima de 0,25 e espessura de 0,10 a 0,16.

O preço a indicar será por cada uma tonelada de 1000 quilos.

A madeira será entregue sobre vagão em qualquer das estações d'estes Caminhos de Ferro dentro de barco acostado ao caes da estação do Barreiro.

As propostas em papel selado ou com um selo de $15 serão entregues em envelope fechado com a indicação «Proposta para madeira de ulmo».

O concorrente ao qual o fornecimento seja adjudicado depositará na Tesouraria d'estes Caminhos de Ferro dentro de 8 dias contados da data em que a adjudicação lhe tenha sido notificada, a quantia equivalente a 10 % do valor da mesma adjudicação, sendo este deposito restituido depois de ter sido concluido o fornecimento.

A Administração reserva-se o direito de modificar para mais ou para menos as quantidades indicadas nas respectivas propostas sem que o adjudicatario possa fazer qualquer reclamação ou ainda o de não fazer a adjudicação se os preços não forem julgados vantajosos aos interesses do Estado.

Lisboa 1 de Junho, de 1921.

O Engenheiro Chefe do Serviço dos Armazens Geraes

(a) *Feio Terenas.*

HUGO FORTES DE SOUSA E ALMEIDA (MALANZA)

Maria das Dores Pires de Sousa e Almeida (Malanza) e seus filhos Maria Helena e Magda, Josefina Perestrelo e filhas, Oscar d'Almeida sua esposa e filhos, Camilo d'Almeida esposa e filhos Laura de Almeida, (ausente) Carlos de Almeida, (ausente) Gustavo d'Almeida (ausente) Esther d'Almeida, Manoel d'Almeida Véra Cruz (ausente), Francisca Holl, esposo e filho (ausentes), Paschoal Bettencourt, Lourenço Alves Pires Amado, participam o falecimento de seu muito querido esposo, pae, irmão, cunhado tio e amigo, devendo o seu funeral realisar-se domingo 26, da sua residencia R. Lucinda Cordeiro 120, 4.º, ás 4 horas para o cemiterio.

Touradas

Algés.—O popular lidador e mico A. Preto vae a Algés, apostado—nisto ninguem o vence—a tornar-se amanhã a fazer rir a bandeiras desprezadas o publico, com um novo intermedio comico, intitulado «Um capitalista na praça de Sevilha», o s ja uma parodia aos espontaneos toureiros que em Hespanha são pitorescamente alcunhados de «capitalistas» que costumam saltar ás arenas.

Os bandarilheiros e forcados são curiosos cheios de arrojo e o cavaleiro é o aplaudido José Gomes do Cacem. Os artistas Luciano, Cebola e A. Carvalho e alguns praticantes auxiliam a lide.

Enquanto a concorrencia do publico o exigir, a Sociedade Estoril, além dos comboios costumados, fará todos os extraordinarios que forem precisos.

Gremio Excursionista do Monte

Hoje, pelas 21 horas, na rua Direita á Graça, 162, 1.º, esquerdo, realisa o professor sr. Ladislau Batalha uma conferencia sobre «A segurança dos operarios nos acidentes do trabalho». A entrada é livre.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Praça da Liberdade, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.: — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

A CAPITAL

3818 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 27 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Republica e Religião

Em torno da atitude que o sr. Presidente da Republica, procedendo em plena conformidade com o seu governo, como o provam as palavras do sr. Barros Queiroz, tem tomado em presença da chamada questão religiosa, está-se levantando dos arraiaes extremistas, quer os que se encontram na direita, quer os que se encontram na esquerda, um côro por egual desvairado em que se apercebe o malogro de esperanças, alicerçadas nos odios e nas paixões, que sistematicamente não procuram senão perpetuar um estado de conflicto na sociedade portugueza.

Assim, monarquicos confessos ou disfarçados clamam que o sr. Presidente da Republica procura subornar os catholicos com as suas afirmações de liberdade e tolerancia, e, por seu turno, elementos eivados d'um jacobinismo pueril quando não selvatico bradam que o sr. Antonio José de Almeida está transigindo com a reacção clerical.

São duas formas de chegar ao mesmo fim: a perpetuação dos dissidentes portuguezes, sem nenhuma rasão séria para que esses dissidios existam, porque o sr. Antonio José de Almeida não fala senão a linguagem da lei, do direito e da justiça que é a propria do regimen republicano.

Ainda o sr. Antonio José de Almeida disse que a Republica adoptava uma determinada religião. Não o disse nem o podia dizer. Ele proprio, falando em seu nome pessoal, não se declarou adepto de nenhuma confissão religiosa, embora as respeite a todas, não podendo desconhecer o facto, palpavel e claro, de ser catholica a quasi totalidade dos cidadãos portuguezes.

Nem no dominio teorico nem no dominio pratico se pode alimentar a pretensão de iludir a realidade dos factos.

Sendo a enorme maioria da população portugueza catolica, sobretudo nas provincias do norte, nem o sr. dr. Antonio José de Almeida, como chefe do Estado, e portanto de todos os portuguezes, nem o sr. Tomé de Barros Queiroz, como chefe do governo, poderiam afirmar, sem proferir uma mentira boçal e inutil, que tal facto não existe, que esse sentimento ou nunca predominou nessa população, ou do seu intimo já desapareceu.

Chegar a Braga, no coração do Minho, e declarar que a religião catolica já não tem fieis em Portugal, seria, além duma falsidade, uma estupidez.

E que se ganharia com isso? Reproduzir-se-hia o truc politico de afirmar que nos Jeronimos se não encontra o cadaver do dr. Sidonio Paes porque nos Jeronimos se decidiu chamar a «parochia de Santa Maria de Belem»?

As cousas são o que são, e não é com taes sofismas infantis que elas perdem a sua realidade e a sua significação.

A doutrina do sr. presidente da Republica e do seu governo é a verdadeira.

Só poderão insurgir-se contra ela aqueles que, para dar força a uma afirmação precipitada, desejariam convencer-nos de que, com efeito, o catolicismo não pode já contar senão com um seculo de existencia. Tudo isso são estratagemas mesquinhos, habilidades saloias, sectarismos deprimentes, subserviencias repugnantes. A doutrina do sr. presidente da Republica e do seu governo é nobre, elevada e pratica. Sendo justa, é politica. Sendo oportuna, é essencial. As crenças religiosas não colidem com as convicções republicanas. Dentro dum mutuo respeito, a egreja catolica e o Estado republicano podem e devem viver na liberdade e na paz.

No paiz visinho

Regresso do rei — Conselho de ministros

MADRID, 27. — Foi adiado para domingo o regresso do rei de Espanha.

O conselho de ministros aprovou o pagamento das quantias em atrazo da exposição das industrias electricas realisada em Barcelona em 1914. Foram tambem aprovadas as obras do palacio da justiça de Sevilha.

O governo deliberou manter o criterio do ministro do fomento na discussão dos respectivos projectos de lei.—A.

Congresso eucaristico

MADRID, 27.—Reuniu o congresso eucaristico, presidindo o bispo de Madrid e o arcebispo de Valladelid. Os congressistas foram em excursão ao Escurial assistindo á noite ás Vesperas.—A.

Fuga d'um oficial

MADRID, 27. — Do hospital militar de Carabanchel desapareceu o comandante de infanteria Juan Lopes Vicencio que ali se encontrava enfermo, procedente de Larache donde tinha vindo processado para responder no tribunal militar.—A.

O GRANDE SUDARIO...

Não temos onde cair mortos!

Populações sem hospitaes, vilas sem escolas, o paiz todo sem estradas!

E ABANDONAMOS RECEITAS OPULENTAS

«Portugal é um lindo paiz de selvagens inofensivos».

Assim concluiram de nós os delegados á conferencia inter-parlamentar do comercio, que ha tempos nos visitaram.

Sim, lindo sol, paisagem radiosa, um trecho de Oceano que mal fala de naufragios, lindas rosas, pardaes em janeiro... No resto, nós vivemos a vida de ha um seculo. Não temos estradas, nem caminhos de ferro, nem qualquer obra de comodidade ou de utilidade que seja um sinal da civilisação contemporanea.

Sim, os delegados estrangeiros viram-nos bem. Pois concebe-se lá, hoje, um paiz sem comunicações! Epoca de vertigens, em que se vive uma vida febril — e nós estamos como ha cem anos.

E os delegados estrangeiros quasi não sairam das cidades, onde se acumula sempre um arremêdo de civilisação. Fossem eles ás nossas vilas, entrassem bem no coração do paiz, e pasmariam de tanto abandono.

A maioria das nossas cidades não tem um hotel apresentavel. São aldeias cortadas de ruas, onde habita uma população sonambula e resignada vivendo n'um scenario velho de ruinas onde ha hervas seculares.

Os seus monumentos, sinal d'um passado ilustre, caem aos pedaços, como velhos muros de quinta desabitada. Que casarão é aquele, de paredes chagadas, — a desfazer-se desde os alicerces até aos telhados? E' a Camara Municipal! E aquela habitação lôbrega, sem portas, sem janelas, toda torcendo-se sob o vento como no meio da tempestade? E a escola!

A' volta d'essas cidades e d'essas vilas, a propria lavoura paralisa, essa lavoura que outrora era prospera, activa, deligente, fonte de riquezas inumeráveis.

E' que os seus productos ficam ali, imobilisados por falta de transportes.

As sua deliciosas frutas são lançadas aos porcos; o milho, o trigo, o azeite, que davam colheitas grandiosas, já hoje não chegam para o consumo dos proprios habitantes, porque o homem perdeu a fé na boa terra de seus paes, e emigrou, foi ajudar a enriquecer paizes doutro continente, doutra raça, doutra lingua!

Quando, ha cêrca de tres anos, a epidemia da pneumonica passou em terra portugueza, nós vimos claramente toda a grandeza da nossa desgraça. Povoações inteiras foram atacadas do mal, sem que fosse possivel acudir-lhes, porque não temos hospitaes, nem postos de socorros, nem enfermeiros!

Morreram milhares de pessoas sem assistencia, enterrados no seu lar quasi sempre infecto!

Pois um paiz que vive assim, atrazado e pobre, sem estradas, sem escolas, sem hospitaes, recusa uma enorme receita que lhe viria do jogo preferindo deixa-lo á solta a restringi-lo, que o mesmo era que torna-lo menos perigoso!

Nesta questão do jogo tem havido sempre uma orientação que não é de gente onde ha uma maioridade de cabelos brancos. E uma parte da culpa pertence á imprensa, que de tudo faz politica e quem nem sempre tem o desassombro de dizer o que pensa, preferindo captar uma popularidade facil.

O jogo é um vicio mau, não ha duvida. Ninguem o nega, ninguem ousa nega-lo. Mas sabido que ele é inevitavel, quantos são os que, em sua consciencia, não concordam em que melhor seria regulamenta-lo do que deixa-lo á solta?

Nós sabemos muito bem o que dizemos, e porque o dizemos. Temos, como toda a gente, as nossas relações, ouvimos opiniões, conhecemos pontos de vista. Ainda não encontramos um amigo ou um simples conhecido, seja qual fôr a sua posição social, que, a uma pergunta verbal, sobre a questão do jôgo, não responda, sem hesitar, que, visto não ser possivel acabar com esse mau vicio, inteligente seria enjeita-lo a deveres.

Pois essas mesmas pessoas, chamadas a dar uma resposta publica, ou diriam o contrario, ou responderiam com evasivas!

E; a nossa covardia moral, o nosso comodismo, de que tanto mal nos tem vindo.

Pois o momento não é para covardias, mas para resoluções ousadas, que alguma cousa produzam em beneficio colectivo.

A verdade é que estamos todos de acordo, e não é possivel, por exemplo, que só os membros do governo e só o sr. governador civil não entrem n'ele.

O sr. Tomé de Barros Queiroz é um homem pratico, e, como homem pratico, não porá de lado o pormenor interesse. Ha, como sua ex.ª sabe muito bem, algumas centenas de creanças ou de velhos invalidos que, embora sob a protecção do Estado, vivem com dificuldades; o jogo pode, e deve concorrer para o seu sustento, como industria prospera que é.

Recusar essa receita é absurdo, e o absurdo não pode por muito tempo subsistir.

Uma palavra do chefe do governo, e uma bemdita chuva de ouro cairia sobre esses indigentes e desvalidos.

Quererá o sr. Tomé de Barros Queirós, para si, pessôa pratica e bondosa, a responsabilidade da situação angustiosa que atravessam os desgraçados?

Não nos parece!

Ecos sem comentarios

Antes de subir á scena a peça do sr. Caiola, já toda a gente dizia a seu respeito: E' uma peça que... cai... olé!

✦ ✦ ✦

Um conhecido integralista descobriu que era miope. O sr. dr. Hipolito Raposo trocou o monoculo pelos oculos. Moralidade: Os integralistas já lá não vão sem lunetas...

✦ ✦ ✦

Chamamos a atenção das nossas «leitoras ricas» (sem piada ás nossas ricas leitoras) para o seguinte ternissimo anuncio:

ORFÃO. Rapaz de trinta anos, orfão de pae e mãe, procura senhora com meios de fortuna que o queira perfilhar. Carta com as iniciaes B. R., posta restante, Oeiras.

E' caso para perguntar se não ha por ahi nenhuma ama que queira dar o primeiro leite á desesperada creança.

✦ ✦ ✦

Os socialistas dividem-se em duas categorias: Os de caspa e os de casp'té! Isto é os que pousam de martires e os que pousam de apostolos — isto é os fonés e os elegantes. O sr. dr. Alberto Machado, «smart» como o principe de Gales será entre nós o representante da segunda corrente.

✦ ✦ ✦

Conta-nos um redactor do «Noticias» que aquele periodico está «congestionado» de empregados inuteis.

Não admira com tantos almoços...

✦ ✦ ✦

Agora por congestões: Morreu hontem no Rocio um cavalo dum trem, com uma congestão, por causa do sol. Bem anunciou o sr. Paiva e Pona que deitou abaixo as arvores para o descongestionamento da Baixa.

✦ ✦ ✦

Hontem um catedratico de Sevilha, que se encontra entre nós por causa do Congresso, perguntou na Rotunda, a um garoto, que local era aquele.

«E' o sitio onde se fazem as revoluções» — responderam-lhe.

Mais tarde quiz la voltar e esqueceu-se do nome, mas voltou-se para o cocheiro e ordenou:

¡Al local de las revoluciones!

Ora, não houve o gajo possivel...

✦ ✦ ✦

Diz-se que o sr. dr. Alvaro de Castro só voltará ao ministerio — agarrado pelos cabelos...

✦ ✦ ✦

Está em organisação uma comissão com o fim de entregar solenemente ao sr. Pona e ao sr. Tota os prefixos *ta* e *ba*. A sessão realisar-se-ha brevemente á porta da Brazileira.

• A festa de ámanhã • no Terraço Bragança

Um arraial de elegancia

Como a «Capital» foi o primeiro jornal a noticiar, realisa-se amanhã no Terraço Bragança, á rua Antonio Maria Cardoso uma elegantissima e original festa, organisada pelas mais graciosas raparigas da alta sociedade e do corpo diplomatico, coadjuvadas por distinctas senhoras da aristocracia. O programa que promete ser encantador e toda a organisação têm estado a cargo da ilustre e gentilissima poetisa sr.ª D. Maria Fernanda de Castro, contando esta senhora, com a colaboração dos mais interessantes elementos que costumam dar a sua adesão a tais festas. Haverá arraial, bailes, descantes, magnifica ceia ao ar livre, variedades e outras surprezas.

Emfim tudo leva a crer que a mocidade, a alegria, a magnifica situação do local e a amenidade do clima, como se costuma dizer, levem ao Terraço Bragança uma forte, elegante e distincta multidão.

A questão dos electricos

Porque não entregar a sua solução a uma comissão de arbitragem?

Anuncia-se para hoje uma reunião do Senado Municipal. Não sabemos qual a ordem de questões, a natureza dos assuntos que serão ventilados n'essa reunião, mas o que não é dificil deduzir — porque isso se impõe ao bom senso mais rudimentar — é que a questão dos electricos deve ocupar largamente as atenções do Senado.

Trata-se de discutir o contracto? Trata-se de verificar contas, de assentar sobre cifras, de chegar a conclusões aritmeticas? Evidentemente que nada d'isso se nota. Sómente a questão primacial deve ser atacada de frente, resolvida com firmeza, com decisão rapida: o restabelecimento dos carros electricos. Emquanto a camara faz calculos que a companhia carris se apressa a refutar, uma população de cerca de 600 000 habitantes transpõe leguas e leguas a pé, sob um calor asfixiante, inclemente. Ora este sacrificio de uma enorme multidão que trabalha, que produz, que tem direito a comodidades compativeis com o seu grau de civilisação — não deve, não pode prolongar-se.

Já dissemos ao sr. José dos Santos, vereador da camara municipal e a cujas qualidades de inteligencia e de dedicação prestamos justiça, e repetimos agora, ao Senado Municipal, com a costumada correcção e lealdade que *A Capital* põe em todas as questões que se prendem com o interesse do publico: — o nosso jornal põe á disposição da camara e do Senado as suas colunas para que, em artigos rapidos, exponham todas as suas razões contra o augmento de tarifas e façam valer toda a sua força de argumentação contra as afirmações da companhia. Mas por agora... o tempo urge, a questão primordial tem de se resolver. Não ha um momento a perder.

A população de Lisboa quere carros, a população de Lisboa necessita de carros. Entre-se num acôrdo provisório, faça-se um pacto transitorio, mas restabeleçam-se, para já as carreiras dos electricos que a população de Lisboa, n'uma atitude ordeira, pacifica, paciente, suplica a todos os instantes... não duvidamos acreditar que o Senado vá tratar com excelente vontade patrioticamente, do assunto, conferindo para a sua solução plenos poderes ao sr. José dos Santos, vereador municipal, ou qualquer outra entidade que ofereça as mesmas garantias de honestidade e de bôa vontade de acertar.

E não se vá dizer que está tomada já a resolução sobre o assunto e que se não pode sem perda de dignidade sobre ela reconsiderar. Para reconsiderar é sempre tempo quando o faciosismo ou uma vaidade injustificada nos não tome os movimentos e nos não incapacite a coragem.

Depois — ninguem o pode negar após a reunião promovida pelo «Seculo» sobre a importante questão que se agita — apareceu materia nova que merece ser profundamente ponderada e justamente apreciada nos termos lógicos em que se apresenta.

Oferece-se ainda «A Capital» perguntar singelamente: — porque não aceita a Camara Municipal a solução do assunto por arbitragem?

Pois se até litigios gravissimos que envolvem os interesses de nacionalidades, são levados para o campo da arbitragem, estudando o acatando homens de Estado, soberanos e governos, as suas resoluções — como é que a Camara Municipal pode regeitar um caminho que podia conduzir este conflicto a um termo rapido e vantajoso para todas as partes interessadas?! Discute-se se a companhia ganha ou se a companhia perde.

E, emquanto se discute, os dias passam, as forças cansam-se, a paciencia exgota-se...

Lisboa está transformada como num areal ardente em que se procura o «oasis» aliviador á sombra de uma arvore, sob um portal encontrado ao acaso... E, no entanto, como seria facil, viavel, absolutamente viavel e pratico, nomear-se uma comissão de tecnicos, composta de meia duzia de homens competentes, para estudar convenientemente o assunto!

Quem sofreria desdouro se se conduzisse por este caminho o assunto do restabelecimento das carreiras dos carros electricos em Lisboa?

Partido Reformista

Federação Nacional Republicana

A Comissão Politica sancionou a candidatura do cidadão Filipe Coutinho Vassalo comerciante e proprietario em Rio Maior, para senador, regionalista pelo Districto de Santarem.

São convidados os candidatos a Deputados e Senadores a reunirem hoje ás 21 e meia horas, na sede do Centro de Lisboa.

«O Partido Reformista, notando que qualquer inconfessavel interesse anima uma campanha contra o candidato reformista por Vila Franca de Xira, declara que esse candidato, o distinto professor, jornalista e funcionário superior do Estado sr. Boavida Portugal, foi muito avisadamente escolhido pelas Comissões deste Partido para se apresentar por aquele circulo eleitoral, com a antecipada certeza de que as suas qualidades de estudo e de inteligencia farão honra ao futuro Parlamento.

Quanto ao sr. dr. João Gonçalves, mais ou menos identificado com o nosso programa, o Partido Reformista dispensa-lhe tambem apoio como candidato amigo, mas que não pode preferir aos filiados.»

Origens historicas da Decadencia nacional

Hoje, ás 21 horas e meia, na Universidade Popular, na rua Almeida e Sousa, a Campo d'Ourique, realisa o professor Ladislau Batalha a sua terceira conferencia da serie, em que desenvolverá o seguinte tema:

«A Renascença e a Reforma, sua influencia em Portugal. A Contra-Reforma, a Inquisição e o Livre Exame. O sonho do Quinto Imperio e a judiaria. Consequencias».

Entrada livre.

O novo nuncio em Paris

ROMA, 26. — Informa a «Corrispondenza» que o novo Nuncio em Paris Mgr. Cerrati partirá a ocupar o seu posto nos primeiros dias de Julho acompanhando-o apenas o seu secretario particular.

O novo Nuncio não aguardará como se dizia a aprovação do restabelecimento das relações com o Vaticano pelo Senado francez.—H.

HUGO FORTE DE SOUZA E ALMEIDA (MALANZA)

Victimado pela tuberculose, faleceu este nosso dedicado e querido amigo, arrebatado aos carinhos dos seus em plena mocidade.

O seu funeral realisou-se hontem para o cemiterio oriental acompanhado por numerosos amigos.

Era um caracter leal e dotado de extrema bondade o que lhe conciliava gerais simpatias.

A todos os seus envia «A Capital» os mais sentidos pezames.

Presidente da Republica

O sr. dr. Antonio José d'Almeida chegou ás 16 horas, á estação do Rocio, onde era aguardado pelos srs. ministros do interior, guerra, colonias e finanças, generaes Garcia Guerreiro, Garcia de Horta e Garcia dos Santos e muitas outras personalidades civis e militares.

O sr. presidente da republica foi alvo de calorosas ovações por parte das pessoas presentes e do povo que se encontrava nas imediações da estação.

Fazia a guarda de honra um esquadrão de cavalaria da guarda republicana e o serviço da policia era desempenhado por uma força de 30 guardas 2 cabos, 1 chefe e alguns agentes da P. S. E.

O funeral de João do Rio

RIO DE JANEIRO, 26,—No funeral do João do Rio que foi, como dissemos, uma imponente manifestação de sentimento incorporaram-se o embaixador de Portugal, dr. Duarte Leite, o consul portuguez e a colonia portugueza em grande massa. Os chauffeurs, entre os quais predominavam os de nacionalidade portuguesa, ofereceram-se gratuitamente para o acompanhamento funebre que era extensissimo, como raras vezes se tem visto aqui.

Em varios carros que seguiam o cadaver acumulavam-se centenas de corôas que na sua maioria exprimiam o profundo sentimento e a intensa saudade de portuguezes que no falecido perdiam um amigo dilecto.

No cemiterio, em nome do corpo redactorial do jornal «A Patria», pronunciou o secretario da redação um brilhante discurso vibrante de comoção e sentimento, exaltando a obra literaria e os traços principaes da personalidade de João do Rio.—(A.)

Socorros para os famintos de Cabo Verde

O sr. Gomes Barbosa, delegado da Camara Portugueza do Comercio e Industria do Rio de Janeiro, recebeu um telegrama daquela importante agremiação no qual lhe foi comunicado que seguiam a bordo do «Traz-os-Montes» com destino aos famintos de Cabo Verde mais setenta toneladas de viveres angariados entre os comerciantes portuguezes residentes no Brazil. No mesmo telegrama a Camara Portugueza do Comercio do Rio de Janeiro felicita calorosamente o sr. Gomes Barbosa pelo exito que tem alcançado a sua missão a Portugal.

MAIS GUERRA?

LONDRES, 26—Informam de Tokio ao «Daily Telegraf» que as companhias de seguros maritimos japonezes fixaram já os seus premios na previsão de um conflicto entre o Japão e os Estados Unidos.—(H).

A'S 2.AS FEIRAS

A semana literaria

Poemas Heroicos de Simão Vaz de Camões, por *Mario Saa* (Ed. Lumen Lisboa) — **Salomé**, por *Oscar Wilde*, trad. de *Antonio Alves* (Ed. Aillaud e Bertrand. Paris-Lisbôa) — **Misterios**, por *José Severiano de Rezende* (Ed. Aillaud e Bertrand. Paris-Lisboa) — **Lusitania**, por *Rogelio Buendia* (Ed. Editorial Reus. Madrid) — **Nau Errante**, por *Domingos Monteiro* (Ed. do autor. Lisboa)

Mario Saa fechou um ciclo curioso. Avançado, idealista, caminhando para o futurismo a passos agigantados e versos sonóros vem reaparecer ao publico ledor numa obra que exhumou do passado. O seu volume sensacional, revelador, erudito, nascido pascientemente dum amôr ás letras e dum culto á verdade pouco vulgares, apresenta-nos disecado, munificado, mas com a fronte rodeada da corôa de louros que conhecemos do nosso epico Camões, um novo poeta, aliaz secular, mas não menos valioso nem menos interessante do que o autor dos «Luziadas».

A parte curiosa da obra do sr. Mario Saa é principalmente a respeitante ás investigações e deduções cheias de credito que o poeta faz sobre a originalidade dos documentos que encontrou, do plagio de «Marina Clemencia» a autora da «Preciosa», os «trucs» dos seus editores e o parentesco entre o «Primaz do Ermo» e obra da freira «Maria do Ceus».

A critica á forma literaria de Simão Vaz de Camões, é ainda apresentada com grande inteligencia e cultura o que só nos rejubila.

E' uma obra pois por todos os motivos, interessante.

✦ ✦ ✦

Depois da conferencia brilhante de Manuel Sousa Pinto sobre a «Salomé dos Primitivos» e as suas revelações sobre a nova «Salomé» portugueza, surpreende-nos em edição nacional a Salomé vingativa, sensual de Wilde.

Que nos recorde é a primeira obra vertida para portuguez deste autor, sendo notavel o meticuloso cuidado com que o sr. Antonio Alves fez a sua tradução. Da «Salomé de Wilde» que mais ha porém a dizer?

✦ ✦ ✦

«Mysterios» é um volume volumoso de versos do sr. José Severino de Rezende, com um retrato desenhado do autor por Belmiro de Almeida. Trata-se dum poeta brazileiro fertil e farto; pletorico de imagens, caudaloso de frases que não se importa de atravessar para conveniencia de rima, uma palavra que não faz sentido, ou uma frase que ninguem entende. Como este ha muitos versos:

Num relampago, em meio á noite atra
e assombrada...

O proprio autor o diz: «Mysterios»... da verbosidade brazileira

✦ ✦ ✦

«Luzitania» é um volumezinho simpatico que Rogelio Buendia um amigo dalem fronteiras nos quiz dedicar. «Lusófilo», espirito patriotico, oferece o seu volume a todos «los que sienten el hermoso ideal del iberismo».

«Lusitania» é um apanhado de impressões ligeiras de viagem no nosso paiz — un pais romántico — onde ha paginas de fantazia, de observação, de poetica e louvores, muito enaltecidos louvores o que nos surpreende, tão mal acostumados estamos ao reconhecimento dos estrangeiros que tratamos bem. Pois que «Rogelio Buendia» seja bemvindo outra vez á nossa terra e que outros livros faça em propaganda e louvores. Compensará assim o que os seus «hermanos» ás vezes dizem pelo telegrafo... a todo o mundo.

✦ ✦ ✦

Finalmente a «Nau Errante» do poeta Domingos Monteiro que já tivemos ocasião de apresentar aos leitores por ocasião dos seus versos «Orações ao Crepusculo».

Meu livro é para vós, para vós feito...
E' para voz, mulheres do meu paiz.
Meu livro trouxe-o muito tempo ao peito
E foi por vós, e para vós, que o fiz.

E' assim que se inicia a «Nau Errante». O «Eterno feminino», eterno tema dos eternos poetas. Mas, pelo seu sentimento meridional e raro o portuguez que não faz o «seu» livro de versos á mulher, quando não é a todas as «mulheres». Por isso os poetas — como este, — devem ter o apreço das nossas leitoras e o perdão dos exigentes em materia de poetica. E, desta, avaliará o leitor logo pela primeira quadra quando tropeçar no «muito tempo ao peito» do terceiro verso. Ha no livro porém sonetos perfeitos e ideias que se leem com simpatia. E se noutros erra, o proprio autor o confessa chamando «errante»... á sua «nau».

Armando Ferreira.

ALTA SILESIA

Korfanty, o dictador polaco,

faz a um jornalista francez interessantes confidencias sobre a sua vida anterior

O sr. Korfanty está para percorrer os cortes dos jornais francezes quando penetro no seu gabinete do trabalho. Diz-me, sorrindo:

—Felizmente que a imprensa franceza, compreende bem a menos a situação. Não creio que haja pelo mundo jornalista mais aptos que os seus escritores politicos. Teem uma espantosa perspicacia. Compreendo, pois, porque a opinião publica em França é tão clarividente e tão bem orientada nos embroglios da politica.

—Agradeço-lhe, disse, sr. comissario, encorajando-me por isso a pedir-lhe uma declaração para os leitores do meu jornal.

—Para saber o que se passa no paiz não precisa de mim. Mandei lhe entregar todas as autorizações necessarias, todos os salvo-condutos para que podem circular livremente por toda a parte por onde queira mesmo no *front*. E' preferivel que os jornalistas vejam eles proprios o estado de espirito que aqui reina, que vejam como nos portamos para com os Aliados, para com os alemães, para com toda a gente. Os estrangeiros que estão aqui devem eles proprios apreciar os acontecimentos e formular a sua opinião, não pelo que lhes contam, mas pelo que veem.

—E' muito justo, excelencia...

—Não sou excelencia, e não o quero ser.

— Diz-me que podemos circular livremente em todo o paiz, no entanto os caminhos de ferro só andam dificilmente, bato a todas as portas para que me cedam um automovel: é em vão! não posso portanto percorrer a Alta Silesia a pé...

—Ah! nisso tem razão.

«Faltam-nos carros. Todos os automoveis disponiveis foram para o *front*. Eu proprio, se o meu carro precisa de qualquer reparação, sou obrigado a andar a pé. Arranje-se como puder, eu nada posso fazer.

—Não me pode emprestar um carro, seja. Mas pode-me no entanto dizer quais são as suas intenções.

—As minhas intenções? Pacificar o paiz.

—Mesmo contra os Aliados?

—Não, com o seu consentimento.

—Mas eles são de opinião que deve liquidar a ensurreição e isto o mais rapidamente possivel.

—Eles teem o mesmo interesse que eu em pacificar o paiz. Eu não faço outra cois! Que fiscalizem os meus actos. Se eu digo: acautelem-se é contra os alemães e não contra os Aliados.

—Qual é a situação no *front*?

—Pergunte ao comandante em chefe.

—Diz-se que vai emitir dinheiro alto silesiano?

—E' uma questão para estudar.

—Pode dar-me algumas informações a esse respeito?

—Eu proprio as ignoro.

Fiz a Korfanty outras preguntas; não me respondeu senão por monosilabos. Nada quiz dizer da situação politica. Nada sobre a atitude da comissão inter-aliada. Nada sobre o governo de Varsovia. Nada sobre o procedimento de Hoefer, «cuja conduta basta para ter uma opinião sobre ele».

O passado do dictador

Então pedi ao dictador taciturno que me falasse do seu passado, da sua juventude, da sua actividade durante a guerra. Para conseguir soltar-lhe a lingua, insinuei que no ocidente só temos noções muito vagas dos seus antecedentes, que na Inglaterra se ignoram mesmo os serviços que ela prestou á causa aliada, a quando da Grande Guerra, etc.

Esta ultima pergunta ia-lhe com certeza ao coração. Está orgulhoso de ter arriscado a sua vida com um desinteresse absoluto para ajudar os Aliados a conhecer a situação da Alemanha e isto no momento em que os alemães estavam ebrios com o seu triunfo passageiro, quando torpedearam o «Lusitania» e assassinaram mulheres como miss Cavell.

A menor indiscreção poderia valer a Korfanty doze balas no corpo.

E o dictador poz-se a falar, não tanto para mim, mas para ele, como se fizesse um exame de consciencia, um balanço do seu passado, um passado rude, tumultuoso, movimentado, cheio de riscos e de perigos.

—Nasci na Alta Silesia, começou em pé em frente da grande janela aberta, o olhar fixo no horizonte e no fumo negro que saia de milhares de chaminés da região de Kottowitz nas-

ri em 23 de abril de 1873 em Sadzawka, perto de Laura-Hutte, no districto de Kattowitz. Meu pai era mineiro. Fiz os meus estudos secundarios no liceu de Kattowitz, mas os alemães expulsaram-me antes de os terminar, por ter falado polaco.

Mais tarde, na Universidade de Breslau, na de Berlim, estudei economia politica e direito administrativo; segui os cursos de Sombart, de Wagner, de Schmoller.

Durante as ferias voltei a trabalhar nas minas como simples operario. Na Universidade os meus professores esforçavam-se em me persuadir que abandonasse as convicções polacas e me tornasse alemão.

E Korfanty entrou então em curiosas minudencias que se vão ler.

«Que ganha com isso? perguntavam os sabios germanofilos ao aluno que prometia.

Em que se tornará se persistir em querer ser polaco?

Com isto nada ganhará. Não será ninguem. E portanto... E' um rapaz muito inteligente, muito serio, tem uma cabeça. Que brilhante futuro o esperava na Alemanha se não se importasse com os seus estupidos sentimentos polacos! A Alemanha é a maior potencia da Europa. Será amanhã a maior do mundo. E será certamente ministro, quem sabe? talvez mesmo chanceler do imperio. Seja razoavel. Reflicta bem e verá que o polonismo nada lhe reserva que mereça a pena, emquanto o germanismo o levará longe; atingirá os pontos mais invejaveis. Escolha entre os dois caminhos: um só lhe dará desgostos e o nada; outro conduzi-lo-ha aos mais altos cumes. Reflicta.»

Mas quanto mais promessas tentadoras o assediavam, mais ele se inclinava para o amor á sua patria, maltratada, martirisada, como ele proprio.

O estudante na tormenta

Enfim um puro acaso levou o estudante Korfanty para a tormenta politica.

O director d'um jornal polaco de Kattowitz, acabando de cair doente, foi confiada a direcção d'esse jornal ao primeiro intelectual que estivesse á mão e que tinha então um nome completamente desconhecido: Adalbert Korfanty.

Não se tinha ainda passado uma semana que o numero dos seus leitores não triplicasse; mas tambem, diz-me o chefe actual da Alta Silesia polaca, eu era condenado a quatro mezes de prisão.

Nesta epoca, entre 1900 e 1903, começava a verdadeira campanha insurreccional dos alto-silesianos polacos, cujos sentimentos nacionaes, nunca extinctos, se tornavam de dia para dia mais fortes.

(Naturalmente Korfanty não faz a menor alusão ao papel preponderante que desempenhou no movimento).

Portanto propuzeram-o candidato á Dieta da Prussia e foi eleito no districto de Kattowitz contra um candidato pangermanista que tinha o formidavel apoio do governo alemão, das autoridades administrativas locais e de todo o clero, posto em movimento para fazer cair o candidato polaco. A eleição de Korfanty foi anulada sob um pretexto muito discutido.

Fizeram-se novas eleições que ele ganhou por uma maioria esmagadora. Na idade de 30 anos tinha o duplo mandato de deputado na Dieta da Prussia e no Reichstag dado pelas mãos dos polacos alto-silesianos.

—O resto já o conhece, disse.

—Absolutamente, afirmei, porque a historia de Korfanty me era muito conhecida. Mas eu queria que ele ma contasse de viva voz.

As intervenções no Reichstag

—As minhas intervenções na tribuna do Reichstag eram frequentes, muitas vezes mesmo retumbantes.

E' que não tenho o habito de velar o meu pensamento.

Digo cruamente a verdade, da maneira que me parece.

Durante a guerra, gritei aos alemães: «perdem o jogo, a sua derrota é inevitavel».

Reivindicava a independencia da Polonia. Veio o acto de Guilherme II e de Francisco José proclamando a fingida indipendencia polaca. Não tive ocasião de subir á tribuna do Reichstag senão dois dias mais tarde, mas disse então agora á assembleia: «Essa parodia é repudiada pela nação polaca. Teremos a independencia da Polonia, mas não a receberemos de vós». Imagine o tumulto que estas palavras provocaram! Contudo tive uma linguagem semelhante depois da conclusão do pacto de Brest Litowsk e depois da rutura da frente bulgara.

Em todas as ocasiões, predisse aos alemães a sua derrota. Quanto aos Aliados... Ha um bom numero de francezes e de inglezes que lhe confirmarão que, durante cinco anos arrisquei a minha vida por eles. Não lastimo esses riscos. Pelo contrario.

A sua voz tornou-se grave. Durante todo o tempo falava mais para ele do que para mim, sentado á janela, o olhar perdido para os lados onde se encontra a sua Sadzawka.

As lembranças que ele invocava, os episodios, as lutas da sua vida que passava em revista despertavam-lhe, tinha essa impressão nitida, um instante de felicidade no meio das provas e das tormentas ás quais se acha exposto uma vez mais pelo seu paiz e pelo seu povo.

E eu proprio, estrangeiro, indiferente a este passado glorioso e movimentado, estava comovido pelo acento de franqueza e de sinceridade destas confidencias e sentia que eu devia unicamente á minha qualidade de jornalista francez a honra de as ter ouvido da sua boca.

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO NACIONAL—A derrocada, *3 actos de Lourenço Cayola*

Sintese da peça

I ACTO

Helena (Palmira Torres). Pois é verdade, enganei-o.

Madalena (Sára Cunha). Com quem, minha querida?

Helena: Com o dr. Cabral, (entra Mario).

Mario: (Erico Braga). Tu estás nervoza, doente, minha mulher, que tens?

Helena: Um incomodo passageiro.

Mario: Chama-se o medico.

Helena: Todos menos o dr. Cabral. (sae o Mario).

O Dr. Cabral: (E. Brazão). Vim minha senhora porque me chameram.

Helena: Vá-se embora. Nós estamos todos bons de saude.

O dr. Cabral: Odeia-me? Mas eu amo-a ainda...

Maria Emilia: (Ilda Stichini). (Que ouviu tudo) oh!

(cae o pano)

II ACTO

Suzana: (Acacia Reis). Vamos lá para dentro, sim... (saem todos).

Helena: Tu ouviste Maria Emilia?

M. Emilia: Ouvi. Parece impossivel.

Helena: Que queres. Foi sem querer. Estou arrependida. (sae).

M. Emilia: Ainda bem que veiu dr. Cabral.

Dr. Cabral: Veja se a salva. Não diga nada a ninguem.

Maria Emilia: E' preciso. Ela está arrependida. (sae o dr. Cabral).

Mario: Estás melhor, minha mulher?

Helena: Olha, sabes. Tu és muito bom e eu sou uma mulher indigna.

Mario: Mas diz...

Helena: Porque... (Entram todos).

Cae o pano

III ACTO

Mario: Então como está ela?

Suzana: Precisa descansar. Ela ahi vem.

Helena: Mario, agora vaes saber tudo. O dr. Cabral...

M. Emilia (interpondo-se): Sou culpada, meu mano.

Mario: Oh! minha irmã! Tu... tu... fazeres isso... Sinto a «Derrocada» na minha vida.

Helena: Ah! não! não! Não posso ver sacrificar-te. Fui eu...

Mario: Oh!

Helena: Adeus... (sae pelo fundo).

Cae o pano

A «Capital» vae passar a dar aos seus leitores uma resenha sumaria de todas as peças de declamação, onde o leitor poderá encontrar despidas de palavras, as ideias, o tema, o entrecho da peça, ou os principaes tropicos da obra. Por esse extracto pode o leitor observar que a «Derrocada» do sr. Caiola é uma peça que nada tem dentro, nem apresenta acção ou novidade Para aquele minguado entrecho é necessario escrever muito, repetindo ideias, o que sucede realmente durante os dois primeiros actos.

A tecnica teatral é atraiçoada a cada passo por um inexperiente dos seus *trucs*. Assim no primeiro acto o sr. Lourenço Caiola para ter um final que julgava de efeito põe a *mulher e ex-amante* surpreendidos pela irmã do marido. Esta declama *oh!* e o pano cae. Quando reabre a scena, está-se no dia seguinte e noutro local e vamos ver a explicação entre as duas mulheres esquecendo-se o autor que deixara todos trez no acto anterior numa situação que... naquele mesmo momento teria qualquer sequencia: ou saia o dr. Cabral e falavam as duas mulheres — sem terem que esperar para o dia seguinte em casa alheia, ou saia a irmã e entendiam-se os dois criminosos, o que tambem só sucede no 2.º acto. Quere dizer a vida, a acção, tudo termina quando o pano acaba; vê-se mesmo que foram todos para os camarins. Depois a inverosimilhança dos coloquios prantados no 2.º acto, a repetição de frases remartelando uma ideia; a nota de remorso muito forçada—só compreensivel pelo facto de ninguem acreditar que se possa atraiçoar Erico Braga com... Eduardo Brazão—e a linguagem de jornalista, absolutamente muito diferente da que é necessario empregar em teatro, alem dum desempenho mortiço, contribuiram para que a derrocada fosse um desastre, só não bombasticamente sublinhado por causa da falta de electricos:

No numero de frases feitas ha coisas curiosas; mas: *a metralha cega e impiedosa*, a costumada *santa velhinha*, a *conflagração na carcomida Europa*,... *as ilusões são o encanto da nossa tristeza* e que sendo dita por uma pessôa de idade e glosada com esta outra *é por isso que eu tenho pena dos velhos* nos faz supôr que rialmente o sr. Lourenço Cayola se estava dirigindo á plateia, á cerca da sua propria pessoa.

Mas não. Creia o novo autor que o insucesso da sua produção teatral em nada atinge o seu valor já consagrado no jornalismo e na novela; mais uma vez se prova que para escrever teatro, como poesia, é necessaria o sentir natural.

Não se faz teatro, ao «fim de largo experiancia da... vida», nem estudando; faz-se por inspiração. O sr. Cayola fez uma peça, e andou á procura dos factos que nos dariam a impressão da rialidade: meteu a «pneumonica», os «novos ricos», «a guerra» mas tudo superficialmente, sem convicção sem vida, nem nervos. Palavras, artigo... jornal...

*

Do desempenho destacaremos Ilda Stichini, Erico e Brazão, dizendo as palavras que lhes coube. Os restantes apropriados á peça. Muito cómicas as «Toiletes» da sr.ª D. «Palmira Torres». Mas não terá sequer espelhos, a distinta actriz? Não terá uma pessôa de gôsto a seu lado que lhe dê indicações sobre as suas toiletes?

Porque, creia a sr.ª D. Palmira Torres, não é só dando vizões da tragica ao seu rosto, nem gritos de arripiar que se vence em teatro moderno; o publico ama a elegancia; a scena é um grande «magazine» de figurinos; imagine-se Lisboa talhando pelo seu modelo «cardial», ou com um escrito branco ao fundo das costas!

Mise-en-scène

Os scenarios antigos, a empresa andou ajuizada em nao fazer nada de novo porque sabia que a peça só duraria 4 noites.

Mas, agora voltemos a perguntar, como no sabado o fizemos: quem foi que se impôz, que se esforçou, que meteu empenhos para que no «Nacional» subisse á scena a «Derrocada»?

E as consequencias de afastar o publico? E o compromiso dos actores perante a plateia, que desta vez, valha a verdade foi tão generosa?

Armando Ferreira

TEATRO NACIONAL — *3.ª audição da Escola de arte de representar* : : : : : :

O Templo de Arte que se chama Teatro Nacional Almeida Garrett, encheu-se hontem de fieis que acorreram ali com o proposito de admirar e julgar das «promessas» que os professores da Escola de arte de representar ofereceram á divina Thalma.

Abriu o espectaculo um dialogo original de Julio Dantas, «O Pierrot negro e a Pierrette côr de rosa», um mimo literario, como os que o auctor sabe produzir e em que Emilia Fernandes e Maria Mesquita revelaram vocação para a arte a que se dedicam, sobretudo a primeira num «travesti» elegante de Pierrot negro. Esta aluna apresentou-se na fantasia «Belisario e as tres Marias», desempenhando o papel de Belisario e declamando com desembaraço, tendo sido bem secundada pelas suas condiscipulas, sobretudo por Georgina Cordeiro.

São estas duas, certamente, as «promessas» de maior valor, como demonstraram no final, no desempenho da linda peça a que Julio Dantas deu o titulo de «Rosas de todo o ano».

Estas duas alunas são duas autenticas esperanças; dizem bem, estão á vontade e não são feias, o que é tambem uma qualidade muito apreciavel. Foram muito aplaudidas e com toda a justiça.

Palcos particulares

CLUB ESTEFANIA — A Princeza dos Dollars — *Opereta em 3 actos com musica de Leo Fall.*

A Direcção deste Club bem escolheu a opereta com que tencionava deliciar os seus numerosos consocios e suas familias, e teve o condão de acertar, porque conseguiu o fim que tinha em vista.

O desempenho, tão harmonico, como raras vezes se encontra em teatros publicos e por companhias cheias de reclamos, deixou-nos a melhor impressão e ninguem se admirará do que afirmamos, se dissermos que a parte da protagonista estava confiada á sr.ª D. Manuela Pinto Basto que poz toda a sua arte ao dispôr do papel da Princesa dos Dollars. Mas não foi só esta senhora, foram todos, absolutamente todos, que num magnifico conjuncto, conseguiram dar o necessario relevo á inspirada musica de Fall.

Se nos fosse pedido para especialisar alguem, ver-nos-hiamos embaraçados, porque ali encontram-se vozes definidas, ha tenores, ha baritonos, ha magnificos coros, ha ensceneção cuidada, a cargo do sr. Côrte Real, ha direcção musical acertada do sr. Andermatt da Silva, ha emfim uma reunião de boas vontades, todas conjugadas para atingirem o mesmo fim, que é proporcionar aos felizes socios do Club umas noites agradaveis e de arte.

T. M.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21,30 h. — «A Derrocada».
S. CARLOS—A's 21,30 — «Marianella».
AVENIDA—A's 21,15—«O coração manda».
GINASIO — A's 21.30— «A Garra».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALAO FOZ — A's 20,30, 22.30 — Regimento em manobras «Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21,30—O film «Barrabas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

Reunião dos grevistas

A' reunião de hoje, extraordinariamente concorrida, presidiu o sr. Carlos Fortes.

O sr. Armando Martins, diz que até hoje, a comissão de melhoramentos da qual é presidente, ainda não tomou nenhum compromisso de honra que traga humilhações para a classe nem assinou alguns documentos que representasse o seu aniquilamento.

Declara ter-se realisado hoje uma reunião de delegados e militantes na qual se tomou um compromisso de honra para que no caso de ser apresentada qualquer plataforma essa não fosse assinada sem que primeiramente fosse submetida ao Comité Central.

Referindo-se á uma reunião a que assistiu n'«O Seculo» afirma que ali só defendera principios, principios que sempre defenderá.

Informa depois ter a comissão de melhoramentos efectuado hoje já algumas demarches, sem porem conseguir qualquer plataforma que o pessoal pudesse assinar, esperando ainda hoje efectuar novas e importantes demarches.

Elogiando a atitude do sr. Alberto Tota, espera que ele hoje ou ámanhã ali vá expor a sua opinião e que a assembleia deve acatar os principios defendidos por aquele senhor.

Louva depois a atitude de parte da imprensa de Lisboa, verberando porem a atitude de outros jornais, entre eles «O Tempo».

Aconselhando ao pessoal a maior firmeza para a continuação da gréve, no que é vivamente apoiado pela Assembleia, ergue no final vivas á imprensa e á gréve.

O presidente, antes de encerrar a sessão, declarou esperar que dos trabalhos que hoje devem talvez ainda ficar concluidos, a solução da gréve está proxima.

A sessão de amanhã deve começar mais cedo.

No final ergueram-se bastantes vivas á gréve.

Gregos e turcos no Oriente

Parece que a Grecia só aceitará a mediação dos aliados sob condições

ATHENAS, 26.—Depois do regresso do chefe do governo, sr. Gournaris, realisaram-se dois longos conselhos de ministros para examinarem a proposta de mediação dos aliados. O projecto de resposta foi comunicado ao rei Constantino. Os jornaes sem distinção de partidos dizem que a proposta de mediação deve ser recusada, se impuzer o abandono de Smyrna pelos gregos.—(H).

ATHENAS, 26.—Um jornal oficioso diz que a resposta da Grecia ao oferecimento de mediação dos aliados no conflicto grego-turco não recusará em absoluto essa mediação declarando, porem, que se mostrará contrario a quaesquer condições da mediação que se afastem das bases consigna as no Tratado de Sévres.

O regresso a Athenas do Rei Constantino sob o pretexto de doença é prova de que o governo toma em consideração a proposta dos aliados embora sob determinadas reservas correspondendo a certas sugestões da Inglaterra.—(H).

ATHENAS, 26.—A resposta á «démarche» dos aliados do dia 21 do corrente diz que o governo, depois de agradecer o oferecimento que lhe era feito, declara que a situação é de tal ordem que só os interesses militares podem guiar o procedimento do governo em semelhante resolução.—(H)

Os gregos em maus lençois

PARIS, 26.—Informa o «Petit-Parisien» que nos meios otomanos bem informados se considera quasi certo que se chegará em breve a um acordo entre os governos de Angora e Constantinopla, podendo em tal caso precipitar-se a ofensiva dos kemalistas. Os aliados fazem no entanto pressão para que não se precipitem os acontecimentos emquanto a Grecia não der res osta á sua proposta de mediação.—(H).

Roubo de 7.000 escudos no Ministerio do Comercio

Hoje de manhã ao entrarem os empregados da repartição de contabilidade do Ministerio do Comercio viram que o cofre se encontrava aberto.

Imediatamente participaram o caso aos superiores, tendo o director Geral pedido providencias urgentes para a policia de investigação, partindo logo para ali o chefe Lopes do posto antropometrico, que tirou as impressões digitais e o agente Maia que começou já as investigações.

Ao mesmo tempo conferiram o cofre, dando pela falta de 7.000 escudos unico dinheiro que, segundo parece, os gatunos encontraram, pois que ainda ficaram no cofre perto de 1.000 escudos que estavam num escaninho do cofre e mais 25.000 em inscripções do Banco de Portugal.

Foram presos para averiguações dois funcionarios da referida repartição.

"O Trinacria"

A's 15,30 abriu hoje ao publico a exposição dos productos italianos, concorrendo uma extraordinaria afluencia de pessoas, realisando-se algumas transações e fazendo varios negociantes muitas encomendas.

Amanhã e nos dias seguintes a exposição abrirá ao publico ás 15 h. e fechará ás 17,30 horas.

Na proxima quarta feira o sr. presidente da Republica vai a bordo do «Trinacria», onde será recebido com as honras devidas á sua elevada gerarquia.

VIDA SPORTIVA

O Sarau de amanhã no Coliseu

Realisa-se amanhã, como temos noticiado no Coliseu dos Recreios, o grande sarau ginastico e sportivo promovido pelo Lisboa Ginasio Club.

O programa é dos melhores que temos visto em festas identicas o que deve atrair ao circo milhares de pessoas.

Os bilhetes estão á venda.

BOX

Os combates do Politeama foram transferidos para domingo proximo

Em virtude de ter faltado um dos boxeurs, os organisadores não quizeram efectuar hontem a projectada matinée de box, ficando por isso transferida para domingo proximo.

Cooperativa Popular de Construção Predial

E' convocada a Assembleia Geral Extraordinaria desta cooperativa para o dia 1 do proximo mez de julho, pelas 20 horas, e 30, sendo a ordem dos trabalhos:—Discussão e apreciação do aumento da quota social e outras alterações no Estatuto solicitadas pela Direcção.

Associação Comercial de Lisboa

Recebemos desta ilustre associação o convite que muito agradecemos para assistir ás sessões que hoje se realisam e que são as seguintes ás 16 horas, sessão solene na Associação Comercial de Lisboa, rua Eugenio dos Santos, 89, ás 21, 30 horas, sessão na Sociedade de Geografia.

Universidade Popular Portugueza

Continuam hoje na séde d'esta instituição, em Campo d'Ourique, as conferencias do sr. Ladislau Batalha sobre «As causas historicas da Decadencia nacional».

Esta é a 3.ª da interessante série e começa ás 21 1|2 horas, sendo a entrada publica.

INDUSTRIA METALURGICA

Os altos salarios sufocam esta industria na Inglaterra

LONDRES, 26.—A crise da industria metalurgica ingleza é devida em grande parte á concorrencia alemã, belga e franceza. As associações de patrões e sindicatos do ferro e aço exposeram ao sr. Lloyd George as causas da crise que são principalmente os baixos salarios dos operarios alemães e, em menor escala os dos belgas e francezes.—*(H.)*

OS EMPRESTIMOS DA AMERICA AOS ALIADOS

WASHINGTON, 26.—No projecto apresentado ao Senado pelo senador Penrose com o assentimento do Presidente Harding sobre os emprestimos feitos aos aliados durante a guerra auctorisa-se o secretario do tesouro a aceitar valores estrangeiros para pagamento de juros e a decidir qualquer reclamação sobre a qual não exista uma determinada garantia.—(H).

Conservatorio de Lisboa

A audição dos alunos do professor Costa Reis

Realisou se hontem como estava anunciado no salão nobre do Conservatorio de Lisboa, a audição anual dos alunos do distinto professor o sr. Costa Reis. Foi, como era de esperar pelo programa elaborado, uma bela sessão d'arte em que se executaram peças escolhidas de Beethoven, Debussy, Mozart, Mendelssohn e Chopin. A terceira parte da audição era inteiramente consagrada a Liszt.

No desempenho, em que predominou uma nota geral de correcção e sentimento, distinguiram-se principalmente os alunos: D. Berta Capitão, no «Alegro de Concerto», de Chopin, D. Lucilia Ceu Paiva Cardoso, na «Rhapsodie» de Liszt, D. Maria de Assunção Silva Pereira no estudo «Dans le Bois», do mesmo maestro, e os srs. Antonio Luis de Melo, Luiz Filipe Alagarim e Eduardo Liborio, respectivamente na «Danse» de Debussy, no «Tambour bat aux champs» de Alkan, e na «Canope e le vent dans la plaine», tambem de Debussy.

No fim da audição, os alunos do sr. Costa Reis entregaram uma mensagem ao ilustre professor que nessa ocasião foi alvo de merecidas e entusiasticas ovações.

D. Maria Lopes Varela

Confortada com todos os Sacramentos da Igreja

FALECEU

D. Maria Julia Varela de Barros Taveira, Frederico de Barros Taveira e familia cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas de suas relações que foi Deus servido chamar á sua presença sua muito querida e nunca esquecida mãe e sogra, D. Maria Lopes Varela, e que o seu funeral se realisa no dia 28, pelas 10 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, avenida dos Defensores de Chaves, 49, para o seu jazigo, no cemiterio Oriental.

Desde já agradecem a todas as pessôas que se dignarem honrar este acto com a sua presença.

Trata deste funeral a antiga agencia Funerária, de Francisco Santos Rodrigues, R. das Pedras Negras, 7, a 15.—Tel. 1044.

A CAPITAL

3819 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Terça-feira, 28 de Junho de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE. Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

ELECTRICOS

Decididamente, isto não pode continuar.

Está prestes a completar-se um mez sobre o inicio da gréve dos electricos, e encontramo-nos precisamente como no primeiro dia, isto é, privados dum meio de transporte que se torna absolutamente indispensavel á população da capital.

A questão começa por determinadas irreductibilidades da Companhia, do seu pessoal e da Camara. Na mesma situação nos encontramos, após quasi trinta dias de infructiferos esforços por parte de elementos que teem procurado resolver patrioticamente a questão.

Não ha maneira de chegarem a um acordo a Camara, a Carris e o pessoal? Estarão todos cheios de razão?

E' possivel, mas existe uma entidade que ainda possue mais razão. Essa entidade é o publico.

Poderá a Carris dizer que a culpa da paralisação dos serviços é da Camara; poderá a Camara afirmar que a culpa d'essa paralisação cabe á Carris; poderão uma e outra atribuil-a ao pessoal, como o pessoal pode, por seu turno, atribuil-a a ambas. A verdade porém, é que ninguem pode atribuir a menor parcela de responsabilidade ao publico.

Esse é que é, sem duvida alguma, a principal victima, e victima tanto mais digna de interesse quanto é certo que em nada contribuiu para um facto que lhe acarreta os maiores prejuisos.

A viação electrica entra hoje como um factor indispensavel na vida citadina. Não se pode sem ela exercer uma actividade, cujos recursos foram, contando com eles, calculados.

Lisboa é grande. A vida comercial, industrial, burocratica expandiu-se pela sua vasta area, tendo-se em atenção a facilidade de transportes que só os electricos podem assegurar. A paralisação dos serviços que essa viação presta equivale quasi á paralisação total dos negocios, e embaraça grandemente todas as outras formas de actividade.

Sem electricos, em Lisboa, não se vive.

N'estas condições, como explicar o alheiamento do governo a uma questão que não pode deixar de ser considerada do maior interesse publico?

Os governos fizeram-se só para tratar d'uma politica partidaria, mesquinha e esteril, ou para administrarem, na mais elevada e na mais terminante expressão d'este termo?

Se os governos se alheiam d'estas questões, deixam de ser os defensores dos interesses publicos.

Pois pode acaso admitir-se que por causa de certas irreductibilidades cesse, de facto, a viação electrica em Lisboa?

Não pode ser!

Que o governo chame a si a questão; veja o que é possivel fazer para atender a determinadas reclamações quer da Carris, quer da Camara, quer do pessoal dos electricos, e quer decida, quer resolva, quer determine e execute. Acima de tudo está o publico de Lisboa, e esse só reclama uma cousa: que os carros andem.

Já se tem contemporisado demasiadamente. O governo está no poder para mandar. Que mande, pois, e será atendido. Tem ao seu dispor os recursos da autoridade que lhe compete, e a opinião publica, que lavra no seu supremo tribunal, as sentenças inapelaveis.

O que não pode ser é que continue uma situação que prejudica, irrita, e, afinal de contas, não é favoravel para ninguem.

DO BRASIL

Ainda a morte de João do Rio

RIO DE JANEIRO, 27—As associações portuguesas continuam a manifestar o seu profundo sentimento pela morte de João do Rio. Muitas sessões se teem realisado para celebrar as brilhantes qualidades do falecido, que era para os portuguezes um amigo querido. A saudade é ainda tão viva que a morte de tão ilustre cidadão é ainda o assunto de todas as conversações, especialmente entre a colonia portugueza.—(A).

Embaixador da Belgica no Brasil

RIO DE JANEIRO, 27. — Chegou o barão Fallen, primeiro embaixador da Belgica no Brasil. Foi-lhe feita uma cordeal recepção.—(A).

Cotações

SANTOS, 27.—Café tipo 4, 14$300; vendidas 26.000 sacas, ficando um stock de 2.875.222.

RIO DE JANEIRO, 27.—Cotação do café, 17$700; cambio s| Londres, 7 e 7 1|16; valor do escudo portuguez 1$260, 1$500 réis.

Irmandades

Termina no fim deste mez o prazo da apresentação dos inventarios das Irmandades, no Instituto de Seguros Sociaes Obrigatorios e de Previdencia Geral.

A caminho da Promissão

O aproveitamento das quedas de agua tem de ser um facto

SUA OPORTUNIDADE

Com 5.000 contos deixa o paiz de sofrer uma sangria anual de 125.000

Eu tinha deixado o leitor nas margens do Côa, á espera de ouvir a historia do famoso rio, possivel progenitor de muita riqueza e progresso. O pai Côa corre a 10 quilometros da cidade de Pinhel, e ha anos que ali se fez um estudo completo para o aproveitamento das suas aguas, destinadas á produção de energia electrica.

Por esse estudo se sabe que se pode fazer com facilidade uma grande barragem, pouco dispendiosa em virtude do apertado do rio, no sitio do Salto do Lobo. Esta barragem pode atingir 100 metros e, nesta altura maxima, o comprimento não é superior a 120 metros.

Feita a barragem, obtem-se um reservatorio que comporta 300 milhões de metros cubicos de agua, e este deposito com as nascentes proprias do Côa dão uma saida constante de 40 metros cubicos por segundo, para uma levada que, perfurando a montanha, vai formar uma queda de água de 97 metros de altura.

Esta queda de agua pode agitar tres turbinas.

Dois quilometros mais abaixo aparece nova queda com a altura aproximada de 80 metros, podendo portanto a mesma corrente agitar outras tres turbinas.

Cerca de cinco quilometros a jusante do rio nova queda com 50 metros de altura que imprimirá movimento a outras tres turbinas.

Ora são estas nove turbinas que, aplicadas ao mesmo curso de agua em tão limitado trecho daquele districto da Beira, poderão produzir, segundo os calculos já feitos, nada menos de 124:000 cavalos de energia electrica.

Em face destes dados seguros, sobre os quais seria impossivel estabelecer controversia, tão verificavel se apresenta a quem quer que seja a sua exactidão, formou-se a Companhia Hidro-Electrica do Côa. Esta fez a expropriação dos terrenos, levantou plantas, principiou as obras, mas não havia meio de obter a concessão!

Ignoro se no momento actual ela já foi dada; mas o certo é que as obras foram interrompidas.

No entanto aquela energia destina-se ás oficinas metalurgicas de Lisboa, ás manufaturas da Covilhã, Gouveia, S. Romão, a todas as fabricas da grande linha Gouveia a Coimbra. Além disto por ela se tornará possivel, como tenho escrito, a criação da industria da folha de Flandres que nos absorve um milhão de esterlinas anualmente.

As condições em que se fará a produção deste artefacto são de tal modo vantajosas que a breve trecho se converteria na mais importante industria regional. E como tenho afirmado o distrito da Guarda, Pinhel e Gaia são mananciais de volfrâmio e estanho, que, exportado em bruto, vai receber industrialisação lá fóra para depois nos ser vendido por alto preço, convertido em folha.

Por aqui pode o leitor calcular quanto lucrariam ao mesmo tempo os consumidores dessa folha, desde que ela passasse de materia importada á industria regional portugueza!

Tambem se propõe a fazer a electrificação da linha ferrea a construir entre a Regua e Vila Franca das Naves.

O projecto abrange dois ramos de linhas: um saindo de Pinhel, seguindo Guarda, Castelo Branco, Abrantes, Lisboa; e o outro pelo Mondego a Celorico, Gouveia, Coimbra, Thomar, Torres, Lisboa. Ha tambem um ramal Coimbra-Porto.

Como já disse, as despesas com a barragem são insignificantes.

Os predios foram adquiridos ha 4 anos, ficando as expropriações por meia duzia de vintens. A barragem é num ponto muito estreito do rio e só á altura de 40 metros é que principia a alargar. O reservatorio tem um refluxo de 5 a 6 quilometros sempre entre as montanhas que ladeiam o rio.

Calculou-se em 5.000 contos a despesa a fazer com este reservatorio e suas ramificações. Pois somente com estes 5.000 contos deixa o país de sofrer a sangria anual de 5 milhões de esterlinas, o que, com a libra a 25 escudos, prefaz a bagatela de 125 mil contos.

Isto sem referencia ao progresso industrial e ao barateamento das manufacturas que tanto interessa ao consumidor.

Pelo simples aproveitamento do Côa se dota o país com movimento acelerado por baixo preço, com a industrialisação dos seus productos ricos naturaes e grande melhoria na sua iluminação. Pois, apezar de todos estes beneficios, e da grande força de economia que a realisação desta obra acarreta, as obras acham-se paradas!

Que poder oculto se ergueu a estorvar a continuação dessas obras, cuja utilidade ninguem discute? Quem poderá ter aparecido aí a realisar essa tarefa de empata, quasi sempre tão grata aos homens do Estado? Que mão poderosa terá tomado, com ou sem luvas, as mãos, já de si propensas á inercia, donde deve sair a concessão?

Estou a ver a resposta a aflorar aos labios do leitor, ainda antes da minha pena a fixar.

Essa mão poderosa é sempre a mesma. E' sempre a mesma e neste caso á judiaria ingleza tenho de juntar a judiaria belga. São os importadores de carvão, que não dormem e com quem os governos teem de se medir.

Desse certamen teem sahido victoriosas as casas importadoras.

Terá chegado agora o momento do Estado cessar de viver á mercê dos grandes importadores estrangeiros?

Teremos emfim no poder, alguem que nos emancipe da tutela financeira dos homens do carvão?

Creio que sim, e como a hora que passa é a mais oportuna, em virtude das disponibilidades financeiras do Estado, que vão em augmento, para se tentar o golpe, não me resta a minima duvida de que as quedas de agua irão emfim ser aproveitadas.

Não deve o governo perder este momento propicio. Um dos mais poderosos importadores é belgá, e a Belgica enriquecendo agora a vender o seu carvão á Inglaterra, prescindirá mais facilmente, nesta conjuntura, do freguez lusitano.

A oportunidade é tudo, e não será facil topá-la melhor, havendo, como ha, falta de hulha na Europa, devido á greve dos mineiros ingleses.

D. Thomaz de Noronha.

Do paiz visinho

A construcção de casas baratas

MADRID, 28.— Continuou no senado a discussão do projecto das casas baratas, exprimindo alguns senadores a ideia de se conseguir que todas as classes menos favorecidas possuam casas proprias, ajuntantando além disso, que se impõe a necessidade de resolver o assunto rapidamente em toda a sua amplitude.—(A.)

A missão espanhola no Porto

MADRID, 28. — O ministerio dos estrangeiros recebeu noticias do Porto acêrca da maneira amabilissima como as autoridades portuguesas receberam a missão espanhola composta do ministro da instrução publica, reitor da universidade de Madrid e director do Instituto geografico que foi assistir ao congresso scientifico luso-espanhol e á qual as tropas portuguesas prestaram honras. O Presidente da Republica saudou a missão espanhola, respondendo o ministro da instrução.—(A.)

João Ameal e Antonio de Bourbon

As colunas de «A Capital» são hoje visitadas por dois dos mais dotados talentos da nossa geração: João Ameal, o irisado prosador da «Semana de Lisboa», a biblia do mundanismo lisboeta em que o arco voltaico da sua cultura inteligente recorta sombras e ilumina côres, e Antonio de Bourbon, o poeta da «Filigrana» e da «Nevoa», que foi amigo e discipulo de João do Rio, sobre cujo espirito hoje escreve comovidas palavras de evocação.

«A Capital», abraçando os seus visitantes felicita os seus leitores prometendo-lhes que estas visitas se repetirão.

João do Rio

A alma luziada

Com a aventura epica e lendaria do ultimo bandeirante, morreu o sentido do desconhecido na alma da raça. O Brazil, fabulario de coesosticas maravilhas, se continuou a exercer sobre nós uma ancestral influencia de magnetismo, enroupara-se de misterio em vaga e dolorosa incerteza.

Sabiamos, deficientemente, que na America do Sul era falado o portuguez n'um vasto territorio, que de tradição nos servia, de refugio carinhoso quando desvalidos da sorte ou ambiciosos de grandezas.

Ignorava-se, inteiramente, a alma do povo magnanimo e generoso, que nos acolhia em horas de infortunio e em cujo peito palpita um nobre coração gemeo do nosso. Tinhamos descoberto o Brazil, mas desconheciamos os brazileiros.

Paulo Barreto—João do Rio—foi o Pedro Alvares Cabral dos ultimos. Foi na sua prosa de maquilhagens elegantes de escritor wildeano do paradoxo e do requinte, onde pela primeira vez se gritou, em nossa lingua, o agora tão vulgar pregão do egotismo, que as nossas emoções atravessaram o atlantico virgem da estetica brazileira. Pedro Alvares Cabral morreu pela segunda vez.

Para que uma enternecida saudade de todos nós fosse n'uma piedosa romagem de preito acompanhar ao tumulo o prosador carioca bastou lembrarmo-nos da sua grande e maravilhosa alma luziada. O colorista pirotecnico, o musico escultor, de uma prosa pirilampante, fluente, na exuberancia tropical d'um sentimentalismo luso, ficará eterno no deslumbre de muitas obras diversas de talento e beleza. Mas ao defensor de Portugal, o intemerato paladino dos humildes poveiros, é necessario que se lhe erga um altar em cada peito portuguez e que a nossa saudade lhe reze devotamente, uma gratidão eterna. Quem conheceu Paulo Barreto amou o seu espirito de fortes cintilações e generosamente impulsivo. Eu, que o conheci, amei-o como amigo, admirando-o como um mestre.

Perdemos em João do Rio o extrangeiro que mais carinho teve pela nossa terra. Devemos-lhe um reconhecimento infindo e o paiz, oficialmente, uma grande homenagem de saudade.

Lisboa-VI-921

Antonio de Bourbon

Carta ao Critico Literario do «Seculo da Noite»

Ex.mo Senhor R. de V. — A sua carta de ha dias a proposito da minha critica ás «Horas Vagas» de Tito Marques — foi escrita com certeza numa «hora vaga», tambem... V. Ex.ª não quiz ver claramente a intenção das minhas frazes — e preferiu encara-l'as «vagamente»... Isto deve ser ainda influencia do livro fraco—sobre que ambos andamos conversando. Os livros fracos são as doenças da Arte. Por vezes, chegam a ser contagiosas...

V. Ex.ª tinha afirmado que já no seu titulo — «Nas horas vagas» — o senhor Tito Marques fôra infeliz. E V. Ex.ª tinha rásão porque a Beleza deve ser um sacerdocio — e, de maneira alguma, uma forma de matar o tempo. Sómente eu alarguei ainda a afirmação de V. Ex.ª. Achando que os versos do senhor Tito Marques não eram absolutamente felizes—dei-lhe, benevolamente, como desculpa—serem feitos «nas horas vagas»... Isto, só vinha marcar a minha solidariedade de vistas com V. Ex.ª—porque vinha, ao mesmo tempo, condenar o livro em questão — e as horas vagas como horas de creação poetica. Já vê, senhor R. de V., que o seu espirito penetrante, desta vez, não quiz vêr a claridade absoluta das minhas frazes sem maquilhagem, á luz plena do Arco-voltaico da Verdade.

Resta-me agradecer a V. Ex.ª as suas frazes d'apreço — e afirmar-lhe que eu sou, sem desfalecimentos nem lisonjas, «devéras» seu admirador.

Creia-me V. Ex.ª

Seu atento e desassombrado apreciador de todas as horas, vagas e não vagas;

J. A. (critico literario)

S|C. Lisboa-28|VI|921

NOTA DO DIA

A Camara Municipal presa?

Começaram os trabalhos de ampliação dos passeios lateraes do Rocio, tendo ficado, após longos mezes de aspecto deploravel, a placa central incompleta.

E' possivel que os novos trabalhos paralisem tambem por falta de verbas, tornando ainda mais montanhosa e selvagem a linda praça que todo o estrangeiro conhecia de fama.

Consta-nos que uma comissão de comerciantes, artistas e engenheiros vae realisar uma reunião, onde se pedirá a prisão dos membros da Camara, por atentarem contra a beleza da cidade.

Comentarios sem eco

Vae ser promovido a marechal (de partido) por distinção... e elegancia o morenissimo alferes sr. Matos Cordeiro.

✦ ✦ ✦

Sempre que ha festas com «lunch» para a imprensa não falta o nosso colega sr. Oliveira Guimarães.

✦ ✦ ✦

Dizia hontem o «Noticias» acerca da ponte sobre o Tejo, que todas as cidades tinham uma ponte, excepto Lisboa. Ora... nós temos muito mais do que isso—temos o sr. José Pontes.

✦ ✦ ✦

O sr. Robles Monteiro para atrair espectadores a S. Carlos anuncia convidativamente que não exige nenhu «especie de etiqueta na toilette.»

Vão como estiverem em casa—é um S. Carlos em roupas brancas.

✦ ✦ ✦

Está hoje mais careca do que hontem o eminente dramaturgo sr. dr. Júlio Dantas.

✦ ✦ ✦

Diz-se que o sr. dr. Augusto de Castro nas suas relações com o sr. dr. Bernardino Machado, vae voltar ao «Amor á antiga»...

P. S.—Segundo se acrescenta já houve até um «Chá das cinco» para «Conversar». Seja em desconto de «As Nossas Amantes». Moralidade:

São tudo «Fantoches... e Manequins» que se desfazem no «Fumo do meu cigarro»...

✦ ✦ ✦

Hontem o sr. Melo Barreto foi encontrado a recitar sósinho no seu gabinete alguns versos antigos e dispersos...

Recordação do tempo em que a sua arte de «diseur» andava «com a moça»...

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Nuno Simões, ao ver decrescer no norte a venda do seu jornal teve um desabafo comprometedor: «Nem tudo que luz é Douro.»

✦ ✦ ✦

A definição do partido «independente» é a seguinte: partido cujos politicos são «pendentes» do que está por cima. Recomenda-se a quem pretender ser ministro dos negocios estrangeiros.

✦ ✦ ✦

Preguntam-nos qual a rasão porque os automoveis do ex-congresso trazem amas e creanças. Ora essa... então não são dos «pais» da patria... tudo aquilo são filhos... das mães da Patria.

✦ ✦ ✦

Prevenimos os nossos leitores que o livro «Nau Errante» é uma obra prima... do Auctor.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Domingos Pereira encomendou mais tres «fracks» e mandou voltar uma casaca. Está para cair o ministerio.

✦ ✦ ✦

O sr. Melo Barreto tem feito esforços extraordinarios para ser um ministro «original». Nunca será mais do que um ministro «traduzido»... por si mesmo.

✦ ✦ ✦

O sr. Vasco Borges estaciona á porta da Marques—é um logar interdicto aos politicos da Republica. Cuidado! Foi ali que seduziram o sr. Alfredo Pimenta—e o sr. Vasco Borges tem um grande fraco pelas «talasinhas».

✦ ✦ ✦

O sr. Brito Camacho era o «mixed-pickles» da politica portugueza... Sem êle tudo isto está mesmo... deslassado.

✦ ✦ ✦

O senhor Leitão de Barros foi convidado para ministro das Bellas Artes. Não aceitou—de certo para não borrar... a pintura.

✦ ✦ ✦

Diz-se que a Camara Municipal de Lisboa fechou contracto com a lua—para a iluminação da cidade.

✦ ✦ ✦

O senhor dr. Domingos Pereira vem á camara com os votos do governo. O senhor Barros Queiroz não pode deixar de se interessar pelas prosperidades do seu estabelecimento... a S. Domingos.

✦ ✦ ✦

O senhor Armando Ferreira é uma especie de oleo de ricino... dos actores alfacinhas. O senhor Othelo de Carvalho já lhe sentiu os efeitos.

Os auctores deixam de obrar... e os actores evacuam.

A questão dos electricos

Uma importante reunião a que assiste o sr. Alberto Tota

«A Camara não quiz encarar o problema de frente, assumindo uma responsabilidade grave, eternisando os correspondentes prejuizos.»

A sessão de hoje na Associação dos Empregados da Companhia Carris de Ferro era aguardada com vivo interesse visto estar assente que a ela iria o vereador da Camara Municipal de Lisboa, sr. Alberto Tota, expor aos grevistas a sua maneira de ver sobre o assunto.

Por esse facto, desde as 14 horas que as salas da associação, na rua da Esperança, estavam apinhadas de grevistas. A's 15 horas, por entre as aclamações dos assistentes, deu entrada na sala o vereador sr. Tota. A mesa da assembleia estava organisada pelo sr. Carlos Fortes, presidente, secretariado pelo srs. José Baptista Ribeiro e Jayme Ribeiro.

Tem a palavra o sr. Armando Martins que apresenta á assembleia o sr. Alberto Tota a quem classifica de verdadeiro homem de bem e amigo dedicado dos que trabalham. (Apoiados). Faz a largos traços a sua biografia como vereador da Camara Municipal de Lisboa, elemento com quem os operarios da Companhia Carris sempre se teem entendido nas suas justas reclamações.

As ultimas palavras do orador são coroadas com uma estrondosa salva de palmas, depois do que é dada a palavra ao sr.

Alberto Tota

que, constantemente interrompido por quentes aplausos de toda a assistencia, profere o seguinte discurso:

Ha cerca dez dias, o sr. Presidente do Ministerio, pedia a minha intervenção junto d'esta laboriosa classe para obter d'ela as transigencias indispensaveis á regularisação do serviço dos electricos.

Sua Excelencia ao fazê-lo dizia constar-lhe que eu tinha preponderancia decisiva no espirito dos obreiros da Carris de Ferro. Informei esse alto magistrado que a benevolencia do operariado de viação, por mim, residia justamente no facto de ter colaborado leal e humanamente, durante mais de dezoito mezes, com a delegacia da sua comissão de melhoramentos. Procurei, é certo, corresponder sempre á confiança, á transigencia, ao espirito ordeiro e de sacrificio, com que, os operarios da Carris, me acompanharam em todos os incidentes resultantes das laboriosas negociações que se desenrolaram na unificação dos contractos entre a Carris e a Camara e no decorrer das quaes eu fui delegado d'esta.

Se esse passado de convivencia e transigencias mutuas era o suficiente para eu solicitar concessões e acordos rapidos aos desejos do governo, não menos certo éra que toda a classe dos operarios da Carris, constituida por espiritos disciplinados e avigorados para a luta sabia e que muito bem queria e desejava na conquista d'uma indiscutivel melhoria de situação.

Para satisfazer aos fins manifestados avistei-me rapidamente com a comissão de melhoramentos e ela, prompta e expontaniamente, declarou ser proposito da classe manter-se em luta para a conquista e cumprimento rapido das mil e uma promessas que a Camara e a Carris lhes haviam feito de satisfação integra das suas reclamações e dos seus direitos a uma vida mais desafogada e menos cheia de mizéria.

Dentro d'este minimo programa cabiam bem todas as transigencias desde que elas não afectassem o brio da classe e não se continuasse na afirmação contumaz e criminosa d'esta ter ligações censuraveis e inconfessaveis com a companhia Carris. A mim, rogaram-me, fôsse o juiz unico e supremo do pleito e que eu proferisse decisão segura e rapida que désse fim á mizeria dos operarios e á crise da cidade.

Tranquilo preveni de novo o sr. Presidente do Governo a quem confirmei os designios da classe que se resumiam a rogar-lhe evitasse violencia, contra quem, no caso presente, tinha o reconhecimento expresso da Carris e da Camara na justiça das suas reclamações e dos seus direitos.

Insisti, com sua excelencia, para a imediata instalação d'uma arbitragem que procurasse dar fim aos prejuizos da cidade, do comercio, dos operarios em gréve e até dos proprios trabalhadores dos teatros que estão ameaçados, se a luta se prolongar, a ser arremessados para uma crise gravissima.

Repeti lhe que o assumpto me parecia facil desde que todos estavam de acordo, — Governo — Camara, Carris, e Publico, no deferimento e satisfação dos pedidos e rogos dos operarios em gréve.

Sua excelencia deu me palavras de esperança e de conforto para os operarios, em contraposição com a atitude d'um vereador incognito que, no dia imediato se apressava a declarar nos jornaes estar disto, a Camara, a não cumprir a decisão arbitral, fosse ela qual fosse!

Decorreram dois ou tres dias e a Municipalidade, n'uma irritação permanente, fechava mais uma vez a solução da dificultosa questão afirmando em sessão publica que a copia ou certidão da acta da sessão em que se negou a arbitragem ainda não tinha sido fornecida e que a secretaria a não devia entregar, certamente, para evitar a eclosão do unico e indiscutivel meio que, ainda hoje existe, ou seja o já indicado apelo a uma arbitragem leal e honesta que termine com tanta duvida.

A paixão politica fazia esquecer que a classe dos operarios da Carris é composta de gente ordeira, pacifica, laboriosa, transigente e razoavel, que em crises graves de alteração da ordem publica, tem sabido manter a linha imparcial d'uma correcção e tolerancia notaveis.

Fazia esquecer que, ha ano e meio, a encheram de promessas não; hoje são os contractos, ámanhã melhoria de salarios, depois que se não minoraram as dificuldades e o preço das subsistencias, que se lhe vae tratar da Caixa de Reformas e Pensões e, agora, que retomem o trabalho porque, mais tarde se apreciarão os seus direitos, — como se estes não estivessem já reconhecidos e tornados certos!

A Camara não quis encarar o problema de frente, não aceitou nem, sequer, discutiu a proposta de contrato elaborado o ano passado, onde se tem contado receitas e melhoria dos serviços e salarios. Creavam-se carros de luxo e de 1.ª classe, prolongaram-se as linhas, iniciava-se a industria de transporte de materiaes, bagagens e mercadorias, lançavam-se mais 50 carros em exploração e até os serviços de rega e lixos da cidade eram poupados á Camara porque a Carris a eles se obrigava.

Tudo foi rechaçado pela maldita mixeriquice dos sonorosos palavrões do tempo da demolição republicana.

Dai o conflicto vir a agravar-se e a situação economica do pessoal nunca ser melhorada.

Os numeros, os calculos, as previsões da Camara estão certas?

Admitamos que sim.

Que receio ha então do tribunal arbitral?

Porque, nem ao menos, se concorda que ele se instale?

Com que autoridade pretende o Municipio transformar-se em juiz e parte na mesma causa?

Que direito tem a encerrar, sistematicamente, a solução d'uma questão de tão grande e palpitante interesse publico?

As despezas da Companhia Carris, não compreendidos os encargos indirectos, andam por cêrca de 2:300 contos, afirmam os vários Klotzs chamados a pontificar no caso.

Os encargos indiretos atingem 5 a 6 mil contos; logo, claro é, faltam 2 a 3 mil contos para esse pagamento de coupons, dividendos, juros, despezas em Londres, depreciação de material, etc., etc.

Mas, afirma a mestrança calculista, não temos que embolsar d'essas despezas da Companhia.

Mas, então, perguntamos nós, porque motivos, causas, razões, ou circunstancias, notou outro dia a Camara, com o sr. José dos Santos á frente, o pagamento á Companhia das Aguas de todos os encargos indiretos taes como, dividendo de 6 a 8 0|0 ás acções, 5 0|0 de juro ás obrigações, depreciação de material e mais de 10:000 contos n'um emprestimo com a Caixa Geral, tudo, mas tudo, a sahir do bolso do contribuinte consumidor?!

São dualidades que não percebemos pela sua manifesta contradição.

E a cidade inteira, os operarios, o publico, o comercio, que agonize perante estas cabriolas com a logica e com o bom senso.

A Camara não aceitando as conciliações propostas, recusando-se a instalar o tribunal arbitral, incitando a actos de violencia, prolongando a resolução d'uma tão gravissima questão, assume uma responsabilidade grave eternisando os correspondentes prejuizos.

Não, não pode ser.

Na ultima reunião havida entre os Delegados da Carris, Municipio e Operariado só este, como já publicamente está reconhecido, é quem deu o mais salutar exemplo de contemporisação e desejo de acordo.

A Camara não considerou esta atitude e reincidiu na teimosia.

Pois a isso contraponha-lhe, o pessoal, aquela linha de conduta que desde o inicio do movimento tem assumido e essa é a da disciplina, a da boa ordem e a da transigencia em todo o decorrer da momentosa luta operaria.

Ao terminar, a assistencia dispensa ao sr. Alberto Tota uma carinhosa manifestação, salientando o seu nome, por entre novas e prolongadas salvas de palmas, vindo a mesa acompanhar o sr. Tota até á rua, onde as manifestações carinhosas se repetem.

Os grevistas, apoz as explicações do sr. Alberto Tota, trocaram ainda calorosas afirmações de mutua solidariedade, comprometendo-se a manter o mesmo caminho traçado desde o inicio das suas reclamações.

Transferencia de oficiais da administração militar

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director do jornal «A Capital». Acabo de ler no seu jornal de hoje uma nota oficiosa do Ministerio da Guerra sobre a transferencia de oficiaes do 1.º Grupo de Administração Militar.

Na mesma nota pretende justificar-se aquele acto com os resultados dumo sindicancia agora terminada.

Não é ainda ocasião de chamar-se á imprensa aquele triste caso mas entretanto deve dizer que o sr. ministro da Guerra procedeu bem dando andamento aos resultados da sindicancia. O que porém sua Ex.ª não sabe é que:

1.º—A sindicancia foi feita por um oficial intimo do sr. Coronel Director Geral dos Serviços Administrativos e que serve «sob as suas ordens».

2.º—Que o sr. Director Geral é inimigo irreconciliavel do Comandante e de alguns oficiaes sindicados.

3.º—Que a parcialidade na sindicancia foi manifesta, dando-se dois mezes á acusação para formular provas e «cinco horas» á defeza para justificar-se.

4.º—Que as conclusões tecnicas foram formuladas por um «perito» que declarou diante do sindicante e de outros oficiaes «desconhecer» disposições legaes em vigôr e que foram citadas pela defeza.

5.º—Que o culpado da sindicancia foi o Director Geral dos Serviços Administrativos do Exercito incitando á denuncia os oficiaes acusadores que ele sabia terem sido afastados pelo comandante do Grupo agora sindicado.

Confiado em que V. dará publicidade a estas linhas garantindo assim a defeza a quem se vê acusado e victima de um plano urdido na Direcção de que nos temos referido, creia-me etc.—A. D.

Ministro da agricultura

Partiu hoje para o Alentejo o sr. Ministro da Agricultura, fazendo-se acompanhar pelo seu secretario particular.

A EVOLUÇÃO DE LENINE

O czar vermelho declara pretender fomentar o renascimento da pequena burguezia e do capitalismo

mas tem contra si os comunistas intransigentes dirigidos por Trotsky, Boukharine e Djerjinsky, que opõem feroz resistencia a qualquer desvio da doutrina bolchevista

Vladimir Lenine, presidente do conselho dos comissarios do povo da republica socialista federativa dos «soviets» da Russia e chefe supremo de alguns milhares de comunistas, que, desde ha tres anos e meio, teem sob o seu dominio 130 milhões de russos, reconhece hoje que a politica seguida até á data pelo governo sovietico não assegura a felicidade completa da Russia.

Este homem, que para uns é considerado como o maior do nosso tempo e que para outros é um perigo publico, pode-se vêr, mesmo no excesso, uma vontade de aço, uma energia ilimitada e fé ardente no que julga ser a verdade.

Agora, parece ter a pretensão de dirigir por um novo caminho os destinos do seu paiz. Declara renunciar á politica em que se inspirou até hoje e convida os seus discipulos a adoptar uma nova linha de conducta, mais conforme, diz, com a situação em que se acha o que ainda resta do imperio dos czares.

Durante os primeiros tres anos de revolução russa, Lenine não se cançava de prégar a luta sem treguas contra o capitalismo e a burguesia. Sonhava em voltar o mundo de pernas para o ar, em destruir a ordem social existente e de estabelecer em seu logar o regimem comunista. Não admitindo nenhum compromisso, recusando categoricamente colaborar com os partidos sovietistas, não bolchevistas, proclamando a ditadura do proletariado e a supressão total das outras classes, Lenine renuncia da seguinte forma á politica dos comunistas na Russia:

«Quem não estiver comnosco é contra nós».

Nova linguagem

Eis que Lenine emprega uma outra linguagem diferente.

Num artigo publicado pelo «Krasnia Nove», mensario editado em Moscovia, Lenine exprime-se nos seguintes termos:

«Constatamos além disso que os camponezes pobres se transformaram em camponezes remediados. A pequena propriedade tornou-se o elemento predominante. Além disso a guerra civil de 1918-19-20 arruinou o paiz. E' preciso juntar a isto a má colheita de 1920, as epizootias, a desorganisação dos transportes e das industrias.

Logo, na primavera de 1921, a situação politica tornou-se tão critica que se tornou necessario tomar o mais depressa possivel medidas decisivas para melhorar a situação dos camponezes e de activar a sua producção». Resulta disto, nas bases duma certa liberdade de comercio, o renascimento da pequena burguezia e do capitalismo. «E' um facto. Seria ridiculo fechar os olhos. O melhor seria dar aos camponezes os productos das fabricas socializadas, em troca do pão e das materias primas. Lançámo-nos neste caminho.

Mas não podemos dar aos camponezes tudo o que lhes á necessario e nós não o poderiamos fazer enquanto não se fizesse a primeira parte da electrificação do paiz». Por outro lado é impossivel continuar a proibir o desenvolvimento da troca particular, isto é do comercio e do capitalismo. O partido que persistisse nesta politica de proibição assignaria a sua propria sentença de morte.

«Confessamos que numerosos comunistas agiram desta forma». A unica politica rasoavel que é preciso seguir para o futuro é a que consiste não em proibir o desenvolvimento do capitalismo, mas em fazer com que tome as formas do capitalismo do Estado.

«O poder sovietico actua neste sentido, adoptando o sistema das concessões. A cooperação é tambem capitalismo do Estado. Seria um crime ou uma tolice pensar doutra forma. Eis ainda uma terceira forma do capitalismo do Estado: o Estado convida o capitalista, pagando-lhe uma comissão determinada para a venda dos productos do Estado ou para a compra dos generos dos pequenos productores. Eis, enfim uma quarta forma: o Estado dá por aluguer ao capitalista, as fabricas, oficinas, minas, florestas.

«Olhai para um mapa da republica russa. E' um vasto territorio no qual poderiam facilmente caber dezenas de estados civilizados. Mas, na hora actual, estes territorios são selvagens. Nestas condições é possivel passar para o socialismo num unico salto?

Seria possivel, com a condição de electrificar o paiz. Mas a realisação desta obra gigantesca requere dezenas de anos. Por consequencia a volta do capitalismo é inevitável.

Que resultará?

Estas novas teorias do chefe reconhecido dos bolchevistas russos fazem supôr que o bolchevismo se encontra numa fase decisiva. Estas suposições transformam-se em certeza, ao se conhecer o discurso que Lenine pronunciou em 25 de maio ultimo em Moscovia e que o «Goloss Rossii» reproduz:

«Em 25 de maio realizava-se em casa do sr. Rykoff, presidente do conselho económico superior de Moscovia, uma conferencia particular, na qual tomaram parte numerosos especialistas da industria textil, linhos e tecidos. Entre outros tomaram parte os antigos proprietarios e directores das fabricas das regiões industriaes de Moscovia e de Ivanovo-Voznesiensk. A conferencia seguia o seu curso quando de repente apareceu Lenine.

—Senhores, declarou ele, sabendo por acaso que se realizava uma conferencia em casa do meu amigo e colaborador Rykoff, apressei-me em vir para lhes fazer algumas declarações.

Circulam em Moscovia boatos contradictorios a respeito do restabelecimento da industria particular, assim como da atitude pseudo-negativa tomada nesta questão pelo conselho dos comissarios do povo. Estou encarregado de lhes comunicar a certeza

sarios não lhes é hostil, mas que pelo contrário, pede-lhes que o auxiliem, a fim de reconstituir a industria nacional, destruida pela guerra civil e pelos actos de certas pessoas irresponsáveis que se acham desgraçadamente em poder dos comunistas.

«E' perfeitamente exacto que por meio de nós havia teoricos afastados da vida prática e habituados a cortar dum só golpe todos os nós gordios.

Estes idealistas não se souberam adaptar ás necessidades da vida e provocaram a ruina da nossa industria. Mas reconheceram então as suas faltas e afastaram-se...

E' a mim, objecto do despreso de todos os não-comunistas, que incumbe a pesada tarefa de estabelecer uma colaboração estreita convosco.

Desde ha algum tempo, o governo sovietico dá provas duma grande confiança em frente dos grupos chamados «sem partido» e deram-lhes a possibilidade de trabalhar nos oficios mais importantes. A tituto de reciprocidade, pedimos a sua confiança e o seu apoio...»

Enfim, a «Gazette Rouge», de Petrogrado, diz, em data de 9 de junho que Lenine dirigiu aos «soviets» do Caucaso uma carta na qual lhes aconselha «de não se inspirarem no exemplo dos «soviets» russos e de serem muito moderados e cheios de prudencia em frente dos intelectuais, da pequena burguezia e dos camponezes».

O Caucasso, disse nesta missiva, representa um Estado camponez, no qual o socialismo não pode ser instaurado senão a pouco e pouco e sem impulsos. Não se incomodem por dar aos capitalistas estrangeiros a possibilidade de ganhar milhões; podem por este preço restabelecer a troca comercial».

E' preciso frisar que estas declarações não se parecem nada com os discursos inflamados que Lenine pronunciou em 1917 na Kchessinska, em Petrogrado.

E' bem dificil, na hora actual, prever as consequencias desta mudança.

Por outro lado Lenine esvae-se num sentido moderado e entrevê a aplicação de medidas mais «burguezas».

Mas, por outro lado, ha contra ele um grupo de comunistas intransigentes que, sob a direcção de Boukharine, Trotzsky e Dzerjinsky opõem uma resistencia feroz ás menores tentativas de o desviar da doutrina bolchevista.

Qual dos dois vencerá? Lenine, cuja influencia e auctoridade na Russia são enormes? Ou antes os seus adversarios politicos, amigos de ontem, prontos para a batalha de hoje?

Salão Central

O programa desta noite compõe-se da empolgante pelicula *O misterio do Escafandro*, em ultimas exibições. São quatro magnificos episodios, cheios de imprevisto e de interesse, que muito prendem e entusiasmam o espectador. O seu desenlace, que o publico não espera, pela novidade que apresenta, alcançou o maior sucesso, e dai as saberbos enchentes que o elegante cinema tem tido todas as noites. Amanhã, 4.ª feira, estreia-se na «matinée» a encantadora fita *Lily Hussy*, em 4 actos, de que nos dizem maravilhas pela forma como é apresentada.

Touradas

Campo Pequeno.—Charlot's Lelapisera y su Bolones, ou sejam os inventores do toureiro comico, apresentam-se no domingo pela primeira vez em Lisboa. Teem arte os Charlot's, que por isso mesmo alcançam magnificos e numerosos contratos. Fazem o toureio comico, como um gimnasta pode fazer barras ou trapezio comico, como um actor comico não deixou de fazer arte. Praticam todo o toureio, dando-lhe uma feição comica que em vão varios imitadores teem buscado.

O publico vai vêr no domingo tres verdadeiros artistas e assistirá, na mesma tarde, ao toureio sério, executado por amadores distintos e apreciados artistas, figurando entre estes o cavaleiro Rufino da Costa e entre aqueles o cavaleiro sr. D. Alexandre de Mascarenhas e os bandarilheiros srs. D. Carlos de Mascarenhas e D. Pedro de Bragança.

Da America hespanhola

A CostaRica não adere á Federação da America Central

S. JOSE' (Costa Rica), 27.—O congresso por 20 votos contra 19 rejeitou a adesão á Federação da America Central.—(A.)

Novo chanceler

ASSUNCÃO, 27. — Foi nomeado chanceler o sr. Lara Castro.—(A.)

Morte d'um aviador

BUENOS AIRES, 27.—No aerodromo de Santo Isidro elevou-se em aeroplano o tenente ingles Tom Baker que pouco depois caiu em S. Juan, morrendo.—(A.)

NOTICIAS DA CAPITAL

TENTATIVA DE ESTUPRO.—A policia prendeu Joaquim da Cunha, morador no pateo da Torrinha, 21, 1.º por tentar violar sua filha Agueda menor de 12 anos.

ARROMBAMENTO E FURTO.—Queixou-se á policia, Manuel d'Almeida, morador na rua dos Remedios, 191 letra A. que os gatunos entraram no seu estabelecimento de barbearia por meio de arrombamento e lhe furtaram objectos no valor de 200$00.

DESERTOR.—Foi entregue ao poder militar por ser desertor de artilharia n.º 1, José Francisco Gouveia, sem residencia, que á dias arrombou a porta da residencia de Iria Nunes morador no Casal Barroso Concelho de Mafra roubando-lhe varios objectos e roupas no valor de 300$00.

O agente Amado da 2.ª secção da policia de investigação apreendeu ao ... os objectos roubados.

Theatros e Cinemas

A Critica das Criticas

Muito embora daqui a 8 dias comecem a aparecer os criticos suplementares, que virão certamente dizer o contrario do que os profissionaes disseram, parece que a «Derrocada» não agradou... por completo. Havia o sento-se nalguns jornaes uma influencia estranha que força algumas penas á falta de sinceridade. Alguns jornaes não querem magoar o sr. Lourenço Caiola sucedendo até um caso muito original. No domingo, o sr. J. V. (Jaime Vitor) critico habitual do «Correio da Manhã», nas poucas linhas que consagrou á peça diz:

A peça «Derrocada» teve apenas um sucesso de estima. A acção é fraca, sem vigor dramático.

e prometa ser mais longo no dia seguinte.

Ora no dia seguinte não apareceu nada. E hoje sem ser assignada—logo não é do sr. Jaime Vitor que tem sempre a ombridade das suas opiniões—aparece a seguinte noticia:

Subia pela primeira vez á scena o drama e se não teve aquele acolhimento que só é dado ás obras excepcionaes, que chegam, vaem e vencem, não se pode negar que foi bem recebido, nem se compreenderia que o não fosse, desde que o auctor foi chamado e aplaudido no fim de cada um dos trez actos da peça.

E' de tal forma esta «pseuda critica» que até parece ser da autoria do Dr. Assis, quando diz que foi «bem recebida, nem se compreenderia que o não fosse, desde que o autor foi chamado» etc.

No «Diario de Noticias», Cristovam Ayres (filho), depois dum suculento almoço que o dispoz bem, não acha a peça «mázinha» de todo e foge ao detalhe; o sr. Caiola deve ser da geração do insigne poeta Cristovam Ayres (pai) e compreende-se...

São trez actos, literariamente bem feitos, embora em linguagem de moldes pouco modernos pela demasiada exuberancia do dialogo, pela extensão desnecessaria das scenas.

No «Seculo» Acacio de Paiva dá a indicação precisa:

O conflito, na «Derrocada», existe e existe com todas as condições de teatralidade: surge demasiado tardo, perante os espectadores, arrasta a um desenlace inesperado e indeciso? E' possivel, mas trata-se d'uma primeira peça e o escrupulo com que foi escrita, como a probidade na sua elaboração, são factores a considerar para quem queira fazer um juizo imparcial.

Tambem a «Opinião» que achou a peça boa, atribuindo as culpas ao desempenho:

não defendendo o original destinado por certo a fazer carreira.

Aqui, em ápante, será o que nos vale, com a falta de carreiras... electricas.

Os restantes criticos mais livres de influencias que desconhecemos são neste unanime e autentico clamor.

No «Diario de Lisboa», sob um pseudonimo latino, está Joaquim Manso, que diz, entre outras verdades:

A sua «Derrocada» podia ser um simples desastre, uma peça mal feita, mas flamejante de lirismo, de eloquencia, de talento e de vontade de predominio. Mas não é assim: são trez actos escritos a frio, sem inspiração nem fantasia, arrastados sobre uma lameira, por um autor teimoso que trabalha como quem extrae logarismos.

Cheio de bom humor, graciosidade e bela visão, diz Jorge Ortiz, na «Patria»:

Ora por este palido resumo pode o leitor avaliar do assinalado exito do sr' Caiola, que, dobrado o cabo dos 50 anos revela marcantes qualidades de dramaturgo, absolutamente seguro do seu «metier». O seu triunfo deve atribuir-se, acima de tudo, ao seu notavel processo artistico de frases e ideias, genero Clemente dos gabões.

TEATRO NACIONAL—A Derrocada

Pegar em ideias de toda a gente; vestir-lhes uma sobrecasaca e umas calças de xadrez, calçar-lhes umas botas d'elastico, e encaixar num colarinho de borracha, uma gravata de mola—não é para toda a gente: é privilegio dos eleitos.

Na «Situação» diz Tomaz Eça Leal:

Porque, apesar de uma quasi isenção de teatrialidade—na sua contextura, não tem ainda, como factores de interesse, nem originalidade de processos, nem ideias elevadas, nem engenho ou novidade no seu enredo.

E atribue á plateia o titulo de... camara ardente.

No «Mundo» diz C. A., realmente com razão:

A impressão que nos deixou essa primeira representação foi que o sr. Lourenço Caiola tem muitos amigos, felicitámo-lo por isso, os quaes iam de peito feito, não para se manifestarem pela derrocada da peça, mas para aplaudirem a «Derrocada».

O novo critico A. do novo jornal «A Democracia», sob a forma literaria nota:

No dialogo, de longe a longe, aflora a espuma duma certa graça, mas é sol de pouca dura; tomba logo na mesma apatia, na mesma insipidez.

Insipidez, que Antero de Lima, na «Batalha», tambem reconhece:

E' uma novelasinha em 3 actos, frouxa, muito frouxa, mesmo, e que, como assunto de novela ou como tema teatralizavel, é banal, banalissima.

Cheio de vivacidade, Vasco Falcão, na «Monarchia», começa por exclamar:

Que momentos horriveis passámos ante-hontem no nosso Teatro Normal!

emquanto Oldemiro Cezar regre sado á actividade jornalistica, com o desassombro e a sua critica imparcial, diz com grande sinceridade:

Decorar palavras e logares comuns, ensaiar as scenas que esses logares comuns pretendem ter construido, pintar o rosto e vestir varios fatos para, ao cabo de tanto trabalhinho vir maçar o publico declamando, atraves de 3 actos ensaborões coisas sem sombra de uma ideia mas com pretensões a obra-prima, é de estarrecer!

Rematando num desabafo original depois de contar o frouxo entrecho:

Tudo isto por sete vintens e meio foi caro...

Mas emfim, é possivel que todos se tenham enganado; e que amanhã os criticos suplementares, os iluminados, os lustres digam mais sinceramente onde paira a Verdade.

Do desempenho não transcrevêmos ninguem. O interesse residia na peça, é pena que foi que a infelicidade fosse... para um original portuguez.

O homem dos copos de agua

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21,30 h.— «A Derrocada».
S. CARLOS—A's 21,30 — «Marianella».
AVENIDA—A's 21,15— «Pipiola».
GINASIO —A's 21,30 — «As duas causas».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Miss Diabo».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALAO FOZ — A's 20,30, 22,30.— «Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS —A's 21,30—O film «Barrabas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

OS CAMPEONATOS DE LUTA

O que vae disputar-se no Coliseu dos Recreios

Começa depois d'amanhã, no Coliseu dos Recreios, o 8.º campeonato internacional da lucta, para o qual se encontram já em Lisboa onze luctadores, entre eles alguns dos melhores da actualidade.

Citaremos os nomes de Charles le Frappeur, Salvador Chevalier, Petersen, Gonzaléz, Berthod e Meg Neno, além de Carlo Ré, Roberti, Jourdan e outros a quem a direcção do Coliseu dirigiu telegramas.

Entre os que citámos, basta dizer que Petersen é o campeão dos campeões do mundo e que Chevalier, o heroe-militar, é o actual detentor do campeonato da Europa.

Para os classificados na «final» ha um premio de 15.000 francos e de esperar é que alguns dos nossos luctadores se inscrevem, o que será uma garantia da regularidade do campeonato. Resta acrescentar que a inscrição é absolutamente livre.

E' a primeira vez que se reunem no «ring» mais de 25 atletas, o que vae ser um espectaculo soberbo e vem demonstrar que a direcção do Coliseu capricha em manter os creditos do nosso circo como um dos primeiros do mundo.

Festa de caridade

Promovida por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade realisa-se na noite de S. Pedro, no Terraço Bragança uma festa nocturna, constando do arraial, danças, canções populares e teatro de variedades, sendo todos os numeros desempenhados por conhecidos amadores.

O producto d'esta festa reverte para instituições de caridade.

Serviço militar

Nas regedorias do primeiro bairro foram afixados Editaes, com os nomes dos militares julgados incapazes do serviço militar por tuberculose, convidando a comparecer na respectiva Administração, afim de prestar informação para bem do seu interesse.

Exposição no Liceu Passos Manuel

Abriu hoje a exposição escolar dos alunos do Liceu Passos Manuel para encerramento dos trabalhos do corrente ano lectivo.

Figurou nesse certamen educativo—exercicios praticos de sciencia, quimica e fisica, decoração, ornamentos e estilisação.

A exposição, que hoje foi durante o dia muito visitada, deve continuar amanhã aberta.

BANCO DE PORTUGAL

Dividendo de 5 %

O pagamento deste dividendo relativo ao 1.º semestre de 1921, livre de impostos, ha-de começar no dia 1 de Julho proximo, das 10 ás 18 horas, e continuará em todos os dias uteis.

Recomenda-se aos srs. Acionistas para regularidade do serviço que mencionem os titulos averbados ao portador em relações separadas das dos titulos nominativos.

Lisboa, 27 de Junho, de 1921.

PELO BANCO DE PORTUGAL

Os Directores,

(a) *Mota Gomes Junior*

(a) *José Felix da Costa*

ULTIMA HORA

Antonio Pedro d'Andrade

RIO DE JANEIRO, 28.—Faleceu nesta cidade, o sr. Antonio Pedro d'Andrade, figura de grande destaque na colónia portugueza e sógro do sr. dr. Lauro Muller, ex-ministro das Relações Exteriores.—(A).

"Trinacria"

A missão italiana visitou hoje de manhã as oficinas da Companhia União Fabril, no Barreiro, a convite da Associação Industrial Portugueza.

Sá Cardoso

No rapido das 8,30 da manhã partiu para o Norte o sr. Sa Cardoso que deve regressar no fim do mez.

Bairros Sociaes

Tomaram posse do cargo de vogaes para que foram nomeados da Comissão Administrativa dos Bairros Sociaes os srs. Antonio Couto de Abreu, José Pereira dos Santos Junior, Antonio Pinto de Souza Magalhães, Guerreiro da Costa.

Os trabalhos dos mesmos bairros proseguem com grande actividade.

VIDA SPORTIVA

No Coliseu dos Recreios

O sarau de hoje do Lisboa

Principia hoje ás 21 horas, o sarau que o Lisboa Gimnasio Club preparou no Coliseu dos Recreios.

Pela enorme procura de bilhetes que tem havido deve ser certa uma enchente, marcando o novo club mais uma «étape» na sua gloriosa carreira.

Entre outros atraentes numeros, figuram trabalhos em argolas, esgrima em classe, ginastica sueca por uma classe infantil, dupla barra, forças combinadas, jogo de pau, trapesio e força dental, turbing-acte (trabalho que se executa em circo pela 1.ª vez), paralelas, luta greco romana, equitação argolas aereas, acrobatas olimpicos, peso e alteres, «jiu-jitsu» e um intermedio comico.

CICLISMO

A prova de 50 K. da União

Realisou-se no domingo passado a prova de 50 quilometros em estrada da U. V. P. no percurso Lisboa—Remalhão—Lisboa.

Os resultados foram os seguintes: 1.º—João dos Santos Borges, em 2h.2'; 2.º—Joaquim Raposo, em 2h.4; 3.º—Artur Dias Maia, em 2h.12; 4.º— Artur da Silva Amaral, em 2h.13; 5.º—Manuel da Silva Gaio, em 2h.18; 6.º—João Portifirio Correia, em 2h 29 7.—Carlos Branco, em 2h.29' 1"; 8.—Augusto Pereira, em 2h.34; e 9.º—Francisco Matos, em 2h.43.

Salão Central

HOJE—Soirée ás 20 horas—HOJE

Em ultimas exibições todas as series do film

O MISTERIO DO ESCAFANDRO

1.ª serie — A invenção do professor Thomas 3 partes
2.ª serie — 3 partes
3.ª serie—Mascaras tragicas, 3 partes
4.ª serie—A Grande Aventura—3 part.

No programa:
EM HASTA PUBLICA, 6 actos
Drama por MAE MURRAY

A CAPITAL

3820 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 — LISBOA — Quarta-feira, 29 de Junho de 1921 — DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Na Guarda Republicana

Consta que nos ultimos dias teem sido transferidos varios oficiais da Guarda Republicana de Lisboa e Porto, e sabe-se tambem que n'esta ultima cidade e em Coimbra foram dissolvidas divisões de artilharia pertencentes á mesma guarda.

Afigura-se-nos que se ha assunto em que o governo deva proceder com muita prudencia é este certamente um d'eles.

Incidentes proximos revelaram que dentro d'essa corporação se manifestavam certas discrepancias por ventura de caracter politico, mas que em nada atingiram a essencia do regimen. O que parece indicado é que se procure, por meio d'uma obra de conciliação republicana, que se deve estender a todos os partidos e a todo o paiz, acabar com atritos que só podem trazer desvantagens para todos, e não agrava-lo até ao ponto de se crearem irreductibilidades perigosas.

A Guarda Republicana é um organismo republicano, e toda a força do que dispõe lhe foi atribuida para a defesa da Republica, e não para o serviço de qualquer partido ou de qualquer seita. Por isso mesmo não se compreende n'ela qualquer espirito de revolta, como não se pode admitir dentro d'ela o espirito da perseguição.

Para defender eficazmente a Republica é preciso que ninguem desconheça este principio fundamental.

A Republica necessitava d'uma força do exercito na qual repousasse cheia de confiança. Depois de Monsanto compreendeu-se, mais do que nunca essa necessidade. A Republica não podia estar sempre exposta á situação de vêr regimentos e regimentos declararem-se neutraes quando se tratava de defender a sua existencia.

Esse processo de neutralidade quando as instituições nacionaes reclamaram o esforço de tropas em que tinham o seu licito firmar a sua segurança, comoveu legal da nação, foi o mais lamentavel que se tem registado nos fastos militares. Mercê d'ele a desaparecendo, sem duvida, a Republica, mas o prestigio do exercito ainda sofreria mais, porque a sua propria honra se abismaria.

Hoje é certo que a situação variou, e o exercito portuguez pode merecer da Republica uma ilimitada, mas justificada, confiança. Entretanto, a verdade é que a Guarda Republicana figura á frente das forças as quaes cumpre defender a intangibilidade do nosso sistema politico.

Nessa grande familia militar, essa — como diremos? — primazia na missão augusta de defender a Republica deve ser um motivo de orgulho, inspirando, ao mesmo tempo, uma harmonia, uma camaradagem, uma fraternidade em que as virtudes do ideal republicano fielmente se espelhem.

Só nessa corporação perpassaram nuvens, se se patentearam desacordos que felizmente não chegaram a tomar proporções que só podiam entristecer todos os bons portuguezes, o que é conveniente é que se não irritem os animos desavindos, mas sim se trate de fazer desaparecer tão desagradavel estado de espirito.

A Guarda Republicana, repetimos, é um escudo seguro da Republica. E' um bloco republicano. E' bom que o governo o não esqueça, atendendo igualmente aos grandes interesses politicos que nela teem a sua salvaguarda e que, por serem os da nação, são os da Republica. Não será dali que nos surgirão as neutralidades ignominiosas de tempos não distantes. Não será dali que surjam movimentos como o das espadas, em que tamanha duplicidade miserandamente se reflectiu. Não será ali que as paixões sectaristas, os meros interesses partidarios, alcançarão adesões como as que chegaram a alimentar a propaganda contra a guerra.

A Guarda Republicana, não sendo de nenhum partido, não prestando culto rasteiro a nenhum idolo, poderá conter divergencias de opinião, relativamente á maneira como os negocios publicos marcham, mas contra os inimigos da Republica apresentará sempre uma barreira de ferro e aço.

E' bom que o governo o não esqueça, e persuadimo-nos de que o não esquecerá.

Escola Colonial

Terminaram hoje os exames finaes e o presente ano lectivo nesta Escola de Ensino Superior, com o seguinte resultado:

Transitaram do 1.º para o 2.º ano os srs. Delfim Costa, Ricardo Piedade Vaz, João Belo e Esteves Cardoso; do 2.º para o 3.º os srs. F. Baptista Pereira, Oliveira Ramos, Israel Cagi, Xavier de Faria, Costa Pereira e João M. Moreira.

Terminaram o curso os srs. Pires Avelanoso, Pereira de Mendonça, João Rodrigues e Manuel Pires.

A QUESTÃO DO JOGO

Proibam-no, se podem. Do contrario, fiscalisa-lo

é torna-lo menos perigoso -:- -:- e menos imoral -:- -:-

O portuguez é desconfiado por indole — e por experiencia. Muitos anos duma politica de falsidades e de promessas não realisadas, levaram este bom povo a suspeitar de tudo o que o cerca, a pôr em duvida todas as boas intenções.

De resto, aqueles mesmos politicos fomentam esse sentimento geral, seguindo habitos tradicionaes de tudo prometerem para nada realisarem.

Quando aqui iniciámos a publicação destes artigos, sabiamos, portanto, que haveria quem atribuisse intuitos interesseiros a uma campanha que é, afinal, tudo quanto ha de mais moral.

Agora mesmo nos chega pelo correio uma carta muito curiosa, do sempre anonimo e sempre conhecido «Constante leitor»...

Nessa carta ha um P. S. que diz assim:

«Se querem provar-nos a pureza das suas intenções, publiquem esta carta».

Podiamos atirar essas duas folhas de papel para o cesto dos papeis, tanto mais que, em vez duma assinatura, o nosso epistola usou a tal formula vaga de «Constante leitor», que é toda a gente — e não é ninguem.

Não o fazemos, porém. Se a inserção da prosa pode tranquilisar uma consciencia, ela ahi vae, na integra, sem uma virgula a mais ou a menos!

«...Sr. Redactor — Eu não duvido das suas boas intenções, quando o sr. clama que as casas de caridade estão passando grandes necessidades, e aconselha o governo a que regulamente o jogo.

«Está bem; eu sei que as casas de caridade não estão, realmente, em boas circumstancias. Sei mesmo que estão em muito más circumstancias, o que não admira, pois a Assistencia Publica, na nossa terra, foi sempre uma cousa digna... digna, não: indigna de selvagens. Dizem os seus funcionarios que não teem dinheiro, e eu acredito.

«Mas eu preferia que os senhores, desassombradamente, dissessem ao governo: «Regula conte o jogo, ou fecha essas casas de vicio. Ora os senhores falam na regulamentação, falam n'uma situação transitoria, mas não aludem ao encerramento puro e simples...

«Não sou d'aqueles que dizem que o jogo é isto e aquilo; digo s m, que ele só se pode admitir as claras, fiscalisado, vigiado. Ou o fazem, ou então fechem as casas onde se joga. Eu preferia que fechassem, como desejaria, por exemplo, que não houvesse prostituição.

«A grande campanha a fazer, portanto, não era pela regulamentação nem pelo regimen de tolerancia. Era, sim, pelo encerramento. E a Assistencia? E' verdade, a Assistencia. Que arranjassem outras receitas, vindas de melhor industria...»

Eis o que diz o nosso «Constante leitor». Ele não quere nem tolerancia, nem regulamentação, nem o regimen clandestino. Quere, muito sumariamente, que se proiba o jogo.

Tambem nós o desejavamos tambem nós assim o queriamos. Infelizmente, a pratica tem demonstrado que, tentar acabar com o jogo, é tentar o impossivel. Fecham-n'o aqui, e ele irrompe acolá, com mais folego!

Um jornal dizia hoje, e muito bem, que, para conseguir o milagre enorme de impedir que se jogasse, era necessario conseguir um milagre maior: instituir uma policia capaz de não se deixar seduzir pelo dinheiro... Se temos a experiencia que vem duma longa pratica, para que estar martelando no assunto?

Em todos os tons se tem dito que o jogo é um mal. Tambem nós em todos os tons o temos dito. Mas ha outros males peores, e, infelizmente, eles subsistem atravez dos seculos, seguem o homem como o homem segue um destino.

As sociedades, quando um mal é incuravel, transigem com ele. E dessa transigencia resulta que esse mal se torna menor.

Mas, n'este ponto, o nosso criterio é conhecido, não vale a pena gastar mais palavras.

O que, repetimos, não se pode consentir, é a situação presente, que essa, sim, é imoral. Ai diz-se que o regimen de tolerancia não vigora já, porque, com pedidos, a isso se opõem certas casas, cujo interesse é minarem as outras. Isto diz-se sem rebuço, e até se citam varias d'essas casas.

E' verdade isso? Ignoramol-o. O que nos parece extranho é que não se tome qualquer medida de que resulte ou um regimen de fiscalisação — ou o encerramento, como aconselha o nosso epistoliste.

Bem sabemos que esta ultima medida era inutil, pois se continuaria jogando sempre; mas, ao menos, ninguem suspeitaria de que houvesse complicidade da parte das autoridades.

No que fica o governo? Ficará mudo e quêdo, n'um comodismo que, em tal caso, dá logar a suspeitar que nem queremos enumerar?

DO BRAZIL

Contribuição industrial bancaria

RIO DE JANEIRO, 28. — As casas bancarias cujo capital seja superior a 700 contos, pagarão daqui a futuro uma contribuição industrial de 10 contos. — (A).

Hermes da Fonseca

RIO DE JANEIRO, 28 — Hermes da Fonseca, ex-presidente da republica, tomou posse da presidencia da direcção do club militar. — (A).

Cotações

SANTOS, 28. — Café typo 4 14$300; vendidas 22.000 sacas, ficando um stock de 2.858.938. — (A).

RIO DE JANEIRO, 28 — Cotação do café, 17$900; cambio s/ Londres, 6 7/8 e 6 15/16; valor do escudo portuguez, 1$160, 1$550 réis. — (A).

"Legião Pioneiros do Futuro"

Reune hoje pelas 21 horas em assembleia geral esta «Legião» para nomear delegados ao congresso corporativo que se realisa antes do fim do ano, e tratar de assuntos de caracter geral.

CONVITE

Partido Republicano Popular

Convidam-se as Juntas Districtal, Municipal e paroquiaes deste partido a reunirem hoje pelas 21 horas, no Centro Republicano Popular na R. S. João da Praça (á Sé).

Pede-se a comparencia de todos os correligionarios, visto tratar-se de assuntos de maior urgencia e interesse partidario.

Os indigenas de S. Tomé reclamam egualdade

No gabinete dos reporters do governo civil foi hoje recebido o seguinte telegrama:

SÃO THOMÉ, 29. — Os naturais desta colonia reclamam contra desigualdade de vencimentos entre funcionarios da mesma classe estabelecida no decreto 7413 pedimos igualdade lema da republica.»

DIZE TU DIREI EU

O meu requerimento

Ex.ma Direcção da Companhia dos Electricos.

Lisboa

Pantaleão Azêdo, portador do passe verde (côr da esperança... que tornem a circular os carros adorados) n.º 6305, vem por este meio e depois de gastar um lapis Faber e um caderno de papel almaço, 35 linhas, a fazer calculos e cogitar prejuizos, reclamar de V.ª Ex.ª a importancia de Esc. 423$43 em que se julga lesado até o dia 30 do corrente, fim de mez e do semestre.

As importancias descriminadas são como seguem:

Um mez de «passe» na carteira, sem a mais ligeira utilisação, visto ser de cartão e de pequeno formato	20$00
30 dias de camion a 2$00 diarios	60$00
Afiavaca de cobra para curativo das escoriações em porte incerta causadas pelos solavancos dos «Fiat» e «Ford»	10$00
Meias solas, gaspeas e tacões nas bases sapatiferas e boliferas	18$00
Efeitos das artencias do sol nos fatinhos de vêr a Deus, tacs como o pelo queimado e as cores desmaiadas	120$00
10 kilos de carne limpa para bife, 60 ovos e 30 litros de leite, excesso de alimentação para o peito e as pernas não ficarem em crise	195$43
Soma Esc.	423$43

importancia esta que está conforme.

A V.ª Ex.ª peço me digam se podem dar esta conta conferida na proxima 6.ª feira, mandando eu recibo á cobrança no sabado seguinte.

Pela copia
Luiz Ferreira.

Impressões

O «Trianon» vae baixar os preços nos «pasteis». Ora aqui está uma noticia que interessa especialmente as classes pobres...

✦ ✦ ✦

O baile no Terraço Bragança, não correu muito... placido. Começou n'um local e foi acabar defronte.

✦ ✦ ✦

Hontem, no «Diario de Lisboa», o sr. Lourenço Caiola, feliz autor da «Derrocada», procurou o sr. Joaquim Manso e começou a criticar o autor da critica á sua peça. No auge das frases amargas o sr. Manso elucidou: — O autor do artigo... sou eu!

✦ ✦ ✦

A' porta do Ginasio continua-se a gritar aos transeuntes: «agorra»... «agorra»... Mas não ha meio...

✦ ✦ ✦

O novo livro do sr. Alfredo Pimenta chamar-se-ha: «Aos olhos dos que me souberem olhar e ás mãos dos que em mim votarem».

✦ ✦ ✦

A proposito do emprestimo dos milhões de «dollars», o Burney de pataco, arranja sempre um pretexto para dizer: «a proposito de emprestimo... tens ahi doze cedulas de 50 centavos?»

✦ ✦ ✦

Diz-se que para descansar a actriz Amelia Rey Colaço sobre quem tem incidido a interpretação da «Maria... nela», vae o actor-empresario Robles Monteiro descarregar um pouco do sucesso sobre si, anunciando os cartazes a «Maria... nete».

✦ ✦ ✦

O «Mundo» abriu um concurso. Ganha o premio quem colecionar todos os «coupons» com fotografias do sr. Afonso Costa que publica ás duzias por semana.

✦ ✦ ✦

Anunciam-se para breve mais dois jornaes. Para o outono começa... o cahir das folhas.

✦ ✦ ✦

A França depois de ter mandado Joffre á America e a Portugal vae envia-lo ao Japão. E' um marechal «para todo o serviço de fóra».

O escandalo dos hoteis e dos restaurantes

Estas casas de comidas e bebidas continuam explorando torpemente os seus freguezes. Os preços dos generos alimenticios estão na sua quasi totalidade reduzidos a metade e as mesmas casas continuam a levar-nos por uma chavena de chá 8 tostões, por um almoço 4500 reis, tal qual como no tempo, do assucar a 28000 das batatas a 440, do arroz a 1500, das carnes a 5 e a 6 escudos.

Ainda hontem um dos proprietarios dum restaurante agora em obras nos declarou que os seus colegas estavam abusando fortemente.

Se não entrarem no caminho da redução dos preços, embora com menor presteza, do que os foram aumentando a proposito e a desproposito de tudo, baseando-se essa alta até nas subvenções que houve de arbitrar aos empregados publicos, teremos de fazer aqui uma campanha de «boy cottage» contra essas casas.

E' na verdade escandaloso, que se finja não dar pelo barateamento da vida, mas o publico uma vez orientado saberá corresponder ao nosso apêlo desviando-se dos estabelecimentos excessivamente gananciosos, que não querem á viva força acompanhar a baixa de preços dos viveres.

DA AMERICA HESPANHOLA

A presidencia da Argentina

BUENOS AIRES, 28 — O jornal «Montsños» afirma que a viagem do antigo deputado Horacio Oyhanarte obedece a instruções do presidente Irigoyen para consultar o ministro da Argentina em Paris, Alvear, acerca da pessoa que se deve propor á presidencia da republica no futuro quadrienio e obter pormenores acerca do que tem ocorrido na assembléa da Liga das Nações. — (A).

O Foot-Ball na Argentina

BUENOS AIRES, 28 — A associação de Foot-Ball argentina vai resolver sobre a incorporação das associações congeneres de amadores nas profissionais, dando a este ramo do sport um cunho de profissionalismo. — (A).

Um atentado em Madrid

MADRID, 28 — Esta noite, mesmo no centro de Madrid, dois operarios descarregaram os seus revolvers sobre um dos maiores empreiteiros de trabalhos espanhois, chamado Madurell, no momento em que este saia de casa. Madurell foi levantado agonisante e os agressores fugiram. — (H.)

ELEIÇÕES

Para assuntos eleitoraes reune hoje, ás 21 horas, na rua do Bomformoso, 150, 1.º, a Federação Municipal Socialista.

A questão dos electricos

Hoje, deve traduzir-se apenas no restabelecimento das carreiras de viação

Desde tempos imemoraveis que entre a Companhia Carris de Ferro e a Camara Municipal de Lisboa se levantam divergencias profundas que giram sempre em volta do mesmo motivo, da mesma questão. A Companhia afirma que não tem lucros, por outro lado a Camara insiste em fazer vêr que o lucro existe, que as receitas da companhia são constituidas de molde a dar ao seu capital um juro largamente remunerador.

Esta discussão subsiste sempre, embora por vezes esteja latente.

Mas quando se declara qualquer gréve do pessoal, a explosão é violenta — lança-se mão das contas, produzem-se altercações interminaveis, a paralisação dos carros não é nada porque a discussão das cifras ocupa exclusivamente todas as atenções. E assim é logico quasi que se gréves do pessoal da viação electrica ameaçam eternisar-se, visto que o assunto que logo se levanta e salta para a téla de uma discussão irritante, é eterno tambem! Mas como será possivel acabar com este lamentavel estado de coisas — tão lamentavel que está constituindo um cancro para a civilisação e para o bom nome da capital do paiz? Examinando de uma vez para sempre, — com garantias de honestidade mas tambem com garantias de bôa fé, com probidade na apreciação dos livros de escrita, mas tambem com isenção de paixões no modo de os analisar — as contas, os pretendidos lucros, as lendarias receitas da Carris. Nomear-se-ia uma comissão, composta de technicos de indiscutivel competencia, para real sar esse exame que não haveria mais o direito de pôr em duvida, não se teria mais a coragem de invocar a proposito fosse do que fosse.

Mas é preciso não esquecer: — para hoje, para o interesse do publico, para as necessidades dos milhares e milhares de municipes, que estão confiados á camara, — não ha outro assunto, não pode haver mais questão nenhuma que não seja a do restabelecimento das carreiras de viação electrica.

O Senado Municipal promete consagrar-lhe a sua sessão de hoje.

Pois bem, que o faça não esquecendo que atraz de si está uma população de cerca de seiscentas mil pessoas a implorar que as não deixem arrastar-se pelas ruas da cidade a pé ou a oferecer o espectaculo indecoroso de recorrer aos mais rudimentares e penosos meios de transporte.

Atentado na Siria

O general Gouraud, alto comissario francez, é alvejado a tiro na estrada de Damasco por bandidos sirios

Salteadores, disfarçados em gendarmes, atiraram sobre o automovel do general Gouraud, quando, vindo de Damas, se dirigia para a região do lago de Tiberiade, para visitar as tribus amigas.

O general ficou com a manga esquerda do seu «dolman» atravessada, mas não foi atingido. O governador de Damas, que ia sentado á sua esquerda recebeu tres feridas ligeiras.

A' sua chegada a Kuneitra o general Gouraud foi visitado pelos chefes das tribus, que o consideraram como hospede e como tal sagrado.

A indignação é grande, provocando grandes manifestações de simpatia em Damas, em honra do general Gouraud.

As circunstancias do atentado

O general Gouraud ia a Kuneitra para visitar Mahmud-el-Faum, chefe dos Fadel. A alguns quilometros de Kuneitra o automovel que transportava o general e o governador do Estado de Damas foi intimado a parar por cinco cavaleiros de mau aspecto e armados, a que o «chauffeur» não obedeceu.

Voltaram-se então e perseguiram o automovel, atirando uns quinze tiros.

O automovel, tomando logo velocidade, afastou-se rapidamente dos cavaleiros. O general Gouraud ficou com a manga atravessada por duas balas.

Os agressores atiraram tambem tiros de espingarda para o segundo carro onde iam o general Goybet e o sr. Carkor, secretario geral adjunto do alto-comissario, mas estes, agarrando nas carabinas que levavam, abriram fogo contra os bandidos, que fugiram logo.

A' sua chegada a Kuneitra o emir Mahmud-el-Faum e a população receberam calorosamente o general Gouraud.

A opinião geral, que confirma a atitude da população da região, é que o atentado é obra de estranhos á região e que os cinco cavaleiros vieram certamente da Transjordania, onde a excitação contra os francezes, alimentada pelos partidarios do emir Abdullah, continua desde ha mezes e já deu como resultado o assassinio do governador do Estado de Damas, de Rubi pachá e Rhaman pachá. O atentado de Kuneitra está em desacordo com o acolhimento amigo que o general Gouraud teve na região de Damas e foi considerado por Mahmud-el-Faum como um intoleravel insulto á sua hospitalidade.

O general Gouraud decidiu não alterar em nada o programa da sua viagem.

Albergue dos invalidos do trabalho

No proximo Domingo 3 de Julho realisa-se, pelas 13 horas, a sessão solene, comemorativa do 35.º aniversario deste Albergue, onde tantos velhinhos teem encontrado o desvelado e carinhoso abrigo, apoz uma vida exausta de extenuante trabalho.

Por essa ocasião deve ser descerrado o retrato de Ex.mo Sr. Eduardo Augusto da Rocha Dias, grande amigo que foi desta benemerita instituição, onde exerceu por largos anos o cargo de director secretario, revelando sempre as suas altas qualidades de inteligencia e nunca desmentida dedicação pelo Albergue, o qual por fim contemplou em seu testamento.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

Um manifesto da colonia portugueza no Brazil «Nova Lusitania»

Recebemos um manifesto com este titulo d'uma comissão da colonia portugueza no Brazil que promove a emigração dos portuguezes actualmente residentes n'aquele paiz para as nossas possessões africanas.

Este movimento, iniciado no Rio de Janeiro, é, por assim dizer, um protesto contra a insidiosa campanha nativista que no Brazil ha bastante tempo se vem exercendo contra os portuguezes e as quais com muita razão, forçoso é reconhecel-o, se queixam da ingratidão dos brasileiros.

E' preciso, porém, não deformar a visão das coisas e dos acontecimentos, atribuindo-lhes proporções que elas não teem.

A campanha nativista se tem tido poder bastante para incomodar a sensibilidade dos portuguezes, não tem importancia suficiente para que os portuguezes se abalancem ao abandono de um paiz que é o nosso legitimo orgulho de povo colonisador e onde, de resto, eles são geralmente bem vistos e justamente considerados, pondo de parte manifestações exaltadas de alguns cerebros escandecidos.

Registamos por isso, a recepção do manifesto, sem nos atrevermos a aplaudi-lo, pois que a derivação total da nossa emigração para as colonias africanas, com abandono completo do Brazil seria um erro grave de que em breve nos arrependeriamos.

O Brazil faz parte de nós mesmos. Pelo facto de viver independente, sem nenhuma especie de sujeição politica ou administrativa á sua antiga metropole nem por isso deixa de ser um filho dilecto.

O Brazil, Angola, e Moçambique atestarão nos seculos futuros a alta capacidade colonisadora d'um pequeno povo acantoado n'um minusculo rincão da Iberia que no mundo desempenhou um papel que grandes nações terão razão de sobra para invejar.

Não nos deixemos, pois, levar pelo irritante procedimento de alguns centos de energumenos que não representam felizmente o pensar e o sentir do povo brazileiro, para não malquistar com o grande paiz da America do Sul.

Do paiz visinho

Regresso de Afonso XIII

MADRID, 29. — Afonso XIII chegou a S. Sebastian procedente de Londres e Paris e ontem mesmo partiu para esta capital onde chegou esta manhã. — (A).

Desastre de aviação

MADRID, 29. — No aerodromo «Quatro Vientos» um aeroplano sofreu uma avaria grave quando estava a 200 metros de altura, ficando morto o tenente de cavalaria Santiago Vilejas. — (A).

Homenagem a um heroi

MADRID, 29. — Sob a presidencia do ministro da marinha e com a assistencia de generais, oficiais superiores e subalternos do exercito e da armada, celebrou-se um grande banquete em honra de Javier Storas, comandante do navio «Laya». O ministro pronunciou um brilhante discurso exaltando o valor heroico do comandante do «Laya» e dos seus subordinados no combate de Sidi Drio, referindo-se tambem ao valor militar do navio. O deputado Marino Lazaga fez tambem um discurso elogiando os oficiais do «Laya», companheiros de seu filho que tambem morreu em combate. — (A).

TESOURO DE ARTE

Inaugurou-se na 2.ª-feira a exposição de arte em Versailles com a assistencia do rei de Hespanha

O rei de Espanha, o sr. Millerand, presidente da Republica, e o sr. Poincaré, antigo presidente, inauguram na ultima segunda-feira o exposição de quadros, esculturas e tapetes que decoraram noutros tempos os palacios e os parques da residencia real de Versailles.

O sr. Paléologue, antigo embaixador que é o presidente da Sociedade dos Amigos de Versailles, organisadora desta exposição, quiz bem mostrar o fim e o interesse desta exposição.

O que é a Sociedade dos Amigos de Versailles

O sr. Marcel Pays entrevistou o sr. Paléologue que lhe disse:

Versailles é um museu de arte e de historia, unico no mundo, impondo-se á França o glorioso dever de olhar pela sua beleza e conservação contra os ultrajes do tempo, a negligencia e o vandalismo inconsciente dos homens.

A Sociedade dos Amigos de Versailles, fundada em 1907 pelo sr. Millerand, impoz-se o fim de tornar conhecido do publico todo o magnifico dominio dos amigos reis, o que se tornou um monumento artistico e historico, ao mesmo tempo que traz ao Estado um auxilio material e moral para a salvaguarda, conservação e aumento das riquezas de Versailles.

O «comité» da nossa sociedade, de que os srs. Millerand e Poincaré são os presidentes de honra, e que tem por vice-presidentes a condessa de Greffulhe e a marqueza de Ganay, Gabriel Hanotaux Henry Simond e Henry Marcel, conta entre os seus associados os nossos mais eminentes homens de estado, academicos e altos funcionarios das Belas-artes e os sr.ª baroneza de Belgue e Roger Doulne, Paul Dupay, condessa de Haussonville e princeza Murat.

O que será a exposição retrospectiva de Versailles

Temos, continuou o sr. Paléologue, procurado e reunido para a exposição que ja abriu todos os documentos iconograficos e os objectos que pertenceram a Versailles e que d'ali foram tirados por varias razões durante os dois ultimos seculos.

Descobrimos admiraveis obras de talha antigas que, sob o reinado de Luiz Filipe, foram roubadas, serradas e por vezes aplainadas para serem transformadas em molduras de quadros!...

Chumbos antigos de tanques, abandonados nos subterraneos e que representam animaes das fabulas de Esopo... Belos esboços de Van der Meulen para os tapetes Gobelins... Numerosos desenhos e aguarelas que se referem a historia de Versailles, revelando certos aspectos, modificados ou abolidos, tais como os da grande escada dos embaixadores; enfim os fragmentos duma admiravel estatua de Diana, atribuida a Reynaudin e que estava esquecida, sob terra dum terreno de hervas muito espesso.

A festa inaugural foi encantadora. O sr. Robert de Flers fez na Galeria dos Espelhos uma conferencia sobre o espirito dos palavras no seculo XVIII onde mostrou as suas altas qualidades de ironia.

O rei de Espanha (que na sua qualidade de descendente de Filipe V conhece admiravelmente Versailles) quiz conceder o seu patrocinio a esta obra, que honrou com a sua presença.

Depois da conferencia foi servido um «lunch» no vestibulo Luiz XIII, tocando uma banda militar no terraço e os repuxos completaram o magnifico quadro.

Em prol da residencia real

Cumprimentámos o sr. Paléologue pela organisação desta festa sensacional.

Fizemos tudo bem, disse-nos sorrindo o antigo embaixador. Tao bem que esgotámos todas as nossas disponibilidades e o produto das entradas na exposição foram destinadas ao nosso querido Versailles que tem o publico se interesse pela sua real pobreza.

Os creditos destinados á conservação do palacio e do parque são irrisorios e o governo só trata de economias! Pense que só para apagar as inscrições ignominiosas que certos passeantes vandalos teem deixado nos pedestais das estatuas gastamos 1.500 francos!

Sobre este ponto seria para desejar que o publico francez se ocupasse de respeitar a beleza dos nossos monumentos historicos. Nunca em Inglaterra ou na Alemanha um passeante praticaria o menor desacato em Hampton Court ou em Potsdam.

A Sociedade dos Amigos de Versailles dos java tambem limpar os tanques que estão carregados de musgo, cujas raizes parasitas alimentam uma humidade que desagrega os marmores e os mutila muitas vezes. Mas como ocorrer a essa despesa enorme?

Com grande magua temos de nos limitar ao nosso papel de conservação de Versailles, cuja alma de silencio e de recolhimento não poderia deixar de se melindrar com gestos d'um mercantilismo deslocado.

Protestámos energicamente contra a proposta dum comerciante que oferecia 400.000 francos á administração das Belas-Artes para explorar o Petit-Trianon e ai instalar um restaurante Maria-Antonieta; com «shows» americano e gabinetes particulares!... Porque não em tal caso, na Galeria dos Espelhos?

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21,30 h. — «A Derrocada».
S. CARLOS — A's 21,30 — «Marianelas».
AVENIDA — A's 21,15 — «Coração manda».
GINASIO — A's 21,30 — «A garra».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Miss Diabo».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALAO FOZ — A's 20,30, 22,30 — «Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21,30 — O film «Barrabas».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras «A rosa do jardim».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Nota do dia

Teatro e... toilettes

Da inteligente actriz Palmira Torres recebemos hoje uma interessante carta que, apezar do todo privado, não podemos deixar de a publicar pelo que encerra de sentido, de justo e verdadeiro, embora vamos talvez contra os modestos desejos de Palmira Torres.

Que nos desculpe pois a notavel interprete da «Vierge Folle» a indescripção, mas o seu queixume semironico cuberto muita verdade no fundo se bem que em nada diminua a opinião que a maioria, para não dizer a totalidade, do publico formou sobre os toilettes da «Derrocada»: questão de gôsto, o como se sabe gostos e desgostos não se discutem.

Mas que nos perdoe, tambem, o facto de reportarmos com a maliciosa indicação da certa do que hoje só se aplaude a «arte»... de bem vestir», embora erradamente. Nem nós nem, estamos certos, os nossos colegas, apreciamos os contrasensos que v. ex.ª indica na sua carta, e que me lembre ainda ha pouco, a imprensa olfacinha criticou na sr.ª Rey Colaço, o pijama em seda preta no 1.º acto da «Ecolle de cocottes», improprio dos meios que a personagem parecia indicar ter; e critica asperamente sempre os desconchávos de «toilettes», não certamente porque tenha aprendido nos mestres a arte de bem vestir porque em geral os nossos criticos são homens, mas porque a estetica, o bom gosto, um pouco de divulgação da «Vogue» e da «Femina», equilibradamente postos ao serviço dos nossos temperamentos, dão a necessaria educação visual para se não tolerar em scena, sem repulsa, um atentado do lesa-bom gosto.

Não creia tambem pela nossa parte que somos daquela sociedade moderna, a tal nova geração, que só é elegiosa para os do seu tempo; não, não, nosso amor ou que é sincero, verdadeiramente artistico, põe-nos fóra de todas as «coterles» e não aplaudimos que apenas por causa das «toilettes» a sr. D. Palmira Torres vá pedir a gerencia do seu teatro para só fazer papeis de velha.

E com estes reparos, a carta inteligentemente escrita pela protagonista da «Derrocada», e dirigida a toda a imprensa, põe-nos de acordo com a sua doutrina, com as suas verdades e com as opiniões da sua autora. Mas, infelizmente, não nos reconcilia com os seus vestidos.

A carta, ei-la:

Excelentissimo Senhor:

Quando hontem entrei no meu teatro, disseram me, que o meu desditoso vestido do 2.º acto da Derrocada, produzira um retumbante escandalo, e arrancára um violento brado de indignação a toda a Imprensa alfacinha.

Confesso que fiquei surpreendida, e foi-me preciso ler a critica de V. em A Capital, para me convencer que se não tratava d'um gracejo.

E visto o incidente ter tomado tão grandes proporções, julgo meu dever declarar a V. que não tenho a menor cumplicidade no horrivel atentado, fruto d'um concurso de imprevistas e desgraçadas circunstancias em que não tenho nenhuma responsabilidade.

Não sucede o mesmo com a toilette do primeiro acto, cuja responsabilidade assumo com certo prazer.

E creia que se Lisboa vestisse pelo meu modelo «cordial» vestiria por um figurino moderno, a que não falta elegancia, e que nem pela côr peca, pois é das côres modernas a mais discreta.

E a Helena não pretende ostentar a sua dôr — pretende ocultal-a. Nós, as mulheres, quando queremos esconder a palidez, vestimos de côres quentes, para que elas nos emprestem colorido.

O brado de revolta de V. parece significar, que eu tenho por habito vestir mal. Eu não visto mal; visto com propriedade; porque os meus mestres me ensinaram — que vestir bem em theatro, é vestir com propriedade.

Mas este principio passou, não é assim? E presentemente, vestir bem em theatro é vestir com luxo?

E' bem certo — a quelquê chose malheur est bon? Sem o horrivel atentado do meu criminoso vestido do 2.º acto da Derrocada, eu ainda não teria a explicação para um facto que me chocava sobremaneira, e que não havia forma de compreender.

Agora já comprehendo.

Comprehendo finalmente o aplauso do publico e da Critica, para coisas como as seguintes: Uma artista representar uma operaria pobre e honesta, — ostentar um rico modelo em setim bordado; outra representar uma menina muito inteligente virtuosa, bem educada, mas tão pobre que tem de aceitar um logar de dama de companhia — trajar um belo vestido cuja saia mal lhe cobre os joelhos; talvez para deixar bem a descoberto as caras meias de seda, e os novissimos e elegantes sapatos Luiz XV.

Outra, que vivendo n'uma pobre mansarda e ás sopas de pobres operarios — vestia um dernier cri em séda. E finalmente, uma camponeza, velha simples e ingenua, toda entregue ás lides da sua casita rustica, — calçar sapatos Luiz XV...

Isto é muito mais tenho eu visto aplaudir, porque é essim que se vaste em teatro moderno, *agora o comprehendo.*

Muito obrigada pelo esclarecimento que em tanto carecia.

E como na minha idade já se não mudo, vou pedir á gerencia do meu teatro, que só me distribua papeis apagados, de velha ou dama central, que eu possa vestir com propriedade, sem ferir o senso estético das gerações modernas.

E muito na sombra, muito apagada, passarei a admirar o «engenho e arte» das modistas.

E para terminar, suplic-olhe «de o corpo ajoelhado e alma ajoelhada», o esquecimento para o meu vestido do 2.º acto do Derrocada, a página mais negra... e branca (mais negra do que branca, para mal dos meus pecados) em forma do escrito, dos annaes da vida artistica portugueza; — e o esquecimento para mim, para o meu modesto nome! Eu tenho horror á publicidade.

E perdôe-me tambem este desabafo, que foi o primeiro, e prometo — será a ultima. — De V., admiradora. — Palmira Torres.

Mais dois films portuguezes

Estão-se iniciando os trabalhos de *filmagem* dum original de Ruy da Cunha, *Leopard*, film de aventuras em que o protagonista é o conhecido sportman.

Tambem em breve teremos por uma empreza nova, o film em 10 partes *Vingança de Amor* original de Alvaro Baptista.

Noticiario

Entre nós

Recebemos a seguinte carta:

Meu... Amigo. — Tendo lido no seu muito apreciado jornal, na secção de teatros, que a companhia Cremilda d'Oliveira, vira ocupar o teatro S. Luiz na futura epoca de inverno, venho rogar-lhe a extrema gentileza de fazer um desmentido, visto que o mesmo teatro, será explorado pelo menos até maio de 1923, pela minha companhia de opereta.

Com os meus maiores agradecimentos Creia-me seu muito dedicado amigo

Armando Vasconcelos

— Por telegramma recebido do Rio de Janeiro sabe-se que de Pernambuco chegou á capital brasileira a companhia Cremilda d'Oliveira, cuja reaparição no teatro Republica se deve ter efectuado ontem e que todos os artistas se encontram de perfeita saude.

— Em 15,ª representação vai amanhã á scena no Gil Vicente a opereta portuguesa em 3 actos *a Rosa do Jardim*, sendo o espectaculo em que tomam parte o actor Armando Cruz, do Ginasio, os quitanistas Ricardo Varela, Isidro Janeiro e João Camilo e ainda os cultivadores da Canção Nacional, Fernando Teles, João Mariano dos Anjos e Pedro Rodrigues em recita dos autores Artur Inês e Venceslau de Oliveira.

Reclames

Merece ser recomendada e ninguem deve deixar de ver a encantadora peça dos Quintero, «Marianelas», posta com o maior rigor, sendo digna de atenção a scena do primeiro acto, um verdadeiro jardim onde se revela o bom gosto de Amelia Rey Colaço. Além do trabalho desta distincta actriz devemos destacar Fernanda de Sousa, correctissima no seu papel, Ophelia Brochado, gentilissima no Celspin e a graciosidade de Antonia de Sousa e Julia Silva. «Marianelas» poucas representações dará mais, não devendo portanto os amadores do bom teatro deixar de ir a S. Carlos.

— A empreza Rey Colaço-Robles Monteiro, conseguiu estabelecer no largo de S. Carlos no final dos espectaculos carreiras de automoveis e de camions para diferentes pontos da cidade.

Assim os habitantes dos bairros de Estrela, Graça, Alcantara, Campo Pequeno, Almirante Reis e Estefania, podem assistir aos espectaculos de interessante companhia.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Realisou-se na vila do Seixal, o casamento do nosso camarada de imprensa sr. Luiz Saude Junior com sua prima a senhora D. Ignacia Rib iro de Saude, gentil filha do importante proprietario e industrial da mesma vila sr. Joaquim Chaves da Saude.

Testemunharam o acto por parte da noiva a senhora D. Maria José Silveira da Cunha, seu marido o sr. João Silveira da Cunha e o irmão da noiva sr. Dunas Ribeiro da Saude, funcionario superior dos Caminhos de Ferro do Estado e por parte do noivo a nossa colega da imprensa senhora D. Virginia Quaresma e o capitão de infantaria sr. Filipe Augusto de Sousa Tribolet, antigo comissario de policia e director da Carreira de Tiro do Santarem.

Finda a cerimonia foi servido a todos os convivas em casa dos paes do noivo um delicado almoço seguindo depois os noivos para o Norte onde vão passar a lua de mel. Na corbeille da noiva viam-se lindas prendas algumas d'elas de grande valor.

No Liceu Passos Manuel

Hoje de tarde, promovida pelos alunos do Liceu Passos Manuel, realizou-se, na vasta sala do Ginasio, um interessante festival desportivo, constituido por interessantes numeros.

Companhia de Seguros "Progresso"

Reuniu hoje pelas 16 horas, a assembleia geral da Companhia de Seguros «Progresso» sob a presidencia do sr. Plantier, para aprovação de contas, do parecer do Conselho Fiscal, leitura do balanço referente ao primeiro semestre.

Foi tambem aprovada uma proposta para a nomeação duma comissão que tem por fim procurar o desenvolvimento da mesma Companhia.

"O Brado Nacional"

Deve sair amanhã o 1.º numero de «O Brado Nacional», jornal destinado a coatrabater a companha nativista do Brasil e a defender o bom nome de Portugal ultrajado.

Vida Sportiva

Combates de box

A matinée de domingo no Teatro Politeama

O programa da matinée de domingo proximo no Teatro Politeama é ainda superior ao que se devia ter efectuado no domingo 26 e que foi transferido devido á falta de um dos boxeurs que perdendo um comboio ficou retido em Valença.

Silva Ruivo o campeão nacional tem continuado a trabalhar, e Cadieu, o seu adversario aproveitou estes dias para descansar da viagem tendo comtudo feito alguns treinos.

O boxeur Chassagne adoeceu, razão porque não pode tomar parte na matinée de domingo, mas os organisadores de colaboração com o jornal «Os Sports» mandaram vir o boxeur Jean André, que já se encontra em Lisboa, homem scientifico e que deve fazer um optimo combate com o seu adversario.

O programa de domingo inclue portanto trez combates com trez boxeurs estrangeiros, visto que o Americano devia já ter partido hoje de manhã de Valencia.

Nas bilheteiras do Teatro Politeama podem desde amanhã ser pedidos bilhetes de ring ou camarotes.

Lawn-Tennis Internacional

Campionato do Club. Como temos anunciado, começam hoje quinta feira as provas deste campeonato, e seguem amanhã, sabado e domingo, jogando-se as finaes, de «men's singles, mixed double e men's doubles» no ultimo dos dias indicados.

Para hoje quinta feira, estão já marcados os seguintes eliminatorios: A's 17 h. — (mixed doubles) — Mrs King e A. Nogueira, contra Mlle. Heredia e A. Costa.

A's 18h. — (Men's singles) — Diogo da Silva, contra Armour

A's 19 h. — (Men's doubles) — A. Costa e Pessoa, contra Kullberg e A. Amado — Diogo da Silva e Frederico Vasconcelos, contra Fernando Silva e Cou da Costa. — (Men's singles) — D. José Verda, contra Antonio Pinto Coelho.

E' escusado salientar o interesse d'este ultimo encontro, que a sorte faz encontrar em eliminatorias, bastando dizer-se que o 1. foi campião do Club em 1919 e o 2.º em 1920.

Em amen's doubles» estão inscritos 10 pares.

NOTICIARIO

Na assembleia geral efectuada hontem na A. F. L, foi resolvido que a actual direcção continua até termin o seu mandato.

— Desligou-se por motivos particulares da Troupe Familiar Francisco Gomes Lopes com séde na rua da Alameda n.º 2 loja, o Grupo Sportivo de Troupe formado por socios da mesma, ficando agora denominado Racing Club Portugnez e tem a sua séde provisoria na rua da Alameda n.º 2, 1.º

O seu fim é cultivar todos os sportes tendo já formado o primeiro team de foot-ball com quem se tem realisado varios desafios e estando-se a organisar o segundo team.

A luta no Coliseu dos Recreios

Nela tomam parte 24 dos melhores lutadores do mundo

O 8.º campeonato internacional de luta, que amanhã começa a ser disputado no Coliseu dos Recreios, reuniu 24 inscrições. Vae o publico de Lisboa assistir a combates entre as maiores notabilidades do «ring», taes como Petersen, Salvador, Chevalier, Rogerio Neto, Steurs, Danie, Vance, Jourdan, Carlo Ré e Simonon, cujos nomes são de si garantia suficiente de que disputarão a victoria, tanto por amor proprio, brio e profissional, como ainda por quererem ser classificados para a «final».

A pe.ido dos organisadores do campeonato, inscreveu-se hontem Manuel Loureiro Grilo, o campeão portuguez que tantas victorias tem alcançado no «ring» e que o nosso publico se não sacia nunca de aplaudir, e com justo motivo, porque Loureiro Grilo dia a dia faz novos progressos.

Como se vê, a luta vae ser rinhida e é muito dificil, se não impossivel prever quem serão os vencedores.

A inscrição continua ainda aberta até amanhã a todos os profissionaes do mundo, sendo os lutadores portuguezes bastante favorecidos. E oxalá que possamos no final orgulhar-nos do nosso campeão.

Crime no Matadouro

E' alvejado a tiro um cabo da G. N. R. pelo guarda da noite

Cêrca da 1 hora da madrugada de hoje no edificio do Matadouro onde está aquartelada a bateria de obuses da G. N. R., foi atingido com um tiro de pistola no ventre o cabo n.º 63 da 2.ª bateria, Antonio Martins Marques.

O caso passou-se da seguinte forma: Como tivesse aquela hora falt do luz, o oficial de dia, alferes José Vitorino Santos, encerregou o referido cabo de ir chamar o electricista para ver o motivo pelo qual faltava a luz. Quando o cabo atravessava o patio, dirigindo-se para a oficina de reparações electricas, foi atingido, por um tiro. Sentindo-se ferido correu, como póde até ao gabinete onde estava o alferes Santos.

Este ao inteirar-se do que se passava, dirigiu-se logo ao local acompanhado do alferes Carvalho, e do alguns subordinados pondo-se em campo em busca do guarda que declarou não ter ouvido nada.

Prosseguindo as pesquizas foi encontrada no pequeno jardim do matadouro a pistola do referido guarda. O alferes Santos chamou-o de novo e depois de muito instado confessou o crime, que realmente tinha disparado um tiro, ignorando se teria atingido alguem.

O ferido veiu em automovel para o hospital de S. José onde ficou em tratamento, tendo o agressor que se chama Francisco Rodrigues, ido debaixo de escolta, hoje de manhã, para o governo civil.

Centro Socialista de Lisboa

N'este Centro na rua do Bemformoso, 150, 1.º, tem decorr do muito animados os festejos de Junho em honra dos santos taumaturgos, os quaes são promovidos por uma comissão que se tem empenhado em torna-los brilhantes.

Durante as noites comemorativas tem havido recita e baile com valsa a premio, concursos de beleza, canções e kermesse.

O S. Pedro foi muito festejado dando-se unimadamente até de manhã. No proximo domingo ainda continuam os festejos que são abrilhantados por um excelente grupo musical.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

A reunião do pessoal

A' reunião de hoje dos grevistas presidiu o sr. Benjamim Marques, secretariado pelos srs. José do Nascimento Correia e Jaime Baptista.

O sr. José Nunes Martins, convida todos os seus camaradas a sindicarem-se.

O sr. Carlos Fortes, referiado-se á projetada manifestação do comercio e industria pretendendo o seu encerramento até se solucionar a questão dos electricos, diz que ela não se fez ainda, apesar de ha muito anunciada, por lhes faltar aquela forte organisação que o operariado já possue.

Fala depois largamente sobre o movimento grevista, para o qual espera um triunfo bem proximo.

A sessão, como de costume, foi encerrada por entre vivas á greve, á comissão de melhoramentos e ao Comité Central, depois do presidente declarar que a comissão de melhoramentos não compareceria á reunião de hoje por continuar nas suas demarches que devem proseguir hoje á noite.

O "Trinacria"

Hoje, ás 17 horas, foi o sr. presidente da Republica a bordo do navio exposição italiano Trinacria, sendo recebido pela oficialidade do navio e acolhido com calorosas ovações.

No Monumental Club realisou-se hoje um almoço oferecido pelo sr. ministro de Italia ás pessoas que hontem assistiram ao banquete a bordo do «Trinacria».

Violencias ilegais

O proprietario do predio, sito na rua da Horta seca n.º 3, entendeu que devia ampliar a taberna que está instalada na cave do dito predio e que tem o nome «Gruta Camões».

Por isso, pôz na rua uma pobre mulher que mora no lado e que traz as suas rendas em dia, aproveitando a ocasião em que ela não estava em casa e para arrombar a porta, e pôr o mobiliario na rua.

O credito á federação das cooperativas

A Direcção da Federação Nacional das cooperativas, acompanhada de grande numero de representantes das Cooperativas de Lisboa, avistou-se hontem com o sr. Ministro do Trabalho, junto do qual foi manifestar o seu acordo, nas linhas gerais, com o projecto de lei elaborado pelo Instituto de Seguros Sociaes, pelo qual será autorisado a abertura de um credito, em Conta, na Caixa Geral dos depositos, em favor da Federação Nacional de cooperativas, e de creditos parciais ás Cooperativas, ao abrigo do que dispõe o Decreto n.º 1074.

Depois da exposição feita pelo presidente da federação, sr. dr. Reis Santos, da necessidade urgente que tinha o organismo ali representado da abertura de um credito nas condições gerais indicadas no aludido projecto de lei, o sr. Ministro do Trabalho declarou que conhecia perfeitamente o projecto de lei em questão, estando absolutamente de acordo com a sua doutrina pois que reconhecia ser necessario auxiliar com um credito as as Cooperativas, porem, como o referido projecto de verá ser tambem assinado pelo sr. Ministro das Finanças, necessitava ouvir a opinião deste e alcançar o seu assentimento, devendo para esse efeito procural-o á noite, comunicando depois á Direcção da Federação o resultado das suas deligencias.

Noticias da Capital

AS PROEZAS DA GATUNAGEM — Artur Nogueira, morador na rua Sabino de Sousa, 71, queixou-se á policia que os gatunos lhe roubaram uns objectos de ouro no valor de 400$00.

— Foi preso Francisco Cabral, morador na rua do Borjo, 29 1.º por ter furtado de bordo do vapor «India», pertencente aos Transportes Maritimos do Estado, uma quantidade de bronze no valor de 720$00.

— Queixaram-se á policia, Maria de Jesus, moradora na rua da Oliveira ao Carmo, 17, que Maria Izabel, moradora na travessa de Santo Antonio, 9, á junqueira, lhe furtou objectos no valor de 182$00.

— Sigwald Wiborg, morador na rua de S. Sebastião da Pedreira, 30, r/c, que os gatunos lhe entraram em casa roubando-lhe objectos no valor de 1000$00.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios; — nas prevenções digestivas derivadas das doenças infecciosas; — na convalescença das febres graves; — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacilio, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, o Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

A CAPITAL

1921 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 30 de Junho de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Gastar menos

Telegramas de Londres relatam que por acordo entre as companhias de caminhos de ferro britanicos e os ferroviarios se estabeleceu um acordo, mediante o qual estes terão uma diminuição de salarios de 5 shellings por semana, a partir do proximo trimestre, do que resultará uma economia de 10 milhões de libras por ano. Ao mesmo tempo, telegramas de Nova-York comunicam que tambem os ferroviarios americanos se sujeitam a uma diminuição de 12 por cento nos seus salarios. Não se trata d'um movimento só n'esto momento iniciado.

Já ha mais de seis mezes, ou seja desde fins de 1920 se está observando uma baixa de salario em muitas industrias tanto na Europa como na America. Vê-se que entramos no que se poderá chamar a solução conjunta do problema mundial, porque se é certo que é absolutamente necessaria a diminuição da carestia da vida ela não entrará n'um equilibrio formal emquanto não se produzir a diminuição dos salarios.

Quer isto dizer que regressam ás condições precarias da vida do operario antes da guerra, sobretudo no nosso paiz?

Deforma alguma. Os que trabalham adquiriram já o direito de não passar miserias. Foi essa a grande conquista subsequente á guerra, e que durante tres anos não posso deixar de abalar o mundo. Sem duvida estivemos a dois passos da Revolução Social, não circunscripta á Russia, mas espalhando-se pelo mundo inteiro. O bom senso, o sangue frio, a justa evocação do direito de muitas classes, de muitos povos impediram que o que tinha de ser um grande passo no progresso se tornava uma horrivel queda n'um abysmo.

Mas o operariado comprehende que a desvalorisação da moeda, em grande parte provocada pelas suas reclamações, contra ele se torna, como se torna contra toda a gente.

Convem lhe muito mais uma moeda forte, com que adquira generos e artefactos resistindo a um valôr aproximado ao que era antes da guerra. E por isso, desde o momento em que tenha a segurança de que vae diminuindo a carestia da vida, é de esperar que não ofereça relutancia para a diminuição do salario.

Ainda outro dia, um jornal anunciava que, n'uma das povoações do nosso Ribatejo, os lavradores, verificando a baixa da cotação dos seus vinhos, se tinham visto forçados a diminuir os salarios dos trabalhadores. Esses trabalhadores não reagiram contra tal diminuição. Porquê? Por que, embora pequena, eles já consta tam que existe uma diminuição no custo da vida.

A chave do problema não está em ganhar mais, mas em gastar menos. Quando d'isso todos se convencerem a situação normalisar-se-ha em todo o mundo.

"Os Sports,,

Publicou-se hoje mais um numero do bi-semanario «*Os Sports*» que continua recebendo do publico grande acolhimento.

O numero de hoje insere uma larga reportagem sobre o encontro de *box* para o campeonato do mundo entre George Carpentier, informação do foot ball e Dempsey artigos technicos, etc.

POLITICA BOLIVIANA

LA PAZ, 29.—A esquerda da convenção, achando-se casualmente em minoria, resolveu que fossem dados por terminados os trabalhos na presente legislatura. O presidente da convenção convocará, porém, uma nova reunião.—(A).

Eleições

Candidato radical por Lisboa

Em vista de se ter rompido o acordo do alferes d'artilharia sr. Mario de Matos Cordeiro, candidato do Partido Republicano Popular pelo circulo de Tomar, este senhor pediu ao Directorio do seu Partido escusa da candidatura a que o mesmo tinha sancionado, um grupo de republicanos sem filiação partidaria, pediu ao mesmo sr. que apresentasse a sua candidatura a deputado por Lisboa. O mesmo senhor acedeu a esse pedido, declarando que não poderia apresentar-se como candidato por ter resolvido não concorrer ás urnas em Lisboa. E' candidato republicano radical independente; mas dentro do programa do Partido Popular.

O mesmo sr. começará em breve a sua propaganda.

O sr. Mario da Silva escusou-se a aceitar as candidaturas pelo circulo ocidental de Lisboa e Leiria, com que o Partido Socialista Portuguez o tinha honrado.

PORTUGAL E BRAZIL

As duas datas

A atitude de Portugal perante as duas datas mais importantes da historia do Brazil reveste-se de sentimentos de cujo significado não será facil encontrar, em qualquer outro povo, noticia correspondente. Nenhum poderia traduzir mais affecto, a noção d'uma mais pura gloria, a consciencia d'uma missão civilisadora, um culto do progresso mais intuitivo e mais firme. Lastima seria que essa atitude não fôsse devidamente aquilatada porventura, por aqueles que precisamente a deveriam apreciar com mais legitima e natural emoção. Não me resigno a acreditá-o, mas desejaria que nem por mera hipotese o pudesse presumir sequer.

As duas datas a que aludi são as da descoberta e da independencia do Brazil: 1500 e 1822. Pode a primeira fulgurar com a paixão que o orgulho nacional desperta. Com que direito nos seria licito censural-o? Foram portuguezes que descobriram o Brazil; foi um filho de Portugal o nauta que, pela primeira vez, como o cantou Olavo Bilac, na magia arrebatadôra dos seus versos, se fartou de amor n'essa carne cheirosa que era a virginal terra brasileira, e dando-lhe todo o amor deu-lhe toda a luz que possuia, penetrou-a do influxo da civilisação que transportava, na sua alma infundiu o sua propria lingua para n'ela resoarem, pelos ambitos historicos, as primeiras expansões d'uma humanidade redimida. Mas é n'isso precisamente que está o maior valôr da data memoravel, porque os povos são pioneiros do progresso, e quando realisam a missão messianica de fazer ingressar na evolução do mundo consciente uma nova raça, tribu ou nação alguma cousa de fraternal os ilumina. São como irmãos mais velhos que ensinam aos mais novos a tentear os primeiros passos na estrada, livre e radiosa da vida.

Parece haver no Brazil quem não se sugeite á idéia de ter sido um portuguez, Alvares Cabral, o descobridor das terras florentes de Santa Cruz. Como entender essa repugnancia? Se o Brazil se sentisse envergonhado por ter sido descoberto por um navegador estrangeiro, devemos confessar que nada haveria de mais pueril. Os chamados nativistas, porém, nem sequer por esse desagrado realmente se norteiam. Não! Eles não se importam que o Brazil tenha sido descoberto, e levado para a civilisação por uma mão extranha. O que não querem é que tenha sido um portuguez o descobridor do Brazil. Não sendo portuguez, todos os outros lhes servem.

* * *

Qual é o paiz que não tem no seu passado uma situação mais ou menos identica á do Brazil? Nós tambem fomos civilisados por uma nação que para isso possuia os necessarios atributos. Não renegamos os nossos avós lusitanos, que eram bravos e candidos, como os brazileiros tem o direito de não desprezar os indios que foram os primitivos habitantes das suas florestas, onde uma seta de Pery cruzava os ares com a rapidez do raio. Mas poderiamos nós ter dispensado o magnifico banho lustral da civilisação greco-romana que iniciou a nossa terra na marcha constante das sociedades que progridem? Foi dado aos romanos, que combatemos, a realisação d'um facto transcendental para os nossos destinos; aos portuguezes, relativamente ao Brazil, foi dado cruzar uma acção semelhante. Que ha n'isto que nos amesquinhe, a nós ou aos brazileiros, que hoje são nossos irmãos?

Portugal celebra, contudo, a data da descoberta do Brazil com uma emoção, uma alegria, em que acima de tudo resplandece o contentamento do haver aberto as portas da existencia historica a uma terra que pelos seus encantos e magistades naturaes logo se lhe afigurou priviligiada dos deuses. Em que pode este sentimento ser deprimente para qualquer brazileiro, quando, ao contrario, só para todos os brazileiros exprime afecto, visto que para a sua patria essa adoração se desentranha? E todavia, como ha pouco acentuava, no «Seculo», o sr. Antonio Horta Osorio, as autoridades brazileiras prohibiram, no dia da descoberta uma romagem de portuguezes ao monumento do descobridor, sem comprehenderem que, se não podia deixar de ser dolorosa para nós tal determinação, ela ainda alojava mais o facto que esse monumento simbolisa e que é a sabida do Brazil dos abismos da prehistoria, em que só uma humanidade selvatua podia vegetar no interminavel rolar dos seculos.

* * *

Mas a animadversão que se desenha é contra o descobridor só pelo facto de ser portuguez? Então procurar-se-hia debalde a razão de tamanho odio. Ainda se comprehende, embora se não justifique, que um povo seja tão cioso da sua altivez que lhe custe ter sido levado para a civilisação pela mão d'outro povo. Aceitar, porem, um facto vindo de qualquer nacionalidade, não o aceitando só da parte d'outro, revela uma acintosa exclusão ainda mais iniqua do que afrontosa. E como contrasta com ela a atitude de Portugal em relação a esse mesmo espirito de independencia que o nosso paiz respeita e até exalta, mesmoquando contra os seus mais importantes interesses se manifesta!

A segunda data a que aludi é a da independencia brasileira. Contra nós se proclamou essa independencia. A nossa bandeira foi substituida por outra; dum momento para o outro, toda nossa soberania desabou, e nós perdemos uma das joias mais preciosas do globo. O Brazil revoltou-se contra Portugal. Dir-se-ha que tinha rasão para o fazer? Não é preciso nega-la, o emquanto a mim todos os povos que atingem a maioridade do espirito movem a sua emancipação definitiva. Não deixou, porém, de haver uma revolta; não deixou de se produzir um facto do qual resultou o fim da soberania portugueza; o nosso paiz perdeu uma enorme extensão de territorio, com incalculaveis riquezas.

E nós não reagimos, nem sequer com o odio. Não fizemos como a Inglaterra que só pela força das armas foi levada a reconhecer a independencia americana, depois duma cruenta lucta em que até se quiz aproveitar contra os patriotas de Washington a ferocidade dos Peles Vermelhas. Não fizemos como a Hespanha que só se resignou á independencia de Cuba, depois de vencida numa guerra contra os Estados Unidos, que essa independencia patrocinavam.

Acceitámos o facto consumado, não retirámos uma parcela da nossa amisade ao Brazil, e estamos dispostos a fazer ainda mais visto que já se anuncia a viagem do presidente da Republica Portugueza ao Brazil por ocasião das festas que recordam o exito completo e seguro duma revolta triunfante contra Portugal.

Ficamos impassiveis? Não. Não denuncia um só dos nossos gestos, uma só das nossas palavras, qualquer agitação que faça pulsar, com febre, as nossas arterias? Somos de gelo, mas vibramos, ou somos de lama, e não sentimos? Nem uma cousa nem outra, porque comprehendemos que á nossa propria custa surgiu uma nação assombrosa, porque sentimos que da nossa propria carne se desligou uma parte do coração para que o progresso bafejasse, com as auras da liberdade, o inicio duma patria, nova e gigante.

Acima da sede do predominio, acima da vaidade nacional, acima do orgulho historico, acima do interesse, acima da paixão quasi diriamos acima do patriotismo que é todavia timbre da nossa raça, o amor por esse Brazil distante, cujos primeiros passos amparámos, de tal forma nos arrebata que até os seus orogressos, que contra nós se firmaram, as suas prosperidades, que sahiram da nossa ruina, nos são queridos, e d'eles nos orgulhamos!

Rejubilamos com a descoberta do Brazil, exultamos com a sua independencia. Somos uma nação forte, porque sabemos comprehender e exalçar todos os grandes feitos, todas as grandes aspirações. Ha uma cousa que o Brazil nunca poderá, em todos os seculos dos seculos, eliminar: é a gloria que a Portugal adveio de o ter posto a caminho, na marcha da civilisação universal. A suaalma pode ter-se revoltado admiravel, original, sublime. Nada pode evitar que á luz da nossa não tenha ateiado a sua chama clara e viva. A atitude de Portugal perante as duas datas essenciaes da historia brazileira patentemente demonstra essa convicção inabalavel que a inspira.

Se a tão nobres sentimentos só correspondessem duros agravos, não seria Portugal que sofreria, quer perante o mundo que nos observa, quer perante a posteridade que nos julgará.

Mayer Garção

A herança de João do Rio

RIO DE JANEIRO, 29.—Paulo Barreto deixa nas suas disposições testamentarias provou mais uma vez o seu grande amor a Portugal. A mãe de João do Rio acaba de presentear, por sua determinação, o Gabinete Portuguez de Leitura com a biblioteca do seu malogrado filho, o Instituto historico brazileiro com uma riquissima mesa de trabalho, o Centro musical da colonia portugueza com um violino, rarissimo e de inestimavel valor e a Academia de Letras com um retrato do falecido de grande formato.

A colonia portugueza mandou celebrar solenes exequias, uma em Belem, na Bahia e no Recife.—(A).

Cotação do café

SANTOS, 29.—Café typo, 4, 14$400; vendidas 33.000 sacos, ficando um stock de 2.864.366.—(A).

D'aqui e d'ali

Os dias de Setembro de uma poetisa (Virginia Victorino). Passa-os tão entretida que nem pensa nem sabe as horas. Vê-se em sagrada paz não desejando tornar ao que foi. Levanta-se cedo e assim pela manhãsinha vae dar uma corrida pelas vinhas. Se faz frio põe um châle á portugueza. Toma em seguida um banho trio simples e banal e vae, sorridente, dar os bons dias aos vendimadores. Ao meio dia janta, muitas vezes ao pé do poço da quinta. Pega n'uma renda, faz uma festa no focinho aos bois e pensa logo no que ha-de merendar o como lhe vae saber bem. A's 6 horas seisma n'um barrete, que lhe disse, simplesmente, ao passar: «Salve-a Deus!»

A' hora em que as galinhas sobem aos poleiros, dá lição de leitura aos filhos do caseiro e assim termina o dia.

(Do *Diario de Lisboa* de hontem)

* * *

Os dias de Setembro de outra poetisa (Maria = Maria Fernanda?) = Passa-os, exhaustivamente, na cidade, n'uma ancia que lhe excita os nervos, e n'uma febre invencivel que a abrasa. Vivo pouco em casa, empregando os seus dias a distrair os outros. Deita-se já pela manhãsinha. Ao levantar toma um banho complicado e original. Ao meio dia, ainda sonolenta, manda servir o primeiro almoço. Lê os jornaes e arranja-se. A's 6 toma um sorvete. Passa pelas ruas rojando (?) o feltro no verão? pelo feltro do outras pessoas que a saudam com phrases banaes. Se a tarde está um pouco aspera reclama uma capa da «Paquin». Janta e vae ao teatro. Está cançada. Ceia e fuma um cigarro inglez. No entanto, tem em casa de Virgilio um quarto do lado de glycinia (se houvesse ser o de Herminia, ou aquele donde se vê a tarde sanguinea), no qual olhando os ceus, poderá, se quizer, passar bem e conhecer a divina alegria da vida.

(Do *Diario de Lisboa* de hontem)

* * *

O «Noticias» na academiania de ordenar tudo já achou os «primeiros aguarelistas». Primeiros e ultimos do seu concurso...

* * *

A «Mundial» abriu um novo registo de segûros: «Seguros contra os artigos do sr. Ruy de Veras».

* * *

O sr. Candido de Figueiredo aceitou o novo verbo: Oliveiraguimarãesar. Significação: arte de escrever palavras que parecem ideias.

* * *

O sr. dr. Barriga defendeu ante ontemtese na Faculdade de Direito. O assunto versado foi «Da Colica».

* * *

Do sr. Antonio de Bourbon, no artigo sobre Paulo Barreto recortamos os seguintes temos funebres: «baudeirante, pirotechnico» e «pirilampante». E' o que se chama um necrologio de vesperas de S. Pedro...

* * *

Teve um bom sucesso feminino no Congresso do Porto o sr. dr. Constante Amor.

* * *

Na proxima epoca teatral deve pregar-nos a sua primeira peça de grande calibre o sr. Armando Ferreira, sob o titulo «Ultimo reducto» —primeiro e ultimo...

Do paiz visinho

A viagem de Afonso XIII

MADRID, 30.—Alguns jornais desta capital fazem-se eco da versão transmitida de Londres de que a viagem do rei de Hespanha teve por objectivo solicitar o auxilio do governo inglez na discussão a entabolar com a França acerca da desejada anexação da cidade de Tanger á Hespanha.—(A).

Politica hespanhola

MADRID, 30.—O presidente do conselho teve, uma ligeira conversação com o rei na estação do caminho do ferro á sua chegada de S. Sebastian. Pouco depois dirigiu-se ao palacio onde de novo conversou com Afonso XIII durante uma hora acerca das questões pendentes, especialmente com relação ao caminho que levam os debates parlamentares.

Reuniu o conselho de ministros sob a presidencia do rei.

Allendesalazar desmentiu os boatos de crise, afirmando que haverá ainda sessões das duas camaras hoje e amanhã.—(A).

Os projectos de La Cierva

MADRID, 30.—A sessão do congresso de ontem prolongou-se até ás 9 da noite prosseguindo a discussão do projecto de La Cierva na qual intervieram Romanones, Canals, Lerroux e outros. O presidente do conselho declarou que procura governar de acordo com todas as forças politicas que apoiam o governo. La Cierva disse que se se alcançava a paz politica se poderia chegar a um acordo sobre os seus projectos com grande beneficio para o paiz.—(A).

Desfalque no correio

MADRID, 30.—No correio foi descoberto um desfalque de oitenta mil pesetas.—(A).

A QUESTÃO DO JOGO

OS QUE ATACAM E OS QUE DEFENDEM

Toda a argumentação, pró e contra, é favoravel ao regimen de tolerancia

A questão do jogo renasce periodicamente, com mais ou menos intensidade, conforme a facilidade ou a dificuldade com que o governo do momento lhe siplica o calmante pacificador.

Isso é a prova provada de que ninguem ainda quiz resolvel'a, e que todos proferem soluções platonicas e transitorias.

E' o nosso eterno comodismo, o nosso temor das responsabilidades, que se manifesta em todos os actos da nossa vida interna, toda cheia d'essas soluções de ocasião.

E, no entanto, poucos povos serão tão prolixos em legislar... Conta a Republica milhares de leis com milhões de paragrafos, e, se formos a vêr... nenhum problema nacional estará inteiramente resolvido. E' que, se legislar é facil, pelo contrario é dificil—ligislar bem!

Mas nós dissemos que a questão do jogo renasce periodicamente ahi a temos, renascida agora, e, pela indiferença do que dá mostras o governo, não será muito facil depreender se ela ocupará longos debates...

Como sempre que a questão do jogo aparece, surgiu já ali agora a controversia, porque o portuguez, para fazer controversia, é capaz de momentaneamente sacrificar odiaes, teorias pontos de vistas...

Muito serenamente vamos analisar a argumentação das duas partes—que só assim chegaremos a conclusões seguras.

Que dizem os que atacam o jogo?

1.º Que é um vicio perigo, capaz de levar ao extremo do crime.

2.º Que, se como pratica individual é nocivo, como pratica profissional leva á ociosidade.

3.º Que está fora da lei, e portanto ha o dever do o proibir.

Esta é a principal argumentação com que se combate o vicio de jogar, embora, á volta dessas rasões classicas, os argumentadores façam girar outras rasões menos convincentes. Contam-se, por exemplo, casos de ruinas, de desfalques, de tentações, de suicidio...

Como vemos é pouco, na verdade. Suicidios ha-os todos os dias. Ainda á noite passada entrou no hospital uma mulher que se envenenou—e não nos consta que o houvesse feito por se ter arruinado ao jogo.

De resto, os que defendem a regulamentação ou a tolerancia não negam que o jogo é um vicio lamentavel. Isso seria negar á luz do dia. Acham-no, pelo contrario, um mau vicio, e, precisamente para o isolarem é que reclamam um regimen legal.

Dizem esses que, sendo o jogo um mal, é todavia um mal irreprimivel. Tambem é certo, ninguem o pode negar. E que, visto não ser possivel evital-o, melhor será tirar d'ele alguns beneficios.

Quem ataca, pois, o vicio do jogo, teria que provar, antes de mais nada:

Que a repressão dá resultados satisfatorios, isto é: que uma acção violenta de repressão provoca a paralisação total das roletas, ou ao menos um notavel retraimento.

Que, quando se julga que o jogo não está activo, desaparecem os crimes enumerados: desfalques, roubos, alcances, ou pelo menos, que eles são em menor quantidade.

Que não é verdade que, isolar o jogo, é moralisá-lo e delimitá-lo.

Que, n'um regimen de tolerancia, o jogo não contribue largamente para a Assistencia Publica, que é a entidade que se convencionou receberia essas rendas, sempre que um governo, pratico e sem sentimentalismo piegas se resolveu a tributar essa «industria» agora clandestina.

Ora, os detractores do jogo não provam nada d'isso, limitando-se a dar rasões romanticas, que um homem d'esta epoca, em pleno seculo de positivismo, não poderá atender.

Não ha duvida de que estamos a fazer romantismo d'uma questão de interesses pecuniarios. E' ridiculo!

Quantas lagrimas não custariam certas fortunas que ahi se fizeram, nos ultimos anos? Algumas centenas de individuos, «jogando» detraz dum balcão, arrebanharam todo o producto do trabalho de alguns milhões d'almas, obrigando-as a uma pesada tarefa para que elas lhes enchessem os cofres.

Ha uma ancia de enriquecer, que se manifesta em todas as camadas sociaes. Fala-se de negocios. O industrial sonha em milhões. O senhorio, que construe uma casa, dá-nos a impressão de que quere, logo no primeiro mez, que o inquilino lhe pague a construção do predio!

Pobres e ricos falam de contos, muitos contos—o escudo passou a ser uma moeda despresivel...

Repetimos: teem-se feito fortunas enormes, sabe-se lá como — e ninguem, decerto, mostrou relutancia em arrecadar os montões de notas de banco! Pois muitos desses, que enriqueceram sabe Deus como—serão os que agora, quando se tratar de dar de comer a quem tem fome, fazem questão da proveniencia dumas migalhas, e todos tremem de indignação se lhes dizem que vem duma roleta.

Será a certeza de que, de lá viriam algumas notas que lá deixaram?...!

DIZE TU, DIREI EU

TRAPOS

(Carta aberta á senhora Palmira Torres ou uma "toilette" — propriedade com escriptos)

Minha Senhora:

Desculpe Vossa Excelencia que lhe escreva duas palavras, sem a conhecer mais que daquelas tabuas empenadas do Teatro Nacional, onde V. Ex.ª creou, e muito bem, segundo todos dizem, a «Viergo Folle».

Nossa peça, cuja protagonista, como diz o sr. Do Valeo não é virgem, e muino menos, felizmente, louca—V. Ex.ª teve ocasião de, além de patentear uma forma do seu indiscutivel talento scenico, um ensejo para vestir-se com uma «propriedade» perfeitamente urbana.

De forma alguma, quero portanto dizer que os escritos que o sr. Armando Ferreira encontrou agora na «propriedade» de V. Ex.ª sejam... escritos de má vontado.

Os escritos daquele senhor, como ele acentou, vivem, creia V. Ex.ª, duma completa independencia critica. Outro tanto, minha senhora, e lamentavelmente, se não nota na sua, aliás espirituosa, carta de hontem.

Além de artista, e além de inteligente e culta, V. Ex.ª é mulher.

Isso quer dizero que V. Ex.ª jamais perdoará a outras mulheres essa qualidade que, parecendo feminina, pertence individualmente aos homens —o bom gosto de vestir mulheres.

Sua carta publicada, hontem neste jornal é um doloroso sorriso amarelo, da mais comovente ironia.

Ao ver passar adeante de si, ruidosas e populares, as modernas estrelas desta pobre constelação do teatro portuguez, V. Ex.ª não teve a superioridade de viver mais para a sua arte, e de deixa-las no foco luminoso e facil da sua «propriedade de costureiras». Não. Apesar do seu horror á publicidade, em que sinceramente acredito, V. Ex.ª veio á liça — veja V. Ex.ª que forte era o outro sentimento para conseguir vencer o primeiro!

E, ao vir defender o publico o bom gosto do seu vestido, V. Ex.ª procuron, habilmente defender-se com a noção de «propriedade» em teatro. Mais ainda, V. Ex.ª citou, sempre no seu encoberto e inteligente sorriso amarelo, casos que impressionaram a V. Ex.ª como a toda a gente que não sendo cega, frequenta os teatros.

Isso porém não a absolve daquilo que poderá ficar na Historia do Teatro Contemporaneo como o—«Horrivel-atentado-do-vestido-côr-de-groselha.

E' certo que a cada passo a artista hesita em sacrificar a sua estetica pessoal ao rigor de indumentaria.

Eu proprio citei o escandalo dos sapatos de uma sua homonima na representação do «D. João Tenorio»,—sapatos que eram á Luiz XV, quando deviam ser «rasos» ou sandalias. Mas, isso, minha senhora, ainda a não defende.

«Bom gosto» e «propriedade», não são incompativeis.

E, não se podem mesmo viver isoladamente.

E, neste momento desculpo-me V. Ex.ª a «gaffe» de citar abertamente um nome, que é um exemplo e que deve estar incurso nas encobertas estrelas do que V. Ex.ª chama «teatro moderno»:

Amelia Rey Colaço.

Esta artista, que apresenta desde os pés nús da «Marianela» até ás toilettes «rafinées» da «Zilda», não poderá ser acusada de falta de «propriedade», nem de falta de «gosto».

Apezar disso atacaram-lhe aqui, um pijama negro, a proposito da sua carta d'hontem. Foi uma injustiça: ninguem tem culpa que o sr. Armando Ferreira seja pacato demais para ir a «Vie Parisienne!...»

Como vê, V. Ex.ª isto é um autentico «Dize tu, direi eu...»

E no dito de V. Ex.ª já «disse» não levará a mal, que hoje, e para terminar eu lhe dige:

Nunca se vista, minha senhora e querida artista com «toilettes» côr de groselha. V. Ex.ª chama-lhe «côr quente», ou chamo-lhe «côr feia».

E' uma côr condenada, dubia, ingrata.

A sua «propriedade», minha senhora, devo cair-se d'outra côr...

Beija-lhe as mãos

O HOMEM QUE PASSA

UMA FORTUNA QUE SE DISSIPA

Um milionario que procura a 5.ª mulher

Damniel Hanna é um americano, e como todos os americanos, amante das suas americanices. Assim, acaba de se divorciar dia 4.ª vez, parecendo que não está ainda satisfeito.

A mulher n.º 1

Em 1897, diz anos depois do casamento, a primeira mulher de Daniel iniciou em Cleveland serie de divorcios, alegando o seguinte:

«Meu marido não só não me diva a consideração que em geral as mulheres merecem dos homens, como chegou, por vezes, a tratar-me cruelmente».

«Duma vez deu-me um soco em pleno rosto, ofendendo-me um dos olhos».

«Não quero suportar mais, semelhante fera».

O juiz decretou o divorcio.

Dias depois já o sr. Daniel fazia a corte a uma das mais interessantes creaturas de Cleveland, a sr.ª Daisy G. Muud, mulher divorciada de um capitão inglez e que se tornou

A mulher n.º 2

Mr. Daisy fôra infeliz no primeiro matrimonio. Esperava ser feliz agora, casando com o sr. Daniel, casamento esse que se verificou em 1899.

Em 1902 apareceu na Corte de Cleveland o requerimento de divorcio de n.º 2.

O caso era gravissimo e o juiz Philips ordenou que ninguem, afóra os advogados, assistisse aos depoimentos.

A cousa passou assim:

«Daisy — (ao ouvido do juiz)..........

....

O juiz — (ao ouvido dela, sinpaticamente)..................................

Daisy — ....

O juiz — ....

A seguir, sem outros detalhes, o magistrado concedeu o divorcio, seguindo Daisy para a Europa.

48 horas depois da sentença, Daniel casava com

A mulher n.º 3

A sr.ª Maria S. Skelley, esposa divorciada de um hotelleiro, que o havia largado para ser artista.

Maria em 1916 requereu o divorcio alegando sucessivas infelidades do Daniel.

Ele nem foi ouvido. O seu passado autorisava o juiz a aplicar, sem temor, a lei.

Nessa ocasião, Daniel fazia a volta ao mundo em companhia de uma jovem creatura, a quem chamava sua mulher.

A mulher n.º 4

Solteiro outra vez, Daniel não desconsolou; namorou, noivou e casou com a sr.ª Mollie Worden.

Mollie, porém, não teve estomago e o processo de divorcio está iniciado.

Diz e a um mundo de cousas, que o marido é excessivamente agressivo, que tripudia na propria casa, pondo os creados de guarda, que, muitas vezes, a entrada das suas ilhas é vedada pelo braço conivente de um servo qualquer.

O divorcio foi decretado.

Qual será, agora, a mulher n.º 5?

Ja andam em 500 mil colars as custas e indemnisações sofridas por Daniel.

Em todos os processos ele foi condemnado e todas as mulheres lhe levam um pouco da fortuna.

Esse facto de ser ele sempre o culpado, não evita, porém, que as mulheres se combinem a candidatar o seu coração; ao seu coração ou aos seus dolars, porque, muitas vezes, mais vale um dolar legitimo que um amor falsificado. Havera alguma portugueza que tente?

Conselho de ministros

Reuniu hoje de manhã o conselho de ministros, presidido pelo Presidente do ministerio, tratando, da questão interna e da greve dos electricos para que se chegue a um acordo entre a Camara Municipal e a Companhia Carris, convidando-se o sr. Freire de Andrade e o sr. José dos Santos para uma conferencia que se realizou no decurso da reunião do conselho.

Afonso XIII ratifica a confiança ao ministerio

MADRID, 30.—O presidente do conselho de ministros, no fim do conselho presidido pelo rei, poz a questão de confiança.

Afonso XIII ratificou a confiança a todos os ministros e assinou o decreto adiando o parlamento, decreto que será hoje mesmo lido nas duas camaras. (H.)

O "Trinacria"

Realisou-se hoje a bordo deste interessante barco um almoço intimo oferecido pelo comandante ao ministro de Italia e secretario da legação italiana.

O cometido da Feira a bordo do «Trinacria» acompanhado por alguns membros da colonia italiana visitaram hoje Cintra e Cascaes.

O «Trinacria» deve levantar ferro amanhã ás 4 horas da madrugada com destino a Cadiz, devendo a sua tripulação, no proximo domingo, assistir em Servilha a uma tourada promovida em sua honra, seguindo dali segunda-feira de manhã em direcção a Tanger.

Combates de box

Os de domingo no Teatro Politeama — Faustino pede uma desforra a Oscar da Silva

Realisa-se no proximo domingo no Theatro Polyteama a annunciada matinée de box, que por não ter chegado a tempo a Lisboa, o boxeur Americano, ficou transferida, embora os organisadores podessem effectuar o espectaculo, porque só por si os dois combates internacionaes, constituiam um optimo programa.

Os organisadores dos combates receberam do portuguez Faustino Pereira um pedido de organisação da sua desforra com Oscar da Silva, para que se acentue claramente qual é superior.

Atendendo á desigualdade de peso dos pugilistas os organisadores procurarão uma forma de equilibrar o combate que tanto entusiasmo está despertando.

O boxeur Americano que por ter perdido um comboio de ligação ficou em Valencia espera-se que chegue hoje a Lisboa e combaterá contra Jean André, um francez scientifico de cujo record, damos algumas notas por onde o publico vê que não é nenhum, desconhecido.

Jean André tem uma victoria por K-O sobre Max Robert ao 4.º round, aos pontos sobre Bertys, fez match nulo com Daniels em 8 rounds e venceu aos pontos num combate de 6 rounds Geo Charles.

Tambem tem victorias sobre Goubert, Lacoste, Vaure. Com este ultimo effectuou dois combates vencendo aos pontos no primeiro e por K-O no segundo.

Sobre Cadieu, o homem que resistiu a Carbonnel oito rounds, e do outra vez match nulo tem tambem bastantes victorias por K-O e entre outras citaremos Joinand Dronot Jon Brosek, Kid Fox e outros.

As bilheteiras do Teatro Politeama estão abertas, podendo quem deseje adquirir desde já bilhetes.

ESGRIMA

Os torneios da Semana d'Armas

Os torneios de esgrima da Semana d'Armas organisados pelo C. N. E. iniciam-se a 7 de Junho proximo pela ordem seguinte:

Dias 7, 8 e 9 ás 5 h. — Campeonato do Espada, Juniores. Dias 10 ás 10 h. e dia 11 ás 5 h. — Campeonato Escolar. Dias 12, 13 e 14 ás 5 h. — Taça Castelo Melhor. — Dias 15 e 16 ás 5 h. e dia 17 ás 10 h. Campeonato Nacional de Espada (Amadores). Dias 18 e 19 ás 5 h. — Campeonato de sabre (Profissionaes e Amadores). Dias 20, 21 e 22 — A's 5 h. — Taça Lancho.

Escolas de natação

Club Naval de Lisboa. — E' na proxima 3.ª feira que abrem as escolas de Natação neste Club sob a direcção obsequiosa dos srs. Jaime Roussado dos Santos e Gustavo Pereira da Costa, com o seguinte horario:

3.as 5.as e sabados das 7 ás 9; 4.as e 6.as das 18 ás 19,30. A inscripção para as escolas encontra-se desde já aberta na secretaria do Club.

Touradas

TOUREIO COMICO NO CAMPO PEQUENO. — Os lidadores comicos «Charlot's Llapisera y su Botones», que são os creadores desse toureio e os unicos do seu genero que toureiam em Madrid, por que teem valor artistico, são os que no domingo trabalham no Campo Pequeno.

A corrida é de doze touros, sendo parte destinados ao toureio serio, que será executado pelo primoroso cavaleiro-amador sr. D. Alexandre de Mascarenhas, pelos excelentes bandarilheiros-amadores srs. D. Carlos de Mascarenhas e D. Pedro de Bragança, pelo popular cavaleiro Rufino da Costa, pelo novilheiro Teofilo Guerra, pelos bandarilheiros Tadeu, T. Rocha, Luciano, Tomé, S. Cabola, A. Carvalho e «Malagueño» e por dois grupos de forcados, havendo «casa da guarda».

Dois dos touros são oferecidos por um dos mais antigos e afamados lavradores, quatro teem o ferro de J. Segurado e os outros varios ferros de boas castas.

SETUBAL. — Vai ser a primeira enchente da epoca em Setubal a corrida do proximo domingo, porque a organisou o bandarilheiro Agostinho Coelho, que é, no mesmo tempo, um artista popular e apreciado pela sua valentia. Agostinho teve o cuidado de formar um atraente cartaz, pois ajugou dez touros apartados com gosto na ganadaria do sr. Joaquim dos Santos, da Ribeira de Santo Estevam, e contratou o valente cavaleiro Ricardo Teixeira, que ainda n'este ano não toureou em Setubal e os apreciados bandarilheiros Cadete, Alfredo dos Santos, Custodio Domingos, José da Costa e F. Feliz. Cadete e Alfredo não trabalham em Setubal ha dois anos. Alfredo e Custodio encarregaram-se do toureio de muleta, e Agostinho fará a sorte de cadeira á gaiola, na metra do curro.

A corrida tem ainda outro grande atractivo: concurso de pegas, com premios de 20 escudos para a melhor de cára ou de costas; 10 escudos para a melhor de volta e 5 escudos para a melhor ajuda. Para isto ha dois grupos de forcados, um de Setubal, com Joaquim Alves como cabo, outro de Lisboa e Barreiro, com José Antonio Chegadinho, á frente. Tambem ha um touro para curiosos, com 20 escudos para quem o pegar de cára.

Para esta corrida ha um serviço especial de comboios, com preços muito reduzidos.

Salão Central

Está a despedir-se do publico a surprendente pelicula *O misterio do escafandro*.

O ultimo episodio exibido, em que se desenvolve o intricado enredo das suas numerosas aventuras, tem produzi o a maior sensação.

Quem ainda não assistiu a tão extraordinaria novidade, que não falte ao espectaculo desta noite, no qual figura tambem o lindissimo film em 4 actos, *Lilly Puccy*, cheio de graça, de vida, de encção.

Para a matinée de manhã 6.ª feira reserva a empreza a estreia da sensacional pelicula de aventuras *O milhafre* em 4 actos, do repertorio do repertorio do celebre artista norte americano, Monroe Salisbury.

E' mais um sucesso garantido para o elegante Salão Central, dada a predilecção do publico pelo artista Monroe Salisbury.

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

583 — 20.000$00

5295...	3:000$00	2976...	200$00
2015...	2:000$00	4606...	200$00
1819...	500$00	5237...	200$00
613...	200$00	6534...	200$00
656...	200$00	6868...	200$00
1267...	200$00	7378...	200$00
2368...	200$00		

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21,30 h. — «A Derrocada».
S. CARLOS — A's 21,30 — «Marianella».
AVENIDA — A's 21,15 — «Coração manda».
GINASIO — A's 21,30 — «A garra».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Miss Diabo».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ — A's 20,30, 22,30 — «Troiaré».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21,30 — «Inauguração do campeonato de Luta».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras «O Voluntario de Cuba».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

Salão Chiado Terrasse. *A velha Gaiteira.*

Mais um «film» portuguez apareceu nos «ecrãins» de Lisboa esta semana. Desta vez trata-se dum «film» comico, bem metido em scena, modesta mas scientificamente desempenhada, com bôa «filmagem», bôa luz e engraçadissimos disticos.

O entrecho do Carlos Machado é leve, gracioso e encontrou em Emilia d'Oliveira — se bem que pouco metida no seu papel — em Otelo de Carvalho, em João Ataide, Isaura Rocha e no proprio autor interpretes naturalmente cheio de vontade e com lá os mascaras. E' o primeiro trabalho no genero do atelier «Studio», pelo que é de se a felicitar. Uma experiencia ... prometedora.

A. P.

Noticias da Capital

As proezas da gatunagem — O guarda civico 664 prendeu Maria José, moradora na rua S. Boaventura 57, loja, por suspeita de que ela tivesse roubado dois sacos com tabaco no valor de 600$00, sacos que ela conduzia.

— Queixaram-se á policia José Jorge Guerreiro, dono de uma loja de adelo no Campo de Santa Clara, 29, que os gatunos lhe entraram no estabelecimento por meio de arrombamento e furtaram objectos no valor de 724$00.

— Joaquim Narciso, morador no Largo do Contador, 14, 2.º, que os gatunos lhe furtaram objectos no valor de 120$00.

— A policia prendeu Antonio Esteves, morador na rua Maria Pia Vila Gracieta 13, por ter roubado a Francisco de Assumpção Moita, morador na rua do Livramento 22, loja, uma caixa de chá no valor de 200$00, que vendeu a Manuel Rodrigues Louro com mercearia na rua do Cruzeiro 127.

— A policia de investigação prendeu Antonio Padua de Carvalho, trabalhador, com 4 prisões, morador na rua 1.º de Maio e Francisco Costa, tambem trabalhador, sem residencia, com 7 prisões, por terem furtado dos armazens da Vacum Oil Company em Alcantara duas alcofas de pregos no valor de 37$00. Suspeitando-se tambem serem eles os autores do furto de objectos, no valor de 572$00, á mesma companhia, que apresentou queixa á policia.

Match Carpentier-Dempsey

Um enviado do «Excelsior» conta o que viu n'uma sessão de treino do segundo dos combatentes

O sr. André Glarner escreve de Nova York o seguinte:

«Não é cousa facil, mesmo para um americano, falar com Jack Dempsey, actualmente em treinos. Com muito mais razão ainda para um estrangeiro.

Porém não hesitei em empregar um estratagema: sob a capa do correspondente d'um grande jornal dos Estados Unidos, e apresentado por um colega americano, pude ver Dempsey em pleno trabalho e conversar muito tempo com ele. A sua conversa peca um pouco por falta de variedade: á parte a historia do box desde a epoca em que o pratica.

Dempsey parece completamente alheado das cousas deste mundo.

Contrasta muitissimo com Carpentier: esto, leve, elegante, mesmo distinto, atleta completo em toda a acepção da palavra, não dá a minima impressão de ser um «boxeur» de carreira.

Dempsey, pelo contrario, tem o rosto deformado pelos socos recebidos, cheio de cicatrizes, o nariz achatado, as orelhas numa bola, os olhos pequenos e azues não reflectem a minima inteligencia ou vivacidade.

Lembra o pugilistas velhas gravuras inglezas que, a soldo de ricos proprietarios da Grã-Bretanha com os punhos nus, se batiam por alguns shillings diante dos convidados.

Conheci a maior parte dos antigos campeões do box: Jim Jeffries, Bob Fitzsimmons, John Sullivan, depois o Stanley Ketchell e tambem o famoso preto Jack Johnson: todos eram colossos como Dempsey, mas dissimulavam sob o seu exterior de pugilistas um excelente caracter, além disso tinham-se imposto uma personalidade propria e estavam perfeitamente adaptados aos meios cultivados que as suas proezas atleticas tinham provocado. Dempsey, pelo contrario, não é senão um boxeur. A sua unica função na terra é bater-se num «ring» de box. Durante meio hora falou-me de si. Em sua casa a afirmação que Carpentier não existe é mais confiança razoável do que vaidade: mostra-me os punhos dignos de rivalizar com os de Porthos e diz-me:

«Não julga que com uma tal maça se pode matar um boi o que, se a sua ameaça o pobre «Frenchman» não passará duma creança?

Uma maquina de bater

Não é preciso insistir em tal mentalidade. Pouco importa, no fundo, o que pensa um «boxeur» profissional e qual é a sua opinião do mundo exterior. Os «sportmen» julgam-no pelas suas façanhas e não o avaliam senão pelo seu valor no «ring». Assim vou fazer com Dempsey.

Este homem é, conforme a expressão corrente, uma terrivel maquina de bater.

A sua condição fisica é perfeita. Vi em cerca de meia hora o progresso do seu treino. Começou pelo salto á corda, continuou com o «box» no vacuo, proseguiu com a luta com um enorme saco de areia pendurado. Esta serie de exercicios realizados a toda a velocidade foi para mim ao mesmo tempo um espanto e uma revelação, tanto o homem me espantou, tanto o atleta me entusiasmou. Nem uma gota de suor aparecia na sua pele queimada e enegrecida pelo sol. O trabalho era aparente, os musculos bem estendidos e bastante bem tratados, corriam sob a pele com o á-vontade do embolo dum cilindro. O jogo dos musculos das costas é sobretudo maravilhoso e os dorsais nitidamente em relevo vão e veem com uma rapidez extraordinaria.

O saco de areia agita-se como sob o efeito duma crise epileptica e Dempsey termina a sua preparação partindo a corda que sustentava o saco numa trave lateral. Esta façanha é contudo bastante facil se o «boxeur» tem o cuidado de bater no saco do alto para baixo e em sentido contrario.

Só eramos cinco, meis a treinadores que assistiam e este trabalho completamente intensivo. Quando passou do box real permitiu-se a entrada do publico, mas desde então Dempsey ocultou o seu jogo. Os seus partidarios eram fracos pugilistas e jogavam com luvas de dozo onças não me ficaram ver nada do novo.

Seja como fôr, pego aos «sportmen» francezes para considerarem Dempsey como um magnifico «boxeur». Mostrou-nos primeiramente trez «um dois» (directo, direito seguido dum directo esquerdo ou vice-versa) absolutamente perfeitos.

A rapidez de Dempsey

As suas pernas parecem um pouco grandes para o corpo.

Mas os musculos, se são menos salientes que os de Carpentier, entram em acção automatica e espontaneamente logo que ha disso necessidade.

Dempsey move-se no «ring» com extremo rapidez; apoia claramente os seus golpes, notei principalmente um curto «crochet» direito e esquerdo que parece muito eficaz e que provem dos musculos dorsais lêvos e fortes. Dempsey deve ser, senão tão rapido pelo menos quasi tanto como Carpentier e terá sobre o nosso compatriota a nitida vantagem de 8 quilos de peso pouco mais ou menos.

A' parte, talvez o indio Jim Thorpe, o famoso atleta americano completo, julgo não ter conhecido um homem tão admiravelmente constituido como Dempsey na categoria dos pesos pesados. Certamente que o actual campeão do mundo terá na sua frente um adversario muito atleta, muito mais inteligente do que ele, mais conhecedor do box, possuindo um maior conhecimento do ring.

Do lado do Carpentier tudo é razão, do lado de Dempsey tudo instinto. O desafio de 2 julho será um combate em que a inteligencia se opora á força brutal, como no tempo de Jim Corbett e Jeffries.

Despeço-me de Jack Dempsey, enquanto que na meia de maçagem dois pretos enormes maçam o campeão, e ao partir não posso deixar de admirar uma vez mais a esplendida musculatura do pugilista americano.

— Não se esqueça, disse-me, apertando-me a mão, de dizer aos rapazes de Seattle que aposteem por mim!

E' certo que não irei até ás costas do Pacifico para transmitir o pedido de Dempsey, mas julgo que deixei o campo de Atlantic City muito mais ancensiv do que quando entrei.

Acabo de ver um grande, um enorme «boxeur».

Começo a compreender a razão porque Bob Eden me dizia hontem, que desde Jim Jeffries, da grande epoca, nunca se viu na America um combatente tão formidavel como Dempsey.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

A reunião do pessoal

Presidiu hoje á reunião dos grevistas o sr. José Augusto Martins, secretariado pelos srs. Domingos Antunes e Raul d'Oliveira.

E' lido na mesa um compromisso de honra assinado por delegados representantes de todas as secções em que afirmam não estarão pessoal mancomunado com a Companhia ou qualquer outra entidade.

O sr. Claudio dos Santos, lendo as declarações feitas ao «Seculo» pelo vereador sr. José dos Santos, diz que aquele senhor tem andado nesta questão com muita má fé, demonstrando a contradição das suas palavras segundo as varias conferencias havidas entre o pessoal e aquele vereador chamando-lhe o orador caluniador de classe.

Mais uma vez afirma que o pessoal não fez a greve para favorecer os intuitos da Companhia.

Aludindo á atitude do vereador sr. Alberto Tota, que sempre tem sido um bom amigo do pessoal da Carris, diz que o sr. José dos Santos teria jus aos mesmos elogios que o sr. Alberto Tota se ele nesta questão tivesse andado com um só caracter.

Falando sobre «O Seculo», entende que o pessoal aceitará uma plataforma em que os grevistas não fiquem em desprimorosas condições, manifestando assim um certo espirito de transigencia que um camarada de hontem puzera em duvida, quando se referia á atitude do «Seculo».

O sr. Armando Martins, fala sobre a sessão do Senado Municipal, pedindo aos representantes da imprensa para que nos seus jornaes fossem bem que ali se desafia o sr. José dos Santos a vir para a praça publica fazer as mesmas afirmações que na Camara fizera.

Acerca da projetada manifestação do comercio e industria que no proximo domingo vai promover no Teatro Eden, declara que ali irá tambem, onde espera defender a sua classe se ela porventura naquele logar vier a ser atacada por alguem.

Acusa tambem o sr. Sousa Neves de na sessão de hontem pretender lançar veneno sobre o pessoal em contraste com o que dissera no comicio de ha dias, aconselhando então o pessoal a manter-se firme nas suas reinvindicações.

Sobre a situação da greve diz o orador continuar estacionaria.

Entende que já que o governo com a sua intervenção nada veiu contribuir para a solução da greve ela no decorrer desta questão que se conserve neutro nas lutas entre o capital e o trabalho que o pessoal com a sua firmeza e persistencia hade sair triunfante deste movimento.

Informa que sendo importantes as demarches encetadas hontem pela comissão de melhoramentos do que hoje tem feito são ainda de mais alta importancia.

O orador diz que a greve continuará até que alguem se lembre de terminar com este estado de coisas.

Rende depois a sua homenagem ao «Seculo» por ter, segundo disse o orador, publicado noticias que teem sido apenas a expressão da verdade, lamentando que na sessão de hontem alguem ali pronunciasse palavras que ninguem pode perfilhar, apresentando as suas homenagens e as suas desculpas ao representante do «Seculo» ali presente por as palavras proferidas por um orador na sessão de hontem.

E' fala-o em nome da comissão de melhoramentos, com o aplauso de toda a assembléa.

O sr. Carlos Fortes faz um ataque cerrado á Camara e ao vereador sr. José dos Santos, no que é vivamente apoiado.

Pede aos representantes da imprensa que firmem bem nos seus jornais que ao pessoal da Carris lhes inspira o sr. José dos Santos a maior repugnancia por em todas as sessões da Camara pedir a palavra apenas para injuriar os grevistas.

O sr. Antonio Casteiro, lê uma interessante exposição sobre o que pensa acerca da situação.

O presidente aconselha a todos a maior união e firmeza até á victoria, erguendo vivas á gréve e á imprensa seria e honesta que pela assembleia são entusiasticamente secundados, encerrando-se em seguida a sessão.

Duas horas depois do conselho de ministros conferenciaram o presidente do ministerio e o sr. Freire de Andrade e José dos Santos.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu hontem, em sua casa, na rua Marques da Silva, 67, 1.º, o sr. José Augusto de Carvalho, que contava 72 anos de edade e deixa viuva a sr.ª D. Cipriana Maria de Albuquerque Carvalho.

O cadaver ficou hoje na capela do cemiterio do Alto de João, realisando-se amanhã, ás 11 horas, o funeral.

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Tendo-se procedido hoje em conformidade com os estatutos deste Banco ao sorteio das obrigações de 4 1/2 %, e de 6 %, foram extraidos os numeros que constam do anuncio no Diario do Governo e nas relações afixadas no edificio do Banco.

São prevenidos os srs. portadores de obrigações de que a começar no 1.º de Julho de 1921, faz-se o pagamento na Séde do Banco em todos os dias uteis, (excluindo as quintas-feiras destinadas a atrazados) das 10 ás 12 e das 13 1/2 ás 14 1/2 e nos sabados das 10 ás 12, nas suas Filiaes e Agencias do Continente, o pagamento do juro de todas as obrigações e o da amortisação das sorteadas que deixam, IPSO FACTO, de vencer o juro a contar do dia 1 de Julho de 1921.

Egualmente serão pagos os coupons de 4 1/2 % e da amortisação das respectivas obrigações na Filial deste Banco em Londres, contra a apresentação dos coupons ou titulos.

Lisboa, 27 de Junho, de 1921.

O Vice-Governador,

(a) *Henrique José Monteiro de Mendonça*

Banco Colonial Português

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado esc. 10.000.000$00

DIVIDENDO do 1.º semestre de 1921 por c/ do exercito do corrente ano

4 % ou Esc. 4$00 por cada acção livre de impostos

O pagamento deste dividendo effectua-se todos os dias a começar em 1 de Julho proximo, das 10 ás 12 e das 13 1/2 ás 15 horas, excepto aos sabados destinados ao pagamento de dividendos atrazados, em Lisboa na séde do Banco, e no Porto em casa dos nossos agentes srs. Pinto e Sotto Mayor.

Pede-se aos srs. Accionistas para relacionarem as acções nominativas, portador, ou de conpou, respectivamente, em recibos separados.

Lisboa, 28 de Junho de 1921.

Pelo BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

Os Directores

(a) *José Francisco da Silva*

(a) *Henrique Ferreira*

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Sociedade anonima-Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 934 365$00

Nos termos do artigo 13.º dos Estatutos se faz publico que no sorteio das obrigações da série «Mirandela-Bragança» a que se procedeu em 15 do corrente, sairam sorteados os numeros: 42.036 a 42.100, 45.906 a 45.910 e 49.011 a 49.015.

O pagamento dos juros e amortisação deste serie relativo ao 1.º semestre de 1921 (coupon 36), começará no dia 1 de julho p. f. em Lisboa, na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, 35, 1.º, das 11 ás 14 horas, e continuará em todos os dias uteis até 15 do referido mez, excepto aos sabados e depois ás sextas-feiras para as relações conferidas em cada semana. Este pagamento tambem se realisa no Porto na Filial do Banco Nacional Ultramarino.

No acto do pagamento será descontada a avença de contribuição de registo que fôr devida e o equivalente a 50 por cento dos termos da lei.

Lisboa, 17 de junho, de 1921.

O Director de Serviço,

Pedro Joyce Diniz.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios; — nas preveredes digestivas derivadas das doenças infecciosas; — na convalescença das febres graves; — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacilo, nem nenhuma das especies pathogenea que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se somente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo e unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral-Farmacia Luso Brazileira-Praça de S. Paulo, 20 e 22-Telef. 1676.